

MANUEL HELENO

PIONEIRO DO ENSINO E DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM PORTUGAL (1923-1964)

João Luís Cardoso (ed.)

Luís Raposo
Nuno Bicho
Carlos Fabião

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA | IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA



MANUEL HELENO

PIONEIRO DO ENSINO E DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM PORTUGAL (1923-1964)

João Luís Cardoso (ed.)

Luís Raposo

Nuno Bicho

Carlos Fabião

CARDOSO, João Luís. 1956-

RAPOSO, Luís. 1955-

BICHO, Nuno. 1965-

FABIÃO, Carlos. 1959-

Manuel Heleno, pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal (1923-1964). — Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2013. — ... p.: il, 28 cm. —

(Suplemento a «O Arqueólogo Português»; ISSN 0874-579X; 8)

ISBN 978-972-27-2248-3

Foto da capa: Manuel Heleno proferindo a última lição na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (10 de novembro de 1964). Foto do Arquivo do *Diário de Notícias*.

Suplemento n.º 8 a «O Arqueólogo Português»

EDITOR CIENTÍFICO

João Luís Cardoso

AUTORES

João Luís Cardoso

Luís Raposo

Nuno Bicho

Carlos Fabião

DIRETOR

António Carvalho

COORDENAÇÃO

Ana Ávila de Melo

Luís Raposo

DESIGN GRÁFICO

Artlandia

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

INCM

TIRAGEM

500 exemplares

Todos os direitos reservados ao abrigo do Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos

ISBN 978-972-27-2248-3

ISSN 0874-579X

Depósito legal n.º 3161/83

Impresso em novembro de 2013

Museu Nacional de Arqueologia
Praça do Império
1400-260 Lisboa
Portugal
Tel.: 213 620 000 Fax: 213 620 016
E-mail: diretor@mnaarqueologia.dgpc.pt
www.museuarqueologia.pt

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa
Portugal
Tel.: 217 810 700
E-mail: editorial.apoiocliente@incm.pt
www.incml.pt



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Direção-Geral do Património Cultural

**MUSEU
NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA**

INCM
IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA

Índice

RESUMO	7
ABSTRACT	9
1. PRÓLOGO João Luís Cardoso	11
2. O PROFESSOR DE ARQUEOLOGIA E DE PRÉ-HISTÓRIA (1923-1964) João Luís Cardoso	17
3. ASPETOS METODOLÓGICOS DO SEU ENSINO Nuno Bicho e Luís Raposo	29
4. A HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA VISTA PELAS SUAS AULAS João Luís Cardoso	37
5. ASPETOS RELEVANTES DO SEU ENSINO NO DOMÍNIO DA PRÉ-HISTÓRIA ANTIGA Luís Raposo e Nuno Bicho	41
6. ASPETOS RELEVANTES DO SEU ENSINO NO DOMÍNIO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE João Luís Cardoso	55
7. O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO VISTO ATRAVÉS DO SEU PROCESSO INDIVIDUAL DA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA Carlos Fabião	63
AGRADECIMENTOS	73
FIGURAS	75
BIBLIOGRAFIA	93
ANEXO I — Lição inaugural da «Cadeira de Arqueologia» (1926/1927)	99
ANEXO II — Fichas das disciplinas de Arqueologia e de Pré-História	171

Resumo

Manuel Heleno (1894-1970) iniciou a sua carreira universitária como Assistente Provisório de Arqueologia da Universidade de Lisboa, em 1923; em 1929, foi nomeado Diretor interino do Museu Etnológico substituindo o seu fundador e primeiro Diretor, José Leite de Vasconcelos; em 1964 foi atingido pela legislação relativa à cessação de funções públicas por limite de idade, a mesma que o haveria de afastar da Direção da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de Professor catedrático de Arqueologia e de Pré-História.

Ao longo das quatro décadas em que assegurou a lecionação da disciplina de Arqueologia naquela Universidade, e das três décadas e meia em que foi Diretor, por inerência, do Museu Nacional de Arqueologia, então estabelecimento anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a imagem que os seus detratores transmitiram para a generalidade dos vindouros — exceto para os que com ele conviveram ou trabalharam de perto — foi de um professor, frio e distante.

E, no entanto, a possibilidade de estudo detalhado dos seus cadernos veio contrariar aquela imagem. Tais cadernos, em boa hora adquiridos pelo Estado em 1998, através do Museu Nacional de Arqueologia, vieram comprovar um arqueólogo que, afinal, procedia ao registo sistemático das suas escavações e observações, ao contrário do que até então era voz corrente, revogando a ideia de um arqueólogo descuidado e ausente. A prova é a assinalável informação deles entretanto aproveitada, que suportou a elaboração de diversas dissertações, tanto de mestrado como de doutoramento.

Essa nova visão do arqueólogo, veio a ser completada pela reapreciação da dimensão do professor, cujo perfil a documentação agora publicada permitiu traçar, pela primeira vez de forma límpida e rigorosa, confirmando a opinião já anteriormente apresentada pelo seus mais próximos discípulos, como o Dr. Fernando Castelo-Branco e o Dr. M. Farinha dos Santos.

A publicação integral dos seus apontamentos da disciplina de Pré-História, redigidos em 1926/1927, e depois anotados, alterados e melhorados ao longo de toda a década seguinte, pertencente ao Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, foi acompanhada por notável conjunto de fichas, adquiridas igualmente em 1998, onde se encontram registados os tópicos das suas aulas de Arqueologia e de Pré-História, lecionadas anualmente desde 1948 até 1964 (ano da sua jubilação). O cuidado e pertinência com que as matérias se encontram enunciadas, e a sequência lógica da sua apresentação, exprimem a atualização bibliográfica permanente dos conhecimentos científicos de Manuel Heleno, sempre atento aos progressos verificados tanto na metodologia das escavações, como na aplicação de conhecimentos de outras ciências à Arqueologia, designadamente da Geologia e da Biologia, para além de novas técnicas analíticas, como o método do radiocarbono, exposto aos seus alunos imediatamente depois da sua des-

coberta nos EUA. Além destas matérias do foro metodológico, Manuel Heleno privilegiou a apresentação, em primeira mão, aos seus alunos, dos resultados das suas próprias investigações arqueológicas, que nalguns casos jamais publicou, contrariando as ideias até agora dominantes. Pelo contrário, a sua generosidade e a genuína dedicação à sua profissão e à Arqueologia levaram-no, por um lado, a fazer confiança nos seus alunos, confiando-lhes resultados inéditos dos seus próprios trabalhos e, por outro lado, a recusar, no zénite do seu prestígio académico, o alto cargo de Ministro da Educação Nacional.

Exemplo de uma invulgar acuidade e intuição para a análise das grandes questões da Arqueologia e, em particular, da Pré-História do seu tempo, são a proposta sobre o faseamento do Paleolítico Superior português, cuja revelação, na prática, se lhe fica a dever, em resultado das escavações prolongadas que efetuou na região de Rio Maior; a ascendência europeia das indústrias mesolíticas do nosso território, contrariando, com inteira razão, as conceções de grandes pré-historiadores como H. Obermaier ou P. Bosch-Gimpera, que viam nelas influências norte-africanas; e o faseamento e antiguidade do Neolítico e do megalitismo alentejano, que antecedeu em várias décadas as conceções atualmente vigentes sobre o mesmo, contrariando a ideia então generalizada entre pré-historiadores europeus, como G. Daniel. Bastaria qualquer um dos contributos enunciados ao longo do seu longo magistério universitário, como a documentação ora publicada bem ilustra, para colocar Manuel Heleno ao nível dos mais importantes arqueólogos europeus dos meados do século xx. Este acervo ilustra, enfim, o desempenho que se espera presentemente de qualquer Professor universitário prestigiado: a aliança entre as matérias lecionadas e os resultados das investigações próprias. De facto, até neste aspeto foi genuíno e pioneiro o seu magistério, contrastando com a realidade então dominante.

Abstract

Manuel Heleno (1894-1970) began his academic career as Assistente Provisório (a type of teacher-assistant) of Archaeology at the University of Lisbon in 1923. In 1929 was appointed Acting Director of the Ethnological Museum replacing its founder and first director, José Leite de Vasconcelos, who by law had to resign due to age limit. That same law forced Heleno to resign from Director of the Museum and as Full Professor and Dean of the Faculty of Letters, University of Lisbon, in 1964.

During the four decades that taught the course of Archaeology at the Lisbon University, and the three and a half decades in which he was Director of the National Museum of Archaeology, then attached to the Faculty of Letters, University of Lisbon, the image transmitted to all (by his detractors) — except to those who knew him or worked closely — was of a teacher, cold and distant, even absent, little motivated to prepare their lessons and even less for those who might have asked for his help.

The detailed study, however, of his notebooks, acquired by the state in 1998, through the National Museum of Archaeology, have demonstrated an archaeologist who, after all, proceeded to the systematic recording of their excavations and observations, contrary to what was until then the current voice, revoking the idea of a careless and absent archaeologist. The proof is the remarkable information present in them which helped the development of several dissertations, both at the masters and doctoral levels.

Like the new recent view of Heleno as archaeologist, also the teacher dimension came to be reviewed based on new documentation presented in this study. It allowed, for the first time, a clear and accurate perspective of a high quality and prepared academic, confirming the opinion previously presented by his closest disciples, Fernando Castelo-Branco and M. Farinha dos Santos.

The full publication of his notes of the discipline of Prehistory, written in 1926/1927, and then noted, changed and improved over the next decade, belonging to the Historical Archive of the National Museum of Archaeology, was accompanied by a remarkable set of individual cards, also acquired in 1998, where one can find the topics of his lectures of Archaeology and Prehistory, taught annually from 1948 and 1953 to 1964 (the year of his retirement). The care and relevance on the description of matters that are listed, and the logical sequence of their presentation, show the permanent updating of Manuel Heleno's scientific literature, always attentive to developments in both the methodology of excavation, as the application of knowledge of other sciences to Archaeology, particularly geology and biology, as well as new analytical techniques, such as the radiocarbon method, exposed to students immediately after its discovery in the US. In addition to these methodological matters and contrarily to what was commonly believed, Manuel Heleno firsthand presented to his students the results of his own archaeological investigations, some of which were never published. Rather, his generosity and genuine dedica-

tion to their profession and to archaeology led him, on the one hand to trust his students with his unpublished results and, on the other hand, to refuse, at the peak of his prestigious academic career, the high post of Minister of National Education.

Example of an unusual acuity and intuition in the analysis of major issues of archaeology and of the Prehistory of his time, in particular of the phasing of the Portuguese Upper Paleolithic as a result of the many excavations carried out in the region of Rio Maior; the connection of the Portuguese Mesolithic to the European contexts contrary, quite rightly, to the conceptions of world famous prehistorians like H. Obermaier or P. Bosch-Gimpera who saw in them North African influences; and the origin, timing and phasing of the Neolithic and Megalithism from Alentejo, perspectives that preceded the current prevailing conceptions for various decades, contradicting the idea so widespread among European prehistorians as G. Daniel. Any of the above listed contributions during his long teaching career, such as documentation now published, that is sufficient to place Manuel Heleno in the group of the most important European archaeologists of the mid-twentieth century. This collection of his writings illustrates well the performance expected today from any prestigious university professor: the subjects taught are the results of one's research itself. In fact, even at this level his work was genuine and pioneering, contrasting with the reality then dominant.

1. Prólogo

JOÃO LUÍS CARDOSO¹

A presente obra teve como origem o já longínquo ano de 1998, altura em que adquiri a livreiro-alfarrabista de Lisboa o conjunto das fichas de aulas proferidas pelo Prof. Doutor Manuel Heleno (1894-1970) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde exerceu funções docentes entre 1923 e 1964, ano em que foi aposentado por ter atingido o limite de idade. Tal documentação, foi agora integralmente transcrita, correspondendo ao anexo II desta obra. Era constituída quase exclusivamente por muitas dezenas de fichas autógrafas de cartolina lisa, com o formato de 17,3 cm por 11,5 cm, escritas ao alto, que correspondiam a apontamentos destinados à leção de duas das disciplinas asseguradas por aquele Professor, as de Arqueologia e de Pré-História, tendo a primeira sido anteriormente regida pelo seu Mestre, o Doutor José Leite de Vasconcelos, e a segunda resultado da sua própria iniciativa, em meados da década de 1950, visando conferir formação mais completa dos alunos de História daquela Instituição. Com efeito, fiel ao seu princípio, depois várias vezes proclamado perante sucessivas audiências, de que a Pré-História faz parte integrante da História, fazia todo o sentido reforçar a sua leção numa Faculdade de Letras, visão que deu os seus frutos na década seguinte, com os primeiros pré-historiadores formados por aquela Faculdade, alguns deles ainda em atividade.

Face à inegável importância documental deste espólio, desde logo considerei importante a sua publicação. Assim, em 2001 providenciei a respetiva transcrição em suporte digital, de que se encarregou o Sr. José Carlos Henrique. Entretanto, outras tarefas se avolumaram, e, face à necessidade de se assegurar previamente a edição de tão volumosa obra, a sua preparação teve de aguardar oportunidade mais favorável.

Em 2011, quando já preparava para publicação este importante acervo, fui informado pelo Dr. Luís Raposo da existência, no Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, de que então era Diretor, de um manuscrito de Manuel Heleno, constituído por 158 linguados em papel pautado com numeração seguida, com o título «Lição inaugural da cadeira de Arqueologia» relativo ao ano letivo de 1926/1927. Tal documento, contendo numerosos acrescentos e interpolações introduzidos pelo autor em anos letivos sucessivos, até finais da década de 1930/inícios da década de 1940, foi agora integralmente transcrito, correspondendo ao anexo I.

Logo parcialmente publicado pelo próprio (Heleno, 1925-1926) inicia-se com o sumário da referida Lição, a que se sucede todo o programa da disciplina referida, destinado à apresentação naquele ano e nos seguintes, já que o texto — de assinalável detalhe e objetividade na apresentação das matérias — evidencia numerosas interpolações ulte-

¹ Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

riores, nalguns casos seguramente da década de 1930 tendo presente as datas das obras citadas. Considerou-se, assim, que este importante documento parcialmente inédito não poderia deixar de ser também publicado conjuntamente com as referidas fichas, garantindo-se assim uma visão clara e completa da lecionação de Manuel Heleno na Faculdade de Letras — onde se viria a doutorar em 1933 com uma tese que quase nada tem a ver com a Arqueologia (Heleno, 1933a) — ao longo de toda a sua carreira docente. Da referida transcrição, igualmente por mim providenciada, se encarregou o técnico acima referido, com a eficiência e qualidade já antes demonstradas.

Era evidente que, para abarcar de forma adequada a diversidade das matérias tratadas nas fichas, importava constituir uma equipa integrada pelos arqueólogos que melhor soubessem valorizar o manancial da informação apresentada pelo Prof. Doutor Manuel Heleno, a qual em muitos casos se manteve inédita, conhecida a aversão do Mestre à palavra escrita. Foram, assim, convidados os colegas Luís Raposo e Nuno Bicho, reconhecidos especialistas nos campos em que foi solicitada a sua intervenção (Metodologia Arqueológica e Pré-História Antiga), para além dos contributos que me propus desde logo redigir, relativos ao papel da História da Arqueologia e da Pré-História recente na lecionação de Manuel Heleno. O conjunto não ficaria, porém, completo se não incluísse, além da sua biografia como docente, traçada por Carlos Fabião, outro colega por mim convidado, com base no seu Processo Individual até ao presente inédito, conservado na Secretaria da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, um capítulo de carácter geral, que me coube ainda elaborar, que abarcasse os aspetos mais relevantes — e tantos foram, por vezes mesmo imprevisíveis — do ensino de Manuel Heleno.

Crê-se que, com a presente publicação, se conseguiu apresentar de forma rigorosa a figura de Manuel Heleno enquanto Professor de Arqueologia e de Pré-História, que até agora se encontrava deturpada por tantos e tantos anos de ideias feitas, desprovidas de fundamento, apesar dos esforços dos seus biógrafos, especialmente de F. Castelo-Branco, seu discípulo e amigo (Castelo-Branco, 1970, 1988). Em trabalho dedicado a um dos seus discípulos, o Prof. Manuel Farinha dos Santos, declarei há mais de 10 anos que a figura de Manuel Heleno ainda se encontrava muito longe de ser cabalmente conhecida (Cardoso, 2001-2002), o que era plenamente verdade, como agora se comprova.

Deste estudo emerge, pela primeira vez, a imagem de um Professor dedicado e competente, permanentemente atento à marcha dos conhecimentos das matérias que lecionou, compaginando-os com os resultados da sua prodigiosa atividade como arqueólogo de campo. Corporizou, assim, aquilo que se deseja de um Professor Universitário nos dias de hoje, integrando a investigação própria de forma harmónica no seu ensino, numa época em que tal prática ainda não era usual. Com efeito, M. Heleno foi, por via das escavações que empreendeu, o arqueólogo que mais contribuiu para o progresso de conhecimentos da arqueologia portuguesa da sua época. E foi também aquele — sabemos-lo agora — que detinha a visão mais sólida e perfeita desta no quadro peninsular e europeu, por via da sua permanente atualização bibliográfica e dos contactos pessoais que ao longo de décadas manteve com os mais eminentes arqueólogos europeus, especialmente do País vizinho, interessados em reunir elementos sobre arqueologia portuguesa.

Manuel Heleno foi contratado em julho de 1923 como Assistente Provisório da Faculdade de Letras de Lisboa por proposta do seu Mestre José Leite de Vasconcelos, aprovada na sessão do Conselho Escolar de 8 de maio daquele ano para, no ano letivo

de 1923/1924, e em regime de acumulação com o cargo de Conservador do Museu Etnológico, por este dirigido, e também com o cargo de professor do Ensino Secundário, lecionar diversas disciplinas naquela Faculdade. Assim, logo no primeiro ano da sua colaboração em regime de acumulação, encarregou-se das disciplinas de Paleografia e Numismática, e de parte da disciplina de Arqueologia, por motivo da missão de Leite de Vasconcelos aos Açores, em maio de 1924, de que resultaria a sua conhecida obra «Mês de sonho», publicada em 1926 (Vasconcelos, 1926). Esta última disciplina lecionou-a, tal como as outras, nos anos seguintes, a que se somou a de Epigrafia, para além da de História de Portugal e História dos Descobrimentos e Colonização Portuguesa, ao contrário do verificado com as de Paleografia e Diplomática e de Numismática, apesar de ter providenciado em 1924, a publicação da lição inaugural desta última disciplina (Heleno, 1924).

Em 1928 abdicou do cargo de Conservador do Museu Etnológico, em que havia sido provido por concurso público em 1921 (Castelo-Branco, 1988, p. 18, nota 12), por via da lei das incompatibilidades, optando por manter o seu lugar de professor efetivo do Liceu de Passos Manuel, lugar a que, por sua vez, haveria de renunciar, logo no ano seguinte, em benefício do anteriormente desempenhado no Museu Etnológico. Porém, a sua atividade letiva na Faculdade de Letras de Lisboa não sofreu qualquer percalço, já que era desempenhada em regime de acumulação. Por ela viria a optar definitivamente em julho de 1930, ao ser contratado como Professor Auxiliar, cargo que, por inerência, lhe conferia a direção do Museu Etnológico, substituindo Leite de Vasconcelos, atingido no ano anterior pela legislação relativa ao limite de idade, que o obrigou a abandonar aquela instituição de que fora o fundador. Com efeito, a direção interina daquele Museu, que lhe fora entregue por decreto publicado a 25 de maio de 1929, haveria de converter-se em definitiva, por decreto publicado a 16 de agosto de 1930 (Castelo-Branco, 1988, p. 18), assumindo-se, assim, tanto no Museu, como na Faculdade, o mais direto continuador do Mestre.

Em julho de 1933 prestou provas de doutoramento naquela que já era a sua Faculdade, com a tese «Os escravos em Portugal», cuja primeira e única parte publicada remonta ao referido ano (Heleno, 1933a), tendo sido arguentes os Doutores Damião Peres e Agostinho Fortes. De imediato, foi aberto, ainda nesse mesmo mês de julho, concurso para Professor Catedrático, que viria a ganhar, por decisão unânime do Júri, reunido no último dia desse mês (Castelo-Branco, 1970, p. 19, nota 1). Viria a exercer tais funções em continuidade e na mesma Escola desde aquela data até ao dia 10 de novembro de 1964, em que se jubilou.

Não se pode ignorar, nesta ascensão fulgurante, o papel desempenhado por Leite de Vasconcelos, que o considerava como seu discípulo mais próximo: com efeito, na ata da reunião do Conselho Escolar da Faculdade, realizada a 22 de março de 1929, Leite de Vasconcelos deixou expressa a vontade de ver Manuel Heleno nomeado Diretor do Museu e Professor Auxiliar (nota manuscrita do próprio Manuel Heleno, *in* Gago, Martinho e Raposo, no prelo, p. 47), o que lhe abriu o caminho para a cátedra, logo que concluído o doutoramento, objetivo que também beneficiou do forte patrocínio do Mestre (Fabião, neste volume).

As intensas atividades letivas e as inerentes à direção do Museu Etnológico tiveram de ser compaginadas, desde muito cedo, com diversos cargos de gestão universitária, de

que se destaca o de Diretor da Faculdade de Letras de Lisboa, desde 24 de outubro de 1960 até à data da sua jubilação, depois de, por duas vezes, em 1959 e naquele mesmo ano de 1960, ter desempenhado aquele cargo interinamente, na qualidade de Professor Decano da Faculdade. E facilmente se podem imaginar as dificuldades que enfrentou no exercício daquele cargo, não só as decorrentes da coordenação da transferência das instalações da Faculdade do velho edifício da Academia das Ciências de Lisboa para o novíssimo edifício da Cidade Universitária, mas sobretudo as relacionadas com a crise estudantil da academia de Lisboa nos inícios daquela década, com o envolvimento direto dos estudantes da sua Faculdade.

Depois da jubilação, quando encarou a possibilidade de, finalmente, se dedicar à publicação do notável manancial de informação por si coligido, já era tarde: embora continuasse a desempenhar um papel ativo na gestão da atividade arqueológica em Portugal, mormente como Vice-Presidente da Academia Portuguesa da História e Procurador, em representação desta Academia, à Câmara Corporativa, bem como no projeto da Carta Arqueológica de Portugal, patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian, viria a falecer, em 1970, sem ter conseguido concretizar aqueles seus desígnios, para o que terão concorrido também algumas dificuldades, contra si criadas, por parte do seu sucessor tanto na Faculdade de Letras como no Museu. Mas seus preciosos cadernos de campo, que por muito tempo foram considerados como imaginários, foram em boa hora adquiridos em 1998 pelo Estado a um particular a quem haviam sido cedidos pelo filho do ilustre Professor, juntando-se, enfim, na mesma instituição — o Museu Nacional de Arqueologia — aos correspondentes espólios arqueológicos, servindo desde então a assinalável número de trabalhos académicos, que o Mestre não conseguiu em vida realizar.

Apesar de não ter deixado a monumental obra literária que o volume dos seus conhecimentos e da sua prodigiosa atividade de campo justificariam e impunham, por razões que só se podem explicar, por um lado, pela sua falta de gosto pela palavra escrita, e, por outro, pelas tarefas administrativas e académicas que foi sendo progressivamente solicitado a desempenhar, nem por isso deixou de transmitir os conhecimentos que ia paulatinamente acumulando aos seus alunos de forma laboriosamente sistematizada, que muitas vezes os ouviam em primeira mão. Tais aulas, tudo o indicam, decorriam despreziosa e serenamente, conforme a sua personalidade, tais como as proferidas, antes dele, pelo seu Mestre, o Doutor José Leite de Vasconcelos: e se é certo que o Discípulo não desmereceu a confiança que o Mestre desde o princípio nele depositou, também se pode afirmar — sabemos-lo agora — que, tal como aquele, o Professor esteve à altura do Arqueólogo.

* * *

Além dos 158 linguados respeitantes ao sumário, bibliografia e conteúdos programáticos da disciplina de Arqueologia, pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia e integralmente transcritos (ANEXO I) (Figs. 1 e 2), a restante documentação, igualmente transcrita na íntegra, como atrás se referiu (ANEXO II), corresponde às aludidas fichas, que contêm os tópicos que M. Heleno considerou necessários para apoiar a exposição de duas das disciplinas de que foi o regente por muitos anos, respeti-

vamente a disciplina de Arqueologia e a de Pré-História. O acervo conserva a documentação respeitante aos seguintes anos letivos:

Disciplina de Arqueologia:

- 1948/1949 — Fichas 1 a 108 e «a» a «h» (Figs. 3, 4 e 5);
- 1950/1951 — Fichas 1 a 6, remetendo para as fichas «a» e seguintes, de 1948/1949;
- 1953/1954 — Fichas 1 a 63, remetendo para as fichas «a» e «b» de 1948/1949 (Figs. 6 e 7);
- 1954/1955 — apresenta-se apenas o Programa da disciplina, o Programa do Curso prático e a respetiva bibliografia, para um e outro, separadamente;
- 1955/1956 — apresenta-se apenas o Programa da disciplina, centrado na «Formação do Povo Português» e a respetiva bibliografia;
- 1956/1957 — Fichas 1 a 15;
- 1958/1959 — Fichas 145 a 223, seguidas das Fichas F1 a F9, com o resumo dos conteúdos programáticos, afigurando-se síntese notável; não se evidencia qualquer lacuna neste conjunto, correspondendo a Ficha 145 ao início do Programa, pelo que não se compreende a razão de ser do critério adotado.

Disciplina de Pré-História:

- 1953/1954 — Fichas 4 a 6 e 8;
- 1957/1958 — Fichas 1 a 10 (Fig. 8);
- 1958/1959 — Fichas 1 a 7 (Fig. 9);
- 1959/1960 — Fichas 1 a 7 e «a» a «c»;
- 1963/1964 — Ficha 4 e única (Fig. 10), correspondendo ao último ano em que lecionou, atingido pelo limite de idade para o exercício de funções públicas.

Existem ainda diversas fichas soltas sobre Pré-História, que nalguns casos não foi possível relacionar com o ano letivo respetivo, pelo que, nestes casos, se transcrevem no final: correspondem às Folhas 1* a 25*; I a III; δ e δδ e 1 a 3.

No tocante a regras de transcrição, respeitou-se a grafia original de todos os documentos, excetuando-se situações em que uma mesma palavra aparecia grafada de diferentes maneiras — como é sobretudo o caso dos nomes das culturas ou dos tecnocomplexos arqueológicos — tendo-se optado nestes casos pela sua normalização. Palavras que se mantiveram ilegíveis, apesar dos esforços desenvolvidos na transcrição, foram assinaladas com quatro pontos de interrogação entre parêntesis retos. Relativamente à transcrição dos cartões das aulas lecionadas nos sucessivos anos letivos, utilizaram-se os seguintes critérios: i) todo o texto que se encontra sublinhado a cor diferente da utilizada no original foi transcrito a itálico; ii) todo o texto que se encontra inserido posteriormente foi colocado entre parêntesis curvos, a negrito e itálico.

As primeiras versões das transcrições de toda a documentação foram revistas por todos os autores, cabendo-me, como editor da obra, proceder à revisão final do trabalho executado, o que não significa que não tenham escapado quaisquer imprecisões, sempre inevitáveis em obra de natureza tão exigente como esta.

2. O Professor de Arqueologia e de Pré-História (1923-1964)

JOÃO LUÍS CARDOSO

«A Arqueologia não é uma ciência livresca, estática, erudita: o seu campo é toda a terra: serras e planícies, desertos e florestas; o seu arquivo a natureza»

Manuel Heleno, Ficha 4 da disciplina de Arqueologia, ano letivo de 1950/1951

A figura de Manuel Heleno desenha-se, face às fichas das aulas preparadas para os seus alunos das disciplinas de Arqueologia e de Pré-História, de modo totalmente diferente daquele que foi até agora o seu «retrato oficial». Logo no Programa da disciplina de Arqueologia, apresentado no ano letivo de 1926/1927, cuja lição inaugural publicou (Heleno, 1925-1926), se evidencia o detalhe das matérias lecionadas, a sua coerência interna e a atualização patenteada, alicerçada nas mais recentes descobertas e teorias, mas por certo desfasado para a mentalidade e interesses dos estudantes a que se destinava. Tais características de rigor e sistematização dos conhecimentos apresentados aos seus alunos, manteve-as M. Heleno até à sua última lição, proferida em 1964. De facto, observa-se nítida preocupação por exposição clara e objetiva das matérias, sejam elas a discussão sobre as primeiras indústrias líticas, ou a posição do Homem na escala evolutiva dos Primatas, as quais, à partida, não eram familiares a Heleno. Estudou-as detalhada e esforçadamente, com base na bibliografia que lhe foi possível reunir; e essa postura manteve-a também ao longo dos anos, acompanhando a par e passo as novidades que iam surgindo, das quais se mantinha plenamente atualizado. Por exemplo, a discussão sobre o estatuto do Homem de Pequim (*Sinanthropus*) foi abordada pouco depois da publicação da descoberta, por H. Breuil (publicação que cita), e a questão da falsificação do Homem de Piltdown foi apresentada nas suas aulas logo que se soube da fraude cometida. A mesma preocupação pela sistematização, tornando por essa via mais compreensíveis os conceitos, já de si complexos, que de outra forma se afigurariam áridos e desconexos para estudantes cuja cultura científica era praticamente nula, se evidencia na sistematização da ocupação pré-histórica do território português, ordenando cronologicamente as estações com base na caracterização das respetivas indústrias, para além da natureza das estações e das respetivas arquiteturas, a partir do Neolítico.

Tendo consciência de que, no quadro da disciplina de Arqueologia, o que mais interessava transmitir aos seus alunos era uma visão da Pré-História portuguesa, tal opção justificou a larga importância que lhe foi conferida, ao longo dos anos. As matérias integraram, de forma mais ou menos desenvolvida, elementos relacionados com a Antropogénese, bem como conhecimentos práticos sobre a metodologia a adotar nos diversos tipos de escavações, incluindo todos os procedimentos a elas associados, desde a preparação do terreno até aos equipamentos mais adequados para as realizar. A Pré-História, como disciplina independente, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, só

terá surgido, de acordo com os registos conservados, no ano letivo de 1953/1954, conquanto muitas das matérias ali lecionadas já integrassem a sua homóloga de Arqueologia, cuja regência deteve, ininterruptamente, desde 1923, ano em que iniciou a sua carreira docente na Faculdade de Letras de Lisboa.

Com o acumular da experiência prática, advinda das importantes escavações arqueológicas que dirigiu em Portugal, a partir de inícios da década de 1930, desde o Paleolítico Superior até à Alta Idade Média, procurou transmitir aos seus alunos os métodos que utilizou em cada caso, enunciando assim os princípios que presidiram à escavação de grutas, povoados, necrópoles, dólmenes, apesar de, sobre tais intervenções, muito pouco ter publicado: os seus alunos foram quase as únicas testemunhas do notável labor por si desenvolvido no terreno, não se cansando de lhes inculcar o espírito científico que deve presidir à realização de qualquer intervenção arqueológica:

«Não basta saber a profundidade dum ou outro objecto. É preciso seguir rigorosamente a irregularidade da estratigrafia»

princípio ainda hoje nem sempre seguido, antecedendo a enunciação de um conjunto de regras práticas, entre as quais merecem destaque, pela sua modernidade, o princípio de recorrer a antropólogo na remoção de restos humanos. Inovadora foi também a sua percepção, logo em 1953/1954, da possibilidade de reconstituição dos cenários em que se moveu o homem pré-histórico, correspondentes a cada uma das camadas do registo estratigráfico, as quais «serviram de palco a seres humanos e que nos dão a explicação da posição dos objectos», numa evidente inspiração em André Leroi-Gourhan, cujo manual *Les fouilles préhistoriques* tinha acabado de aparecer (Leroi-Gourhan, 1950) (Fig. 11).

As escavações providenciariam assim o conhecimento dos sucessivos ambientes conhecidos pela estação ao longo do tempo (chamou-lhe «aventuras»...). Foi, pois, o introdutor de uma área atualmente em plena afirmação: a dos estudos tafonómicos e paleoambientais, o que constitui mais uma evidência da modernidade do ensino de M. Heleno no campo da Arqueologia e da Pré-História, a par da preocupação, que sempre inculuiu nos seus alunos, da importância de caracterizar os contextos arqueológicos. Tal preocupação nota-se logo na lição inaugural da cadeira de Arqueologia, de 1927, valorizando o método estratigráfico numa escavação arqueológica, bem como no registo dos objetos que se forem encontrando, com a crivagem integral de toda a terra retirada, bem como a conservação de um testemunho «para mais tarde poder comprovar[-se] o trabalho realizado». E não era em vão que acentuava sempre a importância do controlo estratigráfico de qualquer escavação arqueológica, exemplificando no ano letivo de 1953/1954 com o curioso exemplo das escavações da necrópole romana de Pombal (Monforte), por si dirigida, onde ocorriam lâminas e pontas de seta de sílex aparentemente associadas a esqueletos bem conservados, mas que facilmente se explicaram por terem as respetivas sepulturas romanas sido abertas em estrato arqueológico de um povoado pré-histórico...

Assim, logo na década de 1920, foi o precursor da valorização do objeto dentro do seu contexto, preconizando, no que se refere à sua classificação, o recurso ao método comparativo, incluindo comparações etnográficas para que o significado daquele se compreenda em plenitude, embora muitos anos depois, em 1953/1954, chame justamente a atenção para as limitações de tal método. Com efeito, se é a reconstrução da vida

económica, social, intelectual e espiritual do Homem o que importa conhecer, por via da Arqueologia (citando, a tal propósito, a obra clássica então recentemente publicada de G. Clark, *Archaeology and Society*), considera que «não existem [na atualidade] Culturas iguais às pré-históricas», podendo no entanto a abordagem etnoarqueológica ser inspiradora de caminhos úteis para a compreensão do registo arqueológico. Com efeito, mais tarde, no ano letivo de 1958/1959, assinala, nas fichas da disciplina de Pré-História, pela primeira vez, os exemplos das comunidades primitivas atuais encontradas nas Canárias, Brasil e África do Sul, mencionando também as ruínas do Zimbabué, descritas pela primeira vez no século XVI pelos Portugueses.

Mas, para que os mínimos vestígios do passado pudessem ser devidamente identificados e recuperados — não se esqueça que foi o primeiro arqueólogo a valorizar os estudos arqueozoológicos, declarando, muito a propósito, que não basta conhecermos as espécies presentes, é necessário determinarmos a idade dos próprios animais e recolher todos os fragmentos ósseos, por mais ínfimos que sejam — desceu a pormenores descritivos das técnicas de escavação e dos instrumentos necessários à sua realização. É interessante aludir à noção — que só a intensa prática de campo poderia proporcionar — de que cada época se caracterizou por um determinado padrão de ocupação do território, declarando, a tal propósito, que «É preciso ter o sentido do Neolítico para encontrar as estações», ou a possibilidade de localização prévia de estações tendo presente a sua «Fisionomia», reportando ao Solutrense a preferência pela ocupação de «vales estreitos e longos» (1948/1949), para além da diferença da vegetação, tal como se verificou na identificação das grutas artificiais de Carenque, que, depois de as ter identificado, em 11 e 13 de março de 1932, as prontamente explorou e publicou (Heleno, 1933b). Com efeito, não se tratou de uma escavação apressada: o método e o rigor que desde sempre procurou incutir nos seus alunos encontra-se bem expresso nesta escavação exemplar, em que os materiais arqueológicos, longe de serem recolhidos a esmo, como era norma na época, se encontram cuidadosamente postos à vista, configurando notável técnica e excecional minúcia (Fig. 12).

Tão inesperada valorização dos aspetos ambientais no quadro da vida do Homem pré-histórico, tendo presente a época em causa, revela-se também na detalhada caracterização que apresenta da Europa no Plistocénico, procurando explicar as causas das glaciações no contexto paleoclimático da época, passando pelo contributo do estudo das faunas e das floras, e pela descrição dos sucessivos complexos tecnoculturais do Paleolítico Inferior, Médio e Superior, tanto na Europa como em outras regiões do mundo, o que se afigura notável exercício no quadro do ensino da época, mormente em uma Faculdade de Letras. Por exemplo, quais desses alunos, imbuídos de um conhecimento profundamente livresco, poderiam suspeitar, ou sequer estar despertos, que as estalagmites poderiam fornecer importantes indicações sobre os climas pretéritos, como referiu no programa de 1953/1954, ou que o estudo das estruturas lenhosas dos restos incarbonizados, ou dos pólenes, poderia conduzir à identificação das respetivas espécies e, deste modo, ajudar à reconstituição paleoclimática? Ou ainda da importância do método da datação absoluta pelo Carbono 14, nesse mesmo ano letivo de 1953/1954, poucos anos depois do mesmo ter sido descoberto nos Estados Unidos da América, descrevendo-o já em pormenor, tal como se verifica com outros métodos de datação absoluta e relativa que também enunciou? Ou que as aparentemente informes indústrias do Paleolítico Inferior e Médio para um estudante de Letras da década de 1950 poderiam ser estudadas rigorosamente,

expressando-se os resultados desse estudo tipológico por uma curva cumulativa, de que apresenta esboço, na própria ficha da aula (ano letivo de 1953/1954), apresentando tal método estatístico aos seus alunos imediatamente após a sua introdução, em França, por François Bordes? Sublinha-se que a classificação tipológica, para M. Heleno, derivava do método classificativo das Ciências Naturais, possuindo assim base científica sólida, não resultando de uma aleatória disposição do espírito...

Algumas das frases desse ensino inovador e de alta qualidade poderiam (deviam) ecoar ainda nas salas de aula da escola em que lecionou, bem como em outras Faculdades do País, porque se afiguram plenamente atuais, como a que sublinha, em 1953/1954, a existência de artefactos rolados pelo mar siciliano identificados poucos anos antes por Breuil e Zbyszewski no litoral da Estremadura, ou associando, anos antes, ao Homem de Neandertal o uso de objetos de adorno, ao declarar ser então já notório «o gosto pelo luxo no Mustierense (uso de conchas e de substâncias corantes)», assunto que só recentemente tem vindo a ser discutido, por via dos inovadores trabalhos de João Zilhão e colaboradores.

Sempre desperto por novas áreas de intervenção, foi em Portugal o primeiro arqueólogo que seriamente encarou os recursos oferecidos pelas novas tecnologias, como a prospeção geofísica, a prospeção geoquímica dos terrenos (conteúdo em fosfatos), ou a fotografia aérea, metodologia exposta no ano letivo de 1948/1949, com base na bibliografia internacional a que acedeu e que menciona, embora desde há muito a mesma tenha por si sido posta em prática, logo em 1934 na necrópole visigótica de Silveirona, sucedendo-se depois a *villa* romana de Torre de Palma, descoberta acidentalmente no decurso de trabalhos agrícolas em março de 1947, para logo ali ser iniciada escavação no ano seguinte (Castelo-Branco, 1988, p. 36). Os espetaculares resultados obtidos naquela estação da época romana foram acompanhados da remoção dos preciosos mosaicos encontrados (Fig. 13), tendo para o efeito sido contratada uma equipa de técnicos italianos, ao mesmo tempo que encarregou Vera Leisner do desenho dos mesmos, por ele publicados anos depois (Heleno, 1962b). Na década de 1950, a oportunidade perdida 30 anos atrás de explorar os concheiros de Muge foi recompensada pelas intervenções que, no final da década, dirigiu em diversos concheiros do vale do Sado, de há muito identificados por Lerenio Antunes Barradas (Cardoso e Gonçalves, 1992), cujos resultados transmitiu prontamente aos seus alunos (Fig. 14).

Por essa mesma altura, retomava a exploração do complexo industrial romano de Troia, por ele iniciada em 1947, a qual ocupou os últimos anos da sua vida como arqueólogo (Heleno, 1960). Nesta última estação, aplicou também, pela primeira vez, a prospeção subaquática, com recurso a mergulhadores, na procura do porto submerso do notável complexo industrial ali existente, conforme se pode ler nas fichas das aulas da disciplina de Arqueologia proferidas por essa altura (Fig. 15). Era clara, na ótica do mestre, a estratégia de articular duas realidades distintas mas complementares do Período Romano da província da Lusitânia: por um lado, a exploração dos ricos solos do Alentejo por via de grandes unidades agrícolas latifundiárias; por outro, a exploração dos recursos marinhos do seu vasto litoral, e sua ulterior transformação a partir da exploração de um dos mais notáveis complexos industriais daquela época, cujos resultados não deixou de transmitir aos seus alunos.

Não obstante a importância dos espetaculares resultados obtidos em tais explorações, a que se podem juntar outras, como a da necrópole paleocristã de Silveirona,

a Arqueologia Clássica ocupou sempre um diminuto lugar na sua lecionação: mesmo na disciplina de Arqueologia, a primazia foi invariavelmente concedida, ao longo dos anos, à Pré-História, pois era ali que residia o fulcro das questões que mais valorizava, enquanto formador de consciências históricas nos seus alunos, como adiante se verá.

Indício também expressivo da modernidade do seu ensino foi a preocupação, que perpassa os sucessivos anos em que lecionou as disciplinas de Arqueologia e de Pré-História, de se distanciar permanentemente da prática do arqueólogo-antiquário: «O que interessa não são os objectos, mas o pensamento da época», declarava em 1948/1949, para, no ano letivo de 1950/1951, proclamar: «A Arqueologia não é uma ciência livresca, estática, erudita: o seu campo é toda a terra: serras e planícies, desertos e florestas; o seu arquivo a natureza». Em 1958/1959 volta a insistir, não se cansando de sublinhar que, tal como os objetos, os monumentos «são documentos da vida passada que é preciso estudar» e não «simples ornamentos, nem simples curiosidades». Desconhece-se qual o impacto que esta e outras afirmações tiveram no seio das turmas de alunos a que se destinavam; provavelmente, nenhum, ou muito pouco; mas não se pode negar ao Mestre a premência destas e de outras afirmações: no curso de 1953/1954, declarou que não é sem emoção que o arqueólogo penetra na intimidade de um lar acabado de ser posto a descoberto, pelos restos de fogo e de refeições, acrescentando uma nota pessoal: «No abrigo solutrense de Almoinha sentei-me na mesma pedra onde há 20 000 anos o homem se aquecia, vi como e onde arrumavam a ferramenta, o feitiço da cabana, etc.» Esta notável descoberta não mereceu, inexplicavelmente, publicação na época, o que só viria a verificar-se em 1984, por João Zilhão, que não deixa, aliás, de salientar o trabalho do seu antecessor (Bicho e Raposo, neste volume). E, referindo-se à escavação do dólmen da Comenda da Igreja, respondeu assim a um seu real ou imaginário detrator: «Estudo não tem aridez, mas poesia. O que é preciso é ter imaginação para compreender e sensibilidade para sentir.»

Era notória, em meados do século xx, a vontade de mudança, provocada certamente pelas grandes realizações da Arqueologia que o Mestre via desenvolverem-se no Estrangeiro, sendo muito significativas as palavras que escreveu a tal propósito: «e se me é permitido arejar os métodos de ensino começaremos por visitar os monumentos dos arredores de Lisboa». É provável que, pelo menos, os primeiros anos de lecionação de Manuel Heleno na Faculdade de Letras de Lisboa tenham correspondido a «uma lufada de ar fresco» num ensino eminentemente teórico. Disso é prova a preocupação, desde logo manifestada pelo então jovem professor, pela adequada preparação prática dos alunos, que só o contacto direto com as estações arqueológicas e os correspondentes materiais poderia proporcionar. Assim, a partir dos inícios da década de 1950, quando os meios técnicos e logísticos passaram a possibilitar o transporte de uma só vez de número assinalável de alunos, vê-se a sua preocupação em criar verdadeiros cursos práticos, paralelos aos cursos teóricos, com sessões duas vezes por semana, proporcionando aos alunos as visitas às estações mais importantes da então chamada «Costa do Sol», a par dos monumentos dolménicos do concelho de Sintra, bem como a Troia; tais visitas eram complementadas pelo acesso direto a materiais arqueológicos, no Museu Nacional de Arqueologia, facilitado pela sua condição de Diretor da Instituição, por inerência das funções desempenhadas como Professor de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa. Mas, mesmo desde o início da sua vida como docente, em 1923/1924, altura em

que ainda não dispunha de tais facilidades, já se preocupava com a componente prática que deveria imprimir à disciplina de Arqueologia, consubstanciada por inúmeras observações relacionadas com a realização de escavações, apesar de, naquela época, ainda não ter experiência de tais atividades.

Os problemas da preservação *in situ* dos testemunhos arqueológicos preocuparam-no também. São exemplo disso as referências contidas nas suas fichas, as quais não eram meramente teóricas, já que ensaiou em Conímbriga tal método, tendo produzido um escrito a tal propósito (Heleno, 1956c). E são plenamente atuais as suas palavras quanto aos perigos de, na conservação de um determinado monumento antigo, se privilegiar uma determinada fase em detrimento das demais, em função exclusivamente do critério estético, revelando, pelos exemplos invocados, as aturadas pesquisas bibliográficas a que procedeu, para mais adequadamente se documentar. Aliás, essas preocupações constituíam, como declara, um dos temas do Congresso de 1950 da UIISP, evidenciando-se, mais uma vez, a oportunidade e atualidade dos temas abordados. Repugnavam-no as escavações realizadas sem meios para assegurarem a conservação das estruturas postas a descoberto, referindo-se a certa intervenção que colocou à vista sete mosaicos, «completamente alguns já destruídos» (1953/1954).

Enfim, para M. Heleno, a separação entre História e Pré-História era infundada: «Porquê esta separação da História e da Pré-História?», questiona-se em 1953/1954, dando de imediato a resposta: «Faltam os documentos escritos. Mas falam as pedras. Tudo vai em as compreender».

Na leitura da documentação, perpassam temas cujo tratamento hoje motivaria estranheza, nuns casos do ponto de vista de conteúdo, noutros casos apenas de forma; mas tudo tem, naturalmente, de ser encarado à luz da época, e é nessa medida exata que devem ser interpretados e compreendidos alguns aspetos da sua lecionação. Assim, na Lição Inaugural da disciplina de Arqueologia (ano letivo de 1926/1927), que já lecionava desde 1923/1924, verifica-se a menção do Ocultismo para identificação de estações arqueológicas; abstendo-se de se pronunciar sobre a legitimidade do método, Heleno não deixa todavia de apresentar diversos exemplos, muito animadores, sobre as vantagens daquela aplicação, associado a fenómenos metapsíquicos e de «escrita automática». Tal valorização está, como acima se referiu, em consonância com a época, dado que os anos 20 assistiram à popularização do ocultismo entre as classes da burguesia urbana. Como cientista, declara, a tal propósito: «Pondo de reserva o valor destes métodos, que precisam de muita comprovação, entendo no entanto que a sciencia não deve desprezar a mínima possibilidade de aumentar os meios de conhecimento.»

Discutindo fraudes arqueológicas, dá o interessante exemplo das figuras gravadas em pequenas pedras recuperadas nos dólmenes de Alvão (Vila Pouca de Aguiar), que levaram alguém, mais desprevenido a considerá-los como paleolíticos! Aborda essa delicada questão, que se prendia diretamente com a de Glozel e que, como esta, tanto brado deu na época, e, de forma inovadora, admitiu que tais objetos poderiam corresponder «talvez a esconderijo dalguma feiticeira», opinião que parece ser ainda hoje a melhor para explicar tão insólitos objetos, mas que só poderia ser expressa com propriedade por alguém que sempre aliou a imaginação ao rigor.

Outras preocupações exprimem o empenho de os seus alunos apreenderem todos os aspetos práticos relacionados com as escavações arqueológicas. É o caso da remoção

das terras (em Torre de Palma usou carroças, mas descreve detalhadamente o sistema Décauville, desde as características da linha férrea e dos carris, até às dimensões das vagonetas, que utilizou em Troia), técnicas de crivagem, etiquetagem, embalagem e lavagem, antecedendo o respetivo transporte, sem se esquecer do problema do abastecimento em água (que devia ser fervida no Alentejo)... e a importância de uma câmara escura no terreno para a revelação de fotos. Tudo indica que se terá inspirado nas escavações no Egito (ano letivo de 1948/1949). As prosaicas considerações sobre pagamentos — que devem ser sempre feitos pelo diretor da escavação, e não por qualquer encarregado, para os trabalhadores perceberem bem quem de facto é o responsável pela realização dos trabalhos — bem como a necessidade de aquele se libertar, no decurso dos trabalhos, «de tudo o que não seja a condução científica da escavação», terá decorrido da sua experiência, nem sempre bem sucedida a tal propósito, não deixando de sublinhar as responsabilidades do arqueólogo para com a Sociedade e o Estado, que lhe confere tal autorização.

Uma das características transversais do ensino de Manuel Heleno, que perpassa ao longo de toda a documentação analisada, desde a lição inaugural da disciplina de Arqueologia (1926/1927) até ao ano da sua jubilação (1963/1964), é a sua preocupação em apresentar, de forma exhaustiva e imparcial, as opiniões de outros arqueólogos com relevância para as matérias por si lecionadas, desde o Paleolítico até às Idades do Bronze e do Ferro na Península Ibérica, passando pelo Mesolítico, Neolítico e Calcolítico, o que o obrigou a aturadas e diversificadas leituras, bem evidenciadas ao longo dos anos, sempre renovadas, na procura incessante e permanente da atualização científica (Fig. 16). Tal preocupação, fazendo dele um compilador rigoroso, não o dispensou de apresentar, também de forma objetiva e sedutora, a sua visão crítica das referidas teorias e concepções, opção naturalmente exigente e difícil, mas que proporcionou uma primeira visão crítica e devidamente articulada, no século xx, da Pré-História portuguesa, sucedendo-se à clássica obra de Cartailhac, de 1886, embora não tivesse naturalmente o formato de um manual ou livro de texto. Foram os seus alunos os únicos destinatários de tão exigente quanto completo programa, que só excecionalmente conheceu a merecida publicidade: é o caso dos estudos de Irisalva Moita, sua ex-Assistente, sobre o faseamento do megalitismo no centro interior de Portugal (Moita, 1966), a que se poderá somar outro estudo da mesma autora sobre o megalitismo alentejano (Moita, 1956), que recorre largamente às matérias lecionadas pelo Mestre, para além daquela onde traça o anteprojeto para a secção de Arqueologia do Museu Nacional de Arqueologia, a qual apenas conheceu publicação parcial e sintética (Moita, 1958); com efeito, o trabalho por ela apresentado a concurso para Conservador de Museus pela Autora (Moita, 1955) não chegou a ser publicado, mas mereceu ao Mestre uma crítica rigorosa, conforme se pode verificar no exemplar datilografado pertencente ao arquivo do signatário.

Não teve M. Heleno a sorte de dispor, de entre os seus alunos, de um compilador que tivesse registado todas as matérias por ele apresentadas e discutidas nas aulas, conferindo-lhes depois a indispensável coerência. E se, à distância de mais de 60 anos, podemos compreender que faltavam ao Mestre tempo e financiamento para publicar obras de vulto sobre as notáveis escavações que empreendeu e concluiu com êxito, torna-se insólita a ausência de publicações que, pela sua pequena dimensão e elevado interesse científico, mais facilmente poderia dar à estampa, como o «chão de cabana de Sobreira

de Baixo (Lavre)», que jamais conheceu a merecida divulgação, tal como o seu congénere solutrense de Almoinha, e ainda mais importante do que aquele. Esta situação é tanto mais de estranhar quanto é certo que, noutros casos, logo no início da sua carreira arqueológica, deu provas de uma rápida capacidade de resposta na publicação das suas investigações, de que é paradigma a necrópole de Carenque, já referida.

Manuel Heleno deu, aliás, sobejas provas de que possuía talento para redigir obras de assinalável mérito e originalidade, como se verifica com as publicações que produziu, sobretudo, na década de 1920 e até meados de 1930: é o caso do notável trabalho sobre joalharia pré-histórica e proto-histórica (Heleno, 1935a), em que deu a conhecer algumas das mais importantes produções auríferas daquelas épocas, que procurava depois transmitir aos seus alunos, como a polémica gerada em torno do tesouro do Álamo (Moura), apresentada na disciplina de Arqueologia na ano de 1958/1959, num processo em que interveio pessoalmente (Heleno, 1935a; Cardoso, 1999).

Outro tipo de publicações resulta diretamente de relatórios apresentados à Junta Nacional da Educação, que o tempo não daria para mais desenvolvimentos: um dos exemplos mais expressivos foi o caso do sarcófago da região de Vila Franca de Xira, apresentado aos seus alunos de Arqueologia de 1955/1956, em que lhes deu a conhecer notável peça marmórea que servia de tanque, por si publicada em 1948 (Heleno, 1948b), mas que entretanto tinha já sido incluído no estudo que A. Garcia y Bellido dedicou aos sarcófagos romanos de tipo oriental do território peninsular. A prioridade de Heleno perdeu-se, a nível internacional, sem que para tal houvesse justificação plausível, porquanto o seu estudo de 1948 reproduziu o que já em 1945 tinha escrito no referido relatório. Outro exemplo deste tipo de trabalhos, resultantes diretamente dos relatórios oficiais por si elaborados, é o que dedicou à Arqueologia da região de Elvas, respeitante às notáveis descobertas da necrópole de incineração da Idade do Ferro da Chaminé e dos mosaicos policromos do Carrão, por A. Dias de Deus, embora sem as necessárias autorizações (Heleno, 1951). Desta intervenção de Manuel Heleno, solicitada pela Junta Nacional da Educação, resultou uma grave dissensão com Abel Viana, já identificada e caracterizada nos seus traços gerais (Cardoso, 1999), omitida por Heleno das notas das aulas, embora nestas se refira reiteradamente, pela sua importância, aquela necrópole sidérica, o que revela a ética do mestre perante os seus alunos, quando facilmente poderia prejudicar a imagem do seu antagonista.

O aparente desinteresse pela obra publicada, não indica desprezo pelo trabalho científico; bem pelo contrário: é bem patente o detalhe com que apresentava, ano após ano, aos seus alunos, os resultados inéditos das suas explorações a que devotadamente se entregou por mais de três décadas, ao mesmo tempo que citava e utilizava obras basilares acabadas de sair. Foi, assim, responsável por um ensino altamente inovador e criativo, repleto de novidades, que transmitiu, na quase ausência de publicações próprias, aos seus alunos. A título de exemplo, pode invocar-se a importância da ocupação do Paleolítico Superior de Rio Maior, cuja demonstração se lhe deve, por via das escavações ali efetuadas desde 1937, em particular no Abrigo Grande das Bocas (Fig. 17), tendo então apresentado a descrição estratigráfica completa dos respetivos depósitos, acompanhada da caracterização tipológica das indústrias recolhidas em cada um deles, evidenciando a sua boa preparação neste domínio. A sequência estratigráfica posta a descoberto, que ele minuciosamente registou, e apresentou aos seus alunos em primeira mão, servindo

a outros, mais tarde, de apoio para a publicação dos resultados por si ali obtidos (Bicho, 1995-1997), foi fundamental para a contestação da teoria da origem africana das populações dos concheiros mesolíticos de Muge aceite por Heleno nas suas aulas até à realização daquelas escavações, em 1936, a par de outras realizadas na mesma altura em diversas estações da região. No povoado do Neolítico Antigo do Alto das Bocas, cujos materiais permanecem inéditos, Heleno aplicou de forma inovadora, pela primeira vez em Portugal, o sistema das trincheiras ortogonais (Fig. 18).

Tais explorações, realizadas na segunda metade da década de 1930, permitiram-lhe contestar a forte presença norte-africana no Paleolítico Superior e no mesolítico peninsulares, representada pelas indústrias capsenses (então assim consideradas, quando na verdade são mais tardias), defendida por ilustres arqueólogos como P. Bosch Gimpera e H. Obermaier e, entre nós, por Mendes Corrêa, com base nos estudos de Antropologia física. Bastaria este contributo para situar a obra de Heleno entre uma das mais originais e poderosas da Arqueologia peninsular da primeira metade do século xx. Infelizmente, os resultados foram publicados tardiamente e de uma forma sempre resumida (Heleno, 1948a; 1956b) (Fig. 19).

Muitos outros exemplos similares ao apresentado se poderiam invocar, como o das grutas da Senhora da Luz, situadas nas proximidades, só publicadas muitos anos depois (Cardoso, Carreira e Ferreira, 1996). E isto para já não falar do notável manancial de elementos recolhidos nos cerca de trezentos monumentos megalíticos escavados na região de Montemor-o-Novo e na de Estremoz, que lhe permitiram traçar pela primeira vez um esboço coerente da evolução do fenómeno megalítico no Alto Alentejo, ainda na década de 1930 (Figs. 20 e 21), ou dos importantes elementos recolhidos em escavações de épocas mais modernas, de que avultam as intervenções na Troia de Setúbal, na década de 1950 e inícios da seguinte (Fig. 22) ou no cemitério visigótico de Silveirona (Estremoz) (Fig. 23), do qual também nada publicou, apesar de serem dois sítios frequentemente abordados nas suas aulas.

Com efeito, no ano letivo de 1954/1955, invoca os resultados obtidos em numerosas estações arqueológicas em que realizou escavações, que bastariam para se aquilatar a amplitude da sua atividade: Abrigo das Bocas, Alto das Bocas, Gruta I da Senhora da Luz, dólmenes de Montemor-o-Novo e Estremoz, castro do Cavaleiro, povoações de Espargueira e da Serra das Éguas, chão de cabana de Sobreira de Baixo (Lavre), grutas da Amoreira, Carenque, Ermejeira e Quinta das Lapas, cistas do Lavre, castro de S. Bernardo, santuário de Almoinha, gravuras inéditas de Lamelas, Cabeça de Vaiamonte, Azougada, Torre de Palma, Troia, necrópoles de Silveirona e de Pombal, etc.

Esta realidade conduziu, nalguns casos, à publicação de estações ou espécimes arqueológicos por outros arqueólogos como inéditos (e objetivamente eram-no), ou em primeira mão, apesar de terem sido identificadas muitas décadas atrás por Heleno, e por este apresentadas nas suas aulas: para além do já referido caso do raro sarcófago romano da região de Vila Franca de Xira, é exemplo o santuário do Penedo da Almoinha (Brotas, Mora) (Fig. 24), por si localizado na década de 1930, para ser reidentificado de forma independente, décadas depois, no decurso de trabalhos de campo de cartografia geológica, e como tal publicado (Zbyszewski *et al.*, 1977).

Pela mesma época, refere-se também às escavações que dirigiu na estação solutrense de Cambelas (Fig. 25), revogando definitivamente a posição de Breuil que admitia que

só residualmente existiria Paleolítico Superior em Portugal. A caracterização dos diversos tecnocomplexos do Paleolítico Superior presentes no território português obrigou-o a um aturado esforço de síntese, revelando-se este, por exemplo, na discussão exaustiva e de alta qualidade a propósito da origem do Solutrense, só possível pela profundidade a que desceu a sua análise, baseada na documentação compilada.

As razões que levaram Manuel Heleno a jamais publicar os resultados das suas explorações arqueológicas, nem sequer um manual de Arqueologia ou de Pré-História de Portugal, apoiado nos seus apontamentos das aulas, valorizados por múltiplas leituras, sempre atualizadas ao longo do tempo, a par do precioso manancial de elementos inéditos, resultantes das explorações que empreendeu, não poderá explicar-se apenas pela sua personalidade, avessa a escrever; com efeito, poderia ter encarregue um seu aluno ou discípulo dessa compilação, como foi o caso de Virgínia Rau, que, enquanto estudante e a pedido de Heleno, transcreveu as lições sobre o Paleolítico proferidas por Henri Breuil na Faculdade de Letras de Lisboa em 1941/1942 (arquivo de J. L. C.). Admite-se que as múltiplas funções oficiais, administrativas e académicas de que foi incumbido, ao longo da sua vida, e especialmente nos últimos anos, entre 1960 e 1964, em que exerceu o espinhoso cargo de Diretor da Faculdade de Letras de Lisboa num período conturbado da vida académica, lhe tenham tolhido a iniciativa que, para ser fecunda, precisava de ser continuada e serena.

Por uma única vez, levado certamente pela obrigação que naturalmente sentia perante a comunidade científica nacional e internacional, ainda que de forma muito resumida, se dispôs a enunciar os principais avanços que se lhe ficaram a dever nos múltiplos domínios por que se desdobrou a sua atividade no decurso de 25 anos, desde o Paleolítico Inferior à Alta Idade Média (Heleno, 1956a) (Fig. 26). Como já se teve oportunidade de declarar, esse aparentemente despretensioso relato, que só por má-fé ou ignorância pode ser confundido com autopanegírico, representa antes uma justificação portentosa, perante os seus pares, do mais notável e original impulso que a atividade arqueológica em Portugal conheceu, devido à atividade de um homem trabalhando deliberadamente só, como já se afirmou (Cardoso, 2001-2002). Com efeito, importa ter presente o testemunho de um dos seus colaboradores e discípulos mais próximos, Manuel Farinha dos Santos, que relativiza, e muito bem, os testemunhos hipercríticos dos seus detratores (Santos, 1987), condicionados pelo desconhecimento de uma realidade rica e complexa que, após a publicação deste estudo, melhor se poderá aquilatar.

Não obstante, foram sempre numerosas as manifestações de apreço e consideração expressas em vida pelos seus pares, tanto portugueses como estrangeiros; com estes últimos, sempre manteve relações científicas e pessoais cordiais numa base de plena igualdade, jamais de sujeição ou subserviência, como era de uso, manifestando-lhe agradecimento e admiração, como se verifica pelas dedicatórias apostas em artigos oferecidos ao Mestre (Fig. 27), mesmo de colegas da sua própria Faculdade que com ele se indispueram, mas que só tiveram a coragem de o declarar publicamente depois de morto... Em contrapartida, Heleno, possuidor de uma personalidade reservada e austera, só raramente deixava transparecer, e apenas perante os seus mais próximos amigos e colaboradores, a natureza mais genuína do seu caráter (Pina, 1958; Serrão, 1978, p. 51). Mas a disponibilidade do seu espírito explica a redação de diversos trabalhos dedicados aos seus Mestres, Leite de Vasconcelos, Henri Breuil e P. Bosch Gimpera (Heleno, s. d.; 1956a;

1962a), bem como a importância que em Portugal se dava à sua opinião, mesmo por parte daqueles que na sua prática arqueológica com ele não tinham quaisquer relações de trabalho (Fig. 28), a quem, apesar de tudo, considerava, a ponto de lhes oferecer separatas dos seus trabalhos (Fig. 29).

* * *

Passados quase 50 anos sobre a última lição proferida por Manuel Heleno na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 10 de novembro de 1964 (Fig. 30), importa encontrar o fio condutor do seu pensamento ao longo da sua prática pedagógica e de investigação de mais de 40 anos naquele estabelecimento de ensino. Qual foi o propósito mais presente e aquele que poderá ser mais facilmente identificado? A resposta, por estranho que possa parecer, não se afigura difícil. Para Manuel Heleno, o grande objetivo da sua prodigiosa atividade foi, desde o início apenas um e bem definido, «no sentido de esclarecer os grandes problemas da nossa arqueologia» e, ao mesmo tempo, evidenciar a antiguidade das origens da população portuguesa.

A primeira questão foi sendo respondida ao longo dos anos, em que sistematizou e sucessivamente aperfeiçoou a lenta substituição de culturas arqueológicas no solo português, que ia porfiadamente arrancando do arquivo da terra, na preocupação de criar um quadro de referência próprio, liberto de critérios desenvolvidos por eminentes arqueólogos, mas estranhos à realidade do território português.

A segunda questão enunciada, que afinal decorre da primeira, constitui preocupação transversal à sua lecionação, desde os inícios até à sua última lição. Com efeito, a 28 de março de 1932, em entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, declara «que se tem feito uma grave confusão entre nós, confusão a que não escaparam homens da envergadura de Alexandre Herculano e da inteligência de Oliveira Martins, entre *nacionalidade e estado*. O Estado português surge no século XII. Mas [...] a Nacionalidade portuguesa, o agregado humano, possuidor duma unidade moral, esse é muito anterior. Precisamos de ir buscá-lo aos tempos da pedra polida» (Castelo-Branco, 1988, p. 27). Esta ideia-mestra do seu pensamento arqueológico permaneceu duradoura ao longo da sua vida científica. Muitos anos depois, a 11 de novembro de 1964, em entrevista concedida ao mesmo jornal aquando da sua última lição, proferida na Faculdade de Letras de Lisboa, declarou que «o agregado humano que ocupa o nosso território há 40 000 anos e deu origem ao povo português apresenta-se também com uma coesão cultural e espiritual que se observa na cultura dolménica, na Idade do Bronze, na Cultura dos Castros, na personalidade da Lusitânia e na individualidade do Reino dos Suevos. E essa coesão é uma das colunas em que assenta o edifício da nossa Nacionalidade».

Com efeito, ao privilegiar, como acima se referiu, nas suas aulas de Arqueologia, essencialmente, o ensino da Pré-História, mas respeitando sempre uma aproximação histórica, princípio proclamado logo na sua «Lição inaugural de Arqueologia» (Heleno, 1925-1926): «ciência histórica, absolutamente histórica, porque se ocupa exclusivamente das manifestações sociais dos povos», M. Heleno estava a dar público sinal do que verdadeiramente interessava investigar, traçando um quadro coerente e atualizado dos grandes problemas que deveriam ser resolvidos. Colocando num outro plano a afirmação de que

as origens do povo português remontavam a 40 000 anos, talvez em resultado da então recente descoberta de arte paleolítica na gruta do Escoural (Montemor-o-Novo), em que teve papel decisivo (Silva, 2008), aquelas abarcavam segundo o Mestre, largo lapso temporal, do Mesolítico à Idade do Bronze, revelando por esta via um pensamento vigoroso e original, alicerçado no conhecimento atualizado dos sítios e dos espólios arqueológicos, em grande parte resultante das investigações que pessoalmente empreendeu no terreno.

E se a demonstração dos resultados de tais intervenções cabia aos arqueólogos, a sua divulgação pública competia aos museus. Daí a atenção que lhes foi conferida no Programa de 1958/1959: recorde-se que M. Heleno desde os primórdios da década de 1950 passou a integrar os júris de acesso à carreira de Conservador de Museus. Assim, o desempenho do cargo de Diretor do Museu Nacional de Arqueologia viu-se valorizado por via desta atividade, que, por um lado, incorporou na sua lecionação e, por outro, lhe abriu novos horizontes, propiciando a aquisição de novas competências em matérias museográficas, como bem evidencia o competente estudo que realizou e fez publicar sobre as novas instalações deste Museu na Cidade Universitária, no ano seguinte ao da jubilação, para memória futura (Heleno, 1965).

Tratou-se, em suma, de um ensino que, procurando alicerçar-se na prática arqueológica, se fundamentava nos conhecimentos e conceções da sua época; por isso, em muitos aspetos, não resistiu à erosão do tempo: mas não se pode negar a existência de opiniões originais, servidas sempre por argumentação sólida e devidamente sustentada. É esse, porventura, o seu principal legado, que outros, mais afortunados do que ele no estudo e publicação dos materiais por si resgatados à terra e cuidadosamente reunidos no Museu Nacional de Arqueologia, viriam mais tarde, e até à atualidade, a ter a oportunidade de aproveitar, constituindo-se, inadvertidamente e de modo involuntário, em continuadores da sua obra, sempre inacabada, e do seu legado, em permanente renovação.

3. Aspetos metodológicos do seu ensino

NUNO BICHO¹ e LUÍS RAPOSO²

Desde o desenvolvimento da Arqueologia científica em Portugal, entre meados do século XIX e o início da Arqueologia contemporânea, nas últimas duas décadas do século seguinte, houve um conjunto de arqueólogos que marcaram profundamente a disciplina, principalmente no caso do estudo dos períodos mais antigos. Será de destacar, na origem da História da Arqueologia científica portuguesa, a atuação do grupo de especialistas que pertenciam à Comissão Geológica de Portugal, nomeadamente Carlos Ribeiro e Joaquim Filipe Nery Delgado (Cardoso, 1999-2000; Cardoso, 2008). Os seus trabalhos nas Grutas da Casa da Moura e da Furninha (Delgado, 1867, 1884) e a descoberta e escavações dos concheiros de Muge (Ribeiro, 1884) atestam capacidade e qualidade técnicas e metodológicas, não só ao nível dos trabalhos de campo, com descrições estratigráficas de grande detalhe, mas também o desenvolvimento de estudos de análise de material e interpretação dos dados arqueológicos absolutamente notáveis.

Este início brilhante e prometedor da Arqueologia portuguesa, parece ter tido uma pausa durante várias décadas, pelo menos no que diz respeito ao desenvolvimento metodológico, apesar da influência e atuação de vários arqueólogos no virar do século. A atividade vigorosa aplicada a escavações de sítios de todos os períodos históricos e pré-históricos um pouco por todo o País, que não se compara com a estagnação metodológica que decorreu durante o mesmo período, parece ter tido o seu primeiro despertar com a atuação de vários arqueólogos estrangeiros, de que se podem salientar Henri Breuil, Georges Zbyszewski, Jean Roche ou Vera e Georg Leisner, durante os meados do século passado.

Os dois primeiros foram fundamentais para o reconhecimento e levantamento geográfico e geológico dos terraços quaternários de grande parte do País (e. g., Breuil e Zbyszewski, 1942; 1945) e, por arrastamento, para a localização de inúmeros sítios arqueológicos, principalmente de idade plistocénica, na sua maior parte de superfície. Também se lhes deve a introdução das então perspectivas modernas das sequências gerais paleolíticas desenvolvidas por Henri Breuil, tanto no que respeita ao Paleolítico Inferior e Médio (Breuil, 1931-1934 e 1932; cf. Raposo, 1993-1994) como quanto ao Paleolítico Superior (1913), e bem assim o desenvolvimento e aplicação ao estudo dos materiais de superfície do chamado «Método das Séries».

Jean Roche (1951, 1972, 1974, 1989), já na segunda metade do século passado tem um impacto relativamente importante através de escavações com técnicas modernas em vários sítios do Paleolítico Superior (Gruta Nova da Columbeira e a Lapa do Suão, por exemplo) e mesolíticos (os concheiros de Muge), trabalhos estes frequentemente coordenados no campo por Octávio da Veiga Ferreira.

¹ Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. nbicho@ualg.pt

² Museu Nacional de Arqueologia. luisraposo@mnaarqueologia.dgpc.pt

O Megalitismo alentejano deve o seu desenvolvimento, em grande parte, ao casal alemão Vera e Georg Leisner (1951). A formação militar de Georg Leisner terá sido com certeza uma das variáveis que permitiram o desenvolvimento de um tratamento sistemático dos achados e novas formas de escavação dos sepulcros megalíticos pelo casal, produzindo dados, textos e interpretações que ainda hoje são um marco na Pré-História portuguesa.

Mas durante esse período, o desenvolvimento metodológico da Arqueologia de campo e de laboratório em Portugal não se propagou apenas pela atividade dos especialistas estrangeiros acima referidos. Entre outros, Manuel Heleno é talvez o mais influente neste campo durante as décadas de 30 a 60 do século xx. Como Diretor do Museu Nacional de Arqueologia, através da promoção e direção de inúmeras escavações de vários períodos pré-históricos e históricos, Heleno pôde efetivamente assegurar a implementação de certas normas de escavação que, entre outros aspetos, incluíam a crivagem sistemática e a organização e descrição estratigráfica dos depósitos. Foi também ele que idealizou o Museu Nacional como estrutura laboratorial, ainda que esta só tenha sido concretizada com D. Fernando de Almeida (Raposo, 2003). Parece claro que o seu conhecimento da Arqueologia de campo portuguesa e dos respetivos arqueólogos de campo, de forma direta e pessoal ou através da sua autoridade como responsável pelas autorizações de trabalhos de campo conferida pelo conhecido Decreto n.º 21 117 de 1932 (Cardoso, 1999; Fabião, 2012), lhe permitiu a construção de um saber alargado, holístico, não só dos dados de cariz histórico mas também da metodologia arqueológica utilizada por cada escavador. É verdade que a sua relação com muitos arqueólogos seus contemporâneos era frequentemente conflituosa, sendo notórios os diferendos científicos entre Manuel Heleno e A. A. Mendes Corrêa, bem como entre Heleno e aqueles mais próximos da figura da Universidade do Porto, nomeadamente Abel Viana. Contudo, a sua relação com os arqueólogos estrangeiros, nomeadamente H. Breuil, G. Zbyszewski ou J. Roche, mesmo que próximos de Mendes Corrêa, tal como com este último, eram em geral de respeito pelo seu trabalho científico, ainda que dele pudessem discordar.

Talvez mais importante ainda, tenha sido o seu contributo para o desenvolvimento da Arqueologia na sua condição de Professor (e por inerência a esse cargo, Diretor do Museu Nacional de Arqueologia, então Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos) desde 1923 a 1964, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde lecionou, no quadro que interessa a este estudo, primeiro a cadeira de Arqueologia e depois a de Pré-História.

De facto, Manuel Heleno, ao contrário do que se tende a pensar e escrever, provavelmente devido ao número relativamente reduzido de publicações, teve uma ação fundamental no desenvolvimento da Arqueologia em Portugal pelo grande número de sítios arqueológicos que escavou. A sua influência não ficou apenas pela escavação de sítios e enunciação de modelos sobre a Pré-História e períodos mais recentes. Pautou-se, também, pelo ensino de técnicas e metodologias que eram inequivocamente inovadoras para a época e que Heleno, através das suas notas dos conteúdos das várias disciplinas, publicadas no presente volume, mostra conhecer em profundidade.

Entre pelo menos 1924/1925 e 1958/1959, conforme permite concluir a documentação disponível, Manuel Heleno é responsável pela cadeira de Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e entre 1953/1954 e 1963/1964, responsável pela

de Pré-História. Ali leciona não só aspetos metodológicos, mas também aspetos que se relacionam com temas históricos e culturais. Ao longo das suas notas, ora publicadas, Heleno inclui temas sobre a origem e evolução do Homem, o Paleolítico, o Mesolítico, o Neolítico, a ocupação Romana e a Antiguidade Tardia, etc. É também no contexto dessa disciplina que Manuel Heleno aborda em detalhe numerosos aspetos da metodologia arqueológica. Neste âmbito discute em profundidade numerosos aspetos metodológicos de que se podem destacar as formas de registo de dados, fotografia, utensílios de escavação, prospeção, escavação, análise de materiais arqueológicos e ainda a relação com outras ciências, nomeadamente as chamadas Ciências Exatas e Naturais. Ao longo dos tempos, como já se afirmou acima, o serviço docente de Manuel Heleno sofre também uma alteração. Da disciplina de Arqueologia lecionada no início da sua carreira, passa para a cadeira de Pré-História a partir do ano letivo de 1953/1954. Naturalmente, a incidência anterior nos aspetos metodológicos da Arqueologia atenua-se a partir dessa data.

A formação e o registo dos sítios arqueológicos

Como se pode observar nas fichas de 1948/1949 e de 1953/1954, a diversidade de metodologias de escavação e de tratamento estratigráfico e a sua relação com as tipologias e as diferentes cronologias de sítios arqueológicos demonstra sem qualquer margem para dúvidas que Heleno detinha um profundo conhecimento e, talvez mais importante, um pensamento e reflexões próprias sobre o assunto em questão. As suas notas mostram que a sua preocupação não se limitava apenas ao trabalho de campo em si — a formação de estudantes habilitados para o exercício da Arqueologia era visivelmente uma das suas grandes preocupações. Apesar dos seus esforços, raros foram os seus seguidores diretos, com talvez a exceção de Manuel Farinha dos Santos (Cardoso, 2001-2002), arqueólogo que veio a ter um impacto importante na Arqueologia portuguesa na segunda metade do século xx.

O rigor científico de Manuel Heleno enquanto docente universitário transparece nas suas notas através de atualizações frequentes nos conteúdos das cadeiras e especificamente sobre cada uma das matérias lecionadas. É notável o seu conhecimento bibliográfico, como se pode verificar pelo facto de no seu programa de 1950/1951 citar vários trabalhos dos quais se destaca o manual de André Leroi-Gourhan de 1950, *Les fouilles préhistoriques*, a que Heleno recorre frequentemente na sua atividade pedagógica. Naturalmente, o conhecimento direto dessa bibliografia faz supor, por um lado, um interesse na atualização constante de acordo com as mais modernas técnicas arqueológicas da altura; por outro, um conhecimento pessoal detalhado da atividade daquele arqueólogo e antropólogo francês, que lhe permitia ter acesso a bibliografia que seria um privilégio dispor no Portugal de meados do século xx.

Como se sabe hoje, o registo arqueológico é crucial, principalmente dos sítios de cronologia pré-histórica, período em que Heleno deixou definitivamente a sua marca, porque são aqueles que mais lacunas têm devido à preservação dos sítios arqueológicos e dos seus achados, como unidade básica da investigação nesta área — talvez por isso Manuel Heleno afirmasse que as escavações pré-históricas representassem a «alta cirurgia das escavações» (Ficha 10, 1948/1949). As jazidas arqueológicas pré-históricas

objeto de estudo por parte de Heleno sofrem também de um problema inerente aos próprios dados, quando eles existem, e que não pode ser resolvido pelo *Direct Historical Approach* da Arqueologia antropológica do Novo Mundo, que se desenvolvia no outro lado do Atlântico, bem como em outros continentes mais longínquos: é que os elementos exumados das escavações arqueológicas são tão afastados da nossa realidade e presente histórico que o seu estudo acaba por ser um dos mais complexos dentro do seio da Arqueologia, transformando por isso a analogia etnográfica num dos seus principais instrumentos (Yellen, 1976).

Numa boa parte das suas aulas, Heleno focou aspetos considerados agora importantíssimos no estudo da Arqueologia, nomeadamente o uso da estatística (referindo expressamente os trabalhos de François Bordes e Denise Sonnevile-Bordes, respetivamente para o Paleolítico Inferior e Médio e para o Paleolítico Superior), a metodologia de prospeção (onde em vários anos, 1948/1949 e 1953/1954, inclui um conjunto de aulas muito detalhadas sobre prospeção geoquímica e geofísica, prospeção aérea e fotografia aérea) e de escavação, em que repetidamente discorre sobre o assunto, nomeando aspetos muito interessantes como é o caso da importância da Estratigrafia, Geologia, Sedimentologia e Geomorfologia e também a importância das grutas para o estudo específico da Pré-História Antiga. De facto, Heleno dedicou várias das suas aulas a um tema importante e de grande atualidade metodológica — é o caso do controlo horizontal e vertical durante as escavações e da sua relação com cada tipo de sítio arqueológico. Neste âmbito, Heleno debruçou-se também sobre a questão da esterilidade das camadas como elemento fundamental que propicia a qualidade de cada conjunto ou contexto arqueológico, permitindo a identificação daqueles casos em que há integridade arqueológica sem remeximentos ou intrusões de períodos mais recentes ou mais antigos.

Estas preocupações ligavam-se de forma muito estreita ao que hoje se designa por «formação do registo arqueológico» e com a grande diversidade do registo de cada sítio. Pode verificar-se esta preocupação com a descrição detalhada da escavação de vários tipos de sítios arqueológicos, nomeadamente sítios monumentais arquitetónicos (pré-históricos e históricos), onde Heleno frisa a importância do desenho pormenorizado da «planta de conjunto» do sítio arqueológico (Ficha 52, 1948/1949) e da estratigrafia de modo a permitir um conhecimento e uma interpretação completa da jazida. Para isso preconiza o uso de escavação com controlo horizontal e vertical, respetivamente baseados na quadrícula e num *datum*, que permite correlacionar todas as estruturas e estratigrafia de um sítio arqueológico.

Naturalmente, o desenvolvimento da metodologia (e teoria) arqueológica das últimas décadas tem minorado significativamente os problemas resumidamente mencionados acima. Entre outros, podem apontar-se como elementos principais todos os desenvolvimentos metodológicos resultantes dos *Estudos actualistas* (Binford, 1980; Brain, 1981) e da *Middle Range Theory* (Raab e Goodyear, 1984; Schiffer, 1983), que permitiram um salto qualitativo na recuperação dos dados e na sua crítica no âmbito da escavação arqueológica, processos de formação do sítio, tafonomia e análise e interpretação dos achados. Em adição a estes desenvolvimentos, deu-se também a utilização regular de uma bateria alargada de métodos de datação absoluta, que alteraram profundamente o estudo da Arqueologia, em geral e da Pré-História Antiga em particular.

As questões da cronologia e do paleoambiente

A questão da cronologia em Arqueologia constituía, ao tempo de Manuel Heleno, um tema central em que os conhecimentos eram ainda muito difusos. Basta recordar que os primeiros ensaios de quantificação da antiguidade humana, feitos através do recurso às chamadas «tabelas de Milankovitch» datam somente dos anos de 1930, sendo antes disso todos os cálculos baseados em meras estimativas, decorrentes da aplicação de métodos de datação relativa, que aliás são apresentados por Heleno com notável detalhe, se atendermos à natureza humanística dos cursos lecionados.

O conjunto destes recursos de datação relativa («variações dos glaciares», «terraços fluviais», «depósitos marinhos») constitui aquilo que Heleno designa por «método geológico», ao qual se acrescentam o «método paleontológico», o «método petrográfico» e, claro, o «método tipológico». Em relação a todos, Heleno realiza uma apresentação sintética dos seus fundamentos, mas não se exime também a expor as suas limitações. Cite-se o caso das sequências de terraços, onde se reconhecem diversas «dificuldades de investigação» (Ficha 12, 1948/1949).

Os métodos de datação absoluta mereceram especial atenção a Manuel Heleno, que cedo percebeu a sua potencialidade. No ano letivo de 1953/1954, a uma mera meia década da descoberta do método do Radiocarbono nos EUA por Willard Libby e colaboradores (e outra meia década antes da sua consagração internacional, através da outorga do Prémio Nobel da Química a Libby, em 1960), Manuel Heleno ensinava aos seus alunos o funcionamento de vários métodos de datação, incluindo o do Radiocarbono. Os detalhes e descrição são absolutamente modernos no conteúdo, afirmando numa das suas notas, referindo-se a esse método, que «ainda que novo e sujeito a verificações ele representa na base uma grande esperança» (Ficha 60, 1953/1954). Provavelmente apenas por coincidência, após esta frase, Heleno remete a sua aula para o que ele denomina «círculos de crescimento das árvores» ou seja a Dendrocronologia, método que possibilitou a calibração inicial do calendário de Radiocarbono. Mas a visão pedagógica de Heleno incluía também outro conjunto de métodos de datação absoluta, fundamentais para o estudo da Pré-História Antiga: é o caso do Potássio-Árgon, das Varvas, das Moreias (onde ele inclui dois métodos, o avanço e recuo dos glaciares e o método pedológico); menciona também a importância das Curvas de Milankovitch e a importância das variações da excentricidade da órbita terrestre e precessão dos equinócios, a que ele chama «Métodos astronómicos» e que sabemos agora serem fundamentais para o entendimento dos ciclos paleomagnéticos, geológicos e climáticos (Bicho, 2011) que ajudam a estudar o Paleolítico e o Mesolítico. Ainda no que respeita à questão da datação, Heleno trata em detalhe os vários métodos de datação relativa como, entre outros, a tipologia (que ele indica, erroneamente, como tendo sido Mortillet a fundar, talvez por ter sido este um dos mais precoces e conhecidos sistematizadores dessa ferramenta arqueológica), a variação dos níveis dos mares, a formação dos depósitos marinhos e terraços fluviais e a sua altitude relativa, todos eles fundamentais para o estudo e enquadramento cronológico das jazidas dos períodos em questão.

Manuel Heleno, contudo, não se centrou nas suas aulas apenas nas questões de cronologia. O estudo e o conhecimento dos ambientes naturais da Pré-História Antiga

constituíram um dos seus principais motivos de atenção, dentro do prisma de que estas variáveis são determinantes para a compreensão das próprias sociedades humanas da época. Logo nos apontamentos das aulas professadas no ano de 1927/1928 e seguintes, é apresentado, antes de tudo, o sistema glacial alpino e os fundamentos da existência de ciclos glaciários; seguidamente, são descritos os quadros ambientais que caracterizam os referidos ciclos, sendo até dada informação detalhada sobre as principais sequências bioestratigráficas dos grandes mamíferos ao longo do Plistocénico.

Talvez a Zooarqueologia, ou o que Heleno denomina o estudo dos animais, seja uma das facetas mais interessantes das notas pedagógicas do Professor. Pode ler-se aí que:

«Em regra desprezam-se ou não se aproveitam bem os ossos dos animais e isto representa, como diz Leroi-Gourhan ‘uma miopia incompatível com o exercício das escavações’. É preciso não esquecer este princípio fundamental: recolher todos os ossos, até os mais pequenos fragmentos.» (Ficha 46, 1953/1954.)

Ou ainda:

«De duas maneiras podem ser olhadas as ossadas dos animais:

a) Determinação (indicação) do animal a que pertencem.

— Dizer-se que numa camada havia a rena, o boi ou cervídeos é pouco porque os animais perduram em épocas muito afastadas.

b) O estudo deve ser mais completo e procurar elementos para a determinação:

1. Clima; 2. Do regime alimentar do homem; 3. Dos processos de caça; 4. Da origem das raças dos animais e da sua evolução.»

Convém destas citações reter em primeiro lugar a sua precocidade. Como se sabe, André Leroi-Gourhan apenas iniciou as suas escavações em sítios paleolíticos em 1945 (em Furtins, Saône-et-Loire) e sobretudo em 1946 (em Arcy-sur-Cure). E só deu organizada conta das suas reflexões em 1950, no pequeno mas seminal manual *Les fouilles préhistoriques: technique et méthodes*, já acima referido. Ora, o que se verifica é que este manual foi introduzido por Heleno na sua bibliografia logo em 1950/1951 e dele passou a fazer expressivo uso, conforme acima se regista, defendendo, neste domínio particular, que o estudo das faunas, com base na análise de todos os fragmentos, permite a identificação de elementos anatómicos, da idade e sexo, bem como de elementos tafonómicos (vários exemplos são dados — dentadas de hienas, desgaste por águas ou pela passagem das feras), que permitem depois o estudo climático, da dieta humana, das técnicas de caça ou mesmo da evolução das espécies.

Nota final

Das notas pessoais pedagógicas e dos (poucos) trabalhos publicados por Manuel Heleno, seria possível escrever muito mais: os temas históricos, teóricos e metodológicos são em grande número e (quase) todos são também de grande interesse e atualidade. Escolhemos apenas alguns para salientar um aspeto fundamental: a leitura e observação

das fichas dos conteúdos das aulas de Arqueologia de Manuel Heleno mostra que a sua perspetiva metodológica, já com mais de cinco décadas de tempo passado, é absolutamente inovadora para a sua época e, em muitos casos, ainda atual e semelhante à da Arqueologia que se pratica internacionalmente: era, portanto, na sua essência, idêntica à do século XXI.

Ano	Disciplina	Designação das fichas	N.º de fichas	Fichas de metodologia	Temas
1948-1949	Pré-História	História da Pré-História e Métodos e Dúvidas	108 + 8	8-108	Escavação Prospecção Datação Desenho Fotografia
1950-1951	Arqueologia	Arqueologia	6	-	-
1953-1954	Arqueologia	Arqueologia	63 + 8	19-60 + F1 a F5	Prospecção (geoquímica, aérea) Sondagens Datação (relativa e absoluta) Escavação Estatística Análise de faunas Análise laboratorial (polínica, química, petrográfica) Reconstrução (ambiental, económica, social)
1953-1954	Pré-História	Pré-História	4	-	-
1954-1955	Arqueologia	Arqueologia	Só há programa	-	No primeiro ponto do programa menciona os métodos de investigação
1955-1956	Arqueologia	Arqueologia	Só há programa	-	No primeiro ponto do programa menciona os métodos de investigação
1956-1957	Arqueologia	Arqueologia	15	-	No primeiro ponto do programa menciona os métodos de investigação
1957-1958	Pré-História	Antiguidade do Homem	10	-	-
1958-1959	Arqueologia	A Arqueologia em Portugal	78 + 9	-	-
1959-1960	Pré-História	Pré-História	10	-	-
1963-1964	Pré-História	A Pré-História em Portugal	1	-	-

Quadro 1. A importância do ensino da Arqueologia Prática nas Fichas e Programas das disciplinas de Manuel Heleno.

4. A história da arqueologia portuguesa vista pelas suas aulas

JOÃO LUÍS CARDOSO

Manuel Heleno, na sequência do seu Mestre, José Leite de Vasconcelos, preocupou-se em apresentar aos seus alunos da disciplina de Arqueologia e, depois, da de Pré-História, uma perspectiva histórica destas áreas científicas em Portugal. Paralelamente, debruçou-se sobre um outro tema correlativo, a história das escavações arqueológicas em Portugal, que abordou de forma menos desenvolvida, com exceção da atuação da Sociedade Arqueológica Lusitana em Troia, no programa da disciplina de Pré-História, de 1958/1959. Em ambas apresentou sínteses bem estruturadas e detalhadas no que concerne à História das investigações da Arqueologia e da Pré-História em Portugal, e fê-lo com notável brilho, ao convocar os seus conhecimentos da História de Portugal da época Moderna, área que também lecionava na Faculdade de Letras de Lisboa. Carreia interessantes e ignoradas referências à Idade Média com base na documentação, seguidas de valioso contributo sobre o papel de eruditos portugueses dos séculos XVI e XVII, revelando notável domínio das fontes, sem esquecer a Numismática e a Epigrafia, articulado com o aprofundado conhecimento da ação das instituições, a partir do século XVIII, no quadro do Iluminismo, a tal ponto que muita da informação produzida se manteve inédita, por não ter havido depois dele quem mais se interessasse por tal matéria. É o primeiro a referir-se, no ano letivo de 1956/1957, ao célebre Alvará de Lei joanino de 14 de agosto de 1721, que instituiu a proteção dos monumentos arqueológicos, encarregando para tal efeito a Academia Real da História Portuguesa do seu respetivo estudo e inventariação.

No conjunto, Heleno divide a história da investigação pré-histórica portuguesa em dois grandes períodos — opção seguida em diversos anos na leção da disciplina de Pré-História: o anterior e o posterior à data da afirmação da Arqueologia científica, em meados do século XIX, por via da criação da Segunda Comissão Geológica (1857), subdividindo o período mais recente em três grandes fases, marcadas, respetivamente pela atividade daquela Comissão, pela do Museu Etnológico (fundado em 1893) e pela promulgação do Decreto de 18 de abril de 1932, adiante discutido. Nota-se, assim, contradição relativamente ao faseamento em quatro períodos simultaneamente apresentado na disciplina de Arqueologia; mas a contradição afigura-se ser apenas aparente, por o faseamento em dois períodos se reportar apenas à Pré-História, e não à Arqueologia como um todo.

Com efeito, no ano letivo de 1958/1959, ao conferir maior atenção à História da Arqueologia em Portugal, sistematiza pela primeira vez os conhecimentos compilados, nisso se revelando uma das suas facetas mais interessantes como docente, a que já se fez menção. Considera, deste modo, a existência das quatro seguintes fases:

- 1.^a fase — respeitante à Idade Média onde «tanto as ruínas antigas como os achados [então] efectuados estimularam a imaginação do povo e dos letrados medievais», dando exemplos concretos muito interessantes;

- 2.^a fase — abarcou o tempo que vai do Renascimento à fundação da Academia Real da História em 1720. Critica a severidade com que Hübner julgou a obra de André de Resende, acusando-o de publicar inscrições romanas falsas para nobilitar a sua terra natal (Évora). Na verdade, o propósito de Resende teria sido outro, o de dignificar os antepassados do próprio povo português, na luta que tiveram de enfrentar contra os exércitos romanos; tudo tem de ser visto à luz da sua época, como bem sublinhou J. Mendes de Almeida, na crítica à segunda edição da obra do humanista eborense *De antiquitatibus Lusitaniae* (Almeida, 1997-1998). Note-se ainda que a sua formação, na área dos Estudos Clássicos, propiciou a M. Heleno o aproveitamento de rico manancial de informação, que teve também o mérito de compilar;
- 3.^a fase — coincide com a atividade da Academia Real da História Portuguesa, a que se segue o período dominado pela ação de Cenáculo e depois o correspondente à Academia das Ciências de Lisboa. Justifica-se a importância conferida aos trabalhos desenvolvidos pela Academia Real da História no âmbito da Arqueologia, na qual, como refere, esteve prevista a criação de um Museu de antiguidades. A caracterização dos trabalhos então desenvolvidos revela, por parte de M. Heleno, como era seu hábito, um aturado trabalho de pesquisa nos dezasseis volumes das Memórias da Academia publicados entre 1721 e 1736, referindo-se aos seus mais conhecidos intervenientes neste campo (como Martinho de Mendonça de Pina), e a outros, menos conhecidos, como o marquês de Abrantes, que tratou de inscrições provenientes de Alcácer do Sal e de Santiago do Cacém. Refere-se ainda a Gerónimo Contador de Argote, que publicou bela gravura das representações rupestres do Cachão da Rapa, cujos trabalhos se inserem claramente na linha dos produzidos pela Academia, a qual corresponde a notável documento para a história da Arqueologia europeia, já que corresponde, sem dúvida, à representação mais antiga de uma estação pré-histórica de arte rupestre (Argote, 1734). Aliás, só a aprofundada pesquisa documental e arquivística por si então efetuada, permitiria a segurança de afirmações que exigiam comprovação direta, como esta: «Confrontando os livros deste padre trentino com as comunicações dos sócios correspondentes existentes na Biblioteca Nacional verifica-se que Argote os reproduziu quase textualmente, sem adições, mas também sem correções», dando exemplos concretos.

Sob a influência da Academia, iniciou-se também o Dicionário Geográfico, a cargo do Padre Luís Cardoso, interrompido pelo terramoto de 1755 e depois continuado, por ordem do Marquês de Pombal.

Heleno aborda seguidamente em detalhe a vida e a obra de Cenáculo, que em 1791 fundou o primeiro Museu aberto ao público em Portugal, em que «a sua organização não obedeceu a um capricho de colecionador, mas a uma finalidade educativa», incluindo também a História Natural. O ilustre prelado teve o mérito de deixar discípulos, cuja biografia é apresentada por M. Heleno, tendo alguns deles assegurado a transição para o período dominado pela atuação da Academia das Ciências de Lisboa, onde se destacaram classistas, arabistas, epigrafistas e numismatas, cujos nomes e atividades não deixa de enunciar;

4.^a fase — desenvolve-se, como anteriormente se referiu, desde a fundação da Segunda Comissão Geológica, em 1857, e a atualidade. Heleno destaca, justamente, o contributo de Hübner no despertar da investigação portuguesa sobre o Período Romano, revelando-se como profundo conhecedor da sua obra, que caracteriza detalhadamente, como se conclui dos tópicos indicados. Sucede-se a descrição da ação do Museu Etnológico e em particular a do seu primeiro Diretor (José Leite de Vasconcelos) e dos seus colaboradores mais próximos; e atribui as razões da sua origem mais longínqua à Revolução Francesa, por um lado, e ao Romantismo, por outro: é, assim, o primeiro a teorizar em Portugal sobre as grandes correntes do pensamento arqueológico, ultrapassando a mera descrição dos acontecimentos. A imparcialidade evidenciada por Manuel Heleno na abordagem e exposição das matérias relacionadas com esta última etapa da arqueologia portuguesa, evidenciada já na síntese apresentada aos seus alunos de Arqueologia no ano letivo de 1948/1949, confirma-se 10 anos mais tarde: assim, não deixa de referir a ação desenvolvida no seu tempo por agremiações, associações e sociedades científicas no campo da Arqueologia, ainda que as relações por si estabelecidas nem sempre fossem as melhores, como sabemos, com os arqueólogos que as integravam, cujos nomes não deixa de referir. Compreende-se que, por vezes, lhe fosse difícil separar as questões pessoais das científicas, mormente em aspetos específicos em que profundamente se empenhou. Talvez o exemplo mais expressivo desse conflito tenha sido a legislação que, por sua expressa influência, foi promulgada pelo então Ministro da Instrução Pública, Doutor Gustavo Cordeiro Ramos, em 1932 (Decreto n.º 21 117, de 18 de abril de 1932), sobre escavações arqueológicas, «para pôr fim à descoor-denação existente em Portugal na Investigação Arqueológica», como refere em 1958/1959. Esse diploma foi já objeto de caracterização, apresentando-se igualmente as reações mais significativas ao mesmo (Cardoso, 1999). Embora estas, conforme refere o próprio em 1948/1949, tenham sido a «reacção da rotina. Todos contra um», a «desforra», sobrevinda depois, sob a forma da legislação espanhola e francesa, acabaria, no seu entender, por lhe dar razão. Em 1958/1959, declara ainda, a tal propósito: «Este decreto foi muito combatido pela anarquia existente e ocasionou violentas polémicas [...]» pelo papel centralizador que se conferia ao Museu Etnológico. Não obstante, «serviu de base a legislação posterior e conserva plena actualidade».

Na prática, o que aconteceu foi que o referido decreto conferia ao Museu Etnológico poderes para efetuar intervenções arqueológicas em qualquer local do País, prioritariamente às restantes instituições e arqueólogos que então intervinham no terreno. Claro que tal disposição não agradou a estes, que concertadamente reagiram, do que resultou a alteração da lei. Com a criação da Junta Nacional de Educação (JNE), a atividade arqueológica passou a ficar subordinada a uma das suas subsecções, que integrava como vogais representantes das diversas instituições com intervenção na Arqueologia, entre as quais, naturalmente, o Museu Etnológico, através do seu Diretor. Dado que os Vogais não precisavam de solicitar autorização formal para a realização de trabalhos arqueológicos, fossem estes onde fossem, ficava deste modo salvaguardado o papel de M. Heleno, ainda

que em paridade de circunstâncias com os restantes Vogais, realidade que nunca terá sido de seu agrado. Com efeito, apesar do seu papel proeminente na arqueologia nacional, manteve-se sempre muito crítico em relação à situação então vigente. Prova disso são os considerandos apresentados mais tarde, em 1953/1954: «Escava-se sem plano e sem preparação na maioria dos casos; e os próprios serviços não dispõem de laboratórios convenientes. Ainda não chegou a hora da Arqueologia. Até lá convém poupar os níveis a escavar [...]» Em 1958/1959 volta a reafirmar as suas profundas reservas à realidade então vivida, dado que esta «trouxe só benefícios aparentes, porque: a) continua-se a escavar clandestinamente; b) nem sempre as escavações são bem conduzidas. Falta à JNE possibilidades de execução rápida e os seus delegados no País nem sempre cumprem. Conviria dividir o país em circunscrições, cada uma delas sob a égide dum funcionário [...] que actuasse rapidamente [...]» E conclui, declarando: «É tempo de acabar com as escavações mal conduzidas.» A esta preocupação, que mantém, apesar de tudo, clara atualidade, tendo proporcionado na época graves conflitos com diversos arqueólogos, como Abel Viana e António Dias de Deus (Cardoso, 1999), soma-se a sua visão estratégica, a que o tempo acabaria por dar razão: a descentralização administrativa em matéria de gestão da atividade arqueológica no País, aliás justificada pelo extraordinário acréscimo da mesma desde então, foi uma realidade positiva, verificada apenas várias décadas volvidas, com avanços e recuos que se prolongaram até à atualidade.

No entanto, não deixa de apresentar aos seus alunos visão construtiva, suscetível de fazer alterar, nesses meados do século XX, o estado da arte em Portugal: referindo-se a Cartailhac, Siret, Déchelette e Bosch Gimpera, declara: «a arqueologia portuguesa viveu arri-mada a estas muletas, como está influenciada pelos trabalhos da escola Inglesa (Childe, Hawkes, etc.) por intermédio dos espanhóis. Ora disto precisamos sair, colhendo materiais que permitam sistematizações.» Está, assim, explicada a extrema preocupação de Manuel Heleno nas sistematizações que apresentou ao longo dos anos aos seus alunos: era a sua resposta, legítima, esforçada e credível, ao desafio que ele próprio lançou, de apresentar visão necessariamente original, porque baseada num impressionante reportório coligido no campo, pacientemente, ano após ano, da realidade pré-histórica portuguesa.

5. Aspetos relevantes do seu ensino no domínio da Pré-História Antiga

LUÍS RAPOSO E NUNO BICHO

Em 1923, ano em que Manuel Heleno iniciou a sua atividade docente na Faculdade de Letras de Lisboa, por indicação de José Leite de Vasconcelos, os estudos de Pré-História Antiga em Portugal eram ainda relativamente escassos, circunscritos geograficamente, amadorísticos e por isso limitados a recolhas de superfície, preferencialmente nas imediações dos grandes centros urbanos e mais intensamente nos arredores de Lisboa. As Cartas do Paleomesolítico português realizadas durante décadas, até aos anos de 1940, com relevo para o Paleolítico da zona indicada, são bem a prova desta situação (Paço, 1934, 1936; Jalhay e Paço, 1941; cf. Cardoso *et al.*, 1992; Raposo e Carreira, 1994).

Tinha há muito passado a chamada «idade de ouro» da Arqueologia Pré-Histórica portuguesa, no último quartel do século XIX (cf. Diniz e Gonçalves, 1993-1994, p. 178), quando os estudos sobre o Paleolítico e Mesolítico eram realizados no âmbito das Ciências da Terra e da sua afirmação nascente em Portugal, durante e depois da Regeneração. A chamada «escola geológica», ou da Comissão Geológica de Portugal para sermos mais rigorosos, tinha perdido o seu ímpeto inicial e a reestruturação que iria dar lugar em 1918 aos Serviços Geológicos de Portugal estava ainda longe de ser traduzida em novo impulso, que só viria a ocorrer com a contratação de Georges Zbyszewski, em janeiro de 1940 (Cardoso, 1997) e com a sua subsequente obra gigantesca, sozinho ou em colaboração com outros, entre os quais cumpre salientar Henri Breuil.

No estudo da Pré-História Antiga, não tinha também ainda sido construído em Portugal paradigma científico histórico, que pudesse ser alternativo ao da Geologia e da Paleontologia. Tal era especialmente flagrante no caso dos investigadores com formação em Letras, ou Humanidades em geral, que se mostravam normalmente alheados da pesquisa dessas épocas, sendo aliás certo que em muitos ainda se colocavam dúvidas quanto ao caráter verdadeiramente humano das populações anteriores à chamada «Idade da Rena» (Paleolítico Superior), dúvidas que só viriam a ser ideologicamente dissipadas através das Encíclicas do Papa Pio XII (*Mystici Corporis Christi*, 1943; *Humani Generis*, 1950).

A importância que Manuel Heleno confere à Pré-História Antiga num Curso de Letras, desde a sua Lição Inaugural aqui transcrita (e publicada em *O Arqueólogo Português*, série 1, vol. 27, 1925-26, p. 183-193), constitui por isso uma primeira observação digna de referência. É certo que este enfoque segue a perspetiva holística do seu Mestre, José Leite de Vasconcelos, que se formou no culto positivista do progresso científico e dedicou também alguma atenção ao Paleomesolítico, a ponto de ter escrito, ainda jovem e sob influência do chamado Congresso de Lisboa de 1880, uma das primeiras sínteses de divulgação sobre a matéria, produzidas por autor português («Portugal Pré-Histórico», 1885). Mas não é menos certo que a manutenção, e até reforço desta orientação, ao longo de todo o seu magistério, como se comprova pelas planas de aulas que constituem o segundo bloco documental agora transcrito, datados da última década da sua leciona-

ção, constituiu uma opção isolada e que aliás deixaria de ter continuidade subseqüentemente, quando a investigação em Pré-História Antiga quase desapareceu durante décadas da Escola Superior onde lecionou e de todas as restantes equivalentes.

Importa, pois, na análise do pensamento de Manuel Heleno no domínio da Pré-História Antiga considerar o arco temporal existente entre a «Sebenta» da década de 1920, atualizada em notas até ao final da década de 1930, e os «Planos de Aulas» dos anos de 1948 a 1964. É certo que os temas básicos são comuns, começando pelo do «lugar do homem na história da terra». É igualmente comum a notável atualização teórica e metodológica, extensiva ao conjunto dos métodos aplicáveis: geológico, paleontológico, estratigráfico, tipológico... bem como aos desenvolvimentos resultantes do contributo de outras ciências, com especial relevo para que os que se traduziram em métodos de datação absoluta. É ainda comum a tentativa de procurar e valorizar os conhecimentos sobre modos de vida, a organização social, a adaptação à natureza, os normativos de conduta cultural das comunidades da mais antiga Pré-História, ou seja de fazer do seu estudo arqueológico uma forma de história.

Mas ao longo do tempo verifica-se uma permanente atenção à evolução da investigação internacional, com a leitura, quase se diria dissecação, de obras ainda hoje de referência, logo que elas são publicadas, sejam de natureza metodológica, como as de François Bordes, sozinho (cf. por exemplo Bordes, 1947, 1950, 1953) ou com Maurice Bourgon (Bordes e Bourgon, 1951), sobre o uso dos métodos estatísticos na análise tipológica das indústrias líticas, sejam de divulgação de novos conhecimentos, por vezes ainda olhados com grande reserva, como foram as descobertas dos australopitécidos sul-africanos. Esta atenção ao «estado da arte» e uma referência regular a «recentes opiniões», leva a alterar o leque de referências bibliográficas, que não apenas se atualiza como alarga, embora mantendo a matriz predominantemente francófona, onde a remissão para a revista *L'Anthropologie* (uma publicação de referência desde a sua criação em 1890) constitui uma imagem de marca. Altera-se também a importância dada aos exemplos portugueses, que na «Sebenta» são menos centrais e limitam-se a repetir o saber da época e nos «Planos de Aulas» resultam em grande parte de investigações próprias e constituem a reserva principal de exemplificação prática e de suporte para teses científicas, por vezes audaciosas e contrárias ao «saber comum» construído internacionalmente e importado um tanto acriticamente. Altera-se, enfim, a maturidade com que a visão de historiador é aplicada aos caçadores da Pré-História Antiga, uma maturidade que lhe permite regressar nalguns dos seus textos tardios a uma poética narrativa (cf. por exemplo, a descrição que faz da descoberta do acampamento solutrense do Vale Almoinha) que tem evidentemente raízes na escola etnográfica leiteana, mas dificilmente seria suportável no início da sua demarcação em relação ao amadorismo reinante no seu tempo.

Do conjunto dos temas de Pré-História Antiga abordados por Manuel Heleno nos dois documentos que temos em presença, selecionamos os seguintes:

Evolução humana

A antiguidade e origem do Homem, em geral («Lugar do homem na história da Terra», «Árvore genealógica do homem», «Lugar do homem na escala animal...»), em Portugal

e no conjunto da Península Ibérica («Os primeiros habitantes da Ibéria», «O homem terciário português»...), constitui um dos temas recorrentes das aulas de Manuel Heleno, sendo atualizado ao longo de todo o seu magistério e enfatizado quando internacionalmente se verifica a ocorrência de descobertas significativas.

Nos primeiros anos documentados nos registos em análise, Heleno reproduz basicamente o saber preexistente, embora com uma modernidade digna de nota, quer quanto ao evolucionismo em geral como quanto à definição biológica e ontológica de Homem (em relação aos primatas superiores, diz, «a diferença é de grau e não de essência»). Nestas fases, o tema mais desenvolvido, certamente pelas suas implicações nacionais, foi o da eventual existência de uma humanidade terciária, especialmente focada no chamado «*Homosimius*» ou «*Anthropopithecus ribeiroi*» e nos correspondentes «eólitos». Alinhadas sucessivamente provas «de ordem paleontológica», «de ordem geológica» e «de ordem térmica e experimental», Heleno acaba por concluir que «nós não possuímos processo seguro de distinguir as pedras de talhe intencional rudimentar das produzidas pela natureza». Ou seja, não são apenas os «eólitos da Ota» que se discutem, negando a sua antiguidade e/ou a sua intencionalidade humana, como fez Henri Breuil, e antes dele fizeram Nery Delgado e Joaquim Fontes (mas não Mendes Corrêa como subtilmente observa Heleno), mas é toda a possibilidade de humanidade terciária que é considerada por «enquanto simplesmente hipotética».

Como testemunho da atenção permanente de Manuel Heleno aos desenvolvimentos da investigação internacional importa referir o redobrado interesse que dedicou ao tema da origem e evolução do Homem no seu curso de 1957-1958. Para além das problemáticas anteriores, o centro de atenção é aí colocado nos achados feitos nas décadas anteriores em África, especialmente na África Austral, de onde tiraram o nome os *Australopithecus*, assim como numa nova sistemática de toda a evolução humana. Em relação ao primeiro tópico, é feito um resumo das descobertas (citam-se Raymond Dart e especialmente John Robinson) e das principais características físicas e culturais (incluindo nestas a possibilidade de fabrico de instrumentos («Pebble-culture ou Kafuense»). Em relação ao segundo, abandonam-se sistemáticas mais antigas (como a de Henri Breuil, expressa, por exemplo, no seu capítulo sobre «La place de l'Homme dans l'échelle chronologique des temps quaternaires» — Parantropianos, Antropianos, Proto-Homens, Híbridos Sapiens e Neandertalenses, Homens primigénios, *Homo sapiens* —, inserido em obra conjunta com Georges Zbyszewski; Breuil e Zbyszewski 1945, p. 623 e seg.) e adota-se a terminologia internacionalmente mais aceite (continuada depois durante décadas e alargada por André Leroi-Gourhan aos aspetos culturais definidores de «estereótipos tecnológicos», Leroi-Gourhan 1964-1965), falando sucessivamente de arcantropídeos, paleantropídeos e neantropídeos. Salienta-se a apresentação das principais descobertas fósseis humanas, em todo o Velho Mundo, com algum detalhe, reproduzindo num primeiro momento o saber da época e discutindo-o depois, de uma forma perspicaz (caso das observações feitas acerca da insuficiência dos fósseis encontrados para a definição de grupos taxinómicos específicos) e prudente, quer dizer, sem a adoção de teses em particular (caso da eventual génese asiática ou africana da humanidade). Neste ponto, é curioso notar que nos textos mais antigos Heleno, negando a possibilidade de poligenismo (ou polifiletismo, antes diríamos), acaba por implicitamente favorecer a tese asiática, aquela que, segundo reconhece, era então favorecida pela «maioria dos tratadistas»; enquanto

que nos textos mais recentes procede a um alinhamento de fatores tal que irresistivelmente conduzem na direção da tese africana. E o mesmo é válido para a origem da humanidade moderna, onde considera que «o *Homo sapiens* fraco e sem sistema piloso só poderia nascer num clima quente ou temperado bastante e onde a generosidade da natureza lhe facilitasse a alimentação. Os planaltos das regiões dos grandes lagos oferecem clima doce e salubre, riqueza vegetal e animal, sem necessidade de vestuário nem de alimentação» (1957-1958, 10).

Métodos de estudo das indústrias líticas

A importância dada por Manuel Heleno aos métodos de estudo em Pré-História Antiga, já referida a propósito dos enquadramentos cronológicos e ambientais, é especialmente assinalável no que respeita à investigação das indústrias líticas, ao chamado «método tipológico» em sentido amplo (ou seja, incluindo também as perspetivas tecnológicas, experimental e analógica, esta última sobretudo sob a forma dos chamados paralelos etnográficos).

Vimos já como, em geral, Heleno considerava a investigação em Pré-História como precursora. As escavações pré-históricas, por exemplo, representavam, nas suas palavras, obviamente inspirado em Leroi-Gourhan, «alta cirurgia das escavações» (Ficha 10, 1948-1949); os métodos de datação são os mais complexos e sofisticados; e o mesmo se passa quanto ao estudo dos artefactos líticos.

Ao tempo, ou seja, nas décadas de 1940 e 1950, os métodos dominantes em Portugal, e na maior parte da Europa, em matéria de estudo das indústrias líticas paleolíticas eram os que derivavam das sistemáticas pioneiras do século XIX, corrigidas e acrescentadas por Henri Breuil, entre outros, baseadas na individualização de tipos característicos (desejavelmente utilizáveis como «fósseis directores»), tipos estes definidos essencialmente a partir das formas dos objetos, embora acessoriamente também das técnicas de fabrico, e definidores de horizontes culturais sucessivos, ou seja, culturas às quais se poderia atribuir cronologias globais, eventualmente paralelizáveis com os sucessivos ciclos glaciares/interglaciares. Na origem e idealmente em cada nova região em que o modelo fosse aplicado, deveria existir controlo estratigráfico, logo cronológico, para o estabelecimento destas entidades culturais. Mas onde tal não fosse possível, recorrer-se-ia à datação pelo simples critério da identificação das «peças típicas» e ainda, na ausência ou raridade destas, pela constituição de séries de objetos de pátinas idênticas, assim podendo datar a totalidade dos conjuntos. Este «método das séries» ou «das patinas» constituiu uma verdadeira revolução em Portugal, especialmente no estudo do Paleolítico dos arredores de Lisboa, onde antes dos trabalhos de Henri Breuil se tinha caído num impasse, dado o carácter incaracterístico e a ausência de controlo estratigráfico da esmagadora maioria dos achados. E foi de tal modo o seu êxito («há um novo método, mais seguro e com o qual se pode conseguir uma classificação, simultaneamente racional e objectiva, do paleolítico dos arredores de Lisboa: é o método do sábio pré-historiador P.^e H. Breuil, membro do Instituto, professor do Colégio de França e do Instituto de Paleontologia Humana de Paris», diria Jean Ollivier em 1941) que a partir dos anos de 1940 (na verdade até aos anos de 1970) passou a ser usado de forma cada vez mais extensiva e também mais acrítica.

Manuel Heleno é um dos poucos, senão o único, a chamar a atenção, desde muito cedo, para as limitações do «método das séries», assim como para as incertezas da datação por meros critérios eustáticos, baseados na altimetria de praias marinhas fósseis ou dos terraços fluviais. Segundo ele, há inconvenientes em ambos estes procedimentos: o último porque a comparação altimétrica dos terraços é «falível»; o «método das séries», porque consistindo em «apartar os objectos segundo a natureza mineralógica. Depois classificá-los tendo em conta o desgaste das facetas e arestas e a patina» (Ficha 36, 1953-1954), obriga a que as coleções sejam numericamente representativas, apresentando ainda o perigo da «variação das condições de exposição (vertentes, planícies)» das peças (dando exemplo de casos concretos em que assim acontece). Contudo, Heleno afirma que este é o método que deve ser utilizado nas situações em que há mistura de materiais de várias épocas em sítios arqueológicos, dando como exemplo o Paleolítico Superior e o Mesolítico de Rio Maior, e a ocorrência específica do complexo da estação da Carneira. Neste particular é interessante verificar que a mesma base metodológica, ou seja, a triagem em séries, foi utilizada meio século depois, nesses mesmos sítios, por João Zilhão (1995) — o que atualiza também a avaliação feita por Heleno quando, em balanço de uma época, conclui que as metodologias de Henri Breuil, por criticáveis que possam ser, «dão ao edifício uma estrutura segura e racional e um amplo horizonte» (Heleno, 1956a, p. 246).

Todavia, muito mais importante do que a crítica, aliás construtiva, aos métodos vigentes, é neste domínio a abertura revelada por Manuel Heleno para os novos métodos de estudo das indústrias líticas que então apenas emergiam e ninguém utilizava ainda em Portugal e na maior parte dos países europeus. É o caso do chamado «método estatístico» que desenvolve nas suas aulas de 1953-1954, citando a bibliografia relevante de François Bordes, sozinho ou com Maurice Bourgon, conforme já referimos antes, bibliografia que se tinha iniciado somente em 1951 e em 1953 e estava ainda em fase de desenvolvimento preliminar. Causa admiração o pormenor a que chega na descrição desta nova abordagem, pelo seu carácter inovador e por se destinar a leção em disciplina de carácter generalista. Esclarece os seus fundamentos, identifica os seus descritores, ao nível dos objetos, dos tipos, das listas de tipos, dos índices e formas de representação de resultados, em tabela e gráfico... e chega a realizar esboço autógrafo do gráfico mais conhecido do chamado «método Bordes», o polígono de frequências relativas acumuladas, ou gráfico cumulativo, como usualmente é conhecido. Conclui que: «[...] é um erro classificar com base apenas nas peças características e esquecer o material corrente, quase sempre o mais abundante. Só pelo conjunto industrial e pela substituição das aproximações (apreciações) pessoais pelas comparações numéricas e gráficas é possível chegar a resultados seguros, sem que se pretenda com isto suprimir a análise descritiva, a indicação da originalidade e estilo da indústria.» (Arqueologia 1953/1954, Ficha 53 B.)

Paleolítico Antigo (Inferior e Médio)

Manuel Heleno, como de resto a maior parte dos autores do seu tempo, a começar por François Bordes, que referimos anteriormente, considerava que Paleolítico Inferior e Médio deveriam ser apreendidos conjuntamente, dando lugar ao conceito de Paleo-

lítico Antigo. Esta divisão do Paleolítico (Antigo e Recente) tem sido frequentemente defendida até ao presente (cf., por exemplo, Gamble, 1986 e 1999), pelo relevo dado à fundamental diferenciação entre a história humana arcaica (todos os humanos pré-*sapiens*) e a humanidade moderna (*Homo sapiens*). Acrescem os aspetos relacionados com a própria apreensão de ambos os períodos a que Heleno, enquanto historiador, seria especialmente sensível: o Paleolítico Antigo, mesmo na sua fase terminal, é amplamente dominado pelos paradigmas das ciências naturais e do tempo geológico, um tempo espartilhado entre os breves momentos (as cenas de reconstituição de ocorrências avulsas) e os milhões ou milénios; o Paleolítico Recente, pelo contrário, permite mais frequentemente a construção de narrativas históricas, com o melhor preenchimento do contínuo temporal que vai dos milénios aos séculos e destes aos presentes etnográficos. Deve contudo sublinhar-se que esta diferente perceção do tempo institui uma distinção que é apenas de carácter metodológico, quer dizer decorrente das limitações do presente, e não intrínseca ou inerente à própria condição humana em ambos os períodos. Heleno é quanto a isto muito claro, citando e corroborando Johannes Maringer (1958), quando afirma que «o homem produziu história desde o seu aparecimento, porque desde então contribuiu para o estabelecimento das bases da nossa civilização» e que a conceção em sentido contrário «apenas encobria a incapacidade dos sábios de então de detectar a história além das fontes escritas» (Pré-História 1959/1960, Ficha 2).

Justifica-se, pois, que nestes apontamentos abordemos separadamente ambos os períodos e os tratemos pela forma binária indicada.

Quanto ao Paleolítico Antigo, pode dizer-se que foi o período em que Manuel Heleno encontrou maiores dificuldades. E de tal modo é assim que, em 1956, na sua síntese de um quarto de século de investigações, afirma desalentado:

«Devemos no entanto confessar que neste campo o nosso esforço nos não satisfez: Muito embora tivéssemos explorado uma gruta em Rio Maior, com um espólio dos princípios da pedra lascada e tivéssemos procedido a sondagens em Mira d'Aire noutra caverna com ossadas dum veado maior do que o da Furninha, a verdade é que não encontrámos destes remotos tempos uma estação cuja estratigrafia pudesse ser a chave duma cronologia. E dada a instabilidade da nossa costa, a falta de segurança dos caracteres altimétricos das praias quaternárias, a falta de depósitos marinhos com fauna distinta da fauna actual, os perigos do critério das patinas usado por Breuil, o encontro duma estação nas condições citadas era basilar para a estruturação do paleolítico antigo de Portugal. Outros serão mais felizes do que eu.» (Heleno, 1956b, p. 227.)

Claro que o desalento indicado tem de ter em conta a exigência da base de partida, que era imensa e radicava no seu rigoroso método, que começa pela tomada de conhecimento e análise crítica do saber do momento, neste caso as sequências-tipo do Paleolítico Antigo europeu («O Paleolítico Inferior na França», a «Distribuição do Paleolítico Inferior na Europa» e «nos outros continentes»; «O Estado social no Paleolítico Inferior»...). Neste âmbito percorre sucessivamente técnicas e métodos de talhe (estalamento, percussão, martelamento, pressão, «débitage» remontante, com bigorna, ângulos de lascamento, blocos, retoque, percutor de madeira, planos de percussão...), tipos técnicos (lascas,

núcleos, alguns «com facetas preparadas, de que se vê parte nas lascas, mas as faces laterais do núcleo são preparadas de maneira a dar lascas com uma forma pré-estabelecida», outros «discóides de grande talhe, outros rectangulares, oblongos...») e tipos funcionais ou morfológicos tradicionais (bifaces, «racloirs»/raspadores, pontas, algumas «encurvadas do tipo Abri-Audi», «hachoirs», discos...). Enumera depois os principais tecnocomplexos, conjugando os ensinamentos de Breuil e de Bordes (Abevilense, Clactonense, Acheulense, Tayacense, Micoquense, Levalloisense, Mustierense, Languedocense...), chegando nalguns casos (Clactonense ou Acheulense, segundo os modelos de Breuil; ou Mustierense, seguindo a sistemática de Bordes), à apresentação de estádios evolutivos internos.

Toda esta massa informativa é usada, como dissemos, na perspectiva da avaliação do «estado da arte», mas não como sistemática obrigatória. Heleno é particularmente contundente na crítica aos modelos unilineares, dizendo ser «inaceitável o simplismo da escola evolucionista que admite que todos os povos passam pelas mesmas fases e explica não por contactos mas por convergências as analogias culturais.» Estas «não se podem negar», mas «o progresso contínuo e em linha é uma ilusão. Inaceitáveis também as atitudes externas da escola histórico-cultural ou da filosofia spengleriana (estabelece um certo número de culturas-tipo). A forma intermediária é que se aproxima da verdade.» (Sebenta, verso p. 12.)

Uma vez reunidos estes dados, Heleno contrasta-os com os métodos e os conhecimentos existentes em Portugal e conclui por um diagnóstico muito negativo: «estudo tipológico dominante», âmbito geográfico limitado, estações de superfície, dando origem a «mistura de objectos. Ex.: Casal do Monte.» O que fazer, pergunta-se? «Explorar novas áreas» e proceder à «exploração de grutas». No trabalho de síntese de 1956, já citado várias vezes, enumera os esforços que empreendeu e alguns dos resultados que obteve:

«Pelo que toca ao Paleolítico Inferior descobrimos na região de Torres Vedras muitas estações aonde Afonso do Paço apontava apenas uma; reconhecemos nos concelhos de Óbidos e Caldas da Rainha um intenso povoamento acheulense, atestado por mais de 100 estações, com milhares de magníficos instrumentos, onde aquele pré-historiador assinalava apenas três; encontrámos em Leiria e Marinha Grande mais de 60 estações com Abevilense, Clactonense e Acheulense, este na foz do Lis abaixo do nível actual dos mares, e numa zona aonde esta indústria era quase desconhecida; no Ribatejo, sobretudo em Rio Maior, levantámos a carta paleolítica, sendo rara a aldeia onde não encontrámos material; e do Alentejo — Montemor-o-Novo, Alcácer do Sal, Monforte e Moura — trouxemos para o Museu preciosos elementos da mesma época.» (Heleno, 1956b, p. 226.)

As coleções, muito vastas, resultantes destes trabalhos permanecem hoje no Museu Nacional de Arqueologia, em grande parte ainda inéditas. É certo que algumas foram objeto de estudos recentes, um deles em contexto de tese de doutoramento (Cunha-Ribeiro, 1999; cf. também Cunha-Ribeiro, 1992-1993), mas não se pode deixar de reconhecer a justificação das limitações apontadas por Manuel Heleno a todos esses conjuntos, desprovidos na maior parte de adequado controlo estratigráfico e, por isso, cronológico.

Todavia, ainda que estas limitações sejam reais, causa estranheza a falta de interesse de Manuel Heleno na análise e justa valorização dos trabalhos conduzidos sensivelmente na mesma altura por Georges Zbyszewski e Henri Breuil em amplas zonas do litoral e sobretudo do Baixo Tejo, trabalho que no entanto Heleno inclui em bibliografia. Açados como os de Santo Antão do Tojal (Breuil e Zbyszewski, 1943; Zbyszewski, 1943), pela associação direta entre indústria lítica e mega-fauna plistocénica, ou os da região de Alpiarça (Breuil e Zbyszewski, 1945; Zbyszewski, 1946), pela quantidade e qualidade dos conjuntos líticos, assim como pela inserção em sequências estratigráficas e geomorfológicas, estudadas à imagem do que antes o mesmo Henri Breuil tinha feito no vale do rio Somme, em colaboração com L. Koslowski (cf. Raposo, 1993-1994) — trabalhos esses que Heleno refere nas suas contextualizações europeias — não poderiam deixar de ser devidamente avaliados e tidos em conta. A sua omissão, ou quase, deve procurar-se, pois, noutra direção, de âmbito mais geral, porventura relacionável com o menor interesse atribuído a estes mais remotos tempos — e não por razões relativas à desconfiança quanto à importância, à natureza humana e à possibilidade da sua abordagem histórica, como já vimos.

Talvez a resposta para este aparente desinteresse de Manuel Heleno esteja, por um lado, na incapacidade que teve em, por si mesmo, encontrar suportes documentais consistentes, como reconhece. Mas poderá estar muito mais na avaliação que se depreende dos seus textos quanto ao lugar das mais remotas presenças humanas numa história da «etnogénese portuguesa». Nos apontamentos de aulas do final do seu magistério, em 1963-1964, Manuel Heleno regista sob o apartado «migrações quaternárias» a indicação de que as «culturas... do coup-de-poing» teriam «origem africana», tendo início no Günz (primeira glaciação alpina e começo da ocupação humana na Europa, como então se considerava); os estilos especiais do Abevilense achados no litoral português («tipo lusitânico») estariam ligados a esta filiação geográfica e cultural; já a «cultura das lascas» poderia ser «oriunda da Europa».

Importa ter presente que a questão das filiações africanas ou europeias para a mais antiga Pré-História portuguesa constituíam um dos principais focos da investigação de Manuel Heleno e até um dos seus mais vigorosos motivos de demarcação em relação a alguns investigadores portugueses (Mendes Corrêa) e grande parte dos espanhóis, dominados estes pela chamadas «teses africanistas». Heleno, na leitura que faz do final do Paleolítico Antigo (Paleolítico Médio, diríamos hoje) em Espanha, assinala:

«Deste período encontrou-se nos arredores de Madrid uma indústria especial sem coup-de-poings, com características pré-mustierenses (pontas rudimentares, raspadores com retoque em degraus) e tipos precursores do paleolítico superior (folhas com retoque marginais, com mossas, com dorso rebaixado, etc.) a que Perez de Barradas deu o nome, por o julgar oriundo da África, de pré-capsense.

O Mustierense, que se estende por toda a península, distribui-se do seguinte modo: Mustierense de tradição acheleunse no norte, centro (misturado) e, não se sabe ainda se no ocidente e sul; Mustierense de tipos pequenos no sul e também nos arredores de Madrid; Mustierense ibero-mauritano, aparentado com o Sbaikiense, por enquanto apenas no vale do Manzanares. Nesta região encontrou-se mesmo em Sotillo uma indústria com Mustierense clássico, Sbaikiense e Ateriense, que parece

demonstrar serem as últimas modalidades duma fácies do primeiro: o Ibero-Mauritano.» (Anexo 2, «Civilizações paleolíticas na Ibéria».)

A ideia de uma origem africana dos primeiros habitantes (desde os pitecantropídeos até aos neandertalídeos) parecia assim ter grande aceitação, sem que Heleno lhe pudesse opor argumentos, a partir das suas próprias investigações. Já quanto ao Paleolítico Superior, ao *Homo sapiens*, ele era categórico:

«[...] nada de africano; ao contrário todas as indústrias da Europa ocidental da época têm larga representação no nosso país e por elas podemos concluir que foram as raças europeias — a de Cro-Magnon, Combe-Capelle e Chancelade — que, eliminando o homem de Neandertal, constituíram o primeiro e mais importante estrato da nossa etnogenia [...]» (1956b, p. 232-233.)

Quanto ao *Homo neanderthalensis* é visível que Manuel Heleno hesita na avaliação que lhe deve ser dada. Em certas passagens afirma que são os *sapiens* a «base da nossa etnogenia» — dela excluindo os Neandertais. Noutras, mais elaboradas, afirma pelo contrário que:

«[...] esta cultura africana [dos pitecantropídeos em geral e do *Atlanthropus* em especial, portadores dos *coup-de-poings*] é porém substituída por uma de lascas, oriunda da Europa, empurrada para o sul pelos frios, em especial pelos glaciares do Wurm. Esta é trazida pelo Homem de Neandertal que se cruza com o primeiro e produz, com a fusão das suas técnicas, o chamado Mustierense de tradição acheulense.» (1956b, p. 232.)

Vistas à distância do tempo todas estas interpretações, para além de insubstantivas, parecem um tanto estereis. Mas enquadradas na época tinham toda a relevância científica e até política. Compreende-se, pois, que não podendo Manuel Heleno, através de investigação positiva própria, acrescentar elementos novos para o debate, dele se tivesse de algum modo desinteressado, na perspetiva da construção de uma «história nacional» e com isso tivesse também subvalorizado, injustamente, o trabalho realizado pelos investigadores da chamada «escola geológica», que prosseguiam a sua investigação alheios a toda essa problemática.

Paleolítico Recente (Superior)

Na continuidade do que fica expresso nos pontos anteriores, observaremos neste apartado também as teses constantes das fichas e da sebenta de aulas de Manuel Heleno, agora publicadas, conjugando-as com o que de essencial tinha já sido por si escrito no artigo de síntese de 1956, *Um quarto de século de investigação arqueológica*.

Heleno defende aí, como já acima foi mencionado, que o Paleolítico Recente «corresponderia a uma fase ulterior ao desaparecimento dos Neandertais e que se encontrava marcado pela introdução de uma nova tecnologia, que incluía não só a produção

laminar e lamelar, mas também a expansão da arte paleolítica e das práticas funerárias. Segundo o autor, a emergência do *Homo sapiens* na Península Ibérica dá-se ainda com a presença neandertaliana, mas que rapidamente foi eliminada, ainda que não na sua totalidade.

Note-se que a perspectiva de Heleno sobre a transição adivinhava os modelos evolucionários debatidos ainda no presente, sendo que é muito semelhante ao contexto teórico atual da fase da transição Paleolítico Médio-Paleolítico Superior: se por um lado, até há muito pouco tempo, se pensava que a última fase Neandertal pertencia ao Paleolítico Superior (o Castelperronense), ficando por esclarecer se seria contemporâneo ou anterior à chegada do *Homo sapiens* com o Aurinhacense (v. sobre este tema Zilhão e d'Errico, 1999), neste momento novas datações levantam sérias dúvidas sobre a associação entre Neandertais e os contextos Castelperronenses (Bar-Yosef e Bordes, 2010; Higham *et al.*, 2010). Se assim for, a perspectiva de Heleno estará de novo correta... e os Neandertais serão apenas responsáveis pelo Paleolítico Médio, tendo sido depois substituídos pelos *Homo sapiens* do Paleolítico Superior.

O Paleolítico Recente, para Heleno, começava com o Aurinhacense, já assim denominado nessa altura. Esta fase incluía não só o Aurinhacense, mas também o Castelperronense e o Perigordense, correspondendo respetivamente às primeira e última fases desse tecnocomplexo. Contudo, esta perspectiva nem sempre seria seguida por Heleno: pode ler-se nas notas de 1953-1954, citando Peyrony na argumentação sobre a existência de duas fácies, uma Aurinhacense e outra Perigordense, que Heleno incluía uma fase inicial Castelperronense e outra tardia, correspondendo ao Gravetense; estas encontravam-se marcadas respetivamente pelas pontas de Chatelperron e La Gravette a que no último caso se juntavam as pontas de Font-Robert e lâminas e lamelas de dorso. Ambas as culturas paleolíticas tinham a sua origem na Europa de Leste, atravessando a Europa e penetrando na Península Ibérica e este e oeste dos Pirenéus, espalhando-se progressivamente para sul pelas faixas costeiras.

Interessante neste âmbito é a frequente crítica de Heleno (1956b, p. 225) a Mendes Corrêa (1924, 1936) sobre a origem das populações paleolíticas e mesolíticas portuguesas, bem como do conhecimento do Paleolítico Superior, contrapondo a sua posição e afirmando claramente que a origem desses povos (e portanto também a do povo moderno português) seria a da restante Europa e nunca uma origem africana (Heleno, 1948a e 1956b), como afirmava frequentemente Mendes Corrêa (e. g., 1919, 1924, 1936 — v. Cardoso, 1999, 2010-2011, 2011 sobre este tema) mas que em 1956 acabaria por abandonar (Corrêa, 1956, *in* Cardoso, 2011, p. 261).

No caso específico de Portugal, as fases iniciais do Paleolítico Superior podiam ser parcialmente encontradas nas zonas de Cambelas e de Rio Maior. Heleno não atribuía nenhuma coleção ao Castelperronense, mas pelo contrário, existem várias indústrias atribuídas por si ao Aurinhacense (Cabeça da Figueira, Bairradas, Carneira, Vascas, Vale Comprido — ao pé da Barraca, Vale de Porcos, Rossio do Cabo e Ponta da Vigia) e ao Gravetense (Senhora da Luz, Casal do Filipe, Vale Comprido, Quinta Nova, Via Vai e Abrigo Grande das Bocas, onde encontrou uma fácies específica — a Grimaldense).

A primeira fase do Paleolítico Superior português, o Aurinhacense, era caracterizada por Manuel Heleno pela presença de raspadeiras carenadas, e por buris de ângulo e de tipo *busqué*. O Gravetense, pelo contrário seria caracterizado como uma indústria sem

imaginação (Heleno, 1956b, p. 234), com buris de ângulo e de Noailles, lâminas de retoque marginal e raspadeiras de vários tipos sobre lâmina.

Por diversas vezes aparece o tema da origem do Solutrense nas notas de Manuel Heleno. O seu texto de 1956 indica inequivocamente a sua preocupação e interesse no tema com a descrição dos seus vários modelos possíveis, propostos por vários autores estrangeiros. É interessante, contudo, que Heleno em 1956 utilize o termo que atualmente Almeida (2000) e Zilhão (1995) utilizaram para designar a transição do Gravetense para o Solutrense — Protosolutrense — relacionado com as pontas de face plana, termo hoje comumente aceite pela comunidade científica.

A cronologia relativa do Solutrense é problemática na perspetiva de Heleno: para ele, o Solutrense podia ser contemporâneo do Aurinhacense e do Gravetense, afirmando não se conhecer, contudo, a sua origem exata. Na época, de acordo com vários autores citados, esta poderia ser africana, a partir do Aterienense, proposta aliás ciclicamente retomada até à atualidade. Heleno, porém, vê esse modelo como errado devido às diferenças nas morfologias das pontas foliáceas entre o Aterienense e o Solutrense e aponta claramente no sentido de uma origem num Acheulense tardio proveniente da Europa Central ou, mais provavelmente, uma origem espanhola, que a ser verdade, partiria da Cantábria (Heleno, 1956b) — talvez por essa razão, Heleno explicitamente afirma que os «solutrenses» eram um povo de pintores. Note-se que Heleno coloca a possibilidade do centro originário das pontas pedunculadas de tipo Parpalló ser na zona de Rio Maior, espalhando-se depois progressivamente para o Levante espanhol e para o resto do território português. A inserção do Solutrense, assim como do conjunto das indústrias do Paleolítico Superior, e do seu autor, o *Homo sapiens*, num contexto europeu e mais concretamente franco-cantábrico, onde as manifestações artísticas parietais, em gruta, eram conhecidas, constitui, aliás, a ferramenta teórica que leva Heleno a incitar Manuel Farinha dos Santos, aquando da descoberta da gruta do Escoural, a estar atento às paredes e nelas procurar arte rupestre paleolítica — como, de facto, veio a acontecer.

A origem da última fase do Paleolítico, o Madalenense, teria coincidido, segundo as notas de Heleno, com o desenvolvimento do Último Máximo Glaciar, vindo provavelmente da Europa de Leste, colocando mesmo a hipótese de a sua origem ser na Sibéria. Esses caçadores paleolíticos teriam entrado na Península Ibérica por ambos os lados dos Pirenéus, espalhando-se depois por todo o nosso território. Na opinião de Heleno, porém, a implantação do Madalenense teria sido débil quer a sul de Parpalló, quer no território português onde estaria presente apenas nas estações arqueológicas de Vale Comprido, Cerrado Novo, Vale da Mata (apontado por Heleno como uma espécie de Azilense sem arpões) e ainda na Casa da Moura e na Gruta da Ponte da Lage.

Mais importante que a ocupação Madalenense em Portugal, foi, para Heleno, a ocupação Grimaldense, uma espécie de Gravetense final ou Epigravetense, contemporâneo do Madalenense, e identificado no Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). Heleno via nas indústrias da base da sequência de Bocas, semelhanças inequívocas com o Gravetense, com toda a certeza devido à presença de abundantes peças com retoque abrupto, formando dorsos *sur enclume*, reminiscentes do dorso das pontas de La Gravette e das Microgravettes. É muito provável que seja essa a razão pela qual Heleno advoga uma contemporaneidade entre o Gravetense, o Solutrense e o próprio Madalenense. Claro que, 40 anos passados, este problema ficaria esclarecido com a cronologia absoluta radiocar-

bónica, verificando-se que o que Heleno descrevia como Grimaldense não é mais do que um Epipaleolítico (Bicho, 1995-1997), com semelhanças com o Madalenense de Rio Maior (Bicho, 1992).

Mesolítico

O estudo do Mesolítico parece ter sido um dos temas que mais interessou Manuel Heleno. Este interesse deve-se, muito possivelmente, ao facto daquele Professor querer desmentir de forma concludente a perspetiva de Mendes Corrêa sobre a origem africana das populações humanas de Muge. Quer nas suas fichas, quer no seu trabalho de 1956, Heleno dá muita atenção a esta problemática, utilizando não só argumentos de índole tipológica da cultura material encontrada nos concheiros de Muge, mas também de carácter bioantropológico. Naturalmente, esse problema terá ficado esclarecido definitivamente para Heleno aquando da sua publicação de 1956.

Não ficaram, contudo, limitadas as notas pedagógicas de Heleno apenas por essa questão. Heleno enuncia também a ordem cronológica e cultural do Mesolítico em Portugal, com a presença de um Asturiense (com origem remota no Languedocense francês) no norte do País, contemporâneo com o *optimum* climático e relacionado com o Abevilense lusitânico, devido à sua característica tecnologia e macroutensilagem. Esta perspetiva está atualmente ultrapassada (Pereira, 2010), mas deve reconhecer-se que até recentemente havia quem admitisse, ou defendesse mesmo, a possibilidade de uma evolução *in situ* das indústrias do Paleolítico Médio para as do Epipaleolítico na zona norte do País (Meireles, 1992).

Mas para Heleno, o verdadeiro Mesolítico aparecia nos vales do Tejo, nos concheiros escavados por Mendes Corrêa e Jean Roche, e do Sado, identificados e escavados pelas próprias equipas do Professor, enquanto Diretor do Museu Nacional de Arqueologia. Heleno acreditava com grande convicção na presença de um Tardenoisense (com triângulos) e de um Sauveterrense (com trapézios e ausência de triângulos), respetivamente em Muge e nos contextos conquíferos encontrados por ele em Rio Maior (Bocas e Forno da Telha).

Talvez os aspetos mesolíticos mais interessantes tratados por Heleno sejam, por um lado, a ideia de que os vários concheiros de Muge representavam culturas e cronologias diferentes, tendo notado que a representação malacológica nos concheiros é diferente entre si e também na formação de cada concheiro, como se pode ver pela tendência, apontada por Heleno para o Cabeço da Amoreira, em que a lamejinha (*Scrobicularia plana*) parece ter sido utilizada mais frequentemente nas fases antigas, enquanto o berbigão (*Cerastoderma edule*) foi preferido nas fases mais tardias de ocupação do concheiro; e, por outro, que o Cabeço da Amoreira representaria uma continuidade da ocupação da população mesolítica para a neolítica. Este tema, muito discutido, nomeadamente pela cronologia e associação das cerâmicas encontradas nesse e noutros concheiros de Muge (Bicho *et al.*, no prelo; Carvalho, 2009, 2010; Ferreira, 1976), está agora definitivamente esclarecido, mostrando que Heleno tinha de facto razão: as cerâmicas encontradas no concheiro do Cabeço da Arruda são efetivamente do Neolítico Antigo, não estando contudo associadas à deposição da estrutura conquífera. Também os dados recentes obtidos

nos trabalhos nesse sítio arqueológico (Bicho *et al.*, no prelo) e de ADN sobre os esqueletos humanos de Moita do Sebastião (Fernández *et al.*, no prelo) demonstram claramente que as populações mesolíticas integraram as populações exógenas neolíticas, mantendo algumas das tradições culturais mesolíticas, designadamente o enterramento dos seus mortos no espaço simbólico funerário mesolítico, dando assim razão a Heleno sobre esta matéria.

Notas finais

Resulta evidente que o trabalho de Manuel Heleno foi fundamental para o estudo da Pré-História Antiga portuguesa: por um lado, as suas aulas claramente atualizadas para a época e informadas, sobre a metodologia não só de prospeção, mas de escavação e análise de materiais que incluía o acesso ao conhecimento de novas técnicas de datação como é o caso do Radiocarbono ou das necessidades específicas que o Paleolítico tem na sua prospeção, terá sido passada a muitos alunos (é evidente que o seu trabalho de campo tem grande qualidade, utilizando crivagem, controle horizontal e vertical do sítio arqueológico, com bons resultados estratigráficos); por outro lado, o seu trabalho fundamental na localização de inúmeros sítios arqueológicos do Paleolítico e Mesolítico, elementos estruturais na construção de uma cronologia e evolução cultural para esses dois períodos (Cardoso, 2011, p. 278), sítios esses que, em parte, foram depois, no final do século, utilizados para as várias teses académicas sobre o Paleolítico Superior português (Almeida, 2000; Bicho, 1992; Zilhão, 1995) e Mesolítico (Umbelino, 2006). Infelizmente, Heleno publicou muito menos do que teria sido desejável e muitos dos aspetos mencionados no presente trabalho são apenas inferências com base no cruzamento entre as fichas agora publicadas sobre as matérias lecionadas nas duas disciplinas de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e trabalho de síntese publicado em 1956 em *O Arqueólogo Português*.

As suas teorias, mesmo quando relativamente frágeis pela base de dados disponível, provam a sua argúcia já que, em muitos casos, se mostram atuais e por vezes pioneiras. Para isto contribuiu em muito a atenção que dispensava à produção científica internacional do seu tempo, podendo dizer-se que era certamente, e de muito longe, o autor português melhor informado em praticamente todos os domínios e períodos observados pela Arqueologia. No caso da Pré-História Antiga tem-se ocasionalmente sugerido que este conhecimento derivava essencialmente do curso lecionado por Henri Breuil na Faculdade de Letras de Lisboa em 1941/1942 (por seu convite, diga-se), curso de que resultaram apontamentos que Heleno teria proposto serem feitos, tarefa de que se incumbiu Virgínia Rau (Cardoso, neste volume). Ora, verifica-se pela leitura de tais apontamentos e sobretudo pelo livro a que deram lugar e onde Breuil expressamente refere essa origem (Breuil e Lantier, 1951), a manifesta discrepância existente com os registos das aulas agora publicados, respeitantes a uma época ulterior. De toda a evidência, Manuel Heleno seguia um percurso original:

- 1.º Leitura atenta e atualizada da mais importante bibliografia internacional, que dissecava analítica e criticamente (foi ele, como se comprova agora, o primeiro

- introdutor em Portugal das obras de François Bordes ou André Leroi-Gourhan, por exemplo);
- 2.º Confrontação com os dados emergentes do território português, sem qualquer tipo de submissão destes a visões preestabelecidas;
 - 3.º Quando os dados portugueses se revelavam insuficientes — o que acontecia frequentemente — formulação de programas de investigação guiados por objetivos precisos, sendo por exemplo a prospeção de campo orientada por modelos preditivos da implantação no terreno dos sítios arqueológicos das diferentes épocas.

Este método era aplicado meticulosamente, em âmbito regional (nos apontamentos das aulas repetem-se as indicações quanto aos locais mais apropriados para o estabelecimento de ocupações dos diferentes períodos da Pré-História Antiga) e até em âmbito estritamente local. Cite-se a propósito a descrição das circunstâncias da descoberta no Vale da Almoinha:

«Pela carta topográfica localizámos os pontos prováveis, fizemos o seu reconhecimento e descobrimos o que pretendíamos: o abrigo solutrense da Almoinha. Nele encontrámos estratigrafia, os limites e forma da cabana, *solutrense* e *languedocense* e até uma grande laje, junto dum lar, que servia de assento aos homens de há 30 000 anos. E não foi sem emoção que nos sentámos também e vivemos esses tempos!» (Heleno, 1956b, p. 228.)

Se esta descrição contem em resumo algumas das qualidades de Manuel Heleno, enquanto arqueólogo e enquanto historiador, permitindo perceber o fosso que o distinguia do «arqueógrafo» e do «naturalista», revela também algumas das suas limitações. Dá ele conta de um achado extraordinário, aparentemente um verdadeiro solo habitacional com estruturas de *habitat* — um fundo de cabana e um «lar», (vulgarmente dito hoje lareira) — e no entanto nenhum registo válido foi realizado; nem tão-pouco foi feita publicação do sítio, que só viria a ser devidamente dado a conhecer muitos anos depois, aliás com o reconhecimento do carácter antecipador da obra de Heleno (Zilhão, 1984).

Acresce uma outra limitação: se no caso do abrigo do Vale da Almoinha podemos admitir estarmos perante um escavação conduzida direta e imediatamente por Manuel Heleno, atento por isso aos mais pequenos restos líticos (a crivagem constituía, aliás, uma prática corrente nas suas escavações), já o mesmo não podemos assegurar em numerosas outras intervenções, deixadas ao controlo direto de colaboradores, não industriais ou não habilitados a recolher todos os elementos líticos. Daqui resulta a sensação ou mesmo convicção absoluta de que muitas das coleções líticas provenientes das suas escavações se encontram claramente truncadas. Como se disse, admitimos que este facto não se deva a opção tomada por Manuel Heleno. Mas tenha ele decorrido de critérios de recolha dos escavadores, no ato da escavação, tenha resultado de seleção feita para o transporte dos materiais entre os sítios arqueológicos e o Museu, ou tenha constituído uma triagem já no Museu, por razões que desconhecemos, a verdade é que introduz distorções importantes e hoje insuperáveis.

6. Aspetos relevantes do seu ensino no domínio da Pré-História Recente

JOÃO LUÍS CARDOSO

Embora só a partir de 1953/1954 exista informação sobre a leção de uma disciplina de Pré-História, sob a forma de fichas de aulas, já na anterior disciplina de Arqueologia era a exposição daquelas matérias que largamente dominava, a par da Metodologia e de elementos sobre História da Arqueologia. Deste modo, embora a essência dos conhecimentos não seja muito distinta da apresentada na disciplina de Arqueologia (especialmente no respeitante à Pré-História do território português), a organização e a apresentação das matérias afigura-se distinta. Logo no que foi aparentemente o primeiro ano de leção daquela unidade curricular, enuncia um conjunto de postulados, quase todos eles respeitantes à Pré-História pós-paleolítica, que apresenta sob o título «Conquistas da Pré-História portuguesa», os quais constituem elementos transversais e permanentes no seu ensino:

- 1) Filiação dos Portugueses nos Lusitanos, apresentando argumentos justificativos para tal;
- 2) A originalidade das culturas pré-históricas do território português paleolítico lusitano (referia-se, naturalmente, ao «estilo lusitaniano» de Breuil e Zbyszewski), cultura dolménica, do Bronze ocidental e dos castros;
- 3) Filiação europeia do povo português: «o português não é ibérico e um indígena celtizado».

Apresentavam-se, no entanto, vários problemas por resolver no âmbito da investigação no campo da Pré-História, os quais enuncia:

- I) Falta duma estrutura própria da Arqueologia Portuguesa, mantendo-se as grandes figuras tutelares da Arqueologia ibérica como «muletas»: Cartailhac, Bosch Gimpera, etc.;
- II) Falta de escavações estratigráficas no Paleolítico. Só estudos tipológicos. As praias antigas (será que se referia à importância de proceder a escavações em tais depósitos?);
- III) Falta de laboratórios de datação (...) de paleobotânica e paleozoologia (aqui manifesta-se mais uma vez a sua visão estratégica, considerando essenciais os apoios das Ciências Naturais à boa prática arqueológica, através da constituição de laboratórios especializados nas áreas que só recentemente começaram a ser consideradas no quadro da Arqueologia oficial);
- IV) Conhecimento imperfeito de certas épocas (Neolítico puro, época do Bronze e do Ferro).

Ao contrário do programa de Arqueologia, na disciplina de Pré-História, desde 1957/1958 deu relevo à apresentação detalhada do processo de hominização, socorrendo-se de bibliografia especializada para preparação de tais matérias estranhas ao seu campo usual de estudos, revelando, como sempre, assinalável rigor e sobriedade, e colocando, como seria desejável, mais questões do que aquelas a que estaria capacitado de responder. No ano seguinte (1958/1959), o programa de Pré-História é significativamente distinto. Não desenvolve o tema da Hominização, substituindo tais matérias pela caracterização das presenças mesolíticas à Idade do Ferro no território português. E, tal como por essa altura se verificava na disciplina de Arqueologia, pugnou por ensino eminentemente prático, com a introdução de aulas práticas à quarta-feira e ao sábado, com a realização de trabalhos individuais (inquéritos) e excursões aos arredores de Lisboa. Também ao contrário do verificado nos programas da disciplina de Arqueologia, introduziu a discussão, naquele ano de 1957/1958, sobre «os concheiros de Alcácer do Sal», cuja exploração então tinha iniciado, para «esclarecimento do problema do Mesolítico», ou seja, a questão das pretensas influências capsenses de origem norte-africana, anteriormente defendidas por Mendes Corrêa nas populações dos concheiros de Muge, mas que ele próprio tinha contrariado de forma concludente, após as escavações que empreendeu na região de Rio Maior (Heleno, 1948). Não deixa, contudo, de retomar este tema, que lhe era caro, nas aulas da disciplina de Pré-História de 1957/1958, apresentando cuidadosamente as teorias que se foram somando ao longo do tempo, concluindo que «Os homens de Muge são idênticos aos homens fósseis, estando mais próximos do Cro-Magnon oriental (Raça de Brnö ou Predmost)». E, na procura de explicações para a existência em Muge de dolococéfalos e braquicocéfalos, sugere a inovadora hipótese de os primeiros corresponderem ao fundo mesolítico e os segundos à população neolítica, tanto mais que, conclui, tanto o Cabeço da Amoreira, como a Moita do Sebastião, duraram até ao Neolítico, chamando a atenção para o facto de que «A estratigrafia de Muge não está bem determinada». Note-se que, dada a época de tal afirmação, esta não pode deixar de constituir crítica para Jean Roche, que, apoiado por Mendes Corrêa, ali vinha a desenvolver trabalhos de campo desde a primeira metade daquela década. Esta afirmação não foi feita em abstrato: como sempre, procurou fundamentá-la numa análise rigorosa da documentação publicada, estabelecendo comparações entre a tipologia das indústrias do Cabeço da Amoreira e da Moita do Sebastião e, depois, com outras estações peninsulares (gruta de La Cocina).

Assim, apresentou detalhadamente, na disciplina de Arqueologia, a discussão da transição do Paleolítico Superior para o Neolítico, suportada por bibliografia adequada e atualizada, o que lhe permitiu visão abrangente, abarcando na sua análise toda a Europa e o norte de África. Nota-se que, nos primeiros anos de lecionação da disciplina de Arqueologia, ainda se não opunha a Mendes Corrêa quanto à origem das populações mesolíticas dos concheiros de Muge, considerando-as, tal como aquele eminente antropólogo, de origem norte-africana (tratava-se do Capsense, cultura arqueológica que teria passado à Península Ibérica no decurso do Paleolítico Superior). A tal propósito, sublinhava, então, os «caracteres muito próximos dos tipos africanos», chegando mesmo a afirmar: «podemos concluir da existência na península duma raça de tipo negróide e africano no epipaleolítico». Tais afirmações, que sabe hoje serem erróneas, teve a oportunidade de retificar mais tarde, no decurso da década de 1930, em resultado das suas pró-

prias investigações em Rio Maior, em estações do Paleolítico Superior, de evidente raiz europeia, tendo tais indústrias passado localmente ao Epipaleolítico, conforme observou pessoalmente (Abrigo Grande das Bocas), contrariando assim a tese africana de Mendes Corrêa (Cardoso, 1999, 2010-2011, 2011), a qual, contudo, tinha, pela mesma época, defensores em França (Hervé, 1930).

Numa época em que tanto se discute a hipótese de miscigenação dos últimos Neandertais com os primeiros Homens modernos, possui interesse histórico salientar que Heleno conhecia a alternativa apresentada por Hervé em 1899 para explicar a génese das populações mesolíticas de Muge, a partir de cruzamento de Neandertais com as populações de Laugerie-Chancelade, do Madalenense, o que constitui obviamente uma impossibilidade cronológica, como H. Vallois ulteriormente concluiu, facto que Heleno não deixa de sublinhar; mas a simples menção a esta teoria e a sua rejeição científica fundamentada bastam para evidenciar o pormenor a que descia a discussão de questões que não eram nem acessíveis, nem fáceis de entender por um estudante mediano de Letras da época; assim também se revelava o rigor e a exigência científica do Professor.

O Capsense, nesses primeiros anos de lecionação e antes de ter publicado um dos seus raros artigos científicos, dedicados precisamente à negação daquelas influências norte-africanas (Heleno, 1948a), estaria na origem das diversas culturas neoeneolíticas peninsulares, seguindo aliás o pensamento de Bosch Gimpera e de Hugo Obermaier, coincidindo com nova vaga de influências oriundas do continente africano, que teriam gerado a Cultura de Almeria, que situa no Neolítico Final. Para se compreender cabalmente a importância destas conclusões no quadro da Pré-História portuguesa e peninsular, importa atentar à visão então dominante, também apresentada por M. Heleno, segundo a qual «os movimentos destas culturas correspondem a movimentos dos respectivos povos».

Aquela visão dinâmica, em que tudo era visto à luz de movimentos populacionais interagindo entre si e ocupando sucessivamente novos territórios, foi, naturalmente, estendida à interpretação da génese e difusão do vaso campaniforme, valorizando o então trabalho pioneiro de A. del Castillo (Castillo, 1928), declarando, a propósito: «Toda a Europa excepto a oriental foi por ele influenciada», afirmação correta, se não fosse pecar por defeito, visto serem bem conhecidas as manifestações do vaso campaniforme na Polónia, na atualidade. Tal como na apresentação de outras matérias atrás discutidas, M. Heleno apresenta detalhadamente as opiniões dos diferentes autores sobre a génese e os mecanismos de difusão das produções campaniformes, o que lhe exigiu, como era seu timbre, aturada investigação bibliográfica pelos autores mais relevantes da época.

Na procura de razões para a aludida difusão, além de movimentações étnicas, admite, para os grupos além-Pirenéus derivados dos campaniformes ibéricos, uma origem não «por um movimento étnico, mas sim uma difusão cultural provocada pela procura e emprego do cobre», reservando aquela explicação para os grupos da Europa Central, derivados indiretamente dos ibéricos. É de sublinhar a visão de M. Heleno, ao utilizar terminologia precisa e estranhamente moderna, para a época, como a expressão «difusão cultural», só recentemente recuperada no discurso arqueológico em Portugal.

Assim, além do Grupo Português, caracterizado pela presença de três tipos de recipientes principais — o vaso campaniforme, a caçola e a taça em calote —, descreveu os restantes grupos campaniformes identificados tanto na Península Ibérica como na

Europa além-Pirenéus. Destes últimos, seis considerou-os derivados diretamente dos peninsulares, declarando muito a propósito que «os vasos da Galiza num Museu bretão não se distinguiriam dos da região», o que é verdade. Uma vez mais, importa sublinhar a modernidade desta afirmação, recentemente comprovada por Laure Salanova.

Porém, importa sublinhar que tais leituras também o levaram por caminhos que hoje se afiguram erróneos, estabelecendo, por exemplo, a filiação do campaniforme na Península Ibérica e, em especial, no vale do Guadalquivir, nas cerâmicas impressas do Neolítico Antigo, identificando, entre outros, os «motivos em forma de folha de acácia», termo hoje corrente para as produções do Calcolítico Pleno da Estremadura, e que é o primeiro a utilizar em Portugal, mas para as do Neolítico Antigo evolucionado. Para reforçar as afinidades entre os dois grupos ceramográficos, assinala ainda também a semelhança entre a técnica de Boquique (presente em produções do Neolítico Antigo) e o pontilhado das cerâmicas campaniformes, que, também erroneamente, admite ter sido produzido com uma roda dentada, ou roleta, hipótese que no entanto à época tinha adeptos), declarando, em conclusão: «Vê-se que a decoração, técnica e forma do vaso campaniforme tem os antecedentes na cultura das grutas. Já o mesmo não se pode dizer dos objectos que acompanham esta cerâmica», observação que, por si só, mereceria ser devidamente explorada, pois nela residia a impossibilidade da aludida filiação, defendida à época por diversos arqueólogos peninsulares.

Outras passagens mereceriam também maior reflexão na atualidade, como a que refere, pese embora o excesso, explicável pela época em que foi produzida, que: «devemos considerar os nossos antepassados os iniciadores das viagens para o N. que tão notáveis se tornaram na época do Bronze», ou ainda esta outra: «Pelos portugueses, já navegadores, ela [a cultura do vaso campaniforme] seria com os dolmens levada à Bretanha e daí trariam o âmbar e outros produtos setentrionais». Com efeito, embora hoje saibamos que os notáveis dólmens bretões são, na generalidade, anteriores aos homólogos portugueses, fica de pé a realidade insofismável dos contactos marítimos estabelecidos pelos povos campaniformes entre o litoral estremenho e a Bretanha, através da Galiza. Segundo Manuel Heleno, a importância das navegações campaniformes para norte eram acompanhadas das que se faziam para sul, afirmando, corretamente, que «o núcleo português tinha relações com a África, de onde proviria o marfim», realidade que hoje se encontra plenamente comprovada, pelos achados de cerâmicas e produções metálicas campaniformes no território marroquino.

Do exposto, conclui-se que, para M. Heleno, existiriam pelo menos estes dois alicerces da identidade nacional: as populações campaniformes e as suas manifestações megalíticas, características do território português, que experimentaram a primeira expansão por via marítima, para domínios mais setentrionais, assim se explicando a presença, tanto de produções cerâmicas campaniformes, como de megálitos, em tais domínios geográficos.

Com efeito, um dos tópicos no âmbito da Pré-História pós-paleolítica a que dedicou mais importância, ao longo dos anos de leção da disciplina de Arqueologia e, depois, da de Pré-História, foi à génese e evolução do megalitismo do território português. Para tal, desde o início, documentou-se das principais doutrinas e seus autores. Discordou de Leite de Vasconcelos, por razões que enunciou, e socorreu-se do faseamento de Bosch Gimpera, sucessivamente aperfeiçoado pelo próprio, a partir de diversas

propostas, entre as quais as dele próprio, de Hugo Obermaier e de outros investigadores, admitindo, com Siret, que os mais antigos monumentos dolménicos remontem aos primórdios do (então designado) Neolítico Final (portanto de época anterior às manifestações campaniformes), com câmaras poligonais e desprovidos de corredor; entre eles, dá como exemplos portugueses os dólmenes do Outeiro do Rato, Pedra dos Mouros (Belas) e do Alvão, entre outros.

É interessante que tenha já atribuído corretamente à fase evoluída do megalitismo as galerias cobertas. A justificação para esta realidade prendia-se, segundo Heleno, com a evolução da própria funcionalidade dos monumentos, já que a galeria coberta podia albergar mais deposições que aquelas que anteriormente se faziam nos corredores, depois das câmaras se encontrarem completamente preenchidas por tumulações. Por seu turno, as galerias cobertas originaram as cistas calcolíticas, declarando corretamente que os monumentos do final do megalitismo, correspondiam a «cistas quadrangulares com tampa que chegam a recordar os dolmens simples», diferenciando, e muito bem, estes monumentos, das cistas da Idade do Bronze, por aquelas serem maiores e retangulares, «do comprimento dum homem».

Outra ideia expressa com plena atualidade, inspirada em Bosch Gimpera e em Obermaier, é a da coexistência da construção de dólmenes de corredor, galerias cobertas e criptas alcalarenses. Justificadamente, apresenta a hipótese para o surgimento de corredores nos dólmenes em resultado do aumento do seu tamanho e, conseqüentemente da sua transformação em monumento coletivo. Quanto aos túmulos de cúpula, perfilha a opinião de Bosch Gimpera, considerando-os de origem peninsular, em resultado de uma evolução local, já que admite existirem megálitos de características intermédias entre os dois tipos. Identicamente, admite que os túmulos escavados na rocha sejam o resultado da evolução dos dólmenes de corredor construídos a meia encosta, apresentando-se outros, por vezes, abertos parcialmente na rocha, invocando o caso do dólmen de Monte Abraão (Belas): «Estes monumentos podem explicar a origem das grutas artificiais, mas elas poderiam nalguns casos ser construídas por imitação das naturais.»

Não se furta à discussão da origem mono ou polifilética do megalitismo, defendendo, até pelos argumentos anteriormente expostos, a antiguidade do megalitismo da Europa Ocidental, face ao oriental, com argumentos plenamente válidos e que em Portugal foi o primeiro a sistematizar e apresentar de forma coerente, infelizmente de forma limitada, porque confinada apenas aos seus alunos, em anos sucessivos. Discordou de Hugo Obermaier, que considerava os monumentos de falsa cúpula de origem oriental, declarando que «os dolmens de cúpula derivam dos dolmens de corredor de proporções monumentais [...]». A ideia de que os dólmenes portugueses derivavam dos monumentos de falsa cúpula, que ainda na década de 1940 era perfilhada por Glyn Daniel (Daniel, 1941), foi definitivamente rejeitada quando as datas obtidas pelo radiocarbono vieram comprovar a maior antiguidade das construções dolménicas portuguesas perante os túmulos orientais, antecedidas por evidências arqueológicas, com destaque para a ulterior construção, no *tumulus* de diversos dólmenes alentejanos, de monumentos de falsa cúpula. As primeiras evidências resultaram das escavações de G. e V. Leisner em dólmenes do concelho de Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1951) observação ulteriormente reforçada, de forma espetacular, pela escavação, no mesmo concelho, da anta 2 do Olival da Pega (Gonçalves, 1999).

Conclui, com afirmação que o tempo veio também a encarregar-se de lhe dar razão, no que respeita ao megalitismo funerário do território português, de que «A ideia é indígena e parece ter nascido no norte de Portugal (Trás-os-Montes e Beira)», pois «ali existem dolmens primitivos com indústrias neolíticas». Com efeito, as cronologias absolutas mais recuadas são, até nova ordem, as obtidas no interior centro e no norte de Portugal, por comparação com as cronologias do sul do País. Foi, assim, em Portugal, o pioneiro na aplicação do princípio de não dissociar as arquiteturas megalíticas dos respetivos espólios, no quadro do faseamento do fenómeno megalítico.

Em resumo, a posição de M. Heleno sobre a neolitização, bem como sobre a questão da génese, difusão e faseamento do megalitismo em território português, incluindo a questão do campaniforme, sustentou-se no espírito analítico, rigoroso e original, sempre por ele respeitado, através da apresentação imparcial das diversas doutrinas, não deixando, depois, de apresentar as suas próprias conclusões, baseadas nas investigações a que procedera.

Sobre o «fenómeno» campaniforme, além de reproduzir matérias apresentadas na disciplina de Arqueologia, enunciou a seguinte declaração no programa de Pré-História de 1957/1958, que se poderia quase subscrever na sua totalidade ainda hoje, altura em que a multiplicação dos elementos disponíveis só veio complicar a discussão da questão, longe de a clarificar: «Não se sabe ainda a origem desta cerâmica [...] Mas não há dúvida que o foco que a disseminou pela Europa foi a Península [...]» Se esta afirmação é sustentável, no quadro das investigações recentes, revela já o mesmo erro enunciado no programa de Arqueologia, ao admitir a sua origem direta nas produções neolíticas peninsulares (Cultura das Grutas), o qual radica nas conceções então admitidas sobre tal matéria.

Também a distribuição das produções campaniformes no território português merece hoje em dia reparos, uma vez que as dá como presentes no povoado de Mairos (Chaves); mas este lapso tem desculpa, pois resulta da publicação respetiva (Santos Júnior, 1933), equívoca a tal respeito, dado que as ditas cerâmicas não são campaniformes. No entanto, as informações da sua presença no Alto Alentejo, em resultado de investigações próprias, apresentam-se, pelo contrário, de assinalável interesse, mantendo-se algumas de tais ocorrências ainda inéditas.

Passando à Idade do Bronze, M. Heleno concebe-a de forma bipartida; é de registar que nela inclua algumas cistas do norte de Portugal, como a da Quinta da Água Branca, atribuindo-a ao «prolongamento pelo Bronze da Cultura neo-eneolítica», conceção inovadora para a época e que ainda hoje merece discussão. Com efeito, independentemente de aquele e de outros sepulcros congéneres se deverem ou não incluir nos primórdios da Idade do Bronze — trata-se de clarificar o estatuto do «Horizonte de Montelavar», o qual se integra para uns ainda no final do Calcolítico, para outros, no início da Idade do Bronze (o mais adequado é considerar um período de transição, cf. Cardoso, 2007) — importa salientar a visão plenamente atual do Mestre, ao rejeitar a existência de lacunas ou soluções de continuidade entre grandes ciclos culturais. Já a fase mais tardia da Idade do Bronze seria representada pelas necrópoles de cistas do sul de Portugal, bem como pelas joias de ouro de Évora, Penela e Sintra, associação que se sabe hoje ser errónea, mas que à época era aceitável, por ainda se não encontrar definido o Bronze Final, ao qual pertencem tais exemplares.

Abordou ainda a Arte Neolítica dos abrigos sob rocha, capítulo só introduzido na sua disciplina de Arqueologia no ano letivo de 1956/1957, referindo os abrigos de Vale de Junco (Arronches) e Pala Pinta (Alijó), bem como o Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães), discutindo a sua cronologia e respetivas rotas de difusão, circunscrevendo-se à época pós-glaciária, já que então ainda se desconhecia em Portugal qualquer manifestação artística mais antiga, a qual só veio a verificar-se na gruta do Escoural, Montemor-o-Novo, de cuja exploração foi encarregado, por indicação de Manuel Heleno, o seu Assistente Manuel Farinha dos Santos (Santos, 1964). M. Heleno teve, como se sabe, intervenção direta e incontornável naquela exploração, realizada por conta do Museu Nacional de Arqueologia (Cardoso, 1999-2000; Silva, 2008), de que viria a resultar a identificação, pouco tempo volvido após o início da exploração da necrópole neolítica instalada naquela gruta, e a descoberta das primeiras pinturas paleolíticas.

Foi um ativo combatente, tanto nas suas aulas da disciplina de Arqueologia, como na de Pré-História, da ideia oitocentista do «tempo não-histórico», ou pré-histórico, declarando existir História antes dos documentos escritos, com base em elementos fornecidos pelo arquivo da Terra, que permitem «reconstituir a vida material e também psíquica desses povos», concluindo: «Portanto, não há Pré-História, há História primitiva.» Recorde-se que esta expressão tinha sido já utilizada desde a década de 1940 por Júlio Martínez Santa Olalla, que dirigia na Universidade de Madrid o Seminário sobre História Primitiva do Homem, aliás com antecedentes no século XIX, consubstanciado num dos títulos mais importantes daquela época, os *Matériaux pour l'Histoire Primitive de l'Homme*, dirigido por Mortillet e, depois, por Cartailhac.

Em jeito de conclusão, pode dizer-se que a lecionação de M. Heleno relativa à Arqueologia pós-paleolítica, concedeu primazia às informações decorrentes das suas próprias escavações, aproveitando os resultados nelas obtidos, sempre de forma organizada e coerente; neste aspeto, esteve muito à frente da investigação então desenvolvida em Portugal: nenhum outro pré-historiador se lhe podia comparar no manejo dos conceitos operativos que lhe proporcionaram as importantes sistematizações apresentadas sobre as diferentes épocas da Pré-História, que expressamente preparava para os seus alunos, pois jamais lhes pretendeu dar outro destino. E, apesar de tais ensaios estarem inexoravelmente datados, ainda hoje não deixam de surpreender, por em grande parte resultarem de investigação própria, que soube compaginar com cuidadas reflexões, resultando num pensamento tão vigoroso e amadurecido quanto original. Tal pensamento pode resumir-se nas três ideias-chave acima transcritas, as quais foram apresentadas em sucessivos anos letivos, até à sua última lição, proferida a 10 de novembro de 1964, na qual declarou, uma vez mais, que a origem do Povo Português, pelas especificidades das suas raízes culturais, remontava mesmo ao Paleolítico Superior, conforme ficou registado em entrevista publicada no dia seguinte ao daquela sessão solene, no *Diário de Notícias*.

7. O professor universitário visto através do seu processo individual da Faculdade de Letras de Lisboa

CARLOS FABIÃO¹

Manuel Domingues Heleno Júnior, nascido em Monte Real, em 11 de novembro de 1894, e falecido em Lisboa a 25 de agosto de 1970, foi discípulo dileto de José Leite de Vasconcelos, por si escolhido para lhe suceder na direção do Museu Etnológico e na docência de Arqueologia na Faculdade de Letras de Lisboa. É importante sublinhar esta dupla condição, uma vez que estes supostos distintos lugares/funções não o eram de facto, porque com a publicação do Decreto n.º 16 640, de 17 de março de 1929, a Direção do Museu passou a constituir uma inerência do Professor de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Considerando que o Decreto se publicou quando Leite de Vasconcelos se encontrava no limite de idade e que Manuel Heleno era já Conservador do Museu, desde 1921, Assistente Provisório da Faculdade, desde 1923, e Assistente Contratado desde 1927 (Fig. 31), resulta evidente que esta disposição se destinava a garantir-lhe não só a direção do Museu, mas também a regência da disciplina universitária de Arqueologia.

Não nos interessa aqui fazer a biografia de Manuel Heleno, mas tão-somente traçar as linhas gerais da sua carreira docente. Para o efeito recorremos à documentação constante do *Processo Individual do Professor Manuel Domingues Heleno Júnior*, que se conserva no *Arquivo da Secção de Pessoal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, com ele, podemos reconstituir nas páginas que se seguem a sua carreira profissional, tanto na docência, como em vários aspetos da direção do Museu, uma vez que se torna evidente pela consulta dos documentos que, frequentemente, o serviço do Museu prevalecia sobre as obrigações docentes, mesmo que nem sempre de um modo pacífico. Todos os documentos seguidamente mencionados encontram-se no *Processo* e estamos naturalmente gratos às competentes e simpáticas funcionárias da referida *Secção*, por nos terem proporcionado as melhores condições de consulta da documentação e se terem disponibilizado a digitalizar algumas peças que considerámos interessantes para ilustrar esta abordagem.

A documentação entregue para a candidatura ao lugar de Professor Catedrático do 4.º grupo, 2.ª secção (Ciências Históricas e Filosóficas), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, constitui o mais esclarecedor elemento sobre a sua carreira profissional, por incluir um numeroso conjunto de atestados. Ficamos a saber que concluiu o curso liceal em 1913, o Bacharelato, em 1917, a cadeira de Numismática, no Curso de Bibliotecário-Arquivista, em 1918, e a habilitação para o magistério liceal, em 1921. Entre 1919 e 1923 lecionou no Liceu Camões, em Lisboa. Foi ainda Professor Efetivo no Liceu de Passos Manuel até 1930. Por estranho que pareça ao leitor atual, na época, era normal a acumulação de funções docentes nos ensinos liceal e superior, como refere Orlando Ribeiro, contemporâneo de Heleno na Faculdade de Letras da Universidade de

¹ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq). cfabiao@fl.ul.pt

Lisboa, não só nas Humanidades, mas também em outros domínios científicos (Ribeiro, 2003, p. 59 e *passim*). No *Processo* de Heleno encontramos dois documentos importantes, o primeiro, uma carta datada de 15 de abril de 1932, pela qual declara que passa a optar pelo vencimento de Professor Auxiliar da Faculdade, prova de que até então receberia o seu vencimento de Professor do Liceu de Passos Manuel. A segunda, um ofício do Diretor da Faculdade de Letras (Agostinho José Fortes), de 19 de outubro de 1933, endereçado ao Reitor do Passos Manuel informando que o Professor desse Liceu, Manuel Heleno, fora nomeado Professor Catedrático da Faculdade — em resposta, o reitor pede alguns esclarecimentos sobre a data de tomada de posse do antigo Professor do seu Liceu, que mereceram pronta resposta de Agostinho Fortes, em 28 de outubro.

A fase inicial da carreira docente universitária de Heleno decorreu em paralelo com a liceal. Assim, foi Assistente Provisório na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desde 1923, lecionando as disciplinas de Numismática e Arqueologia, de certo modo, unidades curriculares menores na estrutura de um curso de Ciências Históricas e Geográficas, praticamente herdeiro direto do velho Curso Superior de Letras.

Em 1930 foi contratado como Professor Auxiliar e, no ano seguinte, por morte do Professor Oliveira Ramos, foi incumbido das disciplinas de História dos Descobrimentos e Colonização Portuguesa, Paleografia e Diplomática e Epigrafia, que passaria a acumular com as que já lecionava (carta de 19 de outubro de 1931). Aparentemente, a sua passagem pelo ensino da Paleografia e Diplomática e Epigrafia terá sido breve. O mesmo não sucedeu com a História dos Descobrimentos e Colonização Portuguesa, à qual permaneceu ligado por largos anos.

Cumpridos dois anos como Professor Auxiliar, Heleno requereu ao Diretor da Faculdade de Letras a publicação dos programas, pois desejava realizar o Doutoramento no grupo das Ciências Históricas (requerimento de 22 de fevereiro de 1932) (Fig. 32). A 24 de agosto, o Vice-Reitor da Universidade informa que foi deferido o requerimento de Heleno, «*que pretende concorrer condicionalmente ao lugar de professor catedrático do referido grupo, não podendo contudo prestar provas sem previamente se ter doutorado*» (carta de 24 de agosto de 1932). No ano seguinte, é apresentado o requerimento da marcação de provas de Doutoramento, datado de 28 de janeiro de 1933, informando «*[...] que por motivo de serviço no Museu / Etnológico só poderá fazer em princípios de / Abril. / § P. respeitosamente a V. Ex.^a / se digne marca-las para a / referida data.*» (Requerimento de 28 de janeiro de 1933.) Esta é uma das várias situações onde é possível verificar que os trabalhos do Museu eram considerados como serviço efetivo da Faculdade, podendo condicionar outros calendários. Heleno requereu nos meses de fevereiro e março desse mesmo ano uma licença sem vencimento, presumivelmente, para se ocupar da Tese de Doutoramento (despacho de 6 de fevereiro de 1933, publicado no *Diário do Governo*, II série, de 11 de fevereiro de 1933). A data das provas acabaria por ser adiada por motivos de saúde: «*Exm^o Snr. Dr. Manuel Heleno Junior: / Apresentei a carta de V. Ex.^a em Conselho e por unanimidade este / manifestou os mais sinceros votos pelas melhoras de V. Ex.^a § / Com respeito à cadeira de Archeologia, esteja V. Ex.^a. tranquilo / que tudo se fará de maneira que V. Ex.^a não seja sobrecarregado com / esse serviço. A respeito do doutoramento certo estou de que o Conse - / lho procurará harmonizar tudo de maneira que nem a saúde nem os in - / teresses de V. Ex.^a sofram qualquer dano. / A bem da Nação / O Director Interino*» (carta de 27 de maio de 1933). O ambiente de bom acolhimento às pretensões do Diretor do Museu Etnológico é evidente e não deixaria

de contrastar vivamente com o que era dado a outros casos similares: Orlando Ribeiro é bastante preciso quanto às chocantes desigualdades de tratamento que se verificavam no mundo universitário da época (Ribeiro, 2003, p. 80-81 e *passim*).

Finalmente, um ofício da Secretaria Geral da Universidade de Lisboa, datado de 3 de junho de 1933, regista a entrega de 30 exemplares da tese de Doutoramento de Manuel Heleno, sobre *Os Escravos em Portugal* (Heleno, 1933a).

A 7 de agosto daquele ano, o Diretor da Faculdade de Letras envia ao Reitor da Universidade um ofício solicitando: «os bons officios de V. Ex^a para que a nomeação do candi - / dato aprovado para professor catedrático Dr. Manuel Domingues / Heleno Junior se faça tão depressa quanto possível. / A bem da Nação / O Director Interino» (Ofício de 7 de agosto de 1933). Deste modo, se pode perceber como foi célere o processo, desde a discussão da tese de Doutoramento, realizada a 13 de julho de 1933 (Fig. 33), até à nomeação como Professor Catedrático.

Para efeitos do concurso para a Cátedra, em que Heleno era candidato único, junta-se, ao conjunto dos documentos já mencionados, um atestado de bons serviços prestados ao Museu Etnológico, um documento subscrito por Leite de Vasconcelos, onde se diz que M. Heleno depois de ter desempenhado funções de Conservador do Museu — «[...] lugar que / obtivera por unânime aprova - / ção em concurso de provas pu - / blicas, foi nomeado Director efec - / tivo, em substituição do signa - / tário, e que, embora esteja na / efectividade há apenas dois anos, / dedica ao exercício do actual car - / go tanta inteligência, competen - / cia e zelo, que o Museu se vê / enriquecido com importantes / objectos, não só adquiridos por / compra, senão também desco - / bertos em escavações realizadas / por Manuel Heleno no Alentejo / e Extremadura, podendo estas / até considerar-se das mais ex - / tensas e produtivas que entre nós / se tem feito relativamente em [sic] / períodos neolítico e calcolítico. / Lisboa 15 de Agosto de 1932.» Mesmo jubilado, o fundador do Museu continuava a acarinhar o seu discípulo e a constituir-se como o garante das boas referências que o recomendavam.

No Requerimento para o concurso de professor catedrático, datado de 23 de agosto de 1932, «com a condição de fazer previamente o doutoramento», o que só se verificou, como acima se disse, no dia 13 de julho de 1933, Manuel Heleno apresenta a lista dos trabalhos publicados, uma dezena de títulos (Fig. 34): *Lista dos trabalhos que apresenta ao Exm^o Júri*: 1^o *A Geografia no ensino secundário*, Lisboa, 1918 / 2^o *Antiguidades de Monte Real*, Imprensa Nacional, 1922 / 3^o *Cartailhac e a Arqueologia portuguesa*, Imp. Nac. 1922 / 4^o *O Reguengo de Ulmar*, in *O Arch. Port.*, 1923 / 5^o *Do estudo e origem da moeda*, Lisboa, 1924 / 6^o *Lição inaugural da cadeira de Arqueologia*, Lisboa, 1930 / *Trabalhos apresentados ao XV Congresso / Internacional de Antropologia e Arqueologia prehistorica: Instrumentos neolíticos de grande comprimento; Tampas sepulcrais da época do bronze (no prelo); Comunicações ao Congresso Luso-Espanhol (1932): Colaboração portuguesa nos descobrimentos náuticos / das outras nações; Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Uma lista não muito extensa para 14 anos de labor, refletindo contudo a diversidade dos temas investigados e lecionados. A publicação das lições inaugurais de Numismática e de Arqueologia e uma primeira incursão na temática da Expansão Portuguesa. As considerações sobre o ensino da Geografia ou as abordagens etnográficas do estudo consagrado à sua Monte Real natal podem considerar-se as únicas manifestações de proximidade relativamente aos caminhos que então trilhava o seu mestre Leite de Vasconcelos, embrenhado na composição dos volumes da *Etnografia Portuguesa*, no essencial, desenha-se com toda a clareza um

percurso firmemente orientado para a Arqueologia, tendo o tema dos Descobrimentos como área marginal.

Ao longo da sua carreira como Professor Catedrático, Manuel Heleno ocupou-se da docência das disciplinas de «Descobrimentos, Arqueologia e Numismática», sendo chamado a outras prestações, aparentemente, a título excecional, como no já citado ano de 1931, ao ter-se ocupado da regência de «Paleografia e Diplomática e Epigrafia», ou em 1937, ao assumir a regência da disciplina de «Estética e História da Arte», em substituição de João Barreira (Ofício de 8 de junho de 1937). Em outro documento do *Processo*, ficamos a saber que ainda continuava a reger esta disciplina em 1940 (v. *infra*).

Com o Decreto de n.º 41 341, de 30 de outubro de 1957, foi profundamente reformulada a estrutura curricular dos cursos da Faculdade de Letras: surge agora a Licenciatura em História, separada da Filosofia; a estrutura curricular alarga-se para cinco anos; e foi confirmado o ensino da Pré-História, através de uma disciplina que já existia pelo menos desde 1953/1954 (Cardoso, neste volume), que naturalmente Manuel Heleno continuou a assumir. Em Ofício de 22 de janeiro de 1958, o Diretor da Faculdade, Vitorino Nemésio, solicitou a Heleno o envio do programa dessa nova disciplina de Pré-História; desde os inícios da sua docência até à criação da disciplina de «Pré-História», a disciplina de «Arqueologia», regida por Heleno era na prática uma disciplina de estudos pré-históricos.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Manuel Heleno assumiu os mais altos cargos. Para além da direção do ensino e investigação em História, foi Secretário, nomeado por portaria de 4 de abril de 1935, publicada no *Diário do Governo*, II série, n.º 105, de 8 de maio do mesmo ano, e Diretor, assumindo interinamente a função em conformidade com o despacho ministerial de 6 de janeiro de 1959 (Ofício ao Reitor da Universidade de Lisboa, de 13 de janeiro do mesmo ano), depois, formalmente nomeado, em diploma publicado no *Diário do Governo*, II série, n.º 248, de 24 de outubro de 1960. Manter-se-ia no exercício do cargo até à jubilação, ocorrida em 10 de novembro de 1964.

Como não poderia deixar de ser, o Processo individual de Manuel Heleno apresenta abundante cópia de ofícios de nomeação para júris do mais variado teor, os propriamente universitários, mas também nomeações para examinar professores do ensino liceal e do profissional, os alunos dos cursos de Conservador de Museus, Palácios e Monumentos Nacionais; encontramos também um ofício da Fundação Calouste Gulbenkian (1705/BA/62), datado de 12 de julho de 1962 e assinado por Azeredo Perdigão, convidando Manuel Heleno para integrar o júri do Prémio Calouste Gulbenkian de «Estética, História da Arte e Arqueologia» (os restantes membros do júri foram João Couto, Délio Nobre Santos, J. M. Bairrão Oleiro e J. H. Pais da Silva).

Manuel Heleno foi nomeado vogal da 2.ª subsecção da Junta Nacional da Educação publicada no *Diário do Governo*, II série, n.º 38, de 16 de fevereiro de 1942, a instância que diretamente se ocupava da fiscalização dos trabalhos arqueológicos em Portugal. Na prática, Heleno já tinha assento na subsecção desde 1936 — sobre a controvérsia que envolveu a composição deste organismo (Fabião, 1999, p. 121 e segs., com referências; Cardoso, 1999).

No domínio da investigação, Manuel Heleno foi também o impulsionador de um centro de investigação na Faculdade, o *Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos*.

Em carta dirigida ao Diretor e datada de 12 de junho de 1942, Heleno escreveu: «*Exm.º Snr. Director: / Junto encontrará V. Ex.^a a exposição que / fiz a pedir a criação dum Centro de / Estudos Históricos e Arqueológicos na Fa - / culdade. § / Agradecia o favor de a informar e de / fazer seguir urgentemente para o / Presidente do Instituto para a Alta / Cultura. / De V. Ex.^a Att. Vem. Obg. / Manuel Heleno J.*» Infelizmente, não se conserva no *Processo* a mencionada exposição.

No ano seguinte, foi enviado ao Diretor o primeiro *Relatório de Atividades* do referido centro de investigação, acompanhado de carta, datada de 3 de março de 1943. O *Relatório* detalha as ações desenvolvidas e identifica os investigadores: Ferreira de Almeida e José Fragoso Lima realizam estudos e conferências sobre temas arqueológicos; no campo da História avultam os nomes de Alberto Iria, Vitorino Magalhães Godinho e José Hermano Saraiva. No *Relatório*, Heleno sugere «*que o Instituto criasse no mesmo / Museu, com carácter permanente, para bolseiros e alunos distintos, um / curso semestral, como os existentes lá fora, sobre 'Investigação pré- / histórica', e convidasse uma notabilidade estrangeira, por exemplo, o / Dr. Obermaier, para o vir abrir. Continuar-se-hia assim o caminho ini / ciado pelo Prof. Breuil, que tão bons resultados trouxe para a nossa / investigação*». Curiosamente, indica-se que alguns dos trabalhos realizados seriam publicados na revista *Ethnos*, o periódico do *Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, que Heleno criara no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos (assim se passou a chamar a instituição, depois da Jubilação do fundador), em 1933 (Heleno, 1935b). Mais tarde, o Centro de História da Faculdade de Letras abandonou a dimensão arqueológica, sob o impulso de Virgínia Rau, e o *Instituto* do Museu assumiu de um modo mais notório as componentes arqueológica e etnográfica, embora sem nunca deixar de publicar trabalhos de índole histórica, com especial atenção à Expansão Portuguesa, uma vez que fora esse o seu primeiro desígnio — «*[...] pôr bem em evidência o papel de Portugal no descobrimento da Terra, na criação de novas nações [...] a acção de Portugal na História da Civilização*» (*ibid.*). Na criação do centro universitário e na atividade do Instituto encontramos de novo a estreita relação entre a Faculdade e o Museu.

Ao longo da sua carreira docente, Manuel Heleno realizou um diversificado conjunto de trabalhos de campo que não deixariam de interferir com o normal ritmo das aulas. No *Processo* encontramos vários apontamentos que nos elucidam sobre os modos como se conjugavam estas distintas ações. Como o trabalho do Museu constituía inerência do trabalho docente, a sua atividade de campo era naturalmente considerada como serviço docente ainda que com frequente prejuízo das aulas. Do *Processo* constam diversos documentos autorizando a ausência por estar em trabalhos de campo (ou simplesmente ao serviço do Museu), bem como períodos de *licença graciosa* (como então se chamava a *equiparação a bolseiro*). Percebe-se também como Heleno tinha normal acesso às mais altas instâncias públicas para expor o seu desejo de se ausentar. As primeiras ausências são breves, como a registada em 1925: em carta sintomaticamente escrita em papel timbrado do Museu, datada de Bate-Pé, 24 / IV / 1925, e dirigida ao Diretor da Faculdade, informa «*Estou realizando com verba concedida pela Junta / da Educação frutuosas escavações entre Montemor- / -o-Novo e Siborro, que só poderão ficar concluídas / no fim da próxima semana. Rogo por isso / a V. Ex.^a o favor de, não só me permitir a / conclusão destes trabalhos, mas ainda também / de, podendo ser, não convocar o Conselho Es - / colar antes de 5 de Maio*». Em 1931, uma carta, datada de 30 de abril de 1931, do Reitor da Universi-

dade (Caeiro da Mata), dirigida ao Diretor da Faculdade, comunica que por despacho de 24 desse mesmo mês, o Ministro da Instrução Pública autorizara o Professor Auxiliar da Faculdade de Letras e Diretor do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos: «*a concluir os trabalhos de escavações iniciados nas férias da Pascoa, na região de Siborro, concelho de Montemor-o-Novo, no prazo máximo de 15 dias, sem prejuízo dos seus vencimentos*».

Em 1934, um ofício com assunto de teor administrativo, datado de 21 de maio, apresenta escrito à margem, «*comuniquei / em 23 / 5 / 1934 para / Siborro*», uma clara alusão de que o professor de Arqueologia ali se encontraria em trabalho de campo, no âmbito das escavações conduzidas em monumentos megalíticos.

Em 1940 decorrem as grandes comemorações do duplo centenário (constituição do reino de Portugal e Restauração), no âmbito das quais se realizou o grande *Congresso do Mundo Português*. Neste contexto, Heleno apresentou um Requerimento ao Ministro da Educação Nacional, datado de 15 de fevereiro de 1940: «*Manuel Domingues Heleno Junior, professor catedrático da / Faculdade de Letras de Lisboa com mais de três anos de ser - / viço, não tendo podido por motivo de doença grave e prolon - / gada prepara [sic] os trabalhos com que deseja colaborar nas come - / morações dos Centenário (Comunicações aos Congressos, estudos / sobre a origem do povo português, publicações de muitas es - / pecies de das [sic] revistas 'Arqueologia' [sic] e 'Ethnos') e não lhe / sendo possível já fazê-lo sem três meses de licença, / Pedir a V. Ex.^a se digne conceder-lha, / ao abrigo do art.º 46.º do Estatuto Univer - / sitário*» — o documento é acompanhado por uma informação de serviço declarando a não oposição à concessão. O Ministro autoriza e, para regularizar a situação, vários documentos procedem ao reajustamento do serviço docente para esse ano, sendo contratado para substituir Heleno José António Ferreira de Almeida, para as disciplinas de Arqueologia e de Estética, com estatuto de professor auxiliar (10 de julho de 1940).

A título de curiosidade, refira-se que nas *Atas* do Congresso não figura qualquer trabalho de Heleno e que, na década de 40, somente em 1949 o Professor publicou alguns estudos.

Em 1946, encontramos uma informação favorável, relativa ao requerimento de M. Heleno de seis meses de licença, «*para dar incremento aos seus trabalhos científicos*», a partir de dezembro de 1946, calendário reiterado em carta escrita pelo próprio ao Diretor da Faculdade, em 27 de novembro de 1946.

Em 1951 encontramos registo de nova dispensa de serviço, equiparado a bolseiro no País, por 12 meses, com início em 1 de outubro 1951 — *Diário do Governo*, II série, n.º 169, de 24 de julho de 1951. A dispensa terá sido prorrogada, uma vez que se encontra também uma autorização para se ausentar do serviço, pelo período de 6 meses, nos termos do art.º 46.º do Estatuto da Instrução Universitária, *Diário do Governo*, II série, n.º 268, de 13 de novembro de 1952.

As diversas autorizações de dispensa de serviço docente, algumas das quais corresponderiam ao que hoje se considera «licença sabática» ou «equiparação a bolseiro», revelam um ambiente de compreensão e apoio, naturais numa instituição universitária. Servem sobretudo para sublinhar que não havia na realidade nenhuma limitação severa ao normal desenrolar das tarefas de investigação. A estas dispensas de serviço, para desenvolvimento de trabalho científico, haverá que somar a concedida para se ocupar das disposições testamentárias de Leite de Vasconcelos — ofício do Vice-Reitor da Universidade de Lisboa, datado de 23 de janeiro de 1943, comunicando a dispensa de serviço docente

de Manuel Heleno e Orlando Ribeiro por cerca de 30 a 45 dias para procederem à arrumação do espólio de Leite de Vasconcelos, em conformidade com as disposições testamentárias. Esta parceria dos dois principais discípulos de Vasconcelos não terá decorrido nos melhores termos, uma vez que Heleno não figura na lista dos colaboradores que asseguraram a publicação dos volumes póstumos da *Etnografia Portuguesa*. Não deixa de ser igualmente significativo que não haja qualquer referência ao Professor de Arqueologia nos textos memorialísticos que o geógrafo publicou (Ribeiro, 2003) e as referências a Heleno são sempre secas e fortemente críticas, tanto naquela (Ribeiro, 1985, XII), como nestas (Ribeiro, 1977, p. 90; 1978, p. 30, 37).

Ainda no domínio da investigação, há no *Processo* um conjunto de documentos interessantes, que se relacionam com estes dois professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 24 de dezembro de 1943, o Diretor da Faculdade enviou um Ofício ao Diretor da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, do seguinte teor (Fig. 35): «*Ex.mo Snr. / Director da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado / LISBOA / Os professores catedráticos desta Faculdade, Doutores Manuel / Domingues Heleno Júnior e Orlando da Cunha Ribeiro, teem sido / por vezes temporariamente impedidos de realizarem os seus traba - / lhos de investigação científica, o primeiro em pesquisas arqueol - / ógicas e o segundo em estudos de Ciências geográficas, por agen - / tes de polícia de muito digna direcção de V. Ex.ª. § / Rogo, por isso, a V. Ex.ª se digne mandar passar qualquer do - / cumento que facilite aqueles professores, quando se encontrem / em investigações no campo, a sua actuação científica. § / Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Ex.ª os meus / cumprimentos. § / A Bem da Nação § / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 24 de / Dezembro de 1943.*» Com a mesma data, ofício análogo foi enviado ao Comandante da Guarda Fiscal.

O pedido terá sido atendido, mas com caráter casuístico, como se pode ler nas respostas recebidas, respetivamente, da Guarda Fiscal: «*Ex.mo Snr. Director da Faculdade de Letras / LISBOA / Sobre o assunto do ofício n.º 769-L.º 5 / de 24 do corrente, rogo a V. Ex.ª se digne in - / formar-me de qual o local ou locais em que / os professores catedráticos Doutores Manuel / Domingues Heleno Júnior e Orlando da Cunha / Ribeiro teem real - / isado [sic] os seus trabalhos e / onde os mesmos deverão continuar, a-fim-de [sic] se poderem determinar as facilidades que / for possível. / A Bem da Nação / Lisboa, 31 de Dezembro de 1943 / O Comandante Geral / [assinatura] / Afonso Carlos Ferreira May / Coronel*»; e da PVDE: Documento com a Indicação de Confidencial [n.º 65 / 944-I], «*Ex.mo Snr. Director da Faculdade de Letras / da Universidade de / LISBOA / Afim de poder satisfazer o solicitado em ofí - / cio n.º 768 - L.º 5 de 24 de Dezembro findo, rogo a V. Ex.ª se digne / concretizar quais os serviços e locais onde desejam actuar em / pesquisas arqueológicas e estudos de ciências geográficas, os / professores catedráticos referidos no supra citado ofício de V. / Ex.ª / A Bem da Nação / Lisboa, Serviços de Informação e ligação, 7 de Janeiro de 1944/ Pelo Director / Assina - / tura ilegível*» (Fig. 36).

Em resposta, o Diretor da Faculdade oficiou a PVDE, em 14 de fevereiro de 1944: «*Ex.mo Snr. / Director da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado / LISBOA / O Professor cate - / drático desta Faculdade, Doutor Manuel Do - / mingues Heleno Júnior, no desempenho das suas funções de Dire - / ctor do Museu Etnológico, inerentes àquele cargo, propõe-se fa - / zer breve - / mente investigações arqueológicas no litoral português / e na zona fronteiriça, designadamente na margem esquerda do Gua - / diana. §/ A fim do mesmo professor não ser estorvado naqueles tra - / balhos de investigação científica, permito-me sugerir, relativa - / mente ao ofício de V. Ex.ª*

de 7 de Janeiro findo, que seja pas - / sada a favor do mesmo professor uma credencial, acreditando-o / junto das autoridades que possam interferir nos seus trabalhos. \$ / Nos mesmos termos, nesta data, se solicita outrotanto ao / Comando da Guarda Fiscal. \$ / A Bem da Nação \$ / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 14 de / Fevereiro de 1944. \$ / O Director». Com a mesma data e análogo teor, foi dirigido ofício ao Comandante da Guarda Fiscal.

Como se pode ver, nesses tempos difíceis, os bloqueios à investigação podiam nascer das mais surpreendentes fontes. No entanto, é bem possível que estas interferências tenham sido meramente pontuais, designadamente, no ano de 1944, quando a guerra na Europa recomendava excecionais medidas de segurança. Sublinhe-se que nada consta sobre estes percalços nas memórias de Orlando Ribeiro, muito ricas em episódios pitorescos, o que reforça a ideia do carácter meramente pontual do incidente.

Em 1926, logo no início da sua carreira, regista-se uma Carta do Reitor da Universidade de Lisboa ao Diretor da Faculdade de Letras, de 6 de julho, comunicando a autorização de dispensa de serviço (sem perda de remuneração) ao Assistente provisório da FLUL e Conservador do Museu Etnológico, Manuel Heleno Júnior, concedida pelo Ministério da Instrução Pública/Direção Geral do Ensino Superior, por despacho de 3 de julho de 1926, para: «*proceder a algumas investigações em Espanha e informar-se da organização [sic] do ensino Superior da Historia e da dos Museus de Arqueologia e Numismatica na França, Italia, Suissa, Alemanha e Bélgica*».

Só voltamos a encontrar registo de relações externas em 1949, quando foi nomeado para o *Comité Internationale des Sciences Historiques* (*Diário do Governo*, II série, n.º 143, de 23 de julho). No ano seguinte, foi nomeado representante português no *Conselho Internacional dos Museus* (*Diário do Governo*, II série, n.º 109, de 7 de maio 1952). Em 1959 voltou a ser nomeado vogal da Comissão Portuguesa do *Comité Internationale des Sciences Historiques* (*Diário do Governo*, II série, n.º 15, de 19 de janeiro). Nesse mesmo ano, foi autorizado a ausentar-se para o estrangeiro durante as férias do Carnaval (*Diário do Governo*, II série, n.º 34, de 10 de fevereiro), mas não há indicação sobre os motivos ou local de viagem. Em janeiro de 1961 voltou a requerer autorização para se ausentar do País e, uma vez mais, nada consta sobre motivos ou destino.

Este relativo isolamento internacional, tanto quanto se pode concluir pelas missões realizadas ao estrangeiro parece ter sido uma constante, embora tenha de ser devidamente integrado na sua época e na realidade económica e cultural do País. Ao contrário, Heleno acolheu em Portugal os mais importantes arqueólogos europeus da época. Merece destaque Henri Breuil, que, a pretexto da realização de um conjunto de conferências, se deslocou a Portugal, em junho de 1941, e aqui permaneceu 17 meses, até novembro de 1942, no decurso dos quais lecionou na Faculdade de Letras de Lisboa, a convite de Heleno, um curso sobre Pré-História. Foram as remunerações auferidas por este serviço que asseguraram o sustento do sábio francês, que repartia o seu tempo entre as aulas dadas na Faculdade de Letras e as investigações realizadas nos Serviços Geológicos de Portugal, que então funcionavam no mesmo edifício, propriedade da Academia das Ciências de Lisboa, em estreita e diária colaboração com o Doutor Georges Zbyszewski (Cardoso, 1997).

No primeiro relatório de atividades do *Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos* (v. *supra*), contemporâneo da presença em Lisboa de Breuil, certamente sugestionado pelo êxito das suas lições, sugere a criação de um curso no Museu Etnológico do Dr. Leite

de Vasconcelos, com convidados estrangeiros. Não obstante, é certo que a passagem por Lisboa de vários arqueólogos de distintas procedências, entre 1944 e 1960, poderia ter sido melhor aproveitada. No detalhado estudo que consagrou ao tema António Carvalho, documenta-se a visita de Santa-Olalla, García y Bellido, Taracena, Pericot, Almagro Bash, Gordon Childe e Glyn Daniel. De todos estes investigadores, Heleno apenas recebeu alguns no Museu Etnológico e nenhum deles proferiu conferências na Faculdade de Letras, embora o tenham feito em outras instituições de Lisboa (Carvalho, 1989). É certo que a maior parte das visitas se fizeram com um claro enquadramento dos mais destacados membros da Associação dos Arqueólogos Portugueses, com quem Heleno tinha relações conflituosas (Cardoso, 1999, p. 144; Fabião, 1999, p. 120-126), mas certamente teria sido possível, se assim o entendesse, usar o seu poder para proporcionar um palco universitário para a realização de algumas palestras, que os convidados não enjeitariam.

O *Processo Individual do Professor Manuel Domingues Heleno Júnior* termina em 1964, ano em que atingiu o limite de idade para o exercício de funções públicas, com uma carta enviada pelo próprio, na condição de Diretor da Faculdade de Letras, ao Reitor da Universidade de Lisboa, em 2 de outubro de 1964: «*Ex.mo Senhor / Reitor da Universidade de Lisboa / Para os devidos efeitos, tenho a honra de comuni - / car a V. Ex.^a que, na minha qualidade de Professor ca - / tedrático do Grupo de História desta Faculdade, atinjo / o limite de idade no próximo 11 de Novembro. § / Aproveito o ensejo para apresentar a V. Ex.^a os meus melhores cumprimentos. § / A Bem da Nação / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 / de Outubro de 1964. / O Director, / Manuel Heleno.*»

Agradecimentos

À Secretaria da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por ter facultado o acesso ao Processo Individual do Prof. Manuel Heleno.

À Direção do Centro Português de Atividades Subaquáticas, na pessoa da sua Presidente, a Dr.^a Margarida Farrajota, por ter cedido fotografia obtida em Troia, na altura em que se exploraram os fundos do estuário adjacentes às ruínas romanas ali existentes.

Ao Senhor José Carlos Henrique, pelo cuidado com que transcreveu a extensa documentação manuscrita de Manuel Heleno, e pela boa vontade sempre manifestada no decurso do moroso trabalho subsequente, até se atingir a forma final de cada documento transcrito.

Ao Museu Nacional de Arqueologia, na pessoa do seu Diretor, o Dr. António Carvalho, e ao Instituto Arqueológico Alemão/Delegação de Madrid, na pessoa da sua Diretora, Dr.^a Dirce Marzoli, por terem cedido para publicação diversas imagens que integram os Arquivos Fotográficos de ambas as instituições.



Fig. 1 — Lição inaugural da Cadeira de Arqueologia (1926/1927): primeira página do original autógrafo e página 21, como exemplo de acrescentos ulteriores à primeira redação, de 1926/1927. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.



Fig. 2 — Lição inaugural da disciplina de Arqueologia (1926/1927): páginas 93 e 94 do original autógrafa, onde trata do megalitismo no território português, ainda sem os elementos resultantes das suas investigações, conduzidas no Alto Alentejo na década seguinte. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

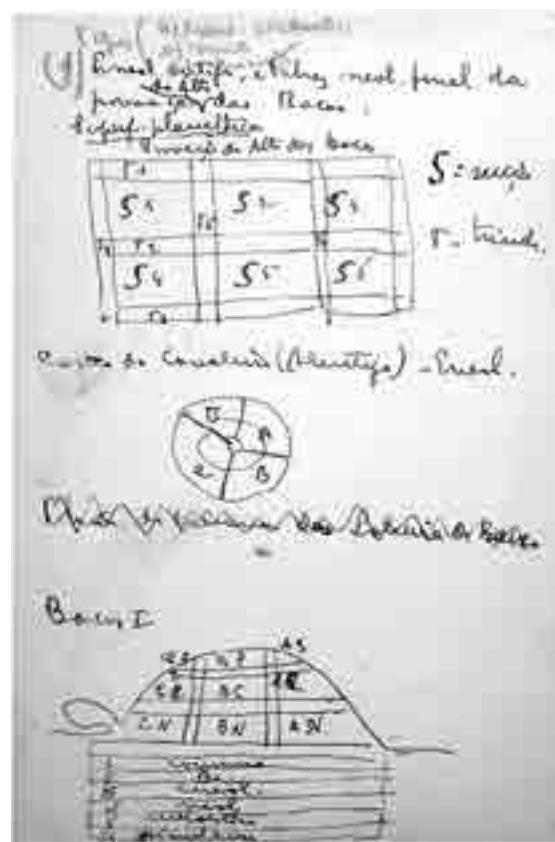


Fig. 3 — Ficha da disciplina de Arqueologia (1948/1949), contendo parcialmente o programa professado, onde apresenta desenvolvimentos os resultados das suas investigações arqueológicas tanto em Rio Maior como no Alentejo. Arquivo João Luís Cardoso.

Fig. 4 — Verso de ficha da disciplina de Arqueologia (1948/1949), onde exemplifica as diversas técnicas de escavação face à natureza de cada estação explorada. Tem o interesse de exemplificar com as escavações realizadas na estação neolítica do Alto das Bocas, em que seguiu a técnica da abertura de sanjas ortogonais, também utilizada na escavação do Abrigo Grande das Bocas, cuja notável sequência estratigráfica registou. Arquivo João Luís Cardoso.

Fig. 5 — Ficha da disciplina de Arqueologia (1948/1949), onde Manuel Heleno dá a conhecer aos seus alunos, em primeira mão, os resultados das escavações da *villa* de Torre de Palma (Monforte), descoberta ocasionalmente em março de 1947, objeto de escavações por si dirigidas logo em 1948. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 6 — Ficha da disciplina de Arqueologia (1953/1954) onde se apresenta o tema «Fotografia aérea em Portugal» aplicada à Arqueologia, com exemplos concretos. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 7 — Ficha da disciplina de Arqueologia (1953/1954), onde se apresenta o tema «Datação absoluta por métodos radiométricos», destacando-se o do Carbono 14, então recém-descoberto, o que bem evidencia a atualização das matérias professadas. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 8 — Ficha da disciplina de Pré-História (1957/1958), com a apresentação de matérias relacionadas com a Hominização. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 9 — Ficha da disciplina de Pré-História (1958/1959), com o Programa lecionado. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 10 — Ficha da disciplina de Pré-História (1963/1964), ano da jubilação de M. Heleno, contendo tópicos sobre a História da Arqueologia em Portugal. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 11 — Capa da obra *Les fouilles préhistoriques*, de A. Leroi-Gourhan, de 1950, amplamente utilizada por M. Heleno no seu ensino. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 12 — Escavações de uma das grutas artificiais de Carenque (Amadora), em 1932, evidenciando-se a alta qualidade do trabalho de escavação, excecional para a época, com o nível funerário cuidadosamente posto a descoberto. Arquivo fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia.



Fig. 13 — «Mosaico das Musas», da villa romana de Torre de Palma (Monforte), reproduzido em postal do Museu Nacional de Arqueologia editado na época de Manuel Heleno. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 14 — Vista parcial da escavação realizada em 1960 no concheiro mesolítico de Poças de São Bento (Alcácer do Sal). Imagem do Arquivo M. Farinha dos Santos, cedida por João Luís Cardoso.



Fig. 15 — Equipa de mergulhadores do Centro Português de Atividades Subaquáticas que realizaram, em 1959 e por iniciativa de M. Heleno, prospeções subaquáticas no litoral estuarino da península de Troia (Setúbal). Foto do Eng. Jorge de Albuquerque, cedida pelo Centro Português de Atividades Subaquáticas.

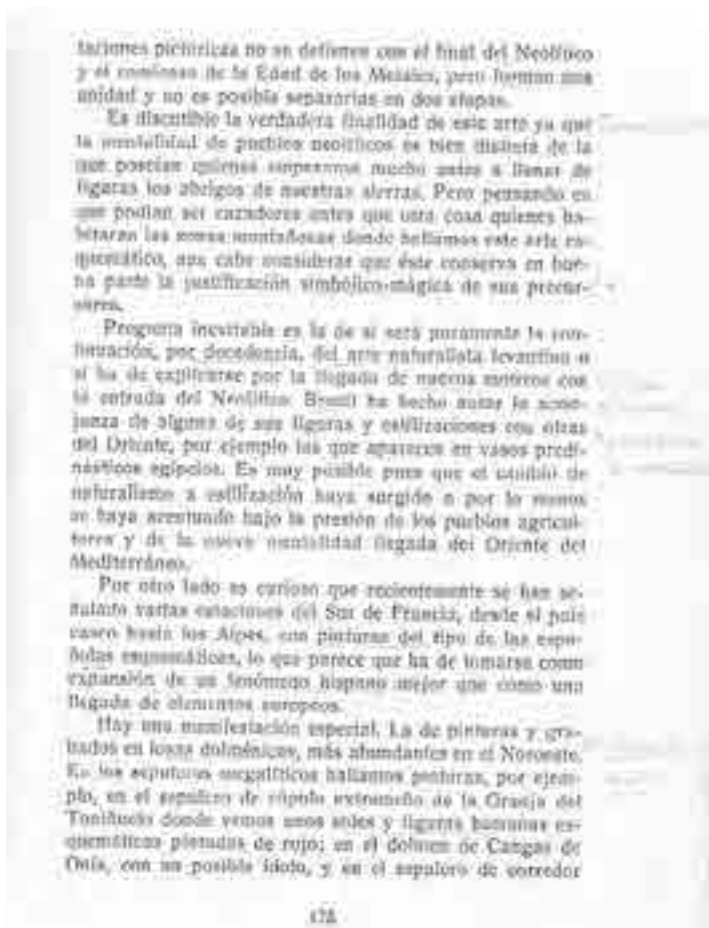


Fig. 16 — Apontamentos autógrafos de M. Heleno apostos no livro de L. Pericot, *La España Primitiva*, Barcelona, 1950. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 17 — Aspeto do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior), aquando das escavações realizadas na década de 1930, sob orientação de M. Heleno, evidenciando-se a sequência estratigráfica por ele considerada contínua entre o Paleolítico Superior clássico de tipo europeu e o Mesolítico, o que deitava por terra a teoria da influência norte-africana no Mesolítico português e peninsular, defendida então por diversos arqueólogos. Imagem do Arquivo M. Farinha dos Santos, cedida por João Luís Cardoso.



Fig. 18 — Aspeto das sanjas ortogonais abertas na estação neolítica do Alto das Bocas (Rio Maior) na década de 1930. Imagem do Arquivo M. Farinha dos Santos, cedida por João Luís Cardoso.



Fig. 19 — Capa da separata do artigo sobre a «questão Capsense» em Portugal. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 20 — Manuel Heleno com Hugo Obermaier e Georg Leisner, aquando da exploração na década de 1930 das antas alentejanas. Arquivo Leisner/Instituto Arqueológico Alemão/Delegação de Madrid.



Fig. 21 — Manuel Heleno com Vera Leisner, aquando da exploração da anta das Cabeças (Arraiolos). Arquivo Leisner/Instituto Arqueológico Alemão/Delegação de Madrid.



Fig. 22 — Manuel Heleno no decurso das escavações em Troia, em amena conversa com trabalhador. Anos 50/60. Imagem do Arquivo M. Farinha dos Santos, cedida por João Luís Cardoso.



Fig. 23 — Aspeto da escavação da necrópole paleocristã de Silveirona, realizada em 1934, observando-se em primeiro plano a sepultura de Talassa, cuja tampa corresponde a reaproveitamento de placa marmórea decorada de época romana. Arquivo fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia.



Fig. 24 — O penedo de Almoinha (Brotas, Mora), fotografado por M. Heleno na década de 1930. Arquivo fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia.



Fig. 25 — Manuel Heleno fotografado na estação solutrense de Cambelas (Torres Vedras). Arquivo fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia.

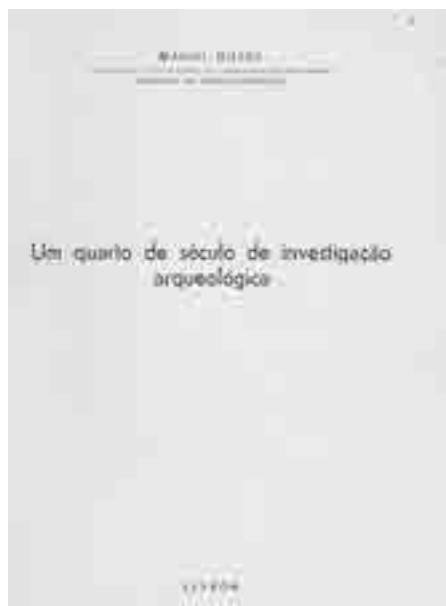


Fig. 26 — Capa da separata do célebre artigo de M. Heleno em que este sumariizou, em 1956, os notáveis trabalhos arqueológicos até então por si realizados. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 27 — Dedicatórias de arqueólogos portugueses e estrangeiros a Manuel Heleno, apostas em trabalhos que lhe ofereceram. Originais pertencentes ao Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 28 — Trecho do Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, registrando a visita de Manuel Heleno, em 1 de maio de 1957, acompanhado do Diretor dos Serviços Geológicos de Portugal, Eng. António de Castelo Branco, às escavações do dólmen de Antelas (Oliveira de Frades). Imagem do Arquivo O. da Veiga Ferreira, cedida por João Luís Cardoso.



Fig. 29 — Dedicatórias de Manuel Heleno apostas em separatas de trabalhos oferecidos a colegas. Arquivo João Luís Cardoso.



Fig. 30 — Última lição de Manuel Heleno, proferida a 10 de novembro de 1964 na Faculdade de Letras de Lisboa. Arquivo *Diário de Notícias*, cedida para publicação a João Luís Cardoso.

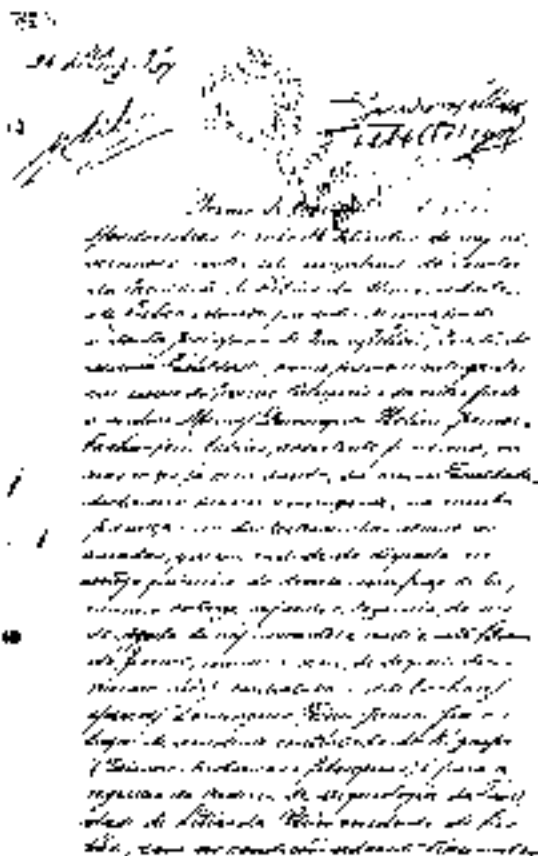


Fig. 31 — Contrato de Manuel Heleno como Assistente do 4.º Grupo (Ciências Históricas e Filosóficas), da Faculdade de Letras de Lisboa, datado de 2 de setembro de 1927. Secretaria da Faculdade de Letras de Lisboa. Processo individual de Manuel Domingues Heleno Júnior.

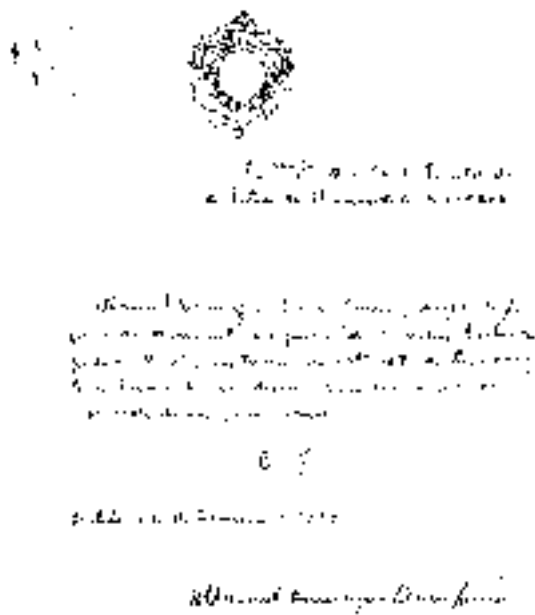


Fig. 32 — Requerimento para a realização do Doutoramento, dirigido ao Diretor da Faculdade de Letras. Secretaria da Faculdade de Letras de Lisboa. Processo individual de Manuel Domingues Heleno Júnior.

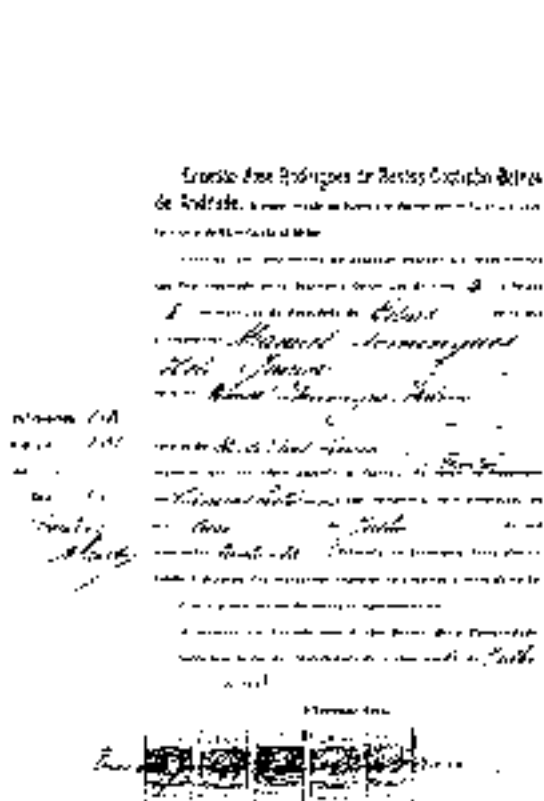


Fig. 33 — Certificado do grau de Doutor em Ciências Históricas de Manuel Heleno, realizado a 13 de julho de 1933. Secretaria da Faculdade de Letras de Lisboa. Processo individual de Manuel Domingues Heleno Júnior.



Fig. 34 — *Curriculum Vitae* de Manuel Heleno apresentado a concurso para Professor catedrático, datado de 23 de agosto de 1932. Secretaria da Faculdade de Letras de Lisboa. Processo individual de Manuel Domingues Heleno Júnior.



Fig. 35 — Ofício dirigido pelo Diretor da Faculdade de Letras de Lisboa ao Diretor da PVDE relativo aos Professores Manuel Heleno e Orlando Ribeiro, datado de 24 de dezembro de 1943. Secretaria da Faculdade de Letras de Lisboa. Processo individual de Manuel Domingues Heleno Júnior.



Fig. 36 — Ofício dirigido pela PVDE ao Diretor da Faculdade de Letras de Lisboa relativo aos Professores Manuel Heleno e Orlando Ribeiro, datado de 7 de janeiro de 1944. Secretaria da Faculdade de Letras de Lisboa. Processo individual de Manuel Domingues Heleno Júnior.

Bibliografia

- ALMEIDA, F. (2000) — *The terminal gravettian of the Portuguese Estremadura: technological variability of the lithic industries*. Dallas: Southern Methodist University. Tese de Doutoramento.
- ALMEIDA, J. Mendes de (1997-1998) — No 4.º centenário da 2.ª edição dos *De Antiquitatibus Lusitaniae Libri Quattuor* (Roma, 1597). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7, p. 227-234.
- ARGOTE, G. Contador de (1734) — *Memórias para a história eclesiástica do arcebispado de Braga*. Lisboa occidental: Oficina de José António da Silva. Vol. 2.
- BAR-YOSEF, O.; BORDES, J. (2010) — Who were the makers of the Châtelperronian culture? *Journal of Human Evolution*. 59, p. 586-593.
- BICHO, N. (1992) — *Technological Change during the Pleistocene-Holocene Boundary in Rio Maior, Portugal*. Dallas: Southern Methodist University. Tese de Doutoramento.
- BICHO, N. (1995-1997) — A Ocupação Epipaleolítica do Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 13-15, p. 53-86.
- BICHO, N. (2011) — *Manual de Arqueologia Pré-histórica*. 2.ª ed. Lisboa: Edições.
- BICHO, N.; DIAS, R.; PEREIRA, T.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; PEREIRA, V.; GONÇALVES, C. (no prelo) — O Mesolítico e o Neolítico antigo: o caso dos concheiros de Muge. *Actas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- BINFORD, L. (1980) — *Bones: Ancient Men and Modern Myths*. Nova Iorque: Academic Press.
- BORDES, F. (1947) — Étude comparative des différentes techniques de taille du silex des roches dures. *L'Anthropologie*. Paris. 51, p. 1-29.
- BORDES, F. (1950) — Principes d'une méthode d'étude des techniques de débitage de la typologie du Paléolithique ancien moyen. *L'Anthropologie*. Paris. 54, p. 113-126.
- BORDES, F. (1953) — Essai de classification des industries «moustériennes». *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 50, p. 457-466.
- BORDES, F.; BOURGON, M. (1951) — Le complexe moustérien: Moustérien, Levalloisien et Tayacien. *L'Anthropologie*. Paris. 55, p. 1-23.
- BRAIN, C. (1981) — *The hunters or the hunted. An introduction to African cave taphonomy*. Chicago: The University Chicago Press.
- BREUIL, H. (1913) — Les subdivisions du Paléolithique Supérieur et leur signification. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques. Compte rendu de la 14^{ème} session (Genève 1912)*. Genève: Imprimerie Albert Kundig. 1, p. 165-238.
- BREUIL, H. (1931-1934) — Études de stratigraphie paléolithique dans le Nord de la France, la Belgique et l'Angleterre. *L'Anthropologie*. Paris. 41:5-6, p. 449-488; 42:1-2, p. 27-47, 42:3-4, p. 291-314; 44:3-4, p. 250-290.
- BREUIL, H. (1932) — Le Paléolithique ancien en Europe occidentale et sa chronologie. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 42:12, p. 570-578.
- BREUIL, H.; LANTIER, R. (1951) — *Les hommes de la pierre ancienne (Paléolithique et Mésolithique)*. Paris: Payot.
- BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. (1942) — Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 23, 369 p.
- BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. (1943) — Le Quaternaire de Santo Antão do Tojal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 24, p. 43-70.
- BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. (1945) — Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 26, 662 p.
- CARDOSO, J. L. (1997) — Reconhecidos a Georges Zbyszewski. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 9-16.

- CARDOSO, J. L. (1999) — O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa. *Al-madan*. Almada. Série II, 8, p. 138-156.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) — As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado sobre o «Homem Terciário»: resultados e consequências na época e para além dela. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 33-54.
- CARDOSO, J. L. (2001) — *In memoriam*. Manuel Farinha dos Santos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 19, p. 7-11.
- CARDOSO, J. L. (2001-2002) — Elogio do Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 11-37.
- CARDOSO, J. L. (2007) — *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARDOSO, J. L. (2008) — Joaquim Filipe Nery Delgado, arqueólogo. In *Nery Delgado (1835-1908), Geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico; INETI; FCT/UNL: Centro de História e Filosofia das Ciências. p. 65-79.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) — O Professor Mendes Corrêa (1888-1960) e as investigações sobre o *Homo afer taganus* dos concheiros mesolíticos de Muge. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 631-656.
- CARDOSO, J. L. (2011) — O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série III, 2, p. 229-297.
- CARDOSO, J. L.; GONÇALVES, F. (1992) — *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal à escala de 1/50000. Folha 39-D (Torrão)*. Arqueologia. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. p. 74-81.
- CARDOSO, J. L.; ZBYSEWSKI, G.; ANDRÉ, M. C. (1992) — O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 3, 645 p.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. Roque; FERREIRA, O. da Veiga (1996) — O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARVALHO, A. (1989) — Para a História da Arqueologia em Portugal. O Livro de Visitantes da Junta de Turismo de Cascais. *Arquivo de Cascais. Boletim Cultural do Município*. Cascais. 8, p. 75-150.
- CARVALHO, A. F. (2009) — O Mesolítico final em Portugal. In *El Mesolítico Geométrico en la Península Ibérica*. (Monografias Arqueológicas; 44). p. 33-68.
- CARVALHO, A. F. (2010) — Chronology and geography of the Mesolithic-Neolithic transition in Portugal. In ARMBRUSTER, T.; HEGEWISCH, M. eds. — *On Pre- and Earlier History of Iberia and Central Europe. Studies in honour of Philine Kalb*. Bonn: Verlag Dr. Rudolf Habelt GmbH. p. 45-61.
- CASTELO-BRANCO, F. (1970) — Subsídios para o Estudo da Actividade Científica do Prof. Manuel Heleno. *Ethnos*. Lisboa. 7, p. 6-30.
- CASTELO-BRANCO, F. (1988) — *Elogio do Prof. Doutor Manuel Heleno*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- CASTILLO, A. del (1928) — *La Cultura del vaso campaniforme (su origen y extensión en Europa)*. Barcelona: [s. n.].
- CORRÊA, A. A. Mendes (1919) — *Raça e Nacionalidade*. Porto: Renascença Portuguesa.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1924) — *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1936) — A propósito do «Homo Taganus». Africanos em Portugal. *Boletim da Junta Geral de Santarém*. Santarém. 6:43, p. 37-55.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1956) — Notice préliminaire sur les squelettes préhistoriques de Moita de Sebastião (Muge). In *Crónica IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas (Madrid, 1954)*. Zaragoza: [s. n.]. p. 133-139.
- CUNHA, M. (2008) — *As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. (Suplemento a *O Arqueólogo Português*; 4).
- CUNHA-RIBEIRO, J. P. (1992-93) — Contribuição para o estudo do Paleolítico do vale do rio Lis no seu contexto crono-estratigráfico. *Portugália*. Porto. 13-14, p. 7-137.
- CUNHA-RIBEIRO, J. P. (1999) — *O Acheulense no centro de Portugal. O vale do Lis: contribuição para uma abordagem tecno-tipológica das suas indústrias líticas e problemáticas do seu contexto cronoestratigráfico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Doutoramento não publicada.
- DANIEL, G. (1941) — The dual nature of the megalithic colonisation of prehistoric Europe. *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge. N. S., 7, p. 1-49.
- DELGADO, J. F. N. (1867) — *Da existencia do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Noticia acerca das grutas da Cezareda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DELGADO, J. F. N. (1884) — La grotte de Furninha a Peniche. In *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la neuvième Session à Lisbonne (1880)*. Lisboa: Typographie de l'Académie Royale des Sciences. p. 207-278.
- DINIZ, M.; GONÇALVES, V. S. (1993-94) — Na 2.ª metade do século XIX: luzes e sombras sobre a insti-

- tucionalização da Arqueologia em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 11-12, p. 175-187.
- FABIÃO, C. (1999) — Um Século de Arqueologia em Portugal — I. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8, p. 104-126.
- FABIÃO, C. (2012) — *Uma história da arqueologia portuguesa*. Lisboa: CTT.
- FERNÁNDEZ, E.; GAMBA, C.; TIRADO, M.; CARVALHO, A.; GIBAJA, J. F.; ARROYO-PARDO, E. (no prelo) — The Mesolithic-Neolithic transition in Iberia: insights from ancient DNA. In *Proceedings of the MESO2011*. Santander: Universidad de Cantabria.
- FERREIRA, O. da Veiga (1976) — Acerca das cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros da região de Muge (Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 58, p. 191-197.
- GAGO, A. B.; MARTINHO, C.; RAPOSO, L. (no prelo) — *Manuel Heleno. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- GAMBLE, C. (1986) — *The Palaeolithic settlement of Europe*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- GAMBLE, C. (1999) — *The Palaeolithic societies of Europe*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- GONÇALVES, V. S. (1999) — *Reguengos de Monsaraz. Territórios Megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- HELENO, M. (1924) — *Do estudo e origem da Moeda — Lição de abertura da cadeira de Numismática*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. (1925-1926) — Lição inaugural da cadeira de arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 27, p. 183-193.
- HELENO, M. (1933a) — *Os escravos em Portugal*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. (1933b) — *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. (1935a) — Jóias pré-romanas. *Ethnos*. Lisboa. 1, p. 229-257.
- HELENO, M. (1935b) — O «Instituto de Arqueologia» e a revista «Ethnos». *Ethnos*. Lisboa. 1, p. 314.
- HELENO, M. (1948a) — O problema capsense: contribuição portuguesa para a sua revisão. *Ethnos*. Lisboa. 3, p. 493-495.
- HELENO, M. (1948b) — Sarcófago romano da região de Vila Franca de Xira. *Ethnos*. Lisboa. 3, p. 475-483.
- HELENO, M. (1951) — Arqueologia de Elvas: notícia preliminar: parecer apresentado na sessão da 2.^a Sub-Secção da 6.^a Secção da J. N. E. de 17 de dezembro de 1949. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 1, p. 83-94.
- HELENO, M. (1956a) — O Professor Henri Breuil. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 3, p. 239-246.
- HELENO, M. (1956b) — Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 3, p. 221-237.
- HELENO, M. (1956c) — Consolidação e restauro dos mosaicos de Conímbriga. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 3, p. 253-255.
- HELENO, M. (1958) — *Elogio do Professor Doutor J. M. de Queirós Velloso*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- HELENO, M. (1960) — Tróia — Arqueologia subaquática em Portugal. *Revista de Actividades Submarinas*. Lisboa. 1, p. 13-14.
- HELENO, M. (1962a) — Bosch Gimpera. Saudação proferida pelo Prof. Manuel Heleno no início da Conferência na Faculdade de Letras de Lisboa pronunciada, em 22 Mar. 1961, pelo Prof. Bosch Gimpera. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 4, p. 309-311.
- HELENO, M. (1962b) — A Villa lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 4, p. 313-338.
- HELENO, M. (1965) — Programa para a instalação do Museu Etnológico do D.^o Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária. *Ethnos*. Lisboa. 4, p. 63-74.
- HELENO, M. [s. d.] — *Algumas palavras sobre Leite de Vasconcelos*. Lisboa: edição do autor.
- HERVÉ, G. (1930) — De l'existence d'un type humain à caractères vraisemblablement négroïdes dans les dépôts coquilliers mésolithiques de la vallée du Tage. *Revue Anthropologique*. Paris. 40. Separata de 13 p.
- HIGHAM, T.; JACOBI, R.; JULIEN, M.; DAVID, F.; BASELL, L.; WOOD, R.; DAVIES, W.; BRONK RAMSEY, C. (2010) — Chronology of the Grotte du Renne (France) and implications for the context of ornaments and human remains within the Châtelperronian. *Proceedings of the National Academy of Sciences*. 107, p. 20234-20239.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. (1941) — Páleo e Mesolítico Português. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 11-101.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) — *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz: materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.

- LEROI-GOURHAN, A. (1950) — *Les fouilles préhistoriques (techniques et méthodes)*. Paris: Éditions A. et J. Picard et C.ie.
- LEROI-GOURHAN, A. (1964-1965) — *Le Geste et la Parole*. T. I: Technique et Langage; T. II: *La Mémoire et les Rythmes*. Paris: Ed. Albin Michel.
- MARINGER (1958) — *L'Homme préhistorique et ses dieux*. Paris: Arthaud.
- MEIRELES, J. (1992) — *Indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoestratigráfico e paleoambiental*. Braga: Universidade do Minho. Tese de doutoramento.
- MOITA, I. (1955) — *Ante-Projecto para a secção de Arqueologia do futuro Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos*. Lisboa: [s. n.]. Tese não publicada apresentada ao concurso de Conservador de Museus.
- MOITA, I. (1956) — Subsídios para o estudo do eneolítico do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 3, p. 135-175.
- MOITA, I. (1958) — O plano do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *Revista Municipal*. Lisboa. 78:3, p. 11-28 e p. 41-57.
- MOITA, I. (1966) — Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta. *Ethnos*. Lisboa. 5, p. 189-298.
- OLLIVIER, J. (1941) — A classificação das indústrias paleolíticas dos arredores de Lisboa. *Brotéria*. Lisboa. 33, p. 374-376.
- PAÇO, A. (1934) — Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. Série VII, 1, p. 23-47.
- PAÇO, A. (1936) — Páleo- e Mesolítico Português. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 46: 3-4, p. 221-230.
- PEREIRA, T. (2010) — *A exploração do quartzito na Faixa Atlântica Peninsular durante o final do Plistocénico*. Faro: Universidade do Algarve. Tese de doutoramento.
- PINA, L. de (1958) — Resposta ao recipiendário. In *Elogio do Professor Doutor J. M. de Queirós Veloso*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- Processo Individual do Professor Manuel Domingues Heleno Júnior*. (1923-1964). Disponível no Arquivo da Secção de Pessoal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- RAAB, L.; GOODYEAR, A. (1984) — Middle Range Theory in Archaeology: a critical review of origins and applications. *American Antiquity*. 49, p. 255-268.
- RAPOSO, L. (2003) — A acção de D. Fernando de Almeida na direcção do Museu Nacional de Arqueologia Etnologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série IV, 21, p. 13-64.
- RAPOSO, L.; CARREIRA, J. R. (1994) — Os primeiros habitantes da região de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Soc. Lisboa 94, Museu Nacional de Arqueologia; Milão: Electa. p. 31-38. Catálogo de exposição.
- RAPOSO, L. (1993-1994) — Do Somme ao Tejo: a vida e a obra de Henri Breuil e a sua contribuição para a Pré-História portuguesa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 11-12, p. 223-290.
- RIBEIRO, C. (1884) — Les kioekkenmoedings de la Vallée du Tage. In *Compte Rendu de la IX^{ème} Session du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques (Lisbonne 1880)*. Lisboa: Typographie de l'Académie des Sciences. p. 279-290.
- RIBEIRO, O. (1977) — *Introduções Geográficas à História de Portugal. Estudo Crítico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- RIBEIRO, O. (1978) — *Geografia e Civilização. Temas Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte.
- RIBEIRO, O. (2003) — *Memórias de um Geógrafo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- ROCHE, J. (1974) — État actuel de nos connaissances sur le Solutréen portugais. *Zephyrus*. Salamanca. 25, p. 81-94.
- ROCHE, J. (1951) — *L'industrie préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge)*. Porto: Centro de Estudos de Etnologia Peninsular; Instituto de Alta Cultura.
- ROCHE, J. (1972) — *Le gisement Mésolithique de Moita do Sebastião. Muge, Portugal*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- ROCHE, J. (1989) — Spatial organization in the Mesolithic sites of Muge. Portugal. In BONSALL C., ed. — *The Mesolithic in Europe. Third International Symposium*. Edinburgh: John Donald. p. 607-613.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos (1933) — A cerâmica campaniforme de Mairos (Trás-os-Montes). In *Homenagem a Martins Sarmento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. p. 364-372.
- SANTOS, M. F. (1964) — Vestígios de pinturas rupestres descobertos na gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 5, p. 5-49.
- SANTOS, M. F. (1987) — Os estudos de Pré-História e Arqueologia na Academia Portuguesa da História. In *Anais. Cinquentenário da Restauração da Academia*. Lisboa: Academia Portuguesa da História. p. 313-332.
- SCHIFFER, M. (1983) — Toward the identification of formation processes. *American Antiquity*. 48, p. 675-706.
- SERRÃO, J. V. (1978) — Resposta. In *Elogio Histórico do Prof. Doutor Manuel Heleno*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

- SILVA, A. C. (2008) — O Museu Nacional de Arqueologia e a salvaguarda do património arqueológico. Algumas reflexões, tendo como fundo a actualização do Museu aquando da descoberta da Gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 26, p. 299-344.
- UMBELINO, C. (2006) — *Outros sabores do passado. As análises de oligoelementos e de isótopos estáveis na reconstrução da dieta das comunidades humanas do Mesolítico Final e do Neolítico/Calcolítico do território português*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Tese de doutoramento.
- VASCONCELOS, J. L. (1926) — *Mês de sonho. Conspecto de etnografia açórica*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, J. L. (1885) — *Portugal Pré-histórico*. Lisboa: David Corazzi.
- YELLEN, J. (1977) — *Archaeological approaches to the present. Models for reconstructing the past*. Nova Iorque: Academic Press.
- ZBYSZEWSKI, G. (1943) — Les éléphants quaternaires du Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 24, p. 71-94.
- ZBYSZEWSKI, G. (1946) — Étude géologique de la région d'Alpiarça. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 27, p. 145-268.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga; LEITÃO, M.; NORTH, C. T. (1977) — Descoberta de insculpturas com a figura humana estilizada na região de Brotas (Mora). O Penedo de Almoinha. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 56, p. 33-41.
- ZILHÃO, J. (1984) — O Solutrense Superior de fácies cantábrica de Vale Almoinha (Cambelas, Torres Vedras). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 2, p. 15-86.
- ZILHÃO, J. (1995) — *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*. Lisboa: Colibri. 2 vols.
- ZILHÃO, J.; d'ERRICO, F. (1999) — The chronology and taphonomy of the earliest Aurignacian and its implication for the understanding of Neanderthal extinction. *Journal of World Prehistory*. Seattle, WA. 13, p. 1-68.

ANEXO I

LIÇÃO INAUGURAL DA “CADEIRA DE ARQUEOLOGIA” (1926/1927)

Sumário:

1º Conteúdo e divisões da Arqueologia

2º A pré-história; sua utilidade, formação e métodos

Bibliografia

- Raymond Furon, La prehistoire, 1928, p. 13 e segs.
- G. Renard, Le Travail dans la Prehistoire, 1927, p. 1 e segs.
- Deonna, L'Archéologie son domain, son but
- Prof. Osborn, Men of the old stone age (3.ª ed. 1918)
- Goury, Origine et evolution de l'Homme, 1927
- Capitan, la pre-histoire
- Hoernes, Prehistoria

Conteúdo da Arqueologia (nota da página 2)¹

- Estuda a Arqueologia, cadeira que tenho a honra de começar hoje a reger, os monu-mentos, isto é, os objectos materiais que nos legou o passado. Com eles procura explicar as civilizações a que pertenceram, completar ou rectificar as conclusões a que chegou a História. E assim recuando alem das fontes escritas a Arqueologia veio resuscitar as civilizações da pedra e dos metais, também chamadas pré e pró-históricas;

- penetrando no campo da História veio remodelar conhecimentos sobre a antiguidade oriental, desfazer erros tradicionais sobre a origem e cultura grega, tais como o decantado milagre grego e o da serenidade da sua arte, e esclarecer alguns acontecimentos da eterna Roma e dos tempos posteriores.

- Companheira da história serve-se dos monumentos como aquela dos manuscritos, ligando os objectos como se fossem frases, o espolio das estações como se fossem passos de antigos autores.

- Imprescindível se torna pois o seu estudo no conhecimento do passado, e sendo este, como é, necessário para a boa compreensão do presente, evidente se torna a sua utilidade.

¹ 1ª Noção de Arqueol

2ª Fronteiras no sentido mais lato

3ª [???] - Autonomia

4ª Divisões

5ª Utilidade

6ª Extensão necessidade de limitação

7ª Prehistoria

Campo de acção: A prehistoria

- Sciencia histórica, absolutamente histórica porque se ocupa apenas das manifestações sociais dos povos, ela tem um largo campo de acção, tão largo que alem dos capítulos que já enumeramos – prehistoria, protohistoria, arqueologia oriental, clássica medieval etc – poderemos incluir no seu âmbito a Numismatica, ou sciencia das moedas e a Epigrafia ou estudo das inscrições, a História da Arte etc

- Impossível nos seria tratar de todos estes assuntos. – E porque muitos fazem parte de cadeiras especiaes desta casa – Historia Antiga, Historia da Arte, Epigrafia, Numismatica etc. – julgo conveniente dar a preferência à Prehistoria para que V.Ex.^{as} levem da Faculdade um conhecimento completo da evolução da humanidade.

- E ainda porque a Prehistoria nos dá a origem de certas crenças – a do culto dos mortos, a da imortalidade –, nos mostra a filiação da arte na magia e nos prova que a sua técnica se iniciou pela imitação, que as figuras geométricas foram procuradas na natureza, o círculo na representação do sol, a espiral na da serpente. Finalmente porque, como dizia Fustel de Coulanges “ce vieux passé, c’est encore le présent: car le présent n’est formé”, porque na alma humana encontramos muitos vestígios das antigas cidades, porque os temos na nossa civilização e até na estrutura do nosso povo, aparentado muito de perto, ao contrario do que pensava Herculano, com os primitivos habitantes do nosso torrão natal.

Formação da prehistoria

A Arqueologia prehistórica, paletnologia ou simplesmente pré-história é uma sciencia moderna, constituída nos meados do sec. XIX.

- Não quer isto dizer que na antiguidade clássica não tivessem já existido escritores que visionaram os princípios humildes da humanidade, pois que Lucrecio na De natura rerum nos dá uma viva pintura das sociedades primitivas e a ordem porque se conheceram os metais; (nota 1 da página 4)² não quer isso dizer que o Renascimento, desenvolvendo o espírito critico e os estudo da natureza, não tivesse com Mercati (sec. XVI) descoberto a verdadeira natureza das pedras de raio ou ceraunias como então se dizia; que seguindo foram utilizadas como machados, não quer isso dizer ainda que no sec. XVIII não tivesse com as viagens dos exploradores [????] (texto danificado) lançado as bases da arqueologia e etnografia comparativas, mostrando a identidade das armas de pedra europeias com as dos selvagens; mas quer dizer sim que foi só Boucher de Perthes precedido por escrito por John Frere, nas suas Antiquités celtiques et antediluviennes o primeiro a proclamar a existência de pedras talhadas devidas ao homem quaternário.

- Mais de vinte anos foram precisos para fazer vingar essa verdade e só pela intervenção do geólogo inglês Lyell, autor de *L’ancienneté de l’Homme prouvée par la Géologie*, pela de Lartet, explorador da notável caverna de Aurignac e também autor duma memória sobre a antiguidade da espécie humana, pela de Gabriel Mortillet, fundador dos *Matériaux* e da classificação das primeiras industrias humanas, ela foi aceite em todos os países.

² E outros escritores antigos como Plinio, o Antigo, Divulno da Sicília e Strabão, tiveram também a intuição dos tempos primeiros da nossa sociedade. São conhecido os versos de Horacio (Satira III, Liv. I) em que ele descreve o homem primitivo como um bruto mudo, servindo-se na conquista do alimento e da defesa apenas das unhas e dos punhos.

Em Portugal teve a Pre-história cultores muito dedicados, Pereira da Costa estudando as antas portuguesas (Descrição dalguns dolmens etc), Carlos Ribeiro agitando a questão do homem terciário e publicando os seus Estudos prehistoricos, Nery Delgado explorando as grutas da Furninha e Cezareda, levaram a um alto grau de esplendor os estudos prehistoricos em Portugal, abrindo o campo a outros investigadores, d'entre os quais devo salientar Santos Rocha que se ocupou das antiguidades do concelho da Figueira, e o Dr. Leite de Vasconcellos, que fundou e organizou o Museu Etnol. Português criou o Archeol. Port. e tem dado à publicidade notabilíssimos trabalhos (nota 4 da página 6)³

Metodos da pré-história

- Para fazer pré-história, isto é, para estudar um povo no período que precede os seus doc. escritos, o primeiro trabalho é naturalmente procurar no campo quaisquer vestígios desse remoto tempo.

- É um trabalho ingrato aonde só há a contar com ligeiros indícios de natureza topográfica (nota 2 da página 6)⁴, toponímica e etnográfica etc (nota 3 da página 6)⁵.

- Topográfica porque o homem, fraco e mal armado, em luta com as feras e com os elementos, buscava então quasi sempre uma posição de fácil defesa, aonde pudesse resistir ou estivesse abrigado, numa posição que lhe oferecesse facilidades de vida, por ex. uma gruta, uma eminência não longe da água, um terraço na vertente dum vale, aonde em geral além da facilidade de defesa não faltava a caça para comer, nem pedra para utensílios. (nota 1 da página 6)⁶

- Indícios toponímicos porque alguns nomes de localidades recebidos de audagos monu.^{tes}, como entre nós anta, antela, arca, orca, castro, castelo etc., orientam o investigador nas suas pesquisas.

Indícios etnográficos porque certos costumes e lendas tiveram a sua origem em monumentos ou povoações subterradas ou desaparecidas a quem sobreviveram e que nos permitem ainda determinar a sua localização. Tesouros. (nota 2 da página 7)⁷ Basta lembrar o que sucede com as lendas de mouros ou mouras encantadas, quasi sempre a encobrir uma antigualha prehistorica.

- O descobrimento destes monumentos ou duma estação e por isso muitas vezes obra do acaso. (nota 1 da página 7)⁸

³ (4) Condições Topográficas

Investigação para estações de superf. (em planaltos – arenoso) para chelense, acheulense, moustierense, tardenoisense e neol. Em planícies para os dois últimos e aurinhacense, solutrense e madelensense.

Portanto: paleol. inferior em planaltos arenosos
paleol. sup. em planícies
mesolit. e neol nos dois lados

Em solos não remexidos o paleol. está no sub solo o mesol. e neol. na terra arável.

Percorrer as terras lavradas lavadas pelas chuvas. Se abundar industria fazer escavação



⁴ (2)

É preciso ter o “sentido do Neol.” para encontrar as estações

⁵ (3) Toupeiras, coelhos preferem os sítios com antiguidades, vegetação (Carenque, fundos da Lobeira) vestígios materiais

⁶ (1) Nos arredores de Lx as estações estão próximas de boa água – Vegetação – Carenque que no fundos de cabanas de Lobeira

⁷ (2) O Cemitério de [????] era designado pelo “Curral da Mina”.

⁸ (1) Natureza das rochas – Zonas de sílex cortados do 2º, com terciário, terrenos cretácicos, tem em geral paleolítico e localizavam-se perto da água (o mesmo as antas).

A título de curiosidade devo no entanto dizer-lhes que actualmente alguns arqueólogos se estão servindo, como processo de procura, do subconsciente por meio da mediunidade e da escrita automática.

- Sem me pronunciar sobre este assunto não quero deixar de lhes contar o sucedido na restauração das capelas da abadia Glastonbury, a mais antiga de Inglaterra, narrada por Deonna no vol. XXI da Revue Archeologique.

- Em 1908 Bligh Bond encarregado desse restauro, não conhecendo sequer vestígios de alicerces, recorre à intervenção dum amigo que possuía a faculdade da escrita automática. A pouco e pouco os escritos dele tornam-se precisos e indicam a situação exacta, as dimensões, a decoração, o plano etc., do referido monumento.

Essas conclusões foram publicados em 1918 e o que é curioso só dois anos depois os alicerces foram postos a descoberto e se verificou a veracidade do relato.

- Dois casos a registar: o único doc. escrito existente estava em contradição com o médium; as autoridades eclesiásticas agradeceram a Bond retirando-lhe a direcção das escavações a pretexto de que só o diabo lhe poderia ter feito tão extraordinárias revelações!

- Outros casos foram relatados por um arqueólogo consciencioso – Montandon –, num seu estudo sobre a “Mediunidade ao serviço da arqueologia”.

Entre eles escolho o seguinte cuja autenticidade é por ele absolutamente garantida:

- Em 1914, numa casa de campo ocupada há mais de um século pela mesma família, num dia de chuva vários rapazes e meninas, distraíam-se fazendo falar uma mesa.

- Esta começa nitidamente a manifestar-se e revela que no parque tinha existido no sec. I de C. uma estação galo-romana que fora destruída pelos bárbaros.

- A entidade que se manifestava e dizia chamar-se “Vigna” afirmava que o seu cadáver tinha sido lançado num poço que tinha existido próximo profundidade de 12^m.

- Procedendo-se a escavações o pôço, de que não existia nenhuma lembrança na tradição local, foi descoberto e confirmadas as afirmações de Vigna.

Sem entusiasmos, antes duvidando sempre, compete-nos registar estes factos e verificar a sua veracidade.

Escavações:

- Encontrada uma estação pré-histórica torna-se necessario proceder a escavações.

- Para isso o explorador munir-se-ha dos utensílios necessários, tais como caixas para objectos, bússola, facas, crivos, fita métrica, etiquetas, lanterna, maço de ferro, picareta, sonda, papel de embalagens etc., e informar-se-ha da historia da localidade, dos meios de comunicação, das lendas, tradições e praticas supersticiosas que lhe andam ligadas.

- Em seguida procurará saber se já ali foram feitas escavações.

- Outros dados não menos importantes cumprir recolher: determinação das coordenadas geográficas, levantamento com auxilio da bússola da planta do local, fotografias, medidas varias do monumento se acaso existir, natureza da construção etc.

- Feito isto verificar-se-ha se existe qualquer objecto à superfície, e em caso afirmativo notar-se-ha com rigor as condições do aparecimento

- Inicia-se depois a escavação por um corte dos estratos, os quais devem ser estudados convenientemente e determinada a sua espessura

- (nota 1 da página 10)⁹ Transportar-se-ha em seguida para fora toda a terra vegetal da 1ª camada para ser cuidadosamente crivada. Este trabalho deve ser vigiado para se evitar que se lancem fora objectos pequenos que podem ser de grande valor científico.

- O explorador irá registando, como se fosse um operador cinematográfico, tudo o que encontrar e todas as circunstancias que rodeiam o achado.

- Aos objectos mandará por etiquetas e acondiciona-los devidamente e conforme os estratos, tendo o maior cuidado com os craneos que deve preservar do calor.

(nota 3 da página 10)¹⁰ Explorado o 1º estrato e crivada toda a terra proceder-se-ha à exploração do 2º, que é já de época diferente, tendo o cuidado de separar os objectos agora encontrados dos da camada superior e procedendo analogamente com as outras camadas.

- É bom conservar, sempre que seja possível, um testemunho das camadas para no caso de duvida ou discussão científica se poder utilizar.

- Terminada a escavação proceder-se-ha ao estudo e classificação rigorosa do espolio desenterrado.

Autenticidade (nota 1 da página 11)¹¹

- Sucede porem que nem sempre os objectos aparecem em escavações.

- Às vezes encontram-los nas mãos dos coleccionadores, nas dos negociantes de antigualhas, nas de particulares, ou avulsamente na terra revolta. Torna-se então necessário verificar se são ou não verdadeiros, isto é, determinar-lhes a autenticidade.

- A falsificação pode dar-se de dois modos: - ou por uma fabricação moderna do objecto ou pelo enterramento dum antigo em sitio diferente. (nota 2 da página 11)¹²

⁹ (1) Esses estratos podem-se dispor por ex. assim

Camada A – Argila folhada, estéril, assente no soalho rochoso da gruta

Camada B – Argila amarela contendo lares madalenenses com ossos de [????]

Camada C – Argila lamosa, contendo fragmentos de calcário, calhaus rolados, ossos de aves

Camada D – Terra negra estriada de vermelho, com lares azilenses

Camada E – Terra cinzenta, pouco compacto com restos neolíticos e romanos.

Vid. Anthropol. Tom. XXXVIII, n.º 3 e 4, p. 221

¹⁰ (3) As explorações arqueol. adquirem grande perfeição, em especial em França e na Itália em Pompeia. Aqui depois das feitas desordenadamente nos secs. XVII e XVIII, depois dos trabalhos científicos de Fiorelli, estão hoje sendo feitas com grande rigor por Victorio Spinazzola (1909). Exploração por camadas horizontais, lentamente; descobertos os telhados numeravam-se as telhas, substituíam-se algumas traves, deixando a construção mobiliário no seu local. Escavações na Rua da Almendracia: boi com um pote com agua.

- As substancias orgânicas tinham delido, mas as cinzas amassadas em agua, com a pressão superior formaram molde. Injetava-se gesso e assim se obtiveram moveis, comestíveis, cadáveres: corpos contorcidos, expressão horrorosa. Vila de Diomedis, Senti-nela da porta de Herculano. Em frente o Vesúvio. Num guarrote de pedra o legionário, apoiado na lança escudo os pés, viseira sobre os olhos. Viu aproximarem os [????] (texto imperceptível).

¹¹ (1) Ver – Manual de investigação pré-históricas (autenticidade)

Num instrumento deve atender-se:

a) Ao talhe

b) À patina

Os processos de talhe são:

I – Estalamento; II – Percussão; III – Martelamento; IV – Pressão

I) Estalamento – Estalamento do sílex por alterações da temperatura; o fogo dá-lhe aspecto branco, às lascas forma conoidal, as depressões rugosas e irregulares.

II) Percussão – Golpe dado intencionalmente para lascar a pedra. Plano de percussão – Concoide – esquirola

III) Martelamento

É uma espécie de percussão repetida.

IV) Pressão

Pequenas lascas arrancadas por pressão exercida em uma pedra ou osso. Import. para a autenticidade

¹² Misturando objectos falsos com verdadeiros - Glozel

- Antigamente a corrosão dos mármore e a patina (camada amarela que os objectos adquirem quando estão enterrados) eram para o 1º caso testemunhos de autenticidade, mas hoje os falsários conseguem com reagentes químicos dar aos objectos esse aspecto.

- Torna-se por isso necessário compara-los com outros, não nos limitarmos aos caracteres extrínsecos, procurar possíveis modelos inspiradores do falsário.

- O segundo caso de falsificação, e ainda as copias modificadas, são difíceis de reconhecer e por isso monumentos que nos pareçam nessas condições devem ser dados como suspeitos. (nota 3 da página 12)¹³

Interpretação: (nota 2 da página 12)¹⁴

Determinada a autenticidade compete-nos fazer o exame directo ao objecto e dar-lhe a devida interpretação (localiza-lo no espaço).

- De modo idêntico ao historiador que examina o texto palavra por palavra assim o pré-historiador examinará cuidadosamente o objecto, nas suas diversas partes, procurando compreendê-lo, determinar-lhe a utilidade, a significação, o valor da ornamentação.

- Explicado o objecto torna-se necessário colocá-lo no seu lugar, estudá-lo no seu meio. Isolado ele seria como uma frase solta: não se compreenderia bem e seria susceptível de varias interpretações. (nota 1 da página 12)¹⁵

- Para esse efeito o pré-historiador lançará mão do método comparativo e do método etnográfico.

- Pela comparação e formação de series baseadas em caracteres essenciais relaciona-lo-ha com os objectos semelhantes e procurará determinar-lhe o devido valor.

- Pelo método etnográfico procurará aproximar os vestígios materiais das civilizações passadas dos tipos semelhantes que encontrar nos selvagens, cuja vida considerará, partindo do principio da escola evolucionista que as mesmas necessidades determinam condições análogas, uma imagem da dos primitivos agrupamentos humanos.

- Com efeito a semelhança de industria, só se pode explicar como quer a escola histórica, por expansões raciais, quando denota um alto grau de perfeição que as condições mesológicas não explicam, e não tenha atrás de si nada que represente quebra de rotina em que se filie, e mesmo assim ainda pode ser devida a operações comerciais ou a influencias lentas.

- Ultimamente alguns arqueólogos teem também pedido ao metapsiquismo a interpretação imediata dos monumentos. Assim segundo escreve Deonna utilizando a escrita automática um porteiro de Milão, encheu uma pagina de caracteres desconhecidos que o professor Corresio verificou tratar-se do texto completo duma inscrição runica do Museu, que, por estar partida, ainda não tinha sido lida. Por intermédio do médium o chefe bárbaro a que a inscrição se reportava dava, diz-se, a sua tradução completa.

¹³ (3) Num congresso celebrado em Roma em 1930 para estudar a conservação das obras de arte o Sr. James J. Rozimer, do museu de Nova York provou que pelos raios ultra-violetas se pode calcular a idade dum mármore, porque à luz desse raios o mármore antigo tem aspecto diferente do moderno.

¹⁴ (2) Inaceitavel o simplismo da escola evolucionista que admite que todos os povos passam pelas mesmas fazes e explica não por contactos mas por convergências as analogias culturais – O progresso contínuo e em linha é uma ilusão Inaceitavel também as atitudes extremas da escola histórico-cultural ou da filosofia spengleriana (estabelece um certo nº de culturas-tipo).

- A forma intermediária é que se aproxima da verdade.

- Não se podem negar as convergências (analogias culturais em áreas diferentes resultado da evolução) nas actividades essenciais do homem.

¹⁵ (1) Já Edouard Gerhard dizia: "*monumentorum artis qui unum vidit, nullum vidit; qui nuille vidit, unum vidit*"

- Alguns escritores encontram na psicometria mais um método supra-normal da interpretação arqueológica. Dizem eles que os objectos são impressionados, como uma chapa fotográfica, pelos factos com que estiveram em contacto e que por isso estes podem ser apreendidos pelo médium como se fossem uma realidade permanente.

- Este método tem sido já utilizado para reconstruir o passado, evocar por exemplo a vida pompeiana, e com ele procurou já Gayet esclarecer, mas sem grande êxito as suas investigações nos túmulos de Antinoé.

- Estes processos não são em geral aceites, ou porque se não acredita na sua sinceridade, ou porque, sem negar os fenómenos, se consideram apenas em acção do subconsciente em que o médium se limita a reproduzir o pensamento dos assistentes.

- Pondo de reserva o valor destes métodos, que precisam ainda de muita comprovação, entendo no entanto que a sciencia não deve desprezar a mínima possibilidade de aumentar os meios de conhecimento.

Cronologia (nota 1 da página 14)¹⁶

Interpretados e localizados no espaço os objectos, compete-nos a seguir localiza-los no tempo e determinar-lhes a cronologia.

A cronologia pode ser: relativa e absoluta.

Cronologia relativa. Obtem-se em arqueologia prehistorica a cronologia relativa lançando mão do método estratigráfico (nota 1 da página 15)¹⁷ que se baseia no estudo dos terrenos e no sua posição relativa; do método paleontológico que assenta na variação das floras e das faunas; do método arqueológico ou tipológico que se firma na evolução das industrias humanas (Mortillet).

Cometer-se-há um grave erro se se procura dar preferência a um destes métodos com exclusão dos outros porque qualquer deles é só por si insuficiente. Assim o método estratigráfico afirma:

1º Que nas camadas sobrepostas, as mais modernas são em geral as de cima;

2º Que as aluviões dum vale são tanto mais antigas quanto mais elevado é o seu nível.

Mas porque as camadas quaternárias são muitas vezes isoladas ou justapostas, de pequenas dimensões e possuidoras quando marítimas, de fosseis iguais às conchas actuais, porque as aluviões dos vales se encontram frequentemente remexidas, este método, embora o mais seguro nem sempre pode resolver o problema da cronologia quaternária, como facilmente se demonstra entre nós na maioria das estações paleolíticas conhecidas.

O método paleontológico, fundado por Lartet, baseia-se no desaparecimento sucessivo de algumas espécies que permitem o estabelecimento de épocas (do Hipopotamo, do Mamouth e da Rena), e na existência sucessiva no mesmo sitio de plantas e animais de climas quentes de climas frios.

¹⁶ (1) Três ordens de factos podem concorrer para a solução: Cronologia dos depósitos marinhos; 2. Terr. de canamento de vales e formações de terras fluviais; 3. Períodos glaciares e suas moreias.

¹⁷ (1) Empregado pela primeira vez por Boule e Piette na gruta de Mas-d'Azil (1887-1889).

a) Depósitos marinhos

b) Canamento de vales e formação de terraços

c) Períodos glaciares e moreias

Simplesmente este método não pode possuir grande rigor aplicado a uma época em que os climas se pluralizam e se dão migrações, porque pode suceder haver faunas diferentes sincrónicas, e idênticas que o não sejam; e ainda porque se desconhecem o poder de adaptação da vida de então. (1)

O método arqueológico mostra-nos a sequencia das indústrias, a da pedra lascada, antes da polida, e esta antes da dos metais, e, baseado nos tipos dos instrumentos, pode em cada época fixar diversos períodos.

Contudo o seu valor é apenas local porque indústrias diferentes podem ser contemporâneas em diversas regiões da terra pois a sua evolução, embora lógica, bruta e progressiva, está dependente do factor humano, do material, da localização etc (nota 2 da página 17)¹⁸.

- Do que temos dito resulta que todos estes métodos apresentam vantagens e defeitos. Se por si só são deficientes, combinados podem no entanto conduzir-nos a uma classificação geral dos tempos quaternários. Desse modo à geologia e paleontologia pediremos o esquema geral dessa época e dentro do quadro que essas sciencias nos derem iremos, conforme as regiões, colocando as subdivisões baseando-nos para isso no método das series e no método tipológico.

Com efeito nem todos os objectos duma camada homoea são sempre contemporâneos. Só o são aqueles que apareçam muitas vezes juntos. – Os outros são mais modernos ou mais antigos.

Suponhamos que em três grupos de escavações se encontraram os seguintes objectos (nota 1 da página 17)¹⁹: há 1º - ABC; na 2º – BCD; na 3º – CDE.

Os objectos A, B, C, devem ser contemporâneos visto aparecem juntos.

Os objectos – D, e – E ou são mais antigos ou mais modernos sendo de notar que – D – é contíguo de – ABC – e – E separado deles por um período. Procura-se depois estabelecer a genealogia das indústrias e formar como que uma cadeia de tipos cujos elos se vão afastando conforme as maiores ou menores semelhanças com o grupo inicial. Para introduzir a cronologia nesta seriação, isto é, para saber quais os objectos mais antigos e quais os mais modernos, servir-nos-emos da tipologia.

¹⁸ (2) Classificação de Mortillet

1º Eolítico (aresora de pedra)

2º Paleol.

a) Chelense

b) Moustierense

c) Solutrense

d) Madalense

3º Tourassense (de La Tourasse) ou azilense

4º Neolítico

a) Tardenoiense

b) Rohenhausenense

- Salmon cria o coupipong ou coup-de-poing

- d'Ault du Mesnil o Acheulense

Cartailhac e Breuil o Aurignacense

¹⁹ (1) A) Seta

B) Alabarda

C) Vaso Campaniforme

D) Chapão

E) Ponta de cobre

F) Machado de cobre

Então, partindo do princípio de que a evolução nas indústrias se dá do simples para o complexo, e do orgânico para o esquemático, poderá determinar-se então a idade relativa de cada um, tendo no entanto em conta as possibilidades de regressão ou decadência. Um dos arqueólogos modernos mais notáveis, Oscar Montelius, utilizou-se muito do sistema das séries e conseguiu até por meio de sincronismos com objectos cretenses e egípcios, passar da cronologia relativa à absoluta que se expressa em unidades do tempo.

Realmente se soubermos quais os objectos usados em certo local ao tempo da III dinastia egípcia e quais os usados ali ao tempo da XVIII poderemos fazer uma ideia da marcha da evolução e calcular, e Montelius fê-lo com muito êxito, em unidades de tempo a data provável dum certo tipo industrial (nota 1 da página 18)²⁰.

Cronologia absoluta²¹

De há muito se reclama para a pré-história uma cronologia absoluta, isto é, uma cronologia expressa em unidades de tempo, mas a ciência actual, embora não considere o problema insolúvel, ainda se não julga em condições de poder com segurança resolver o problema. Varias tentativas teem contudo sido feitas nesse sentido, de natureza astronómica, biológica e geológica.

À primeira vista parece que os métodos astronómicos são os mais seguros, mas eles lutam com a dificuldade de encontrar um fenómeno geológico ao mesmo tempo relacionado com um astronómico mesuravel e com a antiguidade humana. Croll, attribuindo as glaciações quaternárias ao ultimo grande ciclo da excentricidade da orbita terrestre (máximo afastamento da terra ao sol) calculou que elas se teriam iniciado há 240.000 anos e que a sua duração teria sido de 160.000 anos, tendo por isso terminado há 80.000.

²⁰ (1) Este trabalho encontra-se já feito para a cerâmica grega e para as fibulas (alfinetes), com as quais se obtém hoje a data duma determinada estação, que também se consegue por intermédio das moedas antigas.

Tambem Schmidt conseguiu por este método determinar a antiguidade do eneolítico peninsular. Com efeito verificou que o mais antigo bronze peninsular era contemporâneo do mais antigo de Italia porque neles aparece a alabarda (1º período). Na Sicilia há desta época objectos de osso e cerâmica que aparece também em camadas premicénicas de Troia (2º período da 2ª cidade). Esta cultura de Troia é sincrónica da mais antiga das Cidades (igualdade de cerâmica) e esta do fim do minóico primitivo que é contemporâneo da VI dinastia egípcia (2000 anos segundo Meyer antes de Cristo).

Por [????] com a Irlanda conseguiu [???? ????] determinar a Id. da nossa industria.

²¹ Cronologia

Osborn (Vid. Capitan Le prehistoire, [????] 9)

Prechelense – 125:000 a.C.

Chelense – 100:000

Achelense – 75:000

Mousteriense – 50:000

Aurinhacense – 25:000

Solutrense – 16:000

Madalenense – 12:000

Neol. antigo – 10.000 (Europa)

Neol. pleno – 7.000 (Europa)

Eneolítico – 3.000 a 2.000 (Europa)

Bronze – 2.000 a 1000 (Europa) e 4000 a 1800 no Oriente

Hallstatt – 1000 a 500, no oriente 1800 a 1000.

La Tène – 500 até aos romanos.

Outros escritores teem também atribuído o mesmo fenómeno à precessão dos equinócios (obliquidade do eixo da terra) (nota 1 da página 19)²², mas, como não está demonstrado que as referidas glaciações tivessem sido originadas por qualquer dos fenomenos apontados, vêmo-nos obrigados a pôr de reserva as conclusões dessas teorias.

Não teem sido mais felizes aqueles que teem buscado uma cronologia absoluta na evolução biológica pois os seus resultados vagos e incertos apenas teem servido para pôr em evidencia as pequenas transformações sofridas pela vida a partir do quaternário e a pequenez desta comparada com a duração dos tempos geológicos.

Das tentativas baseadas em fenómenos geológicos, que são numerosíssimas, salientaremos aquelas que tomam por unidade o tempo necessário para depositar uma certa altura de sedimentos (por ex. 1^m em 650 anos segundo Boule) e aquelas que se baseam no avanço e recuo dos glaciares. (nota 2 da página 20)²³

Rutot calculando a razão de 1 Km por 20 anos, o avanço e recuo dos glaciares e considerando a Scandinavia o ponto de partida e os Carpatos o ponto máximo da glaciação, encontrou um total de 139.000 anos.

Como os anteriores também estes métodos não merecem confiança porque partem do principio pouco provável da continuidade e regulariedade dos fenómenos geológicos, o que resta ainda por demonstrar. (nota 1 da página 20)²⁴

Sem uma base rigorosa não admira que os metodos enumerados tivessem conduzido a resultados variados, e que os números assim calculados para a era quaternária oscilem entre 10.000 e 1.000.000 de anos! (nota 1 da página 21)²⁵

Ultimamente Koppen e Wegener, tomando as migrações polares como causa do glaciamento, calcularam para o Wurmense uma duração de 20.000 a 120.000 anos, para o rissense uma de 180.000 a 240.000 anos, para o mindeliense de 425.000 a 480.000 e para o gunziense de 550.000 a 600.000 anos a.C.



²² (1) J. F. Peró, Mémoire relatif à la solution du problème de la Chronologie préhistorique, Brive 1933.

²³ (2) Boule diz-nos que se representar por p a espessura ou duração dos terrenos quaternários será preciso representar por 20 a duração da era terciária, por 30 a secundária, por 150 a primária. Deste modo ele calcula em 125.000 anos, a era 4^a, a 3^a em 2.500.000, a 2^a em 3.750.000 e a primária em 18.750.000. Ele considera porem 3^{as} as 2^{as} primeiras glaciações.

²⁴ (1) Em 1925 W. von Soergel, baseado em observações geológicas (principalmente sobre as antigas aluviões dos cursos de agua alemães) e ainda em razões de ordem astronómicas considera na sua memoria "As divisões e a cronologia absoluta da época glaciária" o madalenense começado há 67.000 anos e terminado há 21.000; o solutrense compreendido entre 72 e 67.000 anos; - o aurignacense entre 110: e 72:000; o moustierense entre 183: e 110:000;

O acheulense entre 236: e 183:000

O Chelense entre 429: e 236:000 anos.

Estes números não serão talvez exagerados para o paleolítico inferior mas devem-no ser para o superior (Vid. L'Anthropologie, tom. XXXVIII nº 3-4, p. 442)

Ver os cálculos de Osborn em Capitan, La Prehistorique, p.9

²⁵ (1) Por ex.:

Carlos Lyell	800.000 anos
James Dana	720.000
Carlos Walcott	400.000
Sollas	400.000
Pilgrim	1.290.000
Geikie	620.000
Osborn	500.000
Penck (1921)	entre 1.000.000 e 500.000

Deste modo a era quaternária abrangia o espaço de 600.000 anos e o homem existiria à 400.000 pelo menos.

Se agora compararmos os 25.000 anos do epiglacial, engenhosamente calculados pelo barão G. de Geer por meio das formações de verão (lodo fino e escuro) e de inverno (lodo cinzento claro) deixadas pelos glaciares, pelas moreias depositadas nas deteções desta ultima estação, pelas capas de lodo do lago de Ragunda etc, com os depósitos da idade da rena, aproximadamente da mesma espessura, e estes com os anteriores períodos do quaternário que assistiram às invasões glaciares, ao desaparecimento dos grandes mamíferos, a modificações continentais, a cavamento de vales, a demolições de montanhas, correcções litorais etc.

Teremos que concluir que não são exagerados os 600.000 atribuídos à era quaternária.

Bibliografia

- W. Deonna, L'archéologie, sa valeur, ses méthodes, tom. I, 912.
- Déchelette, Manuel d'Archéologie préhistorique, I, Paris 1908, p.2 e seg.
- D^{or}. A. Schenk, La suisse préhistorique, Lausanne 1912, p.1 e seg.
- Morgan, L'Humanité préhistorique, 1921, pag. 23.
- Manuel de Recherches préhistoriques, 1906, Paris, p. 10 e segs.
- Camille Jullian, Plaidoyer pour la préhistoire, in Revue Bleue, n^o 24, 5^a serie, tom. VIII, de 14 Dez. 1907.
- Deonna, Les sciences auxiliaires de l'archéologie, in Revue Archéologique, XXI, 1925, p. 115.
- De la méthode dans les Sciences, Paris, 1911, pag. 199.
- Boule. Les hommes fossiles, Paris, 1921, pag. 28.
- Obermayer, El Hombre fósil, 1925, p. 398 e segs.
- (Vid. Pag. 1)

Sumario

1^o Lugar do homem da historia da terra. O homem terceario português.

2^o [???

Ver L'Anthrop., t. 48, p. 217 (o homem terceario na Ingl.)

Bibliografia

- D^{or}. A. Schenk, La suisse préhistorique, pag. 33
- Boule, Les hommes fossiles, pag. 114 e segs., e 435 e segs.
- Obermayer, El Hombre fósil, p. 1
- Déchelette, Manuel, I, pag. 19
- Joaquim Fontes, O homem fósil em Portugal, Lisboa 1923
- Mendes Corrêa, Os povos primitivos da Lusitania, Porto, 1924
- Ibidem, Homo, 1926, pag. 173 e segs.

Lugar do homem na hist. da Terra (nota 1 da página 23)²⁶

Ou a terra tivesse resultado da condensação dum anel saído do equador duma nublosa animada de movimento de rotação e passado pela fase astral, crusta litica e oceânica, como propoz Laplace; ou tivesse resultado, como pertence Chamberlain, da adição a um núcleo frio situado numa nublosa espiral de materias de planetisimais (nublosas) e passado por uma fase vulcanica, atmosférica e hidroesferica, a verdade é que em qualquer dos casos uma imensidade de seculos deveriam ter decorrido primeiro que a sedimentação se iniciasse e se tornasse possível a vida.

- A essa prehistoria da terra seguem-se então os tempos geológicos, espaço de tempo que tem sido calculado aproximadamente (arbitrariamente) em 50 milhões de anos, e que se costuma dividir, como sabem em eras e períodos, caraterisados por determinados fosseis. Essas eras, ninguém dos presentes o desconhece, são a arcaica, a primaria ou paleozóica, a secundaria ou mezozoica, a tercearia ou cenozoica, a quaternária ou homozoica.

A era arcaica, a maior de todas foi durante muito tempo considerada azoica, isto é, sem vida. Hoje porem está demonstrado que a sua falta de fosseis se deve às transformações e pressões que sofreu e à falta de consistência dos primeiros organismos, sendo de notar que já alguns foram encontrados nesses terrenos por Walcott e Mann.

A era primaria, cuja duração atinge 20.000.000 anos abrange os conhecidos períodos: câmbrico silúrico, devonico, carbónico e permico, e aparecem nela primeiramente os invertebrados, depois os peixes e por fim os anfíbios e também os reptis, faltando apenas os mamíferos, as aves e as plantas angiospermicas. Os vegetais com flores, as arvores cobertas de folhas ainda não existiam e a temperatura era uniforme. A era secundaria é a era dos reptis e tem sido calculada em 4 a 6 milhões de anos.

- Sob o ponto de vista físico é uma era de estabilidade e calma relativa.

- Ela compreende o triadico, o juraico e o cretaico e traz-nos no juraico os primeiros representantes das espécies que faltavam: primeiros mamíferos, primeiras aves e primeiras angiospermicas (nota 1 da página 24)²⁷

- A era tercearia, que se subdivide em eoceno, oligoceno, mioceno e plioceno, é a era dos mamíferos e do grande desenvolvimento dos primatas, como a quaternaria o é da espécie humana.

²⁶ (1) O aparecimento do homem

Quando apareceu o homem à superfície da Terra?

Essas quatro eras que constituem os tempos geológicos – a primaria ou paleozóica, a secundaria ou mezozoica, a tercearia ou cenozoica, a quaternária ou homozoica, duas estão evidentemente postas de lado: a primeira que é a idade dos invertebrados, e do inicio dos anfíbios e peixes;

- a era secundaria, com os seus períodos triadico, juraico e cretaico é a era dos reptis, então muito mais numerosos e de aspecto gigantesco.

Ela traz-nos contudo os primeiros mamíferos e as primeiras aves. Alguns escritores, como por ex. Broom em Les origines de l'homme procurou estabelecer a evolução do peixe até ao homem atravez os reptis desta era. Nada porem que se aproxime do homem.

- O problema fica pois limitado a duas eras: a tercearia e a quaternária. Como porem nesta encontramos o homem já dissimulado pela terra e possuidor de industria alguns arqueol. tem localizado o seu aparecimento na era tercearia. Em que período?

Eoceno? Oligoceno? Mioceno ou Plioceno?

No último é a opinião dominante

- Que provas existem de facto?

²⁷ (1) Plantas com sementes fechadas no seu pericárpio

- Como porem o homem nos aparece no quaternário ocupando uma vasta superfície do globo, dispondo duma industria bem definida que embora rude revele já uma certa técnica, e como o grupo dos Primatas a que o homem pertence teve o seu inicio no terciario, alguns antropólogos e arqueólogos, partidários da evolução, tem sido levados a procurar no terciario o precursor do homem e têm por vezes julgado encontrar vestígios directos e indirectos da sua existência nessa era.

Vestígios directos foram considerados os craneos de Calaveras, o fémur de Trinil encontrado por Dubois, os esqueletos de Olmo e de Castenedolo, mas hoje consideram-se já como pertencentes ao quaternário (nota 1 da página 25)²⁸.

- Vestígios indirectos, isto é, pedras talhadas que tem sido designadas por eólitos (aurora da hum.), julgaram te-los encontrado o abade Bourgeois em 1863 no terreno oligoceno de Thenay (Loir-et-Cher), Carlos Ribeiro em 1871 no mioceno de Ota (vale do Tejo), Rames em 1877 em Aurillac, Werworn em 1905, Rutot em 1907, tendo este modificado a significação primitiva de “eólitos”, para os considerar não formas intencionais, mas sim formas naturais, utilizadas directamente. Rutot fez remontar (recuar) a existência dos eolitos ao oligoceno e classificou-os em diversos períodos.

Ultimamente a questão foi de novo levantada por M. Noir em Inglaterra com algum êxito pois se não conseguiu convencer Breuil, pré-historiador m^{to} notável, da intencionalidade dos tipos industriais de forma de bico de águia (rostricarinate), obteve no entanto dele uma opinião bastante favorável para muitos eolitos.

²⁸ (1) Consultar Obermaier e Boule – Para o “Sinanthropus” de Peking, consultar também L’Anthropologie, tom. XLI, nº 1 e 2, pag. 1 e segs.

- O “Sinanthropus” foi encontrado depois de largas escavações (supunha-se a existência porque em 1922 o Dr. Andersson tinha achado no estrato dois dentes) pelo Dr. Davidson Black em Chou Kou Tien, 50^{km} a SW de Peking no ano de 1929.

Os restos do Sinanthropus pekinensis Black compõem-se:

a) Um craneo de alguns ossos de um jovem de 7 a 8 anos;
b) Meia mandíbula e um parietal de adulto em nível inferior;
c) Mais abaixo dentes isolados, uma calote craneana completa um craneo quasi completo a 35^m de profundidade, associados a craneos de Hiena e Rinoceros.

- E ainda uma metade posterior de mandíbula com ramo montante? conservados e dois molares sur place.

- Este material representa cerca duma dúzia de indivíduos.

- A reunião de tantos ossos no mesmo deposito parece indicar um lugar de habitação, contudo nenhuns restos de industria conhecida foram encontrados. Servi-se-há o Sinanthropus de utensílios de madeira? Ou não teria ainda atingido o limite entre antropomorfos e hominídeos?

Caracteres anatómicos

Dentes não são conhecidos nos hominídeos, mas dentição humana, robusta de raízes fortes e longas.

A mandíbula diferente da dos macacos e dos homens actuais, com certos caracteres intermediários entre macacos e mandíbula de Mauer.

Craneo – Aliança de caracteres símios ou primitivos com os humanos, aproximação do Pithecanthropus.

Interpretação

Os caracteres humanos apresentados pelos dentes e mandíbula e a capacidade craneana leva-nos a perguntar:

1º O Sinanthropus é, como quer o Dr. Black, um intermediário entre o homem e o Anthropopithecus?

2º Ou pertence, como defende Boule, ou género “Pithecanthropus” que agora melhor conhecido, se deve localizar mais próximo do homem?

3º O Sinanthropus deve enfileirar ao lado dos Antropomorfos ou dos Hominídeos?

- A continuação das escavações, o encontro de membros ou de traços industriais resolverá o problema.

- O P^{re}. Breuil que entendeu ultimamente o assunto (Le feu et l’industrie de Pierre et d’os dans le gisement du “Sinanthropus” a Chou Kou Tien, in L’Anthropologie, tom. XLII, nº 1-2) encontrou no deposito vestígios evidentes de fogo, industria lítica que lembra um grosseiro moustierense, e objectos de osso ou larga aplicação deste, aqui teremos que concluir que ou os craneos do Sinanthropus eram troféus de caça, devidos com o fogo e a industria, a um homem verdadeiro de que se não encontraram ossadas, ou então supo-los devidos os Sinanthropus o que obriga a elevar a posição do Pithecanthropus.

Mas a ver assim, a aceitar capaz de industria, um homem tão primitivo, temos novos horizontes abertos à nossa espécie, ainda que a cronologia do Sinanthropus, não vá, como quer Breuil, alem do principio do quaternário.

Novas escavações, e a continuação das que estão em marcha revolverão por ventura o assunto.

Apezar de tudo a teoria dos eolitos continua lutando com as seguintes objecções:

a) De ordem paleontológica.

A paleontologia embora se não recuse admitir a existência de eólitos pliocenos ou miocenos, não pode porém aceitar os dos oligoceno e eoceno porque nestes períodos não poderiam ter ainda vivido os percursores do homem. Por outro lado a paleontologia, aceitando o principio da evolução, não compreende a razão porque o homem conservaria inalteráveis e sem progresso os mesmos tipos de eolitos durante todo o terciário.

b) De ordem geológica, porque os calhaus supostos utilizados fazem em geral parte de formações geológicas de carácter violento ou torrencial onde são escolhidos com ideia preconcebida. E ainda porque eles aparecem apenas em paizes com sílex e só nos estratos que o contêm. Ora não só é perigoso atribuir ao homem calhaus que fazem parte integrante das camadas com milhares de km., como seria estranho que, sendo o seu talhe ou retoque devidos ao homem, não aparecessem em toda a parte.

c) Objecções de ordem térmica e experimental

Está hoje demonstrado que as vagas, os redemoinhos ou correntes de agua, as mudanças de temperatura, os choques, as pressões ou compressões mesmo no interior das camadas formadas pelos terrenos, podem produzir eólitos com todas as suas características (bolbo de percussão e retoques).

Está mais que demonstrado que as fabricas de cimento podem produzir, como sucedeu com a de Mantes, quando se lhe introduz juntamente com o material a moer pedaços de sílex, grande numero de lascas e de peças que nada diferem das colecionadas pelos eolitofilos. De tudo isto se conclue que nós não possuímos processo seguro de distinguir as pedras de talhe intencional rudimentar das produzidas pela natureza.

É natural que as industrias quaternárias tenham os seus antecedentes mas seria grave pretendemos concluir a existência do homem num período em que nenhuns restos ósseos dele, nem nenhuns vestígios de fogo aparecem por um simples bolbo de percussão ou por retoques, bem facilmente produzidos uns e outros pelos agentes naturais. Embora seja provável a existência dum antepassado do homem a partir do mioceno inferior a carência de documentação obriga-nos porém a considera-lo por enquanto simplesmente hipotético.

O homem terciário português.

Não quero terminar este assunto sem dedicar algumas palavras aos sílices encontrados por Carlos Ribeiro em Ota e apresentados ao congresso de Arqueologia realizado em 1880 em Lisboa e descritos na sua tese a essa importante assembleia intitulada "L'homme tertiaire en Portugal" e num trabalho anterior. "Descrição de alguns sílices e quartzites lascados dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado", Lx, 1871.

Este ilustre geólogo português, ao estudar os terrenos entre o Tejo e o Sado encontrou vários sílices e quartzites talhadas e que julgou, por um ser inteligente que devia ter vivido na era terciária.

Entusiasmado apresenta-os à Academia de Sciencias de Lisboa e publica sobre eles uma Descrição, e como ali não houvesse quem pudesse discutir o assunto leva-os em 1872 ao Congresso Intern. de Antrop. e Arqueol. Pre-hist. de Bruxelas e depois em 1878

à Exposição Internacional de Paris, onde foram observados por Mortillet, Cartailiac e obtiveram um certo êxito.

Para resolver definitivamente o assunto Carlos Ribeiro organiza o Congresso de Lisboa de 1880, aonde acorrem homens eminentes de todos os países. Estes visitam o local do aparecimento, aonde Belluci teve a felicidade de encontrar um sílex, discutem o assunto mas não chegam a acordo. Todos reconheceram que os terrenos são terciários, mas nem todos admitem a sua contemporaneidade com a indústria em discussão, nem todos reconheceram nesta trabalho intencional.

Contudo alguns vultos eminentes partilham a opinião de Ribeiro, tendo até Gabriel de Mortillet, de que lhes falei, no seu livro “Le préhistorique” proposto que o percursor do homem que existira em Portugal fosse denominado, em homenagem ao seu descobridor, Anthropopithecus Ribeiroi, que mais tarde modificou para Homo simius Ribeiroi.

Posteriormente Nery Delgado afirmou não ter encontrado nenhuns sílices no interior dessas camadas que nesse sentido explorou e Joaquim Fontes, que tem estudado o paleolítico português, considerou a maior parte da colecção da Comissão Geológica formada por pedras naturais.

Contudo Mendes Corrêa, tendo visitado há pouco a região de Ota encontrou ali mais eólitos.

É preciso por tudo isto esperar que novos dados venham esclarecer este importante problema. (a)²⁹

*

Lugar do homem na escala animal (nota 1 da página 30)³⁰

Desde tempos remotos se tem posto em evidencia a semilhança do corpo humano com o dos outros mamíferos, particularmente com o dos Primates.

Como o homem porem é o seu próprio classificador o seu orgulho levou-o baseado nas manifestações do seu espírito, a arranjar uma ordem especial para si.

Os progressos das sciencias naturais vieram no entanto precisar as relações do homem com os outros animais e marcar-lhe o devido lugar a dentro dos antropóides.

A embriogenia por um lado mostrando o desenvolvimento semelhante dos embriões dos primatas; as anomalias, isto é, as disposições morfológicas que aparecem acidentalmente nos homens e se encontram nos outros animais; os órgãos rudimentares que não desempenhando naquela qualquer função útil se encontram nos mamíferos com papel importante; a fisiologia determinando as afinidades bio-químicas dos primatas, ou sejam, os seus graus de consanguinidade (homem mais próximo do chipamzé); a patologia evidenciando a facilidade com que os quadumanos são contagiados pelas nossas doenças infecciosas, a psicologia comparada acentuando a proximidade da mentalidade dos macacos superiores (antropóides) com a das tribos dos selvagens, a anatomia demonstrando a futura possibilidade de linguagem articulada, que de resto se encontra

²⁹ (a) Breuil analisando-os ultimamente encontrou só pedras naturais e mustierense.

³⁰ Diversas ideias sobre a Origem do homem, in Fabio Picasseto, Legioni di Antropologia, pag. 243 e segs. (a ideia nos povos primitivos, semi-cultos, nos filósofos e naturalistas, a ideia actual)

rudimentarmente nas Aves, entre os macacos, tudo isto enfim levou Boule a fazer as seguintes afirmações no seu notável livro sobre “Os homens fósseis”:

1º O homem é um primata, o mais elevado dos primatas. É mais vizinho dos macacos antropomorfos que estes o são dos outros macacos.

2º O desenvolvimento individual do homem demonstra que seus diversos sistemas e órgãos passa por fazer transitórias as que são formas definitivas nos animais inferiores.

3º As anomalias dos seus diversos sistemas anatómicos não são muitas vezes senão reaparições de traços morfológicos de tipos inferiores, e muitos órgãos, ditos rudimentares, não se podem explicar senão pela hipótese da evolução, senão como supervivências de estados ancestrais;

4º O homem é muito superior aos macacos antropóides superiores pelo volume e organização do cérebro e por isso mesmo pela inteligência.

A diferença é porem de grau e não de essência.

Demonstrado que o homem não ocupa um lugar especial na escala animal, que o homem é um primata necessário se torna marcar o seu lugar a dentro desta ordem.

Se por um lado estudarmos a origem dos primatas verificamos que o seu nascimento se dá no começo da era terciária e que o seu aparecimento se faz em conformidade com a sua hierarquia zoológica; Primeiro os lémures (macacos que fazem transição para os insectívoros), depois os macacos com cauda, depois os antropomorfos; e verificamos mais que todos estes grupos se diferenciam, vindo os Antropomorfos a dar não só as formas ancestrais dos actuais, mas ainda outras que não chegaram a nossos dias. Se estudarmos a multiplicidade dessas diferenciações, dadas sobretudo na Ásia meridional, encontraremos algumas formas independentes e extintas aonde há traços que nos permitem aproxima-los do homem.

Tal é o Sivapithecus e sobre tudo o Pithecanthropus cujo craneo se pode considerar intermediário entre os Antropomorfos e os Hominídeos.

Se agora por outro lado estudarmos os homens fósseis nós encontra-los-hemos mais próximos dos macacos fósseis do que dos homens actuais. Esse facto torna-se evidente sobretudo na mandíbula do Homo Heidelbergensis aonde a mistura de caracteres simiescos e humanos é tão grande que se a mandíbula tem aparecido sem dentes certamente teria sido classificada como sendo dum macaco fóssil. Vemos pois que as descobertas paleontológicas vêm ligar o homem ao tronco comum dos primatas, mostrar que, sendo o ramo mais perfeito, foi o ultimo a aparecer e que a sua separação se fez nos meados da era terciária (mioceno).

A [????] que devia ter existido um pré e um proto-homem estreitamente ligados aos antropóides, seus parentes muito próximos, necessário se torna apresentar algumas das causas a que tem sido atribuída a sua hominação.

Embora a disposição do pé e a posição erecta, deixando livres os membros superiores, tenham sido muitas vezes invocadas, a explicação geralmente aceite é a de que o antepassado do homem se teria convertido em homem por motivo de mudança de hábitos provocada por mudanças de “meio”.

Segundo Gregory, Lyell e outros os pré-hominídeos primeiramente arborícolas, teriam abandonado por qualquer causa esse regime e a alimentação frugívora para se adaptarem ao régimen terrestre e à alimentação omnívora.

Lyll pensa que teria sido a elevação dos Himalaias que, modificando o clima e diminuindo na Ásia a região das florestas, teria preparado essa modificação e separado até os simídeos, que ficariam ao sul nas florestas, dos Hominídeos que da Ásia Central avançaram para a Eurásia.

Da mudança de regime teriam resultado as modificações na face, a atitude bípede, a forma do pé, e da perna, a redução dos membros torácicos que separam o homem dos antropóides.

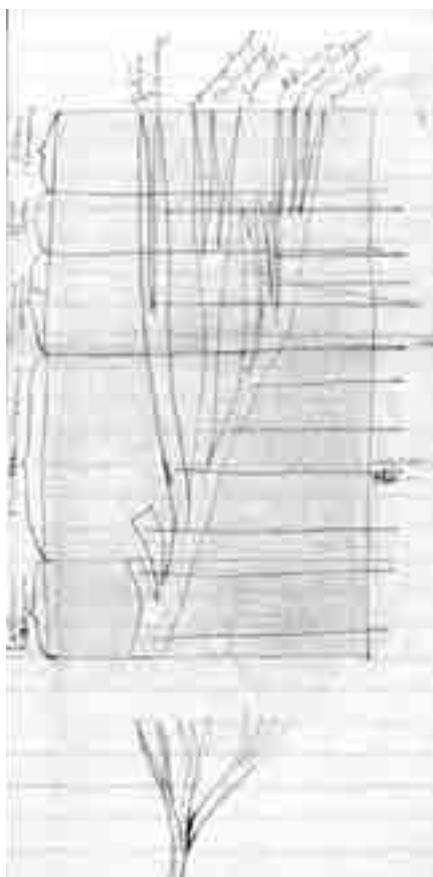
Teorias há também, como a de Miller, que ao contrário explicam essa adaptação ao meio terrestre não por influência do ambiente, mas por uma exploração das possibilidades de via terrestre.

Na conciliação destas opiniões me parece residir a verdade, pois tal transformação só se compreende com a existência sincrónica de certas formas biológicas capazes de se modificarem (evoluírem) no sentido humano e de certos factos exteriores capazes de provocarem ou de tornarem viável essa transformação (evolução).

Pondo de parte a tese poligenista, que admite vários centros de criação da humanidade e portanto várias espécies humanas, e que os cruzamentos não justificam, a maioria dos tratadistas colocam na Ásia o centro da formação e de dispersão dos Hominídeos.

Dessa origem única teriam resultado a espécie humana e as suas variedades e sub-variedades ter-se-hiam, como quer Giufrida-Ruggeri, operado já depois de feita a antropogenese.

- Esquema genealógico do homem, segundo Keith. (folha 36)



Sumario:

1º Civilizações pleistocénicas:

- a) O meio geográfico
- b)

Bibliografia:

Obermaier, El hombre fósil

Déchelette, vol. I

Morgan,

Árvore genealógica do homem

Ver "The Illustrated London News" de 18 de Dezembro de 1937

Nos princípios da era quaternária a Europa, muito mais extensa do que hoje, pois abrangia o Mar da Mancha, o mar Báltico, o Egeu e parte do mar Negro, encontrava-se em grande parte coberta de gelo.

O seu vulcanismo era intenso, embora menor que na época antecedente.

Dos Alpes irradiavam pelo Rodano, pelo Aare, Reuss e Sinth poderosos glaciares, e a estes se juntavam ainda ao N. do Reno o glaciar de Iller, a E. deste o de Lech e de Isar, ao sul dos Alpes o de Ticino, o de Adda, Oglio etc.

Ao norte da Europa 6.500.000 km², abrangendo toda a Escandinávia, a maior parte da Inglaterra e da Holanda, quase todo o N. da Alemanha e 2/3 da Rússia, se encontravam cobertos de gelo.

A sua extensão máxima era limitada na Inglaterra pela região hoje do Tamisa e no continente pela do baixo Reno, pelas montanhas da Alemanha Central a partir do Ruhr, pelas selvas da Turingia, pelos Sudetes e por uma zona a ocidente do Volga e dos Urais e correndo paralelamente a estes até ao Oceano glacial Ártico.

A esta massa de 70 milhões de km³ de gelo há a juntar ainda a das glaciações localizadas como a da nossa serra da Estrela; a do sistema castelhano, do sistema Peni-Bético, dos montes Cantábricos, Ibéricos; a dos Pirineus, dos Voges, Jura suíço, montes da Boémia; a dos Balcãs, Apeninos, Urais etc.

Este mesmo fenómeno se nota na Ásia nos Himalaias, no norte da Sibéria e da América do Norte, na América do Sul na cordilheira dos Andes e na Terra do Fogo; na própria África na parte oriental (Abissínia, Kilimandjaro, Kenia etc).

Ora está hoje demonstrado pelo estudo das moreias e das floras e faunas fósseis não ter havido uma só glaciação, mas sim várias separadas por períodos inter-glaciares.

Brückner e Penck, notando nos Alpes a existência de quatro terraços de areias fluvio-glaciais (nota 1 da página 39)³¹, com os competentes anfiteatros moreicos, concluíram da existência nos Alpes dos seguintes períodos durante o pleistoceno:

- Primeiro período glacial (Günziense);
- 1º período inter-glacial;
- Segundo período glacial (Mindeliense);

³¹ (1) Três ordens de factos tem servido para classificar os tempos quaternários

1º Cronologia dos depósitos marinhos

2º Fen. de cavamento dos vales e formação dos terraços fluviais

3º Períodos glaciais e suas moreias sucessivas

- 2º período inter-glaciar;
- Terceiro período glacial (Rissienne);
- 3º período inter-glaciar;
- Quarto período glacial (Würmiense);

A este ultimo segue-se o período holoceno ou actual que se inicia com a retirada dos gelos.

O período máximo da glaciação corresponde ao Mindeliense e ao Rissienne, talvez mais aquela do que a este, e neles as neves desceram 1.300^m (nos outros períodos a 1.200^m) do seu nível actual.

Ao Würmiense segue-se o período epiglaciar, espaço de tempo gasto pelos gelos no seu retrocesso.

Este período devido as oscilações das neves no seu recuo, foi dividido por Penck em Böhliense (recuo para 900^m do nível actual), Geschnitzienne (para 600^m) e Dauniense (300^m). (nota 1 da página 40)³²

Não se conhecem ainda bem as fazes da glaciação do norte da Europa; sobre contudo da existência ali também de varias glaciações (três segundo alguns), que o seu máximo corresponde ao dos Alpes e que o retrocesso no epiglaciar se fez também a pouco e pouco.

Nas montanhas menos elevadas o numero de glaciações, variável com a altitude, ainda não está bem determinado.

Apezar da carência de elementos James Geikie, apresentou já a seguinte classificação geral das glaciações europeias.

- Quatro períodos glaciares, separados por três períodos inter-glaciares (o mesmo na America).
- Quatro fases no período epiglaciar, que são
 - a) Período inferior das florestas
 - b) Período inferior das turfeiras
 - c) Período superior das florestas
 - d) Período superior das turfeiras.

Embora se conheçam já regularmente os efeitos do glaciário, não se lhes conhecem contudo as causas.

Para explicar esse fenómeno tem-se recorrido à precessão dos equinócios, à excentricidade da orbita terrestre, à migração dos pólos, ao vulcanismo, ao levantamento de montanhas, as chuvas torrenciais etc., mas ainda se não encontrou uma explicação que plenamente satisfaça (nota 1 da página 41)³³

³² (1) As glaciações provocaram variações do mar:

- a) Siciliense – 90 a 100m
- b) Milazense – 55 a 60
- c) Tirrinense – 28 a 30
- d) Grimaldense – 12 a 19

³³ (1) Ultimamente Woldstedt, Epoca glaciária refuta as explicações locais (movimentos orogénicos, acido carbónico ou poeiras vulcânicas na atmosfera) por não explicarem a periodicidade dos movimentos glaciares.

Ele pronuncia-se pela teoria Koppen-Milankovitch 1924, rejuvenescimento da de Croll e que faz depender as glaciações das variações da intensidade da radiação solar resultantes das variações de inclinação da eclitica e da excentricidade da orbita da terra. Evidentemente que as glaciações dependem ainda da repartição das terras, variação dos pólos etc.

- Como todas as hipóteses astronómicas esta é contraditada pela simultaneidade das glaciações em toda a superf. (nos dois hemisferios) da Terra.

- Não há, pois ainda uma hipótese que satisfaça.

- É possível, como sugere Verneau, que a razão da modificação da radiação solar resida nas manchas do sol.

Flora e fauna. As oscilações glaciárias a que nos acabamos de referir exerceram uma notável influencia na vida vegetal e animal da Europa.

Durante os períodos glaciares a tundra, com as suas associações de líquens e musgos, com um ou outro oásis de plantas floridas, cobriu, na Europa do Norte e nos Alpes, todas as zonas não cobertas de gelos.

A Este, na Europa Central e Oriental, na região propriamente do loess, estendia-se a estepe aonde os arbustos e as hervas, favorecidas por um estio então mais quente, tinham algum desenvolvimento.

Ao sul, na região mediterraneana, uma flora tem perada fria.

Durante os períodos inter-glaciares, surgem com um clima quente e húmido, em lugar a estepe as florestas de folhas caducas, que das actuais só diferiam por conterem certas espécies que vivem hoje mais ao sul.

A temperatura media anual de então devia ser, a julgar pela flora e fauna, três graus mais elevada do que a de hoje, o que nos permite afirmar que a linha das neves perpetuas se encontrava 400^m acima da actual.

Harmonizando-se com a flora a fauna foi durante os períodos glaciares constituída na região da tundra, isto é, na Europa Ocidental e parte da Central, por um conjunto de animais migrados, uns da região artica, outros da região alpina.

Como tipos articos são particularmente interessantes o touro almiscarado, o zorro azul, o rangifer, tendo a distribuição deste último atingido os Pirineus e os Cantabricos.

Como tipos alpinos conhecem-se a lebre, cabra montês, marmota, etc.

Nas regiões das estepes, de clima sub-artico-continental, viviam antílopes, cavalos, onagros, e ainda alguns animais ora extintos como o Mamut (*Elephas primigenius*) e o Rinoceronte, dos quais se encontram vestígios em quasi toda a Europa.

Note-se que havia animais da tundra que viveram também na estepe e outros indiferentes às variações climáticas, tais como o lão das cavernas, o leopardo, o gato montês, a hiena das cavernas, o urso pardo, o lobo, o cavalo, o touro selvagem, o bisonte, o viado, o javali etc.

Durante os períodos inter-glaciares a Europa apresenta-nos uma fauna de clima quente que se associa do seguinte modo.

- a) No pleistoceno inferior, isto é no período pré-Gunziense e no primeiro inter-glacial, restos de fauna terciaria (mastodontes), aparecimento do *Elephas meridionalis*, de *Equus* e de *Bos*. Apogeu dos macacos e do *Rinoceros etruscus* (clima quente).
- b) No pleistoceno médio (2º período interglacial) predomina o *Elephas trogontherii* (elefante continental nórdico), aparece pela primeira vez o *Elephas antiquus* (N e S da Europa), o *Rinoceros merckii* (clima quente) e desaparecem os macacos e o *Rinoceros etruscus*. – Pre-chelense.
- c) No pleistoceno superior (3º interglacial) desaparecem o *Elephas antiquus* e o *Rinoceros merckii* e abundam o Urso e Hiena das Cavernas. Corresponde ao Chelense na França e pré-musteriense na Europa Central.

Prechelense: industria atípica de lascas ponteagudas.

O paleolítico inferior na França

Paleolítico se chama a primeira civilização conhecida da época quaternária.

Caracterizada pelo uso da pedra lascada ela tem sido dividida, tendo em conta a sua estratigrafia, a fauna e sobretudo a tipologia da sua indústria em paleolítico inferior (prechelense, chelense (nota 1 da página 44)³⁴, achelense, moustierense) e paleolítico superior (aurinhacense, solutrense e magdalenense).

Ocupar-nos-hemos primeiro do paleolítico inferior e porque a classificação francesa tem servido de base à dos outros países por esse país iniciaremos esse estudo.

Prechelense.

Descoberto por Commont caracteriza-se pela existência duma indústria muito tosca, atípica, em indústria de lascas ponteadas ou de folhas largas, talhadas em poliedro irregular moldado na forma casual duma lasca a quem se não conseguia dar ainda forma adequada.

O seu perfil é irregular e grosso e nelas se podem encontrar pontas (instrumentos triangulares com a extremidade retocada e ponteguda e um talão na parte oposta) facas (instrumentos de bordos cortantes, raspadores (utensílios de bordo arqueado e retocado na parte oposta à empunhadura), raspadores com chanfradura etc., faltando o coup-de-poing, isto é, o instrumento ou machado de mão. O Pre-chelense corresponde ao 2º período inter-glaciar (pleistoceno médio) e a sua fauna atesta a existência dum clima bastante quente em França.

Supõe-se ter pertencido a este período o Homo heidelbergensis e o Forest Bed de Cromer.

Chelense – Este período muito bem representado na estação de Chelles (perto de Paris) que lhe deu o nome, apresenta-nos como instrumento típico o coup de poing, espécie de machado talhado a grandes golpes nas duas faces e feito dum calhau rolado ou dum pedaço de sílex.

As faces (planos lascados) deste instrumento são geralmente convexas, mas nem sempre são totalmente talhadas. Algumas vezes ficava uma espécie de talão na parte oposta ao gume para melhor se adaptar à mão.

Os seus tipos, embora o mais vulgar seja o amigdalóide, são variados: oval, discoide, lanceolado, de corte transversal. (nota 1 da página 45)³⁵

Tem-se discutido muito qual o papel deste instrumento.

O mais provável é ter servido, como instrumento de mão, para abrir fossos, cortar árvores, despedaçar caça etc.

³⁴ (1) Clactonense Vid. Breuil, Le Clactonien et sa place dans la chronologie.

- O Clactonense caracteriza-se por uma indústria de lascas, com plano de percussão unido, largo e obliquo e grosso bolbo, sem coups-de-poing.

- A estação típica é a de Clacton-sur-mer (Essex) com *Elephas antiquus* e *Rhinoceros de Merck*

- A mesma indústria existe em Ipswich debaixo do Acheulense, nos terraços de 45-50m do vale do Tamisa nas areias de 33^o (posterior á 1^a) glaciação, tendo superiormente acheulense e levalloisense.

- Em França em Saint Acheul, chamando-se ainda Monaco no Egipto, Africa do Sul, Castillo (Hesp.) etc.

³⁵ (1) Classificação do Chelense:

a) Chelense I ou pré-chelense

b) Chelense II ou chelense puro (amigdalóide)

c) Chelense III ou chelense evoluído (formas triangulares, arestas direitas e vivas)

A par dele encontram-se lascas, isto é, fragmentos produzidos por ocasião do talhe, de formas variadas e por vezes retocadas, isto é, aperfeiçoadas pelo arranque por golpe ou pressão de pequenas esquirolas (retoque de aperfeiçoamento quando nas arestas empregadas; retoque de protecção se na parte destinada à mão; retoque de utilização se provocado pela utilização).

Nestas lascas, que se apresentam com bolbo, encontram-se já todas as pequenas peças do paleolítico inferior (utensílios de corte recto e arqueado, raspadores, buris rudimentares).

Corresponde o chelense ao 3º período inter-glaciar, cujo clima era benigno.

Acheulense. Possui o acheulense cuja estação clássica é Saint-Acheul (Amiens) como instrumentos principais o machado (coup de poing), pequenas lascas retocadas em ponta, raspadores, furadores, buris, e com frequência discos (coups de poings circulares) (nota 1 da página 46)³⁶

O machado acheulense distingue-se do chelense pelo seu achatamento pela perfeição do retoque e do talhe, pelos bordos cortantes e rectilíneos e apresenta-se vulgarmente quer de forma amigdalóide, quer de forma ovóide, sub-triangular, triangular, cordiforme, lanceolada, e de corte transversal etc.

Alguns tipos são característicos. Com efeito enquanto que nos meados do acheulense inferior se dá o predomínio da forma oval aplanada, de faces talhadas e finas, de eixo recto, no acheulense superior dá-se a fusão da forma triangular com a lanceolada num tipo de extremidade aguda e delicada.

A par destes há ainda como tipos especiais, os de La Micoque, pequenos instrumentos, de 6 a 9^{cm}, lanceolados, de base grossa e ponta muito fina; os de Levallois constituídos por lascas de grandes dimensões, muitas vezes de forma oval (ou ainda em ponta), com uma face plana com bolbo, e outra talhada mas sem retoques.

Muitos destes instrumentos deviam ter servido para esquartejar a caça, e os mais alongados e estreitos poderiam ter sido encavados.

Iniciou-se este período com clima quente, mas no seu final a temperatura baixa e o homem começa a procurar as cavernas. (nota 1 da página 47)³⁷

Mustierense (nota 1 da página 48)³⁸

³⁶ (1) Acheulense: Classificação:

Acheulense I (inferior)

Acheulense II (médio)

Acheulense III (superior – tipo de la micoque)

Acheulense IV (superior – tipo Combe-Capelle (instrumentos cordiformes, formas levalloisianas).

³⁷ (1) Raças, alimentação, fogo, língua

³⁸ (1) Alguns autores subdividem-no em:

a) Mustierense I (Levalloisense antigo / Acheulense II)

Utensílios unífaces, volumosos, ovóides. Discos.

b) Mustierense II (Levalloisense recente / Acheulense III)

Fauna quente ou temperada. Laminas espessas. Primeiras pontas e raspadores

c) Mustierense III (interglaciário – Riss-Wurm)

A mesma fauna. Indústria miúda e atípica. Pontas. Lascas sem ou poucos retoques. Raspadores gastos, algumas laminas.

d) Mustierense IV (M. inferior de La Quina)

Fauna fria. Indústria abundante. M.^{tas} lascas. Pontas triangulares deselegantes, raspadores, raspadeiras, m.^{tos} percutores.

e) Mustierense V (M. médio de la Quina / glaciação wurmisense)

Indústria variada: Raspadores de todas as formas, sobretudo em D; raras raspadeiras; pontas triangulares, pedunculadas, serras, osso

Na época mustierense, nome recebido da gruta de Moustier (Dordogne) o clima continuando a refecer na Europa ocidental e Central, embora na do Sul se conservasse quente, obrigou o homem a abandonar as estações ao ar livre e a procurar abrigo nas cavernas das montanhas e a constituir por isso grupos distintos e isolados que deram origem a indústrias especiais. Dentro destas é preciso distinguir em França o mustierense de tipos pequenos e o de tradição acheulense.

O mustierense de tipos pequenos, derivado ao que parece do pré-mustierense europeu, caracteriza-se pelas pequenas dimensões dos utensílios, cuja face inferior é plana e sem retoques, e ainda pelo retoque da base, manifestado quer nos retoques do plano de percussão, quer no achatamento do bolbo, quer ainda no adelgaçamento da base da face inferior.

Neles se nota muitas vezes o retoque escaleriforme, que consiste numa série de retoques escaleoricidos apertados.

Os seus instrumentos típicos são a ponta e o raspador.

A ponta é em geral triangular, com os bordos retocados numa só face e finamente arqueados. Às vezes contudo pode aparecer em forma de ponta dupla.

Servia para cortar, raspar, furar, e quando denteada, para serrar. É provável que algumas vezes fosse encavada.

O raspador apresenta-nos uma face lisa e um bordo arqueado retocado, e era utilizado na preparação das peles.

Aparecem neste mustierense também os raspadores concavos ou com chanfradura e os furadores, faltando os machados e escasseando as raspadeiras e os buris. Aparecem também os primeiros vestígios de uso do osso.

O mustierense de tradição acheulense procede do acheulense e tem uma evolução diferente. Os seus tipos são, como diz, Obermaier, machados triangulares, sub-triangulares e cordiformes de talhe fino e retoque acheulense, machadinhos com a face inferior quasi plana, lascas grandes de forma retangular do tipo de Levallois, pontas largas, facas de folha larga e dorso curvo retocado, e ainda, mas menos vulgares, machadinhos, raspadores e pontas de carácter mustierense (plano de percussão externo, facetado ou retocado, bolbo proeminente ou anulado, retoque escaleriforme).

Como indústria característica do mustierense final tem sido apontada a de Abri-Audi (Dordogne), cujos tipos mais frequentes são a ponta arqueada (lasca assimétrica com um bordo curvo retocado) pequenos raspadores em forma de D, machadinhos cordiformes ou subdiscoidais, folhas prismáticas, raspadeiras aguçadas, alguns buris etc. (nota 1 da página 50)³⁹

Distribuição do paleolítico inferior na Europa

Embora a classificação francesa que temos apresentado seja a base de estudo para todo o paleolítico europeu a verdade é que só numa área muito restrita ela se pode aplicar com absoluta segurança.

f) Mustierense VI (superior de la Quina / post glaciário)

A indústria do período antecedente, mais perfeita. Pontas duplas.

Raspadeiras com entalhes, trinchetes, tendências para o aurignacense.

³⁹ (1) Religião, [????]

Com efeito a evolução do paleolítico inferior não se fez igualmente por toda a Europa. Assim o chelense do tipo francês, com os seus instrumentos toscos e grossos, encontra-se apenas na Italia, na Hispania, na França e na Inglaterra. A sua expansão deve portanto ter-se feito do sul para norte.

Na Europa Central e Oriental o chelense e acheulense são substituídos pelo pré-mustierense com pequenos utensílios protótipos do mustierense e ausência de coups de poings. O seu avanço fez-se de oriente para o centro.

O acheulense aparece-nos na Europa em três zonas de penetração: A ocidental que passa da Africa atravez da península para a França e atinge o Reno; a oriental, nascida talvez na Russia, que chegou à Baviera; a meridional que da Asia Menor, pelos Balcans, alcançou a Hungria e a Polonia.

O mustierense de tipos pequenos, derivado do pré-mustierense, parece ser oriundo do oriente da Europa e ocupou todo o continente, excepção do Norte.

A sua expansão para W. e SE devia ter sido feita pelas migrações ocasionadas pelo quarto período glacial.

O paleolitico nos outros continentes

Fora da Europa o paleolítico inferior encontra-se em todos os outros continentes, sempre com características mais ou menos homogéneas.

Dele porem apenas nos interessa, pelas relações que tem com o da península, o paleolítico africano.

Sem desertos durante o pleistoceno e com uma importante rede fluvial o norte de Africa apresenta-se povoado logo no principio desse período como no-lo provam as suas industrias chelense e acheulense, a 1ª de machados toscos, a 2ª de machados muito finos (perfeitos).

Há porem na Argelia, em S'baikia, uma industria especial acheulense ou moustierense a que Reygasse, seu descobridor, chamou Sbaikiense. É caracterizada pela existência, não de machados achatados, mas sim de tipos folhaceos, m^{to}. delgados, talhados nas duas faces, com forma oval ou de ponta dupla (parecidos com o solutré) e associados algumas vezes aos clássicos coups de poings.

O Sbaikiense, espalhado por todo o norte de Africa, refletiu-se também na Peninsula em níveis mustierenses (mustierense ibero-mauritano, arredores de Madrid).

O mustierense que abunda na Africa apresenta também por vezes ali uma fácies especial a que Reyasse deu o nome de Ateriense (de Ater).

Nesta vêem-se associadas a tipos mousterienses muito evolucionados, já percursos do aurinhacense (raspadeiras em quilha, em folha, buris poliédricos, folhas de rebordo rebaixado, utensílios com todos os bordos retocados) pontas com pedúnculo curto e grosso, predominando o n.º de buris sobre as lanças e o das raspadeiras sobre os raspadores, isto é, os tipos evolucionados sobre os propriamente mustierenses.

O Estado social no paleolítico inferior

Pela industria que temos descrito se verifica que o europeu durante o paleolítico inferior possuía já uma civilização superior a certos povos actuais da Africa e da Asia. Enquanto estes nem a pedra sabem trabalhar aquele preparava o fogo já no chelense,

fabricava belos instrumentos no acheulense e conhecia já o gosto pelo luxo no mustierense (uso de conchas e de substancias corantes).

Durante o prechelense, chelense e achelense o homem viveu ao ar livre, em cabanas feitas de ramagens, preferindo sobretudo os vales dos rios aonde maiores facilidades de vida tinha.

Alimentava-se de frutos (avelãs, bolotas etc) e de caça, obtendo esta quer por surpresa, durante o sono dos animais, quer por fossos abertos no solo, aonde alguns iam cair.

Possuía já o culto dos mortos no mustierense, a julgar pelas sepulturas deste período, e há indícios também de magia no pré-mustierense. (nota 1 da página 53)⁴⁰

Paleolítico superior

No paleolítico superior a Europa, excepção do sul, sofre a acção dum clima frio.

O homem, vivendo ao ar livre e em cavernas, não utiliza já os grandes e toscos tipos do paleolítico inferior (machados e lascas), mas sim uma industria de folhas muito perfeitas (folhas-raspadeiras, buris e furadores) que não poderiam ter evoluído das formas anteriormente em uso e que por isso só se podem explicar por uma invasão de povos de cultura diferente.

Esta fase do paleolítico a que Lartet chamou época da rena e Piette período glítico, está divida, como já dissemos, em aurignacense, solutrense e magdalenense.

Aurignacense. (nota 1 da página 54)⁴¹ Tirando o seu nome da gruta de Aurignac (Haute Garonne) este período pode-se subdividir em:

- a) Aurignacense inferior com industria de carácter mustierense, pontas de dorso curvo (arqueado e retocado) (tipo chatelperron) com bordo cortante e retilíneo e o oposto com retoques.
- b) Aurignacense médio com abundância de folhas, das quais as mais características são as que tem chanfradura, as que são estranguladas (2 chanfraduras), as folhas com fortes retoques marginais. Associados e característicos

⁴⁰ (1) Alimentação

A Cabana
O fogo

⁴¹ Outra classificação (Goury):

Aurignacense I (Aurignacense inferior), fácies do abrigo Audi.

Industria ainda moustierense mas com características próprias: o bolbo nunca é desbastado, m.^{tas} vezes bastante saliente. – Ponta incurvada chamada de Abr. – Furadores – Peças com entalhes.

Aurignacense II (inferior – tipo Chatelperron)

Pontas de Chatelperron (um bordo abatido por retoques aproximando-se da vertical)

- Aparecimento do osso.

Aurignacense III (médio – tipo de Aurignac e do Bouïton inferior)

- Belo retoque – Laminas numerosas e com entalhes laterais.

- Laminas estranguladas

- Grattoirs em abano. Raros buris

- Começo da arte

Aurignacense IV (médio – tipo de Cro-Magnon e Bouïton superior)

- Apogeu do retoque, grattoir carené.

Todos os tipos de buris, Pintura a fresco

Aurignacense V (superior – tipo de la Gravette)

- Ponta de la Gravette – Buris.

- Decoração no osso

Aurignacense VI (superior – tipo de La Font-Robert)

- Aparecimento do retoque solutrense

encontram-se aqui os buris (lamina cuja ponta termina em ângulo diedro) de ponta arqueada (burin busqué) cujo bico é formado por um plano vertical e por várias superf. arqueadas, raspadeiras cónicas, em forma de quilha (grattoir carené) e vários instrumentos de osso (ponta de base bifida [fendida] punções, alisadores, bastões de comando etc.)

- c) Aurignacense superior em que diminui o emprego do retoque e os buris passam a ser poliédricos (varias faces reunidas em forma de pirâmide), prismáticos (com bico de forma de prisma) e em que aparece uma típica ponta com pedúnculo central (tipo de La Font-Robert) e a do tipo de La Gravette com um bordo (gume) aplanado (abatido) no sentido vertical ou paralelamente ao eixo.

Quando esta se apresenta com uma chanfradura na parte inferior toma o nome de ponta com moosa ou barbela.

A esta época pertencem ainda as raspadeiras circulares e os micrólitos.

Solutrense

O solutrense, nome derivado da clássica estação de Solutré (Macon) tem a sua origem no oriente europeu e apresenta-se com uma técnica diferente do período anterior: enquanto este cultivava sobretudo um forte retoque marginal, aquele aplica-se sobretudo (principalmente, a retocar por pressão finamente a face dos instrumentos.

Nele podemos distinguir o solutrense inferior em que predomina a ponta em forma de folha de loureiro (em losango irregular, em oval de ponta dupla, amigdalóide, em losango regular, pedunculada) talhada com perfeição nas duas faces e precedida duma folha com a face inferior plana, e o solutrense superior cujo utensílio característico é a ponta com moosa retocada na face superior.

Na indústria do osso surgem as agulhas. (nota 1 da página 56)⁴²

Madalenense

Durante este período que tem em La Madeleine a sua típica representação, o clima frio atinge o seu máximo e por isso os animais artico-alpinos descem até aos Pirineus, tendo penetrado mesmo na península ibérica.

Para o fim deste período eleva-se a temperatura, dá-se o desaparecimento de algumas espécies enquanto as restantes se começam a aproximar da sua actual distribuição.

- a) No madalenense inferior o homem utiliza em larga escala a indústria do osso, com um certo cunho artístico sobretudo azagaias (pontas de osso para lança ou flexa) de base larga usadas como lanças ou flexas, fabricando no madalenense superior punções de duplo bisel e arpões (instrumentos de chifre de cujos bordos

⁴² (1) Classificação de Goury:

Solutrense I (inferior)

Proto-tipos da folha de loureiro

- Raspadeiras, buris, furadores

Solutrense II (médio)

Ponta de loureiro talhada nas duas faces

Solutrense III (superior)

- Pequenas pontas de loureiro

- Indústria de osso

saem dentes encurvados no sentido oposto à ponta) para a pesca, caça ou para armas, primeiro com uma só fila de dentes, depois com duas.

- b) Também nestes períodos a indústria da pedra se apresenta diferentemente. No primeiro recorda a princípio o aurignacense superior e apresenta a seguir de pequenas dimensões folhas muito perfeitas (folhas-raspadeiras), laminas de base com pedúnculo fino, buris em ângulo e em bico de papagaio (buris de ângulo com dorso arqueado), folhas de dorso rebatido ou denteadas etc.

No segundo revivem alguns tipos já usados no aurignacense: pseudo pontas de La Gravette, pseudo raspadeiras em quilha, pseudo pontas de moosa etc. (nota 1 da página 57)⁴³

Distribuição do paleolítico superior

O paleolítico superior, que nitidamente apenas se encontra no mediterrâneo e na Europa, inicia-se com uma invasão de povos durante o aurignacense que vem substituir com vantagem a raça de Neandertal.

A sua civilização apresenta-se logo no primeiro período com aspectos diferentes que permitem o estabelecimento de duas zonas: a província aurignacense da Europa Ocidental e Central e a província aurignacense mediterrânea.

A primeira abrange parte do Norte da Espanha, Bélgica, Inglaterra, centro da Alemanha, Austria, Moravia, Hungria, Romania e Polonia.

A segunda denominada capsense (de Capsa hoje Gafsa) teve como centro de dispersão o Noroeste africano e compreende, no dizer de Obermaier, o capsense inferior correspondente ao aurignacense europeu, e o capsense superior que é segundo o mesmo autor “um post-aurignacense como uma direcção independente, mas paralela e sincrónica.” Neste ultimo se distingue o Ibero-mauritanense (Argelia ocidental) e o Getuliense (Argelia oriental e Tunis).

O Capsense inferior, muito semelhante ao aurignacense europeu, apresenta-nos unidas as industrias do aurignacense inferior e superior, isto é, as pontas de Chatelperron com as de Gravette.

A sua evolução para o capsense superior faz-se pelo desaparecimento lento e sucessivo dos tipos aurignacense e pelo aparecimento de utensílios, às vezes muito pequenos, com tendência para as formas geométricas, como miniaturas da ponta de La Gravette,

⁴³ Outras classificações:

Piette dividiu-o em:

a) Epoca arudiense (Arudy) – escultura em relevo
b) Epoca gourdanense (Gourdan) – gravura

Classificação de Breuil:

Madalenense I – Zagaia arredondadas, ou planas

- Decoração em traços ponteados

Madalenense II – Zagaia mais espessas na base, com um lado plano numa extremidade e com entalhes.

- Escultura

Madalenense III – Arpões com dentes pequenos e numerosos. Decoração dente de lobo

Madalenense IV – Arpões com uma só fila de dentes. Zagaia em Bisel.

- Estilização

Madalenense V – Arpões elegantes, afilados, com duas filas de dentes.

- Reaparição da indústria aurignacense.

Madalenense VI – Arpões com dentes de forma trapezoidal

- Formas que lembram as pontas de La Gravette e de Audi.

folhas de contorno semi-circular ou semi-lunar, com bordo curvo abatido, pequenos triângulos ou trapezios, punções de osso, alisadores etc.

O capsense existe também no Egipto aonde recebeu o nome de Sebiliense. Ali se distingue o Sebiliense I (correspondente ao capsense inferior) com influencia mustierense (pontas de Abri-Audi e toscas de Chatelperron), o Sebiliense II (capsense superior) com finas pontas de Chatelperron, raspadeiras e sobretudo folhas triangulares, semilunares e trapezoidais; o Sebiliense III (capsense final) com micrólitos geométricos, disquitos-raspadeiras, pequenos buris em ângulo com retoque transversal etc.

Centros de dispersão mediterranea foram ainda a Siria (Palestina) e a Italia e neles se vê o aurignacense, sem evolucionar, trazer o solutrense e o madalenense

Distribuição do solutrense

Talvez derivado de folhas mustierenses muito finas o solutrense é originario do oriente da Europa (Hungria), aparecendo na Hungria com carácter primitivo. Daqui se estendeu para a Polonia, Moravia, curso do Danubio (invasão) e França. – Ao Norte da Hespanha chegou apenas o solutrense superior.

Distribuição do madalenense

Originaria ao que parece da região pirenaica e devida segundo Breuil a novos povos, a civilização magdalenense propaga-se, ao contrario da Solutrense, de Oeste para Este e ocupa o Norte da Hespanha, França Central e meridional, Europa Central (Suissa, Alemanha, Austria), apresentando-se por vezes com aspectos regionais (arpões e desenhos em dinoplatas em Hespanha).

Ideia geral da civilização do paleolítico sup.^{or}

Pela sua arte, pela complexidade das suas crenças a civilização do paleolítico superior é das mais originais que se conhecem e dificilmente comparável às dos actuais povos primitivos.

Pela sua pintura rupestre, isto é, feita nas paredes rochosas das cavernas e abrigos, conhecemos os trajes usados, os adornos corporais (braceletes de marfim, colares de conchas), os processos de combater (uso do arco), os talismans e amuletos da época, as danças magicas (damas de Cogul), os animais totémicos etc.

Pelas sepulturas sabemos do culto dos mortos e dos ritos funerários; colocação dos mortos em posição de descanso (de costas), colocação dos mortos em posição violenta (de cócoras, cobertos de pedras, ligados) para evitar os seus malefícios.

Sabemos mais que inumavam os cadáveres que as vezes eram colocados sobre uma camada de ocre que depois tingia os ossos ou sobre uma camada de cinza que as vezes os carbonizava e que se prestava um certo culto ao craneo dos heróis.

De tudo porem o que mais eleva esta civilização é o esplendor e brilho da sua arte sem igual tanto nos períodos anteriores como posteriores.

As glaciações na Península (nota 1 da página 62)⁴⁴

Conhecem-se hoje vestígios seguros de mais de uma glaciação na Península. Contudo como os centros glaciários eram de pequena extensão só se conservaram em geral os efeitos da quarta glaciação. Pelo estudo feito por Obermaier, Penck e outros nos Pirineus, nos Cantabricos, nas montanhas Asturo-Leonezas, no sistema Central, nos montes Ibericos e na Serra de Nevada chegou-se à conclusão que o limite das neves perpetuas quaternárias subia do Atlantico para o interior, começando na Serra da Estrela a 1.500^m para se elevar na de Guadarrama a mais de 2.000^m, e que do mesmo modo esse limite subia de Norte para o Sul, de 1.500^m nos Cantabricos para 2.500^m na Serra de Nevada. Disto se conclue que a superfície peninsular coberta de neve no pleistoceno era insignificante.

Fauna

Mais abundante em mamíferos que presentemente, a Hispania apresenta-nos no pleistoceno uma fauna de clima quente nos períodos interglaciários e uma fauna de clima frio nas épocas glaciárias, associada a espécies indiferentes ao clima.

De clima quente sabemos da existência das seguintes especies: Hippopotamus (Coimbra), Elephas meridionalis (Condeixa), Elephas antiquus, Rhinoceros etruscus, Rhinoceros Merckii.

De clima frio das seguintes: Elephas primigenius, Rhinoceros tichorhinus, Rangifer tarandus.

Indiferentes às condições climáticas eram o Ursus spelaeus, Canis lupus, Canis vulpes, Felix leo, Equus, Bos etc. Dalguns destes animais possuímos a representação gráfica nas pinturas feitas pelo homem nas paredes das cavernas.

Bom é acentuar que o método paleontológico na península não é muito seguro na determinação da chronologia dos níveis pela falta de animais de clima frio e abundância dos que eram indiferentes ao clima. Por outro lado os animais de clima quente perduram mais tempo na península que no N. da Europa, o que pode também induzir em erro na avaliação da idade relativa dos diversos níveis.

Clima

Pelo estudo da fauna se verifica ter a Península disfrutado no pleistoceno na maioria das regiões um clima quente ou moderado. Durante as fazes glaciárias, não falando nos altos picos gelados, o seu clima era no N. semelhante ao da Escocia, no centro ao da Polonia (invernos frios e prolongados, sem neves; estios curtos), no sul e sueste ao do sul da França (invernos benignos, verões temperados).

Durante os períodos inter-glaciares tudo isto se modifica: O Norte possuía clima andaluz, o sul clima sub-tropical, o oriente e sueste clima sub-desertico (verão seco e quente).

⁴⁴ (1) Ver o trabalho de Georges Zbyszewski, Contribution a l'étude du littoral quaternaire au Portugal e La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du quaternaire de Portugal em 1942

Civilizações paleolíticas na Iberia

Com excepção do pré-chelense (nota 1 da página 64)⁴⁵ conhecem-se hoje na península todas as indústrias do paleolítico inferior: - chelense no sul, centro e oeste, faltando apenas encontra-lo no norte; acheulense em quasi todas as estações ao ar livre do período anterior (aonde ou por continuidade nos locais habitados ou pela dificuldade em talhar a quartzite dificilmente se distingue daquele) e mais ainda na região do Norte. (nota 2 da página 64)⁴⁶

Deste período encontrou-se nos arredores de Madrid uma indústria especial sem coup de poings, com características pré-mustierenses (pontas rudimentares, raspadores com retoque em degraus) e tipos precursores do paleolítico superior (folhas com retoque marginais, com mossas, com dorso rebaixado etc.) a que Perez de Barradas deu o nome, por o julgar oriundo da Africa, de precapsense.

O mustierense, que se estende por toda a península, distribue-se do seguinte modo:

- Mustierense de tradição achelense no Norte, centro (misturado) e, não se sabe ainda se no ocidente e sul; mustierense de tipos pequenos no sul e também nos arredores de Madrid; mustierense ibero-mauritano, aparentado com o sbaikiense, por enquanto apenas no vale do Manzanares. Nesta região encontrou-se mesmo em Sotillo uma indústria com moustierense clássico, Sbaikiense e Aterienense, que parece demonstrar serem os últimos modalidades duma fácies do primeiro: - o ibero-mauritano.

Porque o chelense puro não existe na Europa Central tem que concluir que da sua origem africana ele seria levado por um povo à França, por intermédio da Hispania e que invasões sucessivas teriam levado pelo mesmo caminho o chelense, acheulense, o pré-capsiense e o ibero-mauritano.

Com a quarta glaciação as populações da Europa central são empurradas pelo frio para o sul e introduzem na península o mustierense clássico.

Ao lado destas conservaram-se porem as populações primitivas as quais iriam talhando a pedra pelos antigos processos patentes hoje no mustierense de tradição chelense.

A distribuição do paleolítico superior ibérico mostra-nos também ter sido a Península a ponte de passagem entre a Africa e a França, e mostra-nos mais com o seu aurignacense médio (cuja origem é europeia) limitado à região cantábrica, com o solutrense apenas no norte, o mesmo está com tipos regionais na Cantabria e na Catalunha (folhas de base concava assimétrica terminada em pedúnculo rudimentar), com o madalenense também somente na mesma região e muito semelhante ao francês, ter sido o norte da Península dominado por uma civilização europeia, introduzida pelos Pirineus a que se

⁴⁵ (1) Melida diz que o pré-chelense existe em Torralba (Soria), mas Obermayer considera chelense a estação.

⁴⁶ (2) Em Portugal temos:

a) Jazidas de profundidade:

Mealhada, Furninha, Arronches (rio Caia), algumas grutas de Turquel, Cezareda, Monte Junto, Rio Maior.

b) Estações de superfície:

Serra da Brunheira (perto de Chaves), Ervilha (Porto), Castelo do Queijo (Porto), Rabicha (Campolide), arredores de Leiria, arredores de Lisboa (Casal do Monte, Monsanto, Casal da Serra, Casal das Osgas, Amadora, Estoril), Troia, Elvas, Carreço (Viana), Obidos, Viana do Castelo (ver Obermayer, pag. 223)

Paleolítico superior

Breuil julga-o revelado num pequeno numero de objectos do Casal do Monte, em azagaias de chifre de veado e sílices talhados de aspecto madalenense da Cezareda (Casa da Moura) e sobretudo em Rio Maior (inédito)

Obermaier afirmou-me dever existir paleol. superior em Portugal.

Em 1942 conhecem-se mais de 180 estações paleol.

deu o nome de franco-cantabrica, enquanto no sul uma outra cultura, a cultura capsense, absolutamente diferente e de manifestações mais pobres parece ter sido trazida do Norte de Africa, como no-lo revela a distribuição do capsense inferior (mistura dos tipos de Chatelperron com os de la Gravette), e do capsense superior (pequenas forma geométricas) sincrónico do solutreo-madalenense.

No centro da península devia-se ter dado o encontro das duas influencias – nórdica e africana.

Diferentes são as manifestações artísticas dos dois povos que no paleolítico superior dominavam na península. No NW., na zona franco-cantabrica (notas 1 da página 67)⁴⁷, predomina a representação dos animais e o estilo naturalista.

Falta a figura humana e a ideia de conjunto nas composições. As figuras muitas vezes sobrepostas representam cavalos selvagens, viados, renas, mamuts, rinocerontes etc. primeiramente, no aurignacense em pintura monocromica, depois no magdalenense superior em policromia.

No S.E. e levante, isto é, na zona capsense a arte verdadeiramente impressionista é uma exaltação do movimento.

A figura humana, que predomina aqui, apresenta-se em composições, combinada ou não com animais, a representar o momento culminante duma caçada ou duma luta, ou duma dança.

No seu traçado, cheio de movimento e de atitudes, há já tendência para a estilização. Ao contrario da primeira, feita no interior das grutas, esta é uma pintura ao ar livre.

Algumas grutas há porem no sul cuja arte se aproxima das arte região cantabrica.

Raças da península no paleol.

Faltam elementos para podermos determinar o tipo das raças que no paleolítico povoaram a península.

Duma maneira geral podemos apenas dizer, baseados no craneo de Gibraltar e na mandíbula de Bañolas ter existido a raça de Neanderthal durante o mustierense, substituída depois no paleolítico superior pela de Cro-Magnon como se infere do craneo aurignacense da caverna de Camargo e de diversos dentes da caverna de Castillo.

No sul da península no paleol. sup., dominado pela cultura capsense, devia existir uma raça diferente, uma raça negróide que se perpetuou, como veremos, nos períodos seguintes.

Cronologia

Estudadas as industrias paleolíticas compete-nos agora integra-las cronologicamente nos períodos geológicos do quaternário, baseando-nos para isso nas investigações feitas no centro, norte e sul da Europa.

A cronologia das industrias da Europa central baseia-se sobretudo nas investigações sobre glaciário feitas nos Alpes por Penck e Obermaier.

⁴⁷ (1) Estilo franco-cantabrico: naturalista, animais

Estilo levantino. Difere daquele na técnica, disposição e motivos.

Figura humana desproporcionada, mas com movimento e neste reside o seu sentido expressivo.

Para Penck o chelense e o acheulense corresponde ao 2º período interglaciar, o mustierense ao rissienense (3º período glac.), o aurignacense e solutrense ao 3º período interglaciar, e o madalenense ao Wurmiense (4º período gl.) e ao período epiglaciar.

Habilitado com novos dados Obermaier alterou esta classificação no seguinte sentido:

- Prechelense – 2º per. interglaciar
- Chelense antigo – 3º per. intergl. (Fase das estepes)
- Chelense sup. e acheulense inferior – 3º p. intergl. (fase das florestas)
- Acheul. Sup. e mustier. inferior – 3º p. intergl. (2ª fase das estepes)
- Mustieren. sup. e aurignac. Inferior – Wurmiense (4º p. glac.)
- Aurignac. sup. , solutrense e magdal. – período epiglaciar.

Não nos interessando a cronologia das indústrias da Europa setentrional passaremos a expor o pouco que se sabe sobre as da Europa meridional.

Baseado nas escavações realizadas na gruta de Castillo (Santander) e noutras do N. da Espanha, Obermaier chegou à conclusão que diferenças consideráveis, excepção do aurignacense superior, solutrense e magdalensense, existem entre a fauna do S. da Europa e a da zona alpina nos diferentes períodos da época paleolítica.

Com efeito, ao passo que na Europa central e ocidental o prechelense, chelense e acheulense inferior se apresentam com fauna quente e o acheulense superior, mustierense e aurignacense inferior e médio com ela fria, na meridional o acheulense começa com espécies frias que no mesmo são substituídas por espécies quentes que se mantêm até aos princípios do aurignacense.

Por este motivo e porque a chegada à península da rena devia ter coincidido com o momento máximo duma glaciação, Obermayer considera na Europa meridional o prechelense contemporâneo do penúltimo período glacial, o chelense, acheulense, mustierense e capsense inferior contemporâneos do último período interglaciar, o capsense superior, o aurignacense superior, solutrense e magdalensense contemporâneos do período epiglaciar.

Paleolítico português

Bibliografia:

- J. Fontes, O homem fóssil em Port. (col. Natura), Lx. 1923
- A. A. Mendes Correa, Os povos primitivos da Lusitania, Porto 1924
- F. A. de Vasconcellos Pereira Cabral,
 - 1) Résumé sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro
 - 2) Estudos dos depósitos superficiais da Bacia do Douro (Congre. d'Archéol. 1880, e secção dos trabalhos Geológicos)
- N. Delgado, La grotte de Furninha à Peniche (Congr. 1880)
- E. Cartailhac, Les ages préhistoriques de l'Espagne e du Portugal, 1886
- A. A. Fonseca Cardoso, Nota sobre uma estação cheleana do vale de Alcantara Revista de Ciencias naturais e sociais, tom. III, Porto 1895
- Leite de Vasconcelos, Religiões da Lusitania, I,
- Idem, Objectos paleolíticos do Casal do Monte, Ac. das Sc. de Lx. (Bol. da 2ª classe) tom. VIII, Coimbra 1915
- Idem, Instrumento paleolítico de Leiria in Arch. tom. XV, p. 133

- Idem, Descobridores de Monsanto, Arch. XXV
- J. Tavares Proença, Paleolítico de Leiria, in materiais, t. I, 1910
- V. Correa, O paleolítico em Port. In Arch. XVII
- Idem, Facas e raspadores de Monsanto I, in Arch. XVII, 1912
- Idem, O paleolítico português. Descobrimientos, Terra Port. Na. II, 1917
- J. Fontes, Estação paleolítica do Casal do Monte, Arch. XV
- J. Fontes, Industria paleolítica do Casal do Monte, in Materiais tom. I
- Idem, Contrinuition à l'étude de la periode paleolithique en Portugal, Congrès Prehistorique de France, VII ass. 1911
- Idem, Subsídios para o estudo do paleol. port., in O Arch. tom. XVII, Lx. 1912
- Idem, Estação paleolítico do Casal da Serra, Revista de Hist., 1912
- Idem, Trois coups-de-poing acheuléens du Portugal. Bulletin de la Société Préhistorique Française, 1912
- Idem, Note sur le moustérien au Portugal "Congrès préhist. De France, VIII sess. Angoulême, 1912
- Idem, Sur quelques types inédits de coups de poing du Portugal "Congr. Inter. d'Arch. XIV, t. I, 1912
- Idem, Station paléolithique de Mealhada, in Com. do Serv. Geol. de Port. T.XI, q1915
- Idem, note sur le Chelléen de Casal do Monte "Bul. de la Société Port. des Sc. Nat. Tom. VII
- Idem, Instruments des environs do Porto, Id. 1915
- Idem, Instruments paleolithiques dans la collection de Prehistoire du Serv. Geologique, Com. S. G. t. XII
- Alves Pereira, Industries lithiques sur les rives de la Lagune de Obidos, Bul. de la Soc. Port. des Sc. Nat., tom. VII
- Idem, Paginas arqueológicas, Arch. XXI
- Idem, Catalogo do ME, Arch. XXV
- Breuil, Glânes paleolithiques dans la bassin du Guadiana, Anth., tom. XXVIII, 1917
- Idem, Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne, in Terra Port. Tom. III, n.ºs 27-28
- Idem, La station paleol. d'Arronches, Arch. XXIV
- M. Figueiredo, Duas estações paleol. Rev. de Guimarães, tom. XXXII

Transição do paleolítico para o neolítico

Durante muito tempo se acreditou na existência dum hiatus entre o paleolítico e o neolítico, isto é na existência dum período em que a Europa W, não era habitada, em que o homem madalenense se retira com a rena para as regiões boreais.

Essa hipótese foi posta de lado com o descobrimento de varias fases industriais post-paleolíticas e pré-neolíticas a que se tem dado o nome de epi-paleolitico, pré-neolitico e proto-neolitico.

O Epipaleolitico abrange o capsense final, o tardenoisense (com o maglemosiense nórdico) e o azilense; o pré-neolitico o asturiense; o protoneolitico o campigniense e os Kjoekkenmoeddings da Suecia.

Capsense final (nota 1 da página 72)⁴⁸

Dissemos já que a evolução do paleolítico superior no N. de Africa e S. da península era diferente da da Europa ocidental e que o capsense vai evolucionando para tipos geométricos, tanto mais pequenos quanto mais modernos.

No capsense final a indústria tem o aspecto microlítico e formas trapezoidais, romboidais e triangulares, e encontra-se representada em Hespanha em varias estações e em Portugal nos chamados Kjoekkenmoeddings do vale do Tejo.

Descobertos em 1863 por Pereira da Costa (Da existência do homem em épocas remotas no vale do Tejo) e estudados por Carlos Ribeiro (Les Kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage) e por Paula e Oliveira (antropologia) e ultimamente por Breuil (Impressions de voyage paleolithique à Lisbonne, in Terra Port. III, n.º 27 e 28) esses montes de conchas encontram-se perto de Muge no Cabeço da Arruda, Fonte do Padre Pedro, Cabeço da Amoreira, Cova da Onça e Moita do Sebastião (nota (1) da página 73)⁴⁹ e apresentam-nos, com mais de 300 sepulturas, micrólitos geometricos trapezoidais e triangulares. (nota 1 da página 73)⁵⁰

⁴⁸ (a) Na margem do Sado

(b) Na margem esquerda do Tejo; Muge e Paul dos Magos (Cabeço dos Morros)

(c) Na lagoa de Albufeira

(d) Rio Maior

Alem dos concheiros de Muge há os de Vale de Romeiras, Portancho e Varzea de Mó, situados na margem do Sado e descobertos pelo engenheiro Lerenio Antunes. O primeiro deu sílices.

Tambem o Sr. Cabaço reencontrou na margem esquerda do Tejo entre Salvaterra e Muge no Paúl de Magos cinco concheiros: Cabeço de Magos, na margem esquerda do Paul; Cabeço da Barragem, também na margem esquerda; Cova da Onça, na margem direita do Paul; Cabeço dos Morros, na margem esquerda a poente da corte Azemolar. Só no ultimo o Sr. Cabaço fez sondagens encontrando conchas, ossos de animais, craneo e osso humano, facas, lascas de sílex e quartzito, percutores, furadores, raspadores, micrólitos trapezoidais, tudo do tipo de Muge. Segundo Hipolito Cabaço o concheiro de Cabeço de Magos é mais moderno; o da Barragem foi destruído. Encontrou-se outro concheiro entre o da Fonte do Padre Pedro e Cabeço da Arruda no sitio da Flor da Beira os do paul dos Magos foram 1.º descobertos pelo Geologo Carlos Ribeiro (Ver Revista de Guimarães, 1936 pag. 229 art.º de A. Paço)

Concheiro de Lagoa de Albufeira

(bastante estragado, talvez neolítico segundo Zbyszewski)

Concheiro de Magoito

Estas estações são restos montões de restos de cosinha, mas povoações. Destas conhece-se Rio Maior (Bocas). Dá mais material lítico, mas não osso.

⁴⁹ Já foram descobertos outros.

⁵⁰ Ver Henri Vallois, Ossements mésolithiques de Muge, in L'Authro, tom. XL, n.º 4, p. 337.

- (1) Segundo Paula e Oliveira foram exumados em Muge ossos de mais de cem indivíduos. Estas ossadas são da mais alta importância não só pela raridade dos esqueletos mesolíticos, mas também porque elas esclarecem as relações entre paleol. e neolíticos, apresentam os 1.ºs braquicefalos porque nos ossos de Muge se tem visto caracteres mongoloides, australoides, negriticos.

Interpretação dos craneos de Muge

a) Dolicocéfalos – Quatro são as teorias que os têm procurado explicar:

1ª – A de Quaterfages que no Congresso de 1880 afirmou a existência duma raça de Muge, com caracteres muito próprios

2ª A de Paula e Oliveira e de Vallois que os filia na raça de Cro-Magnon.

Tambem o antropologista espanhol Anton inclui os craneos de Muge na raça de Alhama, intermediaria entre a de Neanderthal e de Cro-Magnon.

- Ainda Saller que em 1926 estudou as raças neolíticas da península considera estas com características análogas às do Cro-Magnon (subdivisões 2 e 3) e ligadas estritamente aos homens de Muge.

3ª A de Hervé que em 1899 procurou relacionar os homens de Muge com os neolíticos de Baumes-Chaudes, derivados da raça madalense por ele denominada de "Laugerie-Chancelade", de que os homens de Muge seriam os descendentes directos. As diferenças que estes apresentavam teriam resultado de cruzamentos com a raça de Neanderthal.

Esta teoria que tem tido grande aceitação colocaria assim os homens de Muge na situação de precursores dos mediterraneos, do que os Baumes-Chaudes neolíticos são considerados os antepassados.

Fonseca Cardoso (1908) seguindo esta teoria afirma que a raça Baumes-Chaudes-Muge "constitue o fundo da população portuguesa actual".

4ª A de Mendes Correia que liga os dolicocéfalos de Muge às raças equatoriais primitivas.

- Para este antropólogo a raça de Muge distancia-se tanto da de Cro-Magnon, como da de Baumes-Chaudes, pois mostra

Tem-se encontrado desta época em Hespanha na parte oriental pinturas rupestres quase sempre geométricas e raras vezes naturalistas, mas dum naturalismo pobre e sem vigor.

A 1ª feição é a mais importante porque não só se estendeu à parte ocidental e se infiltrou na setentrional, mas também porque com as suas utilizações muito lentas nos prova a fixidez das populações e a ausência de invasões estranhas.

Muitas dessas utilizações estão relacionadas com as pinturas nos seixos rolados feitas no azilense francês.

Tardenoisense.

Filiado no capsense final (estação de Fère-en-Tardenois), o tardenoisense, aonde a indústria do osso é desconhecida, apresenta-nos também micrólitos geométricos de forma romboidal, trapezoidal e triangular, raspadeiras quadradas ou em forma de disco.

A sua indústria nada tem pois com o madalenense, antes se deve considerar uma expansão para França da cultura peninsular, a qual levou mesmo dos cantábricos os elementos que deram origem ao azilio-tardenoisense que se estendeu até a Belgica e Europa central.

Azilense.

Descoberto por Piette na gruta de Mas-d'Azil em 1887 a sua indústria compõe-se de tipos que ou recordam o madalenense (folhas raspadeiras, raspadeiras de quilha,

caracteres negriticos (mesoplaticeia, prognatismo, grande índice tibio-femural) e caracteres australoides (fraca capacidade craneana, grande índice antebraquial, obliquidade da fronte).

- A este tipo dá-lhe ele o nome de Homo taganus ou Homo afer taganus, mas não o considera uma raça isolada, pois relaciona-o com o denominado por Giuffrida-Ruggeri, bloco equatorial de que fazem parte os Wedas, os Etiopios, os Australianos e o tipo americano Lagoa-Santa. No aurignacense este bloco deu origem a formas que emigraram para a Europa. O homem proto-etíopico de Combe-Capelle, os negróides da Grimaldi e o australoide de Mugem (apresentado mais diferente dos antecedentes) Conclusão – Estudando estas teorias em L'Anthropologie, tom. XL, nº 4, p. 382 – Vallois afirma: (nota 1 do verso da página 75) 1º Que são insustentáveis as comparações com a raça de Neandertal.

2º Que também não são aceitáveis as com a raça de Baumes-Chaudes e mediterrâneos actuais, pois os homens de Mugem são mesoprosopos e mesorrinicos e não ceptoprosopos de nariz, estreito.

- Há ainda outros factos: diferença de índice orbitario, da forma da fronte e das arcadas superciliares. Mas há mais: Ele não tem parentesco com o tipo Laugerie-Chancelade. Em primeiro lugar: é preciso desassociar a forma Laugerie, ligada à raça de Cro-Magnon, da forma Chancelade, tipo especial diferente do de Mugem e análogo aos dos Esquimós actuais.

3º Que finalmente não é aceitável a sua comparação com o bloco equatorial de Giuffrida-Ruggeri porque: Não hipsistinacefalo (craneos com índice cefalico inferior a 70 e índice de altura largura igual ou superior a 100

- O prognatismo, [????], leptoprosopia não são disposições fundamentais.

- O nariz é do tipo europeu, a capacidade craneana regular.

- O alongamento do rádio e da tibia é disposição existente nos homens do paleol. superior (Há tabuas em L'Anthrop.)

4º As analogias com o homem de Cro-Magnon são para Vallois aceitáveis, desde que se comparem as ossadas de Mugem não com o velho de Cro-Magnon que é um tipo extremo, mas com a media do seu grupo, dentro de cuja variabilidade cabem as ossadas de Mugem.

Há ainda contudo divergências na capacidade craneana cefalica, altura do craneo e estatura, em especial nesta ultima.

Conclusão de Vallois: Os homens de Mugem não são idênticos a grupos humanos actuais ou fosseis conhecidos, estando mais próximo do Cro-Magnon ocidental (raça de Bro ou de Predmost).

Crítica - Todas as teorias reconhecem caracteres próprios e as suas dificuldades residem em querer ligar aquilo que não talvez ligação.

Braquicefalo – Quatrefages, Harny, Paula e Oliv., Fonseca Cardoso e Ricardo Severo ligam os de Mugem a raça lapônia de Grenelle e ao sub-braquico de Furfooz. Estes não são paleol., são descendentes daqueles. Vallois considera-os mesocefalos (flutuação)

Nota do verso da página 75: Vid. M. H. Vallois, Le population du Portugal à l'époque mésolithique Ataide, Novos esqueletos humanos dos concheiros mesolíticos de Muge

- M. Correia, Novas estações líticas de Muge

buris de ponta lateral etc) ou são de pequenas dimensões (folhas de bordo rebaixado ou arqueado).

Raras vezes a indústria é geométrica e quando é tem a forma triangular ou semi-lunar e só excepcionalmente a trapezoidal.

Características são aqui as raspadeiras redondas ou quadradas, os arpões largos, chatos e munidos de um buraco, os seixos pintados com figuras humanas estilizadas relacionadas com o culto dos mortos.

O azilense, a que Mortillet chamava Tourassense, estendeu-se à Grã-Bretanha, ao Reno, aos Alpes Ocidentais e parece ter tido a sua origem no madalenense da região cantábrica.

Fundido com o capsense final originou o Capsio-tardenoisense de que já falamos.

Influencia do epipaleolítico peninsular

Eram os capsenses, a julgar pelos de Mugem, braquicefalos e dolicocefalos.

Predominavam estes últimos constituindo segundo Mendes Correia um tipo especial com caracteres muito próximos dos tipos africanos.

Se reunirmos esses caracteres – prognatismo, mesorrinia, obliquidade da fronte, pequena capacidade craneana, pequena estatura etc – ao carácter africano da civilização capsense, poderemos concluir da existência na península duma raça de tipo negróide e africano no epipaleolítico.

Essa raça avançando para o norte influe na cultura madalenense dando origem ao azilo-tardenoisense, e invadindo a França impoz ali o tardenoisense extinguindo de repente as indústrias que ali existiam.

A sua influencia fez-se sentir ainda no N. e centro da Europa ocasionando neste o azilo-tardenoisense, naquele o maglemosense (correspondente ao azilo-tardenoisense).

Assim se explicam certos factos posteriores, como a existencia de braquicefalos no neolítico, o elemento negróide nessa época em França etc.

Preneolítico

Enquanto no S. e centro da península o capsense final continua evoluindo, no N. na região cantábrica e das Asturias surge uma nova civilização a que o seu descobridor – o conde de la Vega del Sella – chamou em 1914 o asturiense. Deriva do langnedocense, contemporâneo do mustierense superior, mas existente no pal.sup.

O asturiense encontra-se em montões de conchas, em geral à entrada das grutas, e o seu tipo industrial predominante é o pico, instrumento aguçado feito dum calhaus rolado ovóide a que se desbastaram os lados, e a quem deixaram a face inferior e a base por talhar.

Mais raramente aparecem as lascas sem forma determinada e certos instrumentos ósseos (punções).

O asturiense corresponde ao optimum climatérico post-glaciar e as suas relações com os períodos seguintes, bem como as dos concheiros mais modernos com calhaus rolados com [????] e cerâmica rudimentar, estão ainda por determinar. (nota 1 da página 77)⁵¹

⁵¹ (1) A sua área de distribuição conhecida abrange as Asturias e a costa desde Biarritz até ao Minho (La Guardia), tendo-se já descoberto ao sul deste as estações de Ancora, Afife e Areosa, Vidiago (com cerâmica), P^{ta} Cruz do Bispo, Carreço e Viana do Castelo. Depois de 1931 fizeram-se os segs. achados: Darque (margem esq. do Lima) no lugar do Rodanho (Falcão Machado), ao sul ao

- Proto-neolítico -

Ao azilo-tardenoisense segue-se em França um período em que o homem se dedica já a criação de gados, ao cultivo de certas plantas, inclusive de cereais (cevada). Esse período designa-se pelo nome de Campigniense e caracteriza-se pela existência de cerâmica grosseira e pela ausência da pedra polida. (?)

Os seus instrumentos, recordando os do paleolítico inferior, compreendem os picos (machados largos e ovais) e os fendedores (tranchets) e podem-se considerar a guarda avançada do período neolítico.

O campiniense, que falta na península, predomina no norte da Europa (N. de França e da Alemanha, Belgica, Escandinavia etc.)

Cronologia

Já tivemos ocasião de dizer que o recuo dos gelos no epiglaciário se não fez duma forma constante e regular: Ele começou no N. da Europa no chamado Germaniglaciário que, libertando a Alemanha, levou os gelos até à paragem báltica; seguiu-se depois com o Daniglaciário que conduziu os gelos à detenção sueco-meridional (período de Yolda); continuou-se ainda no Gotiglaciário que deixou os gelos na paragem sueco-central (período de Ancylus), tendo sido o Scandiglaciário ou Finiglaciário que deu fim ao período glaciário (período de Ancylus) (nota 1 da página 78)⁵²

Ora o barão G. de Geer depois de largos estudos verificou que os gelos ao retirarem-se tinham deixado uma formação de verão constituída por lodo fino e escuro, e uma formação de Outono de lodo cinzento claro.

Por estes estratos enlaçados e de cor alternada, semelhantes às telhas dum telhado, pelas pequenas moreias depositadas nas detenções de inverno ponde G. de Geer por uma atenta contagem verificar que os gelos tinham levado da detenção sueco-meridional à sueco-central uns 3.000 anos e desta ao fim do período glaciário uns 2.000. Deste momento até à actualidade ponde o mesmo geólogo pelas capas de lodo do lago glaciário de Ragunda achar 8 a 9.000 anos. (nota 1 da página 79)⁵³

longo da costa em Anha, Castelo de Neiva, S. Paio de Antas, S. Romão do Neiva e Alvarães, Vila de Punhe, Vila Fria e Aldreu, Durrães, Lavadores (M^{el}. Artur Dias Gaspar) que é rica.

Novos achados de asturiense em Muge (Vale dos Amieiros e Arneiro dos Moinhos) e nos Magos (Ramalha). É um industria com carácter mais paleolítico que asturiense. Dai a hipótese de Jalhay que se trata de paleol. superior.

Parece que também em Vila Nova de Milfontes (Mesquita de Figueiredo)

Tambem em Benfica do Ribatejo e Porto Sabugueiro se encontraram picos. (Ver Revista de Guimarães, 1936, pag. 230)

No Paul do Duque apareceu asturiense nas segs. Localidades: Boa Vista, João Boieiro (2^a a jusante da Raposa) e Vale das Raposas. Tambem no Vale do Zebro, afluente do Paul de Magos. Os paus do Duque e Magos ficam em Muge e Salvaterra.

⁵² (1) Resumo:

Periodo epiglaciário	{	1º retrocesso: <u>Germiniglaciário</u>
		Detenção báltica
		2º retrocesso: <u>Daniglaciário</u>
		Detenção sueco-meridional
		3º retrocesso: <u>Gotiglaciário</u>
		Detenção sueco-central
		4º retrocesso: <u>Scandiglaciário</u>

⁵³ (1) Temos pois

3.000
2.000
<u>9.000</u>
14.000
5.000
<u>5.000</u>
24.000

Pela comparação com o epiglaciar alpino calculou-se que o espaço entre a detenção báltica e a sueco-meridional devia mediar entre 5 a 6.000 anos e o mesmo tempo entre aquela e o máximo da última glaciação.

Portanto o período epiglaciar devia ter durado uns 23 a 25.000 anos.

Se nos lembrarmos agora que os kjoekkenmoeddings suecos são contemporâneos do campinhiense e do asturiense, que o período de Ancylus corresponde ao capsense final e azilense, que o período de Yolda é contemporâneo do madalenense, poderemos obter para a península respectivamente as seguintes datas: 6 a 7000 anos, 9 a 13.000, 13 a 25.000 anos.

Como dos outros períodos glaciários não tem sido possível obter uma cronologia Kopper e Wegener recorreram ultimamente a cálculos geo-físicos e por eles chegaram à conclusão de que a 4ª glaciação (Wurmiense) tinha durado de 20.000 a 120.000 anos a.C., que a terceira (Rissense) tinha ido de 180.000 a 240.000, que a segunda (Mindeliense) de 425.000 a 48.000 e que a primeira (Gunziense) de 550.000 a 600.000 a.C.

Deste modo a era quaternária abrangia o espaço de 600.000 anos, o homem existia há 400.000 pelo menos, o neolítico ter-se-há desenvolvido de 5.000 a 2.000 a.C., o bronze de 2.000 a 1.000 e o ferro de 1.000 ao sec. III a.C.

Neolítico peninsular

Bibliografia:

- Déchelette, Manuel d'Archéologie, vol. I, pag. 307 e segs.
- Moritz Hoernes, Prehistoria, vol. I, pag. 59 e 101 e segs.
- Jacques de Morgan, L'Humanité préhistorique, pag. 85 e segs.
- Bosch Gimpera, Ensayo de una reconstrucción de la Península Ibérica, Santander, 1922
- Pericot, La prehistoria de la península ibérica, Barcelona 1923
- Gimpera e Pericot, Les civilisations de la péninsule ibérique pendant le néolithique et l'énéolithique, in L'Anthropologie, 1925, pag. 409
- Mendes Correa, Os povos primitivos da Lusitania, Porto 1924
- Nils Aberg, La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique, Paris, 1921
- Gimpera, La migration des types hispaniques a l'énéolithique, in Revue Archéologique, 1925, tom. XXII, pag. 191
- Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitania, vol. I, pag. 103
- Obermayer, El dolmen de Matarrubilla, 1919
- José Ramon Melida, Arquitectura dolménica ibera (separata da Revista de Archivos, Bibliotecas y Museus), 1914 (interessante)
- Luis Pericot, La civilización megalítica catalana y la cultura pirenaica, Barcelona – 1925 – B.M.E.
- Gimpera, La arqueología pre-romana hispanica (apêndice a trad. da Hispania de Schulten) Barcelona 1920
- Idem, Prehistoria catalana, Barcelona 1919
- Idem, L'estat actual del coneixement de la civilizació neolítica i eneolítica de la Península Ibérica, in Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans, vol. VI
- Gimpera, Etnologia de Península ibérica
- Pericot, Historia de España, vol 2

N.B. Vid. antecipadamente: (1) e segs. de 1927-1928

Do asturiense ao neolítico final poucos vestígios se encontram na península, mas entre estes, segundo Santos rocha, as nossas estações da Varzea do Lirio e Alqueives nas quais se encontraram a par de machados e cerâmica sílices lascados, alguns de aspecto tardenoisense (neolítico pleno).

Bosch Gimpera entende porem, baseado na evolução incessante da arte rupestre, que essa falta de material não representa descontinuidade cultural ou racial, e que portanto aos descendentes das populações epipaleolíticas se deve atribuir a paternidade das civilizações que nos fins do neolítico e no eneolítico ou calcolítico, isto na transição da pedra para o metal, se desenvolveram na península.

Essas culturas foram quatro, segundo o mesmo autor: duas de origem capsense – a megalítica ocidental e central ou das grutas; uma – a pirenaica – devida às antigas populações franco-cantabras; outra, a de Almeria (SE), trazida de Africa por novos povos invasores.

Cumpre-nos tratar agora em primeiro lugar da cultura megalítica portuguesa, depois da influencia que nesta exerceram algumas das outras, por fim na influencia que todas exerceram nos outros povos europeus.

a) Cultura megalítica. É esta caracterizada pela existência de numerosos dolmens, e designam-se pelo nome de dolmens, antas, orcas, arcos os monumentos funerários constituídos por uma câmara de contorno poligonal ou circular com as paredes formadas por pedras a pino (espeques ou esteios), cobertas por lages (chapeu).

Todo este edifício, que frequentemente se encontra ligado a um corredor ou galeria, pode estar revestido dum montículo de terra chamado tumulus, mamoa, mamôas e apresenta formas e dimensões variadas e pinturas ou covinhas nas paredes.

Considerando com Siret e Wilke as mais antigas antas do fim do neolítico (princípio do neolítico final) Guimpera apresentou para elas a seguinte classificação, que nos pontos fundamentais está de acordo com a de Obermaier:

- Do neolítico final são as antas que apresentam câmara redonda ou poligonal, grande e sem corredor, e espólio constituído por machados mal polidos, triangulares ou trapezoidais de quartzite, piçarra ou basalto; facas e setas sem retoques ou mal retocadas e de formas irregulares, cerâmica grosseira feita à mão e lisa ou com desenhos simples (pequenos relevos ou pontos incisos). Ausencia de objectos de adorno.

A este período pertencem os dolmens do Outeiro do Rato (Beira Alta); Pedra dos Mouros (Belas), Alvão (Traz-os-Montes), Orca dos Padrões etc.

- À primeira fase do eneolítico inicial pertencem os dolmens de corredor com mobiliário constituído por machados bem polidos e de melhor material (serpentina, diorite, fibrolite etc), por facas, raspadores, bem trabalhados, por pontas triangulares de base concava ou com princípios de pedúnculo, por objectos de adorno (pedras, conchas ou osso), por agulhas, amuletos e cerâmica pouco decorada (Cumieira, Cabeço dos Moínhos e das Carniçosas);

- A segunda fase do eneolítico inicial pertencem as antas de Monte Abraão (Belas), Folha de Barradas (Sintra) e Orca dos Palheiros (Senhorim).

O corredor confunde-se já com a câmara formando a galeria coberta, de planta trapezoidal alongada. Espólio igual ao antecedente, com contas de calaite, com pontas com pedúnculo e base bastante concava.

Em Africa escassamente no Egito e no Sudão, em abundância no Norte (Tripoli, Tunis, Argelia, Marrocos).

Na Europa no tipo primitivo na Hispania, e talvez em algumas regiões mediterraneas.

- Na zona atlantica m.^{tos} na França, Belgica, Alemanha do N. (entre Reno e Oder) Dinamarca, SW da Escandinavia, grã-Bretanha (Escocia e Irlanda)

- Não se conhecem no centro da Europa, existindo contudo na parte Oriental (Rome-lia, Costa N. do mar negro) talvez irradiados do Caucaso.

Conclusão – Disto se conclue que os dolmens se estendem pelo litoral da Asia Ocidental, do Mediterraneo e do W. e N. do Atlantico.

- Entre a Europa e a Asia há porem uma zona de interrupção: as costas do Mediterraneo Oriental.

Origem

Houve um só foco de origem?

Houve vários centros independentes?

Enquanto Obermaier e Dechelette admitem a origem oriental (Egito) outros arqueólogos (Basel) fazem-nos depender de vários centros de irradiação. Oportunamente nos ocuparemos do assunto.

Distribuição e classificação dos dolmens ibéricos

Bibliografia:

- Cartailiac, Les ages préhistorique de l’Esp. et du Port.

- Leite de Vasconcel., Religiões, I

- Ramon Melida, Iberia arqueológica

Saralegui y Medina, Los monumentos megalitos en Espagna

Obermaier, Gimpera, Ballesteros

Area

Os dolmens ocupam na península três centros importantes:

1º Centro português, continuado para a Galiza, Cantabricos, França e Estremadura espanhola

2º Centro andaluz que se estende ao N. até Jaen e Cordova.

3º Centro da bacia do Ebro que se estende até ao golfo de Biscaia e pela costa oriental até Almeria.

Caracter

Desta distribuição se conclue que a civilização dolménica se dispõe junto à costa faltando no centro aonde mais tarde porem se infiltrou pelos vales dos rios (Obermaier)

Classificação

Como os dolmens diferem quer na construção quer no material torna-se necessário fazer a sua classificação cronológica.

Dificuldades. Não é empreza fácil não só porque faltam escavações metódicas da fase inicial e final, mas ainda também porque a evolução dos dolmens peninsulares se não fez uniformemente.

- Assim certos tipos, como os de cupula, limitaram-se a certas regiões (sul), outros espalharam-se mas embora em fase avançada tornam-se sincrónicos de outros atrasados; outros de fases intermediárias associam-se a outros ora mais antigos ora mais modernos, ora a regressões arcaicas.

Contudo apesar disso contamos já as classificações de Leite de V., de Siret, Obermaier, Gimpera, Nils Aberg e Melida.

Classificação de Leite de Vasconcelos

- a) Dolmens propriamente ditos
- b) Monumentos de transição entre os dolmens e as criptas alcalarenses;
- c) Mon. alcalarenses prop. ditos
- d) Mon. de transição entre estes e as cistas
- e) Cistas e antelas

Critica – Baseia-se sobretudo na evolução dos megalitos e inclui-os no neolítico. (Não satisfaz nem quanto à evolução nem quanto à cronologia)

II Classif. de Siret – 1913

a) De origem ibérica

1º De forma de caixa (neol. antigo e médio) – Silices de forma capsense. Machados etc.

2º Dolmen de corredor (eneolítico) com vasos campaniformes e caliciformes

3º Cistas (bronze)

b) Mon. de origem fenícia

1º Dolmens de cúpula (eneolítico) com picões, quadrupedes, ídolos, godés etc.

(nota 1 da página 87)⁵⁴

III Classificação de Obermayer

Base: evolução material

a) Neolítico puro

1º Precusores dos dolmens em forma de caixões ou recintos circulares, sem tampa

2º Dolmens simples de lousas toscas, de planta quadrangular ou poligonal “Ajuar”: machados polidos, utensílios de pederneira de tipo neolítico vulgar, objectos de adorno pobres e pouco numerosos.

3º Dolmens de corredor pequeno e galerias cobertas de dimensões reduzidas.

(nota 1 da página 88)⁵⁵

⁵⁴ (1) Siret dividiu os dolmens que explorou na província de Granada em dois grupos:

- a) Com cúpula micénica
- b) Simples Dolmens

Estes quanto à forma de câmara:

- 1) Camara rectangular
- 2) Camara octogonal
- 3) Camara trapezoidal

Quanto ao conteúdo:

1º grupo: Só instrumentos de pedra, machados polidos, facas, setas de tipo arcaico

2º grupo: Aparecimento do cobre e de ídolos de falanges: punções, lanças, facas e machados chatos de cobre, associados ao material lítico anterior

3º grupo – Escassez de pedra. Predomínio do bronze.

- Novas formas de cerâmica, aparecimento do bronze.

- Pedras afiadoras, adornos cobre prata, chumbo dourado

⁵⁵ (1) Aparentado com este é a galeria coberta, isto é, o dólmen de galeria coberta em que o corredor tem a largura da câmara.

Material semelhante ao da fase anterior; ídolos simples de placas de pedra (piçarra etc).

b) Proto-eneolítico (eneol. inicial de Gimpera)

4º Dolmens de corredor largo e galerias cobertas evolucionadas, com planta m.^{tas} vezes trapezoidal.

- Machados polidos.

- Pontas de seta triangulares ou com pedúnculo ou com aletas sencillas

- Cerâmica com decoração linear, em forma de muestras geométricas, linhas sinuosas, espirais etc.

- Vasos campaniformes.

Falanges animais (ídolos?)

Ídolos de placas de piçarra.

Aparição do cobre

Nas câmaras de alguns gravados sencillos simples.

c) Eneolítico ou calcolítico

Os dolmens desta fase subdividem-se em duas zonas distintas:

5º Zona sul-ocidental

Dolmens de cúpula, muitas vezes com corredor largo e câmaras anexas.

A câmara é redonda, as paredes em geral formadas de obra tosca de mamposteria em que feiras de lages delgadas, alternam com barro.

- Em cima deste muro que se vai fechando, rematando a câmara uma lage.

- No interior gravuras e pinturas estilizadas às vezes.

Area.

Andalusia e sul de Port. até ao Tejo

Caracter – Dois elementos novos apresentam estas construções.

- cúpula falsa;

- uma modificação na técnica da construção tendente a substituir os esteios, m.^{tas} vezes gigantescos, por uma espécie de parede estreita formada de filas de pedras alternando com filas de barro.

- Mantêm-se na cobertura superior as grandes lages as quais seriam amparadas por pedras verticais servindo no centro da câmara de pilares, ou por madeira.

- Noutras vezes abriu-se um fosso da forma do monumento, cobriu-se de grandes lages e revestiu-se este túnel no interior duma parede para evitar os desabamentos, primeiro com a parte inferior constituída por pedras verticais, depois toda de pedra seca e barro.

Este processo representa uma grande economia de força e trabalho.

- Nichos – Nestes monumentos aparecem por vezes nichos laterais, e átrios no princípio do corredor ou da câmara.

Galerias cobertas. Nesta época aparecem a par na mesma região galerias cobertas de planta larga e trapezoidal que fazem, segundo L. de Vasconcel., a transição para as cistas.

“Ajuar”: pouca pedra; setas de tipos m.^{to} perfeitos com pedúnculo ou “aletas”

- Predomínio do cobre: bronze raro.

- Cerâmica de Palmela ou Ciempozuelos (vasos campaniformes m.^{to} decorados, vasos pintados)

- Adornos de cobre, prata, chumbo dourado, ouro, marfim, âmbar, ametista, turquesa, calaite “jade”.

- Idolos de piçarra e osso gravados ou pintados

- Idolos de aabastro, vasos pequenos de pedra (unguentarios), paletas.

Zona setentrional

5º) Camaras simples e galerias cobertas e curtas, de planta rectangular ou com mais frequência de planta trapezoidal.

- No interior de alguns, gravados e pinturas.

- Faltam nesta zona os dolmens de cúpula e obras de mamposteria e bem assim dolmens de corredor largo e galerias cobertas largas.

Material. Escassez de utensílios de pedra, excepção de tipos finíssimos de setas de sílex.

Predominio do cobre

- Bronze raro.

- Ceramica de Ciempozuelos (campan.)

- Adornos de cobre, prata ouro e âmbar; machados votivos perfurados superiormente

d) Principios do bronze

6º - Desaparecimento da arquitectura dolménica na Península: cistas quadrangulares com tampa, que chegam a recordar os dolmens simples

- material – Utensílios e armas de bronze. Algum cobre.

- Ceramica do tipo de El Argar

Classif. de Obermayier das antas port.

Bibliografia:

- Cartailhac, Les ages préhistorique de l’Espagne e du Portugal, 1886

- Pereira da Costa, Descrição de alguns dolmins ou antas de Portugal (Mem. da Acad R. das Sc., Lx. 1868).

- Gab. Pereira, Dolmens ou antas dos arredores da Evora, Lx. 1875

- Carlos Ribeiro, Estudos prehistoricos

- Estacio da Veiga, Antiguidades mon. do Algarve, 1886, 1887

- Santos Rocha, Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira, 1888

- Leite de Vasconcelos, Religiões da Lusitania, I,

Idem, Sepultura de carácter micenense, A. Port., tom. VII, p. 129

Idem, O povoamento de Port. nos tempos prehistoricos.

----- * -----

Obermaier agrupa os nossos dolmens em três zonas:

1ª Algarve, sul do Alentejo e Estremadura Cistagana (sul do Tejo).

É continuação da Betica e nela se distingue o centro de Alcalar.

- Construções de cúpula.

Espolio – setas finas, contas de calaite e âmbar, folhas de sílex, machados e punhais de cobre: noutros fragmentos de marfim, placas de piçarra, laminas de ouro etc.

2ª – N. do Alentejo e região das Beiras.

3ª Minho e Trás-os-Montes.

Nestas zonas são raros os dolmens de cúpula e muito frequentes os simples e suas variantes.

IV Classificação de Gimpera

Considerando com Siret e Wilke as mais antigas antas do fim do neolítico (princípio do neolítico final) Gimpera apresentou para elas a seguinte classificação que nos pontos fundamentais coincide com a de Obermaier:

I Neolítico final

Antas de câmara poligonal, grandes, sem corredor ou com corredor incipiente.

Ex. – Dolmens do Outeiro do Rato (Beira Alta), Pedra dos Mouros (Belas) com um gravado estilizado de um homem e dum machado, Abrão (Tras-os-Montes), Orca dos Padrões e Évora (corredor incipiente), talvez alguns megalíticos da Galiza e da região cantábrica.

Espolio – Machados mal polidos, triangulares ou trapezoidais, de quartzite, piçarra ou basalto, facas, lascas, pontas e micrólitos de sílex, triangulares ou trapezoidais sem retoques e mal talhadas, cerâmica grosseira e lisa feita à mão de formas simples sem decoração ou com desenhos simples (pequenos relevos ou pontos incisos)

II Eneolítico inicial (Fase A)

Sepulturas de corredor comprido. Ex. Cabeço dos Moinhos, dólmen II das Carniças (Brenha), Cumieira.

Material – Machados bem polidos e de melhor material e da mesma forma (serpentina, diorite, fibrolite), facas, raspadores, pontas com retoques e um começo de evolução tipológica: forma triangular ou com base ligeiramente concava, ou com princípios de pedúnculo; aparecimento de adornos: colares de pedras, conchas de moluscos ou de osso.

- De osso punções, agulhas etc.
- Cerâmica: grosseira, com ornatos incisos mais frequentes.
- Falta de Metal.

Fase B (Obermaier proto-neol.)

Dolmens de corredor muito largo, algumas vezes confundindo-se com a câmara e formando a galeria coberta de planta trapezoidal alongada.

Ex. Monte Abraão (Belas), Folha de Barradas (Sintra), Orca dos Palheiros (Senhorim)

Espolio. Igual ao antecedente, com contas de calaite, e um progresso evidente nas pontas de seta; mais retocadas, com o pedúnculo já desenvolvido e formando as pontas da base, com concavidade já penetrante.

- Novos tipos de sílex: punhais e alabardas.
- Começam também a empregar-se braceletes e botões de osso (estes furados em forma de V), e abundam objectos com significado religioso: falanges de animal ou outros ossos com adornos incisos ou pintados, por vezes com a cara humana estilizada; cilindros ou cones de pedra com a mesma decoração; placas de piçarra, com incisões, representando a figura humana com cara e braços ou motivos geométricos dispostos em zonas.
- Cerâmica – Cerâmica feita à mão, ainda simples, mas com mais abundância de incisões (também há sem elas) – Em geral falta de metal.

III Eneolítico pleno (e final)

Dolmens de corredor, galerias cobertas, criptas alcalarenses

com corredor { Ex. Marcela (Cacela), Istria (Belas), Anta Grande da Ordem

galerias cobertas { Nora (Cacela), Serro do Castelo (Almada do Ouro);

Criptas alcalarenses { Monge e S. Martinho (Sintra), Alcalar (Algarve) Barro Serra de Mutelas (Torres V.)

Material

A cultura deste período é uma continuação do período anterior, notando-se contudo um progresso nitido na evolução de certos tipos e o aparecimento do cobre.

Fases – Gimpera distingue neste período duas fases:

Fase A e

Fase B, a que poderemos chamar Eneol. Final

Fase A. (Seixo, Nora (Cacela), Serro do Castelo (Almada do Ouro)

Dolmens de corredor e galerias cobertas

Indústria – Metal (cobre)

Machados de secção , goivas, pedras redondas com sulco, pontas de base fendida e espigão, machados votivos encabados, ídolos – placas, placas curvas, falanges pintadas ou com estilizações da cara humana, agulhas de osso com cabeça cilíndrica, botões, cerâmica com incisões (tipo dolménico), vasos campaniformes, algumas pontas de cobre.

Fase B (eneol. Final)

- Dolmens de cúpula e corredor

Facas de grandes dimensões, pontas de base muito fendida e azas laterais compridas e encurvadas, contas de âmbar, laminas delgadas de ouro, abundância de cobre: machados, escopros, punções, agulhas, serras, punhais, com formas protótipos da idade do bronze (Alcalar)

- Cerâmica do tipo argarico (fina, de superf. polida, sem decoração, com formas que são o começo das usadas no bronze.

- Chapões.

Monumentos. A esta fase pertence o de Monte Velho (Alvor), Marcela (Cacela) e de Alcalar (1 e 3) (nota 1 da página 96)⁵⁶

IV – Bronze (Odemira, Agua Branca, Ancora)

A ultima fase das antas encontra-se na época de bronze sob a forma de cistas ou antelas, isto é, de caixas quadrangulares.

- Este tipo existia já no eneolítico pleno, com planta trapezoidal e pequenas dimensões e parece derivado da galeria ou coberta ou do dólmen de câmara poligonal.

Material. Ausencia de pedra e sílex

Objectos de cobre, bronze ou ouro. Colares de pedras, moluscos ou âmbar.

- Cerâmica do tipo argarico.

⁵⁶ Posteriormente Bosch inclui no Bronze I as criptas alcalarenses.

Segundo este escritor elas teriam seguido de Portugal para a Andalusia, numa época entre a cultura do vaso campaniforme que destruíram, e a cultura argarica que depois do SE veio para Portugal.

V Classificação de Nils Aberg

Aceitando a cronologia de Gimpera, pondo de lado a opinião de Wilke que dá aos dolmens de Alvão uma filiação paleolítica e os considera do neol. antigo, Aberg, in La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique, traça a evolução dos dolmens considerando ela

- 1º Uma linha principal cujo ponto terminal são as cistas;
- 2º Uma linha lateral representada pelos tumulus de cúpula;
- 3º Uma segunda linha lateral representada pelos tumulus cavados na rocha, inter-mediários entre as antas e as grutas artificiais.

----- * -----

Dolmens primitivos apresentam-se de câmara poligonal, cobertos duma grande lage e sem terra a protege-los.

- A necessidade de dar aos mortos um lugar mais resguardado e mais abrigado teria levado o homem a tapar os interstícios das lages com pequenas pedras dispostas umas sobre as outras e a rodear de terra o tumulo, formando um montículo que chegou a cobrir uma parte importante do monumento.

- Para facilitar os novos enterramentos evitando o cavamento do caminho deixou-se no montículo uma passagem aberta que depois se protegeu de lages contra a terra.

- Primitivamente uma lage de cada lado bastaria, mas com o decorrer do tempo, aumentando o tumulus ou mamôa teve de se formar um corredor que o atravessasse.

- E assim se formariam os dolmens de corredor, que se vão alongando e aumentando, com a cobertura de terras ou mamôa.

- Pouco a pouco compreendeu-se a vantagem de, para evitar o tumulus, fazer a construção numa encosta ou colina natural.

Até este momento servia o corredor apenas para conduzir à câmara funerária, mas uma vez cheia esta começaram a fazer-se enterramentos na galeria (corredor).

Esta, à medida que este costume se generalisa, vai-se a pouco e pouco alargando, a camara vai-se alongando, e a planta do dólmen toma a forma trapezoidal (galeria coberta).

- O curso da evolução mostra a seguir uma tendência para a redução das dimensões destes túmulos: Veem a seguir as cistas subterrâneas mais largas de um lado (câmara) do que do outro, as quais passam depois à forma rectangular ou quadrada.

- As mais antigas cistas são do comprimento dum homem, as mais modernas menores.

São já da época do bronze e podiam conter mais do que um esqueleto.

- Desta linha de evolução principal separam-se porem duas outras laterais que dão os túmulos de cúpula e os cavados em rocha.

Túmulos de cúpula

Quando os dolmens de corredor tomaram dimensões consideráveis foi necessário simplificar os processos de construção:

- As pedras para a câmara, difíceis de manejar e de encontrar, foram substituídas por outras pequenas dispostas umas sobre as outras formando parede.

- Como as lages da câmara eram, para aumentar a solidez e diminuir a abertura, inclinadas para o interior procurou-se, ao substituí-las por parede, conservar a tradição e assim apareceu uma cúpula incompleta fechada superiormente por uma lage.

Origem – Alguns escritores, como Wilke e Obermaier consideram estes monumentos de origem oriental.

Gimpera considera-os porém de origem peninsular e esta opinião é fortemente apoiada pelos tipos que na península existem intermediários entre os dolmens de corredor e os de cúpula (câmara formada de lages superiormente continuadas por paredes, dolmens com corredor de esteios e câmara de parede e vice-versa) etc.

Tumulos cavados em rocha

Vimos que os dolmens primeiro ao ar livre se foram enterrando em colinas ou no chão natural.

- Algumas vezes foram abertos em rocha dando origem a grutas artificiais.

Formas transitórias – Formas intermédias entre dolmens e grutas temo-las em Portugal no dólmen de Monte Abraão aonde os esteios se encontram inferiormente encaixados na rocha e a câmara em parte nela cavada, temo-los em Monge (Sintra) num monumento metade gruta e metade dólmen.

- Em Hespânia (Almeria) há um monumento metade gruta natural e metade dólmen.

- Estes monumentos podem explicar a origem das grutas artificiais, mas elas poderiam nalguns casos ser construídas por imitações das naturais. (nota 1 da página 100)⁵⁷

VI Classificação de Melida (1929)

Melida adopta no seu livro Arqueologia española uma classificação geográfica, diz ele por não haver sempre coincidência entre o espólio e a fase evolutiva do monumento.

- Ele assinala os seguintes tipos regionais:

1º O da Catalunha, Navarra e Vascongadas, de forma primitiva, com câmara quadrangular ou poligonal, logo com corredor incipiente, transformando-se em galeria coberta e depois em sepultura pequena retangular (cistas)

2º O da Galiza com dolmens coberto com mamoas e planta retangular.

3º O de Tras-os-Montes e Alentejo, com prolongamentos para Hespânia com forma retangular e sobretudo poligonal com corredor (predomínio no Alentejo).

- Nesta zona se incluiu o notável dólmen de Antequera, conhecido por Cova de Menga, com 27^m de comprimento e emprego de pedras calculadas em 170 tonel.

Tumulus de cúpula

Distribuem-se pelo sul da Peninsula e segundo o A. propagaram-se para o mediterrâneo (Balears e Sardenha) (nota 1 da página 101)⁵⁸

⁵⁷ (1) Gimpera na Hispania p. 159 afirma que as grutas artificiais de Palmela, de planta m.to parecida com os dolmens de cúpula, são provavelmente uma imitação.

– A outra do Alto de Bellas (Serra das Bautas) é em parte cavada na rocha.

– Há grutas artificiais, como as da Quinta das Lapas. Em Torres Vedras que são um afeiçoamento das naturais.

⁵⁸ (1) Estes são de bronze

- Melida considera-os uma evolução natural do emprego de pedras grandes e pequenas e enumera dolmens que fazem a transição para as criptas.

Sepulturas pequenas – Fendas das rochas, fossas cobertas de pedras, as cistas ou arcas sepulcrais quadrangulares ou trapezoidais.

Critica das classificações citadas

I Classificação do D.^{or} Leite

Perfeita na época temos hoje a apontar-lhe

- a) Quanto a evolução tipológica dos dolmens as cistas não derivam das criptas alcalarenses, mas sim das galerias cobertas tipologicamente independentes das criptas.
- b) Quanto a cronologia. Os dolmens são quasi todos calcolíticos e não neolíticos.

II – Classificação de Siret

Tem o inconveniente de considerar fenícios os dolmens de cúpula. Apesar de haver na península formas intermédias entre estes e os dolmens de corredor (nota 1 da página 102)⁵⁹

III – Classificação de Obermaier

Não só não deriva os dolmens de cúpula dos de corredor peninsulares (aqueles são para ele de origem egípcia), mas comete ainda erros cronológicos como

- a) Considerar as galerias cobertas de planta trapezoidal proto-neolíticas, quando são eneolíticas como o provam os vasos campaniformes lá encontrados.
- b) Considerar os dolmens de cúpula em criptas-eneol., quando hoje se incluem na época do bronze I

IV – Classificação de Gimpera

Coincide em grande parte com a de Obermaier e é a meu ver a melhor.

- Contudo não é isenta de defeitos. Os dolmens de cúpula ou criptas aparecem, como o próprio Gimpera já reconhece, deslocados devendo ser datados do Bronze I e considerados levados de Portugal para Andalusia entre a cultura do vaso campaniforme que destruíram, e a argarica que depois do SE veio para Portugal.

V – Classificação de Aberg

A classificação de Aberg apresenta-nos com perfeição as fases evolutivas dos monumentos megalíticos. Não entrando porem em linha de conta com o material (espolio) pode induzir-nos em erro porque se nota a persistência de dolmens de caracter primitivo sincrónicos de fases evolucionadas (supervivencia).

VI – Classificação de Melida.

É uma classificação geográfica e não genética, e como tal não a podemos aceitar porque não sabe separar os tipos evolucionados das supervivencias, nem nos dá uma ideia da expansão da cultura dolmenica.

⁵⁹ (1) Os fenícios, povo histórico, datam de 1100 a.C. e o eneolítico peninsular data de 3000 a 2500 a.C.

Conclusão – A classificação de Gimpera, feita a correcção que apresentamos, é aquela que oferece maior numero de garantias.

Origem dos dolmens

1º Existe uma só cultura ou varias? Neste caso Portugal constitue uma?

2º A ideia veio de fora ou é indígena?

----- * -----

Para explicar a origem da arquitectura dolménica tem-se formulado duas teorias:

1ª Teoria que admite um centro único de irradiação;

2ª Teoria que admite mais do que um.

Na primeira temos a distinguir:

- a) A escola orientalista, seguida por Montelius, Sophus Müller, Déchelette, Hörne e Obermaier, considera os monumentos megalíticos do W. e N. da Europa como reproduções grosseiras de monumentos similares do oriente;
- b) A escola ocidentalista, composta principalmente por Penck, Salomão Reinach e outros defende o contrario, isto é, os dolmens ocidentais seriam os modelos dos do Oriente.

Argumentos

Os orientalistas afirmam:

1º Que os ocidentalistas não tem razão quando afirmam que no oriente não há dolmens primitivos, pois há-os na Siria, Alto Egipto, e N. de Africa, juntos a análogas sepulturas talhadas na rocha;

2º Que os dolmens poderão ser uma imitação grosseira das mastabas egípcias

3º Que é para estranhar que os dolmens simples apenas se encontrem no litoral e não no interior aonde a cultura indígena devia prevalecer

4º Que eles deviam ser introduzidos lentamente do oriente por um comercio regional

5º Que os ocidentalistas não tem razão quando afirmam que o oriente não é a pátria dos dolmens por não existirem lá tipos evolucionados (dolmens de cúpula), pois isso só prova que a arquitectura sepulcral evolucionou no oriente mais rapidamente

Critica

Estas teorias são inaceitáveis:

1º Porque a distribuição dolménica, mostrando a ausência destes monumentos na Arabia, Asia Menor exterior, golfo pérsico e mesopotâmia, entre o Caspio e o Mar Negro, nos leva a por de lado a hipótese dum só centro de irradiação

2º Porque sendo na Asia Anterior os dolmens da época do cobre e bronze eles deviam, se fossem de origem oriental, introduzir o metal no W.

3º *Porque se não pode dar aos dolmens orientais, como querem os ocidentalistas, uma origem europeia porque seria preciso admitir o absurdo do conhecimento do metal ser na Europa anterior ao da Asia (texto cortado)*

Conclusão – Só se podem admitir vários focos de irradiação o que de resto é natural porque a ideia simples de erguer pedras e cobri-las para recolher os mortos é acessível a todos os espíritos: a prova é a existência no Japão e na América meridional destas construções. (nota 1 da página 106)⁶⁰

- Nem tão pouco se pode aceitar a opinião de Obermaier que considera os dolmens de origem egípcia.

- Com efeito o nosso eneolítico iniciou-se 3.000 a.C. e 5.000 a.C. já o metal era conhecido no Oriente.

----- * -----

Incontestavelmente, todos os escritores, até mesmo, os orientalistas são concordes em atribuir o papel de introductora na Europa dessas construções.

Provas – Prova-o a cronologia e sobretudo a associação desses monumentos no N. da Europa com elementos originários da Península como:

- Supervivências de tipos tardenoisenses
- Folhas largas de punhal e alabardas de pedra
- Cerâmica de Ciempozuelos etc.

----- * -----

A ideia veio de fora?

A ideia é indígena e parece ter nascido no norte de Portugal (Tras-os-Montes e Beira) (nota 1 da página 107)⁶¹ sem ser preciso para isso aceitar a filiação no madalenense dos achados de Alvão

- Ali existem dolmens primitivos com indústrias neolíticas. (nota 2 da página 107)⁶²

Origem dos de cúpula

Obermaier considera oriental a ideia destas construções baseado (nota 3 da página 107)⁶³:

1º Na pequena extensão dos dolmens de cúpula na Europa W. e N, o que não era natural se eles de lá fossem originários

2º Não ter derivado desses monumentos sepulcrais nenhuma aplicação para as fortificações, habitações etc. o que prova que a ideia da técnica do cúpula não é ocidental (nota 4 da página 107)⁶⁴

3º Na existência nos espólios dos seguintes elementos de origem oriental:

- Facas grandes m.^{to} bem retocadas.
- Primeiros instrumentos de cobre e segredo da sua elaboração;
- Cerâmica pintada

⁶⁰ (1) Na Europa dois centros;
a) Portugal, que é o mais importante
b) Escandinávia

⁶¹ (1) Não na Beira e Tras-os-Montes mas no Alentejo na região de Montemor, Estremoz

⁶² (2) O tardenoisense ou melhor o capsense final [????] nos dolmens

⁶³ (3) Hoje não.

⁶⁴ (4) Nos fundos de cabana da Sobreira verifiquei serem redondos e de construção idêntica

- Objectos de marfim
- Ovos de avestruz
- Vasos de luxo talhados em pedra
- Unguentarios de pedra
- Ídolos de osso pintados e gravados
- Estatuetas femininas e outros ídolos de pedra, em parte placas lisas
- Técnica de fortificações sistemáticas por meio de muralhas: o que torna admissível a vinda dessa ideia do oriente.

Conclusão

Ora contra esta opinião pode-se argumentar:

1º Os dolmens de cúpula derivam dos dolmens de corredor de proporções monumentais e as dimensões da sua área de distribuição estão intimamente ligadas com as destes últimos (S. a SW. da Iberia, Provença (França), Escócia etc.).

2º A existência do comércio com o oriente não basta para formar a origem oriental da ideia da cúpula.

- Também tínhamos então comércio com o norte como o provam:

- o âmbar da Jutlândia

Jais da Inglaterra

a calaite e turquesa de França e poderíamos no mesmo caso concluir em contrário.

3º Não há dolmens de cúpula no Oriente

4º Todas as construções de cúpula da região mediterrânea semelhantes aos dolmens, como os megalitos das Baleares, as construções semelhantes de Corsega, Malta, os sepulcros do continente grego são mais recentes, são da época do bronze, ao passo que os nossos dolmens são do começo do Br.

5º Há cabanas de pastores em várias regiões da península (Castela, Palencia etc.) que recordam as câmaras redondas dos dolmens. (nota 2 da página 109)⁶⁵

6º Há na península todas as fases de transição entre os dolmens de corredor e as criptas alcalaenses. (nota 3 da página 109)⁶⁶

Portanto os dolmens de cúpula são de origem peninsular, ou melhor de origem portuguesa.

Expansão

Do Algarve irradiaram para a Andalusia, levados por uma invasão de povos que destruiu a cultura do vaso campaniforme.

- Dali se propagaram às Baleares e ao mediterrâneo.

- Portugal foi para a Europa o centro criador e irradiador de todas as variedades de dolmens, excepção da Scandinávia. (nota 1 da página 109)⁶⁷

(Vid. Gimpera, Prehistoria catalana, p. 53, 54, 100, 101 e 121)

Grutas –

⁶⁵ (2) Fundos de cabanas

⁶⁶ (3) Dolmens técnica mista, eneolíticos, nos arredores de S. Pedro de Gafanhoeira

⁶⁷ (1) Há formas primitivas na Península Ibérica e na Escandinávia. As mais tardias e evolucionadas encontram-se no espaço intermédio. Do foco ibérico derivam os dolmens da França, Inglaterra e Mediterrâneo até ao oriente

Bibliog. – Santos Rocha, A caverna de Alqueives (Portugalia, I, p. 333)

- Cartailhac, Les ages prehistoriques de l’Espagne e du Portugal (Cascais e Cesareda)

- J. N. Delgado, Noticia acerca das grutas da Cesareda, Lx. 1867

- J. N. Delgado, La grotte de Furninha à Peniche (Congrès d’Anthr. et d’Arch., 1880, p. 207)

- Vieira Natividade, Grutas de Alcobaça (in Portugalia, I, 452)

- Belchior da Cruz, As grutas de Palmella (Bol. da Soc. de Santos Rocha, I, p.87)

- Marques da Costa, Estações prehistoricas dos arredores de Setubal, in Arch. VIII, 267 (varias grutas da Rotura e de Palmela)

- M. Apollinario, Grutas do Furadouro (Arch. III, p.86) (nota 1 da página 110)⁶⁸

----- * -----

Como nos dolmens podemos distinguir na evolução das grutas os seguintes períodos:

a) Neolítico final; (Rio Maior, Gruta I)

b) Eneolítico inicial { Fase A
Fase B

c) Eneolítico pleno { Fase A
Fase B

d) Epoca do bronze

- Contudo este parentesco com os dolmens não tira à cultura das grutas o seu cunho especial:

A sua cerâmica, chamada de Ciempozuelos e Palmela ou campaniforme torna-a bem característica, em especial na Andaluzia, no centro da península e na Catalunha.

Aqui a cerâmica permite até a sua sub-divisão em duas regiões: uma ao norte com decoração em relevo (Castela Velha, Aragão e Catalunha), outra ao sul com predomínio da cerâmica incisa (Castela Nova, Estremadura, Andaluzia)

Portug. – Em Port. o espolio das grutas não se distingue tão nitidamente.

Classificação das nossas grutas

a) Neolítico puro:

Material de pedra e sílex muito simples (machados pedra comuns, facas vulgares).

- Não aparecem setas de formas desenvolvidas e retocadas

- Cerâmica à mão e tosca, mas com variedade de ornamentação, mas em que existe sempre um cordão de barro em relevo com compressões digitais ou incisões.

⁶⁸ (1) Manuel Heleno, Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)

Dividem-se em naturais e artificiais.

- Das primeiras há citar Furninha (paleol.), Cesareda, as de Alcobaça, Rio Maior, Furadoiro, Gruta da Galinha (Alcanena, imp.), Rio Maior, Cascaes

Artificiais – a) Palmela – Exploradas 1º por Carlos Ribeiro, depois por Marques da Costa. Estudadas por Belchior da Cruz e Marques da Costa.

b) Carenque – Descobertas e estudadas por mim

c) Alapraia – A 1ª conhecida há m.ºs anos; a 2ª explorada por A. Paço e Jalhay. Art.ºs na Broteria.

d) Ermejeira (Torres Vedras)

e) Quinta das Lapas (mixtas)

- Em algumas grutas de Hesp. apareceram braceletes, um diadema de ouro, vestidos, bolsas e calçado de esparto (Murciélagos) o que prova a proximidade destas estações do calcolítico.

Portugal – Gimpera afirma que a este período pertencem algumas grutas portuguesas de Alcobaça.

b) Eneolítico inicial:

Cerâmica do tipo anterior, mas mais rica em motivos.

- Material de sílex m.^{to} perfeito, parecido com o dos megalitos do mesmo período (Pontas em evolução para as com espigão alongado ou grande concavidade na base)
- Em Hespanha há grutas com braceletes de pectunculos, uma com um punção de cobre, algumas com vasos grandes de pança esférica e colo cilíndrico e decorações de cordões em relevo ou finamente incisas (tipo relacionado com os povoados de Almeria)

Port. – Em Port. pertencem a este período algumas grutas de Alcobaça (eneol. Inicial fase B, segundo M. Correia)

c) Pleno eneolítico

Abundância de cobre, do mesmo tipo que os megalitos.

Sílex bem talhado e retocado. Botões e placas de osso com perfuração em forma de V.

Port. – Existem as seguintes:

Grutas artificiais de Palmela (quicá imitações de dolmens de cúpula), naturais de Cascais, Cesareda, Furninha, Carvalhal, Furadoiro, as de Rotura e algumas de Alcobaça com fig. (ídolos) de osso.

Vaso campani. Nas grutas do Furadoiro e da Rotura e nas artificiais de Palmela cerâmica de Ciempozuelos, Madrid

d) Epoca do bronze

Cerâmica argarica, da época do bronze. Por enquanto conhece-se desta fase apenas a gruta de Santa Cruz de Olorde (Barcelona)

Incisões da cerâmica port.: No neol. inicial inf. da Estremadura, hesp.; no pleno da cul. central

Povoados

Bibl.

- Carlos Ribeiro, Estudos prehistoricos em Portugal, I (Liceia)
- V. Correia, Lisboa prehistorica: A estação neol. dos Sete moinhos; A estação neol. de Vila Pouca (Monsanto); A estação neol. da cerca dos Jeronimos
- A. Marques da Costa, Estações prehistoricas dos Arredores de Setubal (Rotura, Chibanes e outros povoados)
- F. Alves Pereira, Estação arch. de Assenta (Obidos), Arch. XIX, p. 135
- Povoados menos importantes em Estacio, Santos Rocha, Arch. (nota 1 da página 113)⁶⁹, Portug.

----- *

⁶⁹ (1) Art.º do D.º Leite, tom. I, p.3

Os povoados neolíticos fortificados no alto dos montes são chamados em Portugal castros, castelos, cidades, crastelos, cercas, crestinas, castelinhos, citanias, cidadelhas, castelejos etc (nota 2 da página 113)⁷⁰

- Na maioria da época do ferro [????] contudo do neo-calcolítico, com material análogo ao dos megalitos e grutas.

Os castros podem ser distribuídos:

a) Neolítico puro (final)

- Cabanas feitas com estacas.
- Paredes na defeza exterior do castro, de pedra e técnica primitiva.
- Material parecido com o do Neol. final.
- Em El Garcel (Almeria) apareceu ídolos de vaga forma humana.

Port. – Castro de Liceia (Barcarena) e outros, castro das Bocas (R.M.)

b) Eneolítico inicial – Castelo de Pavia?

Casas mais perfeitas; substituição das cabanas de madeira, por construções de pedra, de aparelho tosco e irregular.

- Espolios como nas antas portuguesas, podendo por estes distinguir uma fase A e uma B (pontas bem trabalhadas, cobre).

Port. – Não se encontraram ainda castros deste período, mas da sua existência não há que duvidar, pois hão-de ser o traço de ligação entre os antecedentes e os do

c) Eneolítico pleno – Cavaleiro?

Desta fase existem em Portugal e província de Almeria.

- Em Portugal nos castros de Chibanes e Rotura (Setubal) e no Outeiro de Assenta (Obidos).
- O material é idêntico ao das grutas contemporâneas, em especial ao das grutas de Palmela.
- Não falta o vaso campaniforme. Nos povoados de Almeria espólios avançados, alguns sincrónicos dos túmulos de cúpula (Bronze I) e com analogia com as indústrias de Portugal.
- Aqui importantes construções: fortes de defesa, canalizações etc.
- Pedra bem polida, sílex bem retocado, objectos de cobre evolucionados: Machados, serras, escopros etc.

Perolas de pedra, osso e âmbar

- Objectos de marfim; ídolos-falanges
 - Vasos feitos à mão, decoração incisa de sois, olhos, ídolos, cervídeos estilizados.
- (nota 1 da página 115)⁷¹ – Vasos campaniformes
- Abrigo das Bocas (nota 2 da página 115)⁷²

⁷⁰ (2) Aglomerados humanos

- a) Chãos de Cabana
- b) Castros
- c) Oficinas (Carenque)
- d) povoações

⁷¹ (1) Esta cerâmica, com sílices trapezoidais, teria vindo do Norte de África e resultado duma nova penetração africana.

⁷² (2) a) Abrigo das Bocas

b) Abrigo da Carrasca, freg. de Matações (ídolo do D.º Belo)

c) Abrigo de Vale de Oiro ou Vale Caloiro (Montejunto) com 22 crânios

d) Abrigo da Pena dos Picotos (Amoreira), Arch. XIV, 317

Outros sepulcros

A variedade de sepulcros não megalíticos é grande no neo-eneolítico. Assim

a) No neolítico puro há

1º Sepulcros em que se aproveitam fundas de rochas

2º Sepulcros em fossas com ou sem revestimento de pedras (necrópole de Las Pilas de S.^{ta} Coma etc.

Espolios.

Machados correntes, facas de sílex e cerâmica tosca. Nalguns braceletes de pectunculos e colares de moluscos.

b) No eneolítico inicial há

1) Buracos redondos revestidos com pedras;

2) Uma espécie de cistas com os ângulos arredondados;

3) Grandes túmulos de pedras assentes sobre enterramentos no solo sem fossa na pedra a revesti-los (Albacete)

4) Fossas cavadas no solo em cujo fundo se inhumam os cadáveres, às vezes com pedras verticais em forma de estela, noutras semelhantes a cistas (Catalunha).

Espolio: Machados de fibrolite, facas bem talhadas, cerâmica sem decoração à mão, pérolas de pedra verde.

c) No eneolítico pleno há

1) Fossos com vários cadáveres

2) Aproveitando uma greta na rocha

3) Hojos tapados com pedras

4) Fossas cavadas no solo (Ciempozuelos) – Estação importantíssima.

5) Silos de Carmona, com cerâmica campaniforme e cobre.

Portugal.

Em Portugal conhecem-se sepulcros desta natureza, como

1. Asseiceira (Santos Rocha, Antiguidades, p. 48, espécie de silo)

2. Necropole da Torre (Bernardo Sá, Explor. Arch. do Alg., Arch. IX, p. 173) – espécie de silo avançado.

3. Abrigo da serra das Picotas – Amoreira (Santos Rocha, Abrigo sob rocha da Serra das Picotas, in Arch. XIV, p. 317)

Classificação destas estações

(ver os espólios de classif. com os dólmenes)

As culturas neo-eneolíticas

Bibl. – Gimpera, Ensayo, p. 20

----- * -----

O estudo sistemático dos espólios neolíticos e calcolíticos peninsulares tem permitido distinguir vários grupos com manifestações culturais características.

Essas culturas são:

a) A ocidental ou megalítica portuguesa, que no pleno Neolítico avança para E. e ocupa parte da província de Salamanca, Estremadura e Huelva;

b) A cultura central ou das grutas que ocupou a meseta, Andalusia, chegando a Aragão e Catalunha.

- Pela sua cerâmica, ornamentada e muito típica, podemos distinguir nela duas regiões:

1ª A do norte (Castela Velha, Aragão, Catalunha) com cerâmica predominante em relevo

2ª A do sul (Estremadura até Andalusia) com predomínio da cerâmica incisa.

- Veremos que foi desta região que saiu em pleno-eneolítico a cultura do vaso campaniforme, acabando com a anterior distinção.

c) Cultura de Almeria ou dos castros

Caracteriza-se por povoados típicos, e sepulcros não megalíticos, em que cedo se desenvolveu a metalurgia do cobre.

De Almeria estende-se a todo o SE. (Almeria, reino de Murcia, província de Alicante) e no eneolítico inicial chega a Malaga, Valencia e sul da Catalunha (Tarragona).

- No pleno-eneolítico introduz-se em Granada e no Baixo-Aragão.

d) Cultura pirenaica

Apezar de constituída por elementos idos das outras culturas ela apresenta contudo certa personalidade.

- Há nela megalitos evolucionados, pontas de seta do tipo de Almeria (de forma romboidal ou com aletas e pendunculo), vasos campaniformes.

- No pleno-eneol. chegou a ocupar a Provença.

Qual a origem destas culturas ?

Os estudos arqueológicos tem mostrado que a arte rupestre post-paleolítica se vai estilizando com o decorrer do tempo.

As ultimas fases de estilização estão relacionadas com achados eneolíticos (pinturas em megalitos, figuras gravadas em vasos campaniformes, punhal de Peña Tu).

As fases anteriores, embora sem data, são intermediárias entre as eneolíticas e as paleolíticas, e a continuação destas.

A sua distribuição encontra-se no território da antiga civilização capsense, de quem derivaram, o qual corresponde ao das cultura dolménica e das grutas.

Conclusão: O povo capsense do paleolítico superior manteve-se na península até ao eneolítico e produziu a cultura das grutas e a dos dolmens.

- A Antropologia comprova a existência duma raça misturada de dolicocefalos e braquicefalos, análoga à de Mugem, excepção do tipo negróide que devia ter desaparecido, não com a vinda de um povo de fora como afirma Mendes Correia, mas sim uma evolução em sentido progressivo.

Qual a origem da cultura de Almeria?

Porque nos aparece já formada, porque a sua expansão partindo da costa do SE se faz quer para a Andalusia, quer Valencia e Catalunha, em direcção oposta á dita costa, porque a antropologia nos ensina que se trata de gentes diferentes, nenhuma outra explicação podemos admitir senão a de que as gentes de Almeria teriam vindo por mar da vizinha costa africana.

- A presença de sílices geométricos nesta cultura é facilmente explicável se nos lembramos que a Africa, donde é originaria, foi um importante foco da cultura capsense.

Formação das culturas neo-eneolíticas

Bosch Gimpera explica do seguinte modo a formação das culturas neo-eneolíticas:

- Estudando a arte capsense paleolítica nota-se que um certo grupo, localizado ao S. da Hespanha (do Sul da Andaluzia até Cadiz e Serra Morena) evoluciona *in situ*.
- Ali se encontra um dos núcleos mais importantes da civilização central que devia ter sido devido as populações autoras das pinturas rupestres.
- Esta cultura avança depois pela costa ao largo da cordilheira ibérica até Catalunha, aonde, a julgar pelas estações de Aguilar e Aceña, devia ter chegado no capsense final.
- No começo do neolítico estende-se para NW e depois pelo sul da França atingindo a Estremadura hespanhola donde passaria a Traz-os-Montes e Beira (Portugal).
- Aqui se teria formado a cultura dolménica, a qual desceria pelo vale do Mondego até à costa e depois pela Estremadura até encontrar os descendentes dos capsenses de Muge.

Pode-se perguntar porque não seria a cultura dolménica criada pelos descendentes do *Homo afer taganus*.

Responderemos que a presença de arte rupestre um tanto naturalista em dolmens da Beira e do Alentejo, a frequência de sinais pintados em todo o grupo primitivo, a não existência de dolmens primitivos no vale do Tejo, o aparecimento de manifestações rupestres na fronteira da Estremadura hespanhola tornam mais crível a hipótese já formulada.

- As relações entre o núcleo português e um da cultura central formado na Estremadura hespanhola por sua vez em relação com as grutas da Andaluzia (Boquique) explicam o aparecimento nas estações portuguesas da cerâmica com motivos incisos que só excepcionalmente figuram na cerâmica das antas (em particular no eneol. inic. de Cabeço dos Moinhos).

- Entretanto formavam-se outros grupos da cultura central, como por ex. o de NE (províncias de Soria e Logroño) em que a cerâmica se apresenta não incisa mas com ornamentos em relevo.

Enquanto se passava isto deviam ter chegado as gentes de Almeria que à custa da cultura central ocuparam por todo o SE, costa valenciana até ao baixo Aragón.

Este contacto é provocado pelo aparecimento de decorações na cerâmica de Almeria tiradas da pintura rupestre (cervídeos, soes, ídolos etc).

A cultura pirenaica

A expansão dos capsenses até à França dividem as populações que no paleolítico superior criaram a civilização cantábrico-pirenaica em dois núcleos:

- a) O núcleo pirenaico W., de tipos mesocefalos, a que o prof. Aranzadi, denominou raça pirenaica ocidental
- b) O núcleo pirenaico catalão, o qual no eneol. avançou para o sul e sobrepoz a sua cultura à das grutas.

- Estes invasores pirenaicos deviam ser em pequeno numero pois em breve se misturaram com as populações capsenses que criaram a cultura das grutas.

- Esta mistura nota-se não só na influencia que na cultura pirenaica exerceu a decoração em relevo da cerâmica, mas ainda nos craneos dos megalitos de Solsona (m.^{tos} braquicefalos)

- deste encontro de culturas resulta o triunfo da das grutas, cujo povo deve ser o principal elemento da etnologia catalã.

Conclusões:

Do que temos dito há que acentuar:

1º A distinção fundamental entre o povo cantábrico e o capsense do paleolítico continua no neolítico.

2º Depois da invasão dos capsenses na França, deixando atrás alguns núcleos azilenses, os povos da península não se moveram até ao fim do neolítico.

3º No fim do neol. aparecem no território capsense três culturas, das quais duas parecem autóctones (grutas e dolmens).

- A das grutas pela Catalunha e Pireneus chega à França.

- No fim do neolítico chega de África um povo que desenvolve a cultura de Almeria. - este estado de coisas manteve-se no eneol. inic., avançando então o povo de Almeria pelo litoral andaluz até Malaga e pela costa E. até à Catalunha.

4º Em pleno eneol. as três culturas atingem o seu maior florescimento, transformando-se metade da central (Andaluzia, Castela Nova) na cultura do vaso campaniforme.

- Neste momento a cultura ocidental avança, ocupa a Extremadura hesp., Salamanca e Huelva.

- Uma influencia mutua se dá entre Portugal e Andaluzia: daqui vai para Portugal o vaso campaniforme, recebendo em compensação a arquitectura dolménica.

- A cultura do vaso campaniforme apaga as diferenças entre o N. e o S. da cultura central, excepto na província de Lerida, aonde se mantem a cerâmica de relevos.

5º Os movimentos destas culturas correspondem a movimentos dos respectivos povos.

6º No pleno eneolítico forma-se no W. dos Pireneus a cultura pirenaica, devida a um povo descendente do que no paleol. superior habitava a região.

Esta cultura avança pelos Pireneus até a Catalunha, aonde se sobrepõe na sua parte mais oriental e na província de Barcelona à anterior cultura das grutas.

- Esta propagação até a Catalunha parece apoiar-se em elementos étnicos afins dos do W. dos Pireneus, continuação dos que no paleol. superior representavam no N. da Catalunha uma cultura análoga à Cantabrica.

Ceramica de Ciempozuelos (cultura do vaso campaniforme)

----- * -----

A expressão "cultura do vaso campaniforme" se não é perfeita, nem precisa, tem contudo a seu favor a tradição e o consenso internacional.

- Só raras vezes se lhe dá o nome de cultura da cerâmica de Palmela ou Ciempozuelos.

- Esta cultura embora complexa, embora constituída por variado material, tem como espécie-tipo o vaso campaniforme acompanhado de outras variedades de cerâmica mais modestas, mas não isentas de personalidade.

- Grande interesse tem despertado a cultura citada, o que se justifica não só pela sua riqueza e brilho, mas ainda seu grande poder expansivo, tão grande que saindo da

sua origem atravessa outros círculos de cultura influe em países distantes, podendo afirmar-se que toda a Europa excepto a oriental foi por ela influenciada.

- Não admira portanto que o problema da sua origem tenha apaixonado os arqueólogos e que numerosos trabalhos se tenham publicado sobre o assunto. Entre estes citaremos o ultimo: La cultura del vaso campaniforme de Alberto del Castillo Yurrita, 1928.

Opiniões sobre esta cultura

Muitos são os arqueólogos que teem estudado o problema do vaso campaniforme, talvez mais este, que o da sua cultura.

Autores – Entre estes devemos citar Montelius, Much, Sophus Müller, Flinders Petrie, Déchelette, Colini, Mosso, Hoernes e sobretudo Schmidt, Aberg e Bosch Gimpera.

Opiniões – As suas opiniões nem sempre são concordes. Assim para Montelius o vaso campaniforme é de origem oriental.

- Do Egipto e Asia Menor seguem dois caminhos: um – Sicilia, Iberia, França, Ingl., Alemanha; outro: Mar Adriatico, Balcans, Moravia, Alemanha central etc.

Sophus Müller deu-lhe uma origem meridional, Much uma origem setentrional, Reineche uma origem europeia, Flinders Petrie uma origem egípcia, Déchelette apoia-se em O. Montelius, os arqueólogos italianos não apresentam uma solução satisfatória para o problema.

Sem justificação Palliardi formula a hipótese de dois grupos de vasos campaniformes: um setentrional saído da Península ibérica, outro meridional partindo da Boemia para Silesia, Elba etc. Foi H. Schmidt que encaminhou o problema para a sua fase decisiva e focou, nos seus Estudios acerca de la Edad de los metales en España, questão satisfatoriamente.

- Para ele o vaso campaniforme não é de origem egípcia, nem do norte da Europa, mas sim da Península Iberica, donde se estendeu pela maior parte da Europa.

Faltou a Schmidt dizer o caminho seguido por esta cultura e qual a sua área de distribuição.

- Sem embargo ele tinha dado um grande passo para resolver o problema.

- Gimpera – outro passo foi dado por Bosch Gimpera com a classificação do material neolítico e eneolítico, com o seu estudo sistemático e científico, com a delimitação dos círculos de cultura peninsulares e das suas relações com os outros países.

- Pude Gimpera assim indicar já em 1920 as bacias do Tejo e Guadalquivir como possíveis pátrias da cerâmica campaniforme e pouco depois na Prehistoria catalana a parte sul da cultura das grutas.

- Em 1922 demonstrava Alberto del Castillo duma maneira concreta a tese de Bosch Gimpera.

Em 1922 o arqueólogo sueco Nils Aberg no já cit. livro La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique, confirma a origem peninsular da referida cerâmica e procura mostrar os seus caminhos de expansão.

- Da península para o meio-dia da França até a Italia do N.

- De Portugal pelo Atlantico para a Bretanha; pelo Rodano ou Italia para a Alemanha.

- Talvez Nils Aberg exagere quando estende a influencia da cultura do vaso campaniforme até a Russia e Filandia.

- Ultimamente Bosch Gimpera publicou um valiosíssimo estudo de conjunto, baseado na topografia na técnica e na cronologia.

- Nele localiza a origem da dita cerâmica que julga do círculo inferior da cultura das grutas, estuda os diferentes grupos culturais da península referente ao vaso campaniforme, assinalando os seguintes:

1º Grupo de Andalusia e Castela

2º Grupo de Portugal

3º Grupo de Almeria

4º Grupo de Salamó (prov. de Tarragona)

5º Grupo da cultura pirenaica e outras com ela relacionados (Galiza e cultura pirenaica Vasco-catalã).

Fora da península assinala os seguintes:

- 1º Grupo da cultura pirenaica do S. da França

- 2º Grupo bretão

- 3º Grupo do Reno com ramificações para Westfalia e Wurtemberg e por outro lado para Holanda e Inglaterra

- 4º Grupo do território do Saab e regiões limítrofes

- 5º Grupo de Boemia e Moravia com os afins da Baviera, Silesia, Baixa Austria e Hungria;

- 6º Grupos do Mediterraneo Ocidental (Baleares, Sardenha, Sicilia, Italia)

Caminhos

Da origem passou, segundo este A., ao centro da península e daqui

A) Para Portugal que o levou À Bretanha (este podia também ir do S. da França)

B) Para Almeria, bifurcando-se daqui em duas direcções

1ª Para N., França do sul, (Bretanha?), Vale do Rodano, Reno, Holanda, Inglaterra.

- Do Reno estendeu-se à Alemanha Central, até à Hungria.

- A sua duração no Reno foi longa havendo aqui duas classes de vasos campaniformes, e tendo-se misturado com a cerâmica de cordas e assim passado a Inglaterra e Holanda.

Cronologia: Excepção de alguns vasos tardios do Reno e Inglaterra que datam dos princípios do bronze todos os outros pertencem ao eneolítico.

- Contrariamente a Aberg, Gimpera tem falta de elasticidade. O problema não é tão simples como ele o faz.

Precedentes do vaso campaniforme na Península

Já dissemos que a cultura do vaso campaniforme tem a sua origem no sub-círculo inferior da cultura das grutas, numa região que se pode localizar no vale do Guadalquivir.

- Como se chegou a essa conclusão:

Demonstração:

Se estudarmos as quatro culturas que no neo-eneolítico se desenvolvem na península verificamos que só na das grutas encontramos precedentes na decoração e forma do vaso campaniforme.

Com efeito a cerâmica típica de Almeria e de Portugal é lisa, sem decoração. A cultura pirenaica não tem cerâmica própria.

A da cultura central ao contrario sofre a pobreza lítica e de objectos de adorno com uma decoração de cerâmica m.^{to} rica, que no neol. é sobretudo constituída na metade sul por incisões, na metade norte por relevos.

Na ornamentação incisa da nossa cerâmica de Cabeço dos Moinhos (anta), Varzea do Lirio (Fig.^{ra}) e grutas antigas de Alcobaca devemos ver relações de Portugal com a vizinha região de Extremadura e Segovia, relações que se vão estreitando cada vez mais até ao pleno-eneolítico.

Origem do vaso:

Já dissemos que se caracteriza pela forma e ornamentação incisa.

Neolítico – Ora logo na primeira fase do circulo das grutas aparece essa ornamentação, a par da em relevo, feita com punção ou com a unha na superfície fresca do vaso, mas ainda sem formar motivos decorativos embora com tendência para isso, como se observa na gruta de Murciélagos etc.

Eneolítico Inicial – Desaparece quasi no sul o relevo embora predomine no N.

- Os ornamentos formam verdadeiros motivos decorativos, constituídos por linhas rectas, paralelas, zig-zag, triângulos, linhas paralelas triangulares cheias de outras em sentido obliquo, linhas ondeadas, motivos em forma de folha de acácia etc.

- Ora estes motivos são os do vaso campaniforme.

Técnica decorativa. A técnica decorativa emprega a linha seguida e o ponto.

- A primeira executa-se fazendo girar o punção sem o levantar, a segunda levantando-o sucessivamente.

- Há ainda uma terceira técnica chamada de Boquique (gruta) que consiste em enterar sucessivamente o punção ao traçar a linha de modo a formar um sulco não liso.

- Ora a decoração do vaso campaniforme emprega também duas técnicas: a linha seguida e o pontilhado.

- Esta faz-se com uma roda dentada ficando com o aspecto duma técnica de Boquique mais fina, mais aperfeiçoada.

- Não se pode porem dizer que o pontilhado com roda tivesse a técnica de Boquique como precedente.

- Parece antes que aquela foi criada na Andalusia especializada cedo na ornamentação incisa.

- A ornamentação da cerâmica incisa aparece cheia por vezes duma pasta branca.

- Alberto Castillo atribue esse facto à natureza dos terrenos.

Forma – A forma característica é a de uma campanola.

Pois bem. Na cerâmica das grutas do centro a forma que se observa é a de casquete esférico, vaso de fundo convexo e corpo cilíndrico, que são os mais frequentes na cultura que estudamos.

Conclusão – Vê-se que a decoração, técnica e forma do vaso C. tem os antecedentes na cultura das grutas.

- Já o mesmo se não pode dizer dos objectos que acompanham esta cerâmica.

- Acrescentaremos que não tem razão de ser a derivação que alguns pretenderam fazer do vaso campaniforme da cerâmica do N. de Africa.

A cultura do vaso campaniforme

Na península ibérica a cultura do vaso campaniforme forma uma serie de grupos distintos, embora relacionados entre si, que são:

- 1º Grupo de Andalusia ou do Guadalquivir;
- 2º Grupo da Meseta inferior ou Toledano;
- 3º Grupo da Meseta superior;
- 4º Grupo do Sistema ibérico-central;
- 5º Grupo de Portugal e da costa ocidental;
- 6º Grupo de Almeria ou da costa levantina;
- 7º Grupo de Catalunha Nova ou de Salamó;
- 8º Grupo Pirenaico
- 9º Grupo da Galisa.

Com unidade dentro da variedade dos grupos ela não se encontra adstrita a quaisquer tipos de estações, antes se encontra em todos.

Grupo de Andalusia ou do Guadalquivir

É o mais rico e o mais relacionado com Portugal.

- A estação típica é Carmona explorada por Bonsor.

Aparece localisada no vale do Guadalquivir e a sua cerâmica apresenta elementos relacionados com a cultura local anterior, mas há também estranhos a este território, como a cerâmica lisa megalítica, os ídolos e as placas perfuradas e o cobre em objectos já evolucionados, como por exemplo o punhal de folha larga e lingueta pronunciada (tipo Ciempozuelos) companheiro do vaso campaniforme, e [????] dólmen evolucionados etc.

A cerâmica incisa é aqui muito abundante:

Em Carmona apareceu as três formas clássicas: vaso campaniforme, cazuela e cuenco.

Os vasos são de dois tipos: perfeito, de perfil fortemente ondulado (pança semi-esférica e pescoço saliente), e de paredes mais verticais

- O perfeito ainda pode ter perfil suave (colo ondulado) ou duro (colo cónico)

- A cazuela é de dois tipos:

- 1º de pança curta
- 2º de pança grande, mais ou menos esférica.

O cuenco é de dois tipos:

- 1º Casquete esférico de perfil semi-circular
- 2º Casquete de perfil mais ou menos cónico.

Técnica – A decoração fazia-se por:

- a) Linhas lisas continuas (punção)
- b) Pontilhado (rodasita dentada)

Motivos:

Da primeira técnica:

Linhas lisas, zigzag, linhas lisas regando zig-zags, linhas cruzadas enchendo paralelas

Da segunda técnica:

Linhas de pontilhado

Linhas regando zig-zags

Zig-Zags

Rombos, casas de damas, zig-zags com pontos nas margens, linhas paralelas com outras transversais em pontilhado.

- Em geral alternam zonas lisas com incisões.

Excepção desta cerâmica deve a cultura do vaso campaniforme uma grande parte dos seus elementos ao círculo dos megalitos portugueses, o que não deve causar admiração dada a facilidade de comunicações por intermédio da Estremadura hespanhola e Alentejo.

- O cobre deve ser a chave dessas relações e ele existia sobretudo em rio Tinto, na província de Huelva, isto é, a dentro da civil. das antas.

~~- O cobre não se pode explicar no vale do Guadalquivir. Ele devia ter seu início talvez no sul de Portugal, cujas criptas impôs-se depois no pleno-neol. na Andalusia.~~

Relações com o exterior – Como chegariam à península o marfim e outros productos africanos?

- É possível que devido ao povo de navegadores do W., já com relações marítimas com a Bretanha e quiçá com o N. de Africa.

- Não podemos atribuir essa introdução a civilização de Almeria, porque a influencia se exerce de W. para E.

- Ao povo guerreiro desta cultura se deve o conhecimento do metal.

Grupo da meseta inferior ou toledano

Menos rico. Localização no vale do Tejo central e afluentes.

- Estação típica: Ciempozuelos.

O grupo da Meseta inferior caracteriza-se:

- a) Pela diminuição da ornamentação pontilhada
- b) Pelo emprego em ricas combinações da linha lisa
- c) Pela existência do vaso, cazuela baixa, casquete esférico
- d) Pelos seus tipos rústicos.

Este grupo podia ter tido relações com a região do baixo Tejo.

Dele derivam o da Meseta superior e do sistema Iberico Central, mais pobres, mais extremos, mais degenerados.

Grupo de Portugal ou da costa ocidental

Em Portugal apresenta-se a cultura que estamos estudando com grande riqueza. A sua distribuição abrange a costa do centro litoral e a Estremadura portuguesa, e entre as estações em que aparece devemos citar as seguintes:

- a) Grutas de Palmela (artificiais), com punhais-alabardas de cobre, ídolos, pontas de base concava ou espigão incipiente e cerâmica sem decoração e do tipo campaniforme (tipo de Palmela).

Forma – Cazuelas altas, cuencos.

Técnica – pontilhado e linha continua.

Motivos: linhas contínuas, paralelas com incisões, de pontos, linhas cruzadas, zig-zags, ângulos, quadrados de damas, um cervideo gravado.

- b) Monge (Cintra) – não difere.

- c) Cascais (grutas) – Técnica e motivos da de Palmela.

d) Furadoiro (Montejunto).

Técnica: pontilhado.

Motivos: linhas continuas, paralelas, com incisões, zigzags com incisões, linhas de pontilhado, linhas cruzadas, triângulos, rombos.

e) Furninha (Peniche)

Forma: Vasos de forma diferente: quasi cilíndricos com pescoço estreito. Asas.

Técnica – pontilhado e linha lisa

Motivos – Linhas paralelas cheias de outras mais ou menos oblíquas. Zigzags.

f) Casa da Moura (Cesareda)

Pontilhado.

Linhas ondeadas

e) Castro da Rotura (Setubal)

Um punhal de cobre.

Cerâmica campaniforme de perfil duro, semelhante as cazuelas altas de Palmela.

Técnica – Pontilhado e linhas lisas.

Motivos – Novas paralelas cheias de outras oblíquas ou de outras cruzadas, linhas paralelas cheias de outras verticais, triângulos, zig-zags, rombos

- A par cerâmica do tipo eneol. inicial.

f) Castro de Chibannes (Setubal)

Punhais de folha triangular e espigão.

Técnica – Linhas continuas.

Motivos – Cintas em zig-zags cheias de linhas oblíquas.

- Há também cerâmica do eneol. inicial.

g) Outeiro de S. Mamede

Técnica: pontilhados e linha lisa

i) Pragança

Punhais de cobre.

A técnica e motivos do antecedente

j) Serra das Mutelas (Torres Vedras)

- Vasos de perfil doce degenerado.

- Técnica: linhas lisas.

l) S. Martinho (Sintra)

Alabardas (Vid) – Em cobre punhais triangulares

- Técnica: pontilhado e linha lisa.

Motivos: [????] cheios de linhas oblíquas, triângulos, zig-zags.

m) Seixo (Avis) – Sepulcro de corredor.

Pontilhado.

Linhas formando com pontilhado, paralelas etc.

Conclusões

Muito rico o material, no qual se encontram as folhas de punhal e alabardas que Schmidt demonstrou terem dado origem à alabarda de cobre e bronze posterior, e as pontas-punhais de forma das que acompanham o vaso campaniforme.

- Grande quantidade de cobre o que prova relações com os centros produtores.

- Vasos campaniformes com a forma de perfil suave da Andalusia, mas com tendência para o achatamento.
- Motivos variados, predomínio da técnica pontilhada.
- A ornamentação do vaso emprega-se nos ídolos e objectos de culto.
- Como na Extrem. hesp. cerâmica do tipo eneol. inicial a par da campaniforme.
- Cronolog. – Pertence em Portugal ao eneol. pleno A (época de Palmela), sendo a B (época de Alcalar) dos sepulcros de cúpula.

Origem – Esta cultura não só é indígena: prova-se o pouco desenvolvimento da cerâmica incisa no eneol. inicial.

- É aparentada com a de Guadalquivir, devendo o cobre ser o laço de ligação dessas culturas.

- Pelos portugueses, já navegadores, ela seria com os dolmens levada à Bretanha e daí trariam o âmbar e outros produtos setentrionais.

A cultura do vaso campaniforme deve porem muito a Portugal: grande parte dos tipos de metal (alabarda e punhal de espigão) alguns de origem indígena, objectos de culto, navegação, novos costumes funerários antas etc.

- O nucleo português tinha relações com a Africa: o marfim podia ser introduzido pelos navegadores ocidentais

- Com Almeria parece ter tido Portugal relações só na época de Alcalar (pontas de seta dos tipos port. em los Millares)

Grupo de Almeria

O grupo de Almeria abrange o SE. de Hespanha e a costa do reino de Valencia.

Estações: A mais característica é a de Los Millares, povoado fortificado aonde apareceu abundância de material, ídolos de forma humana, placas de piçarra aparentadas com as portuguesas, mas menos ricas, facas, alabardas e punhais de tipo português, falanges-ídolos etc.

A cerâmica é de duas classes:

- a) Com sus e cervídeos: perfil duro, predomínio do pontilhado.
- b) Pintada a roxo, verde e azul

De cobre: pontas de seta com espigão alongado (tipo portug.), punhais idênticos etc.

Relações – Pelo material se demonstra as relações culturais de Almeria com o grupo do Guadalquivir e por intermédio deste com Portugal (megalitos, ídolos, etc).

- Em compensação Almeria deu a estes grupos o conhecimento do cobre, que ali se trabalhava desde o neolítico final, como o provam as escorias encontradas em alguns povoados, e que talvez fosse descoberto por esse povo.

Em Almeria se segue a tipologia de m.^{tos} objectos desde o neol. final ao pleno eneol.

Ha porem novas criações com a chegada o cobre a Portugal, como por ex. os punhais de que já falamos e que se encontram na Europa associados ao vaso campaniforme.

- As relações directas de Almeria com Portugal não são tão claras.

- Bosch Gimpera crê que na época de Alcalar Portugal estivesse em relações por mar com Almeria, o que explicaria a existência dos sepulcros de cúpula com setas do tipo

português (base concava) Vid. Bosch G., *Investigacion e Progreso*, 1927, p.49 (nota 1 da página 140)⁷³

Quais as relações de Almeria com Africa?

- Conquanto esta civilização pareça ter tido sua origem no círculo do Sara donde passou a Tunísia e daqui à Península parece contudo ter perdido o contacto com a origem e recebido certos produtos africanos (ovos de avestruz, marfim) de oeste por intermédio da Andalusia.

- De Almeria a cultura do vaso campaniforme avança pela costa norte passa à Sardenha etc.

- Ela forma na Catalunha um novo grupo conhecido pelo nome de Salamó e mais adiante o grupo Pirenaico que poderemos subdividir em dois sub-grupos: o oriental catalão e o ocidental ou Vasco e cujo carácter megalítico lhe parece dar uma origem remota portuguesa a que se sobrepoz a influencia de Almeria.

- Um grupo de origem duvidosa é o da Galiza.

Embora os seus megalitos sejam de origem portuguesa e façam a ligação com a zona megalítica cantábrica e pirenaica não se pode dizer porém, apesar de certas semelhanças, que os vasos campaniformes tinham a mesma origem, pois eles encontram-se relacionados com os pirenaicos, em especial com os vascos.

O problema é de difícil solução. Também os vasos galegos se relacionam muito com os da Bretanha.

----- *

Grupos directamente derivados dos da península

Directamente relacionados com a península estão os seguintes grupos:

- a) Do sul da França;
- b) Da Bretanha;
- c) Das ilhas do Medit. Ocidental (Sardenha e Baleares)
- d) Da Sicília,
- e) Do litoral toscano
- f) Do norte da Itália.

Sul da França. Estende-se das cercanias de Lourdes até a Alta Salesia e é uma derivação natural do grupo pirenaico peninsular. Megalitos.

Grupo Bretão. É como o anterior um grupo megalítico e está relacionado com o grupo de Portugal, ou com o sul da França.

- A favor da origem francesa temos a menor distancia, a tecnica de corda na cerâmica, as flechas com pedúnculo, ao passo que o tipo port. é concavo.

- A favor da portuguesa há certos tipos comuns, formas que se repetem exactamente na Bretanha e que não saíram dos Pireneus.

- Os vasos da Galiza num Museu bretão não se distinguiriam dos da região.

⁷³ (1) Bronze I

Alcalar, Castro Marim (argarica inicial e ulteriores)

Bronze II

Cistas de Mombeja e S. Tiago do Cacem.

Há origem portug. Pode-se ainda documentar com os vasos lisos de perfil duro, típicos dos nossos dolmens.

- As pedras gravadas dos megalitos falam também de Portug.
- Nem o argumento da distancia é para atender porque as comunicações por via marítima, aproveitando as correntes são mais fáceis que por terra.
- Portanto devemos considerar os nossos antepassados os iniciadores das viagens para o N. que tão notáveis se tornaram na época do bronze.

Grupo da Sardenha – Deriva directamente do de Almeria e transforma-se num foco de difusão. Daqui passa à Sicilia e ao litoral toscano e ainda ao norte da Italia.

Grupos derivados indirectamente

A cultura do vaso campaniforme aparece no centro da Europa formando os seguintes grupos:

- 1º Grupo do Danubio superior
- 2º Grupo da Boémia e Moravia
- 3º Grupo da Austria
- 4º Grupo da Hungria
- 5º Grupo da Silesia e da Saxonia
- 6º Grupo da Saxonia e Turingia
- 7º Grupo do Reno
- 8º Grupo da Holanda e mar do N.^{te}
- 9º Grupo da Grã-Bretanha e Irlanda

Estes grupos derivam indirectamente da Peninsula e a sua filiação não é clara.

- O grupo da Europa oriental, com o centro na Boemia e Moravia, o extremo oriental na Hungria e o setentrional na Silesia, parece ter a sua origem na Alta Italia, para onde passaria pelo Ada e Adige.

- Esta cultura introduz o cobre e os punhais de tipo Ciempozuelos ou melhor português.

- O grupo do Reno parece derivar do sul da França, seguindo o Rodano-Reno, através a cultura palafítica.

- Do Reno central passaria ao baixo Reno (Holanda) e à Inglaterra e Irlanda que talvez sofresse influencias da Bretanha.

Razões desta expansão

Para os grupos derivados da Peninsula directamente não se deve explicar por um movimento etnico, mas sim uma difusão cultural provocada pela procura e emprego do cobre.

- Nos grupos derivados indirectamente há porem por vezes uma difusão provocada por movimentos étnicos (Boemia e Moravia, grupo do Reno).

Cultura Argarica

A cultura de Los Millares (Almeria) e bem assim a dolménica portuguesa não terminam com o eneolítico (até 2.500 a.C.) mas perduram até aos princípios da Idade do Bronze (Br. I 2.500 a 2.000).

É preciso retardar o aparecimento da cultura argarica inicial para poder explicar a intercalação entre esta e o vaso campaniforme uma extensão da cultura de Alcalar que destruiu a do vaso campaniforme e levou à Andalusia os sepulcros de cúpula de tipo português (Matarrubilla, Carmona etc.).

Não há que estranhar tal movimento porque já no eneol. a dita cultura portuguesa avançava pelas províncias de Huelva e Estremadura, penetrando na de Cordova.

Temos pois em Portugal:

Bronze I (1ª metade) – Estação de Alcalar, necropole de Vila-Nova de Mil Fontes e Odemira, cistas de Ancora, Quinta de Agua Branca – Prolongamento pelo bronze da cultura neo-eneolítica.

- O mobiliário das criptas alcalarenses [Serra de Mutelas (Torres Vedras)], Monge, S. Martinho de Sintra, de Marcela e Torre de Frades (Algarve) é de objectos eneol. típicos e m.^{tos} de cobre.

Cistas – As cistas representarão por ventura uma fase já mais adiantada que os dolmens de cúpula e os seus espólios não são mais variados.

- A par do cobre aparece o bronze.

- A esta segunda fase do Bronze I devemos reportar a estação de Agua Branca (S.^{ta} Maria de Sobelhe) que forneceu um punhal ou espada curta de cobre, um diadema de ouro etc, e a cista de Mau Dinheiro (Algarve) com pérolas de calaite e com vaso sem ornatos.

Bronze II – Depois deste episódio português na Andalusia dá-se a substituição da cultura eneolítica pela incipiente de El Argar, que em Portugal tem o seu grau inicial nas cistas de Castro Marim e um pleno desenvolvimento nas cistas de Mombeja, S. Tiago de Cacem, objectos de ouro de Evora, Penela e Sintra.

Origem – A cultura argarica tem o seu centro no S.E. de Peninsula, sendo El Argar a estação típica.

Caracteres – Caracteriza-se por se apresentar em povoados parecidos com os eneolíticos e por tumulos de inumação de forma quadrangular ou urnas com os cadáveres dobrados.

- Conhecia-se também a incineração apresentando-se as cinzas em vasos enterrados.

- Estes túmulos, explorados por Siret, são ricos em cerâmica, armas, utensílios e jóias.

Cerâmica – A cerâmica de cor pardusca, faces lisas, polidas sem ornamentos (às vezes zig-zags) tem em geral a forma de calote esférica, de vaso de paredes cónicas e fundo convexo etc (ver formas em Aberg, pag. 160, Fig. 213).

- Há vasos que recordam os dos nossos dolmens.

Indústria – Decae o uso da pedra e do sílex que só raramente aparecem (dentes de serra), mas há abundância de placas de schisto com furos nas extremidades (braçadeiras?)

Metal – Multiplicam-se os objectos de cobre e começam a usar-se os de bronze: vulgares os machados chatos gume semi-lunar, escopros, punhais triangulares, punções, pontas de flexa, alabardas [uma do Serro do Castelo em Antig. do Alg. IV, pl. X, duas em Belem e uma em Lisboa (Comissão Geol), espadas, braceletes, anéis, diademas de prata etc.

Difusão – Esta cultura difundiu-se pelo NE. e S. da Hespanha e pelo nosso Algarve, aonde se encontra em cistas em Castro Marim e Vila Real de S.^{to} Antonio e em urnas a SO. em Odiáxere, Alcaria, Vale da Lama etc.

Origem – Siret considera-a uma consequência da vinda de novos povos que seriam os Celtas.

- Schmidt, Gimpera e Alberg consideram-nas uma continuação ininterrupta [????], neo-eneolíticos.

Resumo das relações das culturas peninsulares com as da Europa

a) Com a França:

No princípio do neolítico estava a França do N. e Centro ocupada pelo campinhiense, oriundo segundo Aberg da região do Báltico (Capitan considera-o derivado do paleo.)

Os capsenses da Iberia que no epi-paleol. levaram a França a indústria tardenoisense ter-se-hiam fundido com este povo, o que é confirmado pela mescla de raças da população posterior.

No eneolítico este estado modifica-se: Aparece-nos ao S., na região pirenaica e Provença, a substituir machados do neol. avançado do tipo peninsular (cabeça ponteaguda, pouco polidos, materiais correntes) e grutas do tipo da cultura central, de cerâmica em relevos, uma cultura megalítica, extensão da pirenaica hespanhola que por sua vez o é da portuguesa.

- Documenta-se esta afirmação com os tipos de sepulcros (galerias cobertas e cistas) e com os principais objectos de sílex (sobretudo pontas de flexa) que têm os protótipos na península e se não podem explicar em França.

- Esta cultura do S. da França transmite-se à região do Sena-Oise-Marne (galerias cobertas), donde segundo alguns escritores, com já dissemos, se teria propagado à Bretanha (são prováveis antes relações marítimas).

Contudo a falta do vaso campaniforme na cultura do Sena-Oise-Marne e a sua existência na Bretanha obriga-nos a admitir relações com o sul da França pela costa ocidental, se as notáveis semelhanças do dito vaso com o da Galiza e W. nos não levassem a admitir contactos pelo mar entre as culturas portuguesa e bretão.

Estas relações da França com a península explicam-se não esquecendo que as gentes epipaleolíticas capsenses se fixaram no sul da França, antendo relações com a península.

- Mais tarde uma possível invasão de pirenaicos levaria os dolmens, mas trata-se dum povo da mesma composição étnica (capsense).

b) Com o Reno

Já tratamos deste assunto ao expor a expansão da cultura do vaso campaniforme.

- Graças ao movimento dos povos capsenses no epipaleolítico, que introduziu até ao centro da Europa elementos étnicos aparentados com os da península ibérica, graças aos movimentos de povos e culturas do eneolítico que fizeram inter-penetrar-se os diferentes grupos das civilizações do W. da Europa, podemos notar no Ocidente como que uma cultura com traços gerais comuns.

c) Com o Mediterraneo W.

Unidade da cultura capsense observava-se também no Mediterraneo W.

Ela teria produzido na Itália a cultura de fundos de cabanas e grutas idêntica à do Sul da França e Hespanha.

- Nas ilhas a evolução far-se-hia com carácter local.

No pleno eneolítico uma cultura aparentada com a de Almeria se estende pelas ilhas (Sardenha, Sicília).

Raças – O estudo dos restos osteológicos encontrados no nosso paiz leva-nos a admitir na composição da população neo-eneol. do território português os seguintes elementos:

- a) Os tipos de Mugem (H. taganus) que a pouco e pouco foram evoluindo,
- b) Outros capsenses de leste que trariam a arte estilizada

d) O tipo dolicocefalo de Baumes-Chaudes.

Este tipo dolicocefalo, que é o predominante, ou teria, como quer Mendes Correia, vindo pelos Pireneus, o que representaria uma descontinuidade antropológica, ou teria sido, como pretende Gimpera, uma evolução *in situ* no sentido progressivo, dos capsenses de Mugem, que teria dado origem ao tipo de Baumes-Chaudes, tronco da raça mediterranea (dolicocefala, morena, estatura um pouco inferior à mediana)

- Pode-se pois afirmar que no principio da era dos metais já figuravam na nossa etnogenia os principais elementos constituintes da população portuguesa actual.

Cronologia

Bosch Gimpera marca um tanto conjecturalmente para o neolítico final ou avançado a data de 4.000 a.C. ou anterior.

O eneolítico intercalar-se-hia entre 3.700 e 2.500 a.C., começando nesta ultima data a primeira idade do bronze (com sobrevivencias neol.) a qual se prolongaria até talvez 1.700.

Destas datas a que oferece maior consistencia é a de 2.500 que H. Schmidt, professor da Univ. de Berlim, determinou do seguinte modo:

A cultura do vaso campaniforme estendeu-se, como dissemos, pelo Mediterraneo oc. até a Sicília.

- Ora aqui verifica-se que os níveis em que aparece o vaso campaniforme são anteriores aos do primeiro período siculico. Este tem analogias com os níveis pré-micénicos de Troia, sobretudo com Troia II.

Relacionamento Troia II, com a cultura das cidades, esta com a de Creta e a de Creta com a egípcia chega-se à conclusão que Troia II corresponde à 6ª dinast.

Ora segundo a cronologia curta de Meyer a 6ª dinastia data de 2.500 a.C. e portanto a cultura do vaso campaniforme seria anterior a essa data.

- Siret diverge: Vaso camp. 1.500 a.C. – Eneol. origem fenicia

Epoca do bronze

A. Antiguidades do bronze peninsular

B. Antiguidades do bronze em Portugal

a) Influencias argaricas

b) Influencias ocidentais

C. Conclusões sobre as culturas e raças peninsulares

Bibliografia

- José R. Melida, Arqueologia hespañola,
 - Moritz Hoernes, Prehistoria, II,
 - Gimpera, Hispania
 - Gimpera, Ensayo de una reconstruccion de la Etnologia Prehistorica de la Peninsula ibérica.
 - L. Siret, Questions de Chronologie et ethnographie ibériques, 1913
 - Pericot, la prehistoria de la Peninsula ibérica, Barcelona 1923 pag. 164
 - Aberg,
 - Dechelette, vol.II
 - Mendes Correia, Povos primitivos,
 - Mendes Correia, Hist. de Port. (ed. do Porto)
- Ant^o dos Santos Rocha, materiais para o estudo da Idade do cobre, 1911, Figueira da Foz

Epoca bronze

Duração – Não se sabe ao certo qual a origem da civilização do bronze na península, aonde durou de 2.500 (cronologia de Schmidt) a 1.100 a.C.

Origem – Alguns escritores consideram-na de origem oriental. Assim Siret atribui-a a influencias fenicias egeias.

- Martins Sarmento, Melida e outros encontram nela influencias micenicas, Dechelette estas e influencias egeias.

Autonomia – O nosso Estacio da Veiga defendeu nas suas Antiguidade Mon. do Algarve a autonomia cultural da Peninsula na idade do Bronze, não só pela abundância de cobre, pela existência de estanho na Galiza, mas sobretudo pelo conhecimento de vestígios de actividade metalúrgica indígena e de instrumentos tipicamente peninsulares.

Ultimamente Bosch mostrou o anacronismo existente entre os túmulos micenicos e os de Alcalar, afirmando nada haver na península de origem egêa. Efectivamente, já o dissemos, está provada a existência duma metalurgia indígena, iniciada em Almeria pelos povos que mais tarde se chamariam iberos.

Antiguidades do bronze, sua distribuição

Não há uma característica geral nas construções peninsulares da época do bronze, contudo abunda o chamado sistema megálítico e o ciclópico.

Sudeste – Assim a SE. os irmãos Siret exploraram principalmente na província de Almeria as mais antigas estações da época do bronze.

- São povoações rodeadas de muralhas de pedras secas, das quais salientaremos as de Lugarico velho, fonte Bermeja e de El Argar: As duas primeiras da transição do eneolítico para o bronze a ultima típica desta idade.

El Argar – A estação de El Argar compreende uma povoação e uma necrópole junto ao rio de Antas.

Características – Casas rectangulares, muros de pedra seca, recinto murado.

- A necrópole apresenta sepulturas de inumação de forma de cista (6 lousas), de grandes urnas tapadas por lousas ou de outras vasilhas.

Indústria – Decadência da pedra, abundância de cobre: da primeira serras, do segundo machados, punhais, facas, cinzéis, punções, pontos de seta, lanças, alabardas, estas filiadas nas eneolíticas.

Há ainda espadas, evolução dos punhais triangulares.

Objectos de adorno: pendentes, braceletes, diademas, colares.

Cerâmica: Vasos lisos e polidos em geral de forma de casquette esférico. Outras formas ver Hoernes, II, pag. 73

Expansão – Manifestações desta cultura encontram-se como já dissemos na Andalusia, Portugal (Almada do Ouro, Castro Marim, Odemira), Murcia, Alicante, Valencia, Castellon, Catalunha, isto é, costa do levante.

Maiorca – A esta época pertencem as grutas de habitação e enterramento de Maiorca.

Castros – No NO. da Península (Galiza, Asturias e N. de Portugal) abundam os castros ou recintos fortificados, cujo apogeu coincide com a época do ferro.

- Poucas escavações sistemáticas se tem feito de castros, encontrando-se neles muitas vezes objectos de pedra, bronze e ferro.

- Na época do bronze tem planta circular ou oval na romana quadrada.

- Na Galiza: São Saturnino e Sanesedo.

Citanias – Cidades em recintos fortificados, maiores que os castros e assentes em colinas.

- Existem na bacia do Douro, em Portugal (Minho), em Lião.

Portugal – Em Portugal as duas citanias mais notáveis são a Sabroso e Briteiros, exploradas por Martins Sarmento.

Sabroso – Sabroso conserva as muralhas, restos de casas circulares, humberias ornamentadas.

Briteiros apresenta ainda o pavimento das ruas, casas circulares e quadradas, portas ornamentadas.

Objectos – pré-romanos e romanos.

Galiza – Aqui Santa Tecla na foz do Minho. Pre-romana e romana.

- Na região leonesa Gomes Moreno tem encontrado outras estações deste género, das quais a mais notável é a de Yecla Velha

Construções ciclópicas – São formadas por pedras apenas desbastadas, assentes em seco em fiadas irregulares e com pedras pequenas a encher os interstícios.

- Existem nas costas do Mediterraneo em especial na Catalunha, constituindo recintos defensivos. (Tarragona) Gerona, Olérdola, acrópole de [????] etc.

Recintos sagrados (ver Melida)

ANEXO II

FICHAS DA DISCIPLINA DE ARQUEOLOGIA

História da Pré-História e Métodos e divisões

A 1948-49

1

Arqueologia

Pessoas mediantemente cultas falam de arqueologia.

Jornais desenvolvimento achados, escavações, etc.

Incerteza sobre o *significado de arqueologia*.

Etimologia: *archaios* + *logos* : tratado do antigo

Encontra pela primeira vez em Platão (Hippia maior) na acepção de *história das remotas origens da cidade*;

em Diodoro Siculo: *história remota dos gregos*: (Biblioteca ou História Universal)

História e retórica *Dionision de Alicarnasso* (séc. I a.C.) deu à sua vasta obra o título de Rhomaiké Archaialoghia (Arqueologia romana) e nela apresenta a *história de Roma* desde as suas lendárias origens até 254 a.C.

– Também José Flávio escreveu a Joudaiké Archaialoghia, onde a palavra arqueologia é dada a *significação de história*, particularmente dos *tempos mais antigos*.

Séc. IV e V. Com a decadência do mundo clássico o termo começa a cair em desuso e a ser substituído por Antiquitates (séc. IV e V).

A 1948-49

2

Renascimento – É por esse termo que no Renascimento se traduzem as obras de Dionísio e de Flávio.

Ressurgimento – O séc. XVII resurge em Inglaterra com Rous na obra Archaeologiae atticae (1637) e com John Potter na Archaeologia graeca.

Expansão – Aqui passa à *Alemanha* aonde adquire o *significado de "História dos momentos antigos"* em especial depois do Manual de Arqueologia de Francisco Siebenkees (1799).

- Aqui *monumento* corresponde a monimentum, isto é, a recordação, testemunho.

= Só em 1833 Eduardo Gerhard nos Fundamentos da Arqueologia separa a Filologia clássica da *Arqueologia*, reservando para esta os *monumentos de natureza não literária*, isto é, os *restos materiais* que ficam do passado.

Arqueologia e História de Arte. A arqueologia não se distingue da *História de Arte*

A 1948-49

3

nem no *campo de acção* (espaço ou tempo), nem no *objecto*.

– A diferença é puramente *de fins, de método*

– O arqueólogo estuda o monumento como se fora um documento de arquivo.

– É portanto um estudo externo, *objectivo*, técnico, em resumo uma análise histórica e material do monumento.

– A *História de Arte* não olha a materialidade, mas a *espiritualidade* do fenómeno artístico.

– A Arqueologia é pois o fundamento da História de Arte.

– Pode *haver* arqueologia sem história de arte, mas o *contrário* não se pode observar.

– De certo modo a Arqueologia está para a História de Arte como a gramática para a literatura.

Conceito da Arqueologia

– Aos gregos *se deve*; como vimos a criação da palavra arqueologia, com o significado da *formação da cidade*, estudo das *origens das instituições* religiosas e políticas.

A 1948-49

4

– Os gregos não possuíam porém o *culto dos restos do passado*.

– Péricles, por exemplo, mandou soterrar muitos templos e belíssimos antigos.

Amor das antigualhas – É preciso chegar ao tempo de Adriano para se assistir a uma tendência de respeito e amor pelos monumentos.

– Pausanias (geógrafo e arquitecto séc. II) na sua Periegesis é um *eco desse espírito*, uma fonte para o estudo dos monumentos.

Renascimento – O amor da *antiguidade* clássica *despertado* pelo Renascimento e bem assim a *curiosidade pela natureza* contribuem para o desenvolvimento da Arqueologia em particular da *Epigrafia* e Numismática.

= Dante e Petrarca coleccionaram antiguidades e o mesmo fizeram Julio II (papa) e Lourenço de Medicis.

= Poggio e Nicolau Nicoli foram na Itália arqueólogos notáveis:

em França Bergui

= Em Portugal André de Resende, Gaspar e [Achiles] Estação e Francisco de Holanda (da pintura antiga)

A 1948-49

5

= Séc. XVII. O séc. XVII procura dar *ordem, sistematizar* os materiais do séc. XVI: grandes colecções de epigrafia

- Peiresc e Spon preparam o caminho à arqueologia científica.

O primeiro foi um sábio universal: *físico* esteve em relações com Galileu; *botânico* discutiu com Clusius; *filólogo* conheceu o hebreu e o árabe; arqueólogo desenha, coleciona e estuda os monumentos antigos.

- São dele estas palavras sobre a utilidade da Arqueologia “serve para esclarecer a leitura dos bons autores, para ilustrar as circunstâncias da história e para melhor gravar nos espíritos, personagens, factos e acontecimentos”

- Spon é sobretudo epigrafista e cultor da arqueologia grega.

Séc. XVIII

- Com os *benedictinos* e Academias divulga os princípios científicos da Arqueologia clássica.

- Com *Winckelmann* inicia-se a investigação arqueológica (monumentos antigos inéditos)

- Com *Eduardo Gerhard* autonomiza-se essa ciência (Fundamentos da Arqueologia)

A 1948-49

6

- Pela arqueologia pode o europeu aproximar-se do espírito da antiguidade.

Ressurgimento dela pelas escavações (Egina, Tróia) “*idades exploradas no séc. XIX*”

Séc. XIX

O séc. XIX *alarga* o âmbito da arqueologia projectando o passado humano para plano (*distância*) a um milhão de anos de distância.

Isso deve-se em primeiro lugar a Worssaae e Thomsen (séc. XVIII) que estabeleceram a sucessão das idades pré-históricas, depois a Boucher de Perthes que provou a existência ante-diluviana do homem.

Para fortalecer essa conclusão concorreram os geólogos ingleses etc. Conceito actual

Divisões da Arqueologia

(ver cartão 47-48.)

2

a que se segue 48-49

7

A 1948-49

7

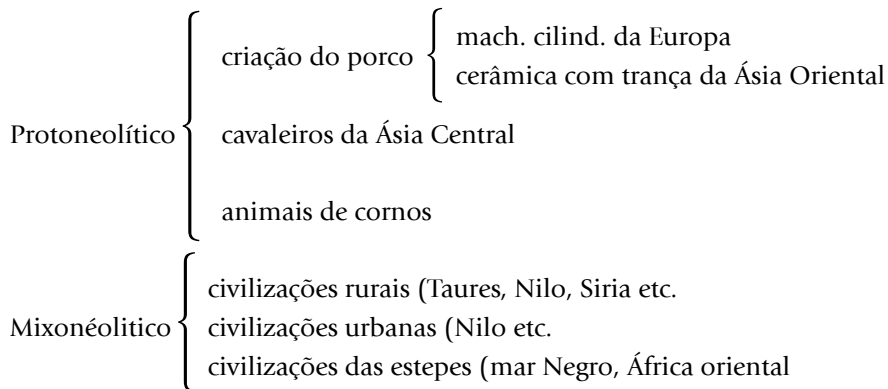
Divisões do neolítico

- a) Escola alemã: base na cerâmica
- b) Escola italiana: desenvolvimento económico e social
- c) Escola francesa: utensílios, loiças etc.

Escola alemã:

Cultura palafítica
Cultura megalítica
Cultura Hinkelstein
Cultura cerâmica de espirais
Cultura cerâmica de cordões
Cultura cerâmica de bandas

Escola italiana (Menghin)



Escola francesa:

Capitan:

- civilização velha europeia (casa redonda, cerâmica especial, enterramentos acocorados
- civilização nórdica (Kjokkenmødding, Campinhiense
- civilização megalítica
- civilização palafítica

M. Louis

Neolítico inferior – nem loiça nem pedra polida

Neolítico médio – loiça sem pedra polida

Neolítico superior – loiça e pedra polida.

Neolítico inferior – pré-campinhiense

fácies [????], [????], Montmorencense

Neolítico médio {
Campinhiense
Jabliniense

Neolítico superior {
[????]
Robenhausense {
Eneolítico {
fácies palafítico
megalítico
troglodítico

A 1948-49

8

Escavações

Investigação corresponde a destruição. Do cuidado da investigação será treva ou claridade, falará ou ficará mudo.

Reconhecimento.

1) Bibliografia: *obras e documentos, referentes a região, mapas*

2) Inquéritos

3) Visita ao local:

- a) Estudo das condições geológicas (*plioceno*), topográficas (*ventos, frio, abrigo, planalto, planície, composição do terreno, defesa, alimentação, água*)

e tiponímicas e etnográficas. (*Fisionomia das estações: Solutrense vales estreitos e longos; castros do sul*)

b) Reconhecimento electro-magnético: *Bronze, Ferro*

c) Reconhecimento pendular

d) Reconhecimento pela fotografia aérea¹

e) *Estudo do terreno: restos arqueológicos* (cerâmica, *quartzito*, sílex etc), *comportamento da vegetação* (mais ou menos vigorosa) e dos animais (toupeiras, coelhos)

Condições das estações

A) *De superfície: (Paleolítico de Torres Vedras)*

Mistura de objectos. Ex. Casal do Monte.

Castro de Assenta (conclusões alemãs sobre os trigos)

– Emprego do *método das séries*; conjuntos iguais em locais diferentes atestam a mesma época

– Falsificações. Processos determinação da autenticidade porque as

A 1948-49

9

falsificações são frequentes: (*Busto de Caracalla*)²

– A burla de Glozel - Alvão (*Bustos de Miguel Ângelo*)

– o aes signatum no Museu de Numismática

– machados de Bronze falsificados

– os chapões nas grutas de Bucelas (Dr. Leite)

*

¹ Medida da condutividade eléctrica do solo

Os engenheiros de minas empregam um aparelho que mede a condutividade eléctrica do solo. Por ele, por exames sucessivos, podemos determinar, as zonas húmidas do subsolo e portanto os fossos neolíticos ou posteriores (Dorchester em Oxford).

No México descobriu-se pelo mesmo processo o esqueleto de Tepexpau.

- Determinação do conteúdo em fosfatos

Um habitat humano é sempre mais rico em fosfatos, do que o solo vizinho, devido aos ossos dos animais comidos e dejeções.

- A análise dum solo, comparada com a do vizinho, permite averiguar se ele foi ou não habitado permanentemente.

Na Suécia este método permitiu o estabelecimento de cartas de povoamento (habitats) pré-histórico e determinar se as sondagens podem ser realizadas em determinado sítio com algum êxito.

² a) ***Busto de Caracalla***

A venda:

Réplica do de Berlim:

Hipóteses a considerar

- a) Cópia da antiguidade
- b) Cópia do Renascimento
- c) Cópia moderna.

Do Renascimento ou Antiguidade ?

Características dos do séc. III

- I - O busto chega ao umbigo (meio-corpo)
- II - Braços destacados do corpo (ambos)
- III - A parte posterior não despregada
- IV – Emprego do trépano
- V - Traje militar ou toga militar (trabea)
- VI - Manto de franjas.

Era moderna: Não apareceu em Aquicum, não existe o professor Bauer que diziam te-lo encontrado, não serviu para restaurar o de Nápoles. (nariz)

Regras a usar

- a) Patina; inconvenientes
- b) Técnica.

O busto de Aquilum

Excessos críticos: *O tesouro de Moura*

A falsificação por deslocação. Dificuldades.

*B) Estações de profundidade (abrigos, grutas, chãos de cabanas, aldeias, castros, [????], oficinas)

Sondagens: a) Em profundidade

- b) Por trincheira (axadrezada de 3 m)
- c) Túneis (nos centrais perpendicular a orientação das sepulturas - Tróia)
- d) Pela sonda
- e) *Reconhecimento pelo som* – (*chaminé*)
- f) Abrindo poço quadrado e enterrando haste metálica nos 4 sentidos.

Técnica das escavações (*Se não se dispõem dos meios necessários melhor é não as fazer.*)

a) Fim da escavação: não é procurar objectos, fazer colecionismo, mas estudar as condições de aparecimento.

Objecto de que se desconhecem fica privado de valor, como documento histórico – O objecto não interessa por si, mas pelo que de social diz sobre o homem.

Compreendem:

- a) Escavações estratigráficas para examinar

A 1948-49

10

as estruturas duma construção e os depósitos da mesma época

- b) Para *descobrir traços de construções* ou jazigos arqueológicos anteriores.

Princípios gerais.

- a) Corte vertical para exame do terreno e determinação das camadas (até terra virgem)
- b) Exploração por secções horizontais em harmonia com as camadas.
Crivagem. Descrição com indicação de posição dos objectos.
- c) *Ter em conta a natureza do terreno e a colocação da terra tirada das escavações.*

Escavações pré-históricas:

Representam a alta cirurgia das escavações.

O objecto deve ser considerado um documento histórico, isto é, identificado com a sua posição estratigráfica e circunstâncias da descoberta.

(*Definição*) a) - A formação das culturas, a sua fixação adapta-se a certas unidades geográficas e é nelas que temos de procurar as suas estações.

(*Tema a observar*) - Mas na *determinação das culturas não apenas os achados arqueológicos*, mas outros *fenómenos culturais*: a *concepção* da estação, escolha do local, *natu-*

reza da habitação, defesas, fossas, fortins; enterramentos, ritos. Ex. as culturas eneolíticas peninsulares.

**b) Estudo dos factores que actuam na formação, deslocamento, expansão e extinção das culturas.*

A 1948-49

11

(Evolução ou corrupção? Dolmens)

1. Saber se a *cultura é autoctone* (Ex. paleol. de tipo lusitano (neolítico) - Dól-mens) de que as variações são fases de evolução
2. Se é *devida a migração dum povo novo* (neolítico - não: arte e sílices; *bronze final e ferro sim*) se esse *povo actuar sobre o pré-existente* impondo-se e acelerando a evolução: Roma
3. *Estudar os problemas etnicos e a nacionalidade dos diversos grupos* (crânios)

Isto só se pode concluir por fenómenos passados ao mesmo nível, da mesma cronologia.

(Assim encarada a pré-história é história primitiva)

Os métodos variam (*apresentam modalidades*) porém conforme as épocas, *natureza das* estações e condições peculiares destas.

A) Pré-história

Princípio geral:

- 1. *Depósitos de profundidade* (grutas) *camadas tanto mais antigas, quanto mais profundas.*
Livro cujas folhas são os níveis.
Ex. *Bocas I*; Forno da Telha.

- 2. *Depósitos de aluvião* (marinhos e fluviais)

Tanto mais antigos quanto mais altos.

- *As praias antigas* (siciliana, milaziana {55-60}, tirreneana {28-30} - Grimaldiana {18-20})

- Os terraços dos rios.

Dificuldades da investigação

a) *Nos aluviões dos rios: variações do nível de base; consequências.*

A 1948-49

12

1. Função lateral dum nível antigo com um mais moderno
2. *Estratigrafia ilusória*: cheias – enchimentos e escavações e consequente mistura das camadas
3. *Destruição dos antigos depósitos* pelo curso de água - A patina e rolamento para destrinça e inconvenientes. Cautelas a ter.

A peça do Castro de Azougada.

4. *Introdução de indústrias mais recentes em camadas antigas* (fendas)
5. *Deslocamentos pelo gelo* – solifluxão - Estas dificuldades observam-se também nas épocas posteriores.

Habitações: a) Chãos de Cabana

Quando se pretende estudar a origem cronologia e as *características e a área das culturas* a exploração dos *lugares de habitação* torna-se fundamental e constitui operação técnica a mais delicada.

*O emprego de fossas (trinceiras) estreitas deve ser evitado porque não permitem uma visão do conjunto: o melhor será cavar fossas sucessivas e alargá-las até se poder trabalhar comodamente; em tirar e repôr a terra e operar as medidas por um sistema de coordenadas*³.

A 1948-49

13

O fosso (trinceira) ideal deve ter 10^m de comprimento × 5^m largura

(a) Uma só camada) Depois de se ter verificado pelo testemunho dos estratos, *côr da terra, fundos ou chãos de cabana, lares*, buracos das estacas que não pode haver *senão uma camada de civilização*, procura-se *fixar o nível da povoação* ou habitação descoberta e *atingir pela escavação o nível dos chãos de cabana e dos lares*.

Em seguida procede-se à medida, à tomada de fotografias e ao levantamento da camada até à terra virgem em que foi edificada.

(côr das camadas) - Quasi se acha ali um *humus gordo*, (1.) *de côr negra* e cuja espessura se distingue das *camadas mais recentes*, menos compactas, misturadas de cinzas que lhe dão (2.) *côr esbranquiçada*, que a sobrepõem.

(Chão primitivo) – A *superfície do terreno primitivo deve ser cuidadosamente desaterrada* a fim de se poderem *identificar os fundos de cabana, as fossas destinadas a recolher os desperdícios ou alimentos*, bem como as estacas.

A 1948-49

14

(Esterilidade) A *esterilidade duma camada não significa* que se tenha chegado ao *limite inferior* duma cultura. Essa camada pode ser ocasionada por uma cheia e por baixo dela haver uma zona inferior da cultura. Ha *casos*, por ex. em Herpály (Hungria) em que a *estéril tem 1,5^m de espessura*.

*Por isso é sempre necessário cavar alguns fossos no fundo da superfície que se julga terra virgem*⁴.

³ a) Uma camada; b) Várias camadas diferentes seguidas; c) Várias camadas com uma estéril no meio; d) Várias camadas da mesma côr

⁴ **Tipos** **a) superfície neolítica**
 b) monte
 c) encosta

Eneolítico antigo, e talvez neolítico final da povoação do Alto das Bocas:

Superfície planáltica

Povoação do Alto das Bocas



Fossos - Às vezes há fossos defensivos. Se eles escavados acusam culturas sobrepostas concluiremos que a sua idade corresponde à dos objectos do fundo.

(Homogeneidade) - Também acontece as camadas apresentarem a mesma côr (por exemplo o loess na Hungria) e neste caso só os achados podem determinar a espessura correspondente a uma cultura.

(Divisão da camada em cacos de 5 ou 10^{cm}) 2. Várias camadas. Processos mais complicados. Seguir rigorosamente o nível das camadas ou das habitações: no primeiro caso épocas diferentes; no 2.º estágio da mesma época. **(Palácio de Cnossos)**.

- Para isso um corte vertical de 10^m × 5^m.

O abrigo das Bocas I

Bocas I⁵

A 1948-49

15

Abrigo do Forno da Telha⁶

Numa encosta. Vestígios de estacas. Única povoação mesolítica conhecida. Três níveis.

* **Incêndio ou ruínas ou abandono (Torre de Palma)**. No 1º caso o solo guardou os vestígios do fogo nas ruínas e nas camadas de terra. Encontra-se ali o lar, vestígios das paredes e do travejamento, buracos das estacas, homogeneidade dos objectos, fundo duro e com sinais de fogo.

Chão de cabana da Ribeira (Torre de Palma)

Contorno de habitações: obtem-se pelos sinais das estacas e linhas dos alicerces.

Castros, em especial o do **Oiteiro** de S. Bernardo e de Azougada em Moura.

Oiteiro de S. Bernardo: eneolítico e Bronze talvez anterior;

o de Azougada, época do ferro⁷

Castro do Cavaleiro (Alentejo) – Eneol.



⁵ Bocas I



⁶ (1) Forno da Telha

Numa vertente: Eneol., neol. e mesolítico

Eneol. I; neol. II; mesol. III

E	C	W
---	---	---

⁷ Azougada. Importância dos castros do Ferro.



Fundamental precisar as diversas camadas de habitação (conhecimento das culturas, condições de estabelecimento e cronologia)

Requere-se não só conhecimentos técnicos mas perspicácia, intuição rápida, capacidade de confrontação dos dados.

Não basta *saber a profundidade* dum ou outro objecto. É preciso seguir rigorosamente a irregularidade da estratigrafia.

A 1948-49

16

Concluindo resumiremos as regras a que obedece a escavação duma povoação:

- 1.º *Distinguir nitidamente as diversas camadas de habitação e averiguar se representam reconstruções de habitações dum só e mesmo estabelecimento, se correspondem a fases distintas duma evolução, se comportam vestígios de várias épocas ou culturas diferentes.*

- 2.º Classificar os achados segundo as épocas ou culturas;

- 3.º Definir o carácter da estação e da construção, pelas medidas, registo do fundo das cabanas, buracos dos postes, fossos, trincheiras;

- 4.º *Fazer o perfil* das diversas fases do trabalho.

[????] No caso de mistura de culturas utilizar-se-á a morfologia e tipologia para a classificação, mas proceder-se-á de *modo a exumar os vestígios das cabanas, casas, fossas deixadas no subsolo e medi-las e examiná-las*, localizando-as com o auxílio do material.

Habitações nas faldas ou rochas.

As [????] podem destruir-lhe o carácter.

Recorrer a *vestígios de construção no sub-solo*

A 1948-49

17

Habitações em grutas

A espessura da *camada aluvial das grutas* que serviram de habitação ou refúgio depende sobretudo das condições locais:

- *umas vezes de decímetros, noutras de metros.*

As primeiras de difícil interpretação; as 2.^{as} permitindo-a não só pelo espólio, como também por dados *geológicos e paleontológicos*⁸.

⁸ As grutas podem ser naturais e artificiais. Exemplo Rio Maior, Cesareda, Furninha etc. (naturais)

Carenque, Alapraia, Palmela (artificiais)

Ermegeira, Lapas, Casal da Lapa (parte artificiais)

As primeiras: vivendas e necrópoles; as segundas só necrópoles.

Exploração: depois dum depósito de terra a gruta foi abandonada e as águas carregadas de carbonato de cálcio depositam uma crosta calcária.

O mesmo fenómeno se repete dispondo-se uma gruta por uma série de brechas ósseas separadas por um sobrado de calcário.

Para a explorar cava-se uma trincheira (**de ensaio**) à entrada para análise dos níveis.

Tira-se depois o soalho superior estalagmítico (10^{cm} ou mais) - Por debaixo terra com ossos e objectos.

Aqui trabalhar só com um cinzel, martelo, canivete, e brocha. Se fôr possível trazer grandes blocos cá para fora.

Tomar notas sobre a situação e associação dos objectos.

Procede-se do mesmo modo com os outros níveis.

Esqueleto ou crânio (Homem fóssil). Não tocar e chamar especialista (antropólogo e geólogo).

Regra – Esqueleto enterrado, mais moderno que a camada que o contém. Procurar os traços de inumação intencional.

Pintura nas paredes. Recolher os fósseis. Testemunho.

(Vid. A 1948-49 v.)

– Palafitas –

As escavações das *habitações sobre lagos* são difíceis de fazer e de interpretar.

- O movimento das águas e os fundos lodosos permitem que os objectos se desloquem do plano dos seus estratos e se disponham em profundidade em relação com o seu peso.

- Os estudos destas estações terão de se fazer em especial quando se dissecam os lagos ou se desviam suas águas por canais.

(*Polónia*) A *exploração na Polónia* da estação de Biscoupine fornece-nos exemplo do método a seguir.

- Numa lingua de terra que avançava sobre um lago estabeleceu-se um acampamento da idade do ferro inferior.

A 1948-49

18

- Do lado da água um tapume *fortificado*.

- *Casas e ruas estreitas construídas sobre estacas*.

- *Mais tarde as águas cobriram a povoação*.

- Os *exploradores* viram-se obrigados a construir *uma barragem* sobre os bordos da lingua de terra: no interior a *água foi tirada* à bomba, depois *extraíram-se os depósitos* de terra que se encontravam sobre os troncos de árvores ou encobrindo as estacas, pondo à *vista o sistema de palissadas*, que serviam de amparo e os contornos de toda a cidade lacustre.

- Brigadas de técnicos conservaram (**mantiveram**) sur place os objectos e os achados, mediram, registaram, levantaram plantas e fotografaram em *balão cativo*. Trabalho notável, que honra a ciência.

Povoações fortificadas. Castros

- As *povoações pré-históricas* são muitas vezes envolvidas por muralhas, fossos ou estacarias.

- Encontram-se estas estações *nas planícies, colinas e sobretudo nas montanhas e nos planaltos*.

A 1948-49

19

- Estas *fortificações (defesas)* podem ser *simples terra-planos* ou fortificações assentes sobre *alicerces de madeira ou pedra*.

- Na *Hungria (Iliria)* há muitas defesas pré-históricas de terra, em *Portugal* de pedra do eneolítico ao ferro, mas sobretudo deste ao N. do Douro. (**Leceia**.)

- Para *estudar a estrutura das muralhas defensivas* é preciso pô-las a descoberto em todo o seu comprimento.

Para isto basta *abrir em certos pontos trincheiras e fazê-las descer até ao fundo* das fossas, isto é, até ao chão natural.

- Se se trata dum *sistema de fortificações* que tenha servido de *protecção a acampamentos de várias culturas*, é preciso *ter em conta as possibilidades de reparação ou reconstruções* ulteriores.

- Todas estas *modificações* podem ser *identificadas* tanto pela *estrutura das defesas e dos fossados (fossas)* como pelos *perfis das trincheiras*, sem falar dos *objectos* que se podem encontrar nas diversas camadas.

A 1948-49

20

- Estes permitem-nos *fixar a época das fortalezas*.
- Nunca se *desprezará a escavação total das portas e das entradas*.
- O *Museu de Berlim* fez trabalhos importantes neste género de estações.

Em *Lossow*, numa da época do bronze, as *defesas eram consolidadas por uma armação de madeira e por um sistema de caixas feitas com traves e cheias de terra e pedra*.

- As *escavações conseguiram separar a camada de terra recente do aterro primitivo e reconstruir as fortificações* pelos restos do *travejamento* ou pela *repartição* das massas de terra *menos compactas e mais escuras* que ocupavam o lugar das vigas⁹.

- Sepulturas e necrópoles -

Para *determinar o carácter das culturas e esclarecer os problemas cronológicos* são importantes as *sepulturas*.

a) *Escavações de sepulturas rasas e cemitérios (campos) com urnas*. Técnica as

A 1948-49

21

mais fáceis.

- os da época do bronze não se alinham em seguimento, formam grupos.
- A *escavação* deve fazer por *trincheiras de 1,5m, que se alargam*, sendo preciso, ou quando o subsolo encerra *túmulos revelados pela sua cor mais escura*.
- Os *túmulos com esqueletos* devem manter-se tal qual até os *fotografar*, medir e examinar a *posição do esqueleto* e *objectos lá encontrados*. Pode mesmo conduzir-se uma *sepultura para um Museu*.

*Silveirona*¹⁰

- o *levantamento* faz-se por um sistema de *coordenadas*, traçando por pontos naturais ou *artificiais um ou vários eixos*.

Cemitérios de urnas. O mesmo método se aplica nos campos de urnas.

Estas estão *próximas da superfície* e o chão a explorar de cada vez não deve ir além de $10^m \times 5^m$.

⁹ *Castro de Azougada*



Castro da Vila de Castro Verde
Outeiro de S. Bernardo (Br.)

¹⁰ *Escavação. Importância.*

Depois de *levantadas as camadas superiores* marca-se a *posição dos 1.ºs. achados*; em seguida *penetra-se* no subsolo e começa-se *então a abrir as urnas*.

Em seguida medem-se.

A 1948-49

22

Tumuli¹¹

- *Montículos de areia* que encerram construções tumulares. Em Portugal mamoas ou mamoinhas.

- A escavação dum tumulus é delicada.

- No seu *interior* construção em *pedra* ou quadrado de madeira.

- Para o escavar (*explorar*) trabalha-se por *secções* partindo do *bordo do talude* até atingir a *sepultura* e evitando danificá-la.

- Um perfil por um corte *transversal* permitirá estudar a técnica da construção do interior do tumulus.

- Há *tumuli de estrutura mais complexa*. Às vezes têm a *envolve-los uma cinta formada de estacas e de pedras*.

- A uma certa *distância do lugar* onde se julga a *sepultura* *penetrar-se-á no subsolo* para obter um *perfil*, ponto de partida da escavação.

- Em seguida *praticam-se (executa-se) segmentos esféricos*, que permitem obter uma série de *perfis* e *reconstruir toda a estrutura do tumulus*. Depois abre-se a *sepultura*, mede-se marcam-se os sinais das estacas, traves, fossos etc.

A 1948-49

23

- Na Jugo-Eslávia há tumuli com *muitas sepulturas*: Escavam-se por segmentos rectilíneos que seguem o plano horizontal das camadas.

O perfil indicará não só a estrutura do tumulus, mas a cronologia das camadas.

- Os *Long Barrow* ingleses contem muitas sepulturas: Avança-se na *exploração por segmentos verticais* segundo o eixo longitudinal do talude.

- os cofres de pedra exploram-se como as sepulturas simples.

Dólmenes. Interessam-nos muito.

Dois casos a considerar:

a) O *dólmen* está *coberto*

b) O *dólmen* está *descoberto (com ou sem sepultura na mamoa)*

¹¹ Considerar:

a) Monumento envolvido completamente pelo tumulus

b) Monumento já a descoberto

*

1) Tumulus com uma sepultura

2) Tumulus com muitas sepulturas

*

1) Tumulus cercado de espeques de pedra

2) Tumulus não envolvido de espeques de pedra

- No 1.º caso procurar as pontas das estacas *ou chapéu*.
- No 2.º caso: *Atacar de leste no início da mamoa*:
- *Corte da câmara*: se não há camadas extrair capas de 10^{cm} de espessura.
- Fotografar antes e depois da exploração
- Perfil transversal e longitudinal

A 1948-49

24

c) Antas com sepulturas na mamoa

Paço e Herdade das Antas.

d) *Determina a época, o rito funerário e a estrutura da construção. Época pela orientação do corredor.*

Grutas artificiais¹²

Carenque, Ermegueira, Quinta das Lapas, Casal da Lapa. Lapas de Torres Novas.

Grutas naturais

Rio Maior – Pragança¹³.

Exploração da entrada. Corte das camadas e exploração destas.

Condições gerais:

- 1. O método empregado deve *harmonizar-se (adaptar-se) com a natureza da estação*, às condições locais, do terreno e aos fins em vista
- 2. É preciso *dispor de aparelhos e pessoal (aparelhagem e pessoal capaz)* convenientemente habilitado.
- 3. O director da escavação deve *libertar-se de tudo que não seja a condução científica da escavação*.
- 4. *(Ter presença)* Não é o *ajuntamento de objectos que interessa; o que é essencial* e o conhecimento do carácter, da cronologia e do papel *pré-histórico das diversas culturas*

A 1948-49

25

5. Para obter um *quadro completo duma cultura determinada é necessario explorar as habitações e as necrópoles, na totalidade*.

- *Só assim se poderão situar os achados no meio que lhe pertence, determinar a natureza da estação, forma e destino dos casos, aspectos da vida social, ocupações, usos, quer dizer, nível de civilização e densidade da população*.

¹² Tipo de Palmela; Tipo da Quinta das Lapas

¹³ Fauna - dentes, nem sempre identificáveis

Esqueletos de animais selvagens não caçados mais ou menos completos; os de caça incompletos e os ossos triturados.

No depósito contínuo variações de espécies permitem determinar as variações de climas.

moluscos - são muito polimórficos e modificam-se com as mudanças de clima.

gasterópodes - com a secura conchas mais pequenas e espessas.

Vegetais - Interesse para o clima.

Folha ou estampa da mesma. Requer-se um botânico.

É preciso tirar o molde ou desenho.

Flores e frutos e pólen nas turfas: Percentagem a composição florestal (espectro polínico)

Rochas - Determinar a natureza da rocha.

Nas camadas indicá-la com precisão. Calhaus ou seixos de tal dimensão

Indicações nos objectos – A tinta da China, coberta de verniz.

Eliminar o uso de etiquetas.

- *A densidade dos dólmens alentejanos e a população.* Época da constituição pela orientação do corredor.

- 6.º Os métodos empregados devem respeitar a conservação dos achados e construções e precisar a *estratigrafia* das camadas em que se encontram os achados e a *sua cronologia*.

- 7.º Eles devem *procurar a reconstrução da estação pelos restos das ruínas*, estacaria, coloração da terra etc.

Realizar enfim uma *interpretação histórica*, fazendo (*interrogando*) falar a terra e as pedras. O que interessa não são os objectos, mas o pensamento da época.

A 1948-49

26

Época clássica

A) Escavações submarinas

- Tem os *pescadores achado* por acaso no fundo dos mares *obras de arte valiosas*.

Um *problema* portanto se põe *presentemente: a recuperação das obras de arte* que se encontram no *fundo do mar* ao longo das rotas normais da antiguidade ou na vizinhança dos portos.

- Um *novo capítulo* se abre na arqueologia: o da *investigação submarina*, que havemos de iniciar entre nós em Tróia.

- Em Espanha já começou com as explorações realizadas há pouco em

a) *Fundo dos Mares*

- Na *Tunísia* e na *Itália* os resultados têm sido magníficos.

Em *Madhia*, por indicações dos pescadores de esponjas, a Regência de Tunis fez uma exploração sistemática do fundo do mar para *recuperar uma carga de obras de arte* dum navio naufragado, que *ia da Grécia para a Itália*, hoje no Museu de Tunis.

b) *O estudo dos portos e outras construções (monumentos)*

A 1948-49

27

nos litorais, hoje submersos e de grande interesse científico, constitui outro *problema importante e urgente da pesquisa submarina*.

(*Porto de Baía*) - A *recuperação em 1924 pela dragagem do porto de Baía* de muitas *obras de arte* mostram-nos o *proveito* que se pode tirar destas escavações.

(*Colaboradores*) - Será precisa nestes casos a *colaboração dos engenheiros e técnicos* com os arqueólogos, *cumprindo a estes orientar as escavações, a descoberta dos monumentos e a orientação directa e continua* de todos os factos que se possam revelar durante as escavações.

(*Templo de Serapis*) - Entre os trabalhos desta natureza lembraremos o *desaterro do Templo de Serapis*, em Pouzoles e a descoberta das *galeras de Nemi (galeras de Nero)*, estas num lago cujo nível se fez baixar com potentes bombas.

Nem sempre é contudo possível secar um lago, fechar um braço de mar ou desviar um curso dum rio.

(*Exploração submarina*) Tem-se por isso que *recorrer à exploração submarina* e quando esta não dá resultado por o fundo ser lodoso

A 1948-49

28

e impedir a visibilidade, a certos *processos mecânicos* que não estragem e partam como a draga.

- Em Baía empregou-se a benne, o sistema usado para a *limpeza dos pequenos canais*.

Os arqueólogos não prestam ainda a devida atenção à exploração dos litorais e portos imersos.

- Torna-se *necessário fiscalizar os trabalhos* nos portos e construções de protecção marítima por arqueólogos.

- Escavações nas cidades -

(*Descobertas*) “Dois séculos de escavações ininterruptas em Pompeius, um século de descobertas arqueológicas nos países de civilização mediterraneana puseram à luz do dia cidades, santuários, conjuntos monumentais, linhas de defesa e campos militares.

(*Atitude da investigação*) Mas se se considera o conjunto destes trabalhos e a sua evolução, perceber-se-á bem depressa que o fim da investigação, a atitude do espírito moderno a respeito do passado se tem profundamente modificado.

(*Concepções antiga e moderna*) - Ninguém concebe hoje a escavação duma cidade antiga como o desfazamento e a desintegração dum todo orgânico.

A 1948-49

29

O interesse que antigamente se limitava só às obras de arte leva-se hoje para as estruturas arquitectónicas, os edifícios e todo o conjunto urbano duma cidade antiga.

As palavras de Gastão Boissier, resumindo os métodos de Fiorelli, o maior explorador do séc. XIX, têm ainda hoje toda a actualidade.

(*Método de Fiorelli*) “Ele disse e repetiu nos seus relatórios que o interesse das escavações de Pompeius era a própria Pompeius, que a descoberta de obras de arte não a devia ultrapassar, que se procurava primeiro que tudo ressuscitar uma cidade romana que nos mostrasse a vida d’outrora, que precisava de ficar inteira e nas suas menores medidas para que o ensino fosse completo; que era preciso conhecer não somente as casas ricas, mas também as moradas dos pobres com seus utensílios vulgares e grosseiras caricaturas. Neste intuito tudo era importante, nada se podia desprezar”

A 1948-49

30

(*Novos métodos*) Uma profunda diferença de métodos devia corresponder ao novo objectivo da escavação. Em lugar de esvair as casas de todas as suas decorações e peças de mobiliário, de penetrar da rua para o interior dos edifícios, provocando o desabamento das estruturas superiores e a ruína das fachadas abaladas pela pressão do terreno, Fiorelli foi, o primeiro, a aplicar a Pompeia o método estratigráfico; ele procede limpando, desaterrando as casas gradualmente, a partir do alto para baixo, de maneira a poder assegurar a conservação in situ dos diferentes elementos da construção.

- Esta foi a grande inovação que permitiu reconstruir rapidamente pela escavação de protecção e de reintegração novos quarteirões da *Via del Abbondanza*, da *Vila dos mistérios*, e nas novas escavações de Herculaneum.

(*Escavação integral*) São poucas as cidades a que se tem aplicado uma escavação integral.

A 1948-49

31

(*Problema a resolver*) E contudo nessas escavações reside a solução de muitos problemas da história antiga: problemas sobre as origens, sobre o regime de habitação, por exemplo, do Saticum e Samnium, contribuição das correntes de civilização mediterrânea na formação do núcleo da cidade primitiva etc.

Plano. É difícil dar regras (*formular*) para escavar um grande conjunto urbano: (*depende da*) a posição da cidade, configuração, natureza do terreno, descarga das terras, os fins e limites da escavação têm de ser considerados.

I - Ponto de partida: exame completo e objectivo de todos os assuntos (*do que se sabe*) relacionados com a cidade.

Em seguida procurar-se-á:

- a) *Determinar o perímetro da cidade pelo reconhecimento do terreno (fotografia aérea) e sondagens;*
- b) *Dividir a área da cidade em sectores geométricos limitados pelo que se presume serem as artérias e onde se cavará o corte;*
- c) *Se isto for possível começar a escavação pelo próprio centro da aglomeração (acrópole, ágora ou fórum) e irradiar gradual e metodicamente para os sectores periféricos.*

A 1948-49

32

(*Paestum*) – Assim se procedeu na Itália na cidade de *Paestum*: principou-se por pôr à luz do dia as portas, as muralhas, as torres desta, depois as mais importantes ruas e por fim a praça do fórum: fixados estes pontos podesse proceder à escavação dos quarteirões.

(*Princípio essencial*) O princípio essencial de toda a exploração, a regra fundamental de todo o investigador consiste em examinar todos os elementos de interesse histórico que se revelam na zona das escavações, desde a superfície até as camadas arqueológicas mais profundas.

(*Regras: épocas mais modernas*) A procura ou recuperação de objectos particulares, como também a procura ou as escavações respeitantes aos monumentos duma época determinada, e mesmo as dum edificio importante da época clássica não devem fazer-se em detrimento dos elementos ou camadas arqueológicas de aparência mais modesta

A 1948-49

33

ou de idade mais recente.

(*Vida dos monumentos*) - Com efeito a experiência ensina-nos que é raro que a vida dos edificios e das cidades pára bruscamente; é mais frequente ela prosseguir e transformar-se através das diferentes épocas da civilização.

(*Monumentos post-clássicos*) E o interesse que *apresentam hoje* os monumentos históricos da *época post-clássica*, os problemas da *arquitectura paleo-cristã e bizantina*, a *raridade e valor* dos objectos das *necrópoles da época bárbara*, enfim o estudo tão importante e ainda obscuro da *passagem da civilização antiga à era medieval* impõem à arqueologia um critério mais largo e menos exclusivo no programa de trabalho.

- Assim as *escavações dum templo grego*, não devem nunca conduzir à destruição duma *basílica paleo-cristã* etc.

- O *explorador moderno* respeita todos os traços das civilizações sobreviventes com o maior escrúpulo, principalmente

A 1948-49

34

(*Edifícios posteriores sobrepostos*) quando as exigências do seu trabalho o forçam a atacar parcialmente ou *totalmente as camadas superiores* para *descobrir objectos ou edifícios* dum interesse histórico ou artístico mais importante.

- Em tais casos, que deverão ser sempre considerados excepcionais, principalmente quando se trata de verdadeiras estruturas sobrepostas às estruturas mais antigas, uma documentação gráfica e fotográfica será de rigor.

(*Restauro - Reintegração*) Mas seria perigoso aceitar-se somente o *critério estético* e seguir a regra, geralmente *admitida no passado*, que consistia em *dar seu aspecto original a um monumento da época clássica*, libertando-o de todos os *acrescentamentos* e transformações de épocas mais recentes.

- Este método só se poderá justificar em casos excepcionais. (*Convento de Alcobaca*)

(*Orientação moderna*) - Convirá ao contrário não esquecer que muitas vezes o *despojamento dum edifício*, em obediência a princípios absolutos, *lhe tira não somente*

A 1948-49

35

uma grande parte do seu interesse histórico, mas o priva de elementos que o tornariam precisamente inteligível ao mundo erudito e ao público.

- Um exemplo: Sobre a *Acrópole de Cumes* (Campania) desobstruíram-se em 1912 e 1927 dois templos situados respectivamente sobre a *esplanada inferior* e sobre a *esplanada superior* da dita Acrópole.

- Ambos *comportavam no assentamento grego* importantes vestígios de *transformações sucessivas* nas épocas *augustiana, post-augustiana e paleo-cristã*.

- As escavações do templo da *esplanada inferior, feitas 1912*, só deixaram as *estruturas da época grega e romana*.

- As escavações de 1927 no templo da *esplanada superior* respeitaram as *estruturas da última transformação em basílica cristã (séc. V e VI)*.

- Ora constitui hoje o *documento mais instrutivo que Cumes possui do período das invasões* e é *uma das relíquias mais preciosas da arquitectura paleo-cristã da Campana*.

No primeiro caso o que se impunha

A 1948-49

36

era o *respeito pelo que existia* da Cumes paleo-cristã, bizantina e medieval.

- Este método *fundase no princípio da estratificação estendida à conservação das estruturas superiores*, mas isto na medida em que elas têm *verdadeiro valor histórico* e não prejudicam o *desaterro* ou aspecto de monumento de grande valor arquitectónico.

Escavações de edifícios

A escavação dos edifícios monumentais, diz-se no Manuel de la technique des fouilles, deverão normalmente ser *confiados aos cuidados* empregados dum *arqueólogo e dum arquitecto*.

Quando isto não é possível é indispensável que o *arqueólogo, assistido dum bom desenhador*, faça um *levantamento* escrupuloso de todos os *elementos* pertencentes à *construção* assim como da posição que eles ocupam na jazida.

Constituir-se-á assim uma *documentação fotográfica* muito completa e não se procederá ao deslocamento e ao levantamento dos elementos estruturais

A 1948-49

37

e arquitectónicos sem ter dado às peças que devem ser levantadas um *número de repertório* preciso.

- Haverá interesse, em presença de ruínas importantes e complexas, de consignar também, *sobre fichas apropriadas*, os dados relativos à *forma e às dimensões* dos diferentes *elementos arquitectónicos levantados pelas escavações*, de maneira a poder classificar e agrupá-los por *tipo, matéria e época*, à medida que vão sendo postos em dia.

(*Edifícios deteriorados*) - As escavações deverão ser conduzidas com maior cuidado ainda nos casos em que o edifício *a libertar tenha já sofrido deteriorações e espoliações* que tenham deslocado nele a estratigrafia original, remexendo mais ou menos profundamente o terreno, bem como o aparelho decorativo e arquitectónico. Neste caso o explorador deverá *distinguir os elementos que se acham ainda no seu lugar primitivo daqueles que têm sido retirados e não podem nem directa, nem logicamente*

A 1948-49

38

relacionar-se com as partes arquitectónicas ao pé das quais foram abandonados.

- Esta distinção *estabelecida* no momento das escavações, *permitirá evitar erros* de interpretação e atribuição.

Procura de edifícios antigos em construções modernas

A exploração de edifícios *antigos situados* dentro de *construções modernas* é caso frequente nas *cidades históricas* greco-romanas, em especial de Itália.

O problema comporta várias soluções:

- a) *No caso mais simples* procede-se ao levantamento dos *restos antigos*, procurando *identificar e estudar* o perímetro da *cidade*, o plano, os seus edifícios principais.

- b) *No caso mais radical procura-se libertar os edifícios antigos pela demolição das superestruturas modernas.*
- c) *Entre estes extremos há soluções intermédias: explorações parciais tendentes a reconhecer o valor histórico dum edifício e a recuperar as suas obras de arte.*

A 1948-49

39

Foi o que se fez com a *Ara Pacis* que se encontrava nas fundações do *palácio Fiano*.

Em regra estas escavações e desaterros estão *integrados num plano de urbanização* e requerem a *colaboração dum engenheiro*.

- Assim se fez em *Roma* ao pôr a descoberto as portas, paredes e construções antigas.

Descarga dos desaterros

Um problema capital a considerar é o do *desaterro e da colocação das terras dele*.

- Se não se *estuda bem* o caso e se procede inadvertidamente levantam-se enormes dificuldades às *explorações posteriores*.

- Com efeito as *terras podem ser deslocadas* para áreas a escavar posteriormente o que aumentará em muito as despesas a fazer, visto que o deslocamento das terras é a despesa principal das grandes escavações em cidades, santuários ou necrópoles monumentais.

- *Pompeius* oferece um exemplo da falta de visão na colocação dos desaterros.

Durante anos descargaram-se as terras que cobriam os quarteirões para a proximidade das muralhas.

A 1948-49

40

Em *consequência* disso as mais antigas *necrópoles da cidade*, os edifícios *extra-muros* foram envolvidos por montanhas de terra e *Pompeius* privada do aspecto duma cidade desobstruída e com as muralhas e torres vedadas.

- Para corrigir isto *será preciso agora* deslocar muitos *milhões de m³* de detritos.

- Claro que o *problema do desaterro* tem muitos *factores a considerar*: natureza do terreno, regime agrícola, passagem de estradas e vias férreas, razões estéticas ou camarárias etc. mas *tem de pôr-se de modo a que as escavações futuras* encontrem os *terrenos visinhos* e aqueles em que se *acham ruínas* completamente livres.

- A evacuação dos desaterros em grandes necrópoles, a abertura e enchimento alterado das *trincheiras* pode deixar zonas intermédias por explorar.

Templos e santuários

Embora conhecidos e explorados os mais importantes *templos da antiguidade* muitas *surpresas nos esperam* nas investigações da bacia do mediterrâneo.

A 1948-49

41

Não só *templos* desconhecidos se estão descobrindo, como por exemplo o de Apolo em Cirene, *como se tem reconhecido do maior proveito retomar de novo a exploração científica*

das áreas sagradas das cidades e dos templos, nos quais nos últimos tempos se tem arrancado rica documentação sobre a vida religiosa na Antiguidade.

- Isto se *observou em Pompeius*, por exemplo na área do *templo de Apolo* onde se descobriram *cerâmicas gregas* que mostram que esse culto ascende aos séc. VI e V a.C.

- Dos locais de *culto das divindades menores se esperam* muitos documentos respeitantes aos mitos, crenças e cultos populares da Grécia e da Itália.

(*Escavação*) - Num santuário, qualquer que seja a sua importância, dois fins essenciais deve a escavação ter em vista:

a) O *desaterro do templo*, das construções e dos edifícios menores *do recinto sagrado*.

A 1948-49

42

b) A *recuperação do depósito* da fundação. Numa exploração metódica a exploração deste depósito deve seguir-se à do templo.

Depósito - É na *exploração* do depósito das fundações que o *investigador deve seguir um método* rigoroso, pois que a vida religiosa dum lugar de culto é mais documentada pelo espólio (objectos votivos) do que pela estrutura arquitectónica, porquanto vão sendo depositados lentamente, através dos tempos, constituindo como que o arquivo sagrado do templo.

- Entre as escavações *deste género* bem conduzidas citar-se-à a do santuário de Artémis Orthia, em Sparta, dirigida por Dawkins.

- A área foi *dividida em pequenos sectores* não tendo mais de 4^m de lado.

Cada sector era *limitado por cortes verticais* penetrando até à maior profundidade da jazida.

Procedeu-se em seguida à exploração por secções horizontais sucessivas

A 1948-49

43

de que cada uma não excedia 15 a 20^{cm} de espessura.

- O material *recuperado foi repartido em caixas levando o número do sector e divididas em vários compartimentos conforme a camada*, o volume e a fragilidade dos objectos.

- Como os depósitos se não fizeram sempre sobre *uma base plana*, mas sobre terreno *fortemente acidentado*, tornou-se necessário nos *cortes horizontais* ter em conta a *natureza estratigráfica* do terreno e *seguir lentamente e atentamente as curvas dos níveis e dos acidentes do terreno*.

Este princípio é fundamental e de rigôr tanto faz em terreno acidentado, como no fundo duma caverna, como no desaterro dum depósito duma fundação (*construção*) que tenha sido efectuada na concavidade natural do solo.

Escavações em necrópoles e sepulturas

São as escavações *mais frequentes* desde a pré-história à época bárbara.

A 1948-49

44

Em muitas regiões *são elas* que nos dão a *fisionomia particular* e o desenvolvimento de certas culturas em certas regiões.

- São também as *jazidas arqueológicas* que mais *danos sofrem*, quer devidos aos pesquisadores clandestinos, quer aos achados fortuitos, quer às investigações feitas sem método ou com métodos errados.

Nas necrópoles há a considerar:

- a) *Monumentos de arquitectura funerária* (egípcios, gregos, etruscos, romanos, micénicos).

Estes devem conservar-se *in situ*

- b) *Necrópoles ordinárias* (inumação, cremação, túmulos em cofre ou fossa).

Nestas os *arquivos da descoberta ficam na mão do explorador e por isso* se requiere um método rigoroso.

- Um *túmulo em cofre*, uma vez *esvaziado*, não existe senão (*reduzido a*) *em esquema no caderno das escavações e num grupo de objectos numa vitrine dum museu*.

- Também muitas *vezes o interesse artístico dos objectos deixa esquecer o exame* das formas, *do ritual do depósito e* doutras observações.

A 1948-49

45

Deste modo pode-se afirmar que *abunda o material das sepulturas, mas escasseia a documentação topográfica, e arqueológica respeitante ao sítio, às formas, ao desenvolvimento das cidades históricas* da antiguidade.

- O escavador *moderno* que estuda uma *necrópole* já estudada deve preencher estas lacunas; *descrição minuciosa*, planta, classificação do espólio de cada túmulo e fazer a:

1. *Exploração de grupos* de sepulturas e não de sepulturas isoladamente, afim de se fotografar o conjunto (famílias, grupos, etc.)
2. *Determinação dos grupos* de túmulos e suas razões (familiares, religiosas, rituais, cronológicas)
3. *Verificação estratigráfica* se existe sobreposição de depósitos;
4. *Identificar e revelar* os tipos de diferentes depósitos, afim de os reconstituir no Museu com auxílio dos objectos.

A 1948-49

46

5. Deixar um grupo de sepulturas, como testemunho.
6. Composição e natureza do terreno, regimen das águas, carácter da vegetação, tudo o que puder modificar a morfologia local
7. Utilizar homens auxiliares da região conhecedores do terreno e subsolo (mão de obra local)
8. Nas obras do Estado que ataquem zonas de valor arqueológico fazê-las assistir de técnico competente.

De tudo o que temos dito não devemos esquecer estes dois princípios fundamentais:

1.º Nos conjuntos urbanos ou obras de arquitectura de antiguidade devem trabalhar em colaboração o arqueólogo e o arquitecto.

2.º Nos trabalhos civis (urbanizações, vias de comunicação, portos, hidráulica etc.) deve respeitar os conselhos dos arqueólogos e ser assistido dum técnico de escavações durante esses trabalhos.

A 1948-49

47

Documentos *a colher* durante os trabalhos

(*Dificuldade no método*) Todos os que têm *experiencia* dos trabalhos de campo sabem que *não é possível estabelecer princípios gerais* respeitantes a todas as espécies de escavações.

(*Conforme as condições*) *Conforme as regiões, a localização, o fim as dimensões dos achados assim o método a estabelecer. Não se escava um local de habitação paleolítica do mesmo modo que um monumento arquitectural; também se não opera num túmulo do mesmo modo que em extensas ruínas.*

(*Experiência*) Só a *experiência* *permite a escolha* dos métodos apropriados.

(*Há condições*) Em todo o *caso há condições a que todas as escavações devem satisfazer:*

Em *primeiro lugar* se coloca a *recomendação de Montelius*: “Il est préférable de s’abstenir complètement d’effectuer des fouilles, que de les entreprendre dans des conditions telles que les donnés scientifiques se trouvent ensuite irrédialement perdus”.

A 1948-49

48

Exemplifiquemos:

- As estações *arqueológicas* *têm em regra de se destruir para se estudar*. Uma *sepultura*, por exemplo, quando escavada, fica inutilizada para investigações posteriores.

- É *preciso portanto notar bem todos os elementos ou modificações que se observam no curso das escavações: diferenças de terra, de estratificação, localização exacta dos objectos.*

= *Todas estas modificações devem ser registadas por gráficos, fotografias, completadas notas cuidadosamente redigidas.*

- É *preciso que com o auxílio dessa documentação se possa reconstruir a parte explorada da estação*. Isto facilitará extraordinariamente a redacção do relatório ou memória das escavações.

(*Regras*) São de *grande utilidade as regras* que se seguem:

- 1.º Levantamento duma *planta* ou carta com a configuração do terreno a escavar; deixar até ao fim estacas marcando os pontos fixos.

- 2.º *Fotografias do terreno* tomadas de pontos diferentes.

A 1948-49

49

- Indicar em *cada fotografia a posição do aparelho* para a poder repetir e estabelecer comparação em fases diferentes dos trabalhos

- 3.º *Escolha do local apropriado para descarga das terras provenientes das escavações. Antes devem fazer-se nesses locais as devidas sondagens e ter em conta o desenvolvimento dos trabalhos em projecto ou possíveis.*

- 4.º *A totalidade do terreno será dividida em quadrados de dimensões apropriadas (cerca de 2^m de lado).*

Estes quadrados serão numerados, como os dum tabuleiro de xadrez, ao longo dos bordos e cada fila de quadrados será marcada por grandes pregos de ferro espetados na terra ao longo da trincheira.

- 5.º *Antes de iniciar a exploração o investigador deve assegurar-se que tem à sua disposição os materiais necessários para o trabalho de conservação e para embalagem dos objectos descobertos.*

- 6.º *As escavações devem começar não no sítio onde se espera achar os objectos mais interessantes, mas com base nas facilidades*

A 1948-49

50

maiores ou menores com que se poderá transportar a terra. (*Azougada*)

- 7.º. *Na medida do possível seguir-se-á a estratificação do terreno. Só quando isto não fôr possível se seguirá um sistema arbitrário de camadas.*

- *Para procurar a estratigrafia natural deve-se avançar mais horizontalmente que verticalmente, mas as observações da estratigrafia far-se-ão em cortes verticais.*

- *As camadas apresentar-se-ão mais nítidas se deixarmos o corte secar cerca de 48h.*

- *Praticando cortes angulares será possível determinar a inclinação das diferentes camadas.*

- *Se estas observações forem tomadas para cada quadrado (cubo) será possível reconstituir a estratificação do conjunto do terreno, no momento do achamento dos trabalhos;*

- 8.º. *Nenhum objecto deve ser transportado para fora do terreno antes que a sua localização seja inscrita sobre uma planta ou plano, com a indicação da localização em relação a uma certa camada.*

A 1948-49

51

(*Condições de aparecimento*) *O recinto ou depósito fechado que contem os objectos deve ser completamente posto a claro, antes que se proceda à retirada dum objecto qualquer. Numerosas fotografias serão tomadas à medida que os objectos forem retirados.*

- 9.º. *Afim de evitar toda a possibilidade de confusão, os objectos ou elementos arquitecturais devem ser numerados e inscritos antes que sejam deslocados e em cada caso velar-se-á para que sejam consignadas todas as indicações que lhes digam respeito.*

(*Precisão*) - *Para dar aos resultados o máximo de precisão científica têm-se empregado métodos, instrumentos e utensílios que deram as suas provas em certas condições das escavações.*

I. Cartas, plantas desenhos cotados

A. *A planta do terreno será desenhada de modo a indicar a posição das escavações em relação a região que a envolve.*

Pode ser em escala reduzida.

A 1948-49

52

Quando *fôr necessária grande* precisão utilizar-se-á o *teodolito*.

Quando o não for empregar-se-á o diopetro ou o espelho de Wrede.

B. Planta dum conjunto architectural

Quando as *escavações* são efectuadas sobre uma *grande extensão e contém* ruínas de monumentos architecturais a *planta de conjunto* é da maior importância.

(*Indicações*) Sobre a planta indicar-se-á não só (*a*) o *traçado geral dos monumentos* desaterrados como também os detalhes; (*b*) as *medidas e os níveis devem ser inscritos em algarismos* e, havendo lugar, (*c*) a *localização dos achados e objectos transportáveis cuidadosamente notado*.

(*Escala*) É por isso muito útil desenhar a *planta em grande escala* (1:20 ou 1:50)

(*Prancheta*) - Se as condições não forem muito desfavoráveis poder-se-á desenhar a *planta com o auxílio da prancheta*, diopetro ou metro à ruban.

(*Casas*) Mas se as *condições* de trabalho são muito *complicadas e se* as camadas sucessivas

A 1948-49

53

de *construção* devem ser indicadas, quer sobre a própria planta, quer sobre uma série de plantas, *existe um outro método* que se tem evidenciado muito prático para registar também as dimensões do conjunto das escavações.

(*Método dos cubos*) A *totalidade do terreno* é dividida em *quadrados de grandeza conveniente* (1 a 5^m) de lado. Durante o curso dos trabalhos estes *quadrados servirão de base* para toda a *espécie de mensurações*, assim como para o trabalho propriamente dito da escavação.

(*Início*) Este *método* foi, por exemplo, adoptado nos países *nórdicos* desde 1872, mas aplicado depois em escavações de maior importância na *Grécia e na Síria* com resultados de plena *garantia da boa ordem e dedução lógica das investigações*.

(*Pregos*) Os *quadrados* são marcados com auxílio de *pregos de ferro* ao longo da *trincheira e numerados como as casas dum tabuleiro de damas*.

A 1948-49

54

Para *limitar os quadrados* usam-se *cordas ou arames*. Se as *linhas* são muito grandes as intercepções serão marcadas com *auxílio dum diopetro*.

(*Planta geral*) - Executar-se-á a *planta sobre várias folhas de papel quadriculado* em milímetros (milimétrico), nas quais se *indicarão os quadrados*.

(*Vantagens*) Este *método* tem a vantagem de se poder fazer o *levantamento simultâneo de vários locais, independentemente da marcha dos trabalhos, com a condição que a rede das casas seja marcada* no terreno e na *planta antes de começar as operações*.

(*Operar em várias camadas*) - Além disso quando o *desaterro da primeira camada* de construção terminou e se pretende *atacar a segunda*, o mesmo *método das casas* pode ser aplicado de modo que se pode trabalhar em várias camadas ao mesmo tempo.

Este *método* pode ser controlado por outros sistemas de mensuração.

A 1948-49

55

C) Planta indicando (*pormenores*) a localização das descobertas e planta de detalhe

Os *quadrados* constituem os *contornos naturais dos planos* de detalhe; estes últimos devem ser desenhados *em grande escala* (1:5 ou 1:20).

(*Instrumentos*) Neste trabalho deve utilizar-se *instrumento pequeno e de construção minunciosa*, como vara do geómetra, nível de Tesdorff.

Este último muito útil até para sepulturas.

(*Nivelamento*) O nivelamento nestas plantas *usa os mesmos métodos da planta geral*.

(*Rigor*) - As plantas de detalhe devem *ser cuidadosamente desenhadas*. Isto permite conclusões por vezes interessantes.

Assim na *Suécia* (Vendel) descobriram-se túmulos *com enterramentos em barcos*.

- A madeira estava decomposta, mas a *forma exacta dos barcos* poudeser reconstituída *com a maior fidelidade* graças aos pregos que tinham sido empregados para reunir os elementos da madeira.

- *Em regra é a parte mais baixa dum objecto que tem maior importância. Comparando os níveis inferiores dos*

A 1948-49

56

diferentes *pontos sobre* os quais os *objectos repousam é muitas vezes possível atestar a existência* dum solo em *terra batida* que sem este exame escaparia ao observador, sobretudo nos túmulos cavados na rocha em que a humidade e a iluminação são defeituosas.

D) Cortes - Antigamente a *reprodução dos cortes era desprezada. Hoje mesmo se fazem escavações sem o cuidado de preparar os gráficos* com a indicação exacta das diversas camadas de estratificação do terreno.

Muitas vezes esses cortes existem, mas referem-se aos períodos, à data das camadas geológicas, sem nenhuma indicação sobre a verdadeira forma das camadas que se podem distinguir no solo.

- Repetidas vezes a *ausência de desenhos reproduzindo as camadas naturais* postas a descoberto no decorrer das escavações tem dado *lugar a confusões*, não só no que diz respeito à *estratificação*, como quanto aos *objectos descobertos*.

A 1948-49

57

- Com *efeito os cortes têm geralmente a mesma importância que as plantas* e não se *pode chegar a conclusões seguras senão estudando as plantas e os cortes*.

Os *cortes são desenhados com efeito* para mostrar, com números exactos, a *verdadeira fisionomia das camadas*.

- Muitas vezes o investigador *não a pode ver de conjunto*, mas em secções por certas partes terem de ser levantadas.

(*Aspecto geral*) - O *aspecto real das camadas*, para exame visual, *pode ser dado pelas fotografias*.

(*Método*) Os cortes devem ser *levantados pelo método das casas* (quadrados) já descrito, quer nos quadrados, quer pela *ligação um dos outros* para o que deve existir a configuração geral do terreno (plano geral).

- É de *aconselhar o uso do papel milimétrico e traçar os quadrados na mesma escala que o plano de conjunto*.

Todos os cortes devem ser anticipa-

A 1948-49

58

damente marcados no papel e completados sucessivamente à medida que os trabalhos avançam e o plano se executa.

- Os níveis mais importantes são determinados *com auxílio dum instrumento e utiliza-se a mesma linha de base (zero) que para a planta.*

(*Pormenores*) Os detalhes são *acrescentados (ajuntados) e cuidadosamente cotados no interior* deste conjunto de casas traçadas no papel.

Graças a este método é possível de completar, por fases, os cortes que se acham entre os quadrados (todos de 2^m) com o mínimo de entraves para os trabalhos.

- *Cortes de monumentos: Dólmens.*

E) Fachadas.

As fachadas das paredes desaterradas no decorrer das escavações podem ser *medidas aplicando os princípios adoptados para os cortes.*

- A mesma linha de base (zero) fixada para a planta deve ser traçada e marcados os pontos determinados por instrumento próprio.

A 1948-49

59

II - Fotografias

a) Vistas gerais -

1. Fotografia aérea - Nas últimas décadas tem-se empregado com muito sucesso a fotografia aérea. A ideia nasceu no séc. XIX e o Major Elsdale concebeu e construiu balões para esse fim.

Foi porém depois da 1.^a Guerra Mundial que o método se aperfeiçoou e teve resultados óptimos no Próximo Oriente e na Inglaterra, nos países nórdicos e ultimamente na Argélia.

A fotografia aérea fornece elementos que não podem ser observados em terra.

Em regra a fotografia faz-se de manhã ou de tarde quando há grandes sombras e possibilidades de acentuação do relevo.

Hoje emprega-se também muito a fotografia vertical para o levantamento das cartas e interpretação pelo estereoscópio do solo (ver livro sobre a fotografia aérea na Argélia, no museu)

A 1948-49

60

2. Torres - Também se têm construído torres para tomar vistas de conjunto. Na Suécia fizeram-se com 5^m de altura.

Os clichés são ampliados e ligados (montados) para constituir o conjunto (ver artigo sobre o método empregado em Korsbetningen pelo Dr. Thordeman in Mouseion, volume 43-44)

- A fotografia dos mosaicos de Torre de Palma.

- b) Fotografia de pormenores e aparelhos cinematográficos

As investigações arqueológicas impõem aos exploradores a necessidade de recorrer constantemente à fotografia.

As máquinas de pequeno formato são muito empregadas porque sem grandes despesas permitem o registo de todas as fases do trabalho.

Essas fotografias são indispensáveis para a publicação do relatório e as não publicadas devem arquivar-se para estudos complementares.

Quanto ao emprego da cinematografia não tem interesse de maior, a não ser para a exposição dos métodos da Arqueologia.

A 1948-49

61

- c) Iluminação artificial

Empregada desde há muito e essencial no estudo dos túmulos (*cavados na jazida*) e grutas naturais.

O pó de magnésio, tão frequente de uso, não é conveniente pelo fumo que desenvolve e nas cavernas impossibilita segunda fotografia por levar às vezes dias a dissipar-se.

Além disso se o monumento é pequeno a carga pode deslocar o ar e este o aparelho. Nos trabalhos suecos feitos em Chipre aconteceu isso.

- As lâmpadas de combustão instantânea, fechadas em ampolas de vidro, são mais custosas, mas preferíveis.

- Melhor a iluminação eléctrica - se é possível, alimentada por baterias colocadas na escavação.

- Para as inscrições emprega-se luz rasante (e também para moedas) com uma instalação eléctrica (flood-lights) ou forte lâmpada de magnésio.

As máquinas com lâmpada apensa.

- Mais vulgar o acetilene (gazómetro)

A 1948-49

62

III - Utensilios necesarios nas escavações:

Há toda a conveniência, de tempo, dinheiro, de saber os utensilios que são necessários no decorrer das escavações e o momento do seu emprego, ou para maior rigor da investigação, ou para um trabalho de menos atenção e responsabilidade.

Enxadas e pás - O desaterro é feito à enxada e à pá. O avanço das escavações deve fazer-se no sentido horizontal, paralelo a um nível determinado. Assim a terra cairá no fundo da trincheira e a observação dos cortes verticais far-se-á sem dificuldade.

Enxadinhas - São muito empregadas na Suécia. Tem 30^{cm} de comprimento e é muito útil. Entre nós sachinhos.

Facas - Muito empregadas e de vários modelos. Devem ser flexíveis e de fio esmurado (*grosso*).

Usam-se para arrancar objectos, esqueletos, e até desaterrar habitações e túmulos. As facas ou navalhas de mola são boas para arrancar as costelas.
- Se os objectos são moles usar facas de madeira (ossos)

A 1948-49

63

Pontas.

Para limpar os objectos lavados escovas, pincéis ou pontas apropriadas.

Transportes da terra

Problema delicado.

Se a estação é pequena pode empregar-se o carrinho de mão, cestos, caixas de ferro ou baldeá-la à pá.

Para trabalhos importantes empreguei a carroça ou carroças (T. de Palma).

- Melhor será um Decauville (*vagonetes*), mas é preciso neste caso que o terreno seja quase horisontal, a inclinação não deve passar de 1:10.

As vagonetes devem estar em nível mais baixo para se poderem carregar e as dificuldades em contornar as paredes já desaterradas ou passar-lhe por cima obrigam os trabalhos a terem em conta a colocação dos rails (carris)

Se a escavação se faz pelo método das casas devem colocar-se os carris no sentido dos quadrados, mas se a configuração do terreno o não permite fixar-se-á a rede dos quadrados segundo a direcção das vias principais dos carris.

A 1948-49

64

Crivagem - A terra tem de ser cuidadosamente examinada.

Nos países do Norte toda a terra é passada pelo crivo. Nas grandes estações isso é impossível (cidades). Contudo certas partes do solo devem sê-lo e também as diversas camadas dos túmulos.

Os crivos regulam de $1^m \times 0,70^m$ e as malhas entre 5 a 16^{mm} . Estes crivos são suspensos em tripés de madeira.

Não devem ser balançados com força para que os calhaus e os torrões não quebrem os objectos frágeis.

A terra a crivar só deve ser submetida à pressão da mão e o resíduo bem examinado.

Mesmo que se proceda com cuidado os objectos miúdos, como contas, botões, carimbos, escaravinhos etc, acham-se na crivagem, devido à má iluminação.

A 1948-49

65

IV - Levantamento dos objectos, material de classificação e transporte.

Os *objectos encontrados nas escavações* devem ser retirados logo que se façam as *necessárias medidas, desenhos e fotografias* e se tomem as devidas notas.

(*Muitos objectos*) - Se se encontra um *depósito numeroso de objectos* que é preciso levantar, como acontece nos túmulos e nos depósitos dos templos, convirá tomar as *disposições necessárias para que se não estabeleça confusão sobre os objectos ou sobre o lugar que ocuparam*.

(*Etiquetas*) - Para isso devem etiquetar-se antes do seu transporte: eles *serão numerados na planta* e o seu número lançado num *tabuleta de madeira* que se liga aos objectos logo que eles se retirem do solo. Também se pode *lançar o número com tinta da China cobrindo-o com verniz*.

- Na Suécia empregam-se para a embalagem *caixas especiais*, que se encaixam umas nas outras. Por exemplo

A 1948-49

66

2 ou 4 numa grande.

(*Crânios*) - Para *embalagem de crânios, escudelas de metal etc.* caixas de madeira leve.

As dimensões usuais são:

caixas de cartão	$2 \times 5 \times 7,5^{\text{cm}}$	$3,5 \times 5,5 \times 9,5^{\text{cm}}$
	$4 \times 8 \times 12$	$6,5 \times 9,5 \times 12$

caixas em madeira	$5 \times 13 \times 16$	$13,5 \times 20 \times 24,5$
-------------------	-------------------------	------------------------------

Caixas para objectos e cerâmica.

- Para esta categoria o melhor é *comprar folhas de cartão e fazer as caixas*, fendendo-o e dobrando-o no local das escavações e cosendo as partes depois com agramos metálicos.

- Estas caixas medem $10 \times 20 \times 32^{\text{cm}}$.

- Tem-se reconhecido que estas *caixas* são *suficientes para recolher os objectos cerâmicos provenientes da camada dum quadrado de 5^m*, mas se fôr preciso empregar-se-á mais do que uma.

(*Legendas*) Cada *caixa* *levará na face* as seguintes indicações:

1. Designação do terreno onde se fizeram as escavações

A 1948-49

67

2. Data da descoberta do objecto
3. Número de ordem inscrito sobre o registo dos objectos.
4. Número do quadrado figurante na planta
5. Nível
6. Nota sumária sobre o género de objecto ou objectos contidos na caixa.

- Os *objectos* são *envolvidos em papel fino* no interior da caixa e *inscreve-se* nela a etiqueta (*tinta da China e verniz*)

- *Uma lista de todos os objectos* se faz com a *descrição e indicação* das dimensões e registo dos *objectos e com indicações* referentes às caixas.

(*Cerâmica*) As caixas com *cerâmica* *serão numeradas* conforme o número da *camada* de que provêm.

- Por outro lado *inscrever-se-ão dados relacionados com os quadrados e com os níveis*, como se faz para as caixas com objectos numerados.

- É muitas vezes *necessário* examinar os fragmentos *cerâmicos durante* as escavações. Deverão *ser lavados*, mesmo que estejam embalados.

A 1948-49

68

(*Lavagem*) Uma *lavagem provisória* em *ácido clorídrico* bastará para os examinar, mas *só bem secos devem colocar-se* nas caixas.

- Para evitar *confusões* *juntar-lhe etiquetas de madeira*, em *quadrado*, de 6×6^{cm} com uma superfície lisa para escrever.

Estas etiquetas nunca *devem abandonar os fragmentos*, mesmo quando se lavam.

V - Transporte dos objectos (- *Tratamento*)

Muitos objectos não podem *ser arrancados do solo sem ter sofrido algum tratamento de conservação* ou de *consolidação* no lugar.

- *Vasos se estão rachados* podem ser arrancados em *bloco e embalados* de maneira que os planos de fractura se não achem em contacto. Mas para os *objectos de metal* é preciso tê-los ligados (*reunidos*) da maneira mais completa possível *porque em razão da sua oxidação* eles estão muitas vezes deformados e não podem, por conseguinte, ser *reconstituídos sem dificuldade*.

A 1948-49

69

(*Metal*) Estes *objectos* serão depois *recobertos* duma *camada de parafina fundida*; eles serão *primeiramente limpos* o melhor possível e um *cadinho (despeja-se)* de *parafina reforçada de tela* será colada por cima.

- O *todo* é retirado do solo sobre uma *prancheta de madeira* ou dispositivo análogo que se *introduzirá por baixo*.

- Enfim o *lado exposto* é *fechado com auxílio de parafina*. Convirá deixar um *vazio na cera* para levar os *números e as notas necessárias*. Procedendo assim um *objecto frágil* poderá ser *transportado até ao depósito*, onde a *parafina* será *refundida ao fazer-se o tratamento de conservação*.

VI - Transporte de ossos -

Ainda que muito dispendioso tem-se *recorrido à parafina para o transporte de ossos* que oferecem um interesse particular.

- O *emprego de gesso em vez de parafina* é menos custoso, mas é preciso não esquecer que se encontram sempre sérias dificuldades em *penetrar (quebrar)* a *camada de gesso* para

A 1948-49

70

chegar aos ossos que ela protege. Se *se utiliza este processo* *recobrir-se-á o esqueleto ou os ossos de várias folhas de papel*, antes *de neles correr o gesso*.

(*Caixas*) - Os ossos levados de *Creta* por uma expedição sueca foram transportados, parte embalados *em papel e em caixas*, parte, sobretudo os *crânios* - *em gesso*.

- O professor Fürst *recomenda o emprego de gesso* para os *crânios*, mas *desaconselha-o* para as outras partes do esqueleto.

- Outras *expedições* têm transportado os *crânios em cofres* de madeira correspondentes ao seu tamanho.

(*Na Silveirona enchi-os de grude.*)

VII - Notas, catálogos etc. a estabelecer no lugar

Depois dum objecto sofrer o tratamento de conservação as etiquetas de madeira devem ser substituídas por etiquetas colocadas nos próprios objectos.

(Notas) - As notas tomadas no campo podem dividir-se em três grupos principais:

1. Notas relativas à arquitectura e às formas das antiguidades não transportáveis e postas em dia;

A 1948-49

71

2. Notas respeitantes às diferentes camadas levantadas;
3. Condições em que os objectos achados.

- Ao lado destas notas, que podem ser tomadas facilmente durante os trabalhos da escavação, é sempre necessário estabelecer a *exposição relativa à análise da arquitectura*, assim como a *síntese* do conjunto das notas, com fim à publicação.

(Documentação) - No decorrer dos trabalhos uma *documentação minuciosa se deve recolher*: registo obrigatório dos objectos que, além dos ensinamentos contidos nas etiquetas, conterà uma *descrição sucinta de todos os objectos*. Se os trabalhos durarem anos estes ensinamentos podem ser transcritos para um ficheiro.

(Ficheiro cerâmico) Deve-se também ter um *ficheiro para os fragmentos de cerâmica*. Os fragmentos contidos em cada caixa serão contados, *classificados segundo os diferentes tipos de vaso*, e inscritos sobre uma carta, sobre a qual se indicará a *camada*, o *quadrado*, a *profundidade*, a *proveniência*.

A 1948-49

72

Comparados com este conjunto de notas os relatórios consignados à marcha da escavação terão muito menos importância para a publicação científica.

- Se as circunstâncias o permitirem as terras das partes diferentes do terreno devem ser depositadas em locais diferentes para a hipótese de terem escapado objectos pequenos e ser preciso identificá-los e integrá-los na camada a que pertenciam.

VII – Moldagens.

Muitas vezes o investigador terá de *reproduzir inscrições, relevos e esculturas que não pode transportar*.

- As inscrições e os relevos ou gravuras de pouca profundidade podem ser relevados sobre papel do seguinte modo.

- Limpa-se a face do objecto, lava-se depois com água. Uma folha de papel de filtro molhada coloca-se sobre o objecto e bate-se com uma escova até que os vazios sejam cheios. Este método é o melhor quando a superfície do objecto não é horizontal.

A 1948-49

73

(Gesso) Se se desejam reproduções positivas é preciso uma moldagem de gesso.

- Em vez do papel mata-borrão delgadas folhas de estanho são aplicadas sobre toda a superfície do objecto para a proteger.

- O gesso é *introduzido (derramado) e reforçado por bandas de tela*; esta operação deve *fazer-se por pequenos fragmentos até se obter uma moldagem completa*. Obter-se-á assim um *molde negativo* que servirá para *alcançar o positivo*.

- Quando se trata de *objectos pequenos* pode-se empregar uma *pasta para modelar* e aplicar o método usado nas moedas (plasticina) para se fotografarem.

*

Pelo que temos visto *não há regras gerais para colheita da documentação* aplicáveis a todas as escavações. Ao explorador compete escolher o método apropriado, para o que precisa as condições da estação.

- Em todo o caso *certas exigências* se podem fixar para o registo de dados científicos numa escavação.

A 1948-49

74

tais são:

a) Todo o *elemento deslocado* ou transportado durante *uma escavação* deve poder ser *reconstituído nos seus menores detalhes* com auxílio das cartas, desenhos, cortes, fotografias, notas etc.

b) Todo o *trabalho* deve ser executado de tal modo que *outras pessoas na falta do explorador* possam continuar a obra científica e publicar o relatório.

Isto é possível desde que se usem os métodos preconizados nos desenhos, medidas, etiquetagem etc.

1

Conservação dos documentos arqueológicos (resumo)

1. O congresso de ciências pré e proto-históricas de 1950

“Conservação dos monumentos e documentos”

Problema divide-se em:

- a) Tratamento dos objectos que ficam no local
- b) Socorros aos objectos a transportar
- c) Tratamento dos objectos que vão para museus locais que não dispõem de preparação.

Fins: evitar a desagregação (*química*), a deterioração mecânica

Causas da desagregação: mudança de ambiente com a exumação. Agente da deterioração: variação da temperatura e humidade.

Efeitos: a) contracção e deformação das estruturas orgânicas

b) cores

c) desagregação pela vegetação (*trepadeira*) e animais

d) Sais: solúveis e insolúveis (evaporação sofrida nas superfícies porosas, sais).

- Os sais escavam a superfície dos objectos

- Nos metais muito prejudicial (cloretos) Desagregação

Tratamento:

a) Objectos deixados sur place:

São objectos grandes: mosaicos, gravuras em penedos, barcos, etc.

1.º Limpeza por processos mecânicos

A) Pedras: lavagem, evitar mudanças de ambiente se se não pode lavar, aclicmatá-los (terra ou gelo)

Os objectos das habitações lacustres envolvem-se em musgo húmido.

Sais - Eliminados por lavagem.

Petri (?) enterra os objectos em areia que rega de noite. Renovação da areia 2 a 2d [????] de papel humido.

A 1948-49

75

VII - Ferramentas (equipamento) da escavação

(*Variável*) A *utensilagem* empregada numa escavação *varia segundo o género do trabalho considerado* e os meios de que se dispõem. Duma maneira geral podemos dividir o *equipamento* em cinco categorias:

(Equipamento) I - Equipamento geral

II - Equipamento especial segundo o carácter da estação

III - Material para o registo das verificações

IV - Material de acampamento

(*Valor da experiência*) Antes de descrever as ferramentas e fixar o seu alcance é preciso dizer que *nenhum aperfeiçoamento das mesmas pode substituir a experiência e a faculdade de observação do pessoal* preparado para o trabalho das escavações.

(*Fim da escavação*) O trabalho que se efectua no campo das escavações é um *trabalho de demolição*: é a *separação brutal dos estratos formados pela mão do homem* e pelos *fenómenos meteorológicos* no curso de períodos que podem ter durado

A 1948-49

76

alguns anos ou milhares de anos.

(*Interpretação*) Se o pessoal possui a formação necessária e a faculdade de ler os factos postos à luz do dia no decorrer das escavações, a importância *do seu equipamento* poderá variar em proporções consideráveis, sem que a *recuperação do material histórico e sua interpretação lógica* sejam comprometidos.

Pode-se porém prever a composição das ferramentas num mínimo necessário ao pessoal experimentado numa missão.

I - Equipamento geral indispensável: *cartas*

Uma *exploração começa pela identificação de todos os sítios conhecidos* e consignados numa carta.

(*Reconhecimento*) Estes dados devem ser completados por *explorações tendo em vista determinar todos os sítios* em que vestígios antigos têm sido conservados para os lançar na mesma carta.

As *cartas empregadas* são a do Estado Maior (1:20.000) e dos trabalhos Geodésicos (1:50.000)

A 1948-49

77

O equipamento varia conforme se trata de regiões desérticas, ou de cultura e floresta, de pântano etc.

(*Levantamento aéreo*) Hoje emprega-se muito os *levantamentos por fotografia aérea* (cartografia fotométrica e fotografia reunida em mosaico) que serve para todos os terrenos.

(*Vantagens*) - O levantamento aéreo é de grande utilidade para notar os sítios que se encontram em regiões inacessíveis ou *regiões agrícolas* ou nos terrenos em que os agentes naturais os têm coberto duma camada mais ou menos uniforme dissimulando ao olhar do observador em terra os vestígios de sítios antigos (vegetação, areia etc.) *Tróia*.

Equipamento para levantamentos aéreos

Um *avião* munido de *aparelho fotométrico* e de operadores iniciados nos trabalhos de geometria.

- Depois cartógrafos, montadores e material próprio (*Soc. portuguesa de levantamentos aéreos*).

A 1948-49

78

- A *aviação britânica* tem preparado *cartas* que põe à disposição dos arqueólogos.
- Os *trabalhos geodésicos* também o vão fazer.
- Em *Tróia* pensamos utilizar a fotografia aérea para reconhecimento da região.

Equipamento para um levantamento arqueológico empreendido em terra.

Hoje todas as nações possuem *serviços geodésicos e cadastrais* para efeitos administrativos e militares.

(*Cartas*) Estas cartas podem *servir de base para os levantamentos arqueológicos* e esses levantamentos podem ser feitos por serviços oficiais ou empresas particulares.

(*Sem estações*) - Em regra as *cartas oficiais* não trazem notadas as *estações arqueológicas*.

(*Colaboração*) - Em *Portugal* começa-se porém a fazer isso.

- Há necessidade da *colaboração dos serviços arqueológicos com os cadastrais*. Tem-se procurado fazer isso entre o Museu Etnológico e a Comissão Geodésica.

(*Base*) No *Egipto* já se fez o levantamento geral. A *base é sempre a carta da região a explorar*. O equipamento um meio

A 1948-49

79

de condução (automóvel, barco etc.) um aparelho fotográfico, um caderno, um binóculo e uma bússola.

II Equipamento especial segundo o carácter da estação (*carácter da estação e cumplicidade*)

- Os *sítios (estações)* podem dividir-se em 2 categorias:

- a) *Sítio simples*, representando um período relativamente curto
- b) *Sítio mais ou menos complexo*, representando um período de ocupação que se estende de centenas ou milhares de anos, ou *comportando mais duma ocupação no mesmo* local em períodos muito espaçados.

- Ou simples ou complexo todo o sítio tem *carácter próprio* e representa um problema particular para o explorador.

- Em geral os sítios podem ser locais de *habitação* ou de *enterramento* e ambos com extensões variáveis.

- As camadas do depósito variam em proporções consideráveis segundo a estrutura geológica do subsolo, os materiais empregados nas construções

A 1948-49

80

a topografia da região e o clima.

(*Equipamento*) - Uma *missão arqueológica* terá portanto de *escolher o equipamento conforme o carácter das jazidas* da região em que vai trabalhar.

- Os *utensílios* devem *adaptar-se à natureza dos trabalhos* bem como aos hábitos dos trabalhadores disponíveis.

- Há *regiões* onde estes sabem *manejar a pá e a picareta* e noutros só se sabem servir do *sacho curto* (Egipto).

- O equipamento deve adaptar-se à natureza dos depósitos a levantar do terreno.

- O *sítio (estações) simples* dar-nos-á os *elementos do problema*:

1.º subsolo

2.º solo de *construção* ou do *terreno do acampamento*, compreendendo nele as superestructuras (de pedra, tijolo, barro e palha)

3.º sedimentos depositados pelos habitantes que ocuparam o terreno

4.º detritos provenientes da desagregação (depósitos formados pela desagregação

A 1948-49

81

das construções, apresentando uma superfície irregular devido às intempéries).

5.º detritos da superfície acumulados e repartidos sobre toda a área de desagregação, ou resultantes da cultura ou das plantações das camadas superiores.

As camadas dos depósitos 5 a 2 devem ser tiradas alternativamente em sentido inverso, sem entulhar a camada que se acha debaixo.

(*Estação complexas*) - Num *sítio complexo* encontrar-se-á uma série de *sítios simples*, muitas vezes *sobrepostos*, algumas vezes com as construções e jazidas duma ocupação mais recente invadindo uma parte das de data mais antiga.

(*Ataque*) - Para atacar as diferentes espécies de restos o método varia conforme o problema que se põe. Contudo uma utensilagem simples e barata permitirá atacar qualquer *género* de sítio, de depósitos ou de detritos.

(*Importância dos depósitos*) A principal diferença de equipamento

A 1948-49

82

deriva da diferença que existe (*a*) entre os *depósitos de superfície* que podem ser desaterados rapidamente e (*b*) os estratos *fundamentais* que devem ser explorados com maior cuidado.

As camadas importantes *de areia*, terra e *depósitos da superfície* análogos, que *não contêm objectos*, podem ser tiradas rapidamente. Mas as camadas que podem conter objectos devem ser tiradas com cuidado e meticolosamente.

Vejamos a ferramenta precisa.

Ferramentas tiradas para levantar as camadas normais

(Desaterro até ao espólio)

Sacho curto - O utensílio correctamente empregado no Próximo Oriente é o sachinho. Compõe-se duma lâmina de forma variável e dum pequeno cabo.

Emprega-se para *levantar*:

- a) As *camadas*, muito ou *pouco profundas*, de detritos jacentes à superfície (areia ou terra de cultura)
- b) Os detritos *provenientes da desagregação*, *tijolos de terra desagregada*, fragmentos de pedras e materiais de tratamento ou

A 1948-49

83

enchimento, até a camada inferior atingida pela desagregação ou até ao solo pisado inferior

Para escavar:

- c) No *entulhamento* proveniente da *camada* superficial e penetrando até às camadas primitivas

Para desaterrar

- d) As *fossas funerárias* até ao nível da inumação e
- e) para *cavar os solos pisados*, depois relevados, e para pôr a nú a camada inferior da estratificação geológica.

Cestos para o transporte de detritos

O processo mais simples de desaterro. Podem empregar-se mulheres e rapazes.

O fundo dos cestos deve ser reforçado

Picareta - (*quando se verifica não haver objecto*)

O uso da *picareta* é muito perigoso para os objectos contidos no interior do terreno, mas é vantajoso para as camadas sem objectos. Usar sempre a parte em bico.

Muitas vezes a camada superficial de detritos é amontoada pelas chuvas, como sucede nas camadas das fossas funerárias.

A 1948-49

84

Depois de ter examinado e removido (*remexido*) à *faca* para segurança de não haver objectos esta camada pode ser cavada à *picareta* e os restos deslocados por pás e conduzida com cestos.

Quando estas camadas endurecidas e amontoadas se acham sobre o solo no interior dum monumento ou sepulcro nunca devem ser cavadas com a *picareta*.

Pá – Só se emprega vantajosamente e sem perigo para *tirar as camadas profundas de areia ou para remover as terras*.

– Para o *desaterro* dum terreno recoberto duma camada de areia *comum* construir um *caminho de ferro* em nível mais baixo e lateralmente.

– Para carregar as vagonetes a pá é muito útil.

Se a areia é dura convém cavá-la à *picareta* e carregá-la à pá.

Utensílios especiais

O *emprego do sacho, da picareta e da pá cessam quando a exploração chega às camadas*, geralmente pouco espessas, *contendo objectos de valor documental*.

A 1948-49

85

(*Camadas com espólio*) - Estas camadas terão de ser examinadas cuidadosamente.

Estas camadas podem compreender:

- a) *Detritos recobrindo o solo duma habitação ou dum templo e encerrando objectos depositados quando da partida do último ocupante.*
- b) *A camada inferior dos materiais enchendo uma fossa funerária aberta, na qual se conservam o corpo (esqueleto) do defunto e o espólio do mesmo, ou a totalidade dos materiais se ela está fechada;*
- c) *A camada funerária dum grande túmulo subterrâneo e todas as câmaras funerárias intactas ou despojadas;*
- d) *Camadas formadas pela continuação da pilhagem das habitações ou câmaras funerárias, a qual pode estar ao de cima ou mesmo fora da construção*

- Ora todos os objectos contidos por estes níveis devem ser postos a luz do dia por um trabalho manual meticoloso, antes de fazer desenhos em escala ou tirar fotografias.

- Este trabalho necessita de ferramentas

A 1948-49

86

(*Ferramentas especiais*) especiais, *pinças, fio, agulhas, faca de lâmina larga, escovas e brochas* de diferentes tamanhos e qualidades, *fole de mão*, uma *colher* e *diversos materiais suplementares*, como *cera* de parafina, *solução de celuloide*, *gesso de Paris* etc.

Faca de lâmina larga

Deve ser *delgada, longa* (25 a 30^{cm}) e *larga* (5^{cm}), *ponteaguda e segura duma maneira rígida* a um cabo de madeira, que se adapte bem a mão.

- Substitui o sachinho nos *desaterros* de menor volume, para exumar os fragmentos pequenos em camadas endurecidas ou em camadas molhadas, etc.

- É ainda o melhor utensílio para dissecar as camadas de limon (depósitos das chuvas) que cobrem o solo duma câmara funerária que pode conter objectos, ossos ou tecidos.
- Serve também para livrar o solo dum local do lodo ou limen porque foi recoberto durante a ocupação ou posteriormente.

A 1948-49

87

Vassoura

De cerca de 50^{cm} de comprimento muito úteis para *varrer pavimentos, terra batida, superfícies de desagregação, solos de câmaras, o cimo das paredes e as superfícies* destas sem decoração ou inscrições.

Também são úteis as pequenas para limpeza do desbaste do formigão dos mosaicos etc.

Pincéis – deve levar um *sortido* variado.

Os mais grossos *servem para tirar a areia ou poeira de entre os objectos ou das costelas dum esqueleto.*

Pequenos pincéis de pêlo de camelo

Empregados para tirar a *poeira dos objectos miúdos (contas), amuletos, etc.*

(*Colares e vestuário*) – Quando estes objectos são encontrados numa camada espessa de areia ou de poeira recomenda-se de *tirar parte do colar e de o enfiar imediatamente*. Isto deve ser feito pelo explorador.

(*Tecidos*) Em regra quando se trata dum vestido *guarnecido de contas* não é possível libertá-lo duma parte delas.

Essa parte *deve ser consolidada* e transportada para um plano (bandeja)

A 1948-49

88

até que o todo tenha sido reunido.

- Na prática é difícil reenfiar as contas de tais vestidos antes da sua reconstituição num plano, em razão da complicação da rede de fios.

- Os *pincéis e as pinças* foram os principais instrumentos usados para desaterrar o túmulo Hetep-hares, túmulo secreto da *mãe de Cheops* (Missão de Harvard).

Pinças - Empregam-se para *recolher pequenos objectos isolados, sem desarranjar o resto da camada* em que repousam.

- Devem ser de diferentes comprimentos (10 a 12^{cm}) e munidos duma mola para afastar as pontas.

- As *extremidades* devem ser aplanadas no interior e a superfície *ligeiramente estriada, encurvadas* para receber os objectos maiores e *ponteagudas para agarrar* as contas, amuletos, fragmentos de incrustações.

A manipulação da pinça deve ser confiada ao escavador.

Fole de mão - muito útil para *expulsar a poeira, a areia fina e a matéria*

A 1948-49

89

pulvurenta dos objectos.

Este trabalho *é feito depois de todos os ensinamentos respeitantes ao objecto serem tomados.*

(*Esqueleto*) - O *fole* munido dum grande bico em metal, do modelo empregado para activar o fogo, mostrou-se muito útil para libertar os esqueletos das fossas pré-dinásticas, que se encontravam cheios de areia ou de gravier.

- Não se pode porém empregar senão nos casos em que os objectos repousantes na camada de terra sejam bastante pesados ou se mantêm no seu lugar (esqueletos com os ligamentos).

- Para os objectos mais delicados um pequeno *fole* (pêra em caoutchouc) pode ser empregado com cuidado, um *fole* de pó de insecticida.

Colher - Quando se libertam os esqueletos com o *fole* ficam às vezes *calhaus e pequenas massas de terra* que só com a colher podem ser retirados.

Equipamento para evacuação de detritos

Em geral empregam-se os *cabazes ou cestos ou gamelas*, mas quando a profundidade da estação atinge 3^m é preciso

A 1948-49

90

utilizar outro meio: Uma *via férrea* em nível mais baixo, uma *cadeia (à formiga)* de trabalhadores em marcas na terra ou em escadas.

- Se é um poço até 2^m os cestos, de 5 a 8^m *escadas, mais sarilhos*. Alguns descem a 30^m (Giza).

Escadas - De 4 a 8^m, degraus de 50^{cm}.

Escavadoras - Não convêm, porque destruiriam os níveis arqueológicos a examinar.

Crivos - Já indicadas as condições a que devem obedecer

Equipamento para transporte dos detritos para fora da escavação

As medidas a tomar para transporte dos desaterros variam conforme a natureza do sítio da exploração.

Quando se trata dum *sítio simples* e isolado a evacuação não apresenta dificuldades: efectua-se para um *terreno previamente examinado e que se sabe não conter antiguidades*.

Deve *começar-se o trabalho pelo ponto mais afastado* para se não ter de passar pelas partes já cavadas.

A 1948-49

91

Quando o *terreno é dividido* segundo o *método das bandas ou das casas* os condutores procedem como no caso simples.

- Graças a este método um grande sítio (*estação*) pode ser explorado em bandas de dimensões convenientes, mas suficientemente extensas para revelar a totalidade das jazidas. Os *detritos provenientes duma banda são lançados sobre a banda precedentemente cavada*, depois de se tomarem todos os dados e pontos de marca assinalados.

A distância a percorrer pelos condutores não *deve*, para ser económica, *exceder 50^m*, melhor será 30^m.

- Quando se trabalha numa *grande superfície* é necessário recorrer a um pequeno *caminho de ferro*.

Caminho de ferro

O caminho de ferro mais prático deve ter *rails de 5^m* fixos a intervalos de metro por placas de ferro às quais os rails estão atarrachados. A via *terá 60^{cm}* de largo.

Poderão também ser precisas agulhas.

A 1948-49

92

As vagonetes *de 4 rodas*, sólidas, com uma caixa de ferro triangular, equipadas com dispositivo para a descarga.

- Estas caixas devem ter uma capacidade de 0,75^{m³}.

(*Princípios fundamentais*) Princípios fundamentais a que deve *obedecer* a colocação duma linha:

1. As vagonetes devem ser *carregadas* o mais *perto das escavações*. A fim de reduzir ao mínimo o transporte da terra para lá. Óptimo se puder fazer-se o carregamento à pá.

2. A via deve *chegar à escavação, ao nível mais baixo possível* mas não deve atravessar local com jazidas importantes

Pode ser posta em terrenos já cavados.

3. A via deve ser *posta de modo* que se possam *sempre manobrar as vagonetes*, a fim de que as vazias estejam constantemente disponíveis no ponto do carregamento e as carregadas possam ser esvaziadas à medida que chegam ao depósito.

4. A via *não deve ser absolutamente horizontal*, porque isso exigiria um grande número de operários para empurrar a vagoneta

A 1948-49

93

Uma *inclinação doce* na direcção dos depósitos será económica e evitará os riscos dos acidentes. As vagonetas desamarram pelo próprio peso, a carga mantém o equilíbrio e os vagons vazios descarrilam menos facilmente.

Carrinho de mão

Quando o pessoal é robusto os carrinhos de mão são *muito úteis*. Convirá colocar um caminho de *pranchas de carga ao despejo* quando o terreno é irregular ou mole.

Utensílios para partir as pedras

Marreta (ou marrão). De cerca de 10^{kg}, cabo de 1^m.

Solidamente encabado. Serve para partir pedras moles (calcário ou granito)

Escopro (talhadeira) e cunhas para partir pedras

Para blocos de calcário duro que se partem facilmente no sentido da estratificação.

Fendidas as pedras, fragmentam-se à marreta.

Serra - Quando uma *pedra é grande* e tem de ser transportada para um museu por *ter relevos ou inscrições* serra-se com serra de dois cabos.

Manejo e transporte de pedras grandes

Durante uma escavação têm-se de deslocar, *içar e transportar pedras grandes*.

A 1948-49

94

Quando não têm *interesse arqueológico* podem ser *partidas e transportadas* para fora do depósito. Há-as porém que partem facilmente.

(*Exame das pedras*) Antes de ser submetida a exame toda a pedra grossa deve ser *desembaraçada da terra sobre* que repousa.

- São pois necessárias *alavancas* para fazer girar esses blocos e libertar de terra a face inferior. Se o *terreno tem edifícios* em pedra convirá ter um equipamento especial: *alavancas, tabulões, rolos, cordas, para o* manejo dos grandes blocos.

- Quando se trata de *extrair um sarcófago* dum poço que conduz à câmara funerária subterrânea necessita-se duma longa *corda de 5^{cm}* de diâmetro, 2 *roldanas* de tipo composto, tripé sólido de madeira e um *sarilho*.

Sarilho para içar pedras grandes

Iluminação - Para os *trabalhos subterrâneos* (câmaras funerárias, túmulos cavados na rocha, habitações no subsolo em edifícios importantes) é preciso recorrer a *iluminação artificial*:

A 1948-49

95

candeia, candeiro de petróleo, gazómetros de acetilene, etc.

- Os candeiros de *petróleo por pressão e a* acetilene são práticas, mas é preciso cuidado com as explosões ou incêndio.

- A *lâmpada eléctrica* muito útil ao chefe da missão para efectuar exames pessoais, mas a sua pequena duração torna-a custosa para ser empregada pelos operários.

- Uma *instalação eléctrica* é dispendiosa, mas em certos casos indispensável.

- No túmulo de Hetep-heres I (Giza) foi montada uma instalação com lâmpadas de 1000 velas e refletores que permitiram tirar fotografias.

(*Sol*) - Pode-se também utilizar o *sol* como meio de iluminação: *um espelho* num *quadrado de madeira* de 60^{cm} × 80^{cm} é mantido por um homem de modo a reflectir os raios solares no fundo; ali um *segundo espelho* é disposto para reflectir os *raios solares* horizontalmente para o interior onde se efectuam os trabalhos. Este segundo espelho pode também reflectir os *raios sobre um destes niquelado que serve de reflector*.

Para os trabalhos exteriores a lâmpada de bordo.

A 1948-49

96

Conservação dos objectos e transportes

Ver adiante.

Ferramenta de carpinteiro

Equipamento mínimo: *serra de mão, martelo de orelhas, pregos, chave de parafusos e parafusos, trado, enchó, etc.*

Linhas de comunicação

Água transportada por burro, carro, etc.

III Material de registo

Preparação de cortes e plantas: (carta geral - cortes especiais)

Os trabalhos duma missão necessitam duma *carta geral* mostrando o conjunto do local e *cartas dos diferentes sectores explorados e de sítios determinados* (cemiterios, grupos de construções, etc.), assim como o *estabelecimento de plantas das construções*.

Na *carta geral* o desnível será indicado por curvas de nível;

As *cartas de pormenores* devem ser desenhadas para indicar a *estratificação, as construções e as obras no subsolo*.

- *Equipamento mínimo: teodolito, nível telescópico, fita métrica, miras, mesa de desenhador*.
As medidas far-se-ão duas pelo teodolito e fita e a 3ª pelo nível.

A 1948-49

97

Instrumentos de desenho

Estojo, esquadro em T, réguas, escalas, régua de cálculo, tábuas trigonométricas etc.

Equipamento fotográfico

O aparelho *fotográfico* serve para registar o *aspecto geral do campo* das escavações antes e depois destas. Além das *vistas de conjunto* devem *fotografar-se todos os elementos* (monumentos, poços funerários, câmaras subterrâneas), camadas e jazidas, diferentes espécies de detritos assim como todos os fenómenos observados. Enfim cada objecto inscrito sobre o registo dos achados deve ser fotografado do ponto vista que se julgue necessário para constituir um documento relativo à forma e estrutura do dito.

Procedendo assim ter-se-á *uma documentação gráfica paralela ao diário ou relatório, ao registo dos objectos, aos planos e cortes*, que confirmará as observações que ali figuram.

a) *Aparelhos para trabalhos exteriores: sólidos, sobre tripé rígido* para evitar oscilações do vento e com rótula graduada para facilitar a tomada das vistas gerais.

A 1948-49

98

Empregam-se aparelhos de chapas de 18×24^{cm}.

b) Para os trabalhos *num espaço* restrito (poço, células funerárias) é preciso recorrer a um pequeno aparelho portátil, com tripé, para negativos 9×12^{cm}.

- Aparelhos de pequeno formato: vantagens.

(*Natureza do terreno*) - Para fixar a natureza dos terrenos diferentes *filme ortochromo*.

- Óptimo se pode dispôr de *câmara escura* para tratamentos das chapas e carregar a máquina. Pode-se construir de tijolos, tectos de madeira cobertos de terra e revestido de estuque. Tudo enegrecido ou negro.

IV - Material de acampamento

O equipamento para o acampamento pode destinar-se a:

- 1. Campo provisório para trabalhos de curta duração
- 2. Campo de escavações de duração de dois anos ou mais
- 3. Base ou *centro de irradiação* para operações da missão.

A *instalação* do acampamento abrange: barracas de campanha, refeitório, cozinha, escritório, gabinete fotográfico, e estúdio. As barracas devem ser quadradas

A 1948-49

99

de 4^m×4^m, com duplo tecto.

- Para cada tenda um jogo de cordame e de fichas de madeira.

- Se os trabalhos de escavação são longos então melhor barracas de tijolo ou madeira, com revestimento de terra, tecto de troncos de árvore, lusalite ou zinco.

Se junto dum rio um barco.

Móveis, guardar comidas por causa das moscas.

Equipamento sanitário

Ter em conta as condições da região. Se se faz uma *exploração nas colónias* é preciso ir munido dos *socorros medicinais* necessários. - No *continente para desastres + pequenos*.

Água - *Importante. Deve ser fervida.*

Alentejo.

Concluimos o inventario dos utensílios a que é preciso recorrer numa escavação.

Isto servirá como que um auxiliar para quem tiver de empreender trabalhos.

Estes *trabalhos só devem porém ser feitos* por pessoa *experimentada e que conheça todos os problemas técnicos* que importa uma escavação

A 1948-49

100

Vigilância (*guarda*) e conservação dos campos (*estações*) de escavações e sítios arqueológicos

(*Responsabilidade*) A *autoridade* que concede a permissão para escavações bem como o beneficiário dessa autorização *assume uma pesada responsabilidade*. A *primeira* confia ao último um *precioso tesouro da cultura* que representa um valor intelectual para a história da civilização e da arte do país em causa, assim como para a ciência em geral - e mesmo em certos casos um importante valor material. Assim não só o *interesse* do país considerado, mas ainda o *interesse humano no sentido universal* exige que este tesouro não seja destruído, nem perdido, quer pela execução das escavações, quer simplesmente no decorrer desses trabalhos.

- É pois *necessário examinar o assunto* tendo presente o seguinte:

(*Garantia*) I - *Medidas próprias para garantir a execução* da escavação segundo *princípios rigorosamente científicos* e métodos técnicos experimentados, em correlação com o *máximo de segurança pela conservação dos objectos e monumentos (exumados)*, no decorrer dos trabalhos.

A 1948-49

101

II - *Medidas garantindo durante e depois da escavação a integridade dos monumentos*, isto é de *toda a obra de arquitectura ligada ao local* e destinada a conservar-se lá.

III - Medidas *permitindo retirar do solo os objectos móveis, de modo a sofrerem o mínimo de dano, a serem colocados em lugar seguro, no estado mais completo possível, a chegarem aos Museus nas melhores condições, para ali encontrarem o lugar definitivo de conservação.*

IV - *Responsabilidade que incumbe à autoridade que concede a autorização para escavações.*

V - *Disposições legislativas que nos diversos Estados regulam a matéria acima indicada.*

I - Tem-se muitas vezes comparado a operação da *escavação à leitura dum documento que se destroe à medida que se lê* e que não pode ser lido senão uma vez; tem-se comparado também a *uma experiência química que não pode fazer-se senão uma vez.*

E é exacto porque o solo não entrega

A 1948-49

102

seu *conteúdo senão uma vez* e tudo depende da *inteligência e da experiência* do explorador, que o tornará capaz de entregar (*dar*) ou não esse conteúdo no decorrer das escavações.

- Não se trata *só de remover terras e colher objectos*: É *preciso minuciosa observação* e às vezes pequenos elementos são da maior importância.

Assim uma *escavação moderna visa mais do que uma recuperação de peças preciosas de Museu.*

Ela deve *estabelecer a história do local*, desde o princípio da *colonização humana* até ao seu desaparecimento; determinar *todas as modificações, todas as sobreposições de residências* que ali se manifestam; *obter*, em correlação com os achados particulares, *uma imagem precisa do desenvolvimento dum fragmento da história humana e da evolução da civilização.*

Um tal programa não pode ser realizado senão por um aperfeiçoamento constante da técnica da escavação e da observação.

Os problemas relativos à execução técnica duma escavação não entram no

A 1948-49

103

quadro deste capítulo. *Operar-se-á muito diferentemente segundo se trata de desaterrar um templo grego, de levantar as camadas sucessivas dum tell asiático ou de pôr à luz do dia construções de madeira nórdica que não tenham deixado senão traços de coloração do solo.*

- Bastará recordar aqui que *estes trabalhos impõem, além de experiência técnica e do dom da observação do investigador*, as mais altas exigências. São qualidades e conhecimentos que só se adquirem com longos anos de prática e são apanágio daqueles que, pelos seus dotes, estão predispostos para isso.

1. O *director da escavação* não deve apenas ser um *sábio (erudito)*, ele deve possuir os dons de *organizador* e uma formação técnica, ou ao menos ter interesse pelos problemas técnicos. Com efeito no decorrer duma escavação surgem a cada passo factos novos que requerem medidas (*actos*) novas, e serão dos conhecimentos técnicos e do espírito de *decisão* do observador, que

A 1948-49

104

que dependerá a salvação de preciosos elementos, pelo emprego duma técnica e método adequado às circunstâncias.

(*Equipamento*) - Quanto *mais difícil fôr a campanha melhor se deve equipar*: máquinas, utensílios, material de conservação dos objectos.

(*Pessoal*) Na escolha do quadro do pessoal igualmente se procurará assegurar do *concurso de colaboradores que tenham*, a diversos respeitos, uma *formação científica e técnica* e ainda *duma pessoa* que possua conhecimentos e *experiência indispensável para as operações provisórias da conservação* dos objectos da escavação.

- Fixará o nome dos seus colaboradores, segundo a natureza e extensão da empresa considerada, a fim de poder repartir racionalmente o trabalho e garantir o controle suficiente das procuras (*investigações*).

(*Trabalhadores*) Quanto à equipe de trabalhadores o director recrutará, o mais possível, *elementos tendo já trabalhado numa campanha de escavações*. Um pessoal sem prática causar-lhe-á múltiplos aborrecimentos a despeito da vigilância mais atenta

A 1948-49

105

exercida pelos seus auxiliares.

(*Salários*) Não se deve ser *mesquinho nos salários*, mas recrutar uma equipe de qualidade pagando melhor.

(*Poucos*) Deve-se no entanto começar com poucos trabalhadores e não com grande número e aumentá-los conforme as necessidades, a fim de não operar em condições de se não poderem fazer as observações devidas.

(*Guardas*) - É colocando-se no mesmo ponto de vista que o director da escavação recrutará os seus *guardas*, dando preferência aqueles que entendam dum *ofício útil* às escavações: pedreiros, britadores de pedra, canteiros, enfim os que estão *acostumados a lidar com grandes pedras*. Só deve empregar pessoas de toda a confiança.

(*Salários*) A paga dos trabalhadores deve ser feita pelo Director da escavação, não por um subordinado. Além das irregularidades evita-se que os indígenas considerem o guarda (*pagador*) como chefe dos trabalhos.

- O salário *não deve ser uniforme*, mas em proporção com as capacidades de cada um. Alguns investigadores pagam conforme

A 1948-49

106

o terreno (*terra*) *evacuado*, mas este sistema é mau porque pode comprometer pela precipitação (*pressa*) dos trabalhos, a descoberta e a conservação dos achados.

- É um *serviço que exige atenção* e que não admite pressas.

Este sistema só se justifica quando se trata de deslocar grandes massas de areia ou doutro material onde se sabe não haver espólios, ou para enchimento de monumentos já explorados para fins de conservação.

(*Gratificação*) Também *não é de aconselhar* o sistema de *gratificação*, segundo o qual se dá aos trabalhadores, além do salário, as *prímicias* pelos achados, *prímicias* cujo mon-

tante se calcula pelo preço que os objectos atingem no comércio. Um tal *sistema* pode induzir os operários a *introduzir clandestinamente no campo das escavações* objectos estranhos à estação em exploração e mesmo falsos.

A 1948-49

107

Isto não quer dizer que se não possa dar uma gratificação excepcionalmente (*suplementar*) a um trabalhador que tenha mostrado um cuidado e atenção especial pela descoberta e colheita de objectos ou de restos de construções dificilmente identificáveis.

(*Presença*) - Durante os trabalhos da escavação é necessária a *presença permanente* dos membros da missão, isto no *interesse da integridade dos achados e sua interpretação*.

Esta assistência permanente, hoje indiscutível pode evitar a destruição de objectos, desconhecidos dos trabalhadores, e doutros documentos cuja protecção só com a presença do director dos trabalhos pode ser tomada em devido tempo.

(*Relatório*) Não será preciso insistir sobre a necessidade de registar no relatório minuciosamente o conjunto das operações, tomando notas muito completas sobre as circunstâncias em que se fizeram os achados,

A 1948-49

108

croquis de documentos e dos locais, levantamento de plantas, perfis etc. esta documentação contribue para a salvaguarda dos objectos e pode, em muitos casos, ser a condição mesma da sua conservação.

- Também muito necessárias são as *notícias sobre os elementos efêmeros*, como traços de cor, grafite etc.

As fotografias dos objectos ainda enterrados na terra podem ter muita utilidade.

Muitas vezes a forma dum objecto desaparecido (matéria orgânica) pode ser conservada pela moldagem da matriz que ela deixou no terreno.

Exemplo Pompeius.

Registo de achados - Ao lado do *diário das escavações* é preciso ter um registo dos achados no qual se *lançarão todos os objectos achados*, depois de os *ter munido de números* que se fixarão ou inscreverão da maneira mais segura possível, *sobre o objecto* ou sobre a *embalagem*. No objecto número a tinta da China coberto de verniz de cristal.

A 1948-49

a

(*Arqueologia pré-histórica e seu desenvolvimento em Portugal*)

III – A investigação arqueológica na Península Ibérica, em especial em Portugal

Religiões, I, Enciclopédia Portuguesa s. v.

Bibliografia Gimpera, La formación de los pueblos de España, 1945, pg. XIII e seguintes;

- Trabalhos de Antropologia e Etnologia, volume XI, fascículo 1-2, página 115 (Mendes Correia, "Histoire des recherches préhistoriques en Portugal")

- Virginia Rau, *Les recherches et découvertes préhistoriques au Portugal à partir de 1940. Enciclopédia portuguesa, s.v.*

A actividade arqueológica em Portugal e Espanha desenvolve-se sobretudo *depois dos meados* do séc. XIX.

– Ela é precedida dum largo período, em que contam as influências do Renascimento e dos Descobrimentos.

- a) As primeiras chamando a atenção para a *Antiguidade clássica* e de que são representantes em Portugal André de Resende que se ocupou das antiguidades de Évora e ruínas de Cola (Alentejo) e coligiu inscrições; que se referiu a Tróia e andava munido sempre dum enchadão; Gaspar Estação, *várias antiguidades de Portugal*¹⁴.
- b) Os segundos dando muitas *sugestões sobre a vida primitiva* e conduziram por comparação à interpretação das antiguidades pré-históricas europeias.

A 1948-49

b

– Zurara refere-se aos trogloditas das Canárias, aos seus vestuários de folhas, ao seu desconhecimento do metal;

– Pero Vaz de Caminha dá-nos uma descrição colorida dos Índios do Brasil, do seu estado primitivo [*fase da pedra polida* etc.]¹⁵.

Dólmenes – As antiguidades pré-históricas têm na¹⁶ confa de Mendonça Pina sobre antas o seu primeiro estudo.

Séc XVIII

Academia da História – A Academia da História, à sua acção se deve este último estudo. Á sua influência se deve atribuir as obras de Contador de Argote (Cachão da Rapa)¹⁷.

– Padre Afonso de Madre de Deus Guerreiro (antas) [*Lista de 315 antas, escav. em Cola (Alentejo)*]

– Cenáculo etc. (*Dicionário do Padre Cardoso, Viterbo, Estevão Lis*)

* Fase científica I – Fundação da Comissão

I – Geológica (1854 até a data, proclamação da República 1910)

5-7-932

– a) As escavações desta Comissão: Pereira da Costa, Carlos Ribeiro¹⁸ e Nery Delgado¹⁹. Congresso de 80.

– b) Trabalhos Martins Sarmiento, Filipe Simões, Santos Rocha e Estácio da Veiga, Gabriel Pereira, Natividade, Marques da Costa, Virgílio Correia

– c) Fundação do Museu Etnológico (1893)

– d) o grupo da Portugália

¹⁴ João de Barros na Geografia refere-se às ruínas de Briteiros. Amador Arrais, *Diálogos* (inscrições, ruínas)

¹⁵ O roteiro da viagem de Vasco da Gama refere-se aos Boschimanes e apresenta-os na idade da pedra (Santa Helena e Aguada de S. Braz).

¹⁶ Tebaida Portuguesa do Irmão Manuel de S. Caetano Damásio (séc. XVI), numa carta do Irmão Martinho de S. Paulo (antas da Serra de Ossa) e na Confa de Mendonça Pina as primeiras referências a antiguidades pré-históricas.

¹⁷ Foi precedido pelo Padre António Carvalho (Corografia Portuguesa) e refere-se à Citânia.

¹⁸ Paleolítico da Mealhada, Leiria, Serra dos Molianos. Grutas artificiais de Palmela, St.º Adrião (Vimioso - Trás-os-Montes), Carvalho, dólmenes (Pereira da Costa, Carlos Ribeiro)
Castros - Leceia.

¹⁹ Idem anterior

Hübner – Da Republica até 1932 [910-32] (Regulamentação das escavações) Leite de Vasconcelos

- Criação de cadeiras de Arqueologia.
- O ensino da pré-história na Universidade de Lisboa.

A 1948-49

c

As Universidades tomam a direcção da investigação: Leite de Vasconcelos, Virgílio Correia, Mendes Correia: (Conimbriga, Alcácer, Pavia, Muge. Fora Jalhay)

De 1932 a nossos dias

Decreto n.º 21.117 de 18 de Abril de 1932

Regulamentação das escavações. Classificação de imóveis de interesse histórico e arqueológico.

- Opção de Estado.
- Jalhay, etc. Breuil, (1.º Povoado de S. Pedro, epigrafia, Alapraia)

Resumindo: (Investigação estrangeira e nacional.)

a) Investigação do Paleolítico e Neolítico

- Obermaier – Breuil – Pacheco, Fontes e Mendes Correia, Virgílio Correia,

b) Investigação do neolítico, bronze, ferro e romano

- Siret, Cartailhac, Cerralbo ([????] Hallstático), Schulten (Numância), Leite de Vasconcelos, Gimpera, Pericot, Almagro, Gomez Moreno;

(Romano) – Melida, Schulten, Leite, Puig, Bellido, Taracena etc.

Sistematização: [Prematura Introdução à Arqueologia de Felipe Simões]

- Cartailhac e Siret
- Dechelette
- Gimpera – ([????] arrimaram-se aos [????])

(Sistematizações em Portugal)

A Arqueologia portuguesa *viveu arrimada a estas muletas*, como está influenciada pelos *trabalhos da escola Inglesa* (Childe, Hawkes etc) por *intermédio dos espanhóis*.

- Ora disto precisamos sair, colhendo materiais que permitam sistematizações²⁰.

A 1948-49

d

Activ.

Esforços do Museu Etnológico

A) Estado da Arqueologia entre 1929 e 1392

1. Desordenação da investigação; falta de fiscalização das escavações e de protecção às antiguidades nacionais; colecionismo em vez de pré-história
2. Domínio das concepções de Gimpera, nem sempre aplicáveis a Portugal
3. Grandes lacunas na evolução. Problemas capitais por resolver ou mal resolvidos. (Desconhecimento de épocas)

²⁰ Aplicação do método *estratigráfico* e dos trabalhos de laboratório.

O que fez o Museu

a) *Promoveu a promulgação duma legislação moderna protectora do nosso património arqueológico.*

– A reacção da rotina. Todos contra um.

A desforra: A legislação actual de Espanha e França.

b) *Ressurgimento da actividade investigadora do Museu*, mas uma actividade orientada no sentido de esclarecer os grandes problemas da nossa arqueologia

1. O problema do paleolítico antigo.

A)– Estudo tipológico dominante: Erros a que tem conduzido (*Tróia*). Crença do Dr. Fontes num solutrense de Casal do Monte (Vi umas peças na [????] V.C)

A 1948-49

e

A contribuição de Breuil:

I – Os seus métodos nas estações de superfície: patina e estado físico. Inconvenientes.

II – Os seus estudos nas praias antigas:

Falhas do seu método: a) *O critério falível na nossa costa da altitude*.

b) *Os dados faunísticos*: Incertezas devido à falta duma fauna própria e diferente da actual.

– As estações encontradas reportam-se aos achados paleontológicos de Carlos Ribeiro:

– *O que há a fazer?* Exploração de grutas. Existem em Montejunto, como por exemplo. Incompletamente estriada:

e ainda a de Mira de Aire, com ossadas de veado mais que a Furninha.

(Alargamento da área geográfica do paleolítico antigo)

B) *Desconhecimento da distribuição do paleolítico em Portugal*: Os trabalhos do Museu em Caldas, Óbidos, Nazaré, Leiria e Rio Maior. Novas indústrias em Leiria. O Clactonense.

2. *O problema do paleolítico superior*

As antigas ideias sobre a existência duma (*cultura*) zona franco-cantabrica e duma

A 1948-49

f

cultura capsense. O desconhecimento total do paleolítico superior.

– *Os estudos em Rio Maior*. Descobertas de perigordense, solutrense e grimaldense e talvez madalenense.

– A ruína das antigas teorias²¹.

²¹ Dificuldades presentes:

a) *Qual o roteiro do madalenense*. Passou ou não além de Parpalló ? E no Ocidente foi além da Cesareda e Rio Maior?

b) No aurignacense distingue-se ao centro e sul o perigordense (**La Gravette**); ao N. o aurignacense prop. dito (pontas fendidas). Cro-Magnon e Combe Capelle

Poderá fazer-se esta distinção? Há estratos de indústria mista (Tarter Bos del Ser), há folhas de dorso rebaixado no aurignacense médio; há falta de estratigrafia.

c) *Constitui a península um foco independente no solutrense* (fontes com pedunculo e azas (**barbadas**) {herbelos})

d) *Relações dos solutrense com os Perigordenses*

Perigordenses indígenas que se ligam pelos grimaldenses aos mesolíticos.

1) *Nas do NW. africano há os iguais a Parpalló.*

2) *Os solutrenses eram pintores* (Parpalló). No E. e S. da África pinturas parecidas às peninsulares.

(*Arte rupestre entre nós?*)

3. O problema do mesolítico (Muge e Rio Maior)

O dito capsense de Muge. A origem negróide do povo português.

– Escavações em Rio Maior Estações *Eira Pedrinha*. Provam que o tardenoisense de Muge se filiava no paleolítico superior da região (grimaldense). (*Contra-prova em Muge. Oposições. * Campinhiense?*)

4.– Neolítico e eneolítico. Origem:

a) Desconhecimento do campinhiense e do *neolítico puro*.

b) Desconhecimento da *evolução* dolménica.

Doutrinas antigas

c) Origem oriental dessa civilização

– Há neolítico puro? Importação ou invasão?

As escavações do Siborro (critério adotado). *As conclusões:*

Os dólmenes primitivos *não são* uma *adulteração dos introduzidos*. Encontram-se misturadas, 2 fases da mesma cultura cronologicamente muito distanciadas.

(– *Independentes do levante.*)

– *Relação deste material com o das grutas artificiais: Carenque, Ermegeira, Torres Vedras (por exemplo) Quinta das Lapas.*

A 1948-49

g

Provas estratigráficas

- Relação com as grutas naturais abrigos e lugares de habitação.

Grutas de Rio Maior. Povoações do mesmo local e do Alentejo ~ Carenque.

- O problema das placas²².

Problema campinhiense

5. Problemas do Bronze

3) A *África grande* predominio do retoque facial: sbaikiense, aterriense e Still-Bay.

Logo: Os capsenses vieram no Solutrense

Refutação: Não. Não há um capsense. Capsense quer microlítico e microlítico existe no epi-aurignacense.

O próprio micro-buril do Sebiliense existe em Itália e Parpalló.

O capsense é um reflexo do perigordense europeu, como quer miss Thompson, num levalloiso mustierense e derivando para o Solutrense.

²² Novas teorias.

Grande prolongamento da eneolítico pelo Bronze.

Não foco inventor de dólmenes em Portugal. Vieram do exterior e degeneraram nas montanhas em tipos simples.

- Vitória de sistematização do orientalismo sobre o ocidentalismo.

Substituição da sistematização de Gimpera pela de Olalla (culturas *hispano-mauritana* e *ibero-saariana*)

Dificuldades:

1. Conclusões em novas escavações. As últimas grandes feitas, as do NE. Inéditas. Tudo portanto provisório

2. Argumento das dificuldades:

a) Quantas zonas culturais?

b) Numa zona portuguesa ou meridional (Almeria Lisboa)

c) Almeria africana ou mediterrânea?

d) Quais as 1.^{as} fases da cerâmica? Que relações com a do Sudão?

e) A ideia megalítica, chegou uma ou por mais duma vez? Em que casos o dólmen simples é mais antigo?

f) O vaso campaniforme é espanhol ou do mediterrâneo oriental? Qual o roteiro?

g) Distribuição dos dólmenes

h) A metalurgia do cobre é oriental ou peninsular?

i) Os dólmenes pirenaicos são de origem portuguesa?

(O Bronze é peninsular ou oriental?)

Sistematização de Dechelette e Olalla.

Diferenças em Portugal. O castro ou *Cabeço de S. Bernardo* em Moura
Escavações sistemáticas.

6. Problemas do ferro.

(Os Celtas: campos de urnas de Elvas)

O desconhecimento dos Castro do Sul de Portugal. O castro de Azougada. Fusão de influências mediterraneanas, com as Celticas.

7. Arqueologia romana. O seu abandono e dificuldade. (Novos métodos)

Os cemitérios de Estremoz

– As explorações agrícolas: Torre de Palma

– As relações comerciais: Tróia.

8– Arqueologia Visigótica

O cemitério de Silveirona: A cronologia.

A 1948-49

h

Torre de Palma

a) Descoberta ocasional em 1947.

b) Condições de jazida: outras escavações importantes na região (St^a. Victoria do Ameixial, Crato (Granja), Santa Susana?, cemitérios de Estremoz, Aramenha (Amaia), mosaico próximo de Vila Fernando, povoação de Terrugem etc.

c) Escavações e desenho e plantas: Resultados.

d) Técnica do levantamento; quando se faz: respeito pelos conjuntos grandes, perto de cidades; arranjo dos isolados

a) Emprego do rolo

b) Corte em secções: assentamento em cimento armado

e) Técnica do assentamento e restauro: não restaurar as figuras, mas sim a parte geométrica e [????]

f) Interpretação das ruínas:

1) **Parte senhorial:**

Peristilo, triclinium, tablinum;

2) **Parte rústica:** lagares, currais etc.

g) **Interpretação dos mosaicos**²³:

²³ Mosaico das musas

Musas		
Scena baquica Satiro e Mainade Satiro com mascara?		Sileno
Duas Mainades		Jo e Argon
Apolo e [????]		Heracles e Hermes? Ou Perseu?
Medeia		Herakles furioso e Mégara
Triunfo de Baco (Dionisios)		
Teseu e o Minotauro		

A) *Das Musas* : Caliope?, Euterpe, Erato, Talia, Melpomene, Clio, Urania, Terpsicore
(*Ciliope, Polinumia, [????]*)

B) Satiros e Menades:

As primeiras divindades do campo

1950 – 1951

Programa de Arqueologia

I – Interesse da Arqueologia

II – Os estudos arqueológicos em Portugal; problemas resolvidos e problemas a resolver. *Orientação moderna da sua investigação. Divisões da Arqueologia.*

III – Os primitivos habitantes do território português; origem e características das suas culturas;

IV – A revolução neolítica. Individualidade da civilização dolménica portuguesa

V – A metalurgia do bronze. As influências mediterrâneas.

VI – O elemento indo-europeu. Os Celtas; Os Castros, *a vida castreja*;

VII – As colonizações antigas na Ibéria. Reflexos da cultura ibérica da época do ferro na Lusitânia;

VIII – A romanização; persistência do espírito indígena.

IX – Os bárbaros (*germanos*). O reino dos Suevos: suas relações com a Lusitânia e com o condado portugalense.

X – Raízes antigas de Portugal.

Bibliografia

(*Biagio Pace, Introduzione allo studio dell'archeologia*)

André Leroi-Gourhan, Les fouilles préhistoriques, Paris 1950

Manuel de la technique des fouilles archéologiques (Office International des Musées).

Marcel Brion, La résurrection des villes mortes

Obermaier, El hombre fossil

Breuil et Zbyszewski, Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal, in Com. dos Serviços Geológicos, tomo XXIII e XXVI

1950 – 1951

Programa de Arqueologia

Em 1951-52 Arte prehistorica

Gimpera, Etnologia de la península ibérica

Idem, La formación de los pueblos de España

Pericot, História de España, volume I

Idem, La España primitiva

Ars Hispaniae, volumes I e II

Déchelette, Manuel d'Archéologie préhistorique

Goury, Précis d'Archéologie pré-historique

Menéndez Pidal, História de España, I e II

Bellido, Fenícios y Carthaginezes en Occidente

Idem, Hispania graeca

Idem, Esculturas romanas de España y Portugal, I e II
Gremér, Archéologie galo-romaine
Cagnat et Chapot, Manuel d'Archéologie romaine
Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitânia
Virgílio Correia, História de Damião Peres volume
Aarão de Lacerda, História de Arte
Losonja, Arte hispânico
Daremberg et Saglio – Rich
Gonzaga de Azevedo, História de Portugal.

Manuais

Obermaier e García y Bellido, El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad
Raymond Furon, Manuel de préhistoire générale
Martín Almagro, Introducción a la arqueología
Vayson de Pradenne, la préhistoire, Colin

A 50-51

3

Literatura – *Contribuição das escavações imensa: o que sabemos da literatura egípcia, dos poemas mesopotâmicos e hititas deve-se a eles.*

Ciência – Do mesmo modo *outras ciências: História* com o encontro dos arquivos em caracteres cuneiformes; medicina (trepanação nos tempos pré-históricos) – Estudo médico das múmias, por exemplo do faraó Menephtha que perseguiu os hebreus através do Mar Roxo e ali morreu. Muitos elementos sobre o seu carácter, indecisão, etc..

Arte – *Arte pré-histórica* na península – Altamira, arte levantina.

A Parisiense em Creta.

(*Vida*) – *A arqueologia procura e consegue surpreender a vida e às vezes nos momentos mais dramáticos: o soldado romano que na ponte de Pompeius se deixa cobrir de cinzas e morre apoiado na lança e no escudo;*

- o avarento fugindo agarrado às jóias; a mulher surpreendida fazendo a toilette etc.

A Arqueologia não é pois uma ciência morta; Ela faz a ressurreição do

A 50-51

4

passado e explica-nos o presente por ele. (Museu)

Alemães – *Muitos escritores alemães explicam até a História pelas forças raciais que consideram fundamentais e permanentes.*

- Julgando-se herdeiros dos arianos têm procurado atribuir-lhe tudo o que há de notável na civilização.

Exemplo: Gunther e a cultura grega (dos deuses dos poemas homéricos 60 olhos azuis e pele clara e 6 bronzeada); (dos 122 chefes descritos pelos escritores 109 louros)

Conclusão: classe dirigente nórdica e o seu desaparecimento implicou a decadência.

- Portugal – os dólmenes. Trigos moles.

(*Não erudição*) b) *Também a arqueologia não é uma ciência livresca, estática, erudita.*

- Não há ciência mais moral nem no espaço, nem no tempo.

O seu campo é toda a terra: serras e planícies, desertos e florestas; o seu arquivo a natureza.

E o tempo também não é obstáculo para ela porque se move de 1.000.000 de anos a.C. até aos tempos modernos.

A 50-51

5

Vou procurar *mostrar nas lições seguintes o que agora afirmei* e se for permitido arejar os métodos de ensino começaremos por visitar os monumentos dos arredores de Lisboa; depois como se estudam e por fim o seguinte programa, tanto quanto possível dado em presença do material.

(*ver programa e bibliografia num linguado à parte*)

Programa

I – Interesse da Arqueologia

II – Os estudos arqueológicos em Portugal; problemas resolvidos e problemas a resolver.

Orientação moderna da sua investigação.

Campo e divisões da Arqueologia.

III – Os primitivos habitantes do território português; origem e características das suas culturas.

IV – A revolução neolítica. Individualidade da civilização dolménica portuguesa;

V – A metalurgia do Bronze. As influências mediterrâneas.

VI – O elemento indo-europeu. Os Celtas. A vida castreja.

VII – As colonizações antigas na Ibéria.

A 50-51

6

Reflexos da cultura ibérica da época do Ferro na Lusitânia.

VIII – A romanização; persistência do espírito indígena.

IX – Os Bárbaros. O reino dos Suevos; suas relações com a Lusitânia e com o condado portugalense.

X – Raízes antigas de Portugal.

Bibliografia

Ver Programa de 1950-1951

*

Capítulo I – Os estudos arqueológicos em Portugal.

Problemas resolvidos e problemas a resolver.

(Vid. A 1948-49) e seguintes

a

Orientação moderna da sua investigação (ver Leroi-Gourhan)

Campo e divisões e classificação da Arqueologia (No Museu)

A 53-4

1

I *História da palavra "arqueologia"*

(vid 1948 1 a b)

1949

II - *Formação da pré-história*

a) Renascimento - Mercati e a *Metalloteka*

b) Séc. XVIII - Jussieu e Lafiteau

Descobertas dinamarquesas (pedra, Bronze, Ferro)

Thomsen e Worsaae, precedidos de Gogeret

c) XIX - Recuo da vida do homem:

Schemerling (1833)

Boucher de Perthes

d) - Auxílio dos geólogos ingleses (Lyell, Evans)

e) - *Lartet funda o método antropológico*

a) Época do hipópotamo, mamute e rena

f) *Mortillet e o método tipológico*

e) *Piette e o método estratigráfico*

g) Breuil e o estudo das patinas e da solifluxão. Arte

Progressos actuais.

A 53-4

2

A arqueologia pré-histórica em Portugal: Períodos

Séc. XVI e XVII

Tebaida portuguesa de Frei Manuel de S. Caetano Damasio

Séc. XVIII - Academias -

Confa de Martinho de Mendonça Pina

- Elucidario de Viterbo

- Cenáculo

Período científico (Comissão Geológica - 1857)

Pereira da Costa

Carlos Ribeiro

Nery Delgado

Paula e Oliveira

Felipe Simões

Gabriel Pereira

Sarmento

Cartailhac

Estacio da Veiga

Santos Rocha

V. Natividade

Leite de Vasconcellos e o Museu Etnológico

Felix Alves Pereira
Virgílio Coreia
Marques da Costa
o grupo da Portugália: Ricardo Severo, José Fortes

Revistas

Museus

A 53-4

3

Divisões da Arqueologia²⁴

- Por *intuição*, conservação de *velhas tradições e observação dos costumes* dos selvagens têm alguns escritores e filósofos da antiguidade apresentado umas miragens das épocas porque passou a humanidade.

Lucrécio. Entre estes *Lucrécio* pela visão que nos deu dos tempos pré-históricos:

(*De natura rerum*) - "Arma antiqua manus, ungues dentesque fuerent"

"Et lapides, et item sylvarum fragmina rami "

"Et flammae atque ignis postquam sunt cognita primum"

"Posterior ferri vist est, aerisque reperta"

"Sed prior aeris erat, quam ferri, cognitus usus"

- A *classificação* dos tempos pré-históricos entrevista por estes escritores foi documentada e *estabelecida* pelos dinamarqueses *Thomsen e Worsaae*.

(*Divisão*) - Temos pois a Arqueologia pré-histórica dividida em Época da pedra lascada ou paleolítica, da *pedra polida* ou neolítica, do *Bronze e do Ferro*, por sua vez subdivididas

A 53-4

4

em *períodos* tendo em *conta nas estações de profundidade (a)* a estratigrafia, nas *de superfície* as patinas e o desgaste, a técnica, a forma (tipologia) e a composição industrial.

Critério da forma - O *critério da forma* e a evolução *ininterrupta* do simples para o complexo e do orgânico para o esquemático *não é seguro* porque há supervivências, regressões, períodos de estagnação. Exemplo: o nosso neolítico puro.

Deve aplicar-se o critério da composição industrial.

- À luz deste conceito vamos caracterizar as épocas pré-históricas:

A) Paleolítico: caçadores e pescadores: Instrumentos típicos: coup-de-poing, lascas, lâminas

Uso da pedra lascada.

Indústria de bifaces e de lascas.

I) Biface - Seixo ou fragmento de rocha que se desbasta arrancando lascas (coup-de-poing)

²⁴ Ocupando-se de todos os vestígios materiais do passado a Arqueologia compreende: a) Arqueologia pré-histórica ou paleontologia que compreende a pré-história e a proto-história; b) Arqueologia da Antiguidade Oriental; c) Arqueologia Clássica; d) Arqueologia medieval etc.

Fabrico (técnicas:)

1. Por percutor de pedra. Choques de pedra contra pedra.

A 53-4

5

- As pedras que batem chamam-se percutoras. Processo usado no NE da Austrália.

2. Talhe com percutor de madeira

Bifaces delgados e muito bem retocados

II) *Fabrico de lascas*. Arranque dum fragmento rochoso. As características indicam o processo de fabrico.

- O núcleo: Plano de percussão. Superfície de lascamento. Bolbo e esquirola de percussão. Talão.

- Ângulo do plano de percussão com a superfície de lascamento depende do processo de talhe.

Caracteres do núcleo:

- a) *Sem preparação* (Clactonense)
 - b) *Com preparação*: plano de percussão arranjado em superfície *lisa ou facetas*.
- As *faces laterais* também podem ser preparadas para dar às *lascas forma determinada*.
- Lascas e lâminas, suas diferenças.

As lâminas são longas a partir do paleolítico superior

Técnica do arranque das lascas

Talhe sobre bigorna. Bate-se com a pedra a talhar numa pedra fixa no solo. Tipo Clactonense.

A 53-4

6

2. Talhe com percutor de pedra ou madeira. Percutor numa mão e a pedra noutra.

3. Talhe com alcaprema (cinzel). Interposição duma ponta de osso entre o plano de percussão e o percutor. *Reconhece-se pela forma do plano de percussão*, limitado por um *polígono curvilíneo*, com uma *série de arcos fortemente côncavos*.

4. Talhe por pressão. Processo usado pelos índios da América Central: a ponta duma longa (comprida) vara era apoiada sobre o núcleo mantido entre os pés, enquanto a extremidade oposta da vara se apoiava contra o peito. Assim se obtinham boas lâminas. Este processo pode ter sido empregado na pré-história.

III. Retoque das lascas

Retoque a *dar forma conveniente* às lascas ou lâminas.

- Pode fazer-se: a) Por choque: com percutor de pedra ou madeira; à mão ou com bigorna.

- b) Por pressão: retoques delicados.

Bordo a retocar apoiado com uma mão sobre uma pedra, um bocado de madeira ou osso conservado noutra mão.

De compressores serviam as falanges, fragmentos de úmero etc.

A 53-4

7

Técnicas do Neolítico

(sedentarismo, pedra polida, cerâmica, agricultura, domesticação de animais)

Utilização das *rochas duras*, de grão fino (eruptivas e metamórficas)

- Esta técnica do polimento *surge* 6.000 a.C. prolonga-se pelo eneolítico e Bronze.
- *Utensílio típico*: o machado.

Fases do fabrico do machado:

(Piquetage) 1. Quando a rocha era muito dura, por exemplo basalto, tomava-se um fragmento e picava-se dando-lhe um aspecto granuloso. (Piquetage)

Esta técnica usou-se no neolítico português

2. Desbaste. Se a rocha o permitia desbastava-se o fragmento rochoso por

- a) Percussão, arrancando lascas ou placas
- b) Por serragem - Usada nas rochas que se não prestavam à percussão.
- Abertura de ranhuras com uma corda ou lâmina de madeira sobre areia.
- Era uso na América à chegada dos ibéricos.

3. Polimento. Obtenção do gume, alisamento das faces.

- Obtinham-se:

- a) Com mó dormente. Bloco rochoso, repousando no solo e no qual se fricciona a peça a polir.

A 53-4

8

A utilização traduz-se em traços *curvos e ovais* (cuvettes) correspondentes ao polimento das faces e em *ranhuras estreitas* e profundas feitas ao aguçar o gume.

- Uma mó com estes vestígios, é um *polidor*, e são muitas vezes em grés.

b) Com molette, isto é, com um pedaço de rocha que se usa como lima sobre o machado a polir.

Técnica do trabalho do osso

- O *osso*, marfim dos cervídeos, serviu no paleolítico superior para *pontas de azagaia*, arpões, agulhas etc.

- Abriram-se a *buril duas ranhuras* paralelas e destacava-se uma vara.

- Depois regulariza-se com as lâminas à encoche e poliam-se

Técnica da cerâmica

O fabrico da cerâmica passava pelas seguintes fases:

- a) Preparação da pasta: argila impregnada de matéria carbonosa, de gordura, com partículas de mica
- b) Forma: obtinha-se por moldagem, modelagem e batendo com pedras.

A 53-4

9

c) Secagem

d) Alisava-se com alisadores de madeira

- e) Cozia-se (ao sol)
- f) Se a pasta era grosseira cobria-se com camada argila fina

Ornamentação:

1. Por impressão: conchas
2. Por incisão: com uma espécie de pentes
3. Pintura

Técnica dos metais:

- a) Cobre: primeiro martelado (7 a 5000) depois fundido.
- b) Bronze. Aparece 3.000 a.C.
- c) Ferro. Ásia menor - 1100 anos a.C.

A 53-4

10

Divisões da Arqueologia

Paleolítico antigo

1.º Abevilense (pré-chelense). Instrumento típico: biface.

Fabrico pedra contra pedra (bigorna). Instrumentos grosseiros, gastos, patina acaju, plano de lascamento subindo rapidamente, sem ir muito longe do ponto de partida.

- Lascas curtas, cheias, base bastante espessa, muitas vezes lateral ao seu maior comprimento.

- Instrumentos espessos, facetas curtas e remontantes, isto que [????] rapidamente à superfície.

- Contornos sinuosos quando se olha de perfil.

Raça - Possivelmente a de Mauer.

Fauna - Quente - *Elephas meridionalis*

2.º Clactonense (Clacton-on-sea).

Lascas, largas ou segs, retocadas numa só face. Fabrico por técnica de bigorna. Ângulo obtuso do plano de percussão com o de lascamento.

- Bolbo grande e volumoso, muitas vezes cónico e circunscrito. Muitas vezes múltiplo, acompanhando acidentes diversos, como as estrias curvas dum molusco (bolbo em petunculo).

- os núcleos são blocos quaisquer desbastados em volta de maneira a obter facetas com planos muito oblíquos.

- Pouco retoque no antigo, mas existente no moderno.

- Breuil distingue: Clactonense I - patina amarela-esverdeada, peças estriadas,

A 53-4

11

esmurradas; Clactonense II - patina negra de turfa, sem traços de charriage; Clactonense III - peças não patina, nem charriadas.

Clima frio. Estende-se até ao Micoquense.

3.º Acheulense (Saint-Acheul).

Inclue o chelense. Fabrico com percutor de madeira²⁵. Bifaces com retoque mais fino, longo e plano. Nem cone, nem esquirola.

Pequenas ondulações. Facetas longas.

- Plano de percussão liso, mais vertical, bolbo moderado.
- Biface mais leve, menos espesso, retoques mais numerosos, lascas menos largas.
- Contornos mais geométricos - os bordos, vistos de perfil menos sinuosos.
- Formas amigdalóide, oval, triangular, plana (hachereau)
 - a) Acheulense Inferior - peças grosseiras (Acheulense I)
 - b) Acheulense Médio - peças lanceoladas, curtas, ovais, delgadas (limandes) (Acheulense II e III)
 - c) Acheulense Superior - peças ponteagudas (Acheulense IV a VII)

Ao VI e VII pertenceu o Micoquense (biface lanceolado com a ponta muito cuidada) e o tipo Combe-Capelle - biface cordiforme e de pequenas dimensões

- Consistência duma indústria de lascas (lâminas, grattoires, pontas, racloir, núcleos, percutores)
- Lascas: plano sem preparação, um pouco oblíquo, bolbo pouco marcado. No acheulense superior retoque.

A 53-4

12

Fauna quente - Elephas antiquus, Rhinoceros mercki.

Fauna fria no fim: Elephas primigenius e Rhinoceros tichorhinus.

Raças - Crânio a Piltdown, homem de Denise, crânio de Swascombe.

4º. Taiacense (Taiace). Pequenos instrumentos fazendo com o plano de percussão um ângulo obtuso com o plano de lascamento.

- Lascas espessas, robustas, retocadas em racloir, com bolbo clactonense.
- Por fim preparação do bolbo.
- Temos pois uma técnica do débitage produtora de lascas pré-micoquenses onde a técnica do plano preparado se introduz num talhe clactonense.

Fauna - Bovídeos e Equídeos.

Raça - Piltdown Swascombe.

Cronologia - Até ao último interglaciário.

Distinção do Musteriense: lascas musterienenses são delgadas, taiacenses robustas.

5º. Levalloisense (Levallois-Perret)

Plano de percussão preparado em facetas.

Sem bifaces.

Técnica de débitage. Não o plano de percussão do núcleo com facetas preparadas, de que se vê parte nas lascas, mas as faces laterais do núcleo são preparadas de maneira a dar lascas com uma forma pré-estabelecida.

- os núcleos são uns discóides de grande talhe (discos em facetas), outros rectangulares, oblongos

²⁵ Produz (*levanta*) lascas delgadas que contrastam com as lascas espessas do abevilense.

A 53-4

13

Distinção do Musteriense

No musterense também o plano de percussão está preparado em facetas, mas o núcleo não é preparado para obter uma forma pré-concebida de lascas.

Distinção do Clactonense - As lascas largas e triangulares do Clactonense, às curtas e gordas do Musteriense (*Taiacense*) opõe-se lascas planas, grandes, alongadas, nunca retocadas na face de lascamento e na superior arestas correspondentes à preparação do núcleo e sem ou com pouco retoque nos bordos.

Posição - Tem 7 períodos, a princípio fauna quente, depois fria e termina com o musterense.

6º. Musteriense (Moustier) - Definição Mortillet

Apresenta duas facies:

a) Musteriense típico ou de tipos pequenos

- Utensílios típicos: ponta e racloir, retocados numa só face, e os discos.
- A ponta é triangular, pequena, aguda, retocada nos bordos, às vezes curvos.
- Face de lascamento plana, bolbo abatido.
- O racloir, bordo arqueado e retocado, em D, com vestígios de utilização.
- Face de lascamento lisa, bolbo e plano de percussão enlevé os maiores chamam-se

hachoirs.

- Discos. Uns discos, outras pedras de arremesso.

A 53-4

14

A par outros instrumentos feitos sobre lasca (grattoir, perçoir, serras etc.).

- Os núcleos têm contorno poligonal, talhe médio ou pequeno e são obtidos dum bloco que se desbasta.

- Segurando o núcleo batia-se com um percutor de pedra, obtendo uma lasca curta e gorda.

- O bolbo era também às vezes preparado em facetas. Depois retocava-se por compressão.

- Osso - era utilizado, bem como as hastes dos cervídeos.

- No fim aparecem as pontas encurvadas de Abri Audi

Fauna - Indica instalação dum clima frio (rena, bisonte etc).

Duma maneira geral o paleolítico médio corresponde ao reinado do Elephas primigenius e do Rhinoceros Tichorhinus, que substitui a do Acheulense (*Hippopotamus major*, *Elephas antiquus*, *Rhinoceros Mercki*)

Raças - A de Neanderthal (Ehringsdorf)

b) Musteriense de tradição acheulense

Bifaces cordiformes, triangulares alongados, regulares ou pequenos, retocados por compressão.

- Pontas do tipo Abri-Audi e proto-tipos do paleolítico superior.

- Núcleos com plano de percussão liso

- Ausência de retocadores de osso.

Cronologia - Musteriense final.

A 53-4

15

7 - *Languedocense*

Discos. Talhe quase vertical. (Breuil)

- *Paleolítico superior* -

- Idade *chamada da rena* por Lartet.

- Fim da *última glaciação*, clima frio e seco, como o provam as rochas (solifluxão) e a fauna.

- O homem vive em *grutas e abrigos*, mas entre nós ao ar livre nos vales próprios para a caça.

- Desaparece o homem de *Neanderthal* e surge o *homo sapiens*.

- A *indústria especializa-se*. Desaparece o *coup-de-poing* e o osso usa-se muitíssimo.

- A *arte* toma um brilho excepcional.

- As *sepulturas*, aparecidas no Musteriense, divulgam-se (culto dos mortos)

Raças: Grimaldi, Cro-Magnon, Chancelade.

Fauna: Rena, herbívoros etc (fauna fria)

Indústria

Osso: Pontas de azagaia

Punhais, alfinetes

Propulsores para a caça

Bastões de comando

Três invenções: As agulhas para coser o vestuário, o arpão, a arma madalennense, e as azagaias.

A 53-4

16

Sílex - Do princípio do paleolítico superior até ao Eneolítico *usou-se a técnica da alcaprema* (aplicação no plano de percussão duma peça de pedra ou osso em que se bate)

- Dá lâminas de *bordos paralelos*, plano de lascamento liso, *fracamente* ondulado.

- Plano de *percussão* muito pequeno facetas deste *de preparação* oblíqua e não verticais.

- Dorso *natural* ou *aresta em zig-zag*.

- Secção *triedrica*, com aresta média dorsal ou duas arestas paralelas.

- *Retoque por percussão* de pedra ou osso ou por compressão

- *Retoques* numa só face; excepto no Solutrense

- *Núcleos alongados*.

Utensílios:

- Grattoir	{	grattoir carené	{	<i>com leque</i>
		núcleoformes		<i>afocinhado (museau)</i>
		rabot - grattoir espesso, grosseiro, grande		
		grattoir sobre lâmina		

- Laminas {
- Perçoir (furadores)
 - Serra ou lâmina denticulada
 - Pontas (Abri-Audi, Chatelperron, La Gravette, Font Robert)
 - lâminas à coche (com entalhes)
- Buris {
- em bico de flauta – 2 golpes destacando esquirolas à esquerda e dividida de ângulo
 - prismático: uma das facetas substituída por caneluras longitudinais a Noailles - trancatura superior reto e colo poliedrico

A 53-4

17

– *Aurignacense* –

Descoberto por Lartet em Aurignac.

I - *Características gerais*: retoque marginal, em degrau, utilização do osso.

II - *Origem*: Palestina, bifurcando-se para o Norte de África e para a Europa Meridional.

III - *Classificação ou divisão clássica* (tradicional)

a) *Aurignacense inferior* ou Chatelperronense

Pontas de Abri-Audi, pontas de Chatelperron

b) *Aurignacense médio* (aurignacense clássico)

Pontas de base fendida; burin busqué, inúmeros grattoirs carenés

c) *Aurignacense superior* ou gravetense

Pontas de la gravette

Buris (bico de flauta, prismático, poliédrico de Noailles; ponta de la Font Robert

Peyrony reconheceu que esta classificação não satisfazia e que era preciso distinguir várias facies:

1.^a *Facies perigordense*. Indústria de lâminas de dorso abatido. Raça de Combe-Capelle

Divide-se em:

a) Perigordense inferior (Perigordense I, II) - Pontas de Chatelperron

b) Perigordense médio

Lâminas truncadas (Perigordense III)

Pontas de La Gravette (Perigordense IV)

c) Perigordense superior

Pontas Font Robert (à cran atípicas)

Lâminas de base truncada e dorso abatido (Perigordense V)

A 53-4

18

2.^a *Facies aurignacense clássica*

Intensidade do trabalho do osso e da ponta da azagaia, cuja evolução da forma permite a divisão desta facies em 5 períodos

Lâminas de dorso abatido raras.

Grattoirs carénés abundantes

a) *Aurignacense inferior* - I e II

I - Estatuetas femininas (I) associadas a pontas de azagaia mais largas que espessas.

Pendeloques de osso

Lâminas estranguladas, grattoir carené em leque

II - Pontas de azagaia losangueadas e aplanadas e sem base fendida

- *Burin busqué*²⁶ e buril de ângulo

b) *Aurignacense médio* - III

Pontas de azagaia mais alongadas e base grossa

Tranchets e grattoir à museau

c) *Aurignacense superior* - IV e V

Pontas de azagaia de tipo fusiforme e secção circular

Alfinetes com cabeça - Muitos perçoirs e lissoirs

Buril de bordo arqueado.

3.^a *Facies grimaldense* - Itália

Técnica de lâminas de dorso abatido prolongada por todo o paleolítico. Mais tarde triângulos, pequenas raspadeiras, pontas à cran atípicas

4.^a *Facies capsense*. Palestina, Norte de África e talvez Ibéria. Fase tardia do paleolítico superior.

- Capsense superior microlítico e post-quaternário

- Nas Costas de Argélia e Marrocos uma indústria de lâminas de dorso abatido a que chamou ibero-mauritano.

A 53-4

19

Métodos modernos de investigação arqueológica

Para o comum a arqueologia *é a ciência da morte*. Mas eu penso ao contrário que ela *é a ciência da vida*.

- *Superficialmente* se julga que o *arqueólogo se encontra* apenas preocupado com as *coisas da morte*, com os túmulos, com os restos dos templos e das casas e *esquecem-se* que são as necrópoles que *melhor nos conservam as formas e as imagens* da vida e que em *restos do passado* nós encontramos *espelhadas as ideias e os costumes desaparecidos*.

(*Guarda de Pompeius*) Egipto - Que saberíamos nós da *vida dos antigos egípcios* se não tivéssemos aberto os seus túmulos, se os não vissemos ali navegar nos seus batéis, caçar nos pântanos hipopotamos, semear os campos, pescar no rio (*Nilo*)?

- Que saberíamos nós da sua vida (*espiritual*)

²⁶ Intercessão numa faceta plana devida a golpe de buril com uma superfície convexa retocada em facetas. Busqué = guarnecido de barbas.

A 53-4

20

se não tivéssemos os seus templos e as imagens dos seus deuses?

- Que saberíamos nós das suas preocupações se não colhessemos na morte a imagem da vida? Por exemplo um *atelier de escultor*, este a talhar uma estátua de princesa e uma inscrição a justificar o espanto dos discípulos: - *É ela; só lhe falta falar!*

Proximidade - Eu penso que estamos muito mais próximo do que se julga, dos templos pré-históricos. Às vezes até a aproximação é tão grande que os próprios arqueólogos são surpreendidos;

- É exemplo a exclamação espontânea que saiu dos exploradores de Cnossos ao depararem com o fresco dum palácio com a representação duma mulher: - *Mas é uma parisiense!* E ficou a parisiense!

- Quando porém a aproximação é mais afastada ela pode dar-nos:

A 53-4

21

1º. Uma *visão dos tempos* a que se reporta. Que autor é mais vivo e mais eloquente do que as ruínas de Pompeius e de Herculanium?

2º. *Pode-nos dar a explicação da vida actual e até das características* das linhas de força que regem os povos. Grandes descobertas

Exemplo: O museu Etnológico; a) *Evolução da vida material e da vida psíquica.*

A iluminação; as ferramentas; as indústrias (pesca, tecelagem), a cerâmica.

- *As superstições*: os crescentes.

b) *Fundamentos da nacionalidade* (Miopia dos historiadores). A personalidade dos povos de que derivamos.

A originalidade das culturas dólmens, castros etc²⁷.

*

Porquê esta *separação da História* e da Pré-História? *Faltam os documentos escritos. Mas falam as pedras.* Tudo vai em as compreender.

- Num rude instrumento paleolítico não vemos apenas *um aspecto industrial*.

Podemos saber *pela patina* donde provem (a natureza do terreno); se assistiu

A 53-4

22

aos ventos fortes dum inter-glaciar (patina do vento); se a glaciação (soliflução); se foi retalhado e utilizado posteriormente.

- Daqui o interesse da investigação arqueológica.

- Esta porém requiere o maior cuidado, conhecimentos e aptidões especiais, porque a maior parte das vezes para lermos este arquivo é preciso destruí-lo com uma escavação.

²⁷ Colaboração de arqueólogos com a história literária. a) *Interpretação dos poemas homéricos*. Data dos poemas. Época a que reportam; b) Ilha de Ullisses. Dorpfeld relacionou a Itaca com a ilha *Stª Maura*. Nas escavações ali feitas por Heurtley encontrou-se uma inscrição dedicada a Ulisses, que se tornou uma espécie de divindade tutelar da ilha; c) Literatura egípcia e caldaica.

- Investigação -

(Cuidados) A) Procura das estações:

1. *Leitura das obras sobre a região*

2. *Estudo da cartografia da região* (escolha dos locais com *condições para a vida primitiva: água, defesa, alimentação, material* para a indústria (exemplo no paleolítico contactos do secundário com o terciário, vales secundários a entrada; *castros* locais próprios; grutas com boa exposição.

- O *paleolítico antigo encontra-se em regra no subsolo*, mas as lavouras e os agentes de erosão põem por vezes essas estações à superfície.

- O *tardenoisense* e o Neolítico na camada *aravel*.

A 53-4

23

- O *paleolítico inferior* dispõe-se ordinariamente nos *planaltos arenosos*.

- O *Neolítico* nas *planícies*, o *paleolítico superior* nos *vales longos e apertados* (afóra em grutas e abrigos).

- Os *abrigos e as grutas* devem procurar-se nos terrenos *calcários* ou de grés, onde a erosão os produziu.

- Às vezes encontram-se junto das *falésias*.

- Os *ateliers (oficinas)* mais ricos estão quase sempre junto duma *nascente*, com exposição *ao Sul ou nascente*, menos vezes de oeste, raramente do Norte.

- Nos *tufos calcários as grutas artificiais*.

Por exemplo na região de Torres: Ermejeira, Casal da Lapa etc.

- *Concluindo: a geologia e a topografia* orientam-nos na pesquisa.

3. *Inquéritos (deixar para último lugar)*

4. *Estudo da toponímia e das tradições*

- a) *Paleolítico*: Seixal, Seixeira, Cascalheira, Pederneira (os terrenos *pliocenos* têm em geral *quartzite*)

- b) *Mesolítico*: Concheiros

- c) *Neolítico*: Antas, antelas, antinhas, orcas, arcas etc.

A 53-4

24

Época dos metais: castro, castelo, castrejo etc - Lapa

- *Tradição: a) Lendas sobre mouras encantadas* (Castelo dos Mouros, Cova da Moura etc)

b) *Sobre tesouros escondidos*: O cemitério da Silveirona conhecia-se pelo Curral da Mina.

5.º *Estudo do terreno*. O que fazer-se de *preferência no Outono*, depois das primeiras chuvas e das lavouras, depois de lavadas as terras.

- *Devem ter-se em conta*:

- a) *Os locais ricos* em sílex ou quartzito com posição favorável em relação à *água, ventos ou defesa*.

- b) Os *montículos artificiais* no meio das planícies, ou nas encostas

Exemplo - os *dólmens* primitivos: pequenas ondulações cheias de cascalheira da mamoa.

- c) O *comportamento da vegetação*:

- *Mancha clara* na primavera nos locais em que existem *construções* de tijolo, cal etc.

- Diferenças na *vegetação* podem indicar a presença de estações

Exemplo - As grutas de Carenque, o *Chão de Cabana* da Lobeira de Baixo etc.

A 53-4

25

- As placas de heras

d) A *fusão da neve* faz-se mais rapidamente nos sítios com restos antigos

e) *Buracos de toupeiras e coelhos*

f) Abrigos e grutas.

g) O *aparecimento de fragmentos cerâmicos*.

Indicam-nos a *área e a cronologia* (povoações de Carenque e Rio Maior (Bocas))

Aqui é preciso atender as características da cerâmica (pasta, forma, ornato)

A *ciência ao serviço da prospecção*

A ciência *vem em auxílio* dos investigadores *oferecendo-lhes meios* para facilitar o reconhecimento de estações.

-1. *Pela medida da condutividade eléctrica do solo.*

- Os engenheiros de minas empregam um aparelho que mede a condutividade eléctrica do solo. *Por exames sucessivos* podem-se determinar *com ele as zonas húmidas* do subsolo e portanto *os fossos neolíticos* ou posteriores.

- Por este mesmo *processo* se descobriu o esqueleto de Teperpau no México.

A 53-4

26

2. *Determinação do conteúdo dos fosfatos.*

- Um *habitat* humano é *sempre mais rico em fosfatos*, do que os vizinhos, devido aos ossos dos animais comidos e às *dejecções*.

- A análise dum solo, comparada com a do vizinho, permite averiguar se ele foi ou não *habitado permanentemente*.

- Na *Suécia* este método permitiu o *estabelecimento de cartas de povoamento pré-histórico* e a determinação se as sondagens podem ou não ser produtivas.

3. *Reconhecimento (detector) electro-magnético*

- As *massas metálicas dos objectos* que fazem parte do espólio possuem uma *radio-actividade diferente* das massas mortas. *Marcada a diferença de potencial* e recolhidos os raios δ , β e γ pode-se assinalar uma estação.

4. *Pelo pêndulo ou pela varinha.*

Não deve ser desprezado, mas usado com prudência. *Eduardo Salin* conseguiu no cemitério *Varangéville* (Meurthe-et-Moselle)

A 53-4

27

determinar as medidas *sem auxílio de escavação em 70% dos casos*.

- Ele considera o *pêndulo um meio de* indicação dos locais de necrópoles.

5. *Prospecção aérea*

A partir de 1915 tem-se empregado com proveito os reconhecimentos aéreos.

- Eles revelam pelo *emprego da luz rasante*, tonalidades que por ela tomam as sombras pela reacção diferente (actividade) da *natureza* do solo, pelas linhas de continuidade assim estabelecidas, pormenores que escapam à observação directa.

- Na *Inglaterra* reconheceram-se assim muitas *estações célticas*, na *Síria* as *estradas e fortificações do deserto*.

- Emprega-se a *luz rasante e a contra-luz*.

a) *Luz rasante*: faz sobressair as irregularidades do solo. As tonalidades da vegetação reforçam este efeito.

- Com as primeiras chuvas de outono os campos reverdescem, mas as tintas são diferentes conforme a permeabilidade

A 53-4

28

e rugosidade do solo: mais *clara onde se ocultam ruínas* por menor permeabilidade e dissolução da cal das paredes.

- *Há casos contrários: Abundância de detritos das estações pré-históricas.*

Neste caso a *côr é mais viva*.

- *Côr mais carregada nos depósitos* feitos numa antiga calçada *ou fossa* (mais húmus e mais humidade)

- A *actividade do terreno*, para o caso de *ruínas invisíveis*, tem de ser considerada: *emprego de emulsões especiais* sensíveis às diversas substâncias. (chapas sensíveis aos raios ultra-violetas)

- Assim na *Síria* as *ruínas* da zona da fronteira, das quais um terço subterrâneas, foram postas ao serviço da ciência.

- Uma *ruína enterrada 1^m* pode ser reconhecida por um avião.

b) *Contra-luz*

No verão a *luz violeta das horas médias do dia e a bruma*

A 53-4

29

húmida (de areia no deserto) impedem o emprego da fotografia aérea.

- Desde 1932 tem-se empregado nestes casos a *contra-luz* nas seguintes condições:

a) Ângulo de 15 a 30° em relação à direcção do sol.

b) fraca altitude (200^m o máximo)

c) Inclinação dos clichés: 45°.

6. *Fotogrametria*.

Põe-se em *escala uma fotografia tomada de avião*. Para isso marca-se uma *base na escala desejada* com elementos colhidos no terreno e depois *projecta-se o cliché* de

modo a obter a coincidência das duas imagens (base fotográfica e base gráfica) e faz-se o desenho.

7. *Reconhecimento das estações lacustres ou submarinas*

A procura pode *ser feita por mergulhadores*, mas este meio é insuficiente e completa-se por:

A 53-4

30

a) *Fotografia de avião.*

Processo delicado, que luta com as dificuldades que lhe opõem a *visibilidade da água e da atmosfera*.

Este processo, usado em Tiro, preparou as buscas com mergulhador (escafrandro)

b) *Luneta de calafate.*

Espécie de bidon sem tampas que se mergulha na água para obter uma *superfície* tranquila, que permita observar e fotografar.

- Conseguem-se *distinguir os objectos* a olho nu a 13 e 15^m, fotografar, não sem dificuldade, à profundidade de 8 a 13^m.

c) *Fotografias tiradas no fundo.*

É feita por *mergulhadores* com máquinas especiais. A dificuldade está em limpar os objectos a fotografar.

- Numa *exploração a preceito começaria* por uma *fotografia aérea*, depois utilização da *luneta de calafate* verticalmente, por fim, precisados os pontos a estudar, emprego de *mergulhadores*.

- O mergulhador levará um metro rígido pintado a branco, com as divisões a negro, e as medidas serão observadas da superfície com a luneta de calafate - Tróia.

A 53-4

31

Fotografia aérea em Portugal.

- Iniciada pelo *Museu Etnológico em 1934* com a fotografia do cemitério *visigótico da Silveirona* feita pelos serviços de aviação do exército.

- Finalidade: *Documentar* a estação.

Trabalhos posteriores:

Como o mesmo fim, os da Sociedade Martins Sarmento e do Padre Jalhay.

Prospecção e documentação:

- Tróia de Setúbal: *Levantamento* da Carta, prospecção e fundos submarinos

- Villa romana de Torre de Palma: *Documentação* e planta sobretudo; prospecção em

2.º lugar.

Interpretação:

a) *Estudo do positivo*. Demos atrás as regras a usar

b) Estudo do negativo

Requere o emprego *estereoscópio* e um *técnico com experiência arqueológica*.

- O *exame estereoscópico* permite a reconstituição do *relevo da zona fotografada*, não havendo necessidade de o exagerar.

- Munido dum estereoscópio e duma lupa *sujeita-se o cliché a um estudo analítico*.

- Qualquer ou *todos os pormenores com interesse são decalcados e transportados* para uma planta do *conjunto*, em grande escala

A 53-4

32

que permite o estudo sintético dos vestígios antigos identificáveis.

- Os sítios cujo exame do solo ou escavação parecem ter *interesse serão* objecto duma ficha especial e dum decalque em grande escala.

- Deste modo se poderão conhecer elementos:

a) Para o paleolítico: Estudo da repartição dos terraços fluviais, melhor compreensão das formações quaternárias e da carta geológica.

- Determinação rápida de todos os cortes acessíveis (saibreiras, arieiros, cascalheiras, trincheiras do caminho de ferro) com o fim de preparar um itinerário racional de prospecção.

- Para as grutas os resultados são menos devido à dificuldade de as reconhecer pela cobertura vertical. Contudo o comandante Thoret reconheceu sistematicamente por avião a região da Provença (Alpilles) notando grutas sepulcrais e sítios pré-históricos desconhecidos.

b) Para o neolítico e períodos seguintes

Resultados muito mais eficazes e aumentam à medida que os traços do homem se tornaram mais evidentes.

A 53-4

33

Os habitats, cercas de campos, as linhas de fortificação (às vezes indicadas por uma linha de arbustos que a cultura não pode destruir), um pequeno bosque, que ocupa precisamente o interior e a forma dum campo antigo, o quadrado do fosso dos campos romanos, mais escuro de cor, como o das aldeias neolíticas bem se reconhecido pela aviação. Antanol

- Restos cobertos pelas águas, como uma aldeia no lago Homs (Síria); a organização do porto de Tiro etc.

- Na arqueologia agrária é que os resultados são mais brilhantes:

Na Inglaterra os campos célticos e céltico-romanos e mesmo medievais têm sido identificados e no mediterrâneo o mesmo tem acontecido nos locais onde se fundaram colónias romanas.

Nas regiões subdesérticas determinam-se as redes fósseis dos canais de irrigação

c) Sepulturas. Dependem os resultados da sua natureza. Bons na fixação dos monumentos megalíticos, nos tumuli, que mesmo arrasados deixam um círculo mais sombrio com o centro mais claro, ou claro quando misturados com cascalho.

- Também óptimos resultados nas vias de comunicação e limes romanas.

A 53-4

34

Sondagens

A prospecção mecânica deve ser acompanhada de *sondagens*.

Alguns autores reprovam o seu uso pelo perigo da destruição dos estratos e preferem a escavação sistemática, isto é, a extração de delgadas camadas de terra horizontais.

a) Sondagem em profundidade

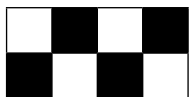
Ultimamente porém verificou-se que as sondagens em profundidade são às vezes úteis (por exemplo Jericó) e põem à mostra a sucessão das civilizações.

b) Sondagem por trincheira

- As primeiras sondagens fazem-se para o sítio para onde *queremos lançar* o desaterro.
- Se o *terreno é esteril* pode receber as terras removidas, se não é tem de se fazer primeiro uma escavação.

- As trincheiras *devem ser largas, de 3^m*.

Shaeffer aconselha a trincheira axadrezada, de 3^m de largo, mas que se não abre senão em rectângulos alternados.



A 53-4

35

c) Túneis.

Processo condenável. Remeximento das camadas. O mesmo *trincheiras estreitas*.

d) Reconhecimento pela sonda

Aconselhável *em terrenos de areia* ou móveis.

A sonda penetrando numa camada de cinzas ou ossos trás vestígios nos seus interstícios

c) Reconhecimento pelo som.

Os túmulos do Marne em *França* descobriram-se *enterrando um ferro* (broca) com força *no chão*. Quando *bate em pedra* conhece-se pela vibração se a mesma é firme ou não (neste caso sepultura).

- Às vezes batendo o chão reconhece-se a sepultura. Exemplo Rio Maior. (*Campo de urnas*)

- Em Chipre acharam-se túmulos micénicos por outro processo:

- Extrai-se a camada de húmus, *cava-se um quadrado no solo* duro depois furam-se as paredes do poço nas quatro direcções, enterrando uma barra e estendendo o reconhecimento até 2^m.

A 53-4

36

Estudo das estações

Encontrada uma estação torna-se necessário estudá-la e para esse efeito temos a considerar dois casos:

I - A estação é de superfície. Exemplo: Casal do Monte

II - A estação é de profundidade.

- No primeiro caso é preciso *recolher cuidadosamente* o material e *compará-lo* com o das estações vizinhas.

- Mas em regra o *material está misturado* pelas lavouras, como o do Casal do Monte, como o de Monsanto, como o Castro de Assenta e então é preciso empregar, para uma boa interpretação, o método das séries.

- O *método das séries* só é utilizável com muito material e consiste no seguinte:

- Apartar os objectos segundo a *natureza* mineralógica. Depois *classificá-los* tendo em conta o desgaste das facetas e arestas e a patina. As peças com dupla patina são do maior interesse porque acusam dois tempos²⁸.

- Estação de *Rio Maior* (Madalenense misturado com aurignacense).

Noutro paleolítico superior, mesolítico e eneolítico (pinheiro da Carneira)

A 53-4

37

Perigos do método: Variação das condições de exposição (vertentes, planícies).

- Lâmina espessa do castro de Azougada. Muito gasta mas de técnica mais moderna.

- Classificada por Zbyszewski como abevilense.

- Busca no Museu de peça idêntica; não existia

- Espólios idênticos são da mesma época.

Inconvenientes das estações de superfície

a) Conclusões erradas. Os *trigos moles* da Assenta.

Influência germânica no Calcolítico português.

A estação tem porém material do ferro.

b) Falsificações - As estações de superfície e os achados avulsos podem conter ou ser uma mistificação.

- As falsificações são vulgares: Na Itália constituem uma indústria, cuja exportação já tem alcançado Portugal.

Exemplo: O aes signatum do Museu de Numismática.

- A falsificação das *moedas visigodas* também foi prospera indústria.

- O morabitino de Braga. *moeda de D. Manuel (1/4 de Cruzado)*

²⁸ O sílex grosseiro, quartzo, quartzite e grés reagem diferentemente do sílex fino.

Séries que se podem estabelecer na margem direita do Tejo: I - Côr geralmente carregada, castanho escuro ([????]/carregado) ângulos desfeitos, facetas adoçadas; II - Côr acaju, arestas trituradas, facetas adoçadas, mas bem visíveis; III - Côr amarela ou [????] facetas adoçadas pouco trituradas bem nítidas. Superfícies muito brilhantes de sílica-secundária; IV - Sílex pouco colorido, bastante patinado, creme, superfícies com lustre brilhante ou moderado, arestas pouco adoçadas. - Nem estrias, nem fracturas, nem contusões devidas à solifluxão. Grês aderente às superfícies; V - Patina branca, muitas vezes nula, arestas vivas, superfície, terras, não há alterações mecânicas; VI - e ulteriores - Arestas muito vivas sílex, muitas vezes sem patina, mais ou menos lustroso!

As falsificações podem consistir:

1. Na imitação dum objecto antigo por lucro ou para enganar a ciência.

Exemplo: o busto de Caracala. Foi oferecido ao Museu de Arte Antiga, que consultou o Etnológico.

A 53-4

38

O busto era uma réplica do de Berlim.

- Três hipóteses a considerar:

- a) Cópia da antiguidade
- b) Cópia do Renascimento
- c) Cópia moderna.

Do Renascimento ou Antiguidade?

Caracteres dos do séc. III:

I - Bustos de meio corpo (chega ao umbigo)

II - Braços ambos destacados do corpo

III - A parte posterior não desprezada

IV - Emprego do trépano

V - Traje militar ou toga militar (trabea)

VI - Manto em franjas

VII - Às vezes de dois mármore.

O busto era belo, mas o tratamento das sobrancelhas e testa não correspondia à época.

Investigações: Daqui suspeita, tanto mais que não havia *literatura conhecida* que atestasse o seu aparecimento na estação húngara de Aquicum.

- Consultado um professor húngaro de Arqueologia em serviço na Suíça conclui-se:

- a) Não existia o professor *Bauer* que se dizia tê-lo encontrado
- b) Não serviu para o restauro do nariz do *busto* de Nápoles, como se dizia.

38-1

Falsificações

I. O Eoanthropus Dawsoni ou Homem de Piltdown

- Explorações realizadas pelo *Dr. Dawson* de 1908 a 1915 recolheram *fragmentos da caixa crâniana*, um temporal, *um pedaço de mandíbula dois molares e um canino* na região de *Piltdown* (sul de Inglaterra). – Em 1915 noutra local da mesma formação aluvial *fragmentos de occipital e frontal* e um molar (*Piltdown II*)

(*Interpretação*) – *Woodward*, que estudou o achado notou que o crânio era do tipo do Homo sapiens, mas a *mandíbula e dentes* de carácter *simiesco*. Um homem-macaco ou um homem e um macaco?

- *Woodward* julgou-as *dum só homem*, o mais antigo inglês, e deu-lhe o nome de *Eoanthropus* (= aurora da humanidade).

- O assunto foi *discutido com paixão*, escreveram-se toneladas de trabalhos, e as opiniões mantiveram-se discordantes.

- Uns *aceitaram o ponto de Woodward* consideraram o homem dividido *desde inicio no ramo de Neandertal*, que se veio a extinguir, e no *ramo Eoanthropus* (proto-sapiens) que induziu ao Homo sapiens.

38-2

Falsificações (Eoanthropus)

Outros, como Boule, pensavam que se tratava do *crânio dum homem e da mandíbula dum chimpanzé* e que [???] do achado parecia falso.

(Weidenreich) – Confirmou este *ponto de vista o estudo directo* levado a efeito por Weidenreich. Para o qual a *mandíbula se aproximava da do orangó actual e a calote craniana da do homem moderno*.

(Falsificação) – Ao cabo de 40 anos de discussões, em 1953, descobre-se que a mandíbula e o canino eram peças falsificadas.

- Foi um *simples dentista* que, visitando o Museu Britânico, chamou *atenção dos dirigentes deste para a fraude*.

- Feito um *estudo comparativo* verificou-se que o *desgaste dos dentes era artificial*.

- O *exame por raio X e o exame radioscópio* comprovou a conclusão.

- O estudo do *conteúdo de flúor e da matéria orgânica (azoto)* mostrou que o *crânio de Piltdown podia ascender ao pleistoceno superior*, mas que a *mandíbula, o canino e o molar eram modernos*.

A 53-4

39

- A *burla de Glozel*: introdução de *falsos numa estação autêntica eneolítica*. Os falsos eram inscrições para mostrar o nascimento do alfabeto a Ocidente.

- O *problema de Alvão*: falsificação. Sim.

Mas a partir do material [???] autêntico.

- Talvez esconderijo dalguma feiticeira.

- A interpretação neolítica deu margem a que considerassem os dólmenes de Alvão os mais antigos.

- São nitidamente eneolíticos.

- Falsificações de machados de bronze.

A técnica empregada.

Regras a usar:

a) Patina; inconvenientes

b) Técnica.

c) Raios *infra-vermelhos* (mármore antigos)

II - *Falsificação por deslocação*. Dificuldades.

III - *Excessos críticos*.

O tesouro de Moura.

A 53-4

40

II - Estações de profundidade: Escavações

- Para estudar uma estação de profundidade é preciso escavá-la e a *escavação* implica, como já dissemos, a *destruição*. É preciso portanto rodearmo-nos de todas as condições necessárias *materiais e técnicas*.

Materiais: Sem meios não se deve tentar uma exploração, para não acontecer o que podemos ver no Carrão: 7 mosaicos à vista, completamente alguns já destruídos.

Técnicas: Concurso de especialistas, sendo preciso: geólogos, botânicos, naturalistas, zoólogos, antropólogos.

Finalidade da escavação: Não é procurar objectos, fazer colecionismo; é estudar as condições que os rodeiam.

- O objecto não *interessa por si*, mas pelo que de *social* nos diz sobre o homem.

Delicadeza do trabalho: Caso duma sepultura em estação com estratigrafia. Tróia.

- O cemitério do Pombal (Torre de Palma).

- Apresentava *sepulturas rectangulares* com esqueletos bem conservados, dentro setas, fragmentos de faca de sílex.

A 53-4

41

- Má orientação – Possuímos *muitos objectos*, mas faltam dados sobre o seu aparecimento.

França. Em *França* calcula-se que 90% das escavações foram mal feitas; mais de 60% dos objectos perderam-se por falta de *tratamento ou de crivagem*;

99% dos dados mais importantes desperdiçaram-se.

Portugal. Em *Portugal* a situação é pior.

- Escava-se *sem plano* e sem preparação na maioria dos casos; e os *próprios serviços* não dispõem de laboratórios convenientes.

- Ainda não chegou a *hora da Arqueologia*.

- Até lá convém *poupar os níveis a escavar* não para encontrar objectos.

- Critério do colecionador, mas para ler nas *páginas do livro* que o solo nos oferece.

Exemplo: O *abrigo das Bocas*, síntese das civilizações do nosso território e prova da persistência da população desde o paleolítico superior. (*Campo de urnas*) da Chaminé-séc.V. a época visigótica.

A 53-4

42

Trabalhos preparatórios: *Fotografias e plantas do local*. Estudo das *vizinhanças e das paredes* das grutas geológico e arqueologicamente.

Princípios gerais: *Método estratigráfico* (mais profundos mais antigos).

Idade relativa dos terraços e praias antigas (Siciliano, Milaziano, Tirreneano, Grimaldiano e flandriano)

Marcha da escavação –

1.º Corte vertical para mostrar o *conteúdo da estação*.

2.º Determinação *das camadas*. A vista ou como se deve fazer: Em cada uma extrai-se *meio metro* de terreno em toda a espessura, depois estuda-se a sua *composição* e faz-se a *calibragem* dos seus elementos, determinam-se as *formas e as percentagens*.

- Assim se *determinam camadas* de outro modo invisíveis.

Secções – *Levantamento por delgadas camadas horizontais*, mas a *secção deve sempre ter dois lados à vista e guardar o contacto* com os outros.

- O trabalho deve ser feito por uma *pequena equipe*, para se evitar a *perda de observações*, que utilizará *utensílios adequados*.

- Todos os *objectos duma camada* são numerados com tinta da China, lançados num *mapa* e descritos no *relatório*.

A 53-4

43

Testemunho: Deve deixar-se um *testemunho para contra-provas* futuras.

- O *professor Breuil* poudé assim verificar que a escavação da Furninha de Nery Delgado tinha sido feita com *rigôr científico*.

Tratamento dos objectos: Os objectos exumados devem ser *cuidadosamente tratados*: os crânios com *parafina*, metais etc.

Camadas virgens e estalagmites - Não se devem desprezar porque dão *indicações importantes*: clima etc.

Dificuldades da investigação:

- a) Nos *aluviões* dos rios devido às variações do nível de base.
 - 1. *Junção lateral dum nível* mais antigo com um mais moderno;
 - 2. *Estratigrafia ilusória*: cheias, enchimento e escavações e consequente mistura das camadas;
 - 3. *Destruição dos antigos depósitos* pelo curso de água. Aqui recorre-se à *patina* e rolamento para fazer a distinção, mas o processo tem inconvenientes.
 - 4. *Introdução de indústrias* mais recentes em camadas mais antigas (fendas) – Grutas de Carenque
 - 5. *Deslocamentos pelo gelo* (solifluxão)
 - 6. O *homem e os animais* também misturam as camadas.

A 53-4

44

Interpretação

(Método estatístico) A) Solo. A *estratigrafia não deve ser* olhada como simples *meio de achar a posição vertical (cronologias relativas)* dos objectos, mas na realidade como meio de *achar a história das superfícies sobrepostas* que serviram de palco a seres humanos e que nos dão a *explicação* da posição dos objectos.

- O solo é tão importante como os objectos porque é o seu *comentário*.

- A sua interpretação compreende:

- a) O estudo externo do estrato
 - b) O estudo interno do mesmo.
- O primeiro procura *reconstituir a paisagem geográfica do tempo*.

Exemplo: Origem do *sílex* dos instrumentos, das *pedras grandes* dos dólmens, das *correntes* desaparecidas, formação do solo (depósitos das correntes ou glaciares) etc.

- A carta geológica, a do Estado Maior e a fotografia aérea prestam aqui bons serviços.

- O segundo incide:

1. Sobre a *composição das camadas e percentagem dos elementos* para se saber da natureza do depósito (praia, ribeiro)

A 53-4

45

2. Sendo de ribeiro se ele era lento (argila) ou torrencial (areia)

3. Sobre a *patina* dos objectos para saber a sua *proveniência* e se contemporâneos de *fase ventosa ou húmida*²⁹;

4. O estudo dos *sedimentos* grossos e finos. Nas *cavernas* o estudo dos primeiros (calhaus, cascalho, grandes blocos) é muito fecundo.

- Conclusões. Com *experiência* o pré-historiador poderá ler nas *camadas* e *reviver as aventuras da estação*:

- Exemplo

a) *Há pedras e instrumentos humanos numa caverna gastos pela água?*

- A caverna foi invadida por forte corrente.

b) *Há argila fina sobre a pedra e estalactites?*

- A corrente acalmou-se e a humidade fez nascer as estalactites.

c) *Há cascalho no solo?*

- A erosão aumentou, as fendas do tecto alargaram-se e caiu o cascalho.

d) *Há pegadas ou vestígios de atrito de patas?*

- Os ursos circularam na caverna.

e) *Há gravier, ossos ou utensílios polidos?*

- Um regato serpenteou na caverna.

A 53-4

46

f) *Há lares, restos de refeições?*

- O homem instalou-se na caverna.

Emoção - *Não é sem emoção* que se penetra na intimidade desse lar.

- No abrigo *solutrense de Almoinha* sentei-me na mesma pedra onde há 20.000 o homem se aquecia, vi *como e onde* arrumavam a ferramenta, o feitiço da cabana etc.

- Para isso é preciso nada desprezar.

(Dólmen de Comenda da Igreja

Estudo não tem aridez, mas poesia. O que é preciso é ter imaginação para compreender e sensibilidade para sentir.)

B) Animais

- Em regra *desprezam-se ou não se aproveitam bem os ossos dos animais* e isto representa, como diz Leroi-Gourhan, “uma miopia incompatível com o exercício das escavações”.

- É preciso não *esquecer* este princípio fundamental: Recolher todos os ossos, até os mais pequenos fragmentos.

(*Ossos pequenos*) – Há com efeito pequeninos ossos que, pelas *dentadas das hienas, pelo desgaste das águas ou pela fricção da passagem* das feras nos permitem conclusões interessantes.

(*Colheita total*) – A interpretação do espólio animal só é possível com uma colheita completa.

²⁹ Vento – lustro; Calcário - azulado, depois branco; Deserto - camada brilhante ferruginosa (de amarelo pálido a carregado escuro)

A 53-4

47

Estudo. De duas maneiras podem ser olhadas as ossadas dos animais.

a) *Determinação (indicação) do animal* a que pertencem.

- Dizer-se que numa camada havia a *rena*, o *boi* ou *cervídeos* é pouco porque os animais perduram em épocas muito afastadas.

b) *O estudo deve ser mais completo e procurar elementos* para a determinação:

1. *Clima*;

2. *Do regime alimentar do homem*

3. *Dos processos de caça*

4. *Da origem das raças dos animais e da sua evolução. (A evolução retrogada).*

- *Como proceder neste caso*:

- 1.º *Numerar os ossos segundo as camadas e figurar os mais importantes na planta da escavação*

- 2.º *Determinar as espécies animais.*

Pode-se *recorrer* nos casos mais difíceis aos *laboratórios* especializados, mas o *pré-historiador* precisa de conhecer os ossos *característicos*, em especial os dentes, para fazer uma ideia da fauna à medida que escava.

3. *A estatística da espécies.*

Fazer um inventário osso por osso,

A 53-4

48

e nível por nível, desenhar o aspecto de cada peça para evitar confusões, separar os ossos da esquerda, dos da direita.

- O *número* obtém-se *pelos ossos mais frequentes* e às vezes consegue-se saber o sexo e as variedades.

Caça e clima - Esta *estatística* fornece bons elementos sobre a *caça* e o clima.

Exemplo: Numa camada ossadas de *boi e cavalo*: clima temperado; noutra *veados* abundantes: proximidade de floresta; noutra *cavalos e antílope* (saiga): estepe; sem *rena* clima ártico ou tendência.

- O *predomínio de certas espécies* pode apenas significar a *preferência* que o homem lhe dava na sua *alimentação* e não uma resultante das condições climáticas.

Roedores - *Convirá portanto estudar também as espécies que o homem não caçava*, como os *roedores*, ratos, ratazanas, cujas indicações climáticas são preciosas.

Moluscos - As *conchas dos moluscos* são também do maior interesse.

- Em *todos os casos* é preciso estar certo que as ossadas *não penetraram nas camadas* tardiamente por qualquer toca doutros animais ou fendas.

A 53-4

49

Idade. É preciso também *determinar a idade dos animais* para saber se se trata duma *fauna selvagem*, se uma *fauna doméstica*.

- A *idade dos animais* *pode-se determinar* aproximadamente *pelos dentes* e estabelecer curvas de mortalidade por idade e por sexos.

- Se as *idades estão misturadas* estamos em presença de *fauna selvagem*, se *predominam as jovens fauna alimentar doméstica*.

Cervídeos – Certos animais, como os cervídeos, permitem fixar a *estação em que foram abatidos* porque perdem a madeira (*defesas*) em certa época do ano.

Fracturas - Muitos dos *ossos estão quebrados* é preciso averiguar:

a) Se o *foram por esmagamento* do solo e isso pode ser prova de escorregamento das camadas

b) Se a *fractura* foi produzida por um carniceiro, que pelos traços dos dentes se pode determinar. Isto pode provar a visita das hienas a uma caverna e o abandono temporário da mesma pelo homem.

c) Se *foram quebrados pelo homem* para lhe extrair a medula para comer

A 53-4

50

ou para preparar as peles.

e) Se *faltam alguns ossos*, o que pode ser explicado por se abandonar no local da caçada parte da carcaça ou pela sua utilização para utensílios (punções de osso).

- Por *tudo se pode concluir* que se deve fazer um *exame minucioso* às ossadas dos animais e pedir a colaboração de pessoas especializadas nos casos mais delicados.

C. - Plantas. O que *interessa numa* escavação é a *determinação do clima* e das modificações *sofridas pela região* de época para época.

- Os *animais só imperfeitamente* esclarecem esses problemas. É certo que uma *raposa polar* é indicação dum clima frio e uma *marta* dum regime florestal.

- Mas não só *estes animais testemunhos* nem sempre aparecem, como os carniceiros se *acomodam tanto a climas quentes como a frios* e indiferentes à natureza do solo.

- De modo que é *preciso recorrer às plantas* para obter segurança na determinação

A 53-4

51

do clima.

- Sabe-se que houve *uma ou várias glaciações* na era quaternária, recuos e avanços dos glaciares. *Acham-se traços* destes, mas só [????] *animais de clima frio*.

- Com uma *lista de plantas* todas as dúvidas se esclareceriam.

- *Felizmente alguns elementos* podemos já contar:

-1. *Folhas estampadas* nos tufos calcários (vinha selvagem, carvalho etc.), que mostram que a fauna devorava herba temperada.

- Por vezes há plantas inteiras e até troncos.

-2. *Restos de carvão de madeira*, nos cinzeiros ou lares das camadas arqueológicas.

Por cortes microscópicos, preparações de madeira carbonizada podem no laboratório determinar-se ou identificar-se esses restos.

- Os fragmentos de madeira carbonizada devem conservar-se em *algodão* em rama se são volumosos ou em *água com glicerina* ou em *petróleo*, mas o melhor é mergulhá-los húmidos num *banho de parafina*, mas rápido para evitar a penetração desta na madeira.

-3. *Estudo dos círculos de crescimento anual da madeira*.

A 53-4

52

Estes variam conforme os *anos são secos ou húmidos*, de modo que a árvore contém não só a *indicação da sua idade*, como desempenha o *papel de pluviómetro*.

- Nos *Estados Unidos* tem-se conseguido o *ritmo da humidade* em espaços de tempo consideráveis, mas o *processo oferece dificuldades* porque os *círculos de crescimento* variam com a *idade da árvore*, com a *exposição*, *região* etc.

- Este *método* tem-se *aplicado ao estudo dos espeques* das habitações lacustres e por ele separar as árvores (*espeques*) de cada implantação quando há *habitações sobrepostas*, as suas *reparações*, *melhoramentos* etc.

-4. *Pólen*. Os pólenes resistem muito à *destruição* e conservam-se muito tempo depois da destruição de todos os vestígios vegetais.

Podem mesmo sobreviver aos ossos.

- Ora os pólenes são *facilmente identificáveis* e bastante numerosos para permitirem a *reconstituição* da flora.

- É nas *turfeiras* que melhor se conservam e por eles se sabe das variações da flora no neolítico e época do bronze.

- Nas *cavernas e areias* também se têm encontrado. Entre nós ainda se não tirou partido deste método.

A 53-4

53

D) O Homem (Indústria).

A *interpretação dos espólios* faz-se lançando mão do *método comparativo e do método etnográfico* e método estatístico (tipologia, técnica e estatística (composição))

-1. *Método comparativo*: comparação com objectos similares dos museus.

Critérios de comparação:

a) *Critério da forma*. Inconvenientes: *coup-de-poing*. *acheulense* e *languedocense*.

A *forma das antas*, das jóias etc.

b) *Técnica*. Revoluções técnicas e consequências.

c) *Estado físico*

d) *Composição industrial*. *Neolítico português* sua homogeneidade. Classificação pela composição.

-2. *Método etnográfico*.

(a) *Escola*.) *Legitimidade do método etnográfico*. Os *primitivos são degenerados?*

(b) *Material*) *Correlação entre o material e espiritual*. Se há *ajustamento* material entre duas culturas também o deve haver espiritual.

- Se encontrarmos uma civilização primitiva coincidente na parte material com uma paleolítica ou pré-histórica concluiremos que são espiritualmente idênticas.

-3. Método estatístico (53 A e seguintes) (composição industrial)

Elimina o factor pessoal

a) *Falta de instrumentos fósseis*

b) *Desprezo pelos vulgares*

c) *Formas anunciadoras e formas superviventes*

53 A

Método estatístico

Bibl.- Sonnevile-Bordes, Esquisse d'une évolution typologique du Paléolithique supérieur en Périgord.

Défense et illustration de la méthode statistique.

- F. Bordes, Principes d'une méthode d'étude...

L'Anthropologie, t. 54, 1950, pp. 19-34; Id. e Bourgon, Le complexe moustérien, ibid., t.55, 1951, p. 1-23

- - -

Criado por *Bordes e Bourgon* para o *paleolítico* antigo e médio é também de grande utilidade no paleolítico superior.

No aurignacense e no madalense é o *osso* o material tipo. *Mas há estações que o não têm*, como por exemplo as portuguesas e há outras que têm pouco e incaracterístico.

"Do mesmo modo os *fósseis directores líticos* perdem com as formas anunciado-ras, retardadas ou recorrentes (*corridas de novo*) muito do seu valor.

- É um *erro classificar com base apenas nas peças características e esquecer o material corrente*, quase sempre o mais abundante. Só pelo *conjunto industrial* e pela substituição das aproximações (*apreciações*) pessoais pelas *comparações numéricas e gráficas*

53 B

é possível chegar a resultados seguros, *sem que se pretenda com isto suprimir a análise descritiva*, a indicação da originalidade e estilo da indústria.

- O conjunto deve porém comportar um número suficiente de peças.

Aplicação. Para aplicar o método é indispensável organizar uma *lista-tipo*, utilizar representações gráficas e cálculo de índices.

Feita a *lista* de todos os *tipos industriais* procurar-se-á obter o historiograma, isto é, a representação para comparar *tipo por tipo* dois ou mais jazigos, e o gráfico cumulativo que dará as características dum conjunto industrial.

Historiograma - Constroe-se em papel milimétrico, marcando-se na ordenada as *percentagens* de 0 a 100 e em abscissas os *tipos de utensílios representados pelo seu número de ordem* na lista tipo.

- Marca-se sobre a folha os pontos representando as *percentagens respectivas de cada tipo-utensílio*, que se juntam por uma linha contínua, obtendo assim o historiograma da jazida.

53 C

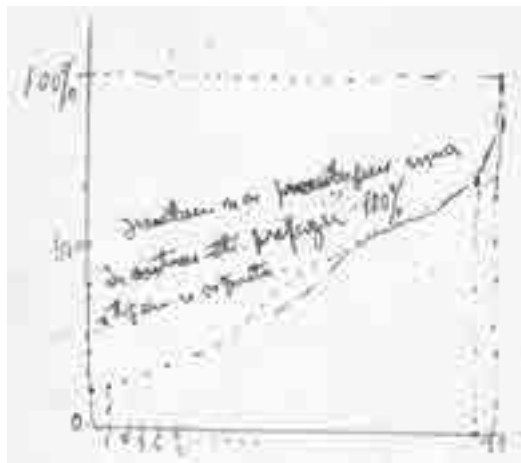
Gráfico cumulativo - Numa figura como a antecedente, construída em papel milimétrico marca-se na ordenada as percentagens de 0 a 100 e nas absíssas o número de ordem do objecto na lista-tipo. Depois coloca-se para cada tipo de utensílio um ponto marcando a sua percentagem, a qual junta a percentagem dos outros números até dar (*chegar a*) 100%.

Unindo todos os pontos temos o gráfico cumulativo.

Se um utensílio não existe a percentagem é zero.

O ponto correspondente é o zero da ordenada.

Cálculo de Índices.



Índice total: É a *percentagem* duma categoria ou *tipo de utensílio* em relação ao conjunto dos utensílios.

$$\text{Índice de grattoirs (IG.)} = \frac{\text{n.º total de grattoirs (1-15)} \times 100}{\text{Totalidade dos utensílios (1-92)}}$$

Índice restrito:

É a *percentagem* dum *sub-tipo* de utensílio no interior do seu *tipo geral*.

Índice restrito de grattoirs aurignecenses=

$$\frac{\text{n.º total de grattoirs carené e à museau} \times 100}{\text{totalidade de burin}}$$

- Gráficamente os índices representam-se por rectângulos proporcionais (alt = índice)
- Comparação das camadas.

A 53-4

54

Cronologia

Compreende a cronologia relativa e a cronologia absoluta. Distinção.

A) Cronologia relativa:

-1. Método tipológico: Fundado por G. Mortillet.

Base: Simples para o complexo, orgânico para o esquemático. Sucessão das indústrias.

- Valor local, o [????] europeu. **Paralelismo**

-2. Método geológico: Considera:

-a) *As variações dos glaciares.*

Segundo Penck³⁰: *Gunz (I, II), Mindel (I, II), Riss (I, II) e Würm (I, II, III)* separados por inter-glaciares.

³⁰ Donau I, II, III (Vilafranchiano). Mecanismo de uma glaciação

1. Interglaciares, grande [????] e acumulação desta nos altos das montanhas e [????]; 2. Chuva e neve, depois gelo; 3. Arrefecimento da temperatura. [????] da evaporação. Clima seco e frio, diminuição dos glaciares; 4. Retorno das águas aos oceanos. Elevação do seu nível. Nova evaporação e condições húmidas favoráveis ao aparecimento de glaciares. Critério – Objecções; - Outros fenómenos; Aceleração do movimento da Terra. Deslocação dos pólos.

-b) *Variações dos níveis dos mares* (Depéret)

Calabriano (3.^o), Siciliano (-200^m a +86^m), Tirreano (+30^m), Grimaldiano (mousteriano) e Flandriano (0^m).

- c) Terraços fluviais
- superiores* (80 a 95^m) – Siciliano
altos terraços (50 a 70^m) – Milaziano
médios (25 a 30^m) – Tirreano
baixos (10 a 20^m) – Grimaldiano

-d) Depósitos marinhos – Mais profundos, mais antigos. (*mais antigos, ou mais profundos*)

Nos *terraços e praias* mais altas mais antigas.

3. Método paleontológico (Lartet)

Variação das faunas e floras: Época do *elefante antigo, mamute e rena*.

Variações climáticas, pluralidade e inconstância de faunas e floras.

4.^o Método petrográfico

a) *Granulometria*.

A grossura dos elementos numa camada está dependente do clima.

A 53-4

55

- A *abundância dos mais grossos (em grutas)* corresponde a um período de frio mais intenso.

- Com efeito as *camadas estereis* numa gruta são formadas por elementos da abóbada e das paredes. Se é um período húmido, temperado ou quente predomina a acção da água líquida; se glacial o lascamento é que fornece o material.

Forma dos elementos numa camada:

- *Angulosos* - frio intenso

- *Vestígios de dissolução ou corrente* – temperado húmido

b) *Camadas estalagmíticas*

A camada estalagmítica *supõe a existência de humidade e evaporação intensa*.

- Na sucessão das camadas os cortes correspondem a fases húmidas e temperadas ou quentes.

c) *Análises pedológicas*:

A formação do solo é função das condições climáticas.

Por exemplo:

a) - Conteúdo de sílica nas turfas: no período quente é mínimo e de calor máximo

b) - Coloração vermelha - clima húmido e quente, por exemplo o tropical e mediterrânico.

- Os solos *vermelhos* no quaternário são uma indicação cronológica. (Santa Cruz)

d) - *Patina*. A espessura da camada alterada é um factor cronológico, mas é preciso cautela porque nas camadas de base a patina é pouco profunda, mas nas faldas muito.

Conclusão geral - Quadro geral. Variações de clima.

Aspecto regional: tipologia³¹.

³¹ Cronologia relativa: a) método estratigráfico; b) método paleolítico; c) método arqueológico

A 53-4

56

- Cronologia absoluta -

*Métodos empregados*³²:

-1. Sincronismos com o Egipto (Montelius no Bronze; eneolítico peninsular-Schmidt e a alabarda de sílex.

-2. Métodos astronómicos: Utilização dum fenómeno astronómico mensurável que seja contemporâneo ou causa dum fenómeno relacionado com o homem primitivo.

Assim as *invasões glaciares* que se têm explicado:

a) Pelas variações da excentricidade da órbita terrestre (diferenças de afastamento da Terra e do Sol).

- Para *Lyell* a grande *época glaciária* corresponderia a um *período antigo* de grande excentricidade e ascenderia a 800.000 anos.

b) *Pela precessão dos equinócios* (variações da obliquidade do eixo da Terra).

- *Croll* calculou que a *época glaciária* teria começado com o *último ciclo* da excentricidade da órbita terrestre (máximo afastamento da Terra do Sol) e

A 53-4

57

teria começado há 240.000 anos, teria durado 160.000 e acabado há 80.000.

Não se podem aceitar estes cálculos porque se desconhece a causa das glaciações.

(a) Método de Curva de Milankovitch. Este autor *elaborou*, baseado na *obliquidade da eclíptica*, na *excentricidade da órbita terrestre* e na *precessão dos equinócios*, uma *curva da radiação solar* cuja concordância com a sucessão das glaciações surpreende.

- Não resolve porém muitas dificuldades. Ela fixa a duração *total da era* quaternária em 600.000 anos.

3. Métodos paleontológicos ou biológicos *modificações sofridas pela vida. Desaparecimento e aparecimento de espécies.*

Só nos pode dar indicações muito vagas.

4. Métodos geológicos

a) Depósito dum metro de espessura de aluviões (*Boule 650 anos*). Tem-se avaliado entre 800 e 1000 anos, mas parte do princípio da *invariabilidade dos agentes* de erosão o que resta provar.

A 53-4

58

b) Avanço e recuo dos glaciares.

- *Rutot*, calculando à razão de 1^{km} por 20 anos, o avanço e recuo dos glaciares e considerando a *Escandinávia* o ponto de partida e os *Carpatos* o ponto máximo da glaciação, encontrou um total de 139.000 anos.

³² a) *Cronologia teológica: base o texto da Bíblia*

b) *Cronologia egípcia*

1.º José Scabjero

Também aqui se parte da *continuidade regularidade* dos fenómenos geológicos, o que está por demonstrar.

c) Método das varvas (*estratos em folhas de 2^{mm} alguns 2^m*)

- Criado por De Geer. *Baseia-se na variação dos depósitos das águas oriundas de glaciares, os quais são diferentes conforme o estio ou o inverno. Abundantes e grossos no estio, finos e raros ou nulos na segunda (inverno).*

- Fazendo a *contagem e preenchendo as lacunas com o estudo* de depósitos em lagos

- De Geer e o seu continuador Sauramo acharam 13.200 anos para o recuo da Escania, o que permite calcular em 25.000 a duração post-glaciária.

d) Método pedológico

- Sabe-se que o *post-glaciário durou 25.000 anos* e nesse tempo, a *oxidação superficial das moreias tem 2,5 (pés) de espessura*. Com esta base os americanos *calcularam os inter-glaciares e o post-glaciário em 700.000 anos*.

A 53-4

59

- Muitos autores *americanos* e também *Breuil* admitem hoje *uma duração de 1 milhão de anos*.

-5) Método, dito da radioactividade

- Os corpos *radioactivos* (rádio, urânio etc.) transformam-se em *hélio*, depois em *chumbo*.

- *Sabe-se calcular quanto uma quantidade dada de urânio emana do hélio num tempo determinado*.

- Conhecida assim a *velocidade da desintegração do átomo de urânio* pode-se *determinar a idade dum mineral pelas proporções em que nele entram o urânio, hélio e chumbo*. Holmes calculou assim a era quaternária num *milhão de anos*.

Carbono 14

No mesmo princípio se baseia o método chamado do Carbono 14, devido aos sábios americanos *Libby, Anderson e Arnold*. Ele assenta na *descoberta* de que, ao lado do *Carbono normal*, de peso atómico 12, toda a *matéria orgânica viva* contém um *isótopo de carbono, o radiocarbono ou Carbono 14* (peso atómico)

A 53-4

60

(*Fonte*) - Ora a *fonte do Carbono 14* cessa com a *morte do animal ou vegetal* – e o dito *desintegra-se progressivamente com uma velocidade que está medida e se julga constante*.

- Medindo a *radio-actividade residual da matéria orgânica fossilizada* pode-se calcular o *tempo decorrido* desde a *fossilização*.

(*Aplicação*) - Pode-se *aplicar este método às turfas, madeiras fósseis e todos os restos de vegetais* (ervas, hastes de cereais, tecidos, cestos), aos *carvões de madeira*, aos *restos de animais, como pele, pêlos, unhas, garras, cornos (chifres) de ruminantes, madeira de cervídeos, marfim ou ossos carbonizados, escamas de peixes ou conchas de moluscos*.

-Ele *tem fornecido a cronologia de antiguidades compreendidas entre 2000 anos e 25.000*. (*Hoje chega a 65.000 anos*)

- Aplicada aos carvões de madeira de túmulos do antigo Egipto de idade conhecida tem conseguido resultados aceitáveis.

- E ainda que novo e sujeito a verificações ele representa na fase presente uma grande esperança.

*Círculos de crescimento das árvores*³³.

A 60 a

Reconstrução da vida económica e da social, intelectual espiritual (vid. Grahame Clark, *Archaeology and society*)

*

Para fazer essa reconstrução deve-se começar por definir os grupos principais, os mais influentes, os quais podem revelar outras classes e permitir definir as unidades sociais. Pela sua comparação podem definir-se as culturas e a sua evolução.

Qual o critério? O estilo, antes que as condições ecológicas ou económicas.

Definida a cultura poderá tentar-se a sua interpretação histórica social.

Relação entre a estrutura do trabalho e a vida social.

O pré-historiador procede com o paleontologista que tenta reconstruir a vida com alguns fósseis, compreender como os organismos vivem, interpretar o fóssil pelas formas vivas.

60 b

Quer dizer temos, como preconizava Lubbock de comparar os espólios com as armas usadas pelos selvagens.

E é isso legítimo? Interpretar os mortos pelos vivos?

a) os selvagens são degenerados (raça), em regressão

b) os selvagens são formas atrasadas.

A) Critério dos evolucionistas: evolução unilinear.

Crítica: não corresponde aos factos.

B) A escola histórico-cultural: concordância entre a vida material e social. Ciclo do coup-de-poing, da ponta de mão, das folhas.

C) Não existem culturas iguais às pré-históricas.

Só podem usar-se com muita cautela, mas sem a Etnografia e Antropologia social nada se consegue na reconstrução social

A Etnografia não dá respostas directas à Arqueologia, mas permite a formulação de hipóteses, inspira caminhos; exemplo: certo instrumento usado de 6 maneiras diferentes. Analizando bem os espécimes pré-históricos pode-se chegar a uma conclusão.

A antropologia social modelos teóricos para as reconstruções arqueológicas.

60 c

Vida económica: subsistência (dependências de caça, pesca, colheita, lavoura). Qual destes aspectos predomina. Costa ou interior. Variações com as estações. Lavoura pastoral

³³ Método Potássio-Árgon

Evernden (1958); Resultados baseados nas rochas vulcânicas de Itália do Pleistoceno; Permite datações desde os horizontes mais remotos; - medição do Árgon-radiogénio, produto da desintegração de Potássio 40; Datas entre 50.000 e 1 milhão de anos; Itália condições favoráveis com vulcões terciários e quaternários na costa tirrénica onde há estações paleolíticas.

ou agrícola. Povoamento fixo ou móvel. Animais e plantas [???]. Como era cultivado o solo. Como se recolhia e onde o gado. Armazens de colheitas.

Caçadores-pescadores. Restos de animais e plantas. Conchas de moluscos. Espinha, escama, ossos de mamíferos. Aves, cascas de ovo.

Importância relativa das diversas espécies. Armas; sua montagem e formas.

Encabamento. Métodos de caça conhecidos no norte: armas embebidas nos esqueletos vítimas que se metiam nos lagos para escapar aos caçadores.

Arte representativa: cena de caça (pinturas levantinas): filas de arqueiros, caça coordenada.

Colheita do mel silvestre

Cultivadores, lavradores: material biológico (sementes, animais): assentava nas manadas e colheitas. Proporção entre domesticados.

Desflorestação e limpeza da terra.

Indústrias.

60 d

Tecnologia. Transportes. Comércio organização social. Língua e escrita. Arte. Magia. Ciência. Cosmologia. Religião. Guerra. Lei e moral. Contactos e trocas.

A 53-4

61

Capítulo III - Antiguidade do homem.

O Homosimius Ribeiroi. Provas da antiguidade do homem.

*

Quando apareceu o homem à superfície da Terra?

- Das quatro eras geológicas a primeira e secundária postas de lado: a 1ª era dos invertebrados e início de anfíbios e peixes; a 2ª a dos répteis gigantes e começo dos mamíferos e aves.

- Broom - A não ser que se faça como Broom que em Les origines de l'homme procura estabelecer a evolução dos peixes, através dos répteis, até aos hominídeos, temos de limitar o problema às eras terciária e quaternária.

- Antiguidade – Como porém nesta o encontramos já dissimulado por todos os Continentes e possuidor duma indústria já complexa, é legítimo procurar a sua localização na era terciária.

Em que período? No *eoceno*, no *oligoceno*, no *mioceno* ou no *plioceno*?

Os elementos invocados para a demonstração: os vestígios indirectos e os vestígios directos.

Vestígios indirectos: eólitos.

a) Abade *Bourgeois* em *Thenay* no *Oligoceno* (1867)

A 53-4

62

- *Desnoyers* em *St. Prest* no *Plioceno* (1863)

- *Carlos Ribeiro* em *Ota* (1864)

a) memória à Academia em 1871

- b) Exposição Internacional de *Paris em 1878* (aceitação do talhe intencional por Mortillet, Cartailiac e Franks)

c) *Congresso de 1880*: Visita da estação. Encontro dum sílice por *Belluci*, terrenos terciários.

- Divisão das opiniões: O *Anthropopithecus Ribeiroi* ou *Homosimius Ribeiroi*.

- *Ribeiroi* em vez de *Ribeirensis* é também terciário, segundo Camilo.

- Revisão do problema por *Delgado* e por *Breuil*, este à luz dum conhecimento mais perfeito das *causas naturais*: sem *trabalho*, paleolítico (mousteriense), mesolítico e neolítico

- *Rutot* na Bélgica, em especial em Boucelles.

O conceito de *eólito* segundo *Rutot*: *objecto utilizado pelo homem*.

- *Reid Moir* em *Ipswich* no *Plioceno* (1910)

Este foi aceite por *Breuil*. Todos os outros rejeitados porque:

I - A paleontologia não pode aceitar os eólitos *pliocenos* e *miocenos* porque nesses períodos não podiam ter existido precursores do homem.

- Também a paleontologia, que aceita a evolução, não compreende por os eólitos se haviam de conservar sem progresso no terciário.

A 53-4

63

II - Os sílices são *encontrados em camadas geológicas de carácter torrencial*, em estratos com sílex, por pessoal com *ideias pré-concebidas*, assim não é estranho encontrar talhe natural que se considere terciário e humano.

III - As *vagas, correntes, mudanças de temperatura* podem *provocar eólitos*, bem como as *pressões ou compressões interiores* (bolbo de percussão retoques).

- Também experimentalmente se podem produzir misturando sílex com o material a moer nas fábricas de gesso (Mantes).

Conclusão - Não há processo para distinguir as pedras *naturais das produzidas ou melhor apresentadas pelos investigadores* até à actualidade; e *sem restos ósseos*, vestígio de fogo, seria temerário concluir da existência do homem terciário.

- A *Pebble Culture* (Cafuense) - Instrumento rolado pelo mar siciliano

Provas directas

I - *Pithecanthropus erectus* de Dubois (1890)

Encontrado em Java em Trinil

- Novas descobertas do Dr. Ralph von Koenigswald (a partir de 1936).

Todas em terrenos do *pleistoceno antigo* (Expedição de Madame Selenka e estudos de Teilhard de Chardin).

Arqueologia

1954 – 55

A) Programa da cadeira:

I – A arqueologia; seus métodos de investigação. Campo da mesma.

II – A Lusitânia pré-romana:

a) Os primeiros habitantes; originalidade das suas criações culturais e sua individualidade antropológica;

b) As influências indo-europeias. Personalidade da cultura castreja.

c) As colonizações orientais; seus reflexos no território português.

III – A Lusitânia romana:

a) A romanização; seu aspecto superficial;

b) A vida urbana e a vida rural;

c) Significação cultural da romanização;

d) Persistência do elemento indígena;

e) A influência cristã.

IV – Os Germanos. A contribuição visigótica. Papel do reino dos suevos na formação de Portugal.

V – Conclusões. Raízes antigas de Portugal.

B) Programa do curso prático

I – Tipos de estações arqueológicas. Como se recolhe a documentação arqueológica. Visita a escavações.

II – Fontes para o estudo da Lusitânia pré-romana:

a) Estudo dos espólios respectivos existentes nos Museus, em especial no Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos, e sua classificação e interpretação;

b) Excursões a estações e monumentos da mesma época existentes nos arredores de Lisboa;

c) Referências dos autores antigos e bibliografia sobre os assuntos acima indicados.

III – Fontes para o estudo da Lusitânia romana:

a) Textos antigos que se ocupam da Lusitânia romana;

b) Antiguidades lusitano-romanas do Museu Etnológico;

c) Principais estações de Tróia (Setúbal).

IV – A época bárbara; Testemunhos materiais que nos ficaram da mesma.

V – Estudos monográficos.

Manuel Heleno (assinatura)

Bibliografia

Para a cadeira:

I – Jacques Lavalleye, Introduction aux études d'archéologie et d'Histoire de l'art, 1946

- Georges Daux, Les étapes de l'archéologie, 1948

- Goffredo Bandinelli, Dottrina dell'Archeologia, 1938

- Ignacio Bernal, Introduccion a la Arqueologia, 1952

- A. Laming, La découverte du passé, 1952

- André Leroi-Gourhan, Les fouilles préhistoriques, 1950

- Boule e Vallois, Les hommes fossiles, 4^a edição – 1952 ?

II – Obermaier, El hombre fossil

- Gimpera, Etnología de la península ibérica, 1932

- Idem, La formación de los pueblos de España, 1945

- História de Portugal, dirigida por Damião Peres, Volume I

- Menendez Pidal, História de España, Volume I (Espanha pré-histórica ou proto-histórica)

- Luís Pericot, La España primitiva, 1950
- Idem, História de España, volume I
- Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitânia, volume II
- Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitânia, volume III
- Schulten & Gimpera, Hispania
- Menendez Pidal, História de España, II
- Damião Peres, História de Portugal, volume I
- Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitânia, III
- Ars Hispaniae, volume II
- Gonzaga de Azevedo, História de Portugal

Para o curso:

- I – Breuil & Lantier, Les Hommes de la pierre ancienne, 1951
- Alimen, Atlas de Préhistorique, 1952
- Manuel de Recherches préhistoriques
- Leite de Vasconcellos, História do Museu Etnológico Português
- Arqueólogo Português
- Comunicações dos Serviços Geológicos, volumes XXIII e XXVI
- Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitânia, volume II
- A. Schulten & Gimpera, Fontes Hispaniae Antiquae
- Mendes Correia, Os povos primitivos da Lusitânia
- Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitânia, volume III
- Mérida, Arqueologia espanhola
- Aarão de Lacerda, História da Arte em Portugal
- Marques de Losoya, Arte hispanico

Arqueologia

- 1955 - 56 -

A) *Formação do povo português*

I – Âmbito da Arqueologia e progresso da sua investigação. A arqueologia pré-histórica, como estudo histórico das origens. Os esforços do Museu Etnológico para a sua reconstituição: Os seus últimos 25 anos de escavações.

II – O ambiente pré-histórico. Os primeiros habitantes do território português: donde vieram? Quando chegaram? Conclusões de Breuil. As investigações do Museu Etnológico na Estremadura e Alentejo.

III – O Homo sapiens, base da nossa etnogenia. As escavações de Rio Maior e Cambelas e a luz que lançaram (*seu interesse por*) sobre a sua proveniência. A pretendida influência africana; sua refutação

IV – O Homo taganus. Os concheiros de Muge e as interpretações de Mendes Correia e Vaufray. Os estudos do Padre Roche. Subsídios que oferecem os abrigos de Rio Maior e as estações de Cambelas para esclarecimento do problema.

V – O Homo mediterraneus. A revolução neolítica e seus reflexos no solo português. A cerâmica ocidental, a cerâmica cardial e a cerâmica almagrada. A povoação do Alto das Bocas e a Gruta I da Senhora da Luz. Os dolmens primitivos e as escavações de Montemor-o-Novo e Estremoz.

Personalidade do nosso Eneolítico. Os lugares de habitação: O castro de Leceia, do Cavaleiro; as povoações de Espargueira e Serra das Éguas e Chão de Cabana da Sobreira de Baixo.

As necrópoles: As grutas naturais da Senhora da Luz, da Rocha Forte e da Amoreira de Óbidos; as grutas artificiais de Carenque, Ermejeira, Quinta das Lapas, Casal da Lapa e Castros; os dolmens e a originalidade da sua cultura em Portugal. Dez anos de escavações em dolmens alentejanos.

As influências de SE.: A cerâmica campaniforme. A arte esquemática.

A descoberta da metalurgia. O Bronze I e II e sua propagação na península ibérica. As cistas do Lavre, o Castro de S. Bernardo e o santuário de Almoinha.

As gravuras inéditas de Lamelas.

VI – Os indo-europeus na península: O Bronze III e IV. O tipo galaico-português. A joalharia.

A introdução do ferro. Os Celtas. O campo de urnas da Chaminé e as necrópoles de Vila Nova de Milfontes e Alcácer do Sal. A cultura castreja. As influências ibéricas e orientais no sul do país: os Castros da Cabeça de Vaiamonte, Castro Verde e Azougada.

Os Lusitanos; suas relações com outros povos.

VII – As colonizações antigas na Hispania: Fenícios, gregos e cartagineses e sua influência no ocidente peninsular.

VIII – Os Lusitano-Romanos.

A romanização no campo material e espiritual. A vida rural: A villa de Torre de Palma. As vias de comunicação. O comércio: o porto de Tróia (Setúbal).

A religião: templos e divindades.

Os monumentos sepulcrais: Os sarcófagos de Vila Franca, Chelas e Reguengos.

As necrópoles de Tróia, Grândola, S. Bento, Boa Vista etc.

A arte lusitano-romana. A ourivesaria: o tesouro da Borralheira.

Persistência do carácter indígena. A influência cristã.

IX – Os Germanos. A ocupação. A contribuição visigótica. Necrópoles da Silveirona e Pombal.

Papel do reino dos suevos na fundação de Portugal.

X – Conclusões gerais sobre a formação do povo e da nação portuguesa.

Bibliografia

A) Geral:

- Déchelette, Manuel d'Archéologie préhistorique,
- Goury, Origine et évolution de l'homme
- Bergounioux et Glory, Les premiers hommes
- Furon, Manuel de Préhistoire générale
- H.Alimen, Atlas de Préhistoire
- Breuil et Lantier, Les hommes de la pierre ancienne
- Boule et Vallois, Les hommes fossiles
- Obermaier, El hombre fósil
- Clark, The mesolithic settlement of Northern Europe
- Obermaier y Garcia Bellido, El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad

- Zeuner, Dating the past
- Gordon Childe, The dawn of European civilization
- André Leroi-Gourhan, les fouilles préhistoriques

B) Peninsular

- Luís Pericot Garcia, La España primitiva e História de España, I (Barcelona), España primitiva y romana
- Menéndez Pidal, História de España (X prehistórica, XX proto-histórica; XXX pré-romana; II Hispano-romana; III España-visigoda)
- Ars Hispaniae, volume I e II
- Gimpera, Etnología de la península ibérica
- Idem, La formación de los pueblos de España
- Caro Baroja, Los pueblos de España
- Martinez Santa-Olalla, Esquema paleontológico de la Península ibérica
- Schulten y Gimpera, Hispania
- Idem, Fontes Hispaniae Antiquae

C) Para Portugal

O movimento iniciado por Boucher de Perthes em França e patrocinado pelos geólogos ingleses teve a sua repercussão em Portugal, por intermédio da Comissão Geológica.

Antes deste período científico só são dignos de nota o 4.º discurso das Notícias de Portugal de Severim de Faria e 4.º volume da História Genealógica.

No período científico distinguiremos:

1. Obras gerais

- Felipe Simões, Introdução à Arqueologia portuguesa
- Cartailiac, Les ages prehistoriques de l'Espagne e du Portugal
- Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitânia
- Mendes Correia, Os povos primitivos da Lusitânia e a Lusitânia pré-romana.

2. Monografias

a) Serviços Geológicos (Comissão Geológica)

- Pereira da Costa, Noticia dalguns esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda e Da existência do homem em épocas remotas no vale do Tejo e Sado

Dolmens ou antas de Portugal

Carlos Ribeiro

Estudos pré-históricos

Notícia dalguns sílices lascados do vale do Tejo e Sado

Nery Delgado

Gruta da Furninha; Noticia acerca das grutas da Cesareda

Paula e Oliveira

Antropólogo (ossadas de Muge) e Antiguidade pré-históricas e romanas de Cascais.

- Choffat, étude géologique du tunnel du Rosio

- Breuil e Zbyszewski,

Contribution à l'études des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la Géologie du Quaternaire – in Comunicações, volume 1940

b) Norte do País

Martins Sarmiento

- revista de Guimarães

- Castros de Sabroso e Briteiros – Argonautas, Ora marítima

- Mário Cardoso – Jóias arcaicas

Grupo da Portugália: Ricardo Severo, José Fortes, Rocha Peixoto

Instituto de Antropologia do Porto

Mendes Correia, Serpa Pinto

Centro –

Santos Rocha, Antiguidades préhistóricas da Figueira; Castro de Santa Olaia e Museu da Figueira

- Vieira Natividade – Grutas de Alcobaça

c) Museu Etnológico – 1893

Archeólogo Português

Boletim de Etnografia

Ethnos

Leite de Vasconcelos

Felix Alves Ferreira, Estudos do Alto Minho

Vírgilio Correia, Dolmens de Pavia

Joaquim Fontes –

Luís Chaves,

Manuel Heleno, Dr.^a Virginia Rau, Orlando Ribeiro – Fragoso Lima, Estevens, Ferreira de Almeida, Moita, Chaves ... Rosa Capeans

d) Sul do País

Gabriel Pereira, Dolmens dos arredores de Évora

- Leisner, Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz

- Estácio da Veiga, Antiguidades monumentais do Algarve; Antiguidades de Mértola; Tábua de bronze de Aljustrel; Povos balsenses etc.

Setúbal

Marques da Costa, Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal; Estudo sobre algumas estações da época luso-romana dos arredores de Setúbal.

- Padre Jalhay e Afonso do Paço, A gruta II da necrópole da Alapraia (publicação da Academia da História)

- A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro

- Dr.^a Virginia Rau, Da originalidade do paleolítico infeior no litoral português

- Les recherches et découvertes préhistoriques au Portugal à partir de 1940.

Arqueologia (programa)

(1956 – 57)

I – Conceito da Arqueologia; sua divisão e métodos

Actualidade até pré-histórica

II – Interesse da arte pré-histórica.

O sentido pré-histórico na arte moderna.

III – A origem da arte. A arte franco-cantábrica e a arte levantina. Significação da arte rupestre.

IV – Origem da arquitectura e os primeiros agricultores.

Os movimentos megalíticos. Sua originalidade em Portugal, centro de difusão dos mesmos, e sua significação.

- A pintura e a gravura e a escultura.

V – A arte esquemática. A arte esquemática no território português.

VI – A arte céltica e ibérica; suas características. A arte lusitânica.

A ourivesaria. A colecção do Museu Etnológico.

VII – A arte lusitano-romana.

VIII – A arte visigótica.

A 1

56-57

Arqueologia

História da palavra – Foram os gregos que criaram a palavra *arqueologia*, a que ligavam a significação de estudo das origens das instituições religiosas e políticas e da formação da cidade.

Etimologicamente significa “tratado da Antiguidade” pois deriva de *archaios*, antigo, antiguidade e de *logos*, discurso, tratado.

Ela aparece pela primeira vez em *Platão (Hippia maior)* com o significado de “História das remotas origens da cidade” e depois em *Diodoro Siculo (Biblioteca)* na accepção de história remota dos gregos.

- *Dionísio de Alicarnasso* (séc. I a.C.) deu à sua obra o título de *Rhomaiké Archaio-loghia* (Arqueologia Romana) que não passa duma história de Roma das origens a 254 a.C.

Também *Guiseppe Flavio* escreveu a *Joudaké Archaio-loghia*.

A 2

56-57

Estes dois escritores tornam pois a arqueologia no sentido de história arcaica.

Séc. IV e V – nos sécs. IV e V o termo começa a cair em desuso e a ser substituído por *antiquitates* e assim se traduziram até o Renascimento os títulos das obras de *Dionísio* e de *Flavio*.

Ressurgimento- A palavra *arqueologia* é porem exumada em seiscentos na Inglaterra por *Rous* na obra *Archaeologia atticae* (1637) e por *John Potter* na *Archaeologia graeca*.

Daqui passa á Alemanha, aonde adquire o sentido de história dos monumentos antigos, em especial depois do *Manual de Arqueologia*, de *Francisco Sichenkeer* (1779).

Aqui porém monumento é ainda tomado no sentido de *monimentum*, recordação, testemunho.

Só em 1833 *Eduardo Gerhard*

A 3

56-57

nos *Fundamentos da Arqueologia* separa a Filologia Clássica da Arqueologia, reservando para esta os monumentos de natureza não literária, isto é, os restos materiais que nos ficaram do passado.

Arqueologia e História de Arte. A *Arqueologia* não se distingue pois da *História da Arte* nem no *campo de acção* (espaço ou tempo), nem no objecto.

A diferença é puramente *de fim*, do método.

Arqueólogo estuda o monumento como se fora um documento de arquivo. É portanto um estudo externo, objectivo, técnico, isto é, uma *análise histórica e material do monumento*.

A História da Arte *não olha a materialidade*, mas propriamente *a espiritualidade do fenómeno artístico*.

A arqueologia é pois a *base da História da Arte*. Pode haver *arqueologia sem história da arte*, mas o contrário é que se *não pode observar*.

Decerto a Arqueologia está para a História da Arte como a gramática para a Literatura.

A 4

56-57

Formação da Arqueologia.

Era costume tradicional circunscrever a Arqueologia ao *período grego e romano*. O séc. XIX rompeu porém com essa tradição e procurou alargar os horizontes da *arqueologia*, até cerca de 1 milhão de anos.

- O séc. XX *tende* a separar a *Arqueologia* da História primitiva, paletnologia ou pré e proto-história. A 1.^a ciência auxiliar, esta história propriamente dita pelo aproveitamento do que os monumentos e o meio nos diz das 1.^{as} Civilizações.

Razões do método - Começo da arqueologia – O culto pelos *restos do passado* não se encontra entre os *gregos*. *Pérides* mandou soterrar belíssimos templos antigos. É preciso chegar a *Adriano* para se observar o respeito pelos monumentos, e esse espírito tem um eco na *Periegesis de Pausanias* (séc. II)

A 5

56-57

Lucrécio – Antes porém já alguns autores tinham tido uma visão da evolução da Humanidade, como *Horácio e Lucrécio*, em especial este último.

Renascimento – O amor da antiguidade clássica despertado pelo *Renascimento* e bem assim a curiosidade pela natureza contribuem para o desenvolvimento da Arqueologia, em especial da Epigrafia e Numismática.

Dante – *Dante e Petrarca* colecionam antiguidades e o mesmo fizeram o papa *Júlio II* e *Lourenço de Medicis*.

- *Poggio* e *Nicolau Nicoli* na Itália e *Chaconi* na Espanha cultivaram com brilho a Arqueologia.

Em França *Bergier*, *Histoire des grands chemins de l'empire romain* e em Portugal. *Resende* – *Francisco de Holanda*, *Da pintura antiga*.

Também *Mercati* se preocupou com as *ceraunias* ou pedras de raio que considerou instrumentos antigos.

A 6

56-57

Séc. XVII – O séc. XVII procura dar ordem, sistematização aos materiais colhidos no séc. XVI.

Colecções – Aparecem *colecções de epigrafia* e Peiresc e Spon preparam o caminho da arqueologia científica.

- Peiresc foi um sábio universal: *físico* esteve em relações com Galileu; *botânico* discute com Clusius; filólogo conheceu o hebreu; arqueólogo desenha, coleciona e estuda os monumentos antigos.

- São dele estas palavras *sobre a utilidade da Arqueologia*. Ela serve “*para esclarecer a leitura dos bons autores, para ilustrar as circunstâncias da História, para melhor gravar nos espíritos, personagens, factos e acontecimentos*”.

- Spon é o continuador de Peiresc. É sobretudo epigrafista e a ele se deve o incremento da arqueologia grega (Publ. *Recherches des antiquités et curiosités de la ville de Lyon*).

A 7

56-57

Séc. XVIII – Dominado pela *acção dos beneditinos* e das *Academias* nele se estabelecem, com Winckelmann os princípios do estudo científico da arqueologia clássica, em especial *monumentos antigos inéditos* e na *História da Arte da Antiguidade* do mesmo autor. A primeira é o primeiro trabalho de investigação arqueológica.

- O golpe final para a autonomização da Arqueologia é, como dissemos, dado por Eduardo Gerhard nos “*Fundamentos da Arqueologia*”.

- Assim o europeu pode aproximar-se do espírito da antiguidade. Escavações em Tróia e Egina.

Pré-história. No campo da pré-história são de notar

- Goguet – na “*Origem das leis*” sucessão das Idades.

- Jussieu e Lafitau – Etnografia comparativa (interpretação das cerâmicas por comparação etnográfica)

- Thomsen e Worsaae deram base científica à divisão das idades.

- John Frère

Séc. XIX – Os esforços da arqueologia, auxiliados pelo desenvolvimento da geologia,

A 8

56-57

no método de *conhecer o passado* dos povos europeus conduzem à *pré-história*.

- Schmerling publica a importante obra “*Recherches sur les ossements fossiles des cavernes de la province de Liège* », em que não só demonstra a contemporaneidade do homem com o *Rhinoceros*, Urso, Hiena etc, como também insere um capítulo sobre “*Des débris travaillés par la main de l’Homme*”.

- Boucher de Perthes – proclama nas suas “*Antiquités celtiques et antédiluviennes* » que nas aluviões antigas, antediluviais, se encontravam *pedras talhadas* pelo Homem.

- oposição da ciência oficial (Elie de Beaumont)

- apoio do Dr. Rigollot (Saint Acheul) e dos sábios ingleses.

- Lartet e o método antropológico (época do elefante, do mamute e da rena)

- Mortillet e o método tipológico.

A 9

56-57

Para a Arqueologia

A Arqueologia em Portugal

Até ao Renascimento

Do Renascimento à fundação da Academia da História (1720)

Fases:

Desta aos meados do séc. XIX

Até aos nossos dias (fase científica)

ver Hübner, Notícias de Portugal e artigo do Dr. Leite na revista do Roseira

1. Referência a antas, como marcos, divisórias.

2. Referências dos testamentos a antiguidades:

- a) No de D.Sancho (1210) fala-se de ânulos et sortilias

- b) A infanta D.Mafalda, filha de D.Sancho I (1256) deixa ao Mosteiro de Arouca sortilhas (anéis) e safiras; ao irmão D.Pedro "numum", quer dizer "moeda antiga" e pedra sapo (bufonite) = amuleto

- c) D.Beatriz, mulher de D.Afonso IV (1354) lega a D.Fernando, seu neto, "um camafeio, figura de leon, achado em hum moimento" talvez sepultura romana;

- d) Na cartuxa de Évora (D.Duarte) muitas referências a moedas

- e) D.Afonso V, ao invadir Castela, informado que o *duque de Vilahermosa*, se dispunha

A 10

56-57

a cortar a ponte de Alcântara, propôs-lhe mudar de rota "para que tal edifício não sofresse".

Séc. XVI e XVII

a) Referências a antas na Tebaida Portuguesa e no Itinerário de Severim de Faria

b) Interesse pelas antiguidades romanas:

- 1. André de Resende – "*De antiquitatibus Lusitaniae*" e *Antiguidades de Évora* e a Tróia da nacionalidade portuguesa

- Foi o *primeiro em Portugal*, segundo *Gaspar Estação*, a abrir as fontes da Antiguidade. Critica de Hübner. Injustiça.

- Tinha a *casa e os jardins em Évora* ornamentados com inscrições, que recomenda aos seus herdeiros nos seguintes termos: "*mando ao meu herdeiro que tenha mui bem guardadas as pedras de antigualhas e letras romanas que tenho em minha casa para todo o tempo se saber o que nelas se contem*".

- Quando viajava costumava levar "*antre a sua matalotagem hum enxadam e outras ferramentas*: por tal que

A 11

56-57

donde aparecessem vestígios de antiguidades, à sua custa e diligência os pudesse desenterrar e mostrar a seus naturais; o que faz em muitos lugares, com tal cuidado

e vontade, que por cumprir com esta obra nunca jamais foram nem despesa nem trabalho (Barbosa Machado).

- 2. Aquiles Estação, autor do trabalho arqueológico "Inlustrium virorum"
- 3. Gaspar Estação – "*Varias antiguidades de Portugal*, onde a Arqueologia aparece como auxiliar da História"
- 4. Dr. João de Barros, "*Geografia de Entre o Douro e Minho e Trás-os-Montes*."
- 5. Damião de Góes: 1.º Hist. que se interessa pela Arte portuguesa (capítulo sobre construções de D. Manuel).
- 6. Diogo Mendes de Vasconcellos, "*Os sítios de Lisboa*"
- 7.- Amador Arraes, Da glória e triunfo dos Lusitanos

Séc. XVII

Severim de Faria, *Notícias de Portugal*. Numismática

Séc. XVIII.

I- *Fundação da Academia Real da História* (1720)

A 12

56-57

- *Impulso dado à Arqueologia*

- a) Protecção aos monumentos (Decreto 14.VIII.1721)
- b) Busca de monumentos arqueológicos, por exemplo Marquês de Abrantes
- c) *Projecto da criação dum Museu Nacional de Arqueologia*

II- *Fundação da Academia das Ciências* (1779) pelo Duque de Lafões e Correia da Serra.

- Jorge Cardoso, *Agiologio lusitano*
- *Continuação do movimento anterior*

Investigação científica arqueológica

- 1) – *Marquês de Abrantes* (moedas, inscrições etc)
- Martinho de Mendonça Pina, *antas*
- Padre Afonso de Madre de Deus Guerreiro, *comunicação sobre "Antas"*
- Contador de Argote, *Antiquitates Conventus Bracarangustani*
- *Dicionário do Padre Cardoso*
- 2) *História geneológica da Casa Real, volume IV*
- 3) *Cenáculo* – Criação de Museus de Arqueologia em Beja e Évora. Oferta de moedas à Biblioteca Nacional.

Discípulos: *Felix Caetano da Silva*, autor da *História das Antiguidades de Beja*.

- *Frade Vicente Salgado*, numismata e autor da *Collecção de Monumentos Romanos* descobertos em Portugal.

A 13

56-57

Outros AA. – Viterbo, *Elucidário*

III- Período Científico

- *Fundação da Comissão Geológica* para a Pré-história e a vinda de *Hübner* para a Arqueologia Histórica funda a Arqueologia Científica.

a) Pereira da Costa, Carlos Ribeiro e Nery Delgado e Paula e Oliveira (Comissão Geológica)

b) Felipe Simões, **Introdução à Arqueologia Portuguesa**

c) Martins Sarmiento (Dispersos, Argonautas e Ora marítima e seus continuadores na Sociedade de Martins Sarmiento (Mário Cardoso);

d) Hübner, Corpus, II; Notícias arqueológicas de Portugal (História da Arqueologia); Arqueologia de Espanha; Inscrições ibéricas e cristãs.

e) Cartailiac, Les ages prehistoriques de l'Espagne e du Portugal

f) Estácio da Veiga, Antiguidades Monumentais do Algarve

g) Santos Rocha, Estudos préhistóricos dos arredores da Figueira

h) Gabriel Pereira, Vieira Natividade, Marques da Costa

i) Leite de Vasconcellos (ver o meu folheto)

Fundação do Museu Etnológico – Arqueologia

Religiões da Lusitânia, Etnografia Portuguesa

A 14

56-57

Colaboradores e discípulos de Leite de Vasconcellos

- Felix Alves Pereira, Estudos do Alto Minho

- Virgílio Correia, El Neolítico de Pavia

- Luís Chaves, Santa Victória do Ameixial

- Joaquim Fontes

- Manuel Heleno

- Bandeira Ferreira, Fragoso Lima etc.

No Porto: Grupo da Portugália: Ricardo Severo, José Fortes

Continuadores - Mendes Correia, os povos primitivos; Serpa Pinto, Santos Júnior

Associação dos Arqueólogos

Afonso do Paço, Padre Jalhay

Renascimento da Comissão Geológica (Serviços Geológicos)

- Breuil, Zbyszewski, Veiga Ferreira

Outros- Abel Viana, Formosinho etc.

Arqueologia Histórica - Felipe Simões, Ant.º Augusto Gonçalves, Joaquim de Vasconcellos, Teixeira de Carvalho, José de Figueiredo, Dr. João Couto, Reinaldo dos Santos, Virgílio Correia, Aarão de Lacerda, D. José Pessanha, Aguiar Barreiros, Pedro Victorino, João Barreira, Dr. Chicó, etc.

A 15

56-57

Revistas - Arqueólogo, Ethnos, Arqueologia e História, Trabalhos.

Estado actual da Arqueologia

Problemas resolvidos e a resolver:

a) Paleolítico (estratigrafia)

b) Paleolítico superior (importância)

c) Mesolítico e origens

d) Neolítico puro, sua origem

- e) Problema dolménico
- f) O Bronze
- g) O Ferro – Castros do Sul
- h) Romano. As *villas* (vida rural)
As cidades (vida urbana)
- i) O visigótico.

A 145

58-59

A Arqueologia em Portugal; fontes para o seu estudo.

Bibliografia.

- Hübner, Notícias arqueológicas de Portugal
- Leite de Vasconcellos, Da Numismática em Portugal, Volume IX do “Arquivo da Universidade de Lisboa” in artigo na revista do Roseira
- Idem, Archeologia Portuguesa, volume VI, página 48 (Hübner)

*

Podemos considerar na história da Arqueologia em Portugal quatro fases:

- 1.^a Até ao Renascimento
- 2.^a Do Renascimento à fundação da Academia da História (1720);
- 3.^a Desta aos meados (à 2.^a metade) do séc. XIX
- 4.^a Até aos nossos dias (últimos 100 anos)

1.^a fase – Tanto as ruínas antigas, como os achados dessa época estimularam a imaginação do povo e dos letrados medievais.

Em volta das primeiras formam-se

A 146

58-59

lendas, em que entram em larga escala as mouras encantadas e estas lendas chegam no [????] até aos nossos dias e facilitam (*preparam*), mesmo depois do Renascimento a constituição duma arqueologia mítica.

A Bíblia e as obras antigas fornecem elementos para isso. Ex. Olisipo fundado por Ulisses³⁴.

Esta corrente culmina com a Monarquia Lusitana de Fr. Bernardo Brito.

Também as antiguidades mereceram atenção e são referidas nos testamentos:

- a) No de D. Sancho (1210) fala-se de ânulos et sortilias;
- b) A infanta D. Mafalda, filha de D. Sancho I (1256) deixa ao mosteiro de Arouca sortilhas (anéis) e safiras; ao irmão D. Pedro um “numum”, quer dizer, “moeda antiga” e pedra de sapo (bufonite), ou seja um amuleto.
- c) D. Beatriz, mulher de D. Afonso IV (1354) lega a D. Fernando, seu neto,

³⁴ Évora e Sertório: Residência de Viriato e Sertório, fundada pelos Eburones, donde Ebura ou Ebor.

A 147

58-59

“um camafeo, figura de Leon, achado em hum moimento” talvez sepultura romana;

d) na Cartuxa de Évora (ms. D. Duarte) muitas referências a moedas.

e) D. Afonso V, ao invadir Castela, informado que o duque de Vilahermosa, se dispunha a cortar a ponte de Alcântara, propoz-lhe mudar de caminho “para que tal edifício não sofresse”

2.ª fase (Do Renascimento à fundação da Academia da História – 1720)

O Renascimento chamando de novo a atenção para as obras literárias da antiguidade, os humanistas estudando-as e comentando-as, procurando estátuas, moedas e inscrições antigas, reuniram um conjunto de materiais que permitem um conhecimento mais seguro da antiguidade.

Foi porém preciso que durante os sécs. XVII e XVIII se desse ordem, sistematização a todos esses materiais e se criasse

A 148

58-59

e aperfeiçoasse o método da interpretação, estabelecendo os fundamentos da ciência arqueológica. Isso se deve aos eruditos da época, sem esquecer os beneditinos.

Assim o interesse pelas antiguidades romanas revela-se em:

1. André de Resende, autor do Libri quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae, publicado em 1593, depois da morte de Resende, completo por Diogo Mendes de Vasconcellos.

- Criação nesta obra da teoria duma base lusitana na nacionalidade portuguesa
- Segundo Gaspar Estação foi o primeiro em Portugal a abrir as portas da Antiguidade.
- Crítica de Hübner: muita severidade.

- Tinha a casa e os jardins em Évora ornamentados com inscrições, que recomenda aos seus herdeiros nos seguintes termos: “mando ao meu herdeiro que tenha muito bem guardadas as pedras de antigualhas e letras romanas que tenho em minha casa para todo o tempo se saber o que nelas se contem”

A 149

58-59

- “Quando viajava costumava levar antre a sua matalotagem hum enxadam e outras ferramentas; por tal que donde aparecessem vestígios de antiguidade, à sua custa e diligência os pudesse desenterrar e mostrar a seus naturais; o que fez em muitos lugares, com tal cuidado e vontade, que por cumprir com esta obra nunca jamais forrou nem despeza, nem trabalho” (Barbosa Machado).

Este “baram mui docto em todo o gênero de disciplinas, e grande investigador de cousas antigas como o denominou (chamou) Gaspar Barreiros nasceu em Évora em 1500, tomou o hábito de dominicano, freqüentou depois as Universidades de Alcalá, onde ouviu Nebrija, e de Salamanca, onde foi discípulo de Aires Barbosa, e numa 2.ª viagem vários centros cultos de França e Bélgica (Países Baixos), Alemanha e Itália, relacionando-se com Erasmo, Vasco, Clenardo e outros (ver bibliografia em Da Numismática em Portugal, p. 54, nota 2)

A 150

58-59

Estas viagens despertaram-lhe o gosto pela antiguidade e portanto pela arqueologia.

- Além de composições em latim – poesias, discursos e epístolas, devem-se-lhe as já citadas Antiquitatibus Lusitaniae e a História da antiguidade da cidade de Évora, publicada em 1553 e depois em 1576, onde incluiu 10 inscrições que segundo Hübner são falsas para nobilitar a sua terra natural.

Deve-se no entanto dizer que, segundo a corrente do tempo, André de Resende compunha por vezes por deleite, com intenção meramente literária, como se prova com a inscrição que consagrou à ninfa da sua fonte e que tinha em casa (ver cartas de Clenardo sobre suas relações com Resende)

Seguindo o exemplo de Horácio em Tibur Resende fez da sua quinta em Valbom (Évora) uma verdadeira villa romana “muito deleitável pela cópia de árvores e abundância de água, que corria duma sumptuosa fonte, na qual estavam abertos em um mármore versos em latim”.

A 151

58-59

Nela passeava com os amigos “altercando com eles várias questões literárias”.

Resende incluía a Numismática na Arqueologia e embora não deixasse trabalhos especiais daquela sabe-se pelo seu testamento que era colecionador e possuía moedas de ouro de Nero e muitas de prata.

Pelo que diz respeito a colecção de inscrições romanas que organizou – Antiqua Epitaphia (vid. Arché. Hist. Port., VIII, 63) desconhece-se o seu paradeiro.

Sabe-se apenas que no século seguinte estava ainda de posse do licenciado Jerónimo Cardoso, como afirma Marinho de Azevedo na Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa.

Apenas no manuscrito do Conde de Guimera³⁵ se leem comunicações feitas por André de Resende a Floriano do Campo, acerca de inscrições encontradas nos arrabaldes de Lisboa, as quais contem muita coisa inédita, não

A 152

58-59

apresentada por Diogo Mendes de Vasconcellos (1593) no Libri quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae.

Floriano do Campo dá mesmo notícia dalgumas inscrições que colheu em excursões feitas pela fronteira portuguesa nas suas Antiquae inscriptiones et epitaphia:

André de Resende que fez pesquisas no Castro de Cola e em Tróia e sobre Endovélico encontra-se sepultado na Sé de Évora, num túmulo antigo, em cuja tampa moderna mandou inscrever a fórmula final dos epitáfios romanos – H(ic) S(itus) E(st).

Também se desconhece o paradeiro dum promptuarii inscriptionum (prontuário de letrados) que possuía manuscrito Fr. Bernardo Brito, para já não falar nos imaginários dos imaginários.

³⁵ Inscriptiones de Memórias Romanas.

- Laymundus de antiquitatibus Lusitanorum do ano de 868, Mestre Menegaldo, Pedro Alladio etc., citados pelo mesmo autor, como existentes na Biblioteca do Mosteiro de Alcobaça.

A 153

58-59

2. Aquiles Estaço (1524-1581)

Notável humanista português, *discípulo* do gramático *João de Barros* e de *André de Resende*, freqüentou a *Universidade de Lovaina*, passou à de *Paris* e fixou-se depois em Roma. Apreciado *pelos papas* - foi secretário do Concílio de Trento, pelos seus conhecimentos do *grego* e do *hebraico* deixou muitas *obras* ms. que se encontram na *Biblioteca* que legou aos padres da *Congregação do Oratorio* - *Bibliotheca Statiana*. (ver Barbosa Machado e L. de V., Papeis de Achilles Estaço in “*Petrus Nonius*”, volume III, fascículo 3-4, 1941, p. 153)

- Entre as obras que *publicou* interessa-nos o *trabalho* arqueológico- “*Inlustrium virorum*”, aonde se encontram reproduzidas, e com a *indicação do local* onde se encontram, *várias estátuas de homens importantes* (Tales, Heródoto, Eurípedes, Sócrates, Platão etc.).

Epigrafia – Também entre os *seus papeis* podemos especificar

a) orthografia alphabetica es antiquis inscriptionibus, numismatibus et allis monumentis

É um livro *importante* pelo

A 154

58-59

grande *número de inscrições* que cita, muitos dos originais (de Roma)

b) Na *Varia statiana* copia duma inscrição cristã de Alcalá Del Rio (Sevilha)

3. Dr. João de Barros

Escreveu “Livro das antiguidades e cousas notáveis de antre Douro e Minho e de outras muitas de Hespanha e Portugal”, (datado de 1549) e que se encontra ms. na Biblioteca Nacional A4.27 e na do Porto, que a publicou na sua Colleccão de ms. inéditos.

No seu trabalho há muita arqueologia: referência à Citania de Briteiros, *a moedas romanas* que possuía e de que se utilizou, referência a *inscrições* e sua cópia, de que mais tarde Contador Argote se aproveitou.

4. *Damião de Góes*: primeiro historiador que se interessou pela arte portuguesa (construções de D. Manuel)

5. Amador Arraes

Na Da Gloria e triunfo dos Lusitanos (1589) no 3.º diálogo, incluem-se *algumas inscrições*.

6. Diogo Mendes de Vasconcellos, do sítio de Lisboa³⁶.

³⁶ Também os escritores portugueses do séc. XVI se referiram a antiguidades do ultramar, por exemplo as ruínas de Zimbábue, no império do Monomotapa, na África, depoimentos estes que foram reunidos pelo governo sul-africano numa colectânea organizada por Mac Coll Theal.

Do mesmo modo foi Fernão Cardim no séc. XVI e Fr. Gaspar de Madre de Deus no séc. XVIII os primeiros a chamar a atenção para os artificiais amontoados de conchas existentes no Brasil e designados por “sambaquis”, “casqueiros” ou “ostreiras”.

A 155

58-59

7. Gaspar Estação (séc. XVI e XVII) (transição)

Publicou "*Varias antiguidades de Portugal*", onde a Arqueologia aparece como auxiliar da História.

Tendo estudado em Évora, onde se sentia ainda a tradição dos Rezendes; tendo vivido em Roma, um ambiente profundamente renascentista e em Guimarães, rica de monumentos, Gaspar Estação criou o gosto das coisas antigas e organizou uma colecção de moedas romanas, visigóticas e portuguesas, não com a finalidade de antiquário, mas para as utilizar, como utilizou, como documentos e tirar delas conclusões de ordem histórica. Assim fez ao procurar demonstrar o *luzimento de Braga* na época visigótica, ao traçar a *evolução das armas reais portuguesas*, ao procurar o fundamento da lenda de S. Vicente (corpo trazido numa nau, guiada por 2 corvos, do Algarve para Lisboa no séc. XII)³⁷.

Tratadinhos de Numismática – No séc. XVI surgem ainda os primeiros tratados de Numismática, e com eles a tradução

A 156

58-59

do livro de Budé.

Tais foram o de Jerónimo Cardoso, *De monetis, tam graecis quam Latinis* e o *De mensuris, ponderibus et nummis* do Padre Manuel Álvares. Há ainda do séc. XVI ms. na Biblioteca de Ajuda um *Tratado de Numismática Portuguesa*, com uma introdução importante de numismática grega e romana (pesos e moedas antigamente usados acerca dos gregos e latinos e "Talentos reduzidos na moeda de Portugal"). No primeiro nomeiam-se as moedas gregas e romanas, dá-se a sua equivalência e do mesmo modo os pesos dessa proveniência e as medidas de secos, líquidos e comprimento; no segundo encontra-se uma lista dos nomes das moedas clássicas e a sua tradução portuguesa; no terceiro da "Lavra altica, lavra romãa e pondo; drachma; as primeiras moedas dos Romãos; moeda de prata dos Romãos; Sester-cios; Dinheiro Romão de prata ou Numo Argênteo, moeda de ouro dos Romãos; em que tempo foi a primeira moeda douro acerca dos Romãos etc. (continuam os capítulos).

A 157

58-59

Importante para o desenvolvimento da numismática antiga foi ainda o *Sommaire et Epítome du livre de asse* (resumo da obra *Libri V de asse et partibus sem*) que com o título "Sumario e Epistoma que por mandado Del Rei de França ho doctor Gilherme Budeu, do seu concelho e seu Desembargador do Paço, tirou em linguagem francês do Livro que fez *De asse*, foi vertido para português por *Pero da Moyna Angeli* e se conserva em diversos exemplares ms. das Bibliotecas da Academia, Nacional e de Évora.

Nele são tratadas as moedas romanas e gregas e a sua equivalência em moeda portuguesa.

No séc. XVII cultivaram a arqueologia, em especial a epigrafia, Fr. Luis dos Anjos em *Jardim de Portugal*, em que se dá notícia dalgumas santas e outras mulheres ilustres em virtude

³⁷ Há inscrições de Portugal no ms. Chamado por Hübner *Anonimus Neapolitanus* (fins do séc. XVI). De 1620 há outro que se perdeu *Codex Valentinianus*.

etc. 1626; o arcebispo D. Rodrigo da Cunha em *História eclesiástica dos arcebispos de Braga* (1634) e *História eclesiástica da Igreja de Lisboa* (1642);

A 158

58-59

Frei António da Purificação, em *Crónica dos Eremitas de Santo Agostinho* (1642); e Jorge Cardoso, que pretendeu escrever uma obra sobre os *Monumentos de Portugal*, mas que só deixou o *Agiologia Lusitano*.

Este cita ainda as obras perdidas do *Padre Roman de la Higuera* e do seu discípulo *Gaspar Álvares de Louzada*, de que se conhece um ms. sobre antiguidades romanas na Biblioteca Nacional.

Porém de *todos estes autores do séc. XVII* aqueles que merecem mais atenção são o arcebispo D. Rodrigo da Cunha e o Padre Jorge Cardoso, cuja obra foi continuada por António Caetano de Sousa.

- O primeiro, “presbítero douto e versado nas antiguidades deste reino” como diz Fr. António da Purificação deu na sua História eclesiástica da igreja de Lisboa a devida importância às moedas portuguesas, de que apresenta uma notícia alfabética;

A 159

58-59

o segundo, erudito e possuidor duma grande livraria deixou-nos uma obra muito notável e muito apreciada já no seu tempo.

Numismática – Porque falamos de Numismática não devemos deixar no esquecimento Severim de Faria. Este pelo amor que consagrava aos trabalhos históricos, pelo exemplo que lhe dera o seu tio Baltazar com o seu tratado de moedas antigas, pela falta duma coordenação cronológica dessa matéria, pela influência que no seu espírito devia exercer a riqueza arqueológica de Évora dedica o discurso 4.º das suas Notícias de Portugal (1655) ao estudo da Numismática portuguesa e bem assim o seu Arbítrio para a moeda de velhon, hoje na Biblioteca Nacional.

- No tratado sobre as moedas de Portugal Severim ocupa-se em 41 parágrafos da nossa *Numismática* desde os tempos mais antigos até a sua época.

Começou por marcar bem a importância dessa ciência, passa sucessivamente a referir-se às moedas autónomas da Hispania.

A 160

58-59

sobretudo às de Emerita, às moedas góticas, o que pela 1.ª vez é feito, as moedas arábicas e finalmente às dos reis portugueses desde D. Sancho I a D. João IV.

- Também se ocupou das moedas estrangeiras que correram no reino (sevilhana, maravedi, dobra etc.)

- Apesar dos seus defeitos esta obra, com certa originalidade e baseada nas crónicas e no estudo directo das moedas, pode considerar-se como a base dos estudos científicos de Numismática entre nós.

Monetário - Para a elaborar possuía Severim uma valiosa colecção de moedas que, a julgar pelo que ele diz nas Notícias devia ser constituída por muitas moedas de Emérita, mais

de três mil romanas, algumas dezenas visigóticas, muitas arábicas de ouro e prata, moedas portuguesas, espanholas, medalhas e contos de contar.

- *Também Severim, que era um economista, cultivou com esmero a história monetária, de que temos um exemplo no seu citado Arbítrio para a moeda de velhon que ao presente corre em Castela se reduziu a seu antigo preço, sem perda da fazenda real, nem dano da Republica*.³⁸

A 161

58-59

3.ª fase ou época

Podemos distinguir nesta fase o *período da Academia da História*, o período *dominado pela acção do Cenáculo e o período da Academia das Ciências*.

a) *Período da Academia da História*. Caracteriza-se “pela substituição da literatura monástica, em que se haviam baseado todas as indagações históricas e arqueológicas, pelas *investigações propriamente históricas*” (Hübner, p. 3 da *Notícias*).

A “*Academia Real da História portuguesa*” foi fundada em 1720 por D. João V, por sugestão de D. Manuel Caetano de Sousa.

- Com efeito este a 7 de Novembro do dito ano apresenta o seu plano, que o Rei aprovava, e a 8 de Dezembro realiza-se a *primeira sessão*.

Desde logo a *Academia da História procura defender e estudar o nosso património* arqueológico. Com efeito

1. Pelo *Decreto de 14 de Agosto de 1721*, promulgado a instâncias suas, determina-se:

- *que nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade, e condição que seja, desfaça ou destrua um todo, nem em parte*

A 162

58-59

qualquer edifício que mostre ser de tempos antigos, ainda que esteja arruinado;

- *que as estátuas, mármore e cipos com figuras esculpidas ou letreiros, ou chapas com letras, medalhas (moedas antigas), ou moedas não possam ser ocultadas;*

- *que as Câmaras das cidades e vilas do Reino houvessem por bem proteger e guardar essas antiguidades e comunicar o seu aparecimento ao Secretário da dita Academia para por sua vez ele o comunicar ao Director e Censores que poderão tomar as medidas que entenderem necessárias;*

- *que os ditos academicos as poderão comprar por conta da Academia;*

- *que as pessoas de qualidade que deteriorassem ou sonegassem qualquer antiguidades sofressem a pena imposta aos que fundem moeda.*

- *que as Câmaras fossem obrigadas a comprar por seu justo valor as moedas ou chapas que os achadores quizessem reduzir a numerário corrente* (ver Paço, *Anais da Academia da História*, 2.º série, volume 8, 1958)

³⁸ Não se deve esquecer o Dr. Coelho Gasco, *Primeira parte das antiguidades da muy nobre cidade de Lisboa, Império do mundo e princesa do mar Oceano*, ms. da 1.ª metade do séc. XVII publicado em 1909 no “*Archivo Bibliographico da Bibl. da Universidade de Coimbra*” e em 1924 em volume.

A 163

58-59

2. Os novos *académicos* percorrem o país em busca de monumentos arqueológicos, como por exemplo o *Marquês de Abrantes* que se refere às *inscrições de Alcácer do Sal* e *S. Tiago de Cacedem*, e não só de monumentos, mas também de documentos e papeis dos cartórios dos mosteiros, como *Martinho de Mendonça na Beira*.

3. *Discutem-se apócrifos*, como *Bartolomeu Lourenço* a respeito do primeiro concílio de Braga, e dá-se início a uma atitude de crítica.

4. *Elabora-se o projecto para um Museu Nacional de Arqueologia*, em que existiram pelo menos muitas moedas antigas.

Os *trabalhos da Academia da História* encontrou-se nos 16 volumes da *Colecção de documentos e memórias* (1721 a 1736) e na *história da mesma colectividade* escrita pelo *Marquês de Abrantes*, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Menezes, muito dado ao estudo de “medalhas antigas, ... inscrições gregas e romanas e

A 164

58-59

outras venerandas relíquias dos tempos mais escuros, como atesta o *Conde da Ericeira*.

A obra mais importante inserta na dita *Colecção*, a melhor depois dos trabalhos de *Resende*, é a de *Contador Argote* denominada “*Antiquitates conventus Bracaraugustani*”, escrita em latim e português e contida no 8º volume (1728), onde se encontram muitas *notícias arqueológicas*, nomeadamente *inscrições* e a *descrição* das pinturas rupestres do *Cachão da Rapa*.³⁹

Escreveu também em 4 volumes as *Memórias para a história eclesiástica de Braga* (1732 a 1747).

Confrontando os livros deste padre trentino com as *comunicações dos sócios correspondentes* existentes na Biblioteca Nacional verifica-se que *Argote* as reproduziu quase textualmente, sem adições, mas também sem correcções.

Foi o que aconteceu com a de

A 165

58-59

Luís Álvares Figueira, arcebispo da Baía, *Notícia do arcebispado de Braga* (A1, 25 e 26); com as *Memórias ressuscitadas da província de Entre Doiro e Minho* de *Francisco Xavier da Serra Craesbeck* (A4, 28), com as *Notícias relativas à villa de Chaves* de *Tomé de Távora e Abreu* (A4, 28), com a *Lista das inscrições de Chaves* de *João de Moraes e Castro*.

Sob a *influência da Academia* iniciou-se também o *Dicionário Geográfico* do *Padre Luís Cardoso* (só se publicou da letra A a C), que interrompido por causa do terramoto, foi depois continuado, a partir de 1758, por ordem do *Marquês de Pombal*.

As informações colhidas em todo o reino por meio de questionários constituem 43 volumes ms. que se encontram com o título de *Memórias Paroquiais* *Dicionário Geográfico* na Torre do Tombo e fornecem muitos subsídios sobre *ruínas de antigas*

³⁹ Já referidas pelo Padre Carvalho na sua *Corografia*, mas pouco cientificamente.

A 166

58-59

povações, tradições de nomes antiquados, descobrimento de antiguidades, lápides etc.

Outros autores poderíamos citar: (*De Bento Morganti*) a Nummismalogia ou breve recopilção de algumas Medalhas dos Emperadores Romanos, de ouro, prata e cobre que estão no Museu de Lourenço Morganti (1737 – moedas de ouro e prata dos Imperadores; moedas de cobre dos mesmos, moedas das famílias etc) o qual *reflete as ideias do Grupo e alarga os conhecimentos trazidos por Severim de Faria*;

- o 4.º volume da *História Geneológica da Casa Real* de D. António Caetano de Sousa (brasões, selos, numismática, leis monetárias), que interessa sobretudo a arqueologia histórica portuguesa.

- o *Mapa de Portugal* de João Baptista de Castro (1745)⁴⁰

b) *Período dominado pela acção de Cenáculo (A ciência dos antiquários)* (vid. Francisco da Gama Caeiro, *Fr. Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*)

Este período, dominado pela figura de *Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*, com a vasta *erudição* duma escola continuador

A 167

58-59

das vias abertas pelo Renascimento, cria os fundamentos do nosso conhecimento das antiguidades por um esforço feito no sentido de precisar a observação e pelo cuidado com o pormenor.

- *Hübner* reconhece com efeito que Cenáculo se “*pode verdadeiramente considerar o restaurador dos estudos de humanidades em Portugal*” (*Notícias arch. de Portugal*, p. 5) e *Fortunato de Almeida, História de Portugal, I, 5 que é nos seus trabalhos históricos que aparecem “os primeiros fulgores do novo espírito crítico, assinalado na reforma de métodos de investigação e exposição”.*

Manuel do Cenáculo, de origem humilde, nasceu em Lisboa, professor na Ordem Terceira da Penitência (S. Francisco) (1740), doutorou-se em Coimbra, viajou pela Itália (Roma), fixou-se em Lisboa (1755), onde além, doutros cargos, foi *professor do Príncipe*, depois, protegido pelo Marquês do Pombal que muito o admirava – “um poço de saber sem fundo e sem lodo”, foi

A 168

58-59

bispo de Beja (1770) e mais tarde arcebispo de Évora.

Tendo adquirido em Roma o gosto da *Arqueologia* (1750) começou a reunir, quando se fixou em Lisboa como professor do Príncipe, *uma colecção e moedas no convento de Santa Maria de Jesus*, que em parte levou para Beja, quando, em desgraça do Marquês de Pombal de quem era partidário e amigo, foi assumir o governo do seu bispado (1777).

⁴⁰ Este período termina sem que a obra arqueológica de conjunto planeada pelo Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, sobre as inscrições romanas de Portugal e as vias militares da Lusitânia tivesse realização.

A colecção de inscrições, intitulada *Lithologia Lusitana* que Joseph António da Cunha remeteu à Academia de História de Madrid (ms. da mesma Academia) é trabalho de compilação, com poucas novidades.

Pelo testemunho de *Sanchez Sobrino* sabemos que já possuía uma colecção de *inscrições em 1772* e um monetário com 403 peças de ouro, prata e cobre romanas portuguesas e estrangeiras.

Em *Beja continuou* a coleccionar com muito interesse antiguidade, com as quais fundou, como veremos um Museu.

Pelo relatório (diário) de *Francisco Bayer*, arqueólogo espanhol que o visitou na viagem que fez pelo nosso país em 1782 (vid. Arch. Port. XXIV, 108) podemos conhecer *actividade científica de*

A 169

58-59

Cenáculo nessa época.

- Possuía *grande número de lápides* com inscrições, que foram copiadas pelo citado arqueólogo espanhol e apresentados por *Hübner* e além disso um monetário e uma boa biblioteca.

Mas não só as letras e a antiguidade lhe interessavam: Ao seu hóspede ofereceu um serão musical e literário, dizendo-lhe que, fora das horas de estudo, gostava se ocupassem dessa diversão. O próprio homenageado acabou por tomar parte no Concerto como executante.

Bayer não se cansa assinalar a cultura de Cenáculo: “Toda a noche (noite) se converso de Letras, de los libros que salian a luz en España y Portugal” ...

“Confieso que aprendi muchas cosas, y que huviera dado gustosamente lo que más estimo en este Mundo por que huvieran sido a esto docto y zeloso Prelado algunas de las principales Iglesias de España. Admiró-me sobre tudo ver a solidez de los principios

A 170

58-59

sobre que discurria, y la claridad con que se explicaba en varios asuntos heterogéneos, como si no tuviese más que el de que actualmente tratava”

A sua melhor contribuição arqueológica é a obra “*Sisenando Mártir e Beja sua pátria*”, onde se ocupa dos monumentos (hist. Arqueol.) arqueológicos de Beja.

Muito embora possuísse uma colecção ou mais de 7.000 moedas, “de grande estimação e raridade” (Trigoso), só notícias ocasionais deixou sobre elas, e também não publicou nada sobre epigrafia, embora nos seus *cuidados literários* (1791), repositório importante da cultura setecentista portuguesa, nos dê notícias do seu labor naquele campo, bem como numa carta a João Pedro Ribeiro.

Bibliotecas e Museus - Um outro aspecto da actividade de Cenáculo é a fundação de *Bibliotecas e Museus* e a compreensão da sua alta finalidade cultural.

A 171

58-59

Assim em 1797 reparte com a *Biblioteca pública de Lisboa* livros, manuscritos, estampas e plantas e uma colecção de mais de 3 000 moedas de cobre, prata e ouro que foram o fundamento do numofilacio da Biblioteca Nacional.

Também quando elevado a *arcebispo de Évora* (1802) *fundou ali uma biblioteca* (1805), que doada à Mitra com muitas antiguidades em 1811, veio a constituir o primeiro núcleo, da Biblioteca actual e do Museu Cenáculo lá existente.

Mas a sua primeira fundação foi a do *Museu Sisenando – Cenáculo Pacense* (1791) com os “muitos letreiros, moimentos, ídolos, arquitecturas, alvanarias, urnas, medalhas, e muitas peças romanas do seu gabinete e galerias”, a que Sousa Farinha faz referência. E o que representa uma *grande novidade cultural foi o primeiro que em Portugal se abriu ao público*, quer dizer, a sua organização não obedecia

A 172

58-59

a um capricho de coleccionador, mas a uma finalidade educativa.

Leite de Vasconcellos publicou o discurso da sua inauguração (Arch. IV) feito por *Fr. José de S. Lourenço em 1791* pelo qual se vê que o dito estabelecimento abrangia também a *História natural*.

Vimos que Cenáculo promoveu o desenvolvimento dos estudos arqueológicos, coleccionando, organizando (ensino das línguas clássicas) museus e bibliotecas e arquivos, fundando Academias (Beja e Évora) e promovendo (desenvolvendo) a instrução popular.

Mas ainda prestou um outro grande serviço: criou muitos discípulos, como Felix Caetano da Silva, Fr. Vicente Salgado, Fr. José de S. Lourenço do Vale, João Vidal da Costa e Sousa, Fr. João de Sousa.

1) *Felix Caetano da Silva* (vid. L.V., O Antiquário Felix Caetano, in Arch. XXII) ms. no ME. 6583 e na Biblioteca Nacional.

- Natural de Beja. Começou em verdes anos a compor a *História das Antiguidades de Beja*, que com a vinda de Cenáculo para Beja ponde melhor fundamentar por dispor da sua biblioteca.

A 173

58-59

Por esse motivo essa obra apresenta duas redacções. A obra constava de 5 partes que diziam respeito às *origens de Beja* até ao tempo do autor, das *igrejas, conventos e Bejenses ilustres* ou seja como se diz num outro codice: I- *Beja profana*; II- *Beja sagrada*; III- *Beja sábia e forte*.

Felix Caetano juntou depois a sua obra umas Adições e aparatos que se encontram ms. no Museu Etnológico (vid. Arch. XVII, 114), onde, além de outras notícias, há uma “Lembrança de várias medalhas romanas”.

2) *Fr. Vicente Salgado* (1732-1802). Protegido desde os tenros anos por Cenáculo e seu discípulo, compôs em 1797 uma Colleção dos monumentos romanos descobertos em Portugal, que se encontra ms. na Biblioteca da Academia (gab. 5, est. 13.^a, n.º 23).

Sobre antiguidades publicou ainda Conjecturas sobre uma medalha de bronze, onde depois duma longa introdução, trata duma moeda encontrada

A 174

58-59

em Tróia, “terreno fertilíssimo”, testemunha ele, de achados numismáticos e arqueológicos, “com que os curiosos da nação teem aumentado os seus monetários e gabinetes”, Salgado atribui a moeda aos Vetões, mas Hübner provou ser de Sagunto.

Também publicou (1780) uma Breve instrução sobre as medalhas romanas para os primeiros estudos do novo curioso, em que se ocupa das suas classes, fabrico, e significação histórica e formação dum gabinete.

Ainda nas Memórias eclesiásticas do Algarve faz referências a inscrições turdetânicas e fenícias, moedas de Ossonoba, Carteia etc.

Deixou ms. vários catálogos: do Museu do bispo de Beja, do Museu Maynense do Convento de Jesus

3) Fr. José de S. Lourenço do Vale

Também íntimo de Cenáculo. Frade Bernardo.

Deve-se-lhe uma dissertação em latim - Monumenta, redigida em Alcobaça, onde trata de inscrições e moedas romanas.

A 175

58-59

Era homem erudito, conhecedor do grego, latim e línguas semíticas e tentou resolver o problema das moedas e inscrições ibéricas por meio do fenício e caldaico, sem grande resultado, o que não admira porque ainda hoje não está resolvido.

4. Desembargador João Vidal da Costa e Sousa

Foi por Cenáculo encaminhado para a Numismática e coleccionador competente.

5. Fr. João de Sousa.

Outro discípulo do bispo de Beja. Dedicou-se à Numismática, principalmente à romana e arábica⁴¹.

C) Período dominado pela acção da Academia das Ciências de Lisboa.

Depois dos trabalhos do Padre Caetano de Bem sobre numismática romana – Numismática romana imperatória e das moedas e medalhas (ibéricas e romanas) e Carta do autor a um amigo – pode-se dizer que é a Academia das Ciências de Lisboa fundada pelo Duque de Lafões em 1778, com o concurso de Correia da Serra que anima e orienta os estudos arqueológicos e lhe aplica métodos mais rigorosos

A 176

58-59

Já Fr. João de Sousa fazia parte, como D. Tomaz Caetano de Bem, ao seu grêmio. Nas suas comunicações encontram-se muitos elementos para a nossa arqueologia.

Assim as *comunicações de António Ribeiro dos Santos* sobre a dominação romana, conquanto superficiais (ms. na Biblioteca Nacional); assim o Elucidário de Santa Rosa

⁴¹ Deixou ms. os seguintes trabalhos:

1. Uma Numismalogia, ou seja uma recopilação do séc. VII ao séc. XIV das moedas de ouro e prata *cunhadas pelos califas e reis árabes* ... e achados e existentes em Portugal. Aqui há moedas *cunhadas pelos reis do Algarve*.
2. Uma Memória de duas medalhas bilingues
3. Trabalhos avulsos que se encontram na Biblioteca de Évora.

Viterbo, com a indicação de algumas moedas e inscrições; assim já no séc. XIX João Pedro Ribeiro que nas suas Dissertações Cronológicas (5 volumes) se ocupa com intuitos paleográficos das inscrições romanas⁴²; assim José Barbosa Canais de Figueiredo, a quem se deve a publicação nas Actas e memórias da Academia de inscrições, com comentários nem sempre felizes; assim Levy Maria Jordão, que coligiu inscrições numa obra especial denominada, Inscriptiones Romanae Portugaliae.

A par alguns trabalhos de estrang.

A 177

58-59

que representam uma contribuição útil para a nossa arqueologia: o do inglês *Murphy*, Travels in Portugal (1795), embora um tanto superficial, e os dos espanhóis Sebastian Sanchez *Sobrino e Perez Bayer* que conheceram e se ocuparam das antigualhas reunidas por Cenáculo em Jesus e ainda *D. José Cornide* incumbido pela Academia espanhola de estudar as antiguidades portuguesas e de que há ms. em Madrid e na Biblioteca Nacional.

Sobre Numismática romana temos o trabalho do 2º Visconde de Santarém, Análise histórico-numismática duma medalha de ouro do imperador Honório; de Queiroga, Instruções de Numismática e um capítulo sobre moedas e medalhas inserido por *Gomes de Moura* nos seus Monumentos de língua latina; ainda a Dissertação a inteligência duma medalha achada em Setúbal de Manuel José Maria da Costa e Sá (1791 – 1843) e ainda os papéis de *César Famin* respeitantes ao período romano (também da parte portuguesa)

A 178

58-59

4.ª Fase (dos meados do séc. XIX até ao presente)

Podemos distinguir aqui a acção de Hübner, a do Museu Etnologia e a da J. N. Educ.

a) Emílio Hübner

Inaugurou entre nós a fase da *Arqueologia científica*.

Hübner (vid. Arch. VI, p. 48) nasceu em Dusseldorf em 1834 e morreu em 21 de Fevereiro de 1901.

Tendo-se notabilizado na organização dos índices do 1º tomo foi encarregado de coligir as inscrições da *península ibérica* para o que vem à Ibéria em 1860 e 1861.

(1.ª viagem) Desta primeira viagem científica, em que se poz em contacto com os eruditos portugueses, – *Herculano, Pereira Caldas, Soromenho* e outros - resultou uma série de notícias epigráficas, uma espécie de relatório publicado nas actas da Academia de Berlim, e cuja parte respeitante a Portugal foi vertida por *Felipe Simões* em 1871 – para português por ordem da Academia, com o título de Notícias archeologicas de Portugal.

A 179

58-59

Este trabalho, pelo método empregado orientou os nossos investigadores e serviu-lhes de modelo.

⁴² Também no 1º volume das Reflexões históricas dedica os números 4 e 5 a Numismática (moedas bilingues, arábicas etc), além de notícias avulsas espalhadas pelas suas numerosas obras.

Outros estudos preparativos do tomo X do Corpus publicou em seguida:

- Em 1861: Statuen Gallakischer Krieger (*estátuas de guerreiro lusitano*) que foi verificado em português em apêndice às Notícias archeologicas de Portugal.

- Em 1862 o livro Die Bildwerk in Madrid com um apêndice em que descreve as obras de *arte antigas existentes no território português*.

- No mesmo ano o artigo Antichità di Portogallo no "Bullettino dell' Instituto di Correspondenza Archeologica".

(Corpus) – Em 1869 o tomo II do Corpus, seguido de dois opúsculos:

"Additamenta ad títulos Hispanos" e "Additamenta ad Corporis, vol. II"

(Cristãs) – Em 1871 publicou as "Inscriptiones Hispaniae Christianae" de que acidentalmente se tinham referido AA portugueses.

A 180

58-59

Em 1876 um artigo sobre a mina de Aljustrel – Metallum Vispacense, em 1877 a taboa aparecida um ano antes nessa mina (Ephemeris epigráfica, Volume III).

Essa *tábua é muito notável* porque encerra parte duma lei referente à administração da mina e foi também estudada por *Soromenho e Estácio da Veiga*.

(Citania) – Ainda em 1878, a propósito do Congresso que por iniciativa de Martins Sarmiento, se celebrou na Citania de Briteiros em 1876, publicou uma memória no volume I da Archeologia artística que depois aperfeiçoou e publicou na sua revista "Hermes" (1880).

2.ª viagem – Os descobrimentos arqueológicos realizados desde 1861 *levaram Hübnner em 1881 a empreender à península uma nova viagem*, com o fim de, com os materiais colhidos, redigir um Suplemento ao volume II do Corpus.

A 181

58-59

Antes que esse tomo aparecesse publicou ele em 1888 em espanhol um *manual* – La Archeologia de España – aonde se dão preciosas notícias sobre as *fontes das antiguidades romanas da península (geógrafos, historiógrafos, inscrições, moedas e monumentos)*.

Suplemento. Em 1892 apareceu o citado suplemento, aonde não só se apresentam todas as *inscrições aparecidas* posteriormente a 1869, mas se corrigem algumas já publicadas.

Além disso vem *munido de bons mapas e dum índice* geral que abrange o volume II do Corpus.

- Neste volume há uma *dissertação* "De Hispaniis Romanorum provinciis"

Inscrições ibéricas - Também Hübnner procurou esclarecer o *problema das inscrições ibéricas*, impropriamente chamadas celtibéricas e ainda hoje indecifráveis, publicando os seus Monumenta Linguae Ibericae, obra

A 182

58-59

notabilíssima pelo saber que revela e pelas subsídios que ministra.

- Esta obra é de 1893 e nela se reimprimem todas as inscrições ibéricas então conhecidas, devendo considerar-se apesar de alguns defeitos, a base destes estudos.

- Ainda em 1897 e 1898 ele publicou na Ephemeris epigraphica novos suplementos, e em 1899 um estudo sobre Los más antiguos poetas de la Península que são os autores de inscrições rítmicas da época romana.

- Destas poesias, que foram também estudadas numa obra "Carmina epigraphica" pelo Dr. Bücheler, professor da Universidade de Bonn, apenas Hübner publica uma achada em Portugal, tendo o Dr. Leite de Vasconcellos encontrado uma outra no Alentejo.

Hübner colaborou na Revista Archeologica

A 183

58-59

de Borges de Figueiredo, aonde publicou um artigo sobre Balsa e no Archeologo Português aonde publicou dois artigos em latim sobre inscrições romanas e cristiano-latinas do sul de Portugal.

(Trabalhos gerais) - Devem-se-lhe ainda trabalhos gerais sobre epigrafia como Exempla scripturae epigraphicae e tratado de Epigrafia romana.

Na obra epigráfica Hübner seguiu os preceitos estabelecidos no Corpus na observação dos monumentos, crítica, *exploração de bibliotecas etc.*

Inscrições cristãs - Hübner, o grande mestre da epigrafia peninsular, dedicou-se, como dissemos, também à epigrafia cristã da Inglaterra e da Ibéria.

As inscrições desta última encontram-se no volume Inscriptiones Hispaniae christianae (1871) e no Inscriptionum Hispaniae christianorum Supplementum (1900)

A 184

58-59

- Neste volume figura a *par da Bética e da Tarraconense a Lusitânia*, por sua vez subdividida em Conventus Pacensis, Conventus Scallabitanus e Conventus Emeritensis.

- Infelizmente *conhecem-se poucas* destas inscrições no nosso território, sendo as mais importantes as de Myrtilis (Mértola) e as que posteriormente encontrei na herdade da Silveirona (Estremoz).

Estas inscrições conquanto poucas, são dos reduzidos *textos a estabelecer* a ligação entre o Corpus e os Portugaliae Monumenta Historica. A obra de Hübner deve muito aos antiquários portugueses e especialistas nossos seus contemporâneos.

Posterior a Hübner, mas não aproveitando as suas lições por falta de crítica, é o Dicionário Antigo e Moderno de Pinho Leal, aonde se colhem notícias por vezes proveitosas sobre as diversas cidades e vilas de Portugal;

Já dentro da orientação de Hübner podemos citar os trabalhos de Martins Sarmento⁴³, de Estácio da Veiga (Antiguidades

⁴³ Dispersos, Argonautas e Ora Marítima. Vid. A Correspondência de E. Hübner e Martins Sarmento publicada pela Sociedade de Martins Sarmento e de Mário Cardozo, Francisco Martins Sarmento (vida e obra).

A 185

58-59

Monumentaes do Algarve, Antiguidades de Mértola, Antiguidades de Mafra) e no campo da Numismática Teixeira de Aragão: Este conseguiu constituir um monetário “dos mais escolhidos e completos do paiz”, segundo confessa, que vendeu em 1867 a el-rei D. Luís, que em seguida o nomeou Conservador do Gabinete de Ajuda.

Assim encorajado empreendeu em 1870 a publicação, no gosto de Cohen, a sua Descrição histórica das moedas romanas existentes no Gabinete Numismático de S.M. El-Rei D. Luís I, que prestou e presta bons serviços aos estudiosos.

Quatro anos depois a monumental Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos Reis, regentes e governadores de Portugal, que está fora do nosso âmbito.

b) Acção do Museu Etnológico

Sob a influência da *Revolução Francesa e do Romantismo* introduziu-se em Portugal um novo *espírito* pelo que toca ao estudo dos monumentos do passado.

A *Revolução Francesa* desperta o nacionalismo, o estudo das vicissitudes

A 186

58-59

porque passou o solo nacional, portanto dos povos que o habitaram e dos *monumentos que nos deixaram*.

As antiguidades nacionais são postas ao mesmo nível que as dos povos clássicos.

Por seu lado o *Romantismo* alarga ainda esse horizonte pondo ao lado do mundo clássico (greco-latim) o mundo bárbaro e deixando-se seduzir pelo mistério das épocas pouco esclarecidas pelos documentos e pela cor das civilizações primitivas.

Deste *ambiente espiritual* resultou a união da arqueologia (*dos monumentos romanos*) clássica à arqueologia pré-histórica por um lado e à medieval por outro. Os monumentos *pré-históricos aparecem porém confundidos e agrupados sob a designação de célticos*. Esta *celto-mania* não deixa porém de ter certa justificação.

O primeiro que realizou um plano largo de colheita e estudo das antiguidades nacionais foi Leite de Vasconcellos.

Leite de Vasconcellos e o Museu Etnológico.

Leite de Vasconcellos *começou por etnógrafo*. Pela etnografia – necessidade

A 187

58-59

duma explicação dos nossos costumes, superstições etc., foi conduzido para a Arqueologia.

Teve de enfrentar a *hostilidade* ou desdém do ambiente. Troça dos colegas e o prémio das línguas românicas.

- Em 1893 por sua sugestão Bernardido Machado funda (*cria*) o Museu Etnológico.

O Museu compreenderia *uma secção arqueológica e outra moderna* e teria por fundo não só os objectos *espalhados* por outros *estabelecimentos do Estado*, como também o *Museu do Algarve* e colecções que por ventura se fossem adquirindo.

Todas as autoridades ficavam obrigadas a dar-lhe parte das descobertas arqueológicas de que tivessem notícia.

Em 1894 *instala-se* tudo numa sala da *Comissão Geológica*. Neste mesmo ano se planeou a publicação da sua revista – *O Archeólogo Português*, cujo primeiro fascículo apareceu em Janeiro de 1895.

A 188

58-59

O crescimento das colecções exigiu que *em 1897 se recorresse à Academia das Ciências de Lisboa para se instalarem* as lápides num dos seus claustros, o que foi concedido.

- Em 1897 o Museu toma a designação de *Museu Etnológico Português* que melhor correspondia aos seus fins.

Reformas sucessivas melhoraram os seus serviços: a de *Elviro Brito de 28 de Dezembro de 1899* que estabeleceu as suas actuais secções: – Arqueologia, Etnografia e Antropologia – e a de *Manuel Francisco Vargas de 24 de Dezembro de 1901*, que muito melhorou o dito estabelecimento.

Por despacho do Conselheiro Pereira dos Santos de *21 de Novembro de 1900* determina-se a sua *instalação no Mosteiro dos Jerónimos*, na parte ocupada pelo extinto Museu Agrícola, mas só foi possível tomar *posse da nova sede em 22 de Abril de 1903* e abri-la ao público no mesmo dia e mês do ano de 1906.

A 189

58-59

Em 1911, a 26 de Maio, passa a depender *do Ministério do Interior* e por Decreto de *16 de Agosto de 1913* é anexado pedagogicamente à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O decreto 12.492 de 14 de Outubro de 1926 concedeu ao Museu autonomia administrativa e pelo decreto n.º 13.454 de 7 de Abril de 1927 foi autorizado a aplicar em seu benefício a venda das publicações; pelo Decreto n.º 16.640 de 17 de Março de 1929 considerou-se o lugar de Director inerente ao de professor da Faculdade de Letras de Lisboa; pelo Decreto n.º 18.237 de 23 de Abril de 1930 (vid. Também o n.º 16.624 de 18 de Março de 1929) promoveu-se uma nova organização.

No seu artigo 1.º define-se a missão do dito estabelecimento: Contribuir para o estudo das origens, carácter e evolução histórica do povo português, por investigações e publicações de arqueologia,

A 190

58-59

etnografia e antropologia e pela exposição permanente de objectos arqueológicos e etnográficos e restos antropológicos, provenientes principalmente de Portugal.

- O Museu encontra-se instalado nas alas Sul e Norte do claustro do Mosteiro dos Jerónimos. Na 1.ª estão as salas de exposição permanente, que abrangem colecções pré-históricas, proto-históricas, romanas e medievais e etnográficas; na 2.ª e em outros depósitos as colecções paleolíticas da Estremadura, concheiros de Alcácer do Sal, dolmens de Montemor-o-Novo e Estremoz, Torre Palma e Epigrafia etc.

O Museu oferece assim um panorama completo das civilizações que no nosso solo precederam o estabelecimento do reino de Portugal.

O investigador – Para enriquecer o seu Museu Leite de Vasconcellos não só percorreu o país, salvando muitas antigualhas em mãos de particulares, como procedeu a

A 191

58-59

variadas escavações. Interessam a esta cadeira as que fez em *Tróia* (1895), em Castro Marim (olaria), em Leiria (1898), em *Martingil*; em S. Geraldo em 1900 (cemitério visigótico); na Costa (Oeiras) em 1901; cemitério de *Marco de Canavezes* (Feira) em 1903 e na cidade do Peso e Monção; no cemitério de Marateca, em S. *Miguel da Mota* e em Mantel em 1904; no cemitério de *Rouca* (Alandroal) em 1905; em Almoçageme (mosaico) em 1906; em S. Miguel da Mota e Castelo Velho (Alandroal) em 1907; em Panóias de Ourique, *Mértola* (visigótico), e pelos seus colaboradores no *Cortiçal* (Arraiolos) num cemitério, na Feira Nova e Castro *dos Arados*, em *Alcobaça* (mosaicos), em *Oeiras* (mosaico), Santa Suzana (Alcaçovas); Polvorinho, em Aljustrel (cemitério romano), no Algarve, em *Almoçageme* (colares – mosaico); cemitério romano de Viana do Castelo, em S. *Victoria do Ameixial* etc.

A 192

58-59

Desta actividade resultaram muitas publicações; em primeiro lugar as Religiões da Lusitânia, de que nos interessam aqui os 2.º e 3.º volumes; De terra em terra, 2 volumes, História do Museu Etnológico, Medicina dos Lusitanos, Origem histórica e formação do povo português, Les monnaies de la Lusitanie portugaise, Da Numismática em Portugal etc. Estátua dum guerreiro lusitano (Arch. VII), Notas a respeito de Conímbriga (Arch. IV)

- Estação romana da Quinta de Ribeira (Tralhariz), Arch. V
- Estudos sobre Panóias Arch. III
- Antiguidades romanas de Cárquere (Arch. V)
- Antiguidades romanas de Lisboa (Arch. V)
- Mosaico romano de Alcobaça (Arch. VII)
- Antigualhas romanas do Algarve (Arch. IV)
- Olaria luso-romana de Castro Marim (Arch. IV)

Estes trabalhos tencionava o Dr. Leite reuni-los e coordena-los metodicamente num Opúsculo, Arqueologia Nacional⁴⁴.

⁴⁴ Quando o Museu Etnológico se transformou em estabelecimento universitário, pela sua anexação à Faculdade de Letras, Leite de Vasconcellos professor desta e regendo Arqueologia, Epigrafia e Numismática utilizava as colecções daquele para exemplificação (ilustração) dos materiais dos seus cursos.

Antes na Biblioteca Nacional já abrira uma cadeira de Numismática, de cujo ensino podemos ter conhecimento pelos seus “Elenchos de Numismática”.

A 193

58-59

Acção do Museu:

a) Colaboradores de Leite de Vasconcellos – Pelas suas investigações, pela exposição das colecções, pela sua revista “O Archeólogo Português” e pelo ensino o Museu Etnológico tornou-se um foco de cultura arqueológica.

Lá trabalhou Alves Pereira a quem devemos, além dos Estudos do Alto Minho, Sintra do pretérito, reunião de estudos publicada pela Câmara da mesma vila, e onde se referem muitas antiguidades romanas, como exemplo as de Odrinhas; de lá saiu Virgílio Correia que revelou Conímbriga e publicou “O domínio romano” na História de Barcelos, A romanização da Lusitânia no volume I do “Congresso do Mundo Português”, Las más recientes excavaciones romanas de interes en Portugal” in “Arch. Espanhol de Arqueologia” n.º 43, 1941; Inventário artístico de Coimbra, 2 volumes (de colaboração); Obras, volume I (os 2 seguintes são de Arte, bem como o trabalho sobre Azulejos).

A 194

58-59

- Luís Chaves que nos deu Mosaicos lusitano-romanos de Portugal (1.ª série) in Rev. Arqueológica, 1937; Latifúndios de Romanos no Alentejo; e A villa de Santa Victoria do Ameixial, in Arquivo Português, volume XXX; também Joaquim Fontes tem a sua actividade em parte ligada ao Museu, mas dedicou-se de preferência ao Paleolítico, embora tivesse produzido uma monografia sobre um Oenochoé de Rio Maior (vid. Arqueologia Portuguesa).

Ao presente dois epigrafistas: Rosa Capeans e Bandeira Ferreira.

O Museu está escavando duas estações lusitano-romanas muito importantes: A villa de Torre de Palma e o porto de Tróia (Setúbal), cujo estudo tinha sido iniciado pela Sociedade Archeológica de Setúbal, e Marques da Costa.

No Norte de Portugal não devemos esquecer além de Albano Belino, Inscrições romanas de Braga (inferior), além do de Padre Capela, Miliários do Conventus Bracaraugustanus (bom), a acção do grupo da Portugália e da Sociedade Martins Sarmiento e do Instituto

A 195

58-59

de Antropologia do Porto.

-1. O grupo da Portugália, chefiado por Ricardo Severo, deixou nesta revista As “villas” do Norte de Portugal de Alberto Sampaio, Escavações em Conímbriga, várias estações luso-romanas (Pedrulha, Serra de Alvaizere) – Bacelinho, Formoselhe, Serra do Outeiro em Montemor-o-Velho, Ançã, Lagos, no volume I; e no volume II necrópole da Lomba, Condeixa-a-Velha, Vilarinho, estudos sobre castros e jóias etc.

-2. A Sociedade Martins Sarmiento continua, sob a égide do Coronel Mário Cardozo publicando a Revista de Guimarães e escavando a Citania⁴⁵.

-3. A Sociedade de Antropologia e Etnologia do Porto publicando os seus Trabalhos, de que o último foi consagrado ao seu fundador Dr. Mendes Correia que nos Povos primi-

⁴⁵ Além de muitas notícias sobre jóias publicou “Catálogo das inscrições lapidares do Museu de Odrinhas”.

tivos da Lusitânia incluiu um capítulo sobre as fontes históricas antigas da Lusitânia e outro sobre a epopéia dos castros. A este grupo pertencem Serpa Pinto e Santos Júnior.

- Sobre castros também o professor Joaquim de Carvalho deixou um estudo interessante.

Ainda é de justiça citar o Padre Eugénio Jalhay pela sua contribuição para o

A 196

58-59

estudo da epigrafia lusitano-romana, tanto da Galiza como de Portugal.

Assim Estela funerária de Alenquer, A citania de Sanfins (vários estudos), Lápides romanas dos arredores de Mação, Inscrições romanas do Museu da Guarda, Epigrafia amaiense, Lápides romanas encontradas de Carquere etc⁴⁶.

Entre os contemporâneos é justo citar em primeiro lugar Bairrão Oleiro que se tem especializado no estudo da terra sigillata e monografia sobre o Campo romano de Antanhol, e ainda Carlos Teixeira, Subsídios para o estudo da Arqueologia bracarense: A fonte do Ídolo e o culto de Nabia e a Estação romana de Canelas (Régua) in Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia, volume IX, Russel Cortês.

José Formosinho, A mais importante estação romana encontrada em Portugal. Arredores de Portimão. Diar. de Notícias 1939

Lister Franco, As ruínas de Milreu e os trabalhos ali realizados

A 197

58-59

- António Francisco Barata, Catálogo do Museu de Évora

- Padre Manuel de Oliveira, História eclesiástica de Portugal

- D. Fernando de Almeida (1) e Dr. Lambrino (2)

Revistas

- Boletim da Associação dos Arq. e Arqueólogos Portugueses

- Revista de Guimarães

- Revista Arqueológica e Histórica (Borges de Figueiredo)

- Revista da Sociedade de Carlos Ribeiro

- Revista de Portugal

- Arqueólogo Português

- Arqueologia e História

- Portugália

- Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

- Ethnos

- Antiquário

- Antiquário Conimbrigense

Arqueologia Histórica

Augusto Gonçalves, Joaquim de Vasconcellos, Teixeira de Carvalho, José de Figueiredo, João Couto, Reinaldo dos Santos, Virgílio Correia, Reis Santos, João Barreira, Aarão de Lacerda, Dr. Chicó, D. José Pessanha, Aguiar Barreiros, Pedro Victorino etc.

⁴⁶ Professor Lambrino / D. Fernando de Almeida

A 198

58-59

c) Acção da J. N. da Educação

As *actividades arqueológicas no séc. XX*, orientadas a *princípio pelas sociedades científicas* – “Associação dos Arqueólogos”, Sociedade Martins Sarmento, “Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia”, Instituto Português de Arqueologia (no fim) etc. *passaram a gravitar, com a criação das cadeiras de Arqueologia (introdução do ensino)*, Epigrafia e Numismática e Etnografia *nas Universidades*, em volta de estas, sobretudo da de Lisboa, de quem o Museu Etnológico era anexo pedagógico.

A acção dos *Conselhos de Arte e Arqueologia* e do Conselho Superior de Belas Artes era pouco menos que *nula*.

Tornava-se *por isso necessário coordenar todas as vontades (esforços)*, *defender o património* arqueológico da Nação, regulamentar as escavações e assegurar a sua realização por pessoas competentes.

Para isso publicou o professor Cordeiro Ramos quando Ministro, por sugestão do Director do Museu Etnológico, o Decreto n.º 21.117 de 18 de Abril de 1932.

Este decreto que foi muito combatido

A 199

58-59

pela anarquia existente e ocasionou violentas polémicas, compreendia quatro *capítulos*: *Dos imóveis, dos móveis, das escavações e arrolamentos das antiguidades, da guarda e vigilância dos monumentos*.

No *capítulo I* estabelecia-se que podiam ser classificados como *monumentos nacionais* os

- a) terrenos com estações paleolíticas e mesolíticas;
- b) megalíticos, grutas, estações neolíticas e calcolíticas;
- c) sepulturas da época do Bronze;
- d) castros e necrópoles da época do ferro
- e) Antiguidades lusitano-romanas (cidades, citanias, pontes, estradas, sepulturas etc.);
- f) Antiguidades visigóticas e mulçumanas;
- g) Outras de interesse arqueológico ou histórico.

A classificação *podia ser requerida à Direcção Geral do Ensino Superior* e Belas Artes pelos *museus nacionais* de arqueologia ou etnografia, ou pelas *autoridades administrativas* e a partir da *notificação a proprietário* não podia *alienar o imóvel, nem destruí-lo, nem remexê-lo*, sem consentimento do Ministério da Educação, que para isso ouviria as entidades competentes.

A 200

58-59

Os imóveis *classificados podiam ser expropriados*.

No *capítulo II – Dos móveis* – determinava-se que também os móveis podiam do mesmo modo ser *Classificados ou inventariados* (jóias, moedas, inscrições), depois do que não podiam ser *alienados sem autorização* do Ministério da Instrução e sendo-o o Estado teria o direito de opção.

- O capítulo III tratava das *escavações*, e pela primeira vez o assunto é encarado pela nossa legislação.

Os indivíduos que *desejassem fazer escavações* em imóveis não classificados *eram obrigados a require-la ao Ministério da Instrução*, que as *autorizaria quando dirigidas por técnicos competentes*, ouvido o Director do Museu Etnológico. A falta de cumprimento seria punida em multa de 1 a 5 contos.

- O Ministério *ficaria com o direito de mandar inspeccionar* os trabalhos e a embargá-los quando não obedecessem a critério científico.

- O Estado poderia *criar Juntas de Escavações para explorar certas regiões*, mas

A 201

58-59

- O Museu Etnológico *funcionará como organismo central de vigilância* e investigações, incumbindo-se a *preparação de inventários de museus locais particulares* ou oficiais e o levantamento da carta arqueológica de Portugal.

- Também *se estatua que nos imóveis classificados de monumentos nacionais* poderia o Estado *proceder a escavações sem licença do proprietário*, mediante indemnização.

- O capítulo IV- Da guarda e vigilância dos monumentos – determinava se que os proprietários de *móveis ou imóveis classificados responderiam pela sua conservação*; que ao Museu Etnológico competirá mais velar pela conservação das *antiguidades nacionais*, quer pré ou proto-históricas ou romanas e requerer ao Estado as providências necessárias; e classificar *cientificamente os museus particulares* ou oficiais mal organizados.

Eis os princípios novos deste importante decreto que, apesar de muito combatido, – o Museu constituiria um monopólio, diziam *serviu de base a legislação* posterior e conserva plena actualidade.

A 202

58-59

Com a *criação da Junta Nacional da Educação* pelo Decreto-lei n.º 26.611 de 19 de Maio de 1936, elaborado pelo Ministro Carneiro Pacheco, entregou-se à sua 6.ª Secção (Belas Artes) a “definição das directrizes para a sistematização e desenvolvimento do *património estético, arqueológico, histórico e bibliográfico* da Nação, bem como a iniciativa das providências a tornar para a sua inalienabilidade e conservação (art.º 21);

- Esta Secção *dividir-se-á* em três Sub-seções: a 1.ª - artes plásticas, museus e monumentos – mas da época portuguesa; a 2.ª que é a que nos interessa, – antiguidades, escavações e numismática, e a 3.ª, – “Música, arte cénica e canto coral”.

- *Vejamos as suas atribuições*, sempre de carácter não executivo, mas consultório: (na legislação anterior o Museu Etnográfico carácter executivo)

Artigo 16.º e seus parágrafos:

1.º Promover ou estimular *exposições de arqueologia* ou Numismática e a incorporação dos objectos avulsos nos museus municipais da respectiva área;

2.º Promover a *elaboração do cadastro*

A 203

58-59

dos imóveis e o inventário dos móveis com valor arqueológico e sua classificação, conservação e guarda;

3.º Promover o *inventário epigráfico* da Nação;

4.º Promover o *levantamento da carta* arqueológica de Portugal;

5.º Definir o *perímetro de protecção* das estações arqueológicas (estações paleolíticas e mesolíticas, neolíticas e calcolíticas, sepulturas da época do Bronze, castros e necrópoles da época do ferro, antiguidades lusitano-romanas, visigóticas e mulçumanas [é o artigo 1 do Decreto 21.117]).

6.º Promover a *realização de escavações* ou explorações nos imóveis classificados de monumentos nacionais, mediante indemnização (é o artigo 15 do Decreto 21.117), ou emitir parecer sobre explorações nos imóveis não classificados (artigo 9 do Decreto 21.117);

7.º Promover a *constituição de núcleos locais de protecção arqueológica*, coordenar todos os trabalhos de exploração de antiguidades, suspendendo-os quando inconvenientes (artigo 13 e 11 do Decreto 21.117 de 18.IV.32).

8.º Desenvolver o gosto *pelo conhecimento* e posse de colecções de *moedas* e medalhas e propor medidas tendentes a obrigatoriedade das espécies raras pelas casas de sua venda.

A 204

58-59

10.º Emitir parecer sobre a *constituição dos museus arqueológicos e numismáticos* e sobre a transferências de objectos duns para outros, sobre a sua exportação temporária, quando do Estado.

11.º Promover a *boletim ilustrado a reprodução* do património arqueológico, epigráfico e numismático da Nação.

12.º Promover tudo o que possa *contribuir para o desenvolvimento da Arqueologia*.

Esta sub-secção é constituída (artigo 10§2.º) por um vice-presidente e 4 a 6 vogais nomeados pelo Ministro; pelo chefe dos Serviços geológicos, director do *Museu Etnológico* e representante dos Instituto de Antropologia, da Associação dos Arqueólogos, Instituto de Arqueologia e um das restantes agremiações que se dedicam à Arqueologia.

- As normas *estabelecidas por esta Sub-secção* pelo que diz respeito a *escavações* são as seguintes:

a) Serviços oficiais ou vogais da Junta Nacional de Educação (sub-secção) só comunicam as escavações a fazer

b) Particulares: Requerem *autorização*; a sub-secção manda um *vogal examinar* as antigalhas e depois mediante

A 205

58-59

o parecer do mesmo, concede ou não a autorização. Se favorável com a condição da *elaboração dum relatório, entrega do material a um Museu* e às vezes exigência do trabalho correr sob a orientação dum vogal.

Esta *organização trouxe só benefícios aparentes*: a) Continua-se a escavar clandestinamente;

b) Nem sempre as escavações são bem conduzidas.

Falta à Junta Nacional de Educação *possibilidades de execução rápida e os seus delegados* no país nem sempre cumprem.

- Conviria *dividir o país em circunscrições*, cada uma delas sob a égide dum funcionário, *Director* ou duma instituição por exemplo a Universidade que actuasse rapidamente em todos os casos de pesquisa, investigação ou conservação de monumentos ou estações.

É tempo de se acabar com *os prejuízos das escavações* mal conduzidas.

A 206

58-59

– Os Museus –

Conservar os monumentos in loco seria o ideal e deve sempre tentar-se quando haja garantias de segurança e conservação ou quando se trata de conjuntos importantes. Exemplo: Torre de Palma, Conímbriga, Tróia.

Nem sempre isso se pode conseguir. Os Museus são para isso indispensáveis e aproximando-nos do passado, evocando-o e ressuscitando-o têm prestado assinalados serviços.

*

História dos Museus. Embora com objectivos diferentes dos nossos pode-se dizer que na Antiguidade existiram tanto colecções particulares, como públicas.

Os tesouros dos reis orientais, os dos Templos, as colecções formadas pelos romanos, quando da conquista da Grécia, o tesouro do rei de Pérgamo e sobretudo o “Museion” da Alexandria e a pinacotheca da Acrópole de Atenas podem considerar-se os mais remotos antepassados dos Museus.

A 207

58-59

Não são porém museus no sentido moderno, muito embora o Museion, erguido pelos *Ptolemeus em honra das Musas* fosse ao mesmo tempo um *santuário* e um estabelecimento *científico*, com as suas *salas de estudo*, *o seu laboratório*, *o seu jardim botânico e zoológico*, *a sua biblioteca*.

O nome próprio deste estabelecimento acaba por se tornar comum e é empregado já por *Varrão* quando fala do Museum da sua terra natal.

A Idade média conheceu também valiosos conjuntos, em especial os *tesouros das catedrais e abadias* (Saint-Denis, Essen etc), mas a colecção continuava a ser *considerada um tesouro*, eventualmente amodável.

É preciso chegar ao *Renascimento* para este ponto de vista se modificar: Por influência da *erudição* os objectos deixam de ser considerados *pela sua matéria rica*, mas *pelo seu valor como documentos* da antiguidade. A valorização ou critério estético não presidia ainda à selecção.

A 208

58-59

O *gosto de coleccionar* aparece sobretudo *depois do séc. XIV*. Os senhores constituem *galerias de retratos* dos seus antepassados, *livrarias*, *colecções de moedas* e outras antiguidades.

Os *Medicis*, sobretudo Lourenço, o Magnífico, os Gonzaga e os Este (Mântua do séc. XVI), os *papas e alguns cardeais* (cardeal de Pérouse) distinguem-se neste campo.

Mas ao lado deles também os condotieri (exemplo: Eneas, o Velho, de Veneza) e outras pessoas mais modestas. É em *Pádua* que parece se constituíram as *primeiras colecções burguesas*, como por exemplo a de Benevides, comprada por Francisco I.

Este movimento transmite-se a França onde *Francisco I* adquiriu os fundos do Museu do Louvre, à Inglaterra onde Isabel aloja preciosidades na Torre de Londres, aos príncipes alemães etc.

Formam-se assim gabinetes de amadores, gabinetes de raridades, que em breve se começam a especializar e a constituir medalheiros, ou *colecções de gravuras* (rei de França) ou *de quadros* (arquiduque Leopoldo Guilherme).

A 209

58-59

Alguns artistas e alguns burgueses constituem-nas também, como Rubens e Rembrandt.

Estas colecções de príncipes e *burgueses* transformaram-se *depois nos meados do séc. XVIII em colecções públicas*.

- A Galeria Medicis, em Paris, é aberta ao público em 1750 e a de Frederico O Grande, em 1755.

Com a supressão da *Companhia de Jesus* (1773), *José II* concentra em Bruxelas muitas obras de arte.

A Constituinte cria em *Paris em 1791* quatro grandes museus: o Museu Nacional *para as artes*, o Museu de *História Natural* para as Ciências, o Museu de Monumentos Históricos para a História; o Museu de Artes e Ofícios para a Técnica.

No 14 *Frutidor* do ano VIII a França cria *mais quinze museus* departamentais, com fundos roubados nos países ocupados, que em parte tiveram de ser restituídos em 1814 e 1815.

- Depois da 2.^a metade do séc. XIX a fundação de museus faz parte da política artística e educativa dos Governos, mas só depois de 1918 se insiste no papel social e educativo dos mesmos. Desde então muitos esforços se empregaram no sentido de facultar guias populares, promover visitas guiadas escolares

A 210

58-59

e post-escolares, criar o interesse por cartazes, pela imprensa e pela rádio.

Recentemente têm-se construído Museus, obedecendo às melhores regras museológicas.

- Os Museus em Portugal -

A História dos museus segue entre nós a mesma evolução.

Na *Idade média* imobilizou-se em objectos de culto, muitas obras de arte, grande quantidade de metais preciosos e conservam-se, como se observa nos testamentos, objectos antigos de valor.

O primeiro coleccionador propriamente dito foi o condestável D. Pedro, filho de D. Pedro das Setes Partidas, o qual fora da pátria, enquanto rei de Aragão, constituiu uma

biblioteca e uma colecção de moedas de ouro (195) e de prata (453), de medalhas de cobre e chumbo e de anéis.

Também sabemos por inventário ou Lyvro da recepta das jóias, vestidos e outras cousas... de D. Manuel I que à sua morte possuía vários momos de ouro e prata (Arch. Hist., II, 391) e cobre (moedas antigas) e outras curiosidades (estampa ou medalha)

A 211

58-59

Este movimento era incitado pelos humanistas portugueses que, como André de Resende e Gaspar Estação, tinham colhido no *estrangeiro o gosto de colecionar*.

Nas obras de um e outro encontram-se referências às suas antigualhas.

- No séc. XVII Severim de Faria reuniu não só *muitos livros*, mas também antiguidades de toda a espécie (vid. Barbosa Machado), em especial medalhas, moedas gregas, romanas, visigóticas, arábicas, portuguesas e contos de contar.

Também D. Rodrigo da Cunha se refere ao seu monetário.

(Séc. XVIII) – Com a *acção da Academia da História* aumenta muito o *gosto de coleccionar* e ela própria organiza uma colecção das moedas e antigualhas reunidas pelos sócios.

Sob este impulso outras colecções singem: A de Valério Pinto de Sá que no seu "Museu natural" possuía moedas romanas, suevo-lusitanas, visigóticas, árabes etc, a maior parte dos arredores de Braga (vid. Cód. de Bib. Nac. B____2 e B____5); a de

30

20

A 212

58-59

Fr. José Mayne, do Porto (1723-1792) o qual fundou no Convento de Jesus um "*museu de História natural, quadros, objectos arqueológicos, artefactos etnográficos e moedas*" (vid. Aragão I, 114), colecção que, doada primeiro ao Convento de Jesus, passou depois à Academia das Ciências (1834); (vid. Relatório de Bayer no Arch. Port.)

- a do Marquês de Angeja (1736-1788), cujo gabinete continha História natural, Numismática, Etnografia e Arte (Aragão I, 95) etc.⁴⁷

Sécs. XIX e XX

Seguindo ainda esta tradição – predomínio da Numismática – convem citar a *colecção de Júdice dos Santos* que reuniu 18.270 moedas, das quais 190 celtibéricas, 11.252 romanas, 44 visigóticas e 1135 arábicas e as restantes portuguesas e estrangeiras etc. e também as de Luís Ferreira do Carmo, ambas vendidas para a Holanda (Schulmann).

São porém os museus públicos que mais interessam nesta época. Assim:

1.º De Abrantes (Museu Regional D. Lopo de Almeida) com secção romana proveniente de escavações em Alcolobra. Estátua romana bem drapejada.

A 213

58-59

2.º Museu Municipal de Alcácer – Fundado em 1894 por Joaquim Correia Baptista. Antiguidades locais, sendo valiosa a parte da necrópole de Alcácer do Sal e a parte romana.

⁴⁷ De Cenáculo e Caetano de Bem já tratam.

3. Aveiro (museu regional). Sobretudo arte conventual e religiosa, mas possui uma pequena representação da pré-história e época lusitano-romana.

4. Arouca Arte Sacra. Uma pulseira proto-histórica.

5- Beja (museu regional). Fundo do Museu Sisenando Cenáculo Pacense. Importante para a época do Bronze, romana e visigótica.

6.º Braga (museu de arte sacra).

7.º Bragança (Museu do Abade de Baçal). 1896. Tem 4 secções: arqueologia, epigráfica, numismática e etnográfica.

Na primeira época neolítica, bronze, ferro (bela colecção de fíbulas, uma de ouro martelado. 62 inscrições romanas votivas, funerárias, honoríficas e miliárias.

8.º- Cascais (museu do Conde de Castro Guimarães)

Secção de arqueologia com os espólios das grutas de Alapraia, S. Pedro do Estoril e Parede.

9.º Castelo Branco (Museu regional de Francisco Tavares Proença)

Arqueologia, pintura, tapeçaria e etnografia.

Em arqueologia neolítica e bronze, cerâmica romana, jóias de ouro romanas e camafeus, mosaicos, visigótico.

Boa pintura portuguesa do séc. XVI.

10- Coimbra (museu Machado de Castro).

O mais rico de escultura antiga e ourivesaria sacra. Esculturas e mosaicos de Conímbriga e dos arredores de Coimbra.

A 214

58-59

11.º- Cucujães – Museu Arqueológico e Etnológico.

Paleolítico, neolítico e romano (fraco)

12.º- Elvas (museu Arqueológico e Etnológico Municipal)

Fundado em 1880; seu organizador António Tomás Pires.

Alabarda de sílex, placas, cerâmica, aras, vidros, lucernas romanas, mosaicos, antiguidades visigóticas e árabes.

13.º Évora (museu regional). Fundado por Cenáculo e roubado pelos franceses.

Arte romana: torso de estátua (cibele?), cabeças de imperadores, friso de templo, inscrições, moeda.

14.º Faro (museu Arqueológico e lapidar do Infante D. Henrique)

Organizado pelo cónego Pereira Boto (1894)

Neolítico (ídolo de Moncarapacho), inscrições ibéricas e romanas de Balsa e Ossonoba, peças árabes etc.

15.º- Figueira da Foz (museu municipal Dr. Santos Rocha)

Espólios dos dolmens da região, castro de S. Olaia etc.

16.º Guarda (museu regional) 1940. modesto.

17.º Guimarães (museu de Martins Sarmiento) 1885

Um dos primeiros que se fundou de Arqueologia.

Espólio da Citania. Pré e proto-história (pedra formosa, guerreiros lusitanos, pedras ornamentadas da Citania; esculturas lusitano-romanas, aras e inscrições.

Na mesma cidade o Museu regional de Alberto Sampaio com visigótico e românico.

18.º Lagos (museu regional) 1930.

Arqueologia, Arte Sacra, Etnografia, Numismática.

A de Arqueologia a mais importante: neo-eneolítico, bronze, inscrição ibérica, escultura em tampa sepulcral (bronze?), uma cabeça romana, inscrições, cipos, mosaicos, etc., cupido, terra sigillata.

A 215

58-59

19.º Lamego (museu regional de Arte e Arqueologia)

Possui alguma arqueologia

20.º Leiria (museu regional). Restos arqueológicos de Colipo.

21- Lisboa

A) Museu Arqueológico. Fundado em 1864. Espólio de Vila Nova de S. Pedro, inscrições, sarcófago das musas.

B) Museu Etnológico. Já nos ocupamos dele atrás, onde nos esqueceu de fazer referência à sua colecção de numismática, em especial às romanas que foram de Arsênio da Silva (vid. Da Numismática em Portugal, [p. não indicada])

C) Museu Numismático Português – 1933

O recheio deste Museu ascende ao séc. XVIII e foi engrandecido com o espólio dos Conventos (1833), com colecções particulares e depois pela colecção do rei D. Luís. Possui rica colecção de moedas clássicas etc.

D) Gabinete de Numismática da Biblioteca Nacional

Formado pela dádivas de Cenáculo, Caetano de Bem e outros e por compras. Possuía muitas moedas gregas e romanas.

Sofreu porém vários roubos: Um 1836 que levou, com moedas, o calix de ouro do Convento de Alcobaça (feito na Holanda em 1187)

A 216

58-59

outro no 1.º quartel do séc. XX (fim) que o aliviou das moedas de ouro, excepção das visigóticas.

Possue também aras, figuras romanas de Bronze, cerâmica etc.

22.º Óbidos – Pobre: algo de arqueologia e de História.

23.º Pinhel (municipal). Estelas antropomórficas e moedas.

24.º Portalegre – Inscrições romanas e medievais, entre aquelas de Ammaia. Fragmentos arquitectónicos romanos.

25.º Porto

A) Museu antropológico da Universidade Pré-histórica e proto-histórica

B) Museu de Etnografia e História

Lápides de Cárquere.

C) Museu Soares dos Reis

Abrange os materiais do Allen, do Museu Industrial e de Soares dos Reis.

Pintura, Arqueologia e Arte Religiosa. Na arqueologia valiosas jóias áureas.
Numismática. Sarcófago romano (Évora)

26.º Póvoa de Varzim (Museu Etnográfico Municipal)

Etnografia Arqueologia, Numismática, mas sobretudo a primeira.

A 217

58-59

27.º Santarém (Museu Arqueológico ou Municipal)

Arqueologia pré-histórica e romana. Medalhística e Numismática⁴⁸.

28.º Torres Novas (Museu Municipal de Carlos Reis) – 1937

Pré-História (Lapas), Arqueologia, Numismática.

29.º Torres Vedras (Museu Municipal) – 1927

Pré e proto-história e época romana. Secção lapidar.

30.º Viana do Castelo (Museu Regional) – 1922

Arqueologia: estelas, pedras gravadas, marcos.

31.º Vila Nova de Gaia (Museu Municipal de Azuaga)

Época da pedra, bronze, castreja e lusitano-romana. Adereços considerados ibéricos, torques de prata de Cortinha (S. Mamede de Ribatua)

32.º Vila Viçosa – Arqueologia da região nas [???].

33.º Viseu (Museu Regional de Grão Vasco)

Pintura e algo de arqueologia.

A 218

58-59

As escavações arqueológicas em Portugal⁴⁹

Até ao séc. XIX não se fizeram escavações entre nós: apenas pesquisas nas quais avultam André de Resende, Contador de Argote e Cenáculo.

É com a fundação da Sociedade archeológica Lusitana em 8 de Novembro de 1849, para explorar as ruínas de Tróia em Setúbal, possivelmente Cetóbriga, que elas se iniciam.

Durante os sete anos que durou a Sociedade fizeram-se em vários sítios escavações que tiveram como resultado o descobrimento de “edifícios, termas, mosaicos, colunas de mármore, inscrições, ânforas, vasos de vidro e barro, lâmpadas, anéis, um colar de ouro, uma preciosa taça de prata (foi oferecida ao rei D. Fernando, diz Aragão, I, p. 120, nota 2, que a conserva no seu Museu) e muitos outros objectos da época romana”.

Foram também exumadas 2.007 moedas, dos imperadores de Trajano até Honório.

Devido à falta de interesse, às dificuldades postas à fundação dum Museu, à falta de protecção e meios a Sociedade parou com as investigações, o que correspondeu a dissolver-se.

Os materiais vieram para a Academia das Belas Artes (gastou 1.141\$600)⁵⁰.

⁴⁸ S. Tiago de Cacém.

⁴⁹ Uma introdução sobre as primeiras escavações feitas em Pompeius e em Tróia por Schliemann.

⁵⁰ Publicações

A 219

58-59

Posteriormente fizeram-se escavações em villas, como as de José Fortes na Quinta da Ribeira do Tralhariz, as de Luís Chaves na aldeia de Santa Victoria do Ameixial e as também do Museu Etnológico em Torre de Palma, em santuários (fana), como as de Leite de Vasconcellos no de Endovélico (S. Miguel da Mota); as no oppidum de Conímbriga de Vírgilio Correia, as do *porto de Tróia* por Marques da Costa e depois Museu Etnológico etc.

Muitas resultaram de achados fortuitos, mas é preciso não esperar só por eles, ter em *conta os efeitos das ruínas subterradas na cor*, fortalezas e maturação das searas, que podem também denunciar caminhos antigos ou vias romanas.

A *abertura de trincheiras, estradas e caminhos de ferro*, obras hidráulicas não deve ser desprezada pelos arqueólogos.

A 220

58-59

Cidades – Também as cidades oferecem possibilidades de encontro de antigualhas.

O crescimento das cidades, a rede de esgotos, e do metropolitano obriga a desaterros que permitem o estudo do seu sub-solo; por outro lado as demolições de prédios (*edifícios*) medievais põe às vezes a descoberto os alicerces romanos em que assentam ou as inscrições e esculturas que nelas foram encravadas, como material.

Exemplo: Lisboa: paleolítico em Monsanto (S. *Sebastião*); neolítico aqui e túnel do Rossio (Choffat), machados polidos em vários sítios; inscrições romanas em volta do Castelo; as termae Cassiorum nas Pedras Negras; as da Rua da Prata, com um santuário a Esculapio (relig. III, 180, n. 3) um teatro do séc. I (Luís António de Azevedo, Dissertação sobre o teatro romano descoberto na Rua de S. Mamede) etc.

Conclusões finais

De tudo isto podemos concluir que o séc. XVI é um século de *colheita de materiais* da antiguidade clássica;

A 221

58-59

que o *séc. XVII* procura arrancar dos *textos antigos*, que conhecia profundamente, e das *inscrições* aquilo que interessava à história da Lusitânia; que o *séc. XVIII* se esforça, e isso representa um progresso apreciável, por confrontar com os textos a topografia, os restos (*ruínas*) dos monumentos e as antigualhas coligidas pelos antiquários; que o *séc. XIX* procura arrancar do solo os documentos que nesse arquivo se contém.

“Sem desprezar os textos ou as inscrições ligou uma importância primordial ao terreno e às camadas; estuda os objectos em função do meio real donde (*de que*) provêm. Ao mesmo tempo tem considerado com mais atenção as formas e as técnicas ” (Grenier I, 42).

Sem desprezar a erudição o arqueólogo põe temporariamente os livros de lado e vai para o campo estudar as antiguidades e as suas condições naturais, procurar a *linha de continuidade* com base nos monumentos, na toponímia e no folclore.

Os monumentos não são olhados

A 222

58-59

só pela sua beleza, só pela sua raridade.

- Não são *simples ornamentos*, nem simples curiosidades. São *documentos de vida passada* que é preciso estudar, seriar e determinar sua evolução.

- A este estudo *dos objectos em si* aplica os métodos das *ciências naturais*: análise e a classificação, a *técnica laboratorial* para descobrir a génese do monumento e sua evolução, sua *localização no tempo* e no espaço, nas *relações com outras* regiões da cultura. A *análise rigorosa* do monumento e da sua técnica permitirá determinar as *idéias que presidiram à sua criação*.

- O séc. XX *continua este* movimento e acentua a *influência dos métodos* da pré-história à *arqueologia clássica*: aplicação do método estratigráfico.

A 223

58-59

Os métodos de estudo; as fontes directas. O meio (*ver geog. Schulten Hisp. etc*)

- Bibl. Arte grega digo Manuel d'Archeologie grecque de Picard, vol. I;
- Hübner, Arqueologia de España
- Bellido, La península ibérica en los comienzos de su historia
- Mendes Correia, Povos primitivos
- Sobre métodos ver Grenier, art.º no vol. I do "Congresso do Mundo Português"
- Conservação e restauro dos monumentos (consta Mesnil de Buisson, pg. 193)
- A Grécia e a arte romana; as ordens
- Geog. da Lusitânia

F. 1

Resumo

Investigação. A *escavação pelo método estratigráfico*

1º *Corte vertical* – Fotografias. Plantas e marcação do plano

2º *Determinação das camadas*: côr, composição, calibragem

Para a calibragem dos elementos 1/2 metro de cada camada. (*Chapas sensíveis aos ultra-violetas*.)

3. *Extracção das camadas*, de modo à *secção* ter dois lados à vista. *Crivagem*. Fotografias. Objectos marcados e marcada a posição num mapa.

- Relatório circunstanciado. *Tratamento dos objectos*.

- *Testemunho*. (– *Crânios parafinados*)

4. Dificuldades: Aluviões de rios, rudimentos.

- Nível mais antigo junto mais moderno.

- *Indústrias recentes* em terrenos antigos – *Carenque*

- *Deslocamento pela solifluxão*.

- *Remeximentos do homem e animais*.

Exemplo: os *cemitérios de Tróia* - sepulturas do Pombal (T.P.)

Interpretação

A) Do solo - O solo é o *palco onde se movem* os seres humanos. Interessa pois:

1. O *estudo externo do estrato* para reconstruir a *paisagem do tempo* (sílex, pedras grandes, correntes, formação do solo)

2. O estudo interno do estrato

Percentagem dos elementos para saber a natureza do depósito

- *Patina para determinar a proveniência*

B) *Estudo dos animais e vegetais*

- *Recolher todos os ossos, por a sua interpretação só [ser] possível com a colheita completa*

- *O estudo recairá:*

a) *Determinação do animal. É pouco. Idade dos animais*

b) *Determinação do clima, regime alimentar, processos de caça, idade, fracturas*

- *Plantas – Facilitam a determinação do clima*

- *Estudo das folhas estampadas, restos de carvão, círculos de crescimento da madeira (espeques das habitações lacustres), polén.*

C) Indústria humana

1. Métodos comparativo, etnográfico e estatístico

2. Crítérios de comparação: Forma, técnica, estado físico, *composição industrial.*

Método estatístico – Defeito do método tipológico: abandono do material vulgar.

Falta dos *instrumentos fósseis* em certas estações. Formas anunciadoras, retardadas e recorrentes.

- *Idéia gráfica e numérica do conjunto industrial: os historiogramas, os gráficos cumulativos,*

- *os índices; total e restrito.*

Métodos laboratoriais (técnica laboratorial)

a) *Análise química*

b) *Análise petrográfica*

c) *Análise polínica*

d) *Análise húmica*

e) *Análise espectral*

f) *Técnica da ourivesaria e do ferro*

Cronologia

F. 2

Métodos de investigação

A) Vias de descobrimento

I - Situação do solo

a) *Agentes naturais*

b) *Agricultura*

c) *Pesca*

d) *Desenvolvimento urbano*

e) *Exploração de pedreiras*

f) *Comunicações*

g) *Guerra.*

II - Indicações da superfície

1. Relevo – (*paleolítico antigo planalto, [????] vales; neolítico- planícies*)
2. Marcas do solo?
3. Vegetação
4. Actividade animal

III - Histórica

- a) Livros
- b) Cartografia - Toponímica
- c) Tradição local

B) Sobrevivência de testemunhos

- I - materiais orgânicos e inorgânicos
- II - Estações lacustres (à beira de lagos)
- III - Enterramentos em caixões de carvalho (pântanos)
- IV - Enterramentos em grutas, abrigos etc
- V - Povoados.

Prospecção pela ciência

- A) medida da condutividade eléctrica do solo
- B) Determinação do conteúdo dos fosfatos
- C) Detector electro-magnético
- D) Pelo pêndulo ou pela varinha (E. Salin)
- E) Prospecção aérea
- F) Estações lacustres ou submarinas
 - I - Fotografia de avião.
 - II - Luneta de calafate (até 15^m)
 - III - Fotografias no fundo

Sondagens

1. Sondagem em profundidade
2. Sondagens por trincheira (3^m - axadrezado)
3. Túneis
4. Reconhecimento pela sonda
5. Reconhecimento pelo som

Estudo das estações

- I - Estações de superfície
 - a) métodos (*séries*)
 - b) Inconveniente
 - c) Falsificações: *Glozel- Alvão* - H. de Piltdown

F. 3

Interpretação

- a) método comparativo: bases, técnica
- b) método etnográfico: Escolas Degenerados
Histórico-cultural

c) método estatístico: Razões

d) método laboratorial: químico, petrográfico, polínico, húmico, espectral

Cronologia

A) Relativa

1. Tipológico: Séries e sincronismos

2. Método geológico:

a) Variações de glaciares

b) Variações dos mares

c) Terraços

d) Depósitos marinhos

3. Método paleontológico

4. Método petrográfico

a) Granulometria: grossura e forma

b) Camada estalagmática

c) Análises pedológicas coloração vermelha, (quente e húmido) e sílica.

d) Patina: Espessura.

Cronologia absoluta

1. Cronologia bíblica: texto Bíblico

2. Cronologia egípcia: José Scaligero

Schmidt e a alabarda de sílex

3. Cronologia astronómica

a) Variações da excentricidade da órbita terrestre: Lyell grande variação 800 000 anos⁵¹

b) *Precessão dos equinócios*: [????] há 240 000 anos e durado 160 000 anos acabado há 20.000 (variações da obliquidade do eixo terrestre)

c) Método de Milankovitch – 500 000 anos

4) Métodos biológicos

5) Métodos geológicos

a) Espessura dos sedimentos

b) Avanço e recuo dos glaciares: Rutot 139 anos

c) método das varvas. De Geer

d) método pedológico: oxidação das moreias – 700 000

6) Método da radioactividade – (1 milhão)

a) Carbono 14

7. Métodos laboratoriais (técnica laboratorial)

a) Análises químicas

b) Análises petrográficas

c) Análise polínica

d) Análise húmica

e) Análise espectral

f) Técnica da ourivesaria e do ferro

⁵¹ diferença de afastamento da Terra e do Sol.

F. 4

Os métodos de laboratório aplicados à Arqueologia

Método corrente: a comparação

- a) método etnográfico
- b) método comparativo

Critérios-base: o estado físico, a forma, a técnica, a composição industrial

Cronologia relativa

- a) método estratigráfico

As camadas tanto mais antigas, quanto mais profundas; nas dos aluviões o contrário

- b) método paleontológico
- c) método tipológico: simples para o complexo, organico para o esquemático

(*Não evolução unilineal*)

Cronologia absoluta:

- a) método das séries (*Comparação com o Egipto*)
- b) Tentativas geológicas
- c) Tentativas astronómicas

*

A técnica laboratorial: capítulo novo

a) Análises químicas: ambar com ácido succinico e sem ele; sua chegada ao Mediterrâneo.

b) Análise petrográfica: permuta, comércio rotas

c) Análise polínica: composição das floras, turfeiras

d) Análise húmica: pelos ácidos húmicos o conteúdo dos vasos – (*Vasos de Monte-mor*)

e) Análise espectral (*espetrografia*): vidros potássicos (Alto Império) e sódicos (posteriores)

f) Técnicas da ourivesaria e do ferro

(ver E. Salin, *Le Haut Moyen Age* em Lorraine, pags. 277 e 289)

F. 5

Falsificações

1. *Falsificações que tive intervir*

(a) *Imitação dum objecto antigo*

- a) Placas de ardósia
- b) Machados de Bronze (*Aquicum – Bauer*)
- c) Busto de Caracala (*réplica do de Berlim, meio corpo, braços entroncados, trépano, costas não [????]*)
- e) Aes-signatum
- f) 1/4 de cruzado de D. Manuel I

(b) *Outras falsificações importantes*

1- *Eoanthropus Dawsoni* ou *Homem de Piltdown* - 1908-1915 - *parietal, mandíbula, dentes molares e um canino*

-1915 – *Fragmento do occipital e frontal e um molar*

- *mandíbula e dentes– simiesco* - *crânio- H. sapiens.*

- *Descoberta que o canino e mandíbula falsos*

Estudo do depósito e exame radioscópico

- Resultados do teste de flúor

2- Burla de Glozel

3 - Problema de Alvão - Falsos no esconderijo duma feiticeira

Falsificações por deslocações

Excessos críticos - Tesouro de Moura)

F. 6

Resumo

Divisões da pré-história

1- Abevilense (pré-Chelense)

Pedra contra pedra – Bigorna

Lascas curtas, muitas vezes lateral, patina acaju gastos, contornos sinuosos

2- Clactonense – Lascas largas e retocadas numa face – Bigorna, ângulo *obtusos* com o plano de percussão.

- Bolbo grande, volumoso, cónico, às vezes múltiplo

- Pouco retoque.

3- Acheulense – Inclui o Chelense. Retoque mais fino. *Percutor de madeira*. Facetas longas.

Podia ser – inferior, médio e superior

4- Taiacense – Pequenos instrumentos. Ângulo *obtusos* entre o plano de percussão e lascamento

Por fim preparação do bolbo.

5. Levalloisense

Plano de percussão *preparado em facetas*

Lascas de *forma pré-estabelecida*.

6- Moustierense

a) *Típico de tipos pequenos*

Ponta retocada numa face e racloir e discos

b) *Moustierense de tradição acheulense*

Bifaces cordiformes

7. Languedocense – Discos. Talhe vertical

F. 7

Paleolítico superior

Características. Técnica da alcaprema

1. Aurignacense

a) Perigordense ou Chatelperronense

b) *Aurignacense propriamente dito (– raspador carenado)*

c) Perigordense superior ou gravettense

2. Solutrense (– *talhe apoiado*)

- Ponta solutrense

- Solutrense médio

- Solutrense superior

3. *Madalenense* (norte e litorais da Ibéria)

4. *Epigravetense ou grimaldense*

Mesolítico

Epipaleolítico { *azilense*
Sarmeterrense
Tardenoisense

Pre e proto neol. { Asturiense
Campanhiense (Tranchet)

(*Resolução*)

Neolítico { Puro
e Final

Eneolítico { Inicial
e Pleno

Bronze { I } Mediterrânicos
II }
III } Europeu Ocidental
IV }

Ferro { Hallstatt | I
II
La Tène | I
II
III

F. 8

A. Quando chegou o homem à Península? O homem terciário português

B. Qual o seu berço?

a) *Monofiletismo ou polifiletismo?* (Klatch, Sera, Sergi).

b) Se *monofiletismo* onde se fez a hominação?

1. Na América impossível

2. Na *Ásia*: Razões (Pithecanthropus, Sinanthropus)

3. Na *África*: Razões:

Australopithecus

Africanthropus

Pithecanthropus

F. 9

A ciência ao serviço de prospecção

I - Medida da *condutividade eléctrica*

II - Determinação do *conteúdo em fosfatos*.

III - Detector *electro-magnético*.

IV - Pelo pêndulo ou *varinha vedor* (Salin)

V - *Prospecção aérea*: estudo do positivo e do negativo

VI - *Prospecção submarina*.

VII - *Sondagens*:

- a) Em profundidade
- b) Por trincheira
- c) Túneis
- d) Reconhecimento pela sonda
- e) Reconhecimento pelo som

Estudo das estações

I - *De superfície* - Paleolítico

a) *Falsificações* e outros perigos. Glozel.

II - *Estações de profundidade*.

a) Técnica das escavações

Interpretação

- A) Do solo
- B) Da fauna
- C) Da flora - Pólens

Interpretação dos materiais

- a) método comparativo
- b) método etnográfico
- d) método estatístico⁵²

métodos laboratoriais

1. *Análises químicas*
2. *Análises petrográficas*
3. *Análises polínicas*
4. *Análises húmicas*
5. *Análises espetrográficas*

Cronologia

I Relativa

- a) método tipológico
- b) método geológico
- c) método paleontológico
- d) método petrográfico: grossura, estalagmite
- e) Análises pedológicas: formação do solo

⁵² Métodos Laboratoriais: 1. Análises químicas; 2. Análises petrográficas; 3. Análises polínicas; 4. Análises húmicas; 5. Análises espetrográficas

Cronologia absoluta

1. *Sincronismos com o Egipto*
2. *Métodos astronómicos*
 - a) Variações da excentricidade da orbita terrestre
 - b) Precessão dos equinócios
 - c) método de Milankovitch
- 3) *Métodos biológicos ou paleontológicos*
- 4) *Métodos geológicos*
 - a) Espessura dos depósitos
 - b) Marcha dos glaciares
 - c) Método das varvas
 - d) Método pedológico: patina
- 5) *Método de Carbono 14 (da radiatividade)*

FICHAS DA DISCIPLINA DE PRÉ_HISTÓRIA

P 4

53-4

Conquistas da Pré-História Portuguesa

1. *Filiação dos Portugueses nos Lusitanos*

- a) *Tese de André de Resende*
- b) *Tese de Herculano*
 - 1) Nem coincidência de limites territoriais
 - 2) Nem identidade de raça
 - 3) Nem filiação de língua
- c) *Oposição de Vilhena Saldanha:*
 - coincidência do núcleo fundamental com a Lusitânia;
 - persistência da raça (elemento indígena)

Ora a Pré-História mostra:

- 1. Não se *pode separar o condado* das circunstâncias anteriores
- 2. Há *conveniência de limites territoriais*

Lusitânia tradicional – Estrabão considera Lusitana a região do Tejo ao Cantábricos.

Lusitânia política – Plínio e outros do Douro ao Guadiana e Sacro Promontorio (S.Vicente)

Conclusão – As duas incluíam parte do território português.

Da fusão dos dois conceitos: Lusitânia do Guadiana aos Cantábricos

3. Identidade de raça

- Os *Lusitanos não se corromperam*, nem desapareceram por influências das invasões seguintes.

Eles absorveram as invasões:

- *Quadro étnico actual idêntico ao eneolítico*

- Na *época romana entre 46 cidades*, 35 eram estipendiárias (indígenas) – *Indústrias dos castros*

P 5

53-54

b) Museu Etnológico (fundado em 1893)

(*Obras de Leite de Vasconcellos*) Colaboradores: Alves Pereira, V. Correia etc.

- Arqueólogo Português, revista e órgão do Museu

Actividades locais: 1) *Guimarães* – Martins Sarmiento e a proto-história portuguesa – Revista de Guimarães

2) *Porto* – O grupo da “Portugália” (Ricardo Severo, José Fortes, Rocha Peixoto)

3) *Figueira da Foz* - Santos Rocha *Antig. Prehist do concelho da Figueira: materiais para o Estudo da época do Cobre*

4) Algarve – *Estácio da Veiga* – Antiguidades Monumentaes do Algarve

5) Setúbal – *Marques da Costa*, Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal
Sociedades – *Associação dos Arqueólogos, Sociedade Martins Sarmiento, Sociedade de Etnologia do Porto (Mendes Correia), Instituto de Arqueologia.*

*

A pré-história portuguesa; problemas resolvidos e por resolver

Sombras

I - *Falta duma estrutura* própria na Arqueologia portuguesa: Cartailiac, Gimpera etc. – Muletas.

II - *Falta de escavações estratigráficas* no Paleolítico. Só estudos tipológicos. As praias antigas.

III - *Falta de laboratórios* de datação ver agentes físicos, de paleo-botânica e paleo-zoologia.

P 6

53-54

III - Conhecimento imperfeito de certas épocas (neolítico puro, época do bronze e do ferro)

++ *Antiguidade do homem no solo português*

Conquistas - A) Filiação dos portugueses nos lusitanos – Herculano (não existe coincidência de território, língua e raça) – Vilhena Saldanha

B) Originalidade das culturas pré-históricas do território português (paleolítico lusitano, cultura dolménica, do Bronze ocidental e dos castros.

C) Filiação europeia do nosso povo

- Tese da origem africana – Só aplicável aos pitecantropídeos e Neandertal
- *Tese capsense* – *origem africana do paleolítico superior e mesolítico*
- *Descobertas do Rio Maior + Cambelas* (o) *Orientalismos e Ocidentalismos*.

Métodos da pré-histórica

a) *a prospecção.*

P 8

53-54

- Castros romanizados

- *Impregam a língua ou visigodos* (sobrevivências indígenas na arte visigótica)

Filiação da língua

- *Português deriva do latim vulgar* falado nos últimos séculos na Lusitânia

- *Características do lusitano*: falta de persistência individualismo, espírito cavalheiresco, amor à independência.

Origem do povo português

A) *Tese africana: Semelhanças etnográficas* (O.M.)

Teoria capsense: a) Invasão no paleolítico superior

Arte própria (*Península com 2 zonas culturais*)

Descobertas de Rio Maior: Paleolítico superior europeu

- *O Homo tagamus* um pré-mediterrâneo.

B) *a civilização neolítica não se deve ao homem de Baumes-Chaudes*:

- Não houve invasão: persistência da arte, da indústria

Abrigo grande das Bocas

C) *o problema ibérico.*

O português não é ibérico é um indígena celtizado.

P 57-58

1

Antiguidade do Homem

A- O que é o homem? Paleontológico

- Sob o ponto de vista antropológico: *marcha plantígrada, braços curtos com mãos, redução dos caninos, posição erecta.*

- Sob o ponto de vista psicológico: *ser capaz de actividade criadora de invenção, o primeiro artífice.*

B) Quando apareceu?

No terciário ou quaternário? *Aqui já espalhado por todos os continentes.*

- Existiu *antes do siciliano*? Breuil. Solifluxão da 1ª glaciação

Conclusão- É legítimo procurar a sua ascendência no terciário.

C) A que provas recorrer?

Provas arqueológicas:

1. Abade Bourgeois em Thenay (Oligoceno) 1867

2. Desnoyers em St. Prest (Plioceno) 1863

3. *Carlos Ribeiro* (1867)

a) Academia (1871)

b) Exposição Internacional de Paris (1878)

c) Congresso de 1880

- Revisão de Delgado, Mendes Correia e Breuil.

4. Rutol e *novo conceito de eolítico*

5. *Reid Moir em Ipswich*, 1910 (plioceno)

Aceite por Breuil.

Razões em contrário:

a) A paleontologia não *aceita eolítico pliocenos* e miocenos, nem compreenderia a sua estagnação.

P 57-58

2

b) Silices de camadas torrenciais

c) As *vagas e mudanças de temperatura* podem provocar eólitos naturais.

Experiências: Fábricas de gesso de Nantes

Conclusão: Não se podem distinguir as pedras naturais das apresentadas pelos investigadores. É preciso mais.

Provas antropológicas: Aquisições nos 30 anos últimos. Heterogen.

A) Anteriores à hominização (Pré-hominídeo)

1. *Oreopithecus bambolii* (Hürzeler)

- Descoberto em 1872 na *Toscana* antropomorfo rudimentar. *Hürzeler em 1954* conclui por hominídeo pela *dentição, crânio, mandíbulas, membros etc.*

- Seria o primeiro elo dos hominídeos (mioceno)

2. Australopithecus- África. Vários tipos.⁵³

Características:

a) Seres de *talhes variáveis*, mas de fraca *capacidade cerebral* (400 cm³ a 750) superior à capacidade do chimpanzé (393 a 480 cm³) à do gorila (498 a 685), mas inferior à mínima do homem actual (1.200 cm³)

b) *Arquitectura craneana* lembrando a dos *antropomorfos*, mas também com características humanas;

c) Dentição com *características humanóides* muito típicas.

d) Posição *bípede já realizada*, com o provam ossos da bacia e dos membros

P 57-58

3

e) Encontro pelo *professor Dart* de vestígios de fogo (*Australopithecus prometheus*).

f) Recente encontro na *gruta de Sterkfontein* por Robinson de *Australopithecus* (3 dentes) e de 58 *instrumentos* na mesma jazida.

- Será um homem? (*Australopithecus*?) Não é provável dada a perfeição dalgumas peças.

- Serão do *Telanthropus*? Este seria como o de Mauer ou Heidelberg intermediário entre o homem e os macacos (restos de cozinha)

- Será dum homem verdadeiro?

O caso do *Sinanthropus*. Indústria lembrando paleolítico superior – muitos crânios e falta de ossos dos membros

- Será uma linha que não atingiu o homem?

Indústria: de seixos (*Pebble culture* ou *Kafuense*)

B) Depois da hominização (serie de hominídeos)

I- Archanthropídeos- Abrange o grupo dos *pithecanthropídeos* e dos *gigantopithecus*.

II- Paléanthropídeos(mandíbuladeMauer[*H. heidelbergensis*], Rodésia, Ehrhingsdorf)

III- Neanthropídeos (Pré-sapiens e *H. sapiens*)

P 57-58

4

I – Archanthropídeos

1- *Pithecanthropídeos*: Conhecedores do fogo e duma *indústria definida*

- *Variedade* morfológica. Tendência para o *gigantismo*

- *Distribuição*: Ásia, África (*Atlanthropus mauritanicus*), e talvez Europa (mand. de Mauer)

Compreende: Em Java- *P. erectus*, *robustus* etc

Na China- *Sinanthropus Pequinensis*

Java- *Meganthropus paleojavanicus*

China- *Gigantopithecus blacki*

Algéria (Ternifine) – *Atlanthropus m.*

⁵³ Classificação de Robinson:

Dois generos: 1. Australopithecus, com 2 sub. Especies *A. africanus* e *A. transvalensis*

2. Paranthropus, com 2 especies: *P. robustus* e *P. paleojavanicus*; o *P. robustus* subdividido em *P. robustus* e *P. robustus crassidens*

- o *Telanthropus* é um hominídeo

Idade- *Níveis de Trinil e [????]*. Este considerado *Vilafrankense* e nos últimos estudos verificou-se serem estratos idênticos do *pleistoceno médio*.

- o mesmo o *Sinanthropus*- Anderson, [????]
- Em *Ternifine* aparece com fauna Vilafrankense e indústria acheulense *clactonense*.
- Portanto eles são pelo menos dos *princípios do pleistocénio médio*.

Características:

1. Marcha bípede
2. Capacidade craneana 888 (Pithec.) e 1.046 c.c. (Sinanthr.)
- Mistura de *estruturas simiescas* com as *humanas e predomínio destas*
- Face *prognata*. Osso malar humano *mandíbula em regra* muito espessa, como a de *Australopithecus*.

P 57-58

5

3. *Série dentária* contínua e de tipo *humano*, mas os molares variáveis.
4. *Polimorfismo* do grupo. *Sinanthropus* com o crânio mais alongado que o *Pithec*.

Formas gigantes.

5. Até a descoberta do *Atlanthropus* havia *dúvidas sobre a sua natureza humana*. Considerado gibão. Este provou serem homens.

II- Paléanthropidios

1. Os neanderthalenses. Tipo humanóide em que os *caracteres primitivos são dominados* por disposições *avançadas* (progressivas).
2. Idade e distribuição. Surgem no fim da 3.ª *glaciação (Riss)* e *mantem-se até ao meio do último glacial (Wurm)*.
 - Encontram-se na *Europa, Ásia e África*
 - Indústria- *Levallois-Mustierense*. Revela na técnica uma inteligência mais desenvolvida.

3. Características. *Talhe normal* (1,65m- 1,78m), *cabeça volumosa* em relação ao corpo; *ossos do crânio muito espessos*; índice da altura da calote entre *pithecanthropidios* e *homo-sapiens* (neo-antrop.); *volume endo-craneano de 1300 a 1600*, mas a estrutura do encéfalo mais primitiva que a do *Homo sapiens*; *predomínio das zonas sensivo-motoras*, sobre as da associação.

P 57-58

6

- *Posição bípede* perfeitamente realizada.
- O *torus circum orbitário*, face projectada a mandíbula sem mento não se devem tomar como características gerais.

Heterogéneo – Os *neandertalenses* são *heterogéneos*: uns como da Ásia (Solo) e África lembram os *pithecanthropidios*, os da Palestina o *homo sapiens*.

4. Interpretação: Uns tipo *desaparecido*; outros *degenerado*; outros tipo que se *diferenciou* durante os seus 150.000 anos e dar o *Homo sapiens*.

III – Neanthropidios

1. O *homo sapiens* data da 2.ª metade do último glacial e coincide com o *paleolítico superior*.
 - Nenhuma *diferença do homem actual* nem física, nem psíquica (possibilidades artísticas, preocupações místicas etc.)

- Grande *diversidade e tendências* para as [????] raciais modernas (Cro-Magnon brancos), *Chancelade* (mongoes) *Grimaldi* (negriticos).

- Mas há em todos *um fundo comum*, um ar de família que o distingue das raças modernas e justifica a designação de *Homo sapiens fossilis*.

- A humanidade do paleolítico superior era menos diferenciada que a actual, mas possuía, associada a *caracteres comuns*, particularidades que caracterizam as raças modernas.

P 57-58

7

Interpretação e conclusões⁵⁴

Os dados que apresentamos têm sido interpretados diferentemente:

1. *Uns rejeitam os australopitecos* da ascendência humana.
2. *Outros neandertalenses*. O *Homo sapiens* apareceria isoladamente.

Razões: *Generalizações absolutas partidas* dum número *restrito de fósseis* humanos; estender a um grupo as particularidades dum indivíduo.

- Assim para *alguns autores* os Australopitecos não podem *ser antepassados dos pitecantropianos* porque possuem uma *dentição* especializada, hiper-humana.

- Mas estas observações aplicam-se ao Paranthropus crassidens, cujo *gigantismo* se alia a outros caracteres aberrantes que seria anti-científico estender a todo o grupo, tanto mais que o Telanthropus capensis estabelece ligação morfológica entre o Australopithecus e o Pithecanthropus.

O homem e os antropomorfos – É preciso considerar o *problema numa escala mais larga*: Não *pretender todos os degraus da escala da evolução*, mas sim a escada e a ordem do seu encadeamento.

Assim os primatas *aparecem com os lemures*

P 57-58

8

no eoceno, os macacos no oligoceno.

Nesta época temos já os Catarrinios, compreendendo os *Cinomorfs e Antropomorfos*, estes no apogeu no mio-plioceno.

⁵⁴ Sob o ponto de vista físico donde viemos?

a) Dos Australopithequidos? – As cinzas e fracturas de Dart; - A indústria dos Pebble culture (seixos apontados fracturados)

b) Dos Archantropidos? Verdadeiros homens; opiniões divergentes:

1) Capacidade craneana inferior, mas a sua indústria, uso do fogo provou a sua capacidade creadora. É que o cérebro vale pela sua estrutura, não apenas pelo seu volume.

2) As condições do meio na infancia condicionam muito o desenvolvimento mental.

a) Exemplos: O etnografo Vellard e a creança da tribo Guarjaquil do Paraguay (cultura do mel) – Educada aprendeu varias linguas, etnologa distinta, colaboradora e depois esposa do pai adotivo.

- O contrario – As creanças lobos (India). Verdadeiro animal. Voltada aos 8 anos à civilização custa-lhe andar de pé e no fim de 7 anos só aprende 48 palavras.

- Criança sequestrada num celeiro (Pensilvania). Não sabia falar, nem servir-se dum garfo ou colher.

c) Paleantropidos. Raça extinta, segundo alguns. Alega-se que os centro motores, mais desenvolvidos que os da associação. Não é um homem virado para a técnica, mas que obre com plano e inteligencia, que tem religião etc.

Conclusão – Não podemos encontrar os elos da ascendencia humana. Só podemos ver o problema no geral e mostrar que o homem é independente dos antropomorfos.

- Mentalmente, quando homem, possui todas as possibilidades.

Hominídeos – No princípio do *Mioceno* aparecem os *Hominídeos*, destacados dos Catarrínios, que se afirmam no fim do *plioceno* (*Propliopithecus*).

Contraste com os Antropomorfos – O homem não podia derivar, já numa época recente, dos *Antropomorfos*, porque estes no *mioceno inferior* já estavam diferenciados e precisamente com características opostas às dos *hominídeos* (Proconsul, Sivapithecus – projecção da face, maxilas alongadas, predomínio de incisivos e caninos).

- Ao contrário *hominídeos*: maxilas (mandíbulas) curtas, arco dentário em V aberto, redução de incisivos e caninos.

Evolução – A evolução seguiria duas direcções: a do tipo humano e a dos *antropomorfos*.

- Isto é mais aceitável do que aceitar uma regressão do tipo formado dos *antropomorfos*.

Época da diferenciação – A divergência dar-se-á no princípio do *mioceno*, mas só no fim do *plioceno* ou do *Vilafranquense* o conhecemos como ramo independente. O seu apogeu deve ser no *plioceno*, mas não o conhecemos bem.

P 57-58

9

Desenvolvimento mental – Cérebro – É principalmente o desenvolvimento cerebral que distingue os *Primatas* dos outros mamíferos, mas este não se deve apreciar só pelo volume do cérebro, antes pelo desenvolvimento *quantitativo* do mesmo.

Australopithecus – Assim o facto de não atingirem os *Australopithecus* o mínimo (limite) dado a um ser humano (800cm^3), mas basta para tirar conclusões porque as diversas partes, do seu encéfalo desenvolvam-se segundo a via humana.

Neandertalenses – O homem de Neandertal tem um volume igual ao do homem actual, mas o número e complicações menor das *circunvoluções* e a redução das regiões anteriores em proveito das *occipitais* colocam-no abaixo do homem actual.

- se se considera que o cérebro é o aparelho para detectar os estímulos exteriores e comandar as reacções do organismo compreender-se-á que a perfeição estrutural corresponderá às suas maiores ou menores possibilidades.

Cérebro e indústria – Este desenvolvimento está relações com as etapas industriais: *Pebble culture*, no *Vilafranquense*; *bifaces abevile* - cheleanos, *Levalloisense* e *mustierense*, paleolítico sup. – Concordância entre técnicas e desenvolvimento psíquico.

A especialização cerebral foi realizada pelo processo descontínuo da macro-evolução.

P 57-58

10

Lugar da evolução.

1. Ásia (Norte dos Himalaias) – Adaptação à estepe.
2. África: Razões: a) Encontra-se aqui a serie evolutiva do homem e dos primatas
b) Neste continente representação de todos os tipos industriais.
c) Zona muito estável, clima estável, com condições muito favoráveis para a vida (centro de evolução dos primatas e também de expansão)
d) Encontram-se os mais antigos *Australopithecus*
e) O *homo sapiens* fraco e sem sistema piloso só poderia nascer num clima quente ou temperado bastante e onde a generosidade da natureza lhe facilitasse a alimentação.

Os planaltos das regiões dos grandes lagos oferecem clima doce e salubre, riqueza vegetal e animal, sem necessidade de vestuário nem de alimentação.

P 58-59

1

Pre-história

- Programa de 1958-59 -

I – Criação da Pre-história. Pre-história e Arqueologia. A investigação pre-histórica em Portugal e seus progressos nos últimos 25 anos.

II – Divisões e métodos da Pre-história.

III – A antiguidade do homem. A questão do homem terçoar. Os homens fósseis.

IV – Os ciclos industriais do paleolítico. O paleolítico português: O paleolítico antigo e as investigações de Breuil, do Museu Etnológico e doutros especialistas. O paleolítico superior e as investigações de Rio Maior e Cambelas e seu interesse para o estudo das nossas origens. A pretendida influência africana.

V – O problema do mesolítico. O *Homo taganus*. Os concheiros de Muge e as interpretações de Mendes Correia e Vauffrey. Os estudos do P.^e Roche.

Subsídios que oferecemos abrigos de Rio Maior, as estações de Cambelas e os concheiros de Alcacer do Sal para esclarecimento do assunto. Os pre-mediterrâneos.

VI – A revolução neolítica e os seus reflexos no solo português: As sobrevivências mesolíticas. A introdução da cerâmica e suas características. A cerâmica ocidental, a cerâmica cardial e a cerâmica almagrada.

A povoação do Alto das Bocas e a Gruta I da S.^{ra} da Luz (Rio Maior). Os dolmens primitivos e as escavações do Museu Etnológico em Montemor-o-Novo e Estremoz.

P 2

58-59

VII – A cultura eneolítica; sua origem mediterrânea e sua personalidade no nosso território. Os lugares de habitação: Os castros de Liceia, S. Mamede, Pragança e do Cavaleiro (Montemor-o-Novo); as povoações da Espargueira e Serra das Eguas em Carenque e o chão de cabana da Sobreira de Baixo (Lavre).

As necrópoles: As grutas naturais da Cesareda, da Furninha, Galinha (Alcanena), (2.^a) Senhora da Luz, Rocha Forte (Montejunto) e Amoreira de Obidos; as grutas artificiais de Palmela (Quinta do Anjo), Carenque, Alapraia, Ermegeira, Quinta das Lapas e Casal das Lapas (Torres Vedras), e Crastros (Caldas da Rainha); os dolmens e a originalidade da sua cultura em Portugal. Dez anos de escavações em dolmens alentejanos.

Conclusões – As influências de S.E.; a cerâmica campaniforme. A arte esquemática.

VIII – A descoberta da metalurgia. (*Os dolmens de cúpula*) Os tolos: Alcalar, Cacela?, Vale Rodrigo, Monge, S. Martinho, Folha de Barradas, Barro e Serra das Mutelas.

A persistência calcolítica. Vila Nova de S. Pedro.

A expansão argarica e a tradição dolménica. As cistas do Lavre, a cerâmica argarica de Rio Maior (abrigo das Bocas) e o Castro de S. Bernardo (Moura).

IX – Os (atlânticos) indo-europeus na península. A província galaica portuguesa e sua originalidade ~~cultural~~ na indústria e na arte. A joalharia. As insculpturas. O Santuário da Almoinha e as gravuras de Lamelas.

P 3

58-59

X – A introdução do ferro na terra portuguesa. Os celtas: O campo de urnas da Chaminé (Elvas) e as necrópoles de Alcacer do Sal e de Vila Nova de Milfontes.

A cultura castreja. O problema dos iberos. As influências ibéricas e orientais no litoral (Santa Olaia) e no sul do país; Os castros da Cabeça de Vaiamonte, de Azougada e Ratinhos (Moura) e Castro Verde.

Origem dos lusitanos e suas relações com outros povos.

XI – As colonizações e invasões antigas na Hispania. Fenícios, gregos e cartagineses e sua influência no ocidente peninsular.

XII – Conclusões gerais sobre as nossas origens étnicas.

*

Meios:

- a) Aulas práticas (4.^a e Sab.)
- d) Trabalhos individuais (inqueritos, [????])
- c) Excursões (Costa do Sol e Sintra, Troia)
- d) Bibliografia

P 4

58-59

Bibliografia

Cap. I

- Abbé Breuil, La préhistoire, in Revue des Cours et conférences, 30-XII-929

- Georges Daux, Les étapes de l'Archéologie, 1948

Cap. II

- J. W. Cornwall, Soils for the Archaeologist, 1958 (depósitos, formação e classificação dos solos, técnicas físicas e químicas para investigação dos solos e interpretação dos mesmos)

- A. Laming, La découverte du passé, 1952

- André Leroi-Gourhan, Les fouilles pré-historiques, 1950

- Boule et Vallois, Les hommes fossiles, 4.^a ed. 1952

- Zeuner, Datinh the past

- Jean Baradez, Vue aérienne de l'organisation romaine dans le Sud-Algerien

- Grahame Clark, Archaeology and Society, 3.^a ed. 1957

- Sigfried de Laet, Archaeology and its problems⁵⁵

- Leite, Religiões

- V. Rau, Les recherches et découvertes préhistoriques au Portugal de 1940

Cap. III

- Obermaier, El hombre fossil, 1925

- Bergounioux et André Glory, Les premiers Hommes, 1952

- Bergounioux, La préhistoire et ses problèmes, (o que é o homem, enigma da duração, origem e berço da humanidade, fases e milagre neolítico)

- Pierre Teilhard de Chardin, L'Apparition de l'homme, 1956

⁵⁵ - Kathleen Kenyon, Beginning in Archaeology, 952; - Crawford, Archaeology in field; - Mortimer Wheeler, Archaeology from the Earth; - Glyn, E. Daniel, A hundred years of Archeology; - G. Childe, Progress and archeology.

P 5

58-59

- Jean Piveteau, Traité de paléontologie, tome VII – Primates. Paléontologie humaine, 1957

- Guilbert et L. Chinchole, Les origines, 8.^a ed. 1929

Cap. IV

- H. Alimen, Atlas de Préhistoire, Paris 1950

- Breuil & Lantier, Les hommes de la pierre ancienne, Paris 1951

- Herbert Kühn, L'éveil de l'humanité e L'Ascension de l'humanité, 1958 (aspecto espiritual)

- À la recherche de la mentalité préhistorique (Centre International de Synthèse, H. Berr)

- Virgilio Gilardoni, Naissance de l'Art, 1948 (1.^{os} classicos, [????], ilustradores e primitivos)⁵⁶

- J. A. Mauduit, 40.000 ans d'art moderne, 1954

Obermaier, Garcia y Bellido y Pericot, El hombre prehistorico y las origines de la humanidad, Madrid, 5.^a ed. 1955

- Pericot Gacia, La España primitiva, 1950

- Idem, Historia de España, Barcelona, I

- R. Menendez Pidal, Historia de España, I (Espana prehistorica)

- H. Breuil et Georges Zbyszewski, Contribution à l'étude des industries paleolithiques du Portugal et leurs rapports avec la geologie du Quaternaire, in Com. dos Serviços Geol., XXIII e XXVI

P 6

58-59

- Zbyszewski, La classification du paleolithique ancien et la chronologie du quaternaire du Portugal

- Fontes, O homem fossil em Portugal

- Jalhay e Paço, Paleol. e mesolitico português

Cap. V

- Clark, The mesolithic settlement of Northen Europa

- Mendes Correia, Os povos primitivos da Lusitania

- Idem, Historia de Damião Peres, vol. I

- Vid. Tambem Obermaier, Hist. de España, Breuil, Pericot etc.

Cap. VI⁵⁷

- G. Bailloud et P. Mieg de Boofzheim, Les civilisations néolithiques de la France

- Déchelette, Manuel d'Archéologie prehist.

- Goury, Origine et évolution de l'homme

- Gordon Childe, The dawn of european civilization

- Pigott, Neolithic cultures

⁵⁶ - Ars Hispaniae, vol. I; - G. H. Luquet, L'Art et la religion des Hommes fossiles; - Pericot Garcia; Herbert Kühn, El Arte rupestre en Europa (Museu)

⁵⁷ Bernabó Brea, Gli scavi nella caverna delle Arene Candide

- Gimpera, Etnologia de la península ibérica
- Idem, La formación de los pueblos de España
- Idem, Hispania

P 7

58-59

- Caro Baroja, Los pueblos de España
- Martínez Santa Olalla, Esquema paleontológico de la península ibérica
- Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitania, I
- Pericot, España primitiva
- Hist. de España
- Leisner, Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz
- Trabalho em alemão;

Outros capítulos

- Dechelette, Manuel d'Arch., vol. II
- Childe, The bronze age
- Hoernes, Prehistoria, II e III
- Raymond Furon, Manuel de Pre-histoire
- J. Morgan, L'Humanité préhistorique
- Glotz, La civilisation égéenne
- Gimpera, Pericot, Pidal, Baroja etc.

Revistas

Archeologo, Portugalia, Rev. de Guimarães, Ethnos.

Museus

Etnológico do Dr. Leite de V.

Serviços Geol.

Associação dos Arqueol. – Figueira da Foz, Bragança, Beja etc.

1

Pré-História

1959-60

Antes da criação da pré-história o horizonte histórico não ia além do 6.º ou 7.º milénio antes da nossa era e limitava-se a pequena zona entre o delta do Nilo e a Mesopotâmia.

Tudo o que ficava além dessa profundidade cronológica ou à margem do seu teatro era considerado não-histórico.

A bacia do Mediterrâneo só entrava na História há 3 ou 4 milénios com os gregos, fenícios e romanos e a Europa Ocidental 1 ou 2 milénios mais tarde e a Setentrional e Oriental ainda 1 milénio depois.

Esta concepção histórica assentava na ideia dos historiadores do séc. XIX de que um povo só começava a sua história a partir do momento em que nos deixara testemunhos escritos, quer dizer, só quando ele se tornava capaz de firmar por escrito as

P59-60

2

suas leis, os seus usos e costumes, os acontecimentos da sua vida se lhe abriam as portas da História. (vid. J. Maringer, *L'Homme préhistorique et ses dieux*, 1958)

As fontes a que a História recorria eram as inscrições, as tábuas de argila ou papiros, os selos, moedas etc.

- Povo histórico era o que possuía uma escrita e este princípio remetia (lançava) para a não historicidade a maior parte da humanidade.

Esta concepção não se pode admitir: o homem produziu história desde o seu aparecimento, porque desde então contribuiu para o estabelecimento das bases da nossa civilização. E se a sua contribuição é modesta, nem por isso se pode negar que nos antigos grupos humanos, nas migrações e misturas etc. se encontram os germes da história da humanidade. Quando um povo chega à fase da escrita já tem atrás de si um largo passado.

P59-60

3

"A idéia de "tempo não histórico", diz Maringer, é de todo artificial e a humanidade pré-histórica nunca existiu senão no espírito dos historiadores do séc. XIX".

A sua concepção apenas encobria a incapacidade dos sábios de então de detectar a história além das fontes escritas.

Mas hoje os documentos não faltam. A arqueologia extrai-os da terra; utensílios de pedra, de osso de metal, cerâmicas, sepulturas, habitações, fortificações.

Estes elementos dão-nos pelo menos conhecimento da vida material desses povos, das suas crenças relativas aos mortos, da sua organização política vista através das fortificações, dos seus usos e manifestações artísticas etc.

A ciência histórica dispõe de novas fontes que nos permitem fazer idéia dos povos antes da escrita.

P59-60

4

A Pré-história em Portugal

A pré-história científica funda-se em 1857 com a criação da Comissão Geológica. Compreende por isso dois períodos:

- a) o da formação antes de 1857
- b) o período científico, que é orientado:
 1. Pela Comissão geológica
 2. Pelo Museu Etnológico e Grupo da Portugália, embora com centros provinciais secundários.

I – A) Idade Média

Referência a antas como divisórias de propriedades.

B) Renascimento

1. André de Resende – a) Teoria da filiação de Portugal na Lusitânia.
- b) Referência às antiguidades da Cola, Endovélico e antiguidades de Évora.
- c) Método de Resende. Falsificador?

2. Carta de Fr. Martinho de S. Paulo (1571), publicada no séc. XVII Fr. Manuel de S. Caetano Damásio.

Referência às *antas da Serra de Ossa*

3. João de Barros, geografia de Entre-Douro e Minho – alusão à *Citania de Briteiros*, explorada depois por Sarmento.

P59-60

5

4. Amador de Arrais, glória e triunfo dos Lusitanos – referências a povoações proto-históricas.

Século XVII

Severim de Faria, Notícias de Portugal (*antas da Beira*, Estremadura e Évora).

Século XVIII

a) *Acção da Academia da História* – protecção e recolha de antiguidades (1732)

1. Padre António Carvalho (1706), Corografia Portuguesa: referência a citanias ao cachão da Rapa e [???].

2. Martinho de Mendonça e Pina, Confa.

Dissertação sobre dolmens apresentada à Academia

3. Padre Afonso de Madre de Deus Guerreiro, lista de 315 dolmens apresentada à Academia em 1734.

4. Contador de Argote – Espírito crítico

Descrição da Citania, do Cachão da Rapa.

5. Luís Cardoso – Dicionário geográfico, continuado pelas Memórias paroquiais

6. Cenáculo – *Escavações no oppidum de Cola*, onde se acharam *estoques de Bronze e inscrições ibéricas*.

- Referências a antiguidades nos Cuidados Literários e vida de S. Sizenando
- Fundação de *Museus* e bibliotecas.

P59-60

6

7. Santa Rosa Viterbo, Elucidário, s. N. Antas, Castro, Mamoas etc.

Séc. XIX

1. Cardeal Saraiva (Fr. Francisco de S. Luís) crítica séria dos textos

2. Herculano, *História de Portugal*.

Excesso no que toca aos antecedentes da História de Portugal.

- Nenhuma relação de Portugal e Lusitanos
- Põe de lado as fontes arqueológicas
- Reacção de Vilhena Saldanha.

3. Fundação da Sociedade Arqueológica (Archeológica) Lusitana em Setúbal para explorar Tróia (1849) e suas escavações em 1850, 51, 55 e 56.

- Vid. Anais da Sociedade Archeológica Lusitana, 1850-51
- Relatório dos trabalhos da Sociedade Archeológica Lusitana, 1851

II – Período científico: Comissão Geológica

1. Carlos Ribeiro.

a) A questão do homem terciário (Descrição dos sílices e quartzite lascadas nos terrenos terciários e quaternários das bacias do Tejo e Sado)

- L'Homme tertiaire en Portugal (compte rendu 1880)

b) Paleolítico *da Mealhada e em Leiria*

d) Estudo *dos concheiros de Muge* com Pereira da Costa, sendo deste "Notícia dalguns esqueletos descobertos no Cabeço da Arruda e daquele Les Kjekkenmoeddings de la Vallée du Tage

P59-60

7

- Paula e Oliveira, estudou os espólios antropológicos desta estação (Nouvelles fouilles faites dans les Kjekkenmoeddings de la Vallée du Tage in Comunicações)

- Carlos Ribeiro publicou ainda Estudos Pré-Históricos (Castro de Leceia, megálitos de Belas)

2. Pereira da Costa, *Descrição dalguns dolmens* ou antas de Portugal.

3. Nery Delgado: *Grutas da Furninha e da Cezareda*.

4. Outros trabalhos: *Grutas de Palmela*, Cascais, Montejunto, Carvalhal de Aljubarrota, Vimioso em Trás-os-Montes etc

Trabalhos de conjunto

- Felipe Simões, Introdução à Archeologia da Península ibérica

- Cartailhac, *Les ages pré-historiques de l'Espagne et du Portugal* (1886)

- Leite de Vasconcellos, Portugal Pré-histórico (1885)

- *Fundação do Museu Etnológico*

- *Actividades regionais: Porto, Guimarães, Figueira da Foz, Algarve*

P59-60

a

Resumo

I – Horizontes históricos antes da Pré-história (1859)

a) 7.º ou 6.º milénio no Egipto e Mesopotamia

b) Mediterrâneo há 3 ou 4.000 anos (gregos, Punicos,[????])

c) Europa Ocidental 1 ou 2 milénios depois

Europa Setentrional e oriental 1.000 depois

II – Concepção histórica do séc. XIX

A história começa com a criação da escrita. Isto considerava *não histórica a maior* parte da humanidade.

a) Esta concepção não se pode admitir:

1. O homem produziu história desde que existe. As suas *primeiras contribuições* explicam a formação das nações (grupos étnicos, migrações, misturas, criações)

2. A idéia do tempo não histórico é artificial e só existiu no espírito dos historiadores do séc. XIX

3. A sua concepção encobria a incapacidade para detectar a história antes dos documentos escritos.

- Mas *hoje os documentos* não faltam. O arquivo da terra fornece-se elementos para reconstituir a vida material e também psíquica desses povos. Religião e arte. Portanto não há pré-história, há história primitiva. A designação só deve tomar-se como divisão da história.

P59-60

b

Resumo

Pré-história e Arqueologia

São expressões que se não podem pôr no mesmo plano: a) A primeira não corresponde a uma civilização *unitária* (grega, romana), mas a múltiplas civilizações.

b) A sua duração é de centenas de milhares de anos.

c) Cobre todos os continentes

d) Os seus documentos são mais artesanais que artísticos.

Formação da Pré-história

A) Influência da Renascença

Conhecimento de textos antigos onde se dava uma visão da origem da humanidade

1. Lucrécio, De natura rerum

2. Plínio fala nas ceraunias

3. Mercati (séc. XVI) identifica-as com instrumentos antigos

B) Descobrimento

Revelação de povos primitivos

I – Relação dita de Bocaccio (1341)

Canários nus ou vestidos de folhas, trogloditas, sem Rei, sem lei e sem fé;

II – Contactos com os índios do Brasil

a) Carta de Pero Vaz de Caminha: nus, corpos pintados, beiços furados, machados de pedra

b) Fernão Cardim, Tratado da terra e da gente

Referência a pedra polida

P59-60

c

Resumo

c) Gabriel Soares conta como os tupis cortavam as árvores (vid. Tratado e descrição do Brasil do mesmo).

d) Thenet, in Singularités crenças e costumes dos Tupinamba.

III – Contactos com os povos da África do Sul

a) Roteiro de Vasco da Gama: povos de Santa Helena

Aguada de P. Braz na idade da pedra

b) Referências de Barros, Duarte Barbosa e Fr. João dos Santos às ruínas Zimbábue e sua relação com as ruínas de Salomão.

Séc. XVII – Século de coordenação e alargamento do conhecimento.

Séc. XVIII : Jussieu e Lafitau

4

63-64

A Pré-história em Portugal

A Pré-história científica funda-se em 1857 com a fundação da Comissão Geológica.

Compreende dois períodos:

- a) O período de formação anterior a 1857
- b) Período científico:
 - a) Impulsionado pela Comissão Geológica
 - b) Impulsionado pelo Museu Etnológico (1893)
 - c) Criação dum órgão central de defesa do património arqueológico da Nação (*Decreto de 18 de Abril de 1932*)

I – No 1.º período nos XVI e XVII referências a citanias e antas

- No séc. XVIII influência da Academia da História
- Martinho de Mendonça Pina, Confá.
- Padre Afonso de Madre de Deus Guerreiro (317 dolmens)
- Contador de Argote: citania, Cachão da Rapa
- Cenáculo – oppidum de Cola (inscrições ibéricas)

Museus e Bibliotecas

- Santa Rosa Viterbo, Elucidário

II – Período científico:

- Carlos Ribeiro – Estudos pré-históricos
- Pereira da Costa
- Nery Delgado

1*

Os primeiros habitantes da Ibéria

- a) Ambiente Geográfico
- b) Os primeiros habitantes: A questão do homem terciário. As migrações quaternárias.

*

Para explicar o povoamento peninsular é preciso ter presente a sua geografia. Ela condiciona a diferenciação e a evolução dos elementos étnicos que a compõem. A autonomia geográfica de Portugal.

Elementos formadores da Península

No seu conjunto compreende:

- a) Manta ibérica, dividida pelo sistema central
- b) Elementos litorais

A manta compreende:

- a) Sub-manta norte
 - 1. Cantabricos
 - 2. Galaico-Duriense

b) Sub-manta sul

Montes ibéricos

Elementos litorais: montanhas e fossas.

Conclusões: Particularismos, diversidade de condições económicas, dificuldade de comun.

Entradas: Pelos Pirenéus por Irun: derrame para ocidente

- Por Perpignan: para as regiões da Catalunha. – Só atingidos os planaltos centrais a comunicação é fácil.

2*

Caminhos de invasão:

a) Pirenéus: Perthus a Este e Roncesvalles a W. (Oeste).

b) Estreito de Gibraltar: Aberto no 3.º (Obermaier) no plioceno inferior (Iessen) – Interrompido no plioceno superior e quaternário antigo.

c) Outros pontos da costa: ocupações costeiras ou passageiras (fenícios, gregos, normandos).

Dificuldades de consolidação dum domínio

Resistência dos lusitanos e cantabros. Reconquista.

Quando chegou o homem à Península?

a) O homem terciário: Carlos Ribeiro.

Os achados de Ota: sílices e quartzitos trabalhados “Descrição dalguns sílices” etc. e de 1871.

- Leva-os ao Congresso de Arqueologia e Antropologia pré-histórica de Bruxelas em 1872 e à Exposição Internacional de Paris em 1878, onde foram observados por Mortillet.

- Reunião do Congresso de 1880: Belluci.

Divergências. A opinião de Mortillet:

O Anthropopithecus ribeirão ou *Homosimius ribeiroi*.

- Revisão do problema: Nery Delgado (sílices no quaternário); Ioaquim Fontes (pedras naturais); Mendes Correia (mais éolitos em Ota) Breuil pedras naturais e mustierense⁵⁸.

- Objecções contra o homem terciário: paleontológicas, geológicas e experimentais.

3*

O Homem quaternário

O Homem chega à Península nos princípios do quaternário: os mais antigos testemunhos instrumentos rolados pelo mar siciliano.

Estado da Europa. Ora nos *princípios do quaternário a Europa estava em grande parte* coberta de gelo: Inglaterra e Holanda (a maior parte), N. da Alemanha, 2/3 da Rússia.

Limites: Tamisa, Reno, Turingia, Volga e Urais.

⁵⁸ Estratigrafia: Dois níveis morfológicos quaternários: um antigo, mais elevado, habitualmente dissecado; b) Outro um terraço mais recente, no flanco dos vales, que aparece esporadicamente. c) Graviers e conglomerados desde o Jurássico. d) Sílices abundantes nos conglomerados miocenos de Ota. Quartzo, quartzito e sílex talhado. Paleolítico- mais ao Norte de Ota, onde os conglomerados miocénicos são mais grosseiros entre Monte Redondo e Cercal. - Ao sul vestígios mesolíticos e neo-eneolíticos que predominam no concheiro de Camarnal, estações de Murganheira, pirâmide de Cadafais e Castro de Ota. As peças de Carlos Ribeiro trabalhadas são do homem quaternário, de épocas diversas, do acheulense aos metais.

Península: glaciações localizadas; Sistema Central, Ibérico, Peni-Bético, Pirenéus etc.

Limites das glaciações: de 1500^m a W para 2000^m a L.; de 1500^m no N. para 2500^m no S.

Estudo dos terraços, faunas e floras indica avanços e recuos: Guzenense, Mindelense, Rissense e Wurmense – *Siciliano, Milaziano, Tirreaniano, Grimaldiano, Abevilense, Siciliano terraços de 90^m; segue por Gunz e com Clactonense em terraços de 45^m.*

- Migrações quaternárias⁵⁹

a) Culturas caracterizadas pelo coup-de-poing.

Origem africana: Passagem no Gunz e 1.º período interglaciário. Interrupção a partir do Mindel. Subida do Guadiana e Tejo.

- Facies especial do abevilense e achados no litoral (tipo lusitanico) – *Distribuição geográfica deste paleolítico.*

b) Cultura das lascas (clactonense já no 1.º interglaciar [*milazense*])

Oriunda da Europa e vinda com os frios da 2.ª glaciação com acheulenses.

Recentes opiniões

4*

- No Mindel abevilense e acheulense antigos.

- No 2.º interglaciar (Mindel-Riss–Tirreniano) desenvolvimento do acheulense (antigo, médio, superior) e taiacense

- 3.ª glaciação (Riss): Taiacense. Acheulense superior (micoquense, languedocense antigo).

- No 3.º interglaciar (grimaldiano–Riss–Würm) mustierense de fauna quente. Micoquense

- 4.ª glaciação (Würm): mustierense das grutas, acheulense, proto-asturiense (ancorense)

Cruzamento na península do mustierense de tipos pequenos com o acheulense, dando o mustierense de tradição acheulense.

Fósseis humanos: homem de Neandertal (mandíbula de Bañolas, crâneos de Gibraltar, crânio da Furninha)

- poder evocador destes: monofiletismo e polifiletismo. Os pré-hominídeos – os centros da humanização.

O paleolítico superior apresenta-nos uma cultura de lâminas ou folhas, devida ao homo sapiens.

⁵⁹ Abevilense: Fase pré-glaciar (terraços de 80 a 100^m (Siciliano); no Gunz e com clactonense nos terraços de 45 a 65^m (Milaziano).

No Mindel abevilense e acheulense antigo.

No 2.º interglaciar acheulense, antigo, médio superior e taiacense em terraços de 25 a 30^m (Tirreniano).

- A 3.ª glaciação (Riss) cobre a Serra da Estrela e provoca uma forte regressão marinha e apresenta acheulense superior (Micoquense) e Languedocense, antigo.

- No último interglaciar praias de 12^m (Grimaldense) com acheulense, mustierense, languedocense e ancorense (proto-asturiense).

- muito taiacense; mustierense nas margens do Tejo

Estações clássicas – Furninha

Compreende:

a) Perigordense. Originário da Ásia. Ramifica-se para África e Europa.

Entra na península pelas passagens dos Pirenéus e caminha pela costa ocidental e oriental (Parpalló).

A Portugal chega já nos princípios do superior (Gravetense).

- Os gelos da 4.^a invasão glaciária interrompem as comunicações com o norte, originando o epi-aurignacense ou grimaldense (Rio Maior). – *Combe-Capelle*

5*

Solutrense originário da Europa⁶⁰.

(Hungria e Polónia). Vindo da França chega a Portugal no *aurignacense superior* e o proto-solutrense no médio).

- Forte influência na França *das formas pedunculadas ibéricas*.

Madalenense. Local. da Europa ocidental. Em Casa da Moura e Rio Maior.

Conclusão. A península tem base étnica europeia e não africana.

Tese capsense-Ruína. + *Vida do homem do pal. Inf. Religião Arte*

Mesolítico

a) Asturiense: origem no languedocense, relacionado com o abevilense lusitanico talvez.

Contemporâneo do ótimo climatérico

b) *mesolítico de Cambelas: post-madalenense? Ibero-mauritano?*

c) Tardenoisense: *Hoyo da Mina (azilense)* e Muge

Filiação: grimaldense – *gruta de la Cocina*

Divisão:

1) Concheiro da Amoreira e Rio Maior

Praias de nível mais alto. Clima quente e húmido, micrólitos em triângulo alargado, com raros trapézios (sauveterrense) (6.800-5.000)

2) Concheiro de Arruda. Mesmo clima, mexilhões da 2.^a fase do asturiense, trapézios do *sauveterrense* avançado.

- Primeira metade de Erteboll (5.000-4.000)

5a

Várias origens (Breuil) *Nega* que haja qualquer coisa de *ateriense*, esbaiquiense ou capsense na gruta de Parpalló, mas sim um *solutrense antigo*, associado a aurignacense nítido (buril busqué)

⁶⁰ Origem do solutrense:

a) Africana (tese de Pericot e *Almagro de certo modo*). Povo armado de arco e flecha, conhecendo o retoque facial, cujo centro de invenção seria a África, que passaria o Estreito e espalharia pela Península *em bandos que viveriam* misturados com a população anterior. Relação com o Esbaiquiense. O Solutrense de Tânger é europeu.

O problema não se pode resolver sem que se averigue se os níveis Esbaico-aterienses são mais antigos ou mais modernos que o solutrense de Parpalló.

- O retoque grosseiro, semelhante ao esbaiquiense pode ser fase preparatória

- Miss *Caton Thompson* defende a derivação do *solutrense espanhol (peninsular)* e *francês do ateriense*.

- *Breuil e Ruhlman* combatem estas relações. O *ateriense* segundo o primeiro deriva duma técnica de *lascas* e o solutrense duma *técnica de folhas*.

b) Peninsular (Santa Olalla e Francisco Jordá)

O solutrense levantino e do Manzanares tem o seu *foco na Espanha*, independente doutras origens.

- Em Parpalló *indústria de folhas, no Ateriense de lascas. O solutrense teria várias origens: húngara-balcânica, madrilena, sul-rodaniense, franco-cantábrica, tudo a partir do paleolítico superior e em África do levalloiso-mustierense.*

- Em Parpalló *há a técnica de percussão e pressão, no ateriense falta a última.*

Origem das formas: 1. Ponta de mossá-gravetense

2. ponta de pedicelo-mustierense (casual em África)

3. ponta proto-solutrense-aurignacense médio e superior

4. Folhas de salgueiro-limaces mustierenses (faltam na África)

5. Folhas de loureiro, às vezes com base côncavas – em muitas partes

6. ponta de loureiro pequena, proto-solutrense superior da SW da França e levante espanhol

7. *pontas pseudo-neolíticas de Almeria, nada tem com ateriense e ligam-se ao neolítico africano parcialmente contemporâneo do fim da idade da pedra.*

A gruta de Mughareh-el-Aliya de Tânger

Deu pontas solutrenses – Pontas pedunculadas e pontas pseudo-neolíticas.

Interpretação: Para Santa Olalla é a prova da indústria espanhola ter passado a África

5b

A gruta de Tânger é a testa de ponte do solutrense espanhol em África.

- As pontas de aletas e pedunculo seriam ali segundo de Ruhlman um ateriense muito final; Breuil acha estas comparáveis a Parpalló

Recentes opiniões

A. Menghin – Na África *não se conhecem pontas pedunculadas com retoques dos dois lados.*

- Além disso as pontas aterienses associam-se a instrumentos levalloisenses e mustierenses isto é a um paleolítico inferior prolongado.

É inverosímil que se estendessem a Espanha as flechas pedunculadas sem os objectos que as acompanham.

- As pontas trabalhadas dos dois lados teriam pois passado de Espanha à África como defende Santa Olalla.

A ponta pedunculada derivaria da de Font Robert e o solutrense seria originário do leste europeu.

- Pericot contesta com dois argumentos:

a) *Presença dos neandertalenses na gruta de Tânger.*

b) *Complexo esbaico-ateriense de Madrid num meio mustieróide.*

- Isto não convenceu muitos arqueólogos:

- Balout prova que o *retoque facial em Ceuta é anterior ao de África*, o que demonstraria a sua origem nórdica. O homem de Neandertal conheceria a técnica bifacial e a ponta pedunculada, mas não na fase superior.

5c

- Hervé e Movius – As pontas foliáceas são distintas das esbaquienses. Estas são mais toscas e sem retoque paralelo.

- Antoine, autoridade na pré-história marroquina, nos seus últimos trabalhos considerava as pontas aterienses de Tânger muito mais modernas que as espanholas.

- Também Gisela Freund crê o solutrense peninsular de origem europeia.
 - O problema é complexo e o encontro dum crâneo *cromanhoide africano* na gruta do *Barranc Blanc* ([????]) veio complicar o problema.
 - Só a determinação de *cronologia do aterienso* o pode resolver.
- Ver Pericot, História de Marrocos
I Prehistória, 1953, pág. 219, 227, 240 e seguintes
Idem, Grandeza y miséria de la prehistoria
Idem, Raíces de España
Idem, La España primitiva, pág. 49
Ver Vaufray, Prehistoire de l'Afrique, pág. 123 e 93 e nota 3 desta página
Vaufray – *Não há sbaikiense, mas um complexo superficial de aterienso, levaloisense, mustierense e peças foliáceas de origem ibérica.*

6*

- 3) 4.000-3.000 – 2.ª metade de Erteboll
Dólmenes primitivos. Micrólitos trapezoidais machados picados como os nórdicos.
Raças. A *raça de Muge*. Mendes Correia e Vallois. Exumadas ossadas de mais de 100 indivíduos.

Importância: a) *Relações entre paleolíticos e neolíticos*
b) *Chegada dos braquicéfalos*
c) *Caracteres negróides, mongoloides etc.*

Teorias que os explicam:

I – Raça especial

- 1.ª A de Quatrefages: *raça de Muge*, caracteres próprios (1880)

II – Descendentes do Cro-Magnon

- 2.ª A de Paula e Oliveira e Vallois – *raça Cro-Magnon*
a) Antoine: intermediário entre *Neandertal* e *Cro-Magnon*
b) A de Salles: neolítico e *Muge* descendem de *Cro-Magnon* (1926)

III – Diferentes do Cro-Magnon

- 3.ª A de Hervé e Fonseca Cardoso. *Muge* e *neolítico de Baumes-Chaude*, derivados dos *madalenenses* (*raça Laugerie-Chancelade*). As diferenças devidas em *Muge* ao cruzamento com o *Neandertal*.

- *Muge* percursora dos mediterraneos.

IV – Com características negróides

- 4.ª Mendes Correia: *Muge* relacionada com as *raças equatoriais primitivas*: *Raça* com caracteres *negróides* (*Prognatismo*) e *australoides* (fraca capacidade craniana) que denomina *Homo taganus* ou *Afer-Taganus*.

Deste bloco sairia o *Combe-Capelle*, o de *Grimaldi* e o *australóide de Muge*.

- Conclusão: 1.º – *Insustentáveis as comparações com Neandertal*
2.º – *Inaceitáveis com Baumes-Chaude e mediterraneos*
3.º – *Nenhuma relação com Laugerie-Chancelade (hoje distingue o Cro Magnon de Laugerie do esquimó Chancelade)*
4.º – *Não é aceitável a comparação com o bloco equatorial de Giuffrida Ruggeri*:

- a) Porque o prognatismo, platinirria e leptoprosopia não são disposições fundamentais
- b) Porque o *nariz* é do tipo europeu, a capacidade craniana regular
- c) O alongamento *do radio e tibia* é disfunção existente nos homens do paleolítico europeu.

4.^a As analogias com o homem de *Cro-Magnon* são *aceitáveis* para Vallois, desde que se compare Muge, não *com o velho de Cro-Magnon*, mas com a *média do seu grupo, dentro de cuja variabilidade* cabem as ossadas de Muge.

(Diferenças)

- Há porém diferenças na *capacidade craneana, altura do craneo e sobretudo estatura*.

Conclusão: Os homens de *Muge* *idênticos* aos homens fósseis, estando mais próximo do Cro-Magnon oriental (Raça de Brnő ou Predmost).

(Individualidade) – Todas as *teorias reconhecem caracteres próprios* e a dificuldade é ligar aquilo que não tem ligação.

Braquicefalias – Vallois *considera-os mesocéfalos* (flutuação)

Pericot – as *avancadas neolíticas* (raça [???]).

Nossa opinião: Ligação dos *Cro-Magnons (Combe-Capelle)* de Muge com o neolítico.

(Persistência) No estudo sobre as ossadas de *Eira Pedrinha* do *Professor Mendes Correia* estas são dum tipo “já distinto do *Homo afer taganus*, mas que ainda possuem alguns *caracteres arcaicos* ou inferiores.

- Poder-se-á assim constituir uma *raça pré-mediterrânea, coexistindo* com o *Homo taganus* ou *recebendo dele influência*.

- Parece um passo para o abandono de [???] de que o substratum *de que saiu o povo português é o neolítico e não o mesolítico*.

7*

O mesolítico das Bocas⁶¹ (R.M.)

A) Situação e descoberta do abrigo do Forno da Telha

Situado nas Bocas, a 3km de Rio Maior, numa garganta que fica na estrada das Caldas.

- Foi descoberto em 1938 e começado a explorar em 1939 e depois em 1944. Ainda não concluído.

Apresenta as seguintes camadas:

- **1.^a Superficial.** Terra encarniçada com cascalho, cacos e setas. Esp. 1^m. Trapézios grandes como os Calcolíticos.

2.^a Camada – Cinzas, conchas, carvões, fragmentos de ossos queimados, ossos miúdos de animais.

- Nem cacos, nem setas. Crescente de grande corda. Triângulos escalenos – *Cambelas*

3.^a Camada – Camada de cascalho em que assentavam as cinzas. Trapézios micro-líticos.

A 1.^a camada é eneolítica

⁶¹ **Abrigo grande das Bocas:** Camada superior = 3.^a ou C; Camada média = 2.^a ou B; Concheiro = 1.^a ou A; Terra barrenta + O ou O+; Terra Negra O++; Objectos destas duas camadas (sem distinção) = O; Camada mais profunda = O+X; 2.^a camada dividi-a em Superior (B ou 2.^a+); e Inferior (B ou 2.^a++)

A 2.^a camada deu:

- Pedaco de ponta de la Gravete
- Triângulos, alguns com ponta saliente 5
- Triângulo base côncava 1
- Pontas que recordam a de móssa - 2
- Folhas de canivete 24
- Crescentes 14
- Triângulos escalenos 5
- Outros triângulos 9
- Lâminas de bordos paralelos (mais antigas que os trapézios) 17

8*

mais crescentes 101

Transição dos trapézios para o petit tranchet

Trapézios passando para triângulos

Triângulos de base côncava oblíqua 9

Trapézios 44

Triângulos à [????] 44

Micro-buris 6

Comparação com outras estações

a) comparação com o sauveterrense⁶².

Constituído por poucas lâminas, buris bicos de flauta, micro-buril;

Micrólitos triangulares, lâminas de dorso rebaixado, lâminas truncadas obliquamente.

- Portanto o material do Forno da Telha é idêntico. No nível 2.^o pode-se considerar azilo-tardenoisense (Breuil, subdiv.)

b) Comparação com o de Muge

1. O concheiro de Amoreira é o mais antigo. Pode comparar-se com o sauveterrense quer dizer, com as indústrias anteriores aos trapézios tardenoisenses e caracterizadas pelos triângulos.

Com efeito ele apresenta (Vid. Serpa Pinto, Notas sobre indústria microlítica do Cabeço da Amoreira – B.M.H.):

- Instrumentos de quartzito (pontas, lâminas, raspadores, núcleos etc.) de dimensões médias

- Ausência de cerâmica, mas na camada superficial uma sepultura com um vaso hemisférico, fragmentos de outros, sem decoração, mas com mamelons geminados

9*

- Ausência de machados polidos e pontas simétricas

- Alguns trituradores, talvez indicio de agricultura.

- Fauna: Scrobicularia plana [Lutraria compressa]⁶³ Cardium edule (predomina)

Fauna de estuário. Clima mais quente que o de agora (as pinças de Gelasimus tan-gieri só se encontram hoje no Algarve).

⁶² Comparação com Muge

⁶³ Cardium edule predomina e aumenta com a profundidade

- Portanto o Cabeço de Amoreira durou até ao Neolítico, como o de Moita do Sebastião e outros.

- Isto levanta dois problemas importantes:

1.º A *estratigrafia de Muge* não está bem determinada

2.º A *existência de duas raças, uma dolicocéfala, outra braquicéfala*, podem bem corresponder a dois períodos diferentes: *mesolítico e neolítico*.

- No Cabeço de Amoreira diz-se não haver buris nem lâminas truncadas? Será assim?

- Predominam as lâminas e os triângulos e seguem-se as lascas atípicas.

- Maior abundância de material para a superfície.

Também a Scrobicularia plana (Lutraria compressa) aparece no fundo e o Cardium edule nas camadas recentes.

- Existência de vários lares. Os montículos à roda, agrupados deram o concheiro. Camadas onduladas.

Características da indústria: a) Instrumentos retocados.

1. Triângulos: Desde os de bordo curvilineo. (dorso abatido até os triângulos escalenos ou isósceles, com ou sem gibosidade ou pedúnculo lateral.

10*

2. Trapézios. Apareceu um na base do concheiro e outro na superfície. O concheiro deve ser mais *moderno que a camada 3.ª* do abrigo do Forno da Telha.

Trapézios muito raros.

3. Lâminas com entalhes. Raras

b) Instrumentos sem retoques

1. Lâminas de secção triangular ou trapezoidal muitas

2. Pontas apontadas.

3. Lascas. As mais abundantes.

4. Núcleos. Dimensões reduzidas. Formas atípicas e uma prismática.

5. Cristais de quartzo e mica

6. Colares de conchas furadas, pingentes de caninos (com entalhes), seixos discóides com orifício, o que tudo deve ser mais recente. Placas de grés com buracos de suspensão. Bocados informes de argila cozida.

Em relação com os outros concheiros podemos dizer que este apresenta, ainda que excepcionalmente, a Natica hebraea, hoje desconhecida em Portugal, e existente no Mediterrâneo, e ausência de Mytilus edulis, existente no Cabeço da Arruda e no asturiense aumentando nos mais modernos.

- Arruda é mais marginal que Amoreira em relação ao nível da Ribeira de Muge e o abrigo do Forno da Telha indica maior altura das águas (estuário com água salobra próxima).

11*

Faltam na Amoreira os discos-raspadeiras e arpões do azilense.

Outros concheiros – Os concheiros do *Paul de Magos (Cova da Onça e Arneiro do Roquete)* ainda não foram objecto dum estudo sistemático. Comparando o material de todos podemos concluir:

a) Há mais mós no Cabeço da Amoreira e na Moita de Sebastião (5 e 15)

b) Há nestes e na C. da O. trituradores

- c) Há mais indústria de quartzito na C. da O.
 - d) Núcleos sauveterrenses são mais abundantes na Moita do Sebastião e C. da O. (9-6)
 - e) Núcleos tardenoisenses na Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira (15-5)
 - f) Lâminas truncadas Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira (10-6)
 - g) Dorso abatido – Cabeço da Amoreira e Moita do Sebastião (2-1)
 - h) Micro-buris (Cabeço da Amoreira – 13; Moita do Sebastião – 9)
 - i) Trapézios Cabeço da Amoreira – 35, Moita do Sebastião – 3; C. O. – 2; Arneiro do Roquete – 4
 - j) Triângulos Cabeço da Amoreira 11, Moita do Sebastião 1, C. O. 10, Arneiro do Roquete 1
 - l) osso – mais Cabeço da Amoreira e Moita do Sebastião
- Mais osso que no abrigo do Forno da Telha.

Comparação com o Tardenoisense (Martinet)

I – Inferior. Trapézio irregular e formas rombóidais. Muge⁶⁴

II – A mesma forma, mas rara e peças com retoque invadindo as faces, tipos antigos evolucionados e trapézios bem definidos.

12*

III – Pontas de flecha com pedunculo e a aillérons, com corte transversal, corte oblíquo e à cran e loiça, associada a tipos precedentes.

Conclusão.

Comparação com a gruta de La Cocina.

(Vid. Ampurias, VII, p. 426)

Pericot distinguiu os seguintes níveis:

Nível I (até 1,70^m) – *Pleno eneolítico avançado*.

- cerâmica tosca com decoração incisa e relevos e raiado pectiforme
- machados polidos, punção osso polido, conta de colar
- indústria de sílex abundante: predomínio de formas microlíticas em meia lua, alguns triângulos, escassos micro-buris e folhas com mossas; folhas de canivete com bordos retocados, toscas raspadeiras.

- Ponta de aspecto neolítico, mal trabalhada com pedúnculo e asas incipientes, quase romboidal, espessa.

Nível II (1,10^m a 2,70^m)

- a) Camada A (1,10^m a 2^m) – Plaquetas gravadas
- b) Camada B (2^m a 2,70^m) – Plaquetas pintadas.

13*

Microlitismo em pleno desenvolvimento, sendo o tipo mais característico os triângulos com um apêndice ou pedúnculo muito acentuado no dorso.

⁶⁴ Pertence ao tardenoisense costeiro com triângulos escalenos com dorso espesso, recordando o paleolítico, núcleos lembrando o aziliense e sauveterrense, raridade do buril tardenoisense. No continental lâminas com truncatura; Tardenoisense II – *Exemplo da truncatura do trapézio*, levando a peça ao pedunculo, e aparecimento dos retoques faciais nas pontas-barbelures; Tardenoisense III – Neolítico

- Trapézios e triângulos largos com móssa basal, próprios também dos níveis inferiores.

- Micro-buris abundantes em folhas regulares e sobre esquírolas de sílex às vezes minúsculas.

- Folhas com chanfradura numerosa, às vezes nos dois dorsos.

- Raspadeiras sobre folhas, buril lateral, punções de osso, candiles de veado.

- Plaquetas gravadas, em regra lousas ovaladas ou trapezoidais ou irregulares com raios paralelos.

- Placas pintadas toscas; seixos pintados.

Nível III (2,70^m a 4,50^m)

a) Camada A até 3,50^m

b) Camada B até 4,50^m, assente em solo argiloso ou rocha.

- Nos microlitos faltam os triângulos com pedicelo.

- Há *escalenos alargados* com base quase horizontal e mais ainda trapézios. *Micro-buris* escassos.

- Folhas chanfradas raras.

- O mais característico deste nível são as peças grandes (macrolitos); discos ou raspadores, raspadeiras, machaditos, fendidores.

- De sílex *disquitos raspadores pequenos e raspadores cónicos*, ou piramidais, *raspadeiras discóidais*, fendidores recordando os pré-asturienses de Parpalló, buris laterais.

- Pontas *mustieróides e de La Gravette no fundo* e pontas com retoque *facial de técnica solutrense*⁶⁵.

I

Paleolítico superior (Leptolítico)

Características: Variações geográficas e estratigráficas, mas com as seguintes características comuns:

a) Presença de utensílios de osso

b) Arte figurativa e decorativa

b) Intrumentos líticos feitos de lâminas

Aurignacense: Mamute, grandes carniceiros, urso e hiena das cavernas

Níveis: 1. Chatelperron (pontas e pontas de osso de base fendida)

Também se chama Perigordense

2. Aurignacense médio (Grattoirs carené, grattoirs museau, buris de ângulo, Busqué, lâminas estranguladas)

Desenvolvimento da arte

3. Aurignacense superior (perigordense evoluído ou Gravettense) – Pontas de La Gravette. Trapézios grandes e triângulos, buris de ângulo

Buris a Noailles

⁶⁵ Na camada A muitos elementos dos níveis superiores; na B escassos microlitos e macrolitos abundantes de aspecto arcaico. Osso escasso: punções aguçados e pontas de veado utilizadas. Nível inferior madalenense.

Solutrense

Retoque plano e longo.

- a) Nível de folhas planas (proto-solutrense)
 - b) Nível de folhas de loureiro
 - c) Nível do solutrense superior: Pontas à cran, folhas de loureiro com pedunculo e ailerons
- De osso azagaias e agulhas com furo.

Madalenense

Agulha com furo em abundância. Sílex com carácter aurignacense e perigordense. Zagaias, arpões, triângulos.

II

O Paleolítico superior em Portugal

I – Antigas idéias (Gimpera e Obermaier)

- O paleolítico antigo teria ocupado esse tempo e só ecos no Casal do Monte e Monsanto.

II – Novas concepções: Investigações do Museu em Rio Maior (1937) e depois em Cambelas (Torres Vedras) mostraram a existência das indústrias da Europa W.

- Descobertas de Jean Ollivier e Leonel Trindade em Santa Cruz, as revisões do Padre Breuil e as nossas mostraram o nenhum fundamento daquela teoria.

Reconstituição: Quando o Homo sapiens chegou à Península encontrou-a ocupada pelo Homo de Neandertal. Eliminou-o, mas não totalmente.

Há utensílios que seguem a tradição – languedocense.

- Onde vieram? Como sucedeu? Que vestígios deixaram? É o que vamos ver.

Aurignacenses e perigordenses

- Originários da Ásia: o 1.º das estepes e talvez da China; o 2.º da Ásia menor, em dois ramos – um africano, outro europeu.

- Este passa à Hungria, Baixa-Austria, leste do Ródano, onde se sobrepõe a um aurignacense antigo e infiltra-se na península pelas passagens oriental e ocidental dos Pirenéus.

Chegada – É tardia e a primeira onda – é representada pelos aurignacenses (médio) ocupa os cantábricos e estende para o sul, parece pela costa.

III

Portugal – Temos em Portugal o aurignacense clássico antigo na estação do Cabeço da Figueira e mais recente no Vale Comprido, Vale Porcos etc., idêntico (análogos) ao encontrado em Santa Cruz, na de Rossio do Cabo, estudada pelo Padre Roche, e na Mina, Ponta da Vigia e Escalda (Ollivier).

- Nesta fase abundam os grattoirs carené, os buris de ângulo e busqué e por comparação com outras estações revela analogias com indústrias francesas e uma cronologia mais recente que o aurignacense médio da Gruta de Castillo.

Perigordense

Pela mesma época descem dos Pirenéus para o nosso território os perigordenses.

Pertencem a raça de Combe-Capelle e chegam nos começos do Perigordense superior, de que são a base.

ð

Solutrense

Origem:

a) Tese clássica – Do acheulense prolongado da Hungria dos Balcãs → França

→ Hispania

b) Novas perspectivas:

o encontro dum dito a) *esbaico e aterienense* em África

b) Dum julgado esbaico –aterienense no Manzanares

c) Dumsolutrense de pontas pedunculadas na gruta de Parpalló

Conduzir a novas interpretações:

1. *Origem africana:*

- Pericot (esbaiquienense)

- Miss Thompson (aterienense)

Adversários: Breuil e Ruhlman

a) O aterienense deriva duma técnica com base em lasca; o solutrense em folhas

- O aterienense desconhece o retoque por pressão

- O retoque grosseiro do tipo esbaiquienense que aparece em Madrid e Rio Maior (Pás-sal) pode ser uma fase de preparação.

2. *Origem peninsular*

- Santa Olalla e Francisco Jordá:

O solutrense levantino e do Manzanares teria uma origem peninsular e exerceria influência nas pontas pedunculadas francesas. *Há solutrense do tipo de Parpalló em Rio Maior, associado a elementos originais de França.*

ðð

3. Várias origens (Breuil)

Húngara, madalenense, franco-cantábrica, africana, aqui derivada do levaloisense e mustierense, nos outros casos do paleolítico superior.

- Nega a existência de qualquer influência africana em Parpalló.

- *Gruta de Mugharet-el-Aliya* de Tánger (deu pontas solutrenses, pontas pedunculadas e pseudo-neolítico)

Reacendeu a discussão com novas e diferentes interpretações e é muito importante para as relações entre o solutrense africano e peninsular.

- Santa Olalla considera-a a testa de ponte do solutrense espanhol em África.

- Ruhlman não lhe encontra relações com a peninsular; É um aterienense muito final e o aterienense é post-glaciar.

①

A Revolução Neolítica

Sumário:

- I – Características do neolítico
- II – Origens do mesmo e caminhos de penetração
- III – Limites cronológicos do mesmo
- IV – Diversidade do neolítico e suas culturas
- V – A cultura neolítica portuguesa

Características

VI – Os dólmens

a) Origem dos dolmens - Tese orientalista

Tese ocidentalista

Vários centros de difusão

*

Características

- *Economia produtiva* em vez de destrutiva (agricultura ou pastorícia)
 - *Novas técnicas*: cerâmica, tecelagem, polimento da pedra, por fim a metalurgia
 - *Vida* – castros e chãos de cabana preferidos às grutas
 - *Arte social: arquitectura* – ordenação das lages.
 - *Decadência das artes gráficas*, agora subsidiárias da arquitectura
- Intensidade da vida religiosa.

Origem

- a) *Do campinhiense* – É civilização paralela. Influência do picado
- b) *Do paleolítico superior* – Dolmens de Alvão (**Wilke**)
- c) *De origem oriental*
 - a) *Por invasão? Breuil, Colon. oriental*
 - b) *Por difusão: pelo Cáucaso, pelo Danúbio, pelo mediterrâneo*

②

Duração

Se um milhar = 1^{cm} – paleolítico e mesolítico 6^{km} neolítico 4^{cm}.

Limites – Metalurgia. Não devemos integrar o Calcolítico no Bronze, nas no neolítico.

Diversidade cultural

a) Na península: Almeria, Central, Catalã e Ocidental.

Cultura ocidental

Características: Povos guerreiros, pastores, culto dos mortos e religião; originalidade: *dolmens e atributos religiosos*.

Origem dos dolmens – Difusão ou evolução?

- a) Tese ocidentalista / Reinach
- b) Tese orientalista
- c) Vários centros criadores

Evolução completa nos nossos dolmens

- a) Uma linha principal terminada nas cistas
- b) Uma linha lateral – dolmens de cúpula
- c) Uma outra – cavados na rocha

Opinião de Daniel

I Difusão primária do dólmen de galeria sob tumulus redondo, derivado dos tumulus colectivos de Creta e Egeo.

II – Difusão das galerias cobertas, partindo das Baleares e Sardenha.

Dolmens simples são para ele degenerações

S/n

[1] Superior tard., folhas largas de punhal e alabardas, cerâmica campaniforme

Dólmens

a) *Origem indígena*: os outros centros peninsulares são mais recentes. Almagro

b) *Influência*:

1.º Alcalar, Barro, Mutelas, Folha das Barradas, S. Martinho, na Andaluzia. Invasão e contra invasão: Daqui para a Irlanda

2.º Influência na Galiza: Catalunha e sul de França

3.º Influência ocidental na Bretanha (por mar) e daqui para a Inglaterra e talvez Báltico

4.º Influência para o mediterrâneo para as Baleares e Sardenha.

Problemas conexos

a) Origem (signif.) das placas de ardósia: Ídolos, mortos, evolução.

b) Origem das placas exumadas: bastões, representação de palmeira, cabos de machado e machados encabados

- **cerâmica campaniforme**

c) *Classificação das grutas*:

a) Neolítico final: Senhora da Luz – Cerâmica com impressões digitais

b) Inicial e 2.º de Sr.ª da Luz e Alcobaça

c) Eneolítico pleno – Cesareda, Furninha, Alcobaça, Galinhas

c) Aglomeradas (povoações, castros, chãos, ateliens africanus)

a) Neolítico: - Cabanas de estaca – Bocas

b) Eneolítico: - Leceia e Carenque – pedra

c) Pleno: Rotura e Chibanes, Assenta, S. Mamede, Bragança

A) Abrigos – Bocas, Carrasca, Vale de Oiro, S. das Picotas

d) Outras sepulturas: fendas, fossas cavadas (*silos*), e Arte

1) Cerâmica de Palmela

2) Pintura: Valdejunco, Pala Pinta e Cachão da Rapa, dolmens

3) Gravuras e esculturas (estelas)

Conclusão geral no [????] Portuguesa

a) No mesolítico raça própria

b) No neolítico eneolítico – cultura diferente do centro da península e com raro poder de [????]

③

Arte Neolítica

Revolução operada: Nómada para sedentário

- Caverna para casas e castros (chãos de cabanas)

- Nova mentalidade: intensidade de vida religiosa: criação duma arte eminentemente social – a Arquitectura; recuo e degenerescência das artes gráficas

Explicação. a) Recuo para o N. das populações – Refutação

b) É degenerescência

c) Estratos étnicos novos (Breuil): figuras com machados junto da costa, mais estilizadas no interior.

Refutação: evolução contínua (Rio Maior)

A arte é pois na Península obra de autóctones.

Pinturas: Valdejunco (Esperança); Pala Pinta, Cachão da Rapa.

Arquitectura: O homem perde a agudeza dos sentidos, mas aprende a ordenar as grandes Lages, a construir edifícios a que não falta ritmo, força sólidas

Evolução a) Uma linha principal com o terminus nas costas

b) Uma linha lateral (tumulus de cúpula)

c) Outra linha lateral (cavadas na rocha)

Origens a) Orientalistas (um só centro)

b) Ocidentalistas

c) Vários focos de dispersão

14*

Neo-eneolítico: *separação: critério espanhol – não aceitável – conjunto cultural [????] esporádico.*

1. Características: sedentários: pastorícia, agricultura, religiosidade, arte.

2. Origem:

a) do campinhiense. É civilização paralela. Influência no picado. Campinhiense ibérico (mediterrâneo meridional)

b) Do paleolítico superior português: Dolmens de Alvão

c) De origem oriental: Do Egipto (próximo oriente) por duas vias: a Africana e a do vale do Danúbio (Balcans) e centro da Europa.

- Perigos do difusionismo. *Subida pelo vale do Tejo e Sado.*

d) Como se fez a difusão: Via comercial ou movimento étnico.

- Duração: Se representarmos um milhar por um cm.: neolítico 4^{cm}, paleolítico e mesolítico 6^{km}.

3. Síntese peninsular: Gimpera⁶⁶.

As modificações de Olalla⁶⁷.

4. Neolítico – A fase ibero-saariana.

Grutas de Rio Maior, dolmens primitivos.

5. Eneolítico – Os dolmens.

⁶⁶ **Neolítico**: a) Período da cerâmica cardial. Origem africana; b) Loiça sem decoração (cerâmica dolménica), fundo redondo, ou com decoração de incisões feitas depois da cozedura (civilização de Chassey ou neolítico ocidental). – Na 1.ª fase neolítica. Vinda do interior do continente; c) Cerâmica almagra

⁶⁷ **Fases do neolítico**: A primeira sistematização deve-se a síntese restrita, limitada a zona de Almeria. Seguiu-se a de Gimpera. - Santa Olalla considera: 1.ª Cultura hispano-mauritana; Vinda do Egipto pela África. Traz a agricultura e a cerâmica cardial: levante e sul. (cultura das grutas de Gimpera); 2.ª cultura ibero-saariense (de Almeria de Gimpera); os proto-ibéricos. Introdução das pontas de sílex de retoque facial, com pedunculo e barbas; 3.ª Cultura dolménica. Introduzida segundo Pericot pelos prospectores de metais.

15*

Neo-eneolítico – Dolmens

- O neolítico: A) cultura das grutas, cerâmica cardial (feita com a concha de *cardium*)

- A gruta I da Senhora da Luz

B) Os dolmens primitivos: características. Fases.

Origem dos dolmens: regressão, barbarização ou evolução, forma simples?

- A evolução dolménica (primitivo, M. Abraão, C. da Igreja)

Barbarização:

1. Não estão fora da zona dos grandes dolmens.

2. Dolmens de corredor com outro de cúpula na mamôa

3. Aceitação das formas religiosas e conservação do material primitivo de uso comum

é um contrasenso.

Origem da ideia

a) Tese ocidental (Salomão Reinach)

b) Tese orientalista.

a) Lacuna do Cáucaso

c) Vários centros criadores, entre eles Portugal.

Dolmens de cúpula:

- O Centro de Alcalar

- A área de distribuição até ao Tejo

- Influência nos dolmens de corredor

- Origem oriental, mediterrânea.

- Monumentos mistos – Monge. Dólmen de Carenque

16*

Linha de evolução dos dolmens

Partindo do neolítico, e não do paleolítico como pretende Wilke, apresentam a seguinte evolução:

1. Uma *linha principal* cujo ponto terminal são as cistas

2. Uma *linha lateral* representada pelos túmulos de cúpula

3. Uma 2.^a linha lateral representada pelos túmulos *cavados na rocha*, intermediários entre as antas e as grutas artificiais.

Idéia dos dolmens – Dar abrigo ao cadáver, envolvendo-o de pedras e cobrindo a construção de terra.

- Vantagem da construção nas encostas e nos grandes dum corredor de acesso sob a mamôa.

- Muitas vezes a forma de galeria mantém-se mas evoluem-se e é a galeria coberta.

- Na época do Bronze diminuem as dimensões e formam cistas (Água Branca) retangulares (mais antigas) ou quadradas (mais modernas).

Túmulos de cúpula

Quando os dólmenes atingiram *grandes dimensões* foi preciso *simplificar a construção*.
Exemplo Alcalar, Barro

17*

As pedras para a construção, difíceis de manejar e encontrar, foram substituídas por outras *pequenas dispostas umas sobre as outras*, formando parede.

- Como as lajes da câmara eram inclinadas para a frente para diminuir a abertura e aumentar a solidez, mantem-se a tradição e formou-se uma *cúpula incompleta*, fechada por cima por uma lage.

Origem – Obermaier considera-os de *origem oriental* e Gimpera *ocidental* peninsular.

- Baseia-se nos tipos *intermediários* entre os de *corredor e de cúpula* (câmara de Lages, continuada por paredes, corredor de esteios, câmara de parede ou vice-versa).

Túmulos cavados na rocha.

Formas *intermédias* entre dolmens e grutas: Mont'Abraão com esteios encaixados na rocha e *câmara em parte cavada nela*; Monge, *metade* gruta, *metade* dólmen.

18*

As grutas artificiais podem derivar destes monumentos e ser imitações dos dolmens de cúpula, como Palmela, Carenque, Alapraia e podem ser imitações ou adaptações das naturais, como as de Torres Vedras (Quinta das Lapas, Casal da Lapa, Ermegeira)

Origem dos dolmens

Problemas:

1. Existe um só *centro* de difusão (*teoria difusionista*) ou vários?
2. Neste caso Portugal constitui um?
3. A idéia veio de fora ou é indígena?

Para explicar a origem dos dolmens há duas teorias:

I – Teoria que aceita um *único centro* criador

II – Teoria que *admite mais do que* um

Na primeira temos a distinguir:

A) A *escola orientalista* que considera os megálitos do W. E N. da Europa como similares grosseiros dos monumentos similares do Oriente (Montelius, Sophus Müller, Dèchelette, Hörnes etc.)

19*

B) A *escola ocidentalista* que defende o contrário, isto é, os dolmens ocidentais seriam o modelo dos do oriente (Penck, Reinach) (ver lim. 104 e segs.)

- Grutas -

Como nos dolmens podemos distinguir

a) Grutas *neolíticas* – 1º de Senhora da Luz

Alcobaça – Almonda tem cerâmica cardial

b) Grutas do *eneolítico inicial*: Alcobaça

c) Grutas do *eneolítico pleno*. a) Grutas artificiais de Palmela, Carenque, Alapraia, Ermegeira.

b) Grutas naturais de Cascais, Cesareda, Furninha, Carvalhal, Furadoiro, Galinha, Rocha Forte.

Características das neolíticas

Cerâmica tosca, à mão, com variedade de ornamentação, mas sempre com *um cordão de barro em relevo com impressões digitais* ou incisões. *Cerâmica cardial*.

- *Braceletes de petunculo*

- Contínhas

Eneolítico inicial: cerâmica mais ornamentada

Pontas de *base convexa* em predomínio ou com *pequeno espigão*.

20*

Pleno eneolítico

Grutas com cobre, sílex bem trabalhado, placas, ídolos etc.

Lugares de habitação

A) Castros (castelos, cidades, citanias, etc) - Leceia

S. Mamede de Óbidos, Pragança, Cavaleiro, Covas do Bufo

b) Chãos de Cabana: Sobreira de Baixo

c) Abrigos - Bocas

Castros: Podem ser:

a) Do neolítico final: Leceia (Barcarena – *Alto das Bocas*)

b) Do eneolítico inicial: Alto das Bocas

Casas *perfeitas, aparelho tosco. Sílices*, cerâmica ornamentada etc.

c) Do eneolítico pleno: *Chibanes e Rotura* (Setúbal), *Cavaleiro* (Montemor) etc.

S. Mamede de Óbidos, Pragança

- Cerâmica *campaniforme* e material como o de Palmela.

Abrigos

Abrigos das Bocas

Abrigo da Carrasca (Matacães, ídolo do Dr. Belo)

Abrigo de Vale de Oiro (Monte Junto)

Abrigo da Serra das Picotas (Amoreira)

21*

A Cerâmica Eneolítica

O problema da Cerâmica Campaniforme (v: Castelo)

(de Ciempozuelos, ou Palmela)

- Grande *brilho e poder expansivo* (toda a Europa, excepto a oriental)

- Características: forma e técnica

- Espécie tipo: o vaso campaniforme, acompanhado de outras variedades de cerâmica com certa personalidade.

Origem:

I – *Oriental* (Montelius, Dèchelle)

Do *Egipto e Ásia* menor dois caminhos:

a) Sicília, Ibéria, França, Inglaterra, Alemanha

b) Mar *Adriático, Balcans*, Moravia etc.

II – *Origem meridional* (Sophus Müller)

III – *Origem setentrional* (Much)

IV – *Pallardi dois grupos* de vasos:

a) *Setentrional*, saído da Península

b) *Meridional partindo de Silesia, Elba etc.*

Última Teoria⁶⁸

Conclusão:

Não se sabe ainda a origem desta cerâmica. A corrente *principal considera-a oriental*. Mas não há dúvida que o foco que a *disseminou pela Europa foi a Península*, como centro mais primitivo *é a região do Guadalquivir*

22*

Características:

- Forma de *sino e ornamentação incisa*.

No neolítico: motivos *irregulares, cardiais etc.*

No eneolítico inicial: linhas rectas, paralelas, triângulos etc.

Emprego da *linha seguida e do pontilhado, este feito com uma roda*.

Formas: Calote esférica, vaso de fundo convexo e corpo cilíndrico.

Classificação:

Gimpera distingue *quatro fases* (estilos):

1. Estilo clássico (Palmela, Carmona, Ciempozuelos. Camada inferior da gruta de Somaén

2. Estilo menos perfeito, mais rude, mas com as *mesmas decorações*, representado em todas as estações, mas em especial e típico na *camada II da Gruta de Somaén (Soria)* e em Los Millares⁶⁹

3. *Estilo decadente, com decorações simplificadas*, representado no Levante espanhol, Pirenéus e Bretanha, no qual se *introduzem decorações feitas por impressão de cordéis*.

Falta em Portugal.

4. *Degenerado*, de perfil acusado, que perdura em vários sítios da Europa (Grã-Bretanha)

Não existe na Península.

23*

O vaso campaniforme em Portugal

Esta cultura *muito rica* em Portugal.

- Estende-se desde *Trás-os-Montes (Mairos?) até o Alentejo* (Moura, Castro de S. Bernardo e *Torre de Palma*), predominando no *centro litoral e Estremadura*.

Existe em:

a) Grutas artificiais de *Palmela* com *punhais-alabarda* de cobre, placas, pontas de base *côncava e convexa, espigão incipiente*, cerâmica sem decoração etc.

Formas: tigelas e panelas.

Técnicas: *pontilhado e linha contínua*.

⁶⁸ **Opinião recente: Origem do mediterrâneo ocidental.**

⁶⁹ Os Leisner não estão de acordo.

Motivos: linhas contínuas, paralelas, pontas linhas cruzadas, ziguezague, *quadrados*, *cervídeos* gravados etc.

- b) Grutas artificiais de Carenque:
- c) Grutas de Alapraia (Gruta II)
- d) Tholos de S. Pedro do Estoril (*com pé*)
- e) Gruta da Ermegeira (artificial)
- f) Grutas da Quinta das Lapas (artificial)
- g) Muge
- h) grutas naturais de Cascais
- i) Rio Maior: *abrigos*, *Vale comprido*, *povoado das Bocas*
- j) Furadoiro (Montejunto) - técnica

24*

de pontilhado.

Motivos: linhas contínuas, paralelas com incisões, zig-zags. Linhas cruzadas, triângulos.

- k) Furninha - Peniche

Vasos de forma diferente: quase cilíndricos, pescoço estreito. Asas.

Técnica: *pontilhado e linha cheia* de outras mais ou menos obíquas, zig-zags.

- l) Casa da Moura (Cesareda)

Pontilhado, linhas onduladas

- m) *Amoreira de Óbidos*. Igual a Casa da Moura

- n) Castro da Rotura. Punhal de cobre

Cerâmica de perfil duro, semelhante às cazuelas altas de Palmela

Motivos: *Zonas paralelas cheias de outras verticais, triangulos, rombos etc.*

- A par *cerâmica do tipo do eneolítico inicial*.

- o) Castro de Chibanes (Setúbal)

Punhais de folha triangular e espigão, linhas contínuas paralelas, cintas de zig-zags, cerâmica do eneolítico inicial.

- p) Outeiro de S. Mamede

Pontilhado e linha lisa

- q) Pragança

Punhais de cobre, técnica do antecedente

- r) Serra das Mutelas (Torres Vedras)

Vasos de perfil doce degenerado

Técnicas: linhas lisas

25*

- s) Carnaxide (castro)

- t) S. Martinho (Sintra)

Alabardas. Pontilhado e linha lisa

Zonas de linhas oblíquas, triângulos, zig-zags.

- u) Seixo (Avis) – Sepulcro ou *anta de corredor*

Linhas feitas de pontilhado, paralelas

- v) Antas da Cabeça dos Moinhos, Monte Abraão

Conclusões – *Rico material*: folhas de punhal e *alabardas* *protótipos* das formas do bronze.

- Cobre *abundante*.
- Vasos com *perfil suave*, como na Andaluzia, mas com *tendência para o achatamento*
- Motivos variados: *predomínio do pontilhado*
- Cerâmica do tipo do eneolítico inicial a par.
- Cronologia: *eneolítico pleno*.

Origem: *Não indígena. Aparentada com a de Guadalquivir.*

(Irradiação) – Com os dolmens *foi para a Bretanha*, donde viria o *âmbar e produtos setentrionais*

(Contribuição portuguesa) – A cultura do vaso campaniforme deve muito a Portugal: *tipos de metal (alabarda e punhal de espigão), objectos de culto, navegação, novos costumes funerários (antas).*

(África) – O grupo *português* tinha relações com a *África*, como o provam os artefactos de marfim.



ISBN 978-972-27-2248-3

